DIREITO DE GOIAZ

NO

LITIGIO CONTRA MATTO-GROSSO

EXPOSIÇÕES SUMMARIAS E LAUDO ARBITRAL

APRESENTADO PELO

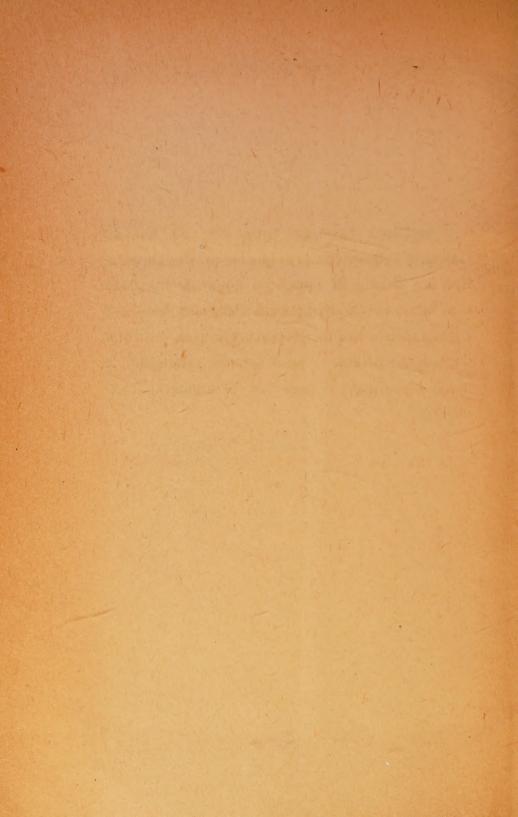
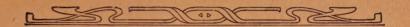
CONDE DE AFFONSO CELSO

Presidente perpetuo do Instituto

Defendendo os direitos do Estado de Goiaz contra as pretenções territoriaes de Matto-Grosso, o illustre sr. conde de Affonso Celso, na qualidade de árbitro, escreveu esta bella memoria, que ainda uma vez revelou seus altos predicados de jurista e historiador, e que poz termo feliz ao litigio secular de limites entre os dous Estados brasileiros. O precioso e lucido documento não poderia deixar de enriquecer as paginas da nossa *Revista,* que dest'arte rende tambem justo preito de homenagem ao egregio patricio, luminar das nossas lettras.

(Da Direcção.)

Agradeço ao meu amigo, sr. dr. Rodolfo Garcia, o valioso concurso que me prestou em a defesa dos direitos de Goiaz, no litigio de fronteiras com Matto-Grosso. Graças aos elementos historicos e geographicos que me proporcionou, pude sustentar a discussão perante o juizo arbitral, rebatendo, de modo irrecusavel, a meu ver, os argumentos *ex-adverso*.

CONDE DE AFFONSO CELSO.

QUESTÃO DE LIMITES

GOIAZ E MATTO-GROSSO

O representante de Matto-Grosso na Conferencia de Limites fez a seguinte proposta de accôrdo, que o presidente de Goiaz não acceitou:

« Da foz do rio Aporé, no Paranahiba, até confrontar com a cabeceira do rio Indaiá-mirim; por este abaixo até sua barra no rio Indaiá; por este abaixo até sua foz no Sucuriú; por este acima até a sua mais alta cabeceira; dahi á cabeceira do rio Araguaia, e por este abaixo até os limites de Matto-Grosso com o Pará. »

Recusando essa proposta, o presidente de Goiaz fez est'outra:

« Os limites de Goiaz com Matto-Grosso serão por uma recta tirada da foz do Aporé até a margem esquerda do Sucuriú; por este acima até encontrar o meridiano 10 W. do Rio de Janeiro; dahi por outra recta, coincidindo com o mesmo meridiano, até a margem direita do rio das Mortes, e por este abaixo até sua confluencia no Araguaia. »

Esta proposta não foi acceita pelo delegado de Matto-Grosso, que, allegando *uti possidetis* na mesopotamia (entre Araguaia e rio das Mortes), a recusou.

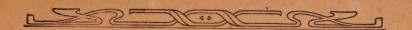
E' esta a situação das negociações entaboladas e que infelizmente não permittiram accôrdo directo.

* * *

A área litigiosa entre os Estados de Goiaz e Matto-Grosso é calculada em 867.437 km², conforme documento official.

Desta área geographica Matto-Grosso pretende que apenas pertença a Goiaz a trigesima parte, ou sejam 1 / 30 da superficie total, ou 2.890 km².

Goiaz, na proposta de sua delegação á Conferencia de Limites de Bello Horizonte, pediu unicamente 1 / 3 da mesma superficie, ou sejam 289.145 km², superficie esta que mais reduzida ficou com a proposta que é objecto deste arbitramento.

O cálculo acima resulta da medição, pelo conhecido processo de Levasseur, sôbre as cartas de Lassance Cunha e da Commissão Rondon, que foi executada para accompanhar a memoria apresentada pelos delegados de Matto-Grosso á alludida Conferencia. Cumpre notar que taes cartas não são accordes, maximé quanto ás coordenadas geographicas.

LIMITES ENTRE GOIAZ E MATTO-GROSSO

EXPOSIÇÃO SUMMARIA

O parecer do Conselho Ultramarino, de 29 de Janeiro de 1748, diz o seguinte, com referencia aos limites das novas capitanias que seriam desmembradas da Capitania de S. Paulo:

...«Os confins do Governo de Goyás parece sejão da parte do Sul pelo Rio Grande, da parte de léste por onde hoje partem os Governos de S. Paulo e de Minas Geraes, e da parte do Norte por onde hoje parte o mesmo Governo de S. Paulo com os de Pernambuco e Maranhão.

« Os confins do Governo de Matto-Grosso e Cuyabá parece sejão para a parte de S. Paulo pelo dito Rio Grande, e pelo que respeita a sua confrontação com os Governos dos Poyás (Goyás), e do Estado do Maranhão, vista a pouca noticia que ainda ha daquelles Sertões, parece que se ordene a cada um dos novos governadores, e tambem ao do Maranhão, informe por onde poderão determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão. »

A resolução real de 7 de Maio do mesmo anno conforma-se com o parecer do Conselho Ultramarino. Essa resolução communicada aos governadores das capitanias de Goiaz e de Matto-Grosso, respectivamente d. Marcos de Noronha e d. Antonio Rolim de Moura, por provisão de 2 de Agosto de 1748, ordenava que informassem com o seu parecer "por onde poderia determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão das mesmas capitanias".

Da informação de d. Marcos Noronha, dada a 12 de Janeiro de 1750, consta:

« ... Principiando, pois, nas cabeceiras do Rio das Mortes a linha de divisão fica pela parte de Oéste dividida esta capitania

(Goyaz) da de Matto-Grosso pelo dito Rio das Mortes, seguindo a sua corrente, e a daquelles em que se mette, e por menores, o fazem perder o nome como é primeiramente um rio chamado Rio Grande, que a oito dias de viagem, indo de Goyaz para Cuyabá se passa, o qual corre de Sul para o Norte, e é totalmente diverso do Rio Grande Geral que corre de Norte para Sul, o qual depois toma o nome de Maranhão, até que finalmente vai com o nome de Tocantins a desaguar no Gran Pará, se atravessará aquelle chapadão por uma linha tirada das cabeceiras do dito Rio das Mortes até a do Rio Taquari, que é um dos que correm para o Sul, e se descerá por elle abaixo até onde faz barra com o Rio Cachoeira, e sahindo por este acima até onde faz barra com o rio chamado Camapuan, subindo-se tambem por este até ao sitio que tambem se chama Camapuan, e ahi se atravessará o varadouro de terra que tem uma legoa e tres quartos, se dará nas cabeceiras do Rio Pardo, que tem cem legoas de corrente, pouco mais ou menos, e vai fazer barra no Rio Grande Geral, que divide esta capitania (Goyaz) da de S. Paulo, de Norte a Sul, deitada assim a linha de divisão, fica clara e distinctamente dividida esta capitania da de Matto-Grosso.»

Por outros termos, a linha divisoria proposta por d. Marcos de Noronha para delimitar as duas capitanias deveria correr pelos rios das Mortes, Taquari, Coxim, Camapuan, dahi pelo varadouro homonymo até as cabeceiras do rio Pardo e por este abaixo até sua fóz no Paraná.

De conformidade com esta divisão foi levantada a *Carta da Capitania de Goyaz,* por Francisco Tossi Columbina, datada de 6 de Abril de 1751, cujo original se guarda na terceira secção do estado-maior do Exercito.

Do govêrno da metropole não consta viesse approvação ou desapprovação á proposta de d. Marcos de Noronha. Mas o que é certo é que as linhas de demarcação por elle propostas foram consideradas effectivas entre as duas capitanias até 1753.

Nesse anno o ouvidor de Cuiabá, José Antonio Vaz de Morrilhas, pretendeu levar a sua jurisdicção até o sertão dos Martyrios, que Bartholomeu Bueno, o segundo *Anhanguera,* descobrira em 1725; e nesse sentido pediu a d. Marcos de Noronha, já então conde dos Arcos, a expedição das ordens necessarias para que as suas funcções judiciarias não encontrassem tropeços nem opposição da

parte dos povos que habitavam essa zona do territorio comprehendido entre o Araguaia e o rio das Mortes. Allegava o ouvidor, para fundamentar sua pretenção, que, quando se fez em 1738 a divisão das duas comarcas de Goiaz e Cuiabá, o ouvidor Agostinho Pacheco Telles, com autoridade do conde de Sarzedas, governador da capitania de S. Paulo, traçou a linha divisoria pelo rio Araguaia.

« Tal divisão nunca se fez, assegura J. M. P. de Alencastre, em seus *Annaes da Provincia de Goyaz*, in Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 27, parte 2ª, 1864 — : o que houve foi apenas o pedido de informações sobre os limites que deviam ter as duas prelazias. Informou D. Luiz de Mascarenhas que essa divisão poderia ser feita pelo Araguaya. Tratava-se da jurisdicção espiritual, que nada tinha com a temporal. Conviria que a divisão fosse a mesma ; mas para oppôr argumento decisivo contra o ouvidor, bastava dizer que a jurisdicção do bispo do Rio de Janeiro comprehendia uma parte da capitania de Goyaz, e que o Norte administrava o bispo do Pará. Tambem em Minas havia o exemplo de Piracatú, cujos povos no espiritual obedeciam ao bispo de Pernambuco, e no temporal pertenciam á jurisdicção de Minas e do ouvidor de Sabará. Morrilhas mostrou-se convencido, e desistiu de suas pretenções. »

A capitania de Goiaz continuava na posse do vasto territorio comprehendido entre o rio das Mortes e o rio Pardo.

Em 1761, em carta de 16 de Junho, dirigiu-se d. Antonio Rolim de Moura, conde de Azambuja, governador de Matto-Grosso, ao general João Manuel de Mello, governador de Goiaz, consultando-o sôbre a divisão de suas capitanias e communicando-lhe seu parecer a respeito. Renovava os argumentos do ouvidor Morrilhas, quanto á linha divisoria pelo rio Araguaia, traçada por ordem do conde de Sarzedas, e assertava textualmente:

«. . . Contra esta minha opinião poderá haver quem diga que desta Villa (Villa Bella) ao dito Rio Grande ou Cayapó é muito mais longe que dessa (Villa Boa) ; e que devendo-se attender no estabelecimento dos limites a que as distancias fiquem eguaes, para que os recursos das partes não sejam desproporcionadamente difficultosos, podia a divisão fazer-se pelo Rio das Mortes, ou por outro algum logar que se acha no meio dessas duas villas.

Mas a isto se pode responder com o mesmo que já fica dito: e he que as divisões se devem fazer olhando não só o presente,

mas tambem para o futuro; e se assim como agora a capital desta capitania está estabelecida nos seus confins occidentaes; e essa tambem tão chegada a elles, que lhe ficam ao Oriente, e ao Norte mais de duzentas legoas de distancia, se as circumstancias do tempo ou interesses da Monarchia fizerem que essa capital se mude para Natividade, para as Arrayas, ou para o estreito de Cayapó; esta se estabeleça no Cuyabá, ou no Arrayal de Santo Antonio, que dista do Rio Grande 20 ou 25 legoas, como se hão de ajustar depois as medidas de egualdade, para a facilidade ou difficuldade dos recursos?

Por estes fundamentos e pelo que de feita a divisão pelo dito Rio Grande ou Cayapó, ficarão menos deseguaes os districtos destas duas capitanias (pois sempre esta é mais extensa) me parece que assim se deve declarar a S. Magestade para o dito Snr. haver por bem determinal-o firmemente, com a sua real approvação.»

João Manuel de Mello deu-se pressa em responder ao governador de Matto-Grosso, o que fez em carta datada de 15 de Septembro do mesmo anno. « Ouvira a respeito da materia que ambos discutiam ao guarda-mór Balthazar de Godoy Bueno, que é filho do grande *Anhanguera*, descobridor que foi desta capitania, e a seu sobrinho João de Godoy, capitão-mór da conquista do gentio, que são os unicos paulistas que mais têm frequentado esses sertões, capitaneando varias bandeiras. » Fazia chegar ás mãos do conde de Azambuja os pareceres daquelles sertanistas, bem como o mappa que fizeram para melhor conhecimento dos territorios, rogando ao mesmo tempo que os fizesse examinar por pessôas entendidas para determinar o que lhe parecesse mais racional.

Longa é a informação de João de Godoy Pinto da Silveira, datada do Descoberto de Nossa Senhora do Soccorro dos Guanicuns, em 7 de Septembro de 1761; nella o capitão-mór da conquista enfeixa noticias topographicas e historicas tão perfeitas e interessantes, como difficilmente se encontrarão em quaesquer outros documentos da epocha. Fê-la accompanhar de uma folha de papel riscada em fórma de mappa, em que mostra as vertentes dos rios que desaguam no Araguaia, bem como a distancia de Cuiabá. Por essa informação, a linha divisoria entre as duas capitanias devia correr pelo rio das Mortes acima até a lagôa donde verte o mesmo rio, seguindo dahi pelo alto do terreno de Camapuan e descendo pelo rio Pardo ao Paraná. Era, pois, a confirmação dos

limites propostos por d. Marcos de Noronha em 1750. A resposta do conde de Azambuja tardou. Só em 21 de Agosto de 1762 dava-a elle. Não se conformava com os pareceres que lhe foram remettidos; para o effeito da divisão o rio das Mortes se lhe afigurava improprio, porque, "como busca a direcção da estrada, tudo quanto deixa para a parte do Sul fica sem divisão"; a divisa natural seria o rio Grande ou Araguaia, "que tem direcção mais propria e adequada para distinguir uma capitania da outra".

Por algum tempo arrefeceram os animos dos governantes de Matto-Grosso e Goiaz, no tocante ao assumpto de limites das respectivas capitanias: havia de voltar de novo á baila septe annos depois, em 1769, quando, em 4 de Maio, o governador de Matto-Grosso, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, se dirigia a João Manuel de Mello, de Goiaz, para propôr-lhe solução sôbre esse particular. A' sua carta accompanhava um projecto de demarcação concebido nos seguintes termos:

« Projecto para a demarcação dos confins da capitania de Matto-Grosso com a capitania de Goyaz.— Nem pelas instrucções dadas ao conde de Azambuja, meu predecessor, no § 24, em que se trata das demarcações dessa capitania, nem pela Provisão de 2 de Agosto de 1748, expedida pelo Conselho Ultramarino, em que se tratou tão bem o mesmo ponto, se estabelecêrão os limites desta capitania pela parte do Norte, nem do Nascente, por falta de conhecimentos geographicos dos paizes e sertões que medeiavam entre as suas fronteiras e as capitanias de Pará e Goyaz, recommendando S. Magestade de indagar exactamente essa materia para que á vista dos mappas e planos expostos pelos governadores respectivos, se houvesse de determinar positivamente com pleno conhecimento de causa. — Até agora se tem adiantado muito pouco a execução das ordens de S. Magestade, ficando este assento na mesma perplexidade em que tem persistido ha tantos annos.— Segundo, porém, os ultimos descobrimentos e mappas mais exactos que até agora têm havido desses paizes, parece que o projecto mais natural para se terminar este negocio a respeito da capitania de Goyaz seria conforme os mesmos mappas da maneira seguinte:— A Capitania de Matto-Grosso confina com a de Goyaz pela banda de léste desde a altura de 9 graus e 32 de latitude austral até chegar á confluencia do Rio Pardo com o Paraná que fica com pouca differença na altura de 22 e 30 da mesma latitude e quasi em 333 graus de longitude,

vindo assim perfazer uma banda de terra entre os limites das duas capitanias que perfaz a somma de 13 graus de latitude meridional.— A divisão natural dos dous Estados parece, pois, que deverá tirar-se entre dous pontos do Norte a Sul, com uma linha que os toque, a qual deve ter principio do ponto do Norte como a parte de onde se deve proseguir gradualmente.— Isto supposto vem a principiar o primeiro termo da divisão 30 minutos e mais acima do logar em que o Rio Paraná entra no Araguaya na altura de 10 graus de latitude, antes de se formar a Ilha Grande chamada do gentio Corumbaré ou Carumbaré.— Daqui proseguindo naturalmente a remontar o dito rio Araguaya pelo braço occidental que forma a mesma ilha, se deve chegar á foz do rio Vermelho, continuando até as fontes do referido Araguaya, ou Rio Grande.— Vindo, pois, a demarcação a este termo o caminho mais natural, que parece deve proseguir-se, é o de vir procurar com uma pequena curva as cabeceiras do Rio Camapuan até chegar á bocca do Rio Pardo, descendo por elle abaixo até a confluencia que faz com o Rio Atembi ou Paraná, por ser este caminho o mais curto e mais distinctamente formado pela natureza para servir de uma baliza permanente.— Ao contrario, vindo a sobredita demarcação procurar a contra corrente do rio das Mortes não conserva a dita divisão proporção alguma, senão no caso que se proseguisse d'ali a encontrar o Rio Pequeri ou o Rio Paranahuma, visto ficar as cabeceiras sobre o dito Rio das Mortes em quasi 16 graus de latitude e o isthmo entre o Camapuan e o Rio Pardo, que são os limites reconhecidos desta capitania, na altura de 20 gráus, o que sem duvida faz uma grande desproporção e uma separação por terras, não só mui pouco natural e arbitraria, mas até summamente distante.— Ao contrario, ficando as cabeceiras do sobredito Rio Grande ou Araguaya em mais de 18 graus de latitude, claramente fica demonstrada a sua proporção em pouca distancia e consequentemente muito mais natural a linha da separação tirada por este termo.— A razão por que colloquei o ponto capital da divisão no termo de 9 graus e 30 e não no de 10 em que entra o Paraná no Araguaya e parece terminam os limites dessa capitania com os da do Pará, o que parecia mais natural, foi porque sendo o termo da divisão desta capitania com a do Pará pela parte do Norte, subindo o rio da Madeira, a primeira cachoeira que nelle se encontra, aquella fica na sobredita altura, com a differença de

um ou dous minutos, era mais natural que a linha tirada da cabeça do angulo que forma o termo da divisão dos dous Estados principiasse tambem na mesma altura, para que se tocassem os extremos proporcionalmente entre os mais circulos parallelos.— E como isto não prejudicava em nada os dominios da capitania de Goyaz, por isso não fiz escrupulo em me conformar com este partido.— Villa Bella, 4 de Maio de 1769.— *Luiz Pinto de Sousa Coutinho.* »

Não se conhece, e provavelmente não foi dada resposta a essa carta ; o projecto que acima vai transcripto, esse não teve qualquer andamento. Mas Luiz Pinto de Sousa Coutinho, governante de mais amplas vistas do que o seu predecessor, em 25 de Março de 1771 dirigia-se ao governador de Goiaz, então Antonio Carlos Furtado de Mendonça, reencetando as negociações sôbre a materia. Sua carta é um documento honesto, que firma e reconhece formalmente os direitos de Goiaz aos territorios disputados. Vai aqui transcripto tambem na integra, porque em synthese havia por fôrça de prejudicar seus termos claros e precisos :

« Illmº. e Exmº. Sr. Pela carta de 4 de Maio de 1769, que dirigi ao seu antecessor, o Exmº. Sr. João Manuel de Mello, estará V. Exª. instruido do objecto, que então deu motivo áquelle officio, a respeito das divisões dos limites desta Capitania e da de V. Exa., os quaes ainda se acham indefinidos ; não obstante as ordens de S. Magestade, que ha muito tempo prescreverão este regulamento de commum accordo entre os dous Governos, afim de se poder tomar no Conselho a ultima resolução nesta materia.— Porém como depois de haver escripto a referida carta, que acompanhava o projecto por mim imaginado, para a sobredita divisão, encontrei nesta Secretaria os documentos adjuntos, que incluso a V. Exa. por copia, venho a alcançar que entre o Sr. João Manuel de Mello e o meu predecessor o conde de Azambuja se tinha já entabolado esta negociação.

Se bem que não produzisse algum effeito, pela nimia firmeza com que o referido conde pretendeu sustentar a extensão dos limites desta capitania, sendo ella aliás tão vasta e tão inculta. Eu, porém que não diviso neste objecto vantagem alguma relevante para os seus interesses, nem utilidade mais proxima para o serviço de S. Magestade : meditando imparcialmente sobre a carta do Sr. João Manuel de Mello de 15 de Setembro de 1761, e ao mesmo tempo sobre as

claras razões, que na de 7 do referido mez e anno expoz ao mesmo Sr. o capitão-mór da Conquista João de Godoy Pinto da Silveira; tenho a docilidade de acceder a ellas, reformando inteiramente o meu projecto: não obstante as differentes considerações em que elle se apoiava, participando a V. Exa. em como me acho conforme com a referida proposição para a divisão dos limites, inteiramente de accordo com as pretenções desse governo; fundado não só na posse em que se acha, mas nas solidas razões de congruencia, e a proporção em que se estriba: não sendo de alguma utilidade ao bem do serviço de S. Magestade, nem dos povos, que as capitanias tenham uma extensão tão excessiva, que se não possa, occorrer promptamente a sua defesa, e administração da justiça distributiva: sendo certo, que estas forão em todo o tempo as considerações, por que a illuminada politica da nossa côrte procurou sempre repartir os governos naquellas subdivisões, que julgou mais adequadas. — Nesta conformidade inclúo a V. Exa. o testimunho formal da minha accessão ao referido arbitrio, esperando que V. Exa. se dignará de dirigir-me o reversal, assignado pela sua mão e sellado com o seu sinête; afim de pôrmos na presença de Sua Magestade por via de seu Conselho, de mutuo accôrdo o objecto da presente convenção. — Deus guarde a V. Exa. — Villa Bella, 25 de Março de 1771. — Illmo. e Exmo. Sr. Antonio Carlos Furtado de Mendonça. — *Luiz Pinto de Sousa.* »

A accessão, a que se refere a carta ácima transcripta, contém-se no seguinte auto datado de 1 de Abril do mesmo anno, o qual reconhece mais uma vez o direito de Goiaz aos territorios em questão, homologando os limites arbitrados em 1750:

« Não obstante a duvida que até o presente havia subsistido entre os meus predecessores, e os Governadores da Capitania de Goiaz, a respeito dos limites de um e outro Governo pela banda de léste, e oéste por onde oppostamente confinão: comtudo, havendo considerado a vastissima extensão da Capitania de Matto-Grosso, por todas as mais partes dos seus limites; e sendo moralmente impossivel poder-se nella sustentar a prompta administração da Justiça, nem a necessaria defeza em uma fronteira tão dilatada; se acaso se houvesse de extender ainda para a banda de éste até o Rio Grande ou Araguaya; em cujo limite consistia toda a força da questão por se julgar o dito rio uma baliza notavel e decisiva, comtudo, cedendo á força das sobreditas considerações,

a unica que se deve contemplar em utilidade de serviço e do estado de S. Magestade, como tambem a posse incontestavel em que se acha a Capitania de Goyaz de todo aquelle territorio até o Rio das Mortes; nenhuma duvida se me apparece (conformando-me) com a ordem de S. Magestade de 2 de Agosto de 1748 expedida pelo seu Conselho Ultramarino a ambos os Governos, em que a mutua divisão das duas Capitanias se faça pelo referido Rio das Mortes, desde o ponto de sua confluencia no Rio Grande, até a foz do rio Pardo, na forma que mais amplamente se acha deduzida em o arbitrio proposto pelo Capitão-Mór da conquista João de Godoy Pinto da Silveira ao Governador e Capitão General da Capitania de Goyaz, João Manuel de Mello, em data de 7 de Setembro de 1761, e demonstrado no mappa com ella adjunto. — E conformando-me egualmente com a congruencia das razões, que o referido Governador expoz em carta de 15 de Setembro do sobredito anno ao meu predecessor o Conde de Azambuja; me cumpre declarar em como se me não offerece duvida alguma por parte dos interesses desta Capitania, nem do serviço de S. Magestade em convir nos limites propostos para fixar os raios de demarcação: antes positivamente acceder ao dito projecto na maneira que nelle se acham circumstanciados os ditos limites. — E para que S. Magestade seja servido dignar-se de determinar esta materia, na fórma de suas reaes ordens, mandei passar este auto de accessão ao referido arbitrio, que vai por mim assignado, e sellado com o sinête de minhas armas. — Dada nesta Capital de Villa Bella, no 1º de Abril de 1771. — *Luiz Pinto de Sousa.* »

Depois de tão categorico reconhecimento, podia dar-se por encerrada a discussão sôbre a materia de limites entre as duas capitanias. Do govêrno da metropole, é certo, não partiu qualquer manifestação a esse respeito; a não ser a provisão de 2 de Agosto de 1748, creando as capitanias e ordenando que os governadores informassem com seus pareceres "por onde poderia determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão", nenhum outro acto se conhece por parte do mesmo govêrno, concernente ao negocio de fronteiras entre as alludidas circunscripções. O governo da metropole desinteressava-se absolutamente desses assumptos: a colonia era uma só, pouco lhe importavam as divisões administrativas. Aos seus delegados deixava esses cuidados, embora em certa ordem de negocios puzesse a clausula de sua sancção, clau-

sula ordinariamente inobservada. Por outro lado, o Conselho Ultramarino, com o seu apparelhamento deficiente, não podia dar vasão ao enorme expediente da Colonia, que tinha a seu cargo. A quem estuda a correspondencia, não só do Conselho, mas ainda da propria Secretaria de Estado, com os governadores e capitães generaes das differentes capitanias, para logo se depara quanto era falha a organização daquellas repartições, por onde corriam todos os negocios coloniaes, desde os mais simples aos de maior relevancia politica. Quantas vezes questões de magna importancia para a metropole e para a colonia ficaram sem solução, pelo menos na correspondencia escripta.

Assim, não é de extranhar que ao convenio de 1 de Abril faltasse aquella méra formalidade. Será isso bastante para invalidá-lo? De bôa fé, ninguem responderá affirmativamente.

Podiam, pois considerar-se definitivos os limites reconhecidos pelo auto de accessão. Mas o Governo da capitania de Matto-Grosso, cuja primeira manifestação imperialista com relação á capitania vizinha vimos na tentativa do ouvidor Morrilhas, em 1753, resolveu continuar a sua politica de absorpção vinte e um annos depois. E' o que se deprehende da carta de José d'Almeida Vasconcellos de Soveral e Carvalho, governador de Goiaz, datada de 10 de Dezembro de 1774, ao secretario d'Estado Martinho de Mello e Castro, representando contra o governador de Matto-Grosso, que era então Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, por achar-se este construindo um registo a dez ou doze leguas de distancia do rio Araguaia, reputando as margens occidentaes desse rio comprehendidas no seu governo. "...Entendo de minha obrigação reprezentar a V. Exa. que a amplitude do Governo de Matto-Grosso fica sem proporção alguma com o desta Capitania: que sempre pertenceu á freguezia d'Anta o pequeno Arraial d'Amaro Leite dos Araez, e que a sua distancia se manifesta pelo mappa da estrada, que contendo muito pouco terreno para os lados, posso assegurar a V. Exa. que nada mais he conhecido; que a necessidade de communicar Cuyabá, obrigou a fazer seguir este Certão, e a Bandeira com que desta Capitania sahiu Amaro Leite, as desordens que teve nas suas explorações, e huma faisqueira que achou naquella altura, fez com que ali se situasse, não obstante não ter chegado onde queria; e manifestou o descoberto a Cuyabá em despique de lhe não querer dar soccorro o governador

desta Capitania D. Luiz Mascarenhas.'' (*Revista do Instituto Historico,* tomo 84, pag. 107.)

Não se conhece o despacho que teve essa representação; mas o que é facto é que até 1838 as tentativas de occupação por parte de Matto-Grosso não se fizeram effectivas. Uma resolução da Assembléa Legislativa de Matto-Grosso, já então provincia, de 22 de Março daquelle anno, veio crear a villa de Sant'Anna de Paranahiba, em territorio Goiano. O barão de Melgaço, que não póde ser suspeito aos Matto-grossenses, escreveu em seus *Apontamentos para o Diccionario Chorographico da Provincia de Matto-Grosso*, « in-*Revista do Instituto Historico*, tomo 47, parte II, pag. 472:

« Ahi se formou uma povoação que, por lei provincial de 1838, foi erigida em freguezia de Sant'Anna de Paranahyba, que não tem cessado de ser considerada parte integrante do territorio Matto-grossense, *embora fóra dos limites até então reconhecidos.* »

O acto da Assembléa Provincial de Matto-Grosso era nullo por inconstitucional, porquanto a Constituição do Imperio, em seu artigo 83, vedava ás provincias perder terreno proprio ou adquirir por usocapião territorio pertencente a outra.

O presidente da Provincia de Goiaz, ao ter conhecimento da usurpação que commettia o govêrno de Matto-Grosso, protestou perante o govêrno imperial e fez seguir fôrças militares, que occuparam por algum tempo aquelle territorio.

D. José, bispo de Cuiabá, em officio de 26 de Septembro de 1842, dirigia-se ao bispo de Goiaz: '' Illm°. e Exm°. Sr. — *Gratia et fortitudo ad salvandum gratis*:

Como cada vez mais me convenço de que a freguezia de Sant'Anna de Paranahyba, que foi creada por uma resolução da Assembléa Legislativa desta Provincia, de 22 de Março de 1838, evidentemente está pertencendo a este Bispado e Provincia, poisque está fóra dos seus limites, e achando eu a maior opposição possivel do Presidente para fazer restituir aos seus legitimos administradores, todavia, querendo salvar a minha consciencia e promover mesmo a segurança e validade no meio da salvação dos fieis, que pertencem a tal freguezia, peço a V. Exa. que por caridade sane todos os males que se têm feito e que possam ainda fazer a este Bispado, ou então reclamando de sorte, por ella, que S. Magestade e a Assembléa geral a façam pertencer effectivamente ao

Bispado de V. Exa., facto que eu não pratico por mim só *pro bono pacis*, pois si o fizer ver-me-ei de certo em guerra viva com esta Provincia. Em todo caso, peço a V. Exa. que me permitta continuar, como até ao presente tenho estado, pois não quero mais responsabilidades sobre as que já tenho. De tal freguezia até hoje nenhuma noticia tenho tido, desde que aqui cheguei. Deus guarde a V. Exa., etc."

De todo o exposto se conclue á evidencia que era arbitraria, inconstitucional e injusta a occupação que a provincia de Matto-Grosso fazia de territorios pertencentes á de Goiaz, com a creação da villa de Sanct'Anna do Paranahiba. As providencias que deviam ser tomadas pelo Governo imperial tardaram. Antes, em 1836, o ministro do Imperio dirigiu um aviso, datado de 7 de Junho, ao presidente de Goiaz, em nome do imperador, pedindo informações sôbre conveniencia de fazer-se alguma alteração nos limites então existentes entre aquella provincia e os que com ella confinavam. Solicitara-as o Senado. O presídente, que era o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, deu-as em minucioso e lucido officio, com a data de 16 de Junho de 1837, em que confirma inteiramente os limites historicos de sua provincia.

O dr. José Vieira Couto de Magalhães, presidente de Goiaz, respondendo em 8 de Maio de 1863 ao officio reservado que, em 8 de Fevereiro, lhe endereçara o presidente do Conselho e ministro da Fazenda, marquez de Olinda, sôbre a diminuição das rendas daquella provincia, dá como uma das causas o facto do Governo imperial não querer attender uma vez por todas ás reclamações sôbre os limites da provincia que administrava com a de Matto-Grosso. « Ou seja porque a ultima das duas tinha tido melhores representantes,— escreve o dr. Couto de Magalhães — ou seja porque o mau fado persiga este pobre Goyaz, é certo que Matto-Grosso tem nos invadido o territorio constantemente e sem remedio algum; é longa, senhor, e direi mesmo dolorosa, a historia dessa questão de limites. »

« . . . Se V. Ex. quizesse lançar os olhos para o mappa da Provincia, veria cousas muito diversas da realidade. Assim veria ao Sul uma extensão do terreno que figura como pertencente a esta Provincia, mas que no entanto está actualmente na posse da de Matto-Grosso; é o que se extende até o rio Pardo, onde existe a povoação de Sant'Anna do Paranahyba, que incontestavelmente nos

pertence; veria egualmente a margem direita do rio das Mortes figurando como pertencente a esta Provincia. Cuyabá della se apossou, e como se tivesse consciencia de que não tinha a força do direito, usou do direito da força, collocando lá um destacamento. »

« ... Os limites desta Provincia são regulados, como V. Ex. sabe, pelo convenio feito em 1771 pelos respectivos capitães-generaes, e nelle se declara que o Coxim, no logar em que faz barra no Taquari, pertence a esta Provincia. »

Depois de transcrever parte da informação de d. Marcos de Noronha, e de fazer largas considerações sôbre a materia, o dr. Couto de Magalhães offereceu ao ministro um plano de limites de accôrdo com o convenio de 1771 e outros documentos officiaes, que confirmavam os incontestaveis direitos de sua provincia. Em 1864 era a questão levada á Assembléa Geral do Imperio. Em 17 de Maio, os deputados André Augusto de Padua Fleury e Theodoro Rodrigues de Moraes apresentaram o seguinte projecto:

« A Assembléa Geral decreta:

Art. 1°. A divisa entre a Provincia de Goyaz e a de Matto-Grosso fica estabelecida pelo Rio das Mortes e por uma linha tirada de suas cabeceiras até as do Taquari; por este, e Coxim e Camapuan até o varadouro de legua e tres quartos, que tem o mesmo nome; e, finalmente, pelo Rio Pardo, desde as suas cabeceiras ahi até a sua confluencia no rio Grande ou Paraná.

Art. 2°. Ficam revogadas as disposições em contrario. »

Em represalia, o deputado Silva Pereira apresentou á mesma Assembléa outro projecto de accôrdo com as pretenções matto-grossenses.

Ambos os projectos foram remettidos á Commissão de Estatistica, que em 20 de Julho emittia seu parecer, consciencioso e brilhante, concluindo pelo seguinte substitutivo:

« A Assembléa Geral resolve:

Art. 1°. Os limites entre Goyaz e Matto-Grosso são o rio das Mortes, desde sua fóz no Araguaya até a cabeceira equidistante das capitaes das duas Provincias; dessa cabeceira uma linha, a do Taquari; este, Coxim e Camapuan até as suas vertentes; dahi outra linha que, atravessando o Varadouro do mesmo nome, chegue ás do rio Pardo e até a sua confluencia no Paraná, conforme o parecer do Governador de Goyaz de 12 de Janeiro de 1750.

Art. 2º. Fição revogadas as disposições em contrario. »

Assignaram o parecer e projecto os deputados A. Leitão da Cunha, José Jorge da Silva e B. de Oliveira Nery.

O projecto não teve andamento. A questão de limites permaneceu no mesmo estado durante a vigencia do govêrno monarchico. Matto-Grosso não teve mão em suas pretenções imperialistas, não obstante os protestos da provincia prejudicada.

Com a Republica essa situação não soffreu modificações. Logo no Governo provisorio, o barão de Amambahi, governando Matto-Grosso, mandou occupar por um forte destacamento militar o territorio comprehendido entre o rio Aporé e o Corrente. O governador de Goiaz, dr. Joaquim Xavier Guimarães Natal, protestou energicamente contra essa occupação, e o de Matto-Grosso teve de ceder á fôrça de suas razões.

Outras tentativas se deram, perturbando a paz e concordia entre os dous Estados, que deviam ser, pela sua filiação historica, pelas suas affinidades ethnicas, pela communhão de seus proprios interesses, como dous ermãos gemeos, Castor e Pollux, no seio da Federação brasileira.

Desta summaria exposição, vê-se que os limites historicos entre Goiaz e Matto-Grosso são os propostos por d. Marcos de Noronha, em 12 de Janeiro de 1750, e confirmados e prestigiados:

a) pelo auto de accessão de 1 de Abril de 1771, firmado pelos governadores Luiz Pinto de Sousa Coutinho e Antonio Carlos Furtado de Mendonça;

b) pela carta do bispo de Cuiabá ao de Goiaz sôbre a erecção da villa e freguezia de Sanct'Anna do Paranahiba;

c) pela auctoridade insuspeita do barão de Melgaço, quando reconhece que aquella villa está situada em territorio goiano;

d) pela auctoridade incontestavel do dr. Couto de Magalhães, quando, em officio ao marquez de Olinda, reclamava sôbre a questão de limites entre as duas provincias;

e) pelo parecer e projecto da Commissão de Estatistica da Assembléa Geral de 20 de Julho de 1864; e, finalmente, pela mais abundante e convincente documentação, tanto historica, como cartographica.

Accedendo ao convite da Liga da Defesa Nacional, que insere em seu patriotico programma a solução das questões de limites interestaduaes, o Estado de Goiaz fez-se representar na conferencia

de limites, que com o VI Congresso de Geographia se reuniu em Bello Horizonte em 7 de Septembro de 1919.

A delegação goiana propoz então a seguinte linha de demarcação:

— O rio Sucuriú, desde a sua mais alta cabeceira no *divortium aquarum* das bacias do Amazonas e do Prata até sua confluencia no Paraná; e, da mesma nascente do Sucuriú, para o Norte, uma linha geodesica tirada pelo meridiano 10° W do Rio de Janeiro até o rio das Mortes, por este á sua barra no Araguaia.

Esta proposta não foi acceita pela representação matto-grossense.

Mostrando ainda maior espirito de conciliação do que os seus delegados na alludida conferencia, e recusando a proposta então feita pela representação de Matto-Grosso, o presidente de Goiaz formulou esta outra:

— Os limites de Goiaz com Matto-Grosso serão por uma recta tirada da fóz do Aporé até a margem esquerda do Sucuriú; por este acima até encontrar o meridiano 10° W do Rio de Janeiro; dahi por outra recta, coincidindo pelo mesmo meridiano até a margem direita do rio das Mortes e por este abaixo até sua confluencia no Araguaia.

(A recta da foz do Aporé, no rio Paranahiba, até á margem do Sucuriú, será lançada em referencia ao parallelo, mais ou menos na latitude de 19°, 45).

O governador de Matto-Grosso não acceitou esta proposta, apresentando a seguinte:

— Da fóz do rio Aporé, no Paranahiba, até confrontar com a cabeceira do rio Indaiá-mirim; por este abaixo até sua barra no rio Indaiá; por este acima até sua fóz no Sucuriú; por este acima até a sua mais alta cabeceira; dahi á cabeceira do rio Araguaia e por este abaixo até os limites de Matto-Grosso com o Pará.

* * *

Sôbre estas duas ultimas propostas versa o litigio ora submettido a arbitramento. O Estado de Goiaz confia plenamente na Justiça de sua causa.

Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1920.

CONDE DE AFFONSO CELSO.

LIMITES ENTRE GOIAZ E MATTO-GROSSO

SEGUNDA EXPOSIÇÃO

O litigio de limites entre os Estados de Goiaz e de Matto-Grosso abrange duas zonas distinctas: uma ao Norte, comprehendendo o territorio entre o rio Araguaia e seu affluente, o rio das Mortes; outra ao Sul, na depressão do Paraná-Paranahiba. Serve de limite a essas duas regiões a serra denominada do Caiapó, que é o *divortium aquarum* das bacias do Prata e Amazonas.

Os direitos de Goiaz sôbre os territorios em questão evidenciam-se da maneira mais flagrante possivel dos documentos a que já temos alludido, referentes ao periodo colonial, a datar da provisão de 2 de Agosto de 1748 e da informação de d. Marcos de Noronha, de 12 de Janeiro de 1750.

Vejamos agora o que occorreu depois do Brasil independente.

Quanto á zona comprehendida na margem esquerda do Araguaia, confinando-se ao Oéste e ao Norte com o rio das Mortes, sabe-se que sempre foi considerada como pertencente a Goiaz. A provincia limitrophe, que persistia na usurpação do territorio de Sanct'Anna do Paranahiba, não obstante a lei goiana que extendeu até ao rio Pardo os limites da freguezia do rio Verde, nunca, na vigencia do Imperio, deixou de reconhecer os direitos de Goiaz sôbre aquella região.

São provas dessa affirmativa os factos que passamos a expôr summariamente. A 17 de Outubro de 1856 foi estabelecido na confluencia do rio Vermelho com o Araguaia um presidio, que tomou o nome de Sancta Leopoldina. Alguns annos depois, na presidencia Couto de Magalhães, creou-se em Leopoldina, então um povoado em plena prosperidade, um estabelecimento de instrucção e catechese, que se denominou Collegio Isabel, administrado por um director e um capellão. Devido ainda á iniciativa de Couto Magalhães, fundou-se, em 1863, na margem opposta,

uma fazenda de criação, no lugar chamado Dumbazinho, fronteiro á ilha do mesmo nome, a qual se destinava a abastecer de carne e de generos de lavoura o Collegio Isabel e o presidio Sancta Leopoldina. O Collegio, que perdurou até a proclamação da Republica, foi, em 1881, na presidencia de Antonio Gomes Pereira Junior, transferido para a fazenda do Dumbazinho, á margem esquerda do Araguaia, territorio goiano, sem protesto algum por parte da provincia de Matto-Grosso. Do relatorio que aquelle presidente apresentou á Assembléa Provincial em 1883, na parte referente ao Collegio Isabel, vê-se que Goiaz se achava na posse mansa e pacifica da margem esquerda do Araguaia.

Com a Republica foi extincto o Collegio Isabel e posta em praça, a 26 de Septembro de 1890, pela Fazenda Publica do Estado de Goiaz a fazenda do Dumbazinho, que foi arrematada pelo capitão Paulo Marcos de Arruda pelo preço de 2:010$, inclusive a casa em que funccionava o Collegio, á margem esquerda do Araguaia.

De todos esses actos não constam quaesquer embargos por parte do Estado de Matto-Grosso, que tacitamente reconhecia os direitos de Goiaz sôbre o territorio alludido, isso durante um lapso de tempo de 27 annos, de 1863, quando foi installada a fazenda do Dumbazinho, até 1890, data de sua extincção. E esse respeito aos direitos do Estado vizinho continuou até 1913. Nesse anno, a lei do Estado de Matto-Grosso, n. 636, de 8 de Julho, creou o municipio do Araguaia, ordenando o presidente Joaquim Augusto da Costa Marques a occupação, por frôça policial, do local do antigo Collegio Isabel. A fazenda do Dumbazinho pertencia então, como pertence ainda hoje, a Luiz Guedes de Amorim, que requereu a sua manutenção de posse perante o Juiz Federal da secção de Goiaz. Nesta occasião houve violento protesto por parte de Goiaz, mandando o seu governador para alli um forte destacamento. Não fosse ter recuado a fôrça pública de Matto-Grosso, graves conflictos se teriam dado.

Enquanto isso se passava era o proprietario do immovel garantido na posse do Dumbazinho por um mandado de manutenção expedido pelo juiz federal de Goiaz, dr. José Joaquim de Sousa Junior.

Apesar desse fracasso, o presidente de Matto-Grosso insistia, menos de dous annos depois, em seu proposito de usurpação, sanc-

cionando a lei n. 698, de 12 de Junho de 1915, que elevava á categoria de comarca o municipio do Araguaia. O intento desses actos, que nenhuma razão de ordem pública ou administrativa justifica, bem claro se deixa perceber: é apenas accumular elementos para mais tarde poder allegar o direito do *uti possidetis* sôbre a região assim usurpada a Goiaz.

* * *

Ao contrario do seu competidor, Goiaz, a cada acto em que este pretenda violar seu patrimonio territorial, tem sempre levantado os mais energicos protestos.

Negam os advogados de Matto-Grosso, entre elles, principalmente, o general Francisco Rafael de Mello Rego, em sua memoria sôbre os *Limites de Goyaz e Matto-Grosso* (Rio de Janeiro, 1897), que Goiaz tenha protestado quando, no govêrno do capitão general Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Caceres, em 1774, foi creado o estabelecimento da Insua. A asserção não é verdadeira. Um documento importante, que os defensores de Matto-Grosso não querem conhecer, a destroe por completo. Alludimos ao officio do capitão-general de Goiaz, d. José de Almeida e Vasconcellos, ao ministro Martinho de Mello e Castro, datado de 10 de Dezembro de 1774, logo após o acto do governador matto-grossense. Neste officio, depois de estudar rapidamente a fronteira e os accôrdos suggeridos por seus antecessores, o governador de Goiaz diz que entende ser sua obrigação " representar que a amplitude do govêrno de Matto-Grosso fica sem proporção alguma com o d'esta Capitania; que sempre pertenceu á freguezia d'Anta o pequeno arrayal d'Amaro Leite dos Araez ", e que levava a questão a " El-Rei Fidelissimo Nosso Senhor, que mandará o que for mais conforme ao seu Real Serviço ".

Depois desse protesto, que outro nome lhe não cabe, o capitão-general, em meiados do anno seguinte, quiz ir pessoalmente verificar si os *descobertos* da bandeira de Francisco Soares de Bulhões pertenciam aos terrenos diamantinos do rio Claro, tendo chegado nessa digressão até aos limites do seu govêrno com os da capitania de Matto Grosso, onde poude tomar conhecimento da usurpação de Luiz de Albuquerque. Em 15 de Junho de 1775 officiava, desta vez ao proprio marquez de Pombal, em termos equivalentes

aos de sua representação a Martinho de Mello e Castro, de 10 de Dezembro de 1774. Em seu parecer, as capitanias de Goiaz e Matto-Grosso deviam ser "divididas pelas vertentes do Paraguay e Rio Grande, sendo estas da Capitania de Goyaz, e aquellas de Matto-Grosso, á imitação do que Sua Magestade mandou se praticasse na divisão da America Portugueza da parte do Sul do Brasil, pertencendo a esta Monarchia todas as terras que desaguam para a Alagôa Mirim, e a Hespanha as que vertem para o Rio da Prata".

Do exposto se conclue que Goiaz protestou, e vivamente, quando o governador de Matto-Grosso fundou o Registo de Insua, a 10 leguas distante da margem occidental do Rio Grande ou Araguaia.

Allega-se que por essa occasião o governador de Matto-Grosso pediu auxilio ao de Goiaz, e este lh'o prestou. Mas esse auxilio, prestado, não na occasião, e sim cêrca de tres annos depois, era de ordem material, consistindo no concêrto de ferramentas e no fornecimento de duas bruacas de sal, conforme consta da portaria do provedor da Fazenda Real, de 16 de Agosto de 1777, data do auxilio referido, "por serviço de Sua Magestade", e não importava, é intuitivo, em reconhecimento de direito sôbre aquelle territorio por parte do govêrno goiano.

Convem observar que isso se passava em plena vigencia do auto de accessão de 1º de Abril de 1771, convenção esta que só foi violada, da maneira que vimos, por Luiz de Albuquerque. E' o proprio Candido Mendes, que não póde ser suspeito a Matto-Grosso e cuja auctoridade na materia em questão é por todos reconhecida, que diz: "Depois dessa epocha, nunca mais se tratou das divisas entre Goyaz e Matto-Grosso, ao menos por parte do governo colonial, mantido por um alvará ou provisão do Conselho Ultramarino, o ajuste feito pelas duas Capitanias em 1771".

De facto, o ajuste foi respeitado integralmente durante as administrações de Antonio Carlos Furtado de Mendonça, que foi seu signatario por parte de Goiaz; de José de Almeida de Vasconcellos Soveral de Carvalho, visconde da Lapa, que tomou posse da capitania de Goiaz em 25 de Julho de 1772; de Luiz da Cunha Meneses, em 17 de Outubro de 1778; de Tristão da Cunha Meneses, em 27 de Junho de 1783; de d. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, em 26 de Fevereiro de 1804; de Fernando Delgado

Freire de Carvalho, em 28 de Novembro de 1809; e de Manuel Ignacio de Sampaio e Pina, em 1820.

* * *

A região arcifinia ao Sul, entre os rios Pardo, Grande e Paranahiba, começou a ser invadida por Matto-Grosso em 1838. E' desse anno a lei n. 4, de 19 de Abril, creando as freguezias de Sanct' Anna do Paranahiba e do Piquirí.

Logo que a noticia chegou ao conhecimento do Governo de Goiaz, a Assembléa Provincial protestou, creando a freguezia de Dores do Rio Vermelho, que comprehendia todo o territorio do extremo Sul da provincia, até ao rio Pardo.

A este proposito, devemos ainda uma vez invocar o testimunho insuspeitissimo do barão de Melgaço, em seus *Apontamentos para o Diccionario Chorographico da Provincia de Matto-Grosso,* publicados na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 47, parte 2ª, pag. 472: "Ahi (a tres leguas de distancia da margem direita do rio Paranahyba, dez ou doze acima da confluencia com o rio Grande) se formou uma povoação que por lei provincial de 1838, foi erigida em freguezia de Sant'Anna do Paranahyba, que não tem cessado de ser considerada como parte integrante do territorio de Matto-Grosso, *embora fóra dos limites até então reconhecidos*". E accrescenta, depois de algumas linhas, o eminente chorographo de Matto Grosso: "A Provincia de Goyaz reclama, *não sem alguma razão,* este territorio (Sant'Anna do Paranahyba), visto como forão sempre tidos como pertencentes a ella os terrenos da margem occidental do Paraná até o rio Pardo em consequencia de que este ultimo não foi considerado limite de sua freguezia do Rio Verde, creado pela lei goyana de 5 de Agosto de 1848". (*Op. et loc. cit.*, pag. 473.)

Em 1852, a Assembléa Provincial de Matto-Grosso levantou um conflicto de jurisdicção, pedindo solução ao Governo Imperial. Levada a questão á Assembléa Geral, a Commissão de Estatistica da Camara dos Deputados pediu informações ao presidente Francisco Mariani, de Goiaz, o qual as prestou inteiramente favoraveis, como não podiam deixar de ser, a essa provincia, conforme se verifica de seu relatorio, apresentado á Assembléa Provincial, em 1853.

O presidente que succedeu a Francisco Mariani, Antonio Candido da Cruz Machado, depois visconde de Serro Frio, em relatorio apresentado á mesma Assembléa, em 1 de Septembro de 1855, tractou ainda desse assumpto, salientando os direitos de Goiaz sôbre a região em litigio.

Já alludimos ao parecer da Camara dos Deputados, de 20 de Julho de 1864, documento da mais alta valia sôbre a questão. Verdade é que esse parecer não chegou a ser submettido á approvação do corpo legislativo, por motivos que não passam despercebidos a ninguem. Mas é tal o seu valor que todas as auctoridades em cartographia, tanto no Imperio como na Republica, delle se têm servido para o estabelecimento das linhas divisorias entre os dous Estados, com exclusão apenas da carta da Commissão Rondon, que accompanha a memoria apresentada pela Delegação de Matto-Grosso á Conferencia de Limites Interestaduaes de Bello Horizonte, documento *sui generis*, que á evidencia revela os propositos imperialistas dos representantes daquelle Estado com relação aos territorios reconhecida e legitimamente possuidos por Goiaz. De 1864 por deante, mais a mais se tem accentuado o intento de Matto-Grosso, em contestar o direito do Estado limitrophe sôbre a margem oriental do rio Araguaia e sôbre o territorio ao Norte do Rio Pardo, já se apossando da região banhada pelo Araguaia e rio das Mortes, já se apropriando do territorio que forma a fronteira de Goiaz com S. Paulo.

O Estado de Goiaz prova a sua posse primitiva, ou, melhor, o seu dominio, anterior ao dos Matto-grossenses, na bacia oriental do Araguaia, até Araés, á margem esquerda do rio das Mortes; justifica e demonstra que lhe cabem a conquista e devassamento da zona comprehendida entre os rios Claro dos Pasmados, Paranahiba, Pardo, Coxim, Taquari e as mais altas cabeceiras do Araguaia, no perimetro delimitado pelo *divortium aquarium* das bacias do Prata e Amazonas, em toda a extensão coberta pelas serras Sellada, Sancta Martha e Caiapó.

O Estado de Matto-Grosso só póde allegar a chronica de suas violações ao territorio goiano, puros golpes de audacia, ou actos administrativos, sem a menor apparencia legal, uns e outros sempre accompanhados dos protestos de Goiaz!

Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1920.

CONDE DE AFFONSO CELSO.

LIMITES ENTRE GOIAZ E MATTO-GROSSO

Antes de apresentar algumas considerações ao memorial offerecido pelo digno árbitro do Estado de Matto-Grosso na questão de limites com o de Goiaz, seja-me permittido invocar a attenção de S. Ex. para o objecto do presente juizo arbitral, isto é, para as propostas, sôbre que deve versar a discussão do litigio, e que são as que abaixo transcrevo :

Proposta do Estado de Matto-Grosso :

« Da fóz do rio Aporé no Paranahiba, até confrontar com a cabeceira do rio Indaiá-mirim ; por este abaixo até sua barra no rio Indaiá, por este abaixo até sua fóz no Sucuriú ; por este acima até a sua mais alta cabeceira ; dahi á cabeceira do rio Araguaia e por este abaixo até os limites de Matto-Grosso com o Pará.»

Proposta do Estado de Goiaz :

« Os limites de Goiaz com Matto-Grosso serão por uma recta tirada da fóz do Aporé até a margem esquerda do Sucuriú ; por este acima até encontrar o meridiano 10° W. do Rio de Janeiro ; dahi por outra recta, coincidindo com o mesmo meridiano até a margem esquerda do rio das Mortes e por este abaixo até sua confluencia no Araguaia.»

Sem justificar a primeira dessas propostas, o illustre árbitro de Matto-Grosso deseja dar muito mais do que já exageradamente pede aquelle Estado, quando quer que a linha de limites entre o mesmo e o de Goiaz corra

«... pelo rio Araguaia acima até á sua cabeceira principal ; *dahi á cabeceira do rio Correntes e por este abaixo até a sua barra no Paranahiba*, continuando por este e pelo Paraná ».

Tal exigencia importa na cessão por parte de Goiaz da vasta zona inter-fluvial Aporé-Correntes, que não está comprehendida no

presente litigio, e que não é objecto de contestação. E' verdade que o rio Correntes figura esporadicamente como limite entre os dous Estados, na carta que a Commissão Rondon levantou para accompanhar a memoria apresentada pelo Estado de Matto-Grosso á Conferencia de limites de Bello-Horizonte; mas essa linha arbitraria e injustificavel foi recusada, como não podia deixar de ser, pelos delegados de Goiaz, indicando então a delegação de Matto-Grosso a linha Aporé-Indaiá-mirim, como se vê na proposta acima exarada.

Reiterando-a agora o preclaro árbitro matto-grossense, mostra-se mais realista do que o rei, pretendendo para o Estado, cujos interesses proficientemente defende, aquillo de que esse mesmo Estado, por seus representantes, abriu mão na Conferencia alludida.

Devo tambem fazer observar que não comprehendo a proposição final da proposta do illustre árbitro de Matto-Grosso, quando determina que a linha de limites entre os dous Estados *continue pelo Paranahiba e pelo Paraná*, como si, terminando na barra do Correntes, no Paranahiba, fosse possivel prolongar-se pelo Paraná afóra, nos termos da propria proposta. Ha ahi talvez equivoco.

* * *

Feitas estas observações como resalva aos direitos de Goiaz, passarei a analysar ligeiramente as allegações contidas no memorial, a que me refiro.

Diz de começo o árbitro por parte de Matto-Grosso, e disso faz o fulcro de toda a sua argumentação:

> «Embora sendo árbitro escolhido pelo govèrno de Matto-Grosso, eu não hesitaria em reconhecer e proclamar o direito de Goiaz ao territorio litigioso, si este tivesse a seu favor um titulo de dominio, isto é, uma lei ou acto com fôrça de lei, fixando as divisas dos dous Estados de tal fórma, que aquelle territorio ficasse comprehendido nas raias goianas, ou sob o dominio ou jurisdicção de Goiaz.»

É obvio que, si existisse tal lei ou acto com fôrça de lei, não haveria questão alguma, porque essa lei ou acto excluiria logica e

imperiosamente quaesquer contendas por parte do Estado de Matto-Grosso, ou de outro qualquer em identicas condições. Não se concebe que um Estado, que tenha a seu favor um perfeito instrumento de dominio sôbre um territorio dado, possa admittir contestação de outro sobre esse territorio, sem buscar o remedio que as leis lhe garantem.

Goiaz, realmente, não possue um titulo peremptorio qual o eximio árbitro matto-grossense o desafia a apresentar; mas póde exhibir em seu favor, como tem feito, a mais ampla e segura documentação historica, que não é para desprezar em um pleito dessa natureza, e que prova sua posse anterior sôbre os territorios litigiosos.

Ás duas fórmulas que o emerito patrono *ex-adverso* prescreve para resolução das questões de limites entre os Estados brasileiros, mandando-se observar: 1°, os limites traçados por lei geral, do tempo da colonia ou do Imperio, ou por acto equivalente; 2°, os imites que correm pelos extremos da posse, — ha ainda que junctar luma terceira, isto é, que, na falta daquelles elementos, se tomem em consideração quaesquer titulos que importem presumpção de direito.

É o caso de Goiaz no presente litigio. Matto-Grosso nunca teve posse mansa e pacifica do territorio contestado. A cada tentativa de usurpação, a cada invasão de seu territorio, Goiaz sempre protestou, fazendo valer seu direito. E esses protestos constam dos documentos offerecidos ao Juizo arbitral, em numero assás avultado.

* * *

O distincto árbitro de Matto-Grosso não reconhece nenhum valor á informação de d. Marcos de Noronha, de 12 de Janeiro de 1750, sôbre os limites das duas capitanias; mas sabe S. Ex. que essa informação foi prestada em virtude da provisão régia de 2 de Agosto de 1748, e que as raias nella traçadas foram observadas sem perturbação, salvo o insignificante incidente com o ouvidor Morrilhas em 1753, até 1762, quando d. Antonio Rolim de Moura, governador de Matto-Grosso, pretendeu estabelecer a linha divisoria pelo Araguaia, ao que não accedeu o governador de Goiaz, João Manuel de Mello, allegando que das cabeceiras do Araguaia ás do Taquari e Camapuan existiam extensas campinas, e que a linha divisoria teria de ser forçosamente imaginaria neste trecho, como seria a das cabeceiras do rio das Mortes.

Em uma região arcifinia, como a de que se tractava, era doutrina corrente que, havendo dúvida sôbre a divisa, a linha deveria procurar os limites naturaes, como montes e rios. Além de que, como bem ponderou mais tarde ao marquez de Pombal o governador José de Almeida e Vasconcellos, no caso sujeito, devia-se proceder como o rei ordenára se practicasse na divisão da America Portugueza na parte Sul do Brasil, pois, sendo as duas capitanias regularmente divididas pelas vertentes do Paraguai e do Araguaia, pertencessem a Matto-Grosso as terras que desaguassem no Paraguai, e a Goiaz as que corressem para o Araguaia.

A 4 de Maio de 1769, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, que substituiu a João Pedro da Camara no gôverno de Matto-Grosso, na ignorancia da discussão anteriormente havida, apresentou novo plano para a solução da pendencia. Esse plano, ao mesmo tempo que assignalava como pertencente a Goiaz a fronteira de S. Paulo e reconhecia o limite pelo rio Pardo, attentava contra o direito de Goiaz sôbre a região entre o Araguaia e o rio das Mortes. João Manuel de Mello falleceu em 13 de Abril de 1770, sem ter tido tempo de responder a essa proposta. Entretanto, o governador de Matto-Grosso, tomando conhecimento da correspondencia e documentos existentes a respeito, e convencendo-se das razões que assistiam a Goiaz, retractou-se e declarou acceitar a demarcação proposta por d. Marcos de Noronha. É esta a origem do *Auto de accessão*, a que me referirei a seguir.

É tambem esse um documento, que o provecto árbitro de Matto-Grosso inquina de nullo, porque o governador de Goiaz *não mandou o reversal expressamente pedido*. Essa simples falta de formalidade, que aliás não está apurada, é sempre repetida pelos advogados de Matto-Grosso como um grande argumento, capaz de invalidar o mais solenne contracto.

Candido Mendes de Almeida, que não póde ser suspeito a Matto-Grosso, ao passo que o é a Goiaz, referindo-se ao *Auto de accessão*, escreveu em seu — Atlas do Imperio do Brasil — Rio de Janeiro — Lith. do Inst. Philomatico — Rua Sete de Setembro 68 — 1868 — Pag. 29, 1ª columna, linhas de 1 a 13, texto:

« Depois dessa época nunca mais se tratou de divisas entre Goiaz e Matto Grosso, ao menos por parte do Governo Colonial, mantendo por um Alvará ou Provisão do Conselho Ultramarino o ajuste feito pelas duas Capitanias. E o proprio Luiz Pinto exer-

cendo depois, em 1799, o lugar de Secretario de Estado, nem dessa materia occupou-se, tendo aliás interesse, visto que a elle se deve o primeiro e mais importante mappa do Brasil que em 1807 publicou W. Faden em Londres, sob a denominação de COLUMBIA PRIMA, que foi a base de todos os que se lhe seguiram.»

É, pois, o illustre chorographo patrio que reconhece que o ajuste entre as duas capitanias, isto é, o *Auto de accessão* Luiz Pinto, foi mantido por um alvará ou provisão do Conselho Ultramarino.

José de Almeida e Vasconcellos, em officio ao marquez de Pombal, de 15 de Junho de 1775, disse:

> «O meu antecessor nunca conveyo na sobredita demarcação, que S. Magestade mandou observar interinamente, pelo mutuo accordo dos dous Governos, e como o actual Governador e Capitão General de Matto Grosso adiantou a pretenção do seus antecessores, estabelecendo hum Registo a pouca distancia do rio (Araguaya), parece-me dever declarar o meu differente conceito, emquanto não ha determinação do Soberano.»

Do exposto resulta que houve qualquer acto, alvará ou provisão, que approvou o convenio firmado por Luiz Pinto de Sousa Coutinho e Antonio Carlos Furtado de Mendonça, governadores e capitães-generaes, respectivamente, de Matto-Grosso e de Goiaz. O que é facto é que esse convenio foi integralmente respeitado durante as administrações de Furtado de Mendonça (1770-1772); José de Almeida e Vasconcellos (1772-1778); Luiz da Cunha Meneses (1778-1783); Tristão da Cunha Meneses (1783-1804); d. Francisco de Assis Mascarenhas (1804-1809); Fernando Delgado Freire de Carvalho (1809-1820) e Manuel Ignacio de Sampaio e Pina (1820).

Durante esse periodo só o governador de Matto-Grosso Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres tentou violar o accôrdo de 1771, mandando fundar na margem occidental do Araguaia, em 1774, o registo da Insua. Contra esse acto, porém, protestou o governador de Goiaz José de Almeida e Vasconcellos, em carta de 10 de Dezembro do mesmo anno, ao secretario de Estado Martinho de Mello e Castro.

Do allegado se conclue que, durante o resto do periodo colonial, as divisas traçadas em 1750 foram observadas sem impugnação por parte do govêrno de Matto-Grosso.

Quanto ao projecto de lei de 1864, que o nobre árbitro de Matto-Grosso diz que *nunca passou de projecto*, estou de accôrdo com S. Ex. E' verdade que esse projecto se não ultimou, por motivos que a ninguem passam despercebidos ; e se assim não fosse, a questão de fronteiras entre as duas provincias não subsistiria, porque a Assembléa Geral Legislativa, a que foi apresentado aquelle projecto, era o orgão competente para dirimi-la. Entretanto, não deve ignorar o patrono *ex-adverso* o valor daquelle documento, bem como do luminoso parecer que o accompanhou, e que é tal que todas as auctoridades abalizadas em cartographia, tanto do Imperio, como da Republica, delle se têm servido para o estabelecimento das linhas divisorias entre os dous Estados, com exclusão apenas da carta levantada pela matto-grossense Commissão Rondon, á qual já alludi.

* * *

A provincia de Matto-Grosso, já no regime imperial, em 1838, creou uma freguezia na povoação de Sanct'Anna do Paranahiba, que, segundo o insuspeito barão de Melgaço, *estava fóra dos limites até então reconhecidos.*

A provincia prejudicada, ainda uma vez, protestou perante os poderes supremos contra a usurpação matto-grossense.

Em 1852, a Assembléa Legislativa de Matto-Grosso levantou um conflicto, pedindo solução ao Governo Imperial. Levada a questão á Assembléa Legislativa Geral, foram pedidas informações ao presidente da provincia de Goiaz, dr. Francisco Mariani, que, em seu relatorio á Assembléa Provincial, em 1853, assim se expressa :

> « Tomando conta da administração, encontrei ordem do Governo Imperial para informar acerca das exigencias das tres provincias limitrophes que, como si fosse por combinação se apresentaram ao mesmo tempo, pretendendo fazer de Goiaz uma Polonia. A Assembléa de Matto-Grosso, queixando-se de que a nossa lei n. 6, de 5 de Agosto de 1848, que creou a freguezia das Dores do Rio Verde, comprehendesse na respectiva circumscripção um territorio que julga pertencer-lhe e no qual havia, primeiro que nós, creado a freguezia de Sanct'Anna, pede não só que seja revogada a nossa sobredita lei, mas

tambem que pelo poder legislativo sejam fixados os limites das duas provincias, partindo do Rio Cayapó, do Sul, na sua confluencia com o Paranahyba, até ás primeiras vertentes na serra de Santa Maria, dahi pelo caminho mais curto, passando pelas primeiras vertentes e por estas pelo Rio Pardo e pelo Araguaya até confluir com o Tocantins.

A respeito dessa exigencia fiz ver que si de alguma parte havia justa razão de queixa, era da de Goyaz, cujo territorio foi usurpado pela lei provincial de Matto-Grosso, com despreso da convenção de limites, celebrada entre as duas provincias pelo auto de 1 de Abril de 1771; e reclamei que o poder legislativo decretasse subsistente a mesma convenção, fixando-se o ponto da divisão na lagôa, donde verte o rio das Mortes, descendo por este até confluir no Araguaya; e daquelle ponto para o Sul, seguindo pelo chapadão de campos limpos até as contra-vertentes do Camapuan e Rio Pardo, descendo por este até a sua confluencia no Paraná; divisão a mais consentanea, visto que as vertentes do rio das Mortes, e a confluencia do Rio Pardo, ficam equidistantes desta, e da cidade de Cuyabá. »

O presidente de Goiaz, dr. Antonio Candido da Cruz Machado, depois visconde do Serro Frio, tractando dessa questão em seu relatorio de 1855 á Assembléa Provincial, escreveu o seguinte:

« Cumpre observar que toda a questão versava então os limites de Oéste, isto é, si a demarcação devia ser pelas aguas do Araguaya e sua cabeceira até encontrar as do Rio Pardo, ou pelas aguas do rio das Mortes até a lagôa, sua primeira origem e depois pelos chapadões até ás vertentes do Rio Pardo e jamais se poz em duvida que este ultimo rio fosse o limite meridional da provincia de Goyaz. »

Por último, para abreviar citações, devo tambem referir-me ao officio do presidente Couto de Magalhães, dirigido ao marquez de Olinda em 8 de Fevereiro de 1863, em que protesta contra as invasões de Matto-Grosso, e solicita providencias no sentido de garantir-se a Goiaz a fronteira com S. Paulo e a região do rio das Mortes.

* * *

De 1864 por deante mais se accentuou o proposito de Matto-Grosso em contestar o direitó de Goiaz sôbre a margem occidental do Araguaia e sôbre o territorio ao norte do Rio Pardo, já se apossando da região banhada pelo Araguaia e rio das Mortes, já se apropriando do territorio que forma a fronteira goiana com S. Paulo.

Muitos outros factos e documentos teriam aqui cabida para demonstrar á saciedade quanto o Estado de Matto-Grosso ha usurpado ou pretendido usurpar ao seu vizinho, si eu quizesse converter esta peça em um libello accusatorio. O notavel árbitro de Matto-Grosso nenhum facto apontou, nenhum documento citou. Da longa transcripção que fez de um trecho de Candido Mendes de Almeida, nenhuma prova, em meu entender, trouxe ao articulado.

A auctoridade de Candido Mendes é, realmente, acatada em questões geographicas relativas ao Brasil; mas, no caso que se discute, peço venia para considera-la muito suspeita. Não ignora o douto patrono de Matto-Grosso que Candido Mendes sustentou por longos annos, quando foi da questão da Carolina, uma vehemente polemica contra a provincia de Goiaz, no afan de reivindicar para a do Maranhão o territorio ribeirinho do Tocantins, onde assenta a cidade daquelle nome, o que afinal conseguiu.

Dessa refrega resultou por certo a animadversão com que, em seu *Atlas do Imperio do Brasil*, se refere á provincia de Goiaz. No capitulo em que tracta dos limites dessa provincia, e que poderia ser assignado pelo mais ardoroso advogado de Matto-Grosso, sem mais nada lhe junctar, a serenidade do chorographo cedeu logar á parcialidade do polemista intransigente. A demonstração do que allego far-se-á facilmente á simples leitura do capitulo alludido.

A lei goiana de 5 de Agosto de 1848, elevando á categoria de parochia a capella de N. S. das Dores do Rio Verde, Candido Mendes considera como a *confissão formal* de Goiaz ao direito de Matto-Grosso sôbre a margem occidental do Araguaia, fazendo grande cabedal da expressão: ... "cabeceira do Araguaia, *que serve de divisa* (*divisão* é como está na lei...) *com a Provincia de Matto Grosso*". Não attentou, ou não quiz attentar o illustre chorographo e jurisconsulto, no defeito de redacção muito commum que encerra aquella phrase: o relativo *que* alli não se refere ao antece-

dente *Araguaia,* como lhe pareceu, e é grammaticalmente certo, mas ao tropo — *cabeceira do Araguaia,* de accôrdo com a noção geographica. E cumpre notar que contra essa mesma lei reclamou a provincia de Matto-Grosso, como se vê do trecho que acima transcrevi do relatorio do presidente Mariani. Logo, essa lei não lhe era favoravel; logo, não lhe dava de mão beijada o territorio do Araguaia.

* * *

O árbitro matto-grossense reconhece que a prescripção acquisitiva não é admittida em nosso Direito publico interno. Tal é a bôa doutrina sustentada invariavelmente pelo Supremo Tribunal Federal.

« A' Provincia ou ao Estado falta capacidade juridica para perder ou adquirir parte do seu territorio pela prescripção acquisitiva, porque é absolutamente inadmissivel a prescripção acquisitiva contra lei de ordem publica. A prescripção acquisitiva só é possivel entre quem tem a capacidade de adquirir e quem tem a de ceder o direito, ou a cousa. Os limites territoriaes da jurisdicção do poder publico não podem ser alterados por prescripção acquisitiva. A posse não póde ser invocada em assumpto de limites de jurisdicção do poder publico, como elemento gerador de direito.»

(*Acc. de 6 de Julho de 1904*).

E mais:

« No Direito privado está geralmente admittido esse modo de adquirir (por prescripção acquisitiva). No Direito Internacional Publico, posto se notem divergencias de opiniões, a maioria dos jurisconsultos, e póde-se dizer os mais autorizados, reconhecem a applicabilidade da prescripção acquisitiva, cumprindo notar que por esse principio se têm resolvido varias questões na America. Mas, quando se trata de limites de circumscripções administrativas, ou de divisões politicas e administrativas, nem as leis, nem a jurisprudencia, nem a doutrina suffragam a pretenção do Paraná. »

(*Acc. de 24 de Dezembro de 1909*).

Mais ainda:

«... considerando que tambem destituido de fundamento é o articulado concernente á applicação á especie dos autos do *uti-possidetis*, articulado aliás em condradicção com o em que o embargante assevera que o accordão resolveu a questão de conformidade com um imaginario direito costumeiro. A verdade bem palpavel no accórdão embargado é que este, dando as razões pelas quaes não applica o *uti-possidetis*, principio que até hoje tem servido unicamente para dirimir as questões de limites na America latina, resolveu o litigio de accôrdo com o direito publico, vigente ao tempo em que os dois Estados litigantes eram capitanias sujeitas a um governo absoluto.»

(*Acc. de 17 de Julho de 1920*).

Não ha negar, pois, que o erudito árbitro de Matto-Grosso esteja com a boa fe sã doutrina. Entretanto, do que se infere de todo o seu arrazoado não é outro sinão o principio do *uti-possidetis*, o que deseja que se applique á solução do caso vertente.

A presumpção de um direito pre-existente com que S. Ex. pretende fazer prevalecer a posse de Matto-Grosso sôbre os territorios contestados, por certo milita antes a favor de Goiaz, que os possuiu primeiro que Matto-Grosso, como tenho demonstrado. A posse de Matto-Grosso sobre elles nunca foi mansa e pacifica, embora já se prolongue por dilatado periodo de tempo ; dos protestos e das contendas que a perturbaram e perturbam está referta a chronica que vem dos ultimos tempos coloniaes aos nossos dias. A presumpção do direito preexistente não póde legitimamente ser invocada em favor de Matto-Grosso. Assim, a não ser a applicação do *uti-possidetis*, não vejo que outra fórmula juridica possa valer aos fins que Matto-Grosso tem em vista nesta questão.

* * *

O honrado árbitro de Matto-Grosso enumera, por informações do actual presidente de Matto-Grosso aos seus delegados no Sexto Congresso de Geographia de Bello-Horizonte, os territorios que o Estado viria a perder para Goiaz, no caso de ser este vencedor no pleito. Devo notar, entretanto, que uma proposta pos-

terior, que é a que se discute agora, juntamente com a de Matto-Grosso, modifica de muito aquelle cómputo.

Goiaz cedeu quanto podia ceder; exigir mais será reduzi-lo á condição da Polonia, para repetir o dizer justo do presidente Mariani.

Certo e convicto da verdade da causa que me foi confiada, espero do alto espirito e do claro entendimento do meritissimo árbitro desempatador absoluta

JUSTIÇA.

* * *

Accompanham as tres exposições summarias offerecidas pelo árbitro de Goiaz os seguintes documentos, que cabalmente justificam as proposições nellas exaradas:

I

Mensagem presidencial do presidente desembargador João Alves de Castro (1920).

II

Memoria justificativa dos limites de Goiaz apresentada no 6º Congresso de Geographia de Bello-Horizonte (1920).

III

Memoria justificativa — Atlas — Parte II.

IV

Certidão do auto de arrematação da Fazenda Dumbazinho.

V

Certidão da sentença do Juiz Federal da Secção de Goiaz sôbre um pedido de manutenção de posse da fazenda Dumbazinho.

VI

Cópia extrahida do livro das contas da Côrte dos annos de 1771 a 1775.

VII

Cópia extrahida do livro de contas da Côrte dos annos de 1771 a 1775.

VIII

Cópia extrahida do livro de contas do Governo dos annos de 1772 a 1777.

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1920.

CONDE DE AFFONSO CELSO.

Eu, ábaixo assignado, arbitro por parte do Estado de Goiaz na questão de limites entre esse Estado e o de Matto-Grosso:

Considerando que consta da provisão do Conselho Ultramarino de 2 de Agosto de 1748 que entre as capitanias de Goiaz e de Matto-Grosso não se demarcaram limites, ordenando-se aos respectivos governadores que informassem com seus pareceres por onde mais commoda e naturalmente se deveria fazer a divisão, em virtude do que d. Marcos de Noronha, primeiro governador de Goiaz, em sua informação de 12 de Janeiro de 1750, opinou que a linha divisoria teria de correr pelos rios das Mortes, Taquarí, Coxim, Camapuan, dahi pelo varadouro homonymo até as cabeceiras do rio Pardo e por este abaixo até sua foz no rio Paraná, sendo nessa conformidade levantada a *Carta da Capitania de Goiaz* por Francisco Tossi Columbina, datada de 6 de Abril de 1751, cujo original se conserva na 3ª secção do Estado-Maior do Exercito;

Considerando que o governador da Capitania de Matto-Grosso, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, em carta ao da capitania de Goiaz, Antonio Carlos Furtado de Mendonça, de 25 de Março de 1771, declarou que accedia áquella demarcação por jul-

ga-la fundada não só na posse em que se achava essa ultima capitania, como tambem nas solidas razões de congruencia e proporção em que se estribava a mesma demarcação, enviando o auto de accessão de 1 de Abril de 1771, que, segundo affirma Candido Mendes de Almeida, foi mantido por um alvará ou provisão do Conselho Ultramarino (Vide Candido Mendes de Almeida — *Atlas do Imperio do Brasil,* pag. 29, 1ª columna, texto);

Considerando que, consoantes com essa demarcação, foram o parecer e projecto da Commissão de Estatistica da Camara dos Deputados, de 20 de Julho de 1864, plenamente justificados em longos e luminosos debates que então se travaram e constam dos *Annaes* da mesma Camara, referentes áquelle anno;

Considerando que com fundamento na mais segura documentação historica o Estado de Goiaz estabelece á evidencia sua posse primitiva, anterior á do Estado de Matto-Grosso, na bacia occidental do Araguaia, até Araés, á margem esquerda do rio das Mortes; justifica e demonstra que lhe cabe o descobrimento e a conquista da região comprehendida entre os rios Claro dos Pasmados, Paranahiba, Pardo, Coxim, Taquarí e as mais altas cabeceiras do Araguaia, no perimetro delimitado pelo *divortium aquarum* das bacias do Prata e do Amazonas, em toda a extensão coberta pelas denominadas serras Sellada, Sancta Martha e Caiapó;

Considerando que Matto-Grosso vem invadindo subrepticiamente, desde 1774, o territorio de Goiaz por etapas successivas, tanto na região entre o Araguaia e o rio das Mortes, ao Norte, como na depressão do Paraná-Paranahiba, ao Sul, violando assim o accôrdo de 1771, sempre com os mais energicos e justos protestos de Goiaz, conforme mostram os documentos em que tem baseado sua defesa;

Considerando que sôbre a primeira daquellas zonas Goiaz mantém dominio e posse, e sôbre a segunda dominio, sendo a posse não pacifica, em vista das constantes perturbações insufladas pelos governos de Matto-Grosso, notadamente na villa e municipio de Sanct'Anna do Paranahiba;

Considerando que Matto-Grosso não invoca em prol das suas pretenções nenhum titulo, mas apenas a posse que não é posse, porém apenas invasão, esbulho, violencia, nada lhe valendo a diuturnidade da usurpação, pois o trato do tempo não a absolve da mácula de origem; ao contrario, cada vez a torna mais odiosa;

Considerando que "*spoliatus ante omnia restituendus*" — caso de Goiaz —, e que a posse allegada por Matto-Grosso não póde, em hypothese alguma, prevalecer perante o Direito, porquanto: *a*) é principio rudimentar que um dos requisitos essenciaes da posse capaz de gerar dominio consiste em ser ella tranquilla, pacifica, imperturbada,

não contestada por aquelle a quem pudesse prejudicar, ou effectivamente prejudicasse, e contra a de que foi victima por parte de Matto-Grosso, sempre Goiaz protestou e reclamou, utilizando-se para isso dos meios legaes a seu alcance; *b*) seria aberração inadmissivel dos principios cardeaes da sciencia juridica o applicar as normas reguladoras da posse, occupação e prescripção acquisitiva de immoveis entre particulares ás questões de limites entre nações, ou entre as circunscripções administrativas e politicas da mesma nação, importando inqualificavel absurdo conceder ao Direito Civil tamanha latitude num Estado legalmente constituido (Vide *Razões de Sancta Catharina "versus" Paraná, e que determinaram a victoria de Sancta Catharina pelo accôrdo do Supremo Tribunal Federal, a 6 de Julho de 1904)*;

Considerando que altamente convém aos interesses de ambos os Estados e ao Brasil que cessem taes perturbações mediante equitativa discriminação de seus limites;

Considerando que, levado por sentimentos de concordia, Goiaz está disposto a ceder em beneficio de Matto-Grosso grande extensão de seu patrimonio territorial, para que seja dirimido o litigio:

Sou de parecer que os limites de Goiaz com Matto-Grosso sejam por uma recta tirada da foz do rio Aporé até á margem esquerda do rio Sucuriú, correndo em relação ao parallelo; pelo

Sucuriú acima até encontrar o meridiano 10° W do Rio de Janeiro; dahi por outra recta, coincidindo com o mesmo meridiano, até á margem direita do rio das Mortes e por este abaixo até sua confluencia do rio Araguaia.

Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1920.

CONDE DE AFFONSO CELSO.

DOCUMENTO N. 1

Certidão do auto de arrematação da fazenda Dumbazinho

Certifico, em virtude de ordem verbal do Exmo. Sr. Coronel Secretario de Finanças, que revendo o livro segundo de termo de arrematações delle consta o do theor seguinte: « Termo de arrematação que faz o Cidadão Capitão Paulo Marcos de Arruda do gado vaccum e cavallar, bemfeitorias e todo o material da fazenda do Dumbazinho. Aos vinte e seis dias do mez de setembro de mil oitocentos e noventa, nesta cidade de Goyaz, no Thesouro Publico do Estado, achando-se presentes os Cidadãos Inspector e Procurador Fiscal, ordena aquelle ao cidadão Theodosio Alves Bandeira, convidado para este acto, que, em continuação dos actos praticados hontem, apregoasse a venda e arrematação do gado vaccum e cavallar, bemfeitorias e todo o material existente na fazenda do Dumbazinho, sita á margem do rio Araguaya, conforme se acha annunciado no Edital de 30 de julho proximo passado, publicado em diversos numeros dos jornaes; o que cumprindo o referido cidadão, declarou que o maior preço que alcançava era o de dous contos e dez mil réis (2:010$000), que offerecia o cidadão Capitão Paulo Marcos de Arruda, inclusive a quantia de 230$000 réis pela casa de telha existente na dita fazenda, á vista do que ordenou-lhe o mesmo Cidadão Inspector que continuasse a apregoar; e caso não apparecesse quem mais désse, affrontasse: — assim procedendo-se, como não houvesse quem mais lançar quizesse, affrontou, entregando um ramo verde ao arrematante em signal de sua arrematação, que se houve por bem feita.— Pagou o arrematante os impostos constantes dos seguintes conhecimentos. — Thesouraria de Fazenda da Provincia de Goyaz:— 65 — n. 8 — exercicio de 1890. Collectoria de Goyaz.— Imposto de transmissão de propriedade réis 14$490, inclusive a taxa addicional de 5 %. — A folhas ...... do Livro de receita fica debitada ao actual Collector a quantia de quatorze mil quatrocentos e noventa réis que em 26 de setembro de 1890 pagou o Sr. Capitão Paulo Marcos de Arruda, correspondente á de 230$000 réis por quanto arrematou em praça uma casa pertencente á Fazenda sita no « Dumbazinho », conforme

a guia do Amanuense João Rodrigues Costa, de hoje datada.— O Escrivão Coutinho.— O Collector A. Rios.— N. 1668.— Thesouro Publico do Estado.— A fs. do Livro Diario fica debitado o Collector João Baptista Rodrigues Jardim na quantia de quatro mil seiscentos réis Rs. 4$600 — Que pagou o Capitão Paulo Marcos de Arruda, de 2 % correspon dente á quantia de 230$000 réis pela arrematação que fez de uma casa pertencente á fazenda sita no Dumbazinho. Collectoria do Districto, 26 de setembro de 1890. O Collector, Jardim. O Escrivão, Sardinha. E de tudo, para constar, mandou o cidadão Inspector lavrar este termo que assignou com o Fiscal e arrematante.— Eu, Miguel Lino de Araujo Godinho, Praticante, o escrevi. E eu, João Rodrigues Costa, amanuense, encarregado do expediente, o subscrevi.— João Fleury de Camargo. O Fiscal, Paulo Francisco Povoa:— Paulo Marcos de Arruda.

E' o que consta do referido livro, ao qual me reporto e dou fé.— Eu, Sebastião José de Andrade, 2º escripturario da Secretaria de Finanças do Estado de Goyaz, passei a presente certidão que assigno.

Secretaria de Finanças do Estado de Goyaz, 30 de Agosto de 1920.— O 2º escripturario, *Sebastião José de Andrade*.— Conforme. — *Antonio José Martins*, Chefe de Secção.

DOCUMENTO N. 2

Certidão da sentença do Juiz Federal desta Secção sobre um pedido de manutenção de posse na fazenda Dumbazinho

CARTORIO DO ESCRIVÃO FEDERAL DO ESTADO DE GOYAZ

João Rodrigues Costa, Escrivão do Juizo Federal de Goyaz :

Certifico e dou fé que a requerimento verbal do Exm. Sr. Coronel Luis Guedes de Amorim, revi o meu cartorio e encontrei uns autos de manutenção de posse, requerido em mil novecentos e quinze pelo mesmo Coronel Luis Guedes de Amorim e a olhas vinte e seis a vinte seis verso vê-se a sentença do teor seguinte : " Vistos estes autos e attendendo a que havendo Luis Guedes de Amorim requerido, por seu advogado, mandado

de manutenção de posse de sua fazenda Dumbazinho e seus retiros Santa Carlota, São Domingos, e Barracão, situados a margem esquerda do Rio Araguaya, dentro dos limites do Estado de Goyaz, fazenda essa posta em praça pelo thesoureiro de Fazenda deste Estado no anno de mil novecentos e noventa e aqui arrematada, conforme se vê no documento de folha cinco e que mais tarde adquiriu (documento de folhas sete) e vem mansa e pacificamente possuindo, convencido de que ella se achava localisada em territorio goyano, á vista do documento citado, mandado que lhe foi concedido, como consta do despacho de folha duas; attendendo a que as autoridades judiciaes do Estado de Matto Grosso, que esbulharam o dito Luis Guedes de Amorim da posse de sua fazenda e retiros, declarando-os penhorados em consequencia de um processo executivo por passagem de contrabando (documentos de folhas dez), sem forma juridica e nullo por se tratar de bens situados neste Estado, pertencentes a cidadão domiciliado e nelle residente, processo esse que só poderia correr perante a Justiça Federal, ainda mesmo que as referidas fazendas estivessem, por hypothese, dentro daquelle Estado (artigo sessenta, lettra *d*, da Constituição Federal), o que não acontece ou pelo menos não está provado, — sendo notificadas do mandado, com as formalidades legaes (documento de folhas vinte), nenhum embargo oppuzeram, vindo com protestos, quer por telegrammas, quer por meio de abaixo assignados de pessoas que nada representam no caso que se trata, nos quaes se declara peremptoriamente que não obedeçam a ordem emanada do Juiz Federal desta secção (documentos de folhas dezoito, dezenove, vinte e tres e vinte e quatro); e considerando que nestas condições, devendo a posse do requerente ser assegurada, conforme o mandado que foi expedido em seu favor e, para seu cumprimento, requisita-se uma força de policia sufficiente, visto a possibilidade de resistencia por partidos turbadores da posse, como se deprehende da attitude que assumiram. Publique-se e intime-se. Custas *ex-causa*. Goyaz, dez de fevereiro de mil novecentos e quinze. José Joaquim de Souza Junior. Nada mais se continha na dita sentença com o teor da qual extrahi a presente certidão dos proprios autos a que me refiro, em meu poder e cartorio. E eu João Rodrigues Costa, escrivão a escrevi, aos trinta de Agosto de mil novecentos e vinte. — O Escrivão Federal, *João Rodrigues Costa.*

DOCUMENTO N. 3

Cópia extrahida do livro de Contas da Côrte, dos annos de 1771 a 1775

« Ao Exm°. Secretario de Estado desta Repartição, sobre a devisa da Capitania de Goyaz, com a de Matto Grosso, expondo S. Exa. a construcção que o Snr. Luiz de Albuquerque Genª. daquella Capitania mandou fazer do Registo da Insua.

Illm°. e Exm°. Snr. Suposto não achei na Secretaria deste Governo, hum só livro de Registro das contas, ou de ordens que delle demanassem algumas cartas do Governo de Matto-grosso, para meu Antecessor João Manoel de Mello, me provarão que S. Magestade, lhes havia incumbido a proporem de huma e outra parte a divizão que parecesse mais natural aos dois Governos de Goyaz e Matto-grosso. O actual Governador, e Capitão General daquella Capitania, me fallou aqui neste negocio, e me escreveu sobre a mesma materia, depois de transitar este Certão, e de adquerir mais alguaz noticiaz insestindo no mesmo projecto de seus Antecessores, de que a divizão das duas Capitanias, devia ser pelo Rio grande, ou Araguaya, porque seguindo a direcção do Sul a Norte descrevia a linha mais propria para ser adoptada aos limites dos dois Governos. Nunca nisto asentio meu antecessor, não obstante as instancias do Conde de Azambuja, e de Luiz Pinto de Souza, e como nas minhas instrucçoenz, só omitio este ponto aplicando-me a conhecer o extremo da Capitania por aquellas partes por onde fez o seu giro deferi o estudo do que desta Villa me ficava ao Poente; porem vendo que o Governador se achava construindo hum Registo a dez ou doze legoas de distancia daquelle Rio, respeitando as margenz occidentaes comprehendidas no seu governo, entendo ser da minha obrigação representar a V. Exa. que a amplitude do Governo de Matto-grosso, fica sem proporção alguma com o desta Capitania, que sempre pertenceu a Freguesia d'Anta, o pequeno Arrayal de Amaro Leite dos Araés, e que a sua distancia se manifesta pelo Mappa da estrada; que contendo muito pouco terreno para os lados, posso segurar a V. Exa. que nada mais hé conhecido, que a necessidade de comunicar, Cuyabá obrigou a fazer seguir este Certão, e a Bandeira com que desta Capitania sahio Amaro

Leite as dezordens que teve nas suas exploraçoenz e hua faisqueira que achou naquella altura, fez com que alli se cituase, não obstante, não ter chegado onde queria, e manifestou o descuberto ao Cuyabá em despique de lhe não querer dar Socorro o Governador desta Capitania D. Luiz Mascarenhas que então a governava. Nestas circunstancias apoiado nada menos que com as ordenz de sua Magestade dirigidas ao principal Commissario da divizão da America meridional da parte do Sul onde determinão que a linha divisoria se regule pelas vertentes; entendo se deve adoptar para as duas Capitanias a mesma forma de divizão; ordenando Sua Magistade o ponto em que se hade por o marco de maneira que as vertentes que desaguão no Rio grande ou Araguaya, pertenção a esta Capitania e as que correm para o Paraguay a de Matto-grosso, ficando assim proporcionada a longitude das Capitaez e o Marco em um o dividindo para os lados de Norte a Sul pois que para ambos é este Certão desconhecido e que só se sabem ser junto as pretendidas vertentes desta Capitania que todas se incorporarão no Tocantins, habitado dos Indios Silvestre, Crayaz, Cururaés, Tapirapé, Curumbaré e Xavante. Os esforços para atrahir estas nassoenz, e inda para se descobrirem novas Minas, não devem ser privativos pois que tudo redunda em utilidade do mesmo Principe e dos Vassalos da mesma Monarchia; porem não havendo motivo presente de remunerar trabalho de effectiva exploração de oiro ou de aquizão de Gentio não parece justo que o Governo de Matto-grosso, se venha ampliando tanto pela estrada desta Capitania que a parte mais vizinha que pode fornecer para novo Registo de mantimentos hé a mesma Capital de Goyaz, como se vê pella carta do Fiel. Sendo tão pouca a ambição de delatar o meu districto que mandando prontificar quanto se pedia reduzi toda a minha appoșição a dar a V. Exa. conta do referido, para ser tudo presente a El Rey Fidellissimo Nosso Senhor que mandará o que for mais conforme a bem do seu Real Serviço. Villabôa 10 de Dezembro de 1774. Illm° e Exm° Senr. Martinho de Mello e Castro. José de Almeida e Vasconcellos de Soveral e Carvalho ».

Conforme. — *O. Velasco.* — Confere. — *J. Ferreira.*

DOCUMENTO N. 4

Cópia extrahida do livro de Contas da Côrte dos annos de 1771 a 1775

Trecho de um officio ao Marquez de Pombal, sobre hir S. Ex. pessoalmente examinar a demarcação das terras Diamantinas e tambem sobre os limites desta Capitania com a de Matto Grosso.

« Nesta mesma occasião fiquei no firme conceito de que os limites deste Governo não ficam bem regulados pelas margens occidentaes daquelle grande Rio, porque sendo as oppostas consideradas orientaes do de Matto Grosso, ficão alguns moradores que alli se achavão a mais de duzentas Legoas da sua Capital, sendo muito mayor a distancia para a parte que confina com o Pará. O meu Antecessor nunca conveyo na sobredita demarcação que S. Magestade mandou observar interinamente pelo mutuo accordo dos dous Governos, e como o actual Governador e Capitão General do Matto Grosso adiantou a pretenção dos seus Antecessores, estabelecendo um Registro a pouca distancia do Rio, parece-me dever declarar o meu diferente conceito, em quanto não ha determinação do Soberano. Hé certo que o Rio Grande correndo do Sul a Leste para entrar no Tocantins, e este ao Norte para fazer a barra do Pará descreve hua baliza invariavel, porém esta cazualidade não parece dever alterar a proporção dos Governos ; podendo elles ficar mais regularmente divididos pelas vertentes do Paraguay e Rio Grande, sendo estas da Capitania de Goyaz e aquellas das de Matto Grosso a imitação de que S. Magestade mandou se praticasse na divisão da America Portugueza da parte do Sul do Brazil, pertencendo a esta Monarchia, todas as terras que desagoas para a Alagôa Mirim, e a Hespanha as que vertem para o Rio da Prata o que tenho a honra de informar a V. Exª. para tudo ser presente a El-Rey Fidm. N. Sr. Ds. gde. a V. Exª. Villa Bôa 15 de junho de 1775. Illm. e Exm. Sr. Marquez do Pombal. José de Almeida e Vasconcellos.

Conforme — *O. Velasco.* — Confere — *J. Ferreira.*

DOCUMENTO N. 5

Cópia extrahida do livro de Contas do Governo dos annos de 1772 a 1777

PORTARIA PARA SEREM CONCERTADAS AS FERRAMENTAS DO REGISTRO DA INSUA

O Dr. Provedor da Fazenda Real manda concertar a ferramenta que se remette do novo registro da insua e comprar, para provimento do mesmo, duas bruacas de sal, fazendo esta despeza por conta da Capitania de Matto Grosso porque o Sr. General da mesma me requereu por serviço de sua Magestade o necessario auxilio para este estabelecimento. Villa Bôa 16 de agosto de 1774.

Conforme. — *O. Velasco.* — Confere. — *J. Ferreira.*

TRES MAPPAS QUINHENTISTAS

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

DE

RODOLFO GARCIA

O sr. dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, illustre membro do corpo diplomatico brasileiro, tem aproveitado os vagares que lhe deixam os encargos do officio para pesquisar nos archivos europeus o que possa interessar á documentação historica do nosso paiz. Nesse sentido já lhe deve esta *Revista* uma inestimavel contribuição, qual foi a correspondencia do barão Wenzel de Mareschal, extrahida dos archivos do Ministerio de Extrangeiros de Vienna d'Austria e publicada nos tomos 77° e 80°. Aquelle titular, no character de agente diplomatico da Austria, permaneceu no Rio de Janeiro durante a década de 1821 a 1831, que foi uma das mais agitadas e interessantes da evolução brasileira; sua correspondencia, pois, tem para nós uma alta importancia documental.

Transferido de Vienna para Roma, o sr. dr. Figueira de Mello, já nosso consocio, foi continuar suas pesquisas nos archivos do Collegio de *Propaganda fide* e da Bibliotheca Apostolica Vaticana, de onde houve bôa mésse de documentos que offereceu ao Instituto. Entre estes contam-se tres cópias photographicas de mappas antigos referentes ao Brasil, que vão aqui reproduzidos, e aos quaes o sr. dr. Rodolfo Garcia faz accompanhar de algumas notas bibliographicas.

Por mais esse serviço prestado ao Instituto Historico tributamos aqui ao prestimoso consocio os nossos agradecimentos.

A reproducção devida ás officinas de gravura da Imprensa Nacional, honra ás mesmas officinas e ao seu chefe, o competente artista, Sr. Eduardo dos Reis Rolszt.

DA DIRECÇÃO.

TRES MAPPAS QUINHENTISTAS

A — «Carta universal en que se contiene todo lo que del mundo se ha descubierto fasta agora: Hizola Diego Ribero, cosmographo de Su Magestad: Año, de 1529, en Sevilla. La qual se devide en dos partes conforme à la capitulacion que hizieron los cathqlicos Reys de de España, y el rey don Juan de Portugal en la villa de Tordesillas: *Año de 1494.*» Original Ms. em pergaminho. — Cópia photographica da parte sul-americana.

—— Das circunstancias pessoaes de Diogo Ribeiro, ou Diego Ribero, além do facto de ter nascido em Portugal, quanto se conhece é o que resulta dos documentos officiaes a seu respeito. Pela primeira vez ahi apparece, em 18 de Julho de 1519, encarregado de fazer chartas para a expedição de Fernão de Magalhães, conforme ao modelo de Reinel pae e filho. Quatro annos depois, por cedula real dada em Valladolid em 10 de Julho de 1523, é nomeado cosmographo e mestre de fazer chartas, astrolabios e outros engenhos de navegação, com o salario annual de 25.000 maravedis. Em 1524 serve como um dos peritos, por parte da Hispanha, na juncta de Badajóz. No anno seguinte addiciona aos titulos o de piloto de Sua Magestade. De 1526 a 1533 desempenha as funcções de examinador de pilotos. Em 6 de Outubro do primeiro daquelles annos, Carlos V, ordenando a substituição do padrão real, encarrega a Fernando Colombo, filho do almirante, de encommendar esse trabalho a Diogo Ribeiro; mas, por culpa daquelle, a encommenda não teve seguimento, porquanto, em 30 de Maio de 1535, quando já não existia Ribeiro, a rainha Isa-

bel faz reclamações a tal respeito. O padrão real só é composto em 1536 pelo piloto-mór Alonzo de Chaves. Em 9 de Novembro de 1526, o rei acceita sua invenção de bombas de metal para exgottar navios, dando-lhe uma pensão de 60.000 maravedis como recompensa.

Ribeiro falleceu, provavelmente em Sevilha, em 16 de Agosto de 1533, deixando um filho menor.

—— A' auctoria de Diogo Ribeiro são attribuidos tres mappas, que chegaram aos nossos dias: o chamado mappa de Weimar, de 1527, o de Ribeiro, de 1529, conservados estes na Bibliotheca Gran-Ducal de Weimar, e outro, tambem de 1529, que pertence aos archivos do Collegio de *Propaganda fide*, em Roma. O primeiro é anonymo, os outros trazem o nome de Ribeiro. E' desconhecido este de que nos occupamos.

E' materia controvertida que o mappa de 1527 lhe pertença. Kohl (*General-Karten*, ps. 14|22) contesta-o absolutamente, e o attribúe a Fernando Colombo; Sophus Ruge (*Entwickelung der Kartographie von Amerika*, p. 50), participa da mesma opinião, e entende que essa é a primeira charta marinha official hispanhola que chegou até nós; Harrisse (*apud* Ruge, l. c., p. 49), tem como seu auctor a Nuño Garcia Toreno, cosmographo real da Hispanha, que vivia nessa epocha; Nordenskiöld (*Periplus*, p. 154), diz que a conformidade do mappa de Weimar com o da *Propaganda* em certos detalhes de decoração prova em favor da auctoria de Ribeiro; finalmente, Rio Branco (*Second Mémoire présenté... au Gouvernement de la Confédération Suisse*, p. 54), acha que aquelle mappa deve ser attribuido ao nosso chartographo.

—— Entre os mappas de 1529 existem sensiveis differenças, razão por que Harrisse (*Discovery of North America*, paginas 569|575), os descreve separadamente. O da *Propaganda* apresenta mais larga escala do que o de Weimar, medindo desde o extremo norte do Lavrador á Terra do Fogo 1.010 mm., em vez de 700, para o mesmo numero de gráos de latitude. E' tambem mais ornamentado com arvores, aves, animaes e indios; sua nomenclatura é mais ampla, mas faltam-lhe as legendas explicativas que se lêem no outro.

A linha de demarcação em ambos, como neste, corre da *Furna grande*, sôbre a linha equinoxial, ao Norte, á Terra de Solis, ao Sul.

Na parte oriental, que o tractado de Tordesilhas attribuia á corôa portugueza occorrem no mappa da Bibliotheca Vaticana os seguintes nomes, de Norte a Sul:

C: blanco
costa de lajas
arboledos
R: de pascua
Visto de lexos
costa de paricura
Marañon
R: dela trenidad
C: daloeste
C: del mõte
caleta
furna
R: de uicête pison
C: negro
B: aparcelada (in Weimar, 1529, *apracelada*)
G: del aguada
B: hmosa (por *hermosa*)
trra del pairo (Na charta de Turim (1523?) vê-se «terra do *prairo*»)
Playa del pcel (*parcel*)
arboledas
C: de S. Roque
pernãbuco
C: de S. agustin
S. alexo
R: del lago
R: de S: franc°
uazia barriles (*Vasa-barris*)
p°: real
R: de S. hieronymo
B: de todos Stos
Rios
de los cosmos (*rio de los cosmos*, in Agnese)
R: delas estrellas
R: de S. Jorge
mõte pascual

R: delas ostias
yª de barbosa
baxos delos pargos
b: del Saluador
Sierra de S. Luzia
R: dela Judia
R: del estremo (*rio delestremo,* in Agnese)
pº de S. sebastiã
Rio
R: dela cananea (*Canas,* in Weimar 1529; Harrisse, *Discovery,* p. 573, suggere dubitativamente *canoas*).
R: de S. Franc.º
Rios
y: de S. catalina
pº de patos
G: delos patos
R: de negros
C: de Juã de lixboa
areçifes
C: de S. mª
trra de Solis

De rios interiores são mencionados:

R: de carcarana (*R. de caracana,* in Weimar, 1529)
R: negro de uruay
R: de parana
R: de epiti
R: de paraguay.

Afastados das costas vê-se:

penedo de s. p.º (*S. Pedro*)
yª de fernã de loroña
baxos de Juã de braga
yª de s: mª dagosto. (*ilha da Ascensão*)

BIBLIOGRAPHIA:

Consulte-se:

KOHL, JOHANN G.: *Die beiden ältesten General-Karten von Amerika* — Weimar, 1860.

HAMY, ERNEST THÉODORE: *Note sur la mappe-monde de go Ribero* (1529) *conservée au Musée de Propagande fide.*

— In «Bulletin de Géographie historique et descriptive» — Paris, 1887.

HARRISSE, HENRY : *The Discovery of North America.* Paris and London, 1892.

RUGE, DR. SOPHUS : *Die Entwickelung der Kartographie von Amerika bis 1570.* In «Petermanns Mitteilungen», Ergäzungsband XXIII, 1893.

WIESER, FRANZ VON : *Die Karte des Bartolomeo Colombo über die vierte Reise des Admirals.* — Innsbruck, 1893.

PEUCKER, CARL : *Discovery of a map by Colombus.* In «The Geographical Journal» — London, Jan. 1894.

NORDENSKIÖLD, A. E. : *Periplus. An Essay to the early history of charts and sailings directions.* — Stockholm, 1897.

RIO BRANCO, BARÃO DO : *Second Mémoire présenté par les E'tats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse.* Tome I.er — Berne, 1899.

Sentence du Conseil Fédéral Suisse dans la Question des Frontières de la Guyane Française et du Brésil — Berne, 1900.

STEVENSON, E. L. : *Maps illustrating early Discovery and Exploration in America.* — Worcester, Mass., 1903.

STEVENSON, E. L. : *Early spanish cartography of the New World with special reference to the Wolfenbüttel-Spanish map and the work of Diego Ribero...* — Worcester, Mass., 1909.

PHILLIPS, PHILIP LEE : *A descriptive List of maps of the Spanish Possessions within the present limits of the United States, 1502-1820, by Woodbury.* — Edited with notes by... — Washington, 1912.

—— Eixste do mappa da *Propaganda* uma reproducção fac-similar em côres e ouro, de 60 x 140 cm., por W. Griggs, em Londres.

B — PLANISPHERIO DE GEROLAMO DA VERRAZZANO. MS. EM PERGAMINHO DE 260 x 130 CM. ASSIGNADO: «HIERONEMVS DE VERRAZZANO FACIEBAT». SEM DATA. PARTE SUL-AMERICANA DO ORIGINAL EXISTENTE NA BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA, EM ROMA.

—— Gerolamo, ou Hieronymo da Verrazzano, chartographo florentino, era ermão de Giovanni da Verrazzano, o navegante que descobriu de fins de Dezembro de 1523 a principios de Julho de 1524, em nome de Francisco I da França, a

parte do hemispherio septentrional americano designada nos mappas quinhentistas com a denominação de *Terra Francesca.* Giovanni esteve na Normandia, em Honfleur ou Rouen, em 1526. Em Novembro do anno seguinte, sob a accusação de exercer pirataria, foi enforcado em Colmenar de Arenas, Castelha, por ordem de Carlos V.

A legenda inscripta na parte superior do mappa, para assignalar a Terra Francesca: « VERRAZANA SIVE NOVA GALLIA QUALE DISCOPRI 5 ANNI FA GIOVANNI DA VERRAZANO FIORENTINO PER ORDINE ET COMMANDAMENTO DEL CHRYSTIANISSIMO RE DI FRANCIA », — estabelece a data de sua composição em 1529, conforme deduz Nordenskiöld (*Periplus*, p. 155). O facto de todos os nomes e inscripções virem em lingua italiana, indica para Harrisse (*Discovery*, p. 576), que o mappa não foi feito na França nem por francez, mas na Italia, para onde Hieronymo provavelmente voltára, após a morte de seu ermão, de quem fôra herdeiro. Ainda para essa última auctoridade, o planispherio de Verrazzano procede de um prototypo que se relaciona com o de Visconte de Maggiolo, de 1527. Si a configuração do Nordéste em ambos esses mappas se approxima das chartas de Weimar, a nomenclatura é mais rica e tambem differente. E' digno de nota para Harrisse que, enquanto ao longo da costa no mappa de Verrazzano se acham inscriptos noventa e oito nomes, a charta de Ribeiro, que foi feita ao mesmo tempo, exhibe apenas quarenta e oito. Isso com relação ao hemispherio septentrional. Quanto á parte do Sul, vê-se que a linha equatorial está convenientemente situada sôbre a bocca do Amazonas; observa-se tambem que a nomenclatura é ahi muito abundante.

Considerando apenas o littoral brasileiro, que é o que nos interessa, temos, entre muitos outros, os seguintes nomes principaes, de Norte a Sul:

baia disantantonio
Rio da sclauo
Rio dellatrinita
c domonte
c basso
c bianco

c Santo Rocco
c di Santamaria
c de Santagostino
Sammicell (*S. Miguel*)
Rio disanfrancisco
baia disanfr.º
nazareth
Samgermano
monte fragoso
g detodo Santos
Sam Jorge
Rio pequenho
R. deStrella
Rio do brasil
monte pasquall
c frio
Rio formoso
Serra desantórno
Rio de santa-lucia
Laplata
sanmarino
g de santa lucia
cananea
montana
Rio dos pattos
Rio desolis.

As ilhas brasileiras occorrem com os seguintes nomes:

Fernan de loronna
s spirito
assencion (*Santa Maria de Agosto*, em outros mappas).
s Joanni
aprilochio (*Abrolhos*).

O planispherio de Verrazzano é a primeira charta italiana que consigna a denominação: « Tierra America », collocada ao Norte, em terras que as armas castelhanas dominam. O Brasil vem nomeado *Verzino*, de seu equivalente na lingua do chartographo.

BIBLIOGRAPHIA :

Consulte-se:

HAKLUYT, RICHARD: *Divers voyages touching the discovery of America and the islands adjacent. Collected and published by .... in the year 1582. — Edited with notes and an introduction, by John Winter Jones.* — London, for the Haklut society, 1850.

BREVOORT, JAMES CARSON : *Verrazano, the Navigator.* — New-York, 1874. (Com uma reproducção do mappa, incompleta e em escala reduzida.)

MURPHY, HENRY C. : *Voyage of Verrazzano.* — New-York, 1875.

UZIELLI, G. E SAN FILIPPO, P. AMAT DI : *Studi biografici, e bibliografici sulla storia della geografia in Italia* — Roma, 1875.

MAJOR, RICHARD HENRY : *Verrazzano.* — In «The Geographical Magazine», v. 3. — London, 1876.

COSTA, BENJAMIN FRANKLIN DA: *Verrazano, the explorer: being a vindication of his letter and voyage, with an examination of the map of Hieronimo da Verrazano*, etc. — New-York, 1880.

Riproduzione della carta del Verrazzano del Collegio di Propaganda fide in Roma. — In «Raccolta di documenti e studi publicati dalla R. Commissione Colombiana pel quarto centenario dalla scoperta dell'America». — Roma, 1892.

HARRISSE, HENRY : *The Discovery*, cit.

HARRISSE, HENRY : *Un nouveau globe Verrazanien.* — Paris, 1895.

HARRISSE, HENRY : *La cartographie Verrazanienne.* — In «Revue de Géographie», Paris, Nov. 1896.

NORDENSKIÖLD, A. E. : *Periplus*, cit.

GRAVIER, GABRIEL: *Les voyages de Giovanni Verrazano sur les côtes d'Amérique avec des marins normands, pour le compte du roi de France en 1524-1528.* — Rouen, 1898.

C — Grande charta sem nome do chartographo e sem data, de 212 x 147,5 cm. Ms. em pergaminho. Cópia photographica da parte sul-americana.

—— O bibliothecario da Bibliotheca Apostolica Vaticana, o erudito monsenhor Giovanni Mercati, em communicação datada de 14 de Agosto de 1919, ao dr. Figueira de Mello, admitte como auctor dessa charta Battista Agnese. A' falta de elementos sufficientes para decidir de plano dessa auctoria, não vemos tambem como impugná-la, tanto mais quanto a favorecem certas circunstancias intrinsecas que havemos de estudar.

Battista Agnese foi um chartographo genovez que exerceu sua profissão em Veneza, entre 1536 e 1564. Foi dos mais prolificos desenhadores de chartas geographicas do seculo XVI. Seus trabalhos distinguem-se pela elegancia e perfeição technica, com que são compostos, e que fazem delles verdadeiras obras primas; seu merito scientifico, entretanto, é consideravelmente inferior ao seu valor artistico. Sente-se que suas chartas e portulanos não se destinavam ao uso dos marinheiros, mas ás bibliothecas de individuos ricos, como objectos decorativos.

Harrisse (*Discovery*, ps. 626|630), menciona varios atlas e mappas de Agnese, ou que lhe são attribuidos; Phillips (*Descriptive List*. ps. 42, 48|50), relaciona quatro mappas, dos quaes só um traz a assignatura do auctor. Entre os atlas de que o primeiro dá noticia está um de dezesete folhas com quatorze mappas, de 510 X 360 mm., pertencente aos archivos do Collegio de *Propaganda fide*.

Da charta a que nos referimos não existe menção nesses auctores, nem em quantos compulsámos. Entretanto, considerando o acabamento artistico desse documento, a configuração geographica, a nomenclatura e a calligraphia, e comparando-o com varios outros da auctoria incontestavel de Agnese, somos inclinados, salvo melhor juizo, a leva-lo á conta do operoso chartographo genovez.

— A parte reproduzida contém a designação geral — Mudvs Novvs; ao occidente — Perv — Provintia, vendo-se em miniatura a figura de um rei coroado, empunhando um sceptro abaixo da qual se lê : Rex. Atabalpa, reportando-se natural-

mente ao rei Atahualpa, o ultimo dos Incas, estrangulado por ordem de Pizarro em 1533. A figura desse rei é mera phantasia do chartographo, pois apresenta-o sob a fórma de um monarcha europeu, de longas barbas e aspecto veneravel. Ao centro vê-se representada uma larga cadeia de montanhas, de onde desce serpeando um affluente do rio da Plata. O nome do *Brasil* vem sob uma espessa floresta.

A linha equatorial passa um pouco além da foz de um grande rio sem nome, que deve ser o Amazonas; a de demarcação corre das vizinhanças da *Furna grande*, ao Norte, á fóz do rio da Plata, ao Sul, proximo do cabo de Sancta Maria.

De Norte a Sul succedem-se, entre outros, dentro da demarcação de Portugal, os seguintes nomes:

alboleds
rio dapasqua
uisto delexo
c. negro
c. plazelada
Agua dela aguada
terra de pairo
praia de prazel
c. de s. roque
pernãbucho
c. de s. agustin
Rio del lago
rio de s. francisco
nazareth
pracell
s. hieronimo
baina (?) de todos S.
rio de los cosmos
m. pasqual
rio do brazill
baya d. Espargos
baina (?) de Schiavos
porto de S. lucas
rio dela mar
rio delestremo

p. de sansebastiã
rio d. d. s. francescho
delos patos
rio delos fragosi
c. de s. maria.

Das ilhas brasileiras são apenas nomeadas:

y. de fernando lorogna
y. de s. maria dagosto. (O mesmo in Ribeiro da Propaganda.)

BIBLIOGRAPHIA:

Consulte-se:

PESCHEL, OSKAR: *Ueber eine italianische Welt-karte.* In «Elfter Yahrsbericht»... — Leipzig, 1872.

SPITZER, FREDERIC, ET WIENER, CHARLES: *Portulan de Charles-Quint donné à Philippe II.* — Paris, 1875.

UZIELLI, G., E SAN FILIPPO, P. AMAT DI: *Etudi biografici*, cit.

UZIELLI, G. E SAN FILIPPO, P. AMAT DI: *Elenco degli atlanti, planisferi e carte nautiche* — Roma, 1882.

GAFFAREL, PAUL JACQUES: *Le portulan de Malartic.* — Dijon, 1889.

HARRISSE, HENRY: The *Discovery*, cit..

KRETSCHMER, KONRAD: *Die Atlanten des Battista Agnese.* — Berlim, 1896.

PHILLIPS, PHILLIP LEE: *A Descriptive List*, cit.

GARCIA MORENO
(ESTADISTA CATHOLICO)

POR

ANNIBAL VELLOSO REBELLO
(Socio correspondente do Instituto)

A presente Memoria do nosso illustre consocio, sr. Annibal Velloso Rebello é dedicada ao estudo de um dos estadistas sul-americanos de maior vulto na Historia do nosso continente, Garcia Moreno.

Depois de algumas páginas votadas á historia primitiva do Equador, antes colonia hispanhola, depois Republica autonoma, o auctor traça o perfil de seu heroe, desenha a situação do paiz antes do periodo de seu govêrno presidencial, e o accompanha desde que assumiu as redeas do govêrno equatoriano, até o fatal desfecho de sua vida.

E' um estudo completo sôbre o illustre homem politico, que a notabilissimas qualidades de administrador uniu defeitos e sinões, que a Critica não póde calar.

(Da Direcção).

INTRODUCÇÃO

Vamos narrar succintamente a vida de uma personalidade, não só representativa do seu paiz, como de todo o continente americano.

Não nos referimos ás suas idéas politicas, condemnadas por uns, exaltadas por outros.

A sua capacidade e privilegiada organização para o trabalho social, dotada de faculdades multiplices, o collocam no pedestal da Historia como uma das suas figuras de bronze.

Factor importante dos acontecimentos historicos é o espirito dos povos, e, no que diz respeito á formação politica destes, os philosophos ainda não conseguiram chegar a um accôrdo sôbre o systema mais perfeito.

Não se póde applicar a Garcia Moreno o julgamento severo, que fez delle apenas um tyranno, sem indagar das condições do meio em que figurou, como promotor de uma verdadeira revolução moral, como expoente de uma nação culta, que governou com inexcedivel valor.

Jurisconsulto, jornalista, poeta, litterato, diplomata e guerreiro, Garcia Moreno foi principalmente grande como estadista e estadista catholico.

Ao serviço desse ideal pôz elle todos os seus bons e máos sentimentos. Raros foram os que assim procederam, quando se julgaram predestinados para alguma grande causa. Para abrir caminho aos tropeços que encontrou da opposição, practicou actos crueis e desnecessarios.

Neste número contam-se a execução do general Maldonado, a bofetada no ministro Bustamante, a prisão injusta de João Borja, a restituição arbitraria de uma fortuna mal adquirida pelo general Flores e a applicação das chicotadas humilhantes

no negro Ayarza, guindado pela sua bravura ao posto de general do exército equatoriano.

Isto não impediu que Juan Montalvo, o seu maior inimigo e a maior gloria das lettras da sua patria, o Cervantes americano, reconhecesse nelle valor.

« Foi tyranno, escreveu na primeira das suas *Catilinarias*, foi intelligencia, audacia, impeto ; suas acções foram sempre consumadas com admiravel franqueza. Foi ambicioso, muito ambicioso de mando, poder, predominio...» e, comparando-o com Ignacio Veintimilla, para denegrir o procedimento deste, atirou-lhe ao rosto com a honestidade da administração de Garcia Moreno.

Mas, Montalvo foi polemista terrivel, que atacou, com a sua « penna de fogo », não só o govêrno desse general illetrado, como as presidencias de Urbina, de Garcia Moreno e de Borrero. Não escreveu, esculpiu, diz delle Vargas Vila no prefacio das suas melhores obras. « Os tyrannos immortalizados pela sua penna, são baixos relevos grotescos e sombrios, no frontespicio da Historia.»

A cada uma dessas presidencias corresponde uma campanha feita de frente pela sua penna, pelo *Cosmopolita*, pelo *Regenerador* e pelas *Catilinarias*, campanha de ferro em braza, que procura e consegue revolucionar a opinião pública.

E' conhecida a exclamação triumphante de Montalvo após o assassinato de Garcia Moreno: « Minha penna matou-o ».

Muitas foram as sentenças de morte lavradas por Montalvo contra Garcia Moreno, e entre ellas esta: « Confundimos os principios de justiça, sem levarmos em conta os de moral; attentamos contra a vida dos bons, dos grandes, e deixamos vivér os perversos, os ruins prejudiciaes. Para um Bolivar mais de um punhal, para um Garcia Moreno bençãos ». Apesar disto, fez-lhe tardiamente justiça, e chegou mesmo a escrever que « elle nascera mais para sabio do que para estadista », palavras estas que mostram que elle pesava devidamente a intelligencia e a cultura de Garcia Moreno.

O célebre auctor dos *Sete Tratados* confessou no seu *Diario Intimo* (Paris, 1870), que, si tivesse jurisdicção para condemnar, condemnaria o hypocrita, a peior das maldades, sendo a que pretende parecer bondade, nada desagradando mais

ao bom Deus do que ouvir o malvado fallar como homem virtuoso, nada sendo mais cynico do que dizer o bem quando precisamente se projecta executar o abominavel.

Reconheceu a franqueza do antagonista, que elle viria a matar com as suas flechas pamphletarias e excluiu-o dessa maldade que elle tanto abominava.

A dissimulação religiosa foi, entretanto, uma das maiores accusações que pezaram sôbre Garcia Moreno. Roberto Andrade, seu supremo accusador, pretendeu até apresenta-lo como homem immoral. Verdade é que as maiores accusações assacadas por esse publicista baseiam-se em intrigas de uma puerilidade infantil, em comadrices de aldeia, contadas e repetidas por pessoas que nem siquer foram testimunhas oculares.

Verdade é tambem que Roberto Andrade, que annos mais tarde viria a condemnar o assassinato politico quando escreveu a defesa da memoria do chefe do seu partido, o general Eloy Alfaro, é apontado como um dos assassinos de Garcia Moreno.

Pedro Moncayo, jurisconsulto, politico e historiador e, acima de tudo, grande patriota, não pensava assim. Escreveu outro libello contra o presidente catholico — O Equador de 1825 a 1875 —, no qual repelle essa accusação, talvez sem esse proposito, affirmando á pag. 265 que «Garcia Moreno era um crente cabeçudo da edade média, que poucas vezes transigia com os liberaes».

Em uma só página resumiu Juan Leon Mera, chefe de uma familia que ainda hoje illustra as lettras equatorianas, toda a defesa de Garcia Moreno, que, attingindo apenas á perfeição relativa e humana, adquiriu, pelas suas obras, o direito de occupar um lugar no templo da immortalidade.

«Si junctarmos quanto defeito e vicio tiveram os grandes homens, escrevia o notavel critico de Ambato, quantos erros commetteram e quanto delicto lhes afeiou a conducta, lançando ao esquecimento as virtudes que possuiram, os beneficios que fizeram aos povos e a magnitude e o numero das suas façanhas, o esplendor de que se cercaram, qual delles subsistiria de pé sôbre o pedestal da fama? quaes as glorias com que ficaria o mundo, quaes os nomes veneraveis que nos ensinaria a historia civil, politica e militar das nações?

De Alexandre a Cesar, de Constantino a Napoleão, de Bolivar a Garcia Moreno, verificariamos um desmoronamento espantoso de grandezas, um eclipse total de glorias, que encheriam o coração humano de pesar e de desánimo.»

* * *

Quanta verdade encerram esses conceitos do auctor de *Cumandá,* a mais célebre das novellas equatorianas !

O mais documentado dos biographos de Garcia Moreno e que sôbre a sua vida escreveu uma obra antes da propaganda religiosa, o rvmo. padre A. Berthe, teve que pôr em fóco todos os ponctos fracos da vida do Libertador. Dissecou-a toda, desde os primeiros annos de infancia, desde que o seu espirito recebeu na Europa as primeiras luzes do professorado revolucionario.

Concluiu, attribuindo o seu rasgo libertador á influencia de fanaticos como Voltaire e Rousseau. Concluiu pelas luctas partidarias de Simon Bolivar e o seu consequente desánimo e arrependimento pela attitude tão heroica que creou um novo mundo livre !

O proprio Bonaparte, resplendor da patria franceza, não escapou á ironia da sua penna que, antes de ser a de um padre, é a de um francez, que por isso mesmo devia zelar muito esse patrimonio de glorias nacionaes.

E assim nos conta, com as armas do sarcasmo, sem um adjectivo heroico para aquellas com que, o grande Corso venceu o mundo, que um dia Bonaparte republicano fez-se proclamar Napoleão imperador !

* * *

Muito se escreveu sôbre Garcia Moreno antes e depois da sua morte. No Equador, na Allemanha, na França, na Italia, nos Estados Unidos, no Chile, na Colombia, no Perú e na America Central a imprensa catholica vestiu-se de luto, e muitas corôas, symbolos de veneração e de saudade, foram pelas primeiras pennas catholicas depostas sôbre o ataúde do presidente assassinado. Pio IX, da sua prisão, chorou sinceramente a morte desse filho dilecto da Egreja, victima da sua *fé e da sua caridade christã para com a Patria.* Honrou a

sua memoria com solennes exequias, celebradas na presença de catholicos, que acudiram de todos os pontos do mundo.

Logo após a sua morte, o Congresso Equatoriano dirigiu sentida mensagem á Nação. Com ella lamentou «a perda desse grande homem, não só para o Equador, mas tambem para a America, e não só para a America, mas para o mundo inteiro, porque a grandeza do genio não está circunscripta a um só povo, pertence a todos os povos e a todos os seculos e brilha como o sol que derrama a sua luz sôbre todo o genero humano».

Catholicos eram os senadores e deputados que firmaram esse manifesto politico, desde os presidentes das duas casas do Parlamento até os representantes das mais longinquas provincias.

Não houve receio algum de que a onda revolucionaria viesse a mudar a feição politico-religiosa mantida durante 15 annos pela omnipotencia de Garcia Moreno.

«Sim, compatriota, exclamaram os Congressistas, o Senhor Garcia Moreno era um genio atormentado por duas divinas paixões: o amor ao Catholicismo e o amor á Patria, e si pelo primeiro foi grande para o Equador, pelo segundo foi ainda maior para a America e para o mundo.»

E essa mensagem não foi apenas a expressão de sentimentos platonicos.

Um decreto immediato proclamou Garcia Moreno illustre *regenerador da patria e martyr da civilização catholica*, inscripção para ser gravada em uma estatua, que seria destinada a elevar os seus serviços, prestados á patria, á consideração e á estima da posteridade.

Ao mesmo tempo, em Roma, o bispo de Fossano lançava a idéa de que um busto do estadista figurasse na bibliotheca do Vaticano e *L'Unitá Cattolica* registava, para esse fim, nas suas columnas, uma subscripção aberta pelo papa, com a somma de duas mil liras. Os fieis encheram a lista, e esse monumento á memoria do presidente catholico veio a ser collocado afinal no Collegio Pio-Latino-Americano de Roma.

Ao redor do seu cadaver descobria-se assim uma popularidade respeitosa, fazendo justiça á sua honradez sem limites. Esta foi talvez maior do que a que elle gozou em vida.

* * *

Escravo das leis divinas, inimigo do pensamento autonomo, a sua unica concepção da liberdade encerrava-se naquella definição de Cicero.

E implantou no Equador a escravidão ás leis. «Liberdade para tudo e para todos, menos para o mal e para os malfeitores», foi a sua divisa.

Trabalhador incansavel, sem proveito proprio, elle desprezou a fortuna e a propria gloria. Os preceitos da sua religião impunham-lhe vida de abnegação e de coragem. Não descansava. Lia constantemente a *Imitação de Jesus Christo*. As suas horas de lazer eram destinadas ás prácticas religiosas.

Não havia dia em que não reunisse toda a familia, mesmo os parentes mais afastados, e os serviçaes, e em que com elles não rezasse o rosario. Nos domingos e nos dias de festa completava a ceremonia religiosa com um sermão sôbre as doutrinas do Christianismo, recitado com voz sonora e penetrante.

Nesses momentos pedia a Deus que o inspirasse para que exercesse o poder com sabedoria e justiça. Vê-se até que poncto era constante e firme o seu espirito nas crenças, com que fôra educado desde os mais tenros annos. A sua piedade, no dizer de todos os catholicos, era das mais sinceras.

Governou o Estado como catholico.

A sua dialectica era toda moldada pela dos apostolos do Christianismo. A imprensa applaudia-o. Tractou-o como homem providencial e como apostolo da regeneração.

Todos os problemas da sua administração, na paz como na guerra, todos os seus actos publicos, a applicação de melhoramentos nas sciencias, nas lettras e nas artes do seu paiz, foram por elle subordinados aos preceitos da religião catholica.

E jamais attribuiu os seus triumphos aos proprios meritos, mas á Providencia, considerando o seu exfôrço oriundo da bondade divina e amparado pelas fôrças collectivas. O aperfeiçoamento material e intellectual era para elle apenas um meio de attingir ao progresso moral.

Morto o poder temporal dos papas, em 1870, a sua voz se elevou a favor de Pio IX em um protesto vehemente. A'

derrota papal, coincidindo com a decadencia da França, deve ter causado profunda impressão no espirito de Garcia Moreno, cuja politica catholica tornou-se ainda mais intensa, acabando por consagrar a Republica do Equador, em um decreto publicado em 1873, ao Sagrado Coração de Jesus, seu patrono e protector.

Si não interpretou fielmente os sentimentos de todos os seus concidadãos, pretendeu implantar no seio da patria os germes fecundos de uma civilização christã.

Desde os seus primeiros tempos de existencia, muito antes do estabelecimento do reino de Quito, as populações que habitavam o Perú e o Equador manifestaram tendencias religiosas expressas por um sem numero de ficções.

Não chegaram a ter uma concepção do infinito, mas acreditavam no poder sobrenatural de uma divindade incorporea. Deus chamou-se para ellas, *Con*. Este creador supremo, depois de ter creado o mundo, atravessou as duas Americas.

A fôrça da sua palavra e da sua vontade eram tão grandes que alteava os valles e arrazava os montes.

Não pensaram em um paraiso terrestre, mas acreditavam em um castigo, por desobediencia aos preceitos divinos, que os transformou em animaes diabolicos, até que a graça compadecida de um Redemptor lhes restituiu as fórmas humanas e a abundancia que haviam gozado.

A este Redemptor deram o nome de Pchá-Camac, filho de *Con*. Em sua honra construiram formosos templos, nos quaes se entregaram a prácticas e a sacrificios religiosos, até que com o correr dos seculos estes cederam o seu logar aos de outras religiões de menos sublimidade e poesia.

No seculo XI abandonaram esse culto, devido ás predicas interesseiras do fundador do Imperio dos Incas. Adoraram o Sol e multiplicaram os seus deuses em varios soes, entre os quaes Manco-Capac, o primeiro do Imperio, que se fez passar por um dos filhos do grande astro luminoso. Filho do Sol, elle e sua mulher Coya Mama Cello Huco, ao mesmo tempo que sua ermã filha da Lua, fundaram um grande imperio.

Os Incas contavam que, depois do diluvio que elles ignoravam si fôra universal ou parcial, um homem appareceu tão poderoso, que dividiu o mundo em quatro partes, doando-as

a quatro reis, que se chamaram Manco-Capac, Colla, Tocay e Pinahua. A parte septentrional, cujo centro foi a cidade de Cuzco, coube ao primeiro delles, o primeiro dos Incas, de quem os que lhe succederam no throno foram descendentes.

A opinião do historiador dos reis do Perú, o Inca Garcilasso de la Vega, é que tudo isso não passa de uma fabula. De resto, todos os historiadores desse Imperio cáem em innumeras contradicções.

Varios historiadores americanos contam, porém, que Manco-Capac instruiu os seus subditos nos principios de Moral, ensinando-lhes os bons costumes, incutindo-lhes sentimentos altruistas para que não fizessem aos seus similhantes o que estrictamente não desejassem para si mesmos. Estabeleceu a união com uma só mulher, para que fosse respeitada a honestidade das familias, até então compromettida. Essa religião, com todas as suas idolatrias e superstições, propagou-se pelas costas do Pacifico e fixou-se no centro das Cordilheiras.

Quito, como se sabe, foi nos ultimos tempos do Imperio dos Incas a sua capital, e tão unidos se achavam os dous povos que abriram uma estrada directa, ligando essa capital com á cidade de Cuzco.

No meio dessa natureza privilegiada, protegida por montanhas, cuja altura se perde de vista, a imaginação do homem como que abstrahe do mundo inteiro; os seus olhos estão sempre postos nessa maravilhosa cadeia de vulcões, na attitude apparente de repouso, que lhes dão as neves eternas que cobrem as suas crateras, mas promptos para abalarem a terra a todo o momento numa extensão de 200 leguas. Já Humboldt dizia que era essa uma das fornalhas da terra, que mais ameaçavam o homem.

O eminente equatoriano sr. Pedro Firmin Cevallos, que estudou o govêrno, a religião, o relativo adeantamento dos conhecimentos scientificos e artisticos dos Incas, verificou que elles tinham em alto apreço o sentimento da dignidade humana e uma cultura muito superior á de outros povos seus contemporaneos no mesmo continente. La Condamine constatou que a linguagem usada pelos primeiros habitantes do Perú era

energica e susceptivel de elegancia, muito diversa da que fallavam os outros indios da America Meridional.

Propensas á superstição sempre foram essas populações; tradicionalistas em extremo, continuam a ser; mas ha differenças profundas que separam as que vivem na costa das que se encontram cercadas pelas Cordilheiras.

Ainda hoje as sociedades verdadeiramente liberaes são as que habitam o littoral.

* * *

Ha várias especies de tyrannos. O verdadeiro tyranno é, porém, aquelle que nos seus crueis triumphos apenas busca vantagens proprias.

Outros eram os designios de Garcia Moreno, pois que pensava antes na patria e na humanidade. Não foi cruel sinão quando as circunstancias, isto é, as opposições que não partilhavam dos seus sentimentos religiosos o forçaram a practicar actos de tyrannia. Outro não foi o proceder dos primeiros conquistadores, quando pretenderam implantar a civilização christã em nome de um rei catholico. Outro não foi o proceder do grande Bolivar para esmagar até a última das cabeças da hydra do realismo na America.

Garcia Moreno não foi o unico presidente, dominado pelo espirito religioso, que governou o Equador. Foi, sim, o unico verdadeiramente sectario. Elle mesmo o confessa, quando foram expulsos os Jesuitas, escrevendo a defesa destes, que lhe deu grande celebridade.

«Não faltará quem me chame *fanatico*. Sou catholico, o que considero uma gloria; amo sinceramente minha patria e tenho o dever de contribuir para a sua felicidade; assim, por minhas idéas religiosas e por meus sentimentos de patriotismo não pude guardar silencio em uma questão em que minha crença e o meu paiz acham-se egualmente interessados, este pela imperiosa necessidade de civilização, e aquella pela gloria e honra da Egreja.»

Estavam nas mãos da Companhia de Jesus, para elle, a instrucção das populações indigenas e o proprio futuro da sua patria. Era incansavel a proclamar os meritos dessa Ordem, a melhor educadora de quasi toda a juventude catholica

e de parte da protestante, na Suissa e nos Estados Unidos, de cujos collegios saïam sempre optimos cidadãos e republicanos sinceros.

Dizem que a mãe de Garcia Moreno, pelas suas convicções monarchicas, fôra contrária ao movimento da emancipação. E esta attitude muito deve ter influido na orientação, que foi dada á educação de Garcia Moreno.

Ponto de alta relevancia para os Equatorianos é o da sua independencia. Parece que a iniciativa do movimento emancipador hispano-americano partiu do povo de Quito. A data de 10 de Agosto de 1809 é sempre recordada como o exemplo que serviu para que as demais colonias hispanholas proclamassem a sua independencia. Galardoaram a valorosa cidade com as heroicas denominações de Primogenita da Independencia e de Quito-Luz da America (1).

Elle parecia temer que o seu republicanismo fosse posto em dúvida e aproveitou varias occasiões para fazer profissão de fé politica.

« *Como republicano, por convicção e democrata de coração,* prosegue elle na sua defesa dos Jesuitas, desejei que a luz da civilização christã diffundisse seus raios em nosso horizonte tenebroso; e julguei-me feliz no dia em que os Jesuitas respiraram o ar de minha patria, persuadido com razão de que contribuiriam efficazmente para destruir a ignorancia em que nos deixou o regime colonial e a corrupção que nos foi legada por 40 annos de guerra e de anarchia. Si houver entre nós um govêrno que saiba dar impulso á nossa imperfeita e decadente instrucção pública e a extenda por todos os pontos do Estado ao alcance do pobre e do desvalido, um govêrno que, respeitando a Religião e a Humanidade, não permitta que a opprimida e numerosa raça indigena continue, como até agora, reduzida a classe de envilecidos párias, sem mais direitos politicos que o privilegio exclusivo do tributo e as honras de

---

(1) Esta versão é contestada por alguns historiadores. O general Mitre, na sua *Historia de San Martin*, attribue o primeiro grito de independencia á cidade de Chuquisaca, na Bolivia. O sr. Luis Arce, que é da mesma opinião, sujeitou essa questão historica á discussão do 1º Congresso Scientifico Pan Americano, reunido em Santiago do Chile. Outros dão a prioridade á cidade de La Paz.

animal de carga; um govêrno que se proponha fechar a era das perturbações, das dictaduras e das prescripções, e fazer com que o paiz prospere á sombra de uma paz ditosa; um govêrno, enfim, que se envergonhe de que o nome equatoriano seja o escarneo da America e o desprêzo da Europa; dirá á Companhia de Jesus: «Ide e ensinae, despertae o povo do lethargo do embrutecimento; abri os olhos deste soberano adormecido, para que não deixe arrebatarem-lhe o sceptro; difundi o saber e a piedade desde as praias do Pacifico até ás margens do Amazonas; chamae ao seio da fé e da vida social as tribus selvagens que povoam nossas selvas orientaes, e preparae as gerações nascentes para a futura felicidade deste paiz desgraçado». Então, sim, pelo influxo civilizador do Christianismo, as discordias civis desappareceriam ou ao menos perderiam o character de odio e de furor, com que hoje se ostentam; terminaria a soberania do sabre, e a arvore da liberdade não seria uma arvore de baionettas».

Isto foi escripto nos primeiros annos da sua vida pública.

E, de facto, foi elle o vencedor do militarismo de 30 annos, que conseguiu formar um exercito subordinado a disciplina severa e a uma moral opposta á demagogia. Catholicos foram outros presidentes, e entre estes o proprio Vicente Rocafuerte, apezar de subordinado á philosophia do seu tempo, moldada pelos principios da Revolução Franceza e de ter sido até accusado de haver procurado introduzir o protestantismo no Equador, e o dr. Borrero, que pelo seu character indeciso creou uma situação repudiada por todos os partidos, que o depuzeram para que a presidencia fosse ter ás mãos do general Veintimilla.

Ambos juraram proteger a Religião catholica, apostolica, *romana, com exclusão de qualquer outra.*

Rocafuerte, muito sympathico aos que então partilhavam de idéas avançadas, chegou a prohibir a leitura de livros que attentassem contra a Moral evangelica.

O general Flores, a quem os Equatorianos confiaram a primeira presidencia na Convenção de Riobamba e que decretou a primeira Constituição, escreveu em 1840, quando o Congresso o chamou novamente ao poder, que não estava disposto a consentir mais que na Republica duas auctoridades se fizessem

obedecer, uma em Roma e outra no Equador. E defendeu-se dizendo que herege significava no vocabulario do seculo XIX homem illustrado, cuja razão é superior aos erros que um clero astuto sabe cobrir com o manto do egoismo religioso para enganar os povos e tirar-lhes o dinheiro de que necessita.

São muito curiosas essas palavras de Flores, si attentarmos em que elle se apossou fraudulentamente de toda a fortuna de um fazendeiro de Babaoyo, sr. Miguel Anzoategui, deixando uma familia inteira, até então abastada, na mais extrema das miserias. Os tribunaes repararam mais tarde essa expoliação. Garcia Moreno, porém, cego pela paixão partidaria e por conveniencia politica, exqueceu-se de que era tambem jurisconsulto, desrespeitou a auctoridade judiciaria e restituiu a fortuna ao usurpador, a quem antes elle fizera uma opposição terrivel por meio de jornaes e pamphletos, tractando-o como bandido.

Flores, desterrado, preparava-se então para invadir o territorio equatoriano. Garcia Moreno, pelo *El Vengador*, aconselhava ao Ministerio que confiscasse a fortuna do invasor, e baseado em principios do Direito Internacional, declarava confiscaveis *jure belli* todas as suas propriedades existentes no Equador.

Flores era homem de rara habilidade politica.

Não foi Garcia Moreno o unico presidente que procurou alliança com o venezuelano fundador da Republica, varias vezes transformado em caudilho audacioso. Rocafuerte, que tinha uma alma pura e illustração que atravessou as fronteiras da sua patria para dar-lhe invejavel reputação internacional, caïu nessa mesma contradicção, a maior da sua vida de estadista.

* * *

Personagem digno da Historia, assim Louis Veuillot classificou Garcia Moreno em um artigo publicado em *L'Univers*, pouco depois da sua morte.

Póde-se resumir neste quadro as principaes obras de utilidade pública com que Garcia Moreno dotou o Equador:

Reforma da Constituição.

Conversão das rendas das Alfandegas em renda nacional.

A representação nacional baseada na população e não nos districtos.

Estabelecimento de um Tribunal de Contas.

Fundação da Escola Polytechnica.

Creação de um Observatorio astronomico, servido por instrumentos possantes e o primeiro da America pela sua situação excepcional.

Construcção de estradas practicaveis, sendo a principal a que vai de Quito a Guayaquil por um caminho mais do que accidentado.

Erecção de quatro bispados.

Concordata com a Sancta Sé.

Reforma do Clero regular.

Estabelecimento de pharóes em Guayaquil.

Reforma de todos os ramos da administração pública.

Creação de collegios para ambos os sexos.

Creação de hospitaes, tendo se feito nomear director do de Quito.

Creação de gabinetes de sciencias e de museus.

Convenções postaes com diversos Estados.

E, finalmente, embellezamento das cidades e da capital que, com o seu ar senhorial, ostenta praças e jardins de gôsto inteiramente moderno.

No meio de vida tão trabalhosa, vencendo innumeras conspirações, assegurando a paz por meio da fôrça, sobrava-lhe tempo para quotidianamente illustrar o seu espirito nos conhecimentos litterarios e scientificos.

Era forte nas Mathematicas. Conhecia a fundo os antigos classicos latinos, cujos trechos citava repetidamente de cór. Cultivou todos os generos da Eloquencia, principalmente a guerreira, de que se serviu para as suas victorias. Fez-se explorador e conheceu, com risco da propria vida, as profundezas dos vulcões Pichincha e Sanguay, escrevendo interessantes communicações, que dirigiu ás maiores auctoridades no assumpto. Foi poeta, e em uma das suas producções, publicada em 1853, no inicio da sua carreira politica, previu a sorte que o esperava.

Na sua última carta, escripta pouco antes do seu assassinato, pediu a Pio IX que lhe alcançasse do Ceu a graça de

derramar o seu sangue pelo Divino Redemptor. E, ao entregar a alma ao Creador, exclamou, cheio de fé: «Deus não morre».

* * *

Com traços firmes nos pinta o sr. Garcia Calderon, nas *Democracias Latinas da America*, o retrato do grande presidente.

«Infatigavel, estoico, fórte na decisão, admiravelmente logico na sua vida, Garcia Moreno é uma das grandes individualidades da Historia americana. Não é um tyranno sem doutrina, como Gusman Blanco ou Porfirio Diaz. Em 15 annos, de 1859 a 1874, elle transformou completamente o seu pequeno paiz, de accôrdo com um vasto plano que só a morte impediu de realizar. Mystico á maneira hispanhola, elle não se satisfez de contemplações estereis; sente a necessidade da acção para ser organizador e creador.»

Na magistratura suprema como na guerra, no jornalismo como nas suas explorações scientificas, no seio do parlamento, onde representou a sua provincia natal, na diplomacia, na opposição ou no govêrno, nas academias, desde os seus primeiros annos de estudo, na Europa, onde foi buscar ensinamentos, civilização e conhecer de perto as doutrinas dos grandes mestres, nas suas luctas contra o egoismo, no seu amor á Patria e á Humanidade, cavalleiro do idéal, do fundo do quadro da Historia da America a sua physionomia severa de pensador destaca-se com o relêvo da immortalidade.

Ainda hoje, apezar da orientação politica diversa que segue o Equador, o seu nome em praças, ruas e monumentos, mostra um sentimento respeitoso de admiração e de justiça pela sua memoria.

Assim observou outro eminente publicista, o sr. Alberto Gutierrez, no seu estudo sôbre as Capitaes da Grande Colombia, que a imagem de Garcia Moreno se acha gravada no coração da sua patria.

I

A PRE-HISTORIA DO EQUADOR — A CONQUISTA HISPANHOLA — A LUCTA PELA INDEPENDENCIA

E' muito vasta a historia do Equador antes da tentativa da conquista do Reino de Quito por Pedro de Alvarado, até á

victoria definitiva que coube a Benalcazar, no anno de 1533, por conta de Pizarro e em nome de Carlos V.

Ha apenas indicações vagas sôbre a verdadeira data, em que os primeiros habitantes pisaram o solo dessa região, cuja pre-historia é tão incerta quanto a de outros povos americanos.

Os historiadores equatorianos fazem remontar a historia do seu paiz ao anno 700 da era christã, epocha em que os Cáras, que haviam invadido o territorio pela bahia que depois teve o nome de Caraques, venceram os habitantes de Quitu e tomaram conta dêsse reino, cujo nome era o mesmo do seu soberano. D'ahi vem a denominação que ainda hoje tem a capital da Republica do Equador.

Os Quitus defenderam-se com muita bravura e só depuzeram as armas com a morte do seu chefe.

As casas que construiram esses Indios correspondiam pelas suas dimensões á altura dos habitantes. Não ostentavam sumptuosidade, mas havia grande uniformidade na construcção. As estatuas que esculpiram, todas de pedra de Manta, na sua maioria de figuras sacerdotaes, eram de enormes dimensões. Muitas foram encontradas por Pizarro, e o padre Acosta diz ter visto uma dellas. Checa de Leon e o Inca Garcillasso tambem as examinaram de perto.

Assim descreve um dêsses chronistas os monumentos dos Quitus, inferiores aos de Cuzco, que eram mais perfeitos como reflexos da civilização incaica:

«Em Tinguanapo vê-se primeiro a pequena montanha construida á mão, toda de pedra, sôbre grandissimos alicerces, dividida até o topo em varias secções cercadas de grades. Mais para além vêm-se duas estatuas gigantescas de pedra, representando figuras humanas, lavradas com summa perfeição, com vestimentas largas e ornamentos sôbre as cabeças. Perto dellas está um edificio altissimo, de uma só parede, sustentado por fortes e grandes alicerces. Tudo é de pedra muito bem lavrada, e muitas dessas pedras de tamanho tal, que custa a crer como bastaram fôrças humanas para leva-las até lá, não havendo na vizinhança pedreira alguma.»

Este monumento, como muito bem descreve o padre Velasco, deve ter servido de sepultura a algum grande personagem, que tivesse sido senhor ou chefe de alguma tribu importante.

Os Scyris (senhores de todos) estabeleceram-se definitivamente no reino, governaram com propositos civilizadores, reformaram a religião e os costumes, conquistaram algumas das provincias vizinhas e augmentaram consideravelmente os seus dominios em uma extensão de 120 leguas.

Incerta é tambem a duração da dynastia dos Scyris. Para uns, 18 reis subiram ao throno; para outros, apenas 14, até que, desmembrado o imperio e enfraquecidos os Cáras por muitas luctas sangrentas, viram caïr a dynastia dos Duchicelas, que succedeu á dos Caras, deante das armas vencedoras do Inca.

Este já se havia apoderado habilmente de muitas das suas provincias meridionaes, intimidando os seus governadores ou attrahindo-os ao seu govêrno. Foi tarefa muito facil convence-los da superioridade das leis e dos costumes dos Incas, já então dotados de instituições mais adeantadas que as que regiam a nação, cuja grandeza, fertilidade, população e riquezas haviam provocado a cobiça de Tupac-Yupanqui, 12° rei do Perú.

A dynastia dos Duchicelas surgiu com a extincção da linha masculina de Caran. Foi no reinado do Scyri XI.

Ambicioso este rei, concebeu o plano de extender os seus dominios, tomando como pretexto assegurar o throno para a sua filha unica.

Como na Lei Salica, as mulheres eram excluidas da successão no throno; mas, por uma disposição extravagante, podiam succeder os sobrinhos, filhos das ermãs e não os dos ermãos.

O Scyri recorreu aos seus legisladores, que eram os grandes e senhores do Reino, para obter a revogação dessa lei. Nova disposição legal permittiu então que as mulheres reinassem conjunctamente com os seus esposos. Foi quando Toa, filha de Caran XI, contrahiu matrimonio com Duchicela, que assim veio a ser o duodecimo Scyri. Dessa união da princeza

com o filho do Regulo de Puruhá resultou a incorporação desse pequeno Estado ao reino de Quitu.

Curta foi, porém, a vida dessa nova dynastia.

O throno, vacillante sempre nesse periodo, manteve-se apenas nas mãos de quatro dos seus descendentes, dos quaes o segundo foi deposto e o ultimo caïu prisioneiro dos invasores.

Difficil foi, entretanto, a conquista na sua ultima phase, só obtida á custa de muito sangue derramado pelos dous povos rivaes.

Morto Hualcopo, seu filho Cacha continuou a guerra. A conquista do reino, porém, só veio a decidir-se pela bravura dos exercitos de Huaina-Capac, filho do Inca XII. Esta guerra durou cinco annos e foi a primeira conquista desse principe, que tinha sob as suas ordens capitães de tamanha bravura, que os soldados inimigos acabaram por fugir, apavorados, abandonando as posições e refugiando-se no centro do Reino, que foi todo conquistado.

Foi elle generoso para com os vencidos na sua entrada em Quitu, tractou-os bem, introduziu melhoramentos que lhe valeram popularidade, construiu aqueductos, fertilizou a terra e, para solennizar a victoria, edificou um templo destinado á adoração do Sol.

Para consolidar os seus dominios, usou o vencedor do mesmo ardil, que tão grandes vantagens trouxera ao fundador da dynastia vencida; casou com Paccha, filha de Hualcopo e herdeira do throno, já então proclamada rainha nos campos de batalha.

Transferiu elle para Quitu a capital de tão poderoso imperio. Essa conquista effectuou-se, quando o imperio dos Filhos do Sol attingiu a seu apogeu.

A sua influencia civilizadora foi positiva, mas não foi facil, zelosos como eram os povos vencidos de conservar as suas tradições.

A' custa de muita energia conseguiram os Incas mudar o systema religioso e de govêrno; mas, como observa o maior dos historiadores equatorianos, o arcebispo Gonzalez Suares, não sem que estes conservassem intactos os seus sentimentos de dignidade e de amor á independencia.

Tal foi o systema empregado pelos Incas para consolidarem o seu dominio, observa outro estudioso Equatoriano, sr. Jijon y Camaño, presidente da Sociedade Equatoriana de Estudos Historicos; assim se explica a absorpção da cultura indigena, da superstição, sem que se fundisse em uma só arte a dos conquistadores e a dos aborigenes; assim prevaleceu a lingua daquelles, sem que tivesse desapparecido a das parcialidades subjugadas.»

E, como fallamos em Arte, devemos registar que os Incas a cultivaram, tanto no que diz respeito á Poesia, como á Musica, com um relativo grau de adeantamento sôbre a epocha em que viveram.

Como acabamos de ver, tres dynastias de monarchas de tribus indigenas governaram a cidade dos Scyris.

Defrontamos agora com Atahualpa, que para os Equatorianos deve ser uma das figuras mais sympathicas da Historia desses tempos.

Duas vezes Quitenho, pelo nascimento e pelo lado materno, pois que era filho de uma princeza do antigo reino, combateu contra os Peruanos, isto é, contra o seu proprio ermão Huascar, imperador dos Incas; venceu-o e acabou sendo vencido por Pizarro.

Morto Huina-Capac, o imperio fôra dividido em duas partes entre os seus dous filhos: a do Norte, governada por Atahualpa e a do Sul governada por Huascar. Imperio tão poderoso como era o do Perú, tamanha fama como era a das riquezas naturaes desse reino e a dos thesouros de Atahualpa, não podiam deixar de excitar a cobiça dos Hispanhoes.

Já Vasco de Balbôa descobrira o Pacifico, quando Pizarro, Almagro e Hernando de Luque, que viviam em Panamá, organizaram uma expedição com o fim de explorar a parte Sul desse oceano.

Partiram em companhia do piloto Bartolomé Ruiz, e em uma dessas expedições, por elle levada a bom termo, alcançaram a bahia de Esmeraldas, de onde Pizarro se passou para Tumbes, com o fim de inteirar-se minuciosamente das riquezas do territorio que pretendia conquistar.

Não tardou o ambicioso hispanhol em partir para Hispanha, onde foi contar o que tinha visto e celebrar um convenio

com Carlos V, que lhe assegurasse a jurisdicção no territorio, que logo viria a ser tomado pelas armas. Fôrças muito superiores o esperavam nessa batalha, e Atahualpa não se intimidou com a intimação que recebeu em Cajamarca. Vencido afinal pelo fogo dos arcabuzes, mas comprehendendo que os Europeus só ambicionavam as riquezas do seu reino, Atahualpa offereceu em resgate muito ouro, que logo foi acceito.

Teve que luctar ao mesmo tempo contra uma conspiração que lhe movia seu ermão Huascar e, para suffoca-la, resolveu assassina-lo. Este, ao expirar, exclamou: «Os brancos vingarão a minha morte».

O assassinato serviu para que Pizarro se desfizesse de inimigo tão poderoso, valendo-se para isso da legislação penal em vigor.

Foi instaurado um processo, com as apparencias de processo regular.

Tractaram-n'o, enquanto foi prisioneiro, com as honras e deferencias devidas aos monarchas em desgraça.

Pizarro e Almagro, como juizes, fizeram parte desse tribunal, integrado por outros funccionarios, entre os quaes, procuradores, fiscal, escrivão, defensor e 10 testimunhas, que foram submettidos a um longo e rigoroso interrogatorio.

Os quesitos foram numerosos, e não houve accusação que não pesasse sôbre a cabeça do Inca.

Conta-se que Pizarro pretendeu vingar-se do desprêzo que lhe votou o Inca no dia em que teve a certeza de que elle era analphabeto, pois, tendo escripto na unha a palavra *Deus*, que muitos dos soldados hispanhoes leram com facilidade, verificou a completa ignorancia do seu competidor.

O processo visava, assim, exclusivamente a morte do accusado. Este, apezar de desthronado, conservava grande ascendencia sôbre os seus subditos. Aquelles, porém, que serviram sob as ordens de Huascar, fieis á sua memoria, guardavam-lhe rancor. A trahição contribuiu assim efficazmente para o triumpho dos Europeus.

Accusado de bastardia, de usurpação, de assassinato, de incesto, de idolatria, de tyrannia, de concubinato, de peculato e de conspiração contra os Hispanhoes, foi julgado, condemnado á morte e logo executado.

E assim, a noite de 29 de Agosto de 1533 marcou a última página da historia do poderoso Imperio dos Incas.

Os acontecimentos que occorriam em Quito não eram de natureza a tranquillizar o espirito de Benalcazar, que fixára a séde do seu govêrno em S. Miguel de Piúra.

Os naturaes daquelle reino recusavam-se a acceitar a auctoridade de Manco-Capac, coroado por Pizarro, de onde aquelle dictava as suas ordens.

Surge o imperador Rumiñaui, que obrigou Benalcazar a novos combates á frente dos exercitos reduzidos de que dispunha até que a erupção do volcão Cotopaxi, que os Indios interpretaram como presagio da sua ruina, decidiu da victoria a favor das armas hispanholas.

No dia 28 de Agosto de 1534, na antiga villa de Riobamba, assignaram o marechal Diogo de Almagro, Affonso de Alvarado e Sebastião de Benalcazar a acta da fundação da villa de S. Francisco de Quito, a que o primeiro desses nomes foi dado em honra ao conquistador do Imperio dos Incas.

Tal foi o incremento tomado por essa villa, que logo se multiplicou em importancia e população. Seis annos mais tarde uma Carta Regia concedia-lhe os fóros de cidade, com todas as prerogativas e immunidades inherentes a tão grande favor.

Essa graça foi accompanhada de outra — a do seu *Escudo de Armas*, cuja significação heraldica mostrava as riquezas naturaes e o grande heroismo dos seus habitantes.

O documento a que nos referimos foi promulgado em 26 de Septembro de 1541 pelo licenciado Vaca de Castro, e tem por titulo «Real Cedula em que se dá a la Villa de San Francisco del Quito el titulo de — Ciudad», e ainda hoje se encontra cuidadosamente archivado na Municipalidade de Quito.

* * *

Mixto de civilização e de sangue foi essa epocha, em que as victorias não decidiram da paz, de que tanto necessitavam as colonias hispanholas para o seu desenvolvimento.

Mais felizes do que Atahualpa não vieram a ser os tres ermãos Pizarro.

O primeiro delles, já velho, teve que entrar em lucta com a ambição dos seus auxiliares.

Na chamada conjuração dos Almagristas, os partidarios do marechal combinaram a morte do marquez, que regou com o sangue a terra conquistada pela sua espada.

Francisco Pizarro foi assassinado no seu palacio e, depois de ter recebido na garganta um ferimento mortal, caîu no solo, exclamando: *Jesus!* — e nelle fazendo uma cruz com o seu proprio sangue!

Fernando, que passou mais de 20 annos da sua vida nas prisões hispanholas, morreu pobre e desgraçado. A sua opulenta fortuna, que correspondia a todo o ouro que se encontrava nas minas do Perú, foi confiscada pelo Estado.

Gonçalo, o mais ambicioso dos tres, pretendeu escrever uma página da historia da monarchia na America. Recorreu aos canhões para intimidar a Côrte da Hispanha; mas esta, sempre vigilante, mandou ao seu encontro o inquisidor Pedro de la Gasca, com amplos poderes e auctoridade soberana, para pacificar o territorio. E desta fórma, a corôa que, mal aconselhado, pretendeu collocar sôbre a sua cabeça como soberano de toda a America Meridional, não chegou a cingir, pois que a mão do carrasco o degollou de um golpe certeiro.

Altivez, lealdade, pundonor, cobiça e trahição, são os nobres e baixos sentimentos que os Europeus alli punham constantemente em ebullição sem que os naturaes pudessem tirar disso o mais insignificante proveito.

Fermentava tambem o odio. As cabeças dos vice-reis, depois de separadas dos troncos, eram expostas ao escarneo das multidões no alto dos pellourinhos!

Com todos esses horrores da guerra civil para o estabelecimento do vice-reinado, ficou afinal consolidada a conquista do Perú, cuja riqueza, oscillando de mão em mão, acabou dando mais brilho e majestade á Corôa da Hispanha.

E para tudo isso muito contribuiu o clero regular e secular.

Si com a espada os aventureiros iam traçando as fronteiras das terras conquistadas na America Central, no Perú, no Equador, em Nova Granada, no Chile e em outros pontos do Novo Continente, os Jesuitas com a cruz iam incutindo no ánimo das populações indigenas a fé e a virtude, dando-lhes luzes ao espirito e assim preparando pacientemente a futura independencia.

* * *

Corria o anno de 1787.

Os prodromos da Revolução Franceza e a independencia dos Estados-Unidos, proclamada havia 10 annos, fizeram surgir na historia do Equador o maior dos precursores da sua emancipação, que foi Francisco Xavier de Santa Cruz y Espejo.

Já havia apparecido no horizonte politico da America a figura incomparavel do general Francisco de Miranda, com o qualificativo de Precursor da Independencia Americana, cuja tentativa nesse sentido fracassou em 1806.

Os proceres que lhe succederam foram Nariño, Zea, España, Morales, Selva Alegre, Salinas, Villalobos, Rodriguez de Quiroga e tantos outros, todos elles como satellites desse grande astro que foi o Libertador Bolivar.

A idéa da emancipação, que era geral em toda a America, propagou-se com o estado de anarchia, em que se encontrava a Hispanha a partir de 1808.

O movimento inicial partiu de Quito em 10 de Agosto de 1809, com a deposição do presidente da Real Audiencia, conde Ruiz de Castilla. Os nativos organizaram um govêrno proprio, uma Junta Suprema de Governo, presidida por João Pio Montúfar; mas ainda não era a independencia, pois que juraram fidelidade a Fernando VII.

Os patriotas da Venezuela e de Nova Granada apregoavam a revolução por toda a parte e, aproveitando a usurpação do throno da Hispanha por José Bonaparte, procuravam augmentar a sua auctoridade em opposição á das auctoridades hispanholas.

A tentativa de Quito, que visava instituir o voto popular na representação nacional contra o absolutismo reinante, não foi decisiva. Foi um acto isolado, que não conseguiu extender-se a todo o paiz, faltando-lhe para isso o apoio da principal provincia, que era Guayaquil.

A Sociedade *Escola da Concordia*, que fomentava o commercio e a industria, e cujo secretario era Espejo, foi antes uma loja maçonica que se occupou de politica e de discutir os novos principios sociaes. Os seus socios encarregaram-se da propaganda da revolta, que afinal estalou.

Espejo, conhecido pelas suas idéas avançadas, já havia sido desterrado.

Como Januario e Gonçalves Ledo fundaram entre nós o *Reverbero*, Espejo foi o redactor do primeiro jornal que em Quito preparou a mecha para a bomba revolucionaria. Intitulava-se este *Premicias para a Cultura de Quito.*

Os socios desta sociedade figuraram mais tarde na proclamação da independencia.

Camillo Destruge refere que: «As perseguições contra Espejo continuaram, o que prova que continuava tambem a campanha, na qual se achava empenhado. A este respeito são reveladores os officios do presidente de Quito ao vice-rei de Santa Fé, d. José de Espeleta, datados de 21 de Outubro de 1794, o de 6 de Agosto e o de 6 de Septembro de 1795, e, segundo outro, de 21 de Agosto de 1796, dirigido ao presidente do Conselho Supremo das Indias, verificou-se que a prisão e o novo destêrro de Espejo obedeceram a uma *razão de Estado*, ao mesmo tempo em que eram presos Nariño e Zea, em Santa Fé, como *reus do Estado*».

Imprudentes foram os revolucionarios de Quito, que não se puzeram em contacto prévio com os das outras provincias.

Quando o coronel Bejarano pretendeu vir de Guayaquil em auxilio delles, as auctoridades dessa praça, sabedoras do movimento serrano, cortaram-lhe o passo.

O movimento naquella provincia era tambem impossivel, attendendo-se ás fôrças militares que guardavam essa praça, em número consideravel, e ao dominio absoluto da esquadra hispanhola no Pacifico. Falhou por isso a revolta.

A influencia moral dessa tentativa foi, porém, grande; agitou ainda mais os animos e acabou pesando fortemente no espirito dos patriotas, para que estes pugnassem com mais ardor pela emancipação definitiva.

Crescia o número dos descontentes, desde então mais perseguidos do que nunca, fusilados os principaes cabeças, repletos os calabouços desses homens, que tanto amor mostravam pela sua nacionalidade.

Em Ibarra e em outros pontos continuava a revolta em fermentação. A causa da independencia ia tomando corpo na

opinião pública. A idéa vencia, apezar das luctas partidarias que separavam os revolucionarios.

Familias solarengas, como as de Icaza, Anzoátegui, Avilez, Aguirre, Samaniego, Urbina, Santistevan, Maldonado, Elizalde, pondo de parte as considerações que deviam á metropole, adheriam francamente ao movimento.

Ruiz de Castilla, que regressára de Lima, continuava, entretanto, no poder.

No dia 10 de Agosto de 1810, o povo, farto de tantas humilhações, atacou os quarteis com o fim de libertar os prisioneiros politicos. Os ultimos gemidos dos patriotas que occupavam essas prisões e que foram assassinados pelos soldados que os guardavam, suffocaram mais essa tentativa de independencia.

Taes crueldades só serviram para excitar o odio contra a Corôa da Hispanha, que usára de tal rigor para com os vencidos, que as suas auctoridades applicaram áquelles, contra quem foi apurada a menor somma de responsabilidade nos successos de 1809, a pena de 10 annos de presidio!

Muito sangue custou tambem á Hispanha esse triumpho. Digam as praças e ruas de Quito, os bairros mais populosos, como os de S. Francisco, S. Roque, S. Sebastião e S. Braz, quantos cadaveres de soldados hispanhoes alli se amontoaram, cujos uniformes chegaram numa sinistra variedade, a ser expostos como trophéos!

Faltava, depois de tamanha violencia, o pensamento daquelles cuja missão era fallar e escrever; faltava a espada dos coroneis, cuja missão era perseguir as sombras já fugitivas da escravidão; mas o povo, como sentinella dos seus direitos, esperava, fóra dos calabouços, o momento opportuno para dar combate.

Foi o que aconteceu ás fôrças que vieram do Norte e do Sul para repôr o conde no seu govêrno.

As almas dos martyres da independencia, que foram Salinas, Quiroga, Morales, Arenas, Ascazubi, Larrea Riofrio, Peña, Vinnenza e outros, não abandonaram o povo, antes o accompanharam por toda a parte, e este, muitas vezes armado de páo e faca, por não dispôr das espingardas e da polvora, ia vencendo todos os obstaculos, batendo-se pela sua liberdade

desde 1809, até a victoria definitiva que teve logar em 11 de Outubro de 1810, consolidada pela campanha, que emprehendeu e que só terminou em 1812.

* * *

Mais feliz do que a anterior foi a juncta que se organizou no anno de 1810.

Quito era então um dos centros de maior cultura do espirito da vida colonial americana.

Carlos Montúfar, filho do marquez de Selva Alegre, chegava a Popayan, vindo da Hispanha como enviado regio para sustentar a Juncta de Sevilha e as prerogativas de Fernando VII contra Napoleão I e tambem para pacificar todo esse povo.

Quitenho pelo nascimento, não tardou a favorecer as aspirações dos seus compatriotas, quando a independencia era quasi um facto na capital da Colombia.

Organizou logo uma juncta composta de patriotas, dando a presidencia a Ruiz de Castilla, que, como uma sombra do govêrno colonial, só pensava na sorte que o esperava.

Liberaes eram os homens que dirigiam a politica, e o presidente decretava as suas ordens para as provincias visivelmente contrafeito. Estas nem siquer respondiam ás communicações que recebiam delle, e muitas dellas revoltaram-se, como aconteceu em Guaranda e em Cuenca.

Guayaquil protestou abertamente, e o seu governador pediu a reposição do govêrno anterior.

Montúfar, que já então tinha o posto de coronel, poz-se á frente das tropas legaes para suffocar elle mesmo o movimento. Os inimigos bateram em retirada logo aos primeiros encontros, deixando nas mãos do pacificador toda a artilharia e munições.

Pensou-se em votar uma Constituição, e os deputados dos diversos cantões da provincia foram convocados para esse fim.

A politica seguida pelo Governo era francamente nativista. Os nativos substituiam-se aos representantes da metropole nos empregos civis e militares, assim como na distribuição da justiça.

Dous projectos de Constituição foram apresentados, que não satisfizeram as exigencias do Estado.

As guerrilhas eram agora para os lados de Pasto, mas as communicações entre Quito e Caracas faziam-se com a maior facilidade.

Os Hispanhoes lançavam mão da politica para annullar os exforços dos patriotas, trabalhavam activamente para dividir a provincia e assim enfraquecer o movimento emancipador.

Nessas luctas do partido constitucionalista já dous chefes sustentavam idéas oppostas — Montúfar e Calderon — divididos os patriotas em dous grupos que desejavam, uns a fórma de govêrno central, e outros a federação.

No Sul a excitação era ainda maior.

O vice-rei do Perú põe em jogo todos os seus ardis e consegue restabelecer o govêrno hispanhol em Cuenca.

O marquez de Molina, nomeado pela Hispanha para presidir a Quito, toma posse naquella cidade. Por esse tempo uma expedição naval apparece nas costas do Pacifico, a que não eram extranhas as pretenções de Carlota Joaquina.

No Napo os patriotas caem prisioneiros; em Paita, em quasi todos os cantões, a opinião agita-se novamente. Montúfar afasta-se do govêrno, e Castilla acaba por ser deposto, depois de ter tentado pacificar tudo com a sua cavallaria.

O govêrno foi ter ás mãos do bispo Cuero, compromettido na revolução de Agosto. O posto era de sacrificio para tão illustre Prelado. Todas as propostas de Molina foram recusadas. O representante da auctoridade hispanhola tambem não pensou em impo-las pela fôrça.

O que dava agora maior importancia ao movimento nativista é que os seus inimigos haviam desapparecido quasi todos, emigrados uns, mortos outros.

O projecto foi acceito e sanccionado com o titulo de «Pacto de sociedade das oito provincias do Estado de Quito». Foi essa a primeira Constituição republicana que proclamou a independencia do Equador.

A constituinte fôra convocada para o dia 1° de Janeiro de 1812, apoz a declaração da independencia absoluta em 11 de Outubro de 1811.

O pensamento dos legisladores foi o mais liberal possivel, como o indicam os artigos consagrados á separação dos poderes e á absoluta soberania do Congresso.

O povo não teve de que se queixar em materia religiosa, pois que foram respeitadas as suas tradições catholicas. Só foram excluidos da representação nacional os indifferentes aos assumptos de interesse nacional, aos quaes denominaram neutraes. A severa probidade dos governantes recommendava-os á opinião pública.

* * *

Continuava, entretanto, a dominação realista.

Cuenca, Loja e Guayaquil não se submetteram ao govêrno constitucional.

A lucta passou a ser entre as provincias do centro e do Norte e as do Sul.

Pensaram em dar um successor a Molina, e o tenente general Toribio Montes foi escolhido para essa ardua tarefa.

Já Ruiz de Castilla, perseguido pelo povo, pagára com a vida o ter acceito as duas presidencias.

Dahi por deante começa uma guerra sem treguas entre republicanos e realistas.

Inflammava-se cada vez mais o enthusiasmo dos patriotas, e todos contribuiam para essa guerra, em que cada cidadão era um voluntario e em qué os velhos, as mulheres e até as crianças offereciam os seus serviços, aproveitados na proporção das suas fôrças, desfazendo-se muitos das suas fortunas e dos mais insignificantes objectos que pudessem ser utilizados na fabricação das armas e dos canhões.

Camilo Destruge, no seu livro *Controversia Historica sobre la iniciativa de la Independencia Americana* narra, com palavras de merecido louvor, os actos heroicos dos republicanos desde o inicio da propaganda até essas batalhas decisivas:

«... a revolução de Quito foi preparada por meio da propaganda e de principios novos; constituiu um govêrno proprio; registou as suas declarações e resoluções em actas solennes; manteve em constante estado de sublevação o territorio e chegou a declarar aberta e resolutamente a Independencia. E que sustentou essa proclamação por meio das armas, o confirma a historia gloriosa da campanha formal e continua, que não teve, por certo, um final immediato ao primeiro encontro. A da Presidencia de Quito foi a guerra

sustentada em regra e por largo tempo. Dão testimunho disso as acções memoraveis de Guaranda, 1ª e 2ª, Paredones, Verde Loma, Boca de la Montaña, Mocha, Latacunga, Julupana e o Panecillo, no centro e no Sul das provincias; e pelo Norte os combates do Rio Bobo, Chupadero, Paso del Funes, 2° do Rio Bobo, Guapuscal, Pasto e Santo Antonio, até a dispersão em Ibarra ao finalizar o anno de 1812.»

Separado Montúfar do govêrno, Calderon foi investido do commando como general chefe e, logo mandado de Quito com 1.500 homens para evacuar Cuenca.

Essas tropas foram augmentando no seu percurso e, quando elle chegou a Paredones e a Verde Loma, para dar os seus primeiros combates contra as fôrças do coronel Antonio del Valle, contava com um exercito de 2.000 homens.

Ficou logo senhor do campo e teria sido o vencedor, si a lucta dos partidos não continuasse ainda mais accesa.

Os amigos de Montúfar ordenaram-lhe uma contramarcha para Riobamba, onde a Deputação de Guerra o destituiu do commando, nomeando-o chefe do corpo do exercito em operações na fronteira do Norte.

Proclamada a Independencia, convocada a Constituinte e decretada a Constituição, nem mesmo assim os Equatorianos eram senhores da sua terra, pois que os Hispanhoes vencendo-os algumas vezes, enganando-os outras vezes, não faziam sinão desaloja-los de um poncto para que elles fossem levar o seu govêrno e as suas guerrilhas a outros pontos do paiz.

Na Venezuela e no Sul da Colombia a situação era identica; mas dentro de pouco tempo ia começar a grande batalha, que daria a liberdade aos povos da America.

O general Montes parece que comprehendeu isso, e então a sua politica passou a ser a de conciliação.

* * *

As victorias do Libertador em Boyacá encorajaram os revoltosos de Guayaquil.

Illingworth, com a sua corveta «Rosa de los Andes», e o almirante Cochrane, com o seu bloqueio em Calláo, haviam enfraquecido muito o poder naval da esquadra hispanhola no Pacifico.

Os echos da conspiração que se tramava nas margens do Guyas chegaram até Lima e muito preoccuparam as auctoridades realistas.

O batalhão « Numancia » foi considerado suspeito, e alguns dos officiaes venezuelanos, que nelle serviam, entre os quaes os capitães Febres Cordero e Luis de Urdaneta, fugiram para Guayaquil. Entenderam-se logo com os patriotas dessa praça e combinaram o movimento revolucionario, que teve como chefes principaes Febres Cordero e o general Villamil. Este último, pelo seu espirito aventureiro, estava perfeitamente indicado para empresa dessa ordem. Si bem que cidadão norte-americano, tinha a imaginação ardente que lhe vinha do lado paterno, sendo filho de hispanhol. Sua mãe, de origem franceza, era da Luisiana, terra que lhe deu o berço.

Habilidade diplomatica não faltava a Villamil, que desde muito cedo provou que era capaz de emprega-la para obter o que queria. Muito joven ainda, o seu amigo tenente Mac Mahon, depois marechal de França e duque de Magenta, encarregara-o em Cadiz de uma commissão atrevida e perigosa de que saïu triumphante, conseguindo do general Alaba, um dos heroes de Trafalgar, que muitos dos officiaes francezes escapassem das suas prisões, fazendo-os passar por cidadãos da Luisiana.

Naquella mesma cidade andaluza encontrara-se elle com os patriotas Francisco Lourenço de Velasco, do Mexico, e Manoel de Sarratea, de Buenos Aires, os quaes, no correr de um almoço prepararam-lhe o espirito para a emancipação americana e, appellando para sua bravura, reclamaram-lhe a espada para o serviço dessa causa.

« Amigos, exclamou Sarratea, nossos ermãos estão se exforçando para sacudir o jugo colonial; corre já o sangue americano. A vida ociosa que levamos na patria dos senhores das nossas terras é vergonhosa. Sois capazes de vos consagrar á causa americana ? »

Abraçaram-se todos e sellaram com um juramento solenne essas palavras esperançosas, que já eram um embryão do movimento emancipador.

Simon Bolivar e Vicente Rocafuerte, em Roma, já haviam feito o mesmo juramento.

Desde então os tres convivas passaram a ser grandes capitães desse movimento: Sarratea em Buenos Aires, Velasco no Mexico e Villamil na Venezuela. Quando este último appareceu pela primeira vez em Guayaquil, já as victorias realistas de S. Miguel de Chimbo e de Sancto Antonio de Caranqui haviam privado os insurgentes da espada do seu valente chefe. Calderon havia sido fuzilado.

Em casa de Villamil reuniam-se os conspiradores, encobrindo os seus propositos revolucionarios com festas sociaes. As circunstancias reclamavam actividade, e todos retiravam-se dessas festas incumbidos de commissões secretas da maior importancia.

A organização do movimento tornava-se difficil.

Os nomes mais indicados para assumir a chefia lançavam mão de pretextos futeis para as suas recusas, allegando uns a sua avançada edade; outros a sua gratidão para com a metropole; outros, finalmente, a falta de prestigio indispensavel para tão importante papel, mas não abandonavam essas reuniões sem fazerem votos sinceros pelo triumpho da revolução.

Assim ia faltando a esta a cooperação tão necessaria dos coroneis Bejarano e Rafael Maria Jimena e do poeta Olmedo, eminente jurisconsulto que já havia representado a provincia de Guayaquil nas côrtes hispanholas.

Pensava este último que o chefe devia ser um militar de muito arrôjo. Era natural esse escrupulo de Olmedo, que foi antes o cantor epico da liberdade, apezar de ter sido tambem estadista quando presidiu a Convenção de Ambato e quando fez parte do govêrno provisorio em 1845.

Sua alma de poeta, retemperada por uma illustração vastissima na litteratura classica, como que o afastava da Politica. No seu *Canto a Bolivar* os enlevos da sua musa immortalizaram no verso a epopeia do Libertador e dos guerreiros colombianos.

Tractava-se de libertar a patria, fosse como fosse. Febres Cordero exhortou os conjurados a uma acção immediata como simples soldados de Bolivar e de San Martin. Tinha as suas vistas voltadas para a cidade de Pasto, que logo abriria as suas portas ao primeiro desses generaes para as suas cam-

panhas do Norte e para o exercito chileno, que em Guayaquil viria encontrar um porto seguro para as suas victorias ou para algum refugio eventual.

Pasto era evidentemente a fronteira, em que se entrincheiravam os representantes do realismo hispanhol, como provaram os insuccessos de Cabal e Mac Cawlay em 1812 e o de Nariño em 1814, que viram as suas fôrças batidas e fuziladas quando tentaram atravessar essa cidade.

Os conjurados não tinham fôrças para se baterem, mas sobrava-lhes o enthusiasmo para vencerem.

Villamil, muito habilmente, tinha se feito eleger procurador geral. Febres Cordero tirou disso partido, fazendo-lhe ver todas as vantagens que os conjurados podiam obter desse posto de confiança.

«Em nenhuma parte podemos nos reunir correndo menos perigo do que em casa de Villamil. Elle acaba de ser eleito procurador geral; amanhã ao meio dia iremos felicita-lo. Elle nos convidará para um jantar; beberemos á saúde do rei e da familia real, e partiremos as taças derramando o champagne sôbre a toalha; condemnaremos á forca Bolivar, San Martin, Cochrane e todos os insurgentes, e chamaremos calumniadores aos que nos sorprehenderem, que afinal serão os que terão que pagar para a musica.»

Essas palavras de Febres Cordero foram muito bem acolhidas. O banquete effectuou-se no dia 8 de Outubro de 1820, servido por quatro escravos fieis, que foram instruidos por Villamil.

«Fechae os olhos, ponde algodão nos ouvidos e um cadeado na bocca; amanhã, quando raiar a aurora, sereis livres.» Foram essas as palavras, que o amphytrião dirigiu aos seus serviçaes.

Apezar de todas essas recommendações não falhou a denuncia. Todos esses projectos foram mais ou menos conhecidos do governador que, ao mesmo tempo em que os conjurados se reuniam em tôrno da mesa do banquete, convocára um Conselho de Guerra para discutir as providencias, que o caso exigia. Uma das primeiras foi fazer saïr o batalhão «Granaderos», que se achava de promptidão e que fez algumas evoluções pelo caes, sem conseguir amedrontar os

conjurados. E' de notar que o ajudante desse batalhão, tenente-coronel graduado Gregorio Escobedo, tomára parte no festim e estava indicado pelos revolucionarios para assumir o commando dessa unidade do exercito, o que se verificou mais tarde, dando por certo o triumpho á revolução.

A's 2 horas da madrugada de 9 de Outubro de 1820 Cordero, á frente de meia companhia do batalhão «Granaderos», marchou resolutamente sôbre o quartel de artilharia, que logo se rendeu aos gritos de — Viva a Patria! — .

Ao mesmo tempo Urdaneta, com 25 soldados do «Granaderos» e nove voluntarios, tomava de assalto o quartel do *Daule*, e ambos ficaram senhores da praça.

Aprisionaram então as auctoridades realistas: o governador Vivero, o tenente-governador Elisalde, o commandante do «Granaderos» Garcia del Barrio e o capitão do porto Villalva.

O general Villamil narrou esses e outros factos na sua *Resenha dos acontecimentos politicos da provincia de Guayaquil desde 1813 até 1824*, lamentando que a bravura de Cordero o tivesse privado da participação nos acontecimentos de última hora:

«Um incidente, que o capitão Cordero manejou com admiravel tino, adeantou a revolução de meia hora. A's duas em ponto de segunda-feira 9 de Outubro de 1820 ouvi o grito repetido de — Viva a Patria! —, dirigi-me ao quartel com as fôrças de que dispunha. Cheguei tarde; estava tudo concluido; o meu incansavel antagonista Cordero, com o seu sangue de fogo, me havia privado de toda a participação final, mas ficou saldada a minha divida para com Velasco e Sarratea.»

Seguiu-se o enthusiasmo, que accompanha sempre as revoluções triumphantes.

O povo fraternizou com os soldados e, armado, correu aos quarteis offerecendo os seus serviços para a defesa da patria.

Fez-se a liberdade sem que esta tivesse custado ao povo o sacrificio do seu sangue. A unica resistencia que encontraram os revolucionarios foi a do commandante do *Daule* Joaquim Magalar, que de espada em punho, caïu ao solo atravessado pelas balas, e a de oito soldados que, como elle fieis á causa monarchica, tiveram egual sorte.

Faltava apenas a flotilha de lanchas canhoneiras que estava fundeada na Puntilla, ao Sul da cidade e que não tardou em capitular. Estava ganha a causa da independencia.

* * *

A qualidade que mais distinguia a Febres Cordero, além da bravura, era a extrema modestia.

Recusou, por isso, o govêrno civil e militar, para o qual foi acclamado pelo povo.

Competencia não lhe faltava para tão altas funcções, tractando-se de dirigir uma situação de que elle fôra a alma e o creador, mas allegou a sua pouca edade e inexperiencia, declarando que preferia pôr-se á frente da tropa para defender a liberdade, que acabava de ser conquistada.

Já funccionava uma Juncta de Guerra para resolver sôbre os casos que interessavam á revolução.

Tudo designava o dr. Joaquim José Olmedo para o govêrno civil, que desta vez elle acceitou, occupando o coronel Escobedo o posto de governador militar.

Olmedo convocou o povo para que elegesse as novas auctoridades.

Menos interprete do sentimento nacional do que do militarismo do momento, o povo constituiu um govêrno dictatorial composto do tenente-coronel Gregorio Escobedo, como presidente da Juncta Governativa, do dr. Vicente Espantoso, jurisconsulto de grande austeridade, e do tenente-coronel Rafael Jinena, como vogaes, funccionando como secretario o dr. Luis Vivero, cunhado do general Villamil.

Os serviços deste último não podiam ser desprezados.

A Juncta encarregou-o de uma importante missão, seguindo elle como commandante da goleta «Alcance» ao encontro do exercito chileno, que, segundo se suppunha, devia andar pelas costas do Perú.

Entretanto o povo era chamado ás urnas, e no dia 8 de Novembro votava-se uma Constituição provisoria.

Nomeou-se, de accôrdo com esta, uma Juncta Suprema, integrada por Olmedo com a presidencia. Rafael Jimena e Francisco Roca, servindo de secretario o dr. Francisco Marcos, jurisconsulto ainda joven mas de grande futuro, como

provou mais tarde a sua brilhante carreira politica, que chegou á vice-presidencia da Republica.

Era passado apenas um mez. O destino ia afastando do seio do govêrno os chefes de maior responsabilidade no movimento de 9 de Outubro.

E' que já começava a discordia entre os politicos e a consequente divisão dos partidos. Villamil chegou a ouvir de alguem, que naturalmente preferia as commodidades do poder aos riscos do levantamento, « que as mãos que haviam feito a revolução deviam ser beijadas e cortadas em seguida ! »

As auctoridades depostas, a começar pelo governador da praça, já haviam seguido prisioneiras para Calláo, conduzidas por Villamil, que, depois de ter conferenciado com lord Cochrane, que por esse tempo bloqueava o porto, as entregou ao general San Martin.

Inteirou-se este, com muita alegria, dos successos de Guayaquil e mostrou-se contrario a uma acção immediata sôbre Quito.

Por essa epocha Villamil ainda não era general. San Martin concedera-lhe a patente de tenente-coronel obsequiara-o com um formoso cavallo, fornecendo-lhe 150 carabinas para, no seu regresso á terra guayaquilenha, organizar um esquadrão de cavallaria.

Verificára-se, entretanto, o que San Martin tanto temia; a expedição marchára sôbre Quito, commandada por Urdaneta e Cordero. No primeiro combate tiveram uma illusão de victoria no Caminho Real, cujo nome mudaram para Caminho Livre.

Aimerich, que então occupava a presidencia de Quito, achava-se em Pasto, quando lhe chegou a noticia do triumpho em Guayaquil. Regressou á séde do seu govêrno e ordenou que um corpo do exercito seguisse para Ambato, em cujas proximidades devia já se achar Urdaneta. As fôrças, que este tinha sob as suas ordens, eram de 1.800 homens e muito superiores ás realistas commandadas pelo coronel Francisco Gonçalves. Reforçadas as tropas deste pela guarnição de Ambato, conseguiram os emissarios de Aimerich tornar-se senhores do campo nas planicies de Huachi. No mais renhido dos combates, a victoria já pendia para o lado de Urdaneta, quando o major Hilario Alvares, abandonando inesperadamente as posições, en-

treguou-as aos realistas. Muito confiavam os revolucionarios de Guayaquil no exito dessa missão, mas nem por isso desanimaram.

Mobilizaram um exercito, que teve ordem de marchar sôbre Guaranda, desta vez commandado pelo argentino José Garcia.

A acção do general Aimerich foi positiva.

Ainda menos feliz do que os seus antecessores foi Garcia, pois que, além de derrotado, foi fuzilado e a sua cabeça levada como trophéo para Quito, onde foi exposta, depois de encerrada em uma jaula de ferro, na ponte de Machángara.

E' possivel que o desenlace desses combates tivesse sido outro, si o commando supremo tivesse ido parar ás mãos do intrepido coronel Febres Cordero.

A desintelligencia já era grande entre os revolucionarios de 9 de Outubro, envolvidos numa tal rêde de intrigas, que Cordero e Urdaneta resolveram abandonar o paiz, para cuja emancipação haviam dado o melhor da sua actividade politica e militar.

* * *

O anno de 1822 será propicio á emancipação, não só do Equador, mas da Colombia, do Perú e da Bolivia. Não importa que as guerras civis posteriores não tivessem correspondido aos intuitos dos novos patriotas, que emprehenderam a revolução de Guayaquil. Bolivar, San Martin e Sucre são os tres nomes que representam o heroismo do seu tempo, e cujo genio politico e militar não encontrou equivalencia na Hispanha. Sucre, o grande marechal de Ayacucho, o Washington do Sul, como o qualificou Vicuña Makena, foi o braço de Bolivar.

Batalhas sangrentas, triumphos inacreditaveis, davam uma feição nova ao mappa das nações, ao mesmo tempo que a liberdade da America marcava na Historia a decadencia da Hispanha.

E á honra, ao valor, á virtude desses tres homens, se deve tudo isso !

Bolivar confiava tanto no genio de Sucre, que, logo ao saber da revolução de Guayaquil, o enviou com uma divisão

auxiliar colombiana, para que entrasse por Babahoyo e désse combate ás tropas do presidente Aimerich.

Pensava o Libertador na unificação da grande Colombia, o que de facto se verificou em 17 de Dezembro de 1817, quando o Congresso Venezuelano votou a lei fundamental que declarava a Republica dividida em tres departamentos: Venezuela, Quito e Cundinamarca. A emancipação nas costas do Pacifico estava mais ou menos resolvida; restava o centro, que dentro em pouco a audacia de Sucre iria subjugar. O campo de Yaguachi registou a sua primeira victoria.

A intrepidez dos seus soldados envolveu todas as fôrças, penetrando no exercito realista, que, derrotado, debandou á espera de novas ordens de Quito. Estas não tardaram.

Novo encontro teve logar em Babahoyo, e ahi o grande marechal, menos feliz, viu as suas fôrças baterem em retirada.

O commandante Illingworth, que se achava nos suburbios de Quito, ao saber dessa derrota do exercito republicano, recuou do seu proposito de assenhorear-se daquella capital.

A Colombia reorganizava o seu exercito; em Guayaquil a actividade era grande, e San Martin tractava de mandar em auxilio de Sucre os reforços de que podia dispor. Accompanhado do coronel Santa Cruz, que commandava as tropas argentinas, chilenas e peruanas, entrou Sucre victorioso em Cuenca e declarou essa provincia incorporada á Republica de Colombia. Estava dado o último passo para a rendição de Quito.

Abrindo o caminho que emprehendeu pela cidade de Riobamba, vencendo sempre as fôrças de Aimerich, consegue o grande marechal avançar na sua marcha estrategica para o Norte de Quito, a posição mais vantajosa para dar combate e cortar as communicações com a cidade de Pasto. E assim o exercito libertador, alcançando o Pichincha, coroou a cratera desse volcão com um dos seus maiores triumphos!

As luctas de Sucre eram sempre um reflexo do seu temperamento methodico, ao mesmo tempo que prudente. Por isso, quando o chefe hispanhol quiz com elle rivalizar em arrojo, já era tarde. A invencivel divisão commandada por Cordoba, o mais intrepido dos coroneis de Sucre, derrotou completamente o inimigo, perseguindo-o até a Capital, onde

entrou livremente. E a victoria foi tal, que os Hispanhóes abandonaram, nas faldas desse volcão, 400 cadaveres e 190 feridos, entregando ao mesmo tempo 1.100 prisioneiros de tropa, 160 officiaes, 14 peças de artilharia, 1.700 espingardas, cornetas, bandeiras e todos os elementos de guerra, de que dispunha o exercito hispanhol.

A's 12 horas de 24 de Maio de 1822, terminou o último dia do govêrno do general Aimerich. Foi acceito o seu offerecimento de capitulação, que se verificou no dia immediato, e os trophéos dessa memoravel batalha foram dedicados ao Libertador da Colombia.

II

EPOCHA ANTERIOR A GARCIA MORENO — SEU NASCIMENTO — FORMAÇÃO DO SEU ESPIRITO

Logo apoz a batalha do Pichincha, Bolivar entrou triumphalmente em Quito, depois de ter organizado administrativamente a provincia de Los Pastos, que passou a ser regida pelas leis colombianas.

Nomeou governador dessa provincia ao coronel Antonio Obando, personagem lugubre de tragedia, um dos mandantes do assassinato de Sucre na solitaria montanha de Berruecos, quando o victorioso do Pichincha regressava a Quito, triste por não ter alcançado a presidencia da Republica da Colombia, para cuja grandeza tanto contribuira o seu braço de ferro.

Felipe Larrazabal refere o que é conhecido de todos: «Bolivar era, por temperamento, organizador e possuia por temperamento o sentimento da ordem. A qualquer poncto a que o levassem as suas aventuras guerreiras, administrava e zelava o cumprimento da justiça; promovia a educação da juventude e o augmento do commercio, e não permittia a mais leve injuria á auctoridade da lei».

Passára a commoção violenta das batalhas, e o jugo hispanhol fôra-se tambem com o passaporte que obteve o marechal de campo Aimerich para seguir caminho de Cuba.

O povo, ainda embriagado pela sua liberdade e principalmente reconhecido ao seu protector, que era a primeira fi-

gura do scenario politico da epocha, resolveu, por espontaneidade, aliás apparente, mas que o Libertador declarou ser de reconhecimento, de adhesão e de amor á Republica da Colombia, formar parte integrante desta, com o nome de Departamento do Equador, composto das provincias de Quito, Cuenca e Loja.

Bolivar e os seus companheiros de armas foram cumulado das maiores distincções. Então todos, auctoridades, corporações, representantes do Commercio e da Agricultura, o clero, as pessoas notaveis do logar e mesmo os paes de familia, proclamaram esse acto, solennemente reunidos na Municipalidade, decidindo esta, ao mesmo tempo, que se erigisse uma pyramide no logar onde se travára a batalha do Pichincha, com a seguinte inscripção: «Os filhos do Equador a Simon Bolivar, anjo da paz e da liberdade colombina». Completava esta inscripção outra dedicada ao vencedor daquella batalha: «Ao general Sucre, Quito livre em 24 de Maio de 1822».

Sucre foi escolhido pelo Libertador para governar esse Departamento. A escolha não podia deixar de ser feliz, pois a instrucção pública começou logo a prosperar, e, a par desta, medidas de ordem economica e estrategica foram tomadas, como a abertura do porto de Esmeraldas.

Com relação a Guayaquil suscitou-se a dúvida, si essa provincia pertencia ao Equador ou ao Perú, questão que foi inventada pelo presidente deposto Aimerich para estabelecer confusão e crear difficuldades aos libertadores. Os partidarios da annexação á Republica da Colombia agitavam-se, faziam propaganda, e chegaram a arriar a bandeira de 9 de Outubro, o que motivou protestos do govêrno de Olmedo. A presença de Bolivar, naquella cidade, accompanhado de um numeroso exercito auxiliar, em 13 de Julho de 1822, socegou os animos. Passados apenas septe dias da sua chegada áquella provincia, a annexação era um facto, e o Departamento reunia as provincias de Guyas, Los Rios, Ouro e Manabi.

Nenhuma violencia tornou-se assim necessaria para se oppôr ao desejo do povo, que era a sua independencia absoluta, mostrando-se uns contrarios á reunião com o Perú, outros com a Colombia.

O Libertador obteve a annexação a este último paiz por meio de um plebiscito. A sociedade feminina, o requinte dos salões de Guayaquil, encantou desde logo os officiaes colombianos.

O general Antonio Morales, quando foi enviado de Bogotá para noticiar o armisticio pactuado entre Bolivar e o general Marillo, escrevera o seguinte a Santander em carta, datada de 27 de Março de 1821: «Encontro-me em Guayaquil, formosa cidade, onde ha mais belIezas do que na Circassia e na Mingrelia. Jamais vi um paiz tão rico de formosuras e de mulheres tão amaveis e dotadas de tanta graça. Francas no seu tracto, modestas sem affectação, obsequiosas, cheias de *salero*, dansam divinamente». Em seguida refere-se ao patriotismo exaltado dessas damas. Muito contribuiram ellas, de facto, antes e depois dos successos de 9 de Outubro, para a sorte da sua patria e para que esta se vinculasse a um dos dous Estados que disputavam a annexação.

San Martin, só então comprehendendo as vantagens que podia tirar dessa situação, começou a trabalhar activamente a favor do Perú. Para esse fim enviou de Lima uma commissão de seis coroneis, mas sem contar com o prestigio do seu adversario, tão grande que nas innumeras festas sociaes, com que celebraram a presença do Libertador em Guayaquil, o seu logar era sempre magestosamente marcado por um docel.

Alguns publicistas attribuem o fracasso de San Martin á mediania das suas vistas politicas, não tendo sabido tirar partido da situação, em que se encontrou Guayaquil logo apoz o combate de Huachi.

O certo é que, com relação á politica de Guayaquil, a acção de Bolivar foi sempre prompta; a de San Martin, ao contrário, ou mostrou falta de interesse por ella, ou os seus auxilios, comparados com os de Bolivar, foram insignificantes.

A soldadesca colombiana é que, mais habituada ás asperezas dos campos de batalha do que ao refinamento dos salões, não teve, nos primeiros tempos da sua estada na costa equatoriana, o bom accolhimento que esperava o Libertador. Conta Muños Vergara que ella foi recebida com zombarias,

como já o havia sido na Bolivia, onde o povo cantava pelas ruas modinhas mais ou menos insultuosas como esta:

Venha o cão,
Venha o gato,
Não ha Colombiano
Que não seja mulato.

Venha o gato,
Venha o cão,
Não ha Colombiano
De boa educação.

Para essas manifestações de desagrado concorreu muito a pressão, que os officiaes e os soldados pretenderam exercer sôbre os patriotas para conseguirem a annexação.

O general Cordoba, em carta que escreveu, chegou a qualificar apaixonada e injustamente a Juncta Governativa «de govêrno de canalhas independentes de todo o mundo».

Ainda uma vez o tino politico e a galanteria de Bolivar pouparam os dissabores de uma antipathia, que podia ter-se tornado constante entre os dous povos.

Bolivar não se mostrou insensivel aos encantos e aos requintes das damas equatorianas, e antes reconhecido deixou-se vencer pela belleza, pelas graças e pelo talento de uma dellas. São conhecidos os amores do Libertador com a elegante dama de Quito, Manoelita Saenz (2), a qual, desde que elle alli appareceu, foi a sua favorita, que jamais o abandonou, conheceu todos os segredos da sua vida e o salvou da morte, chegando a ter grande influencia na politica e nas intrigas da Côrte, o que lhe valeu varios desterros.

O marechal Sucre, por sua vez, apaixonou-se pela marqueza Mariana de Solanda, com quem se uniu pelo matrimonio.

Antes de conferenciar com Bolivar, pretendeu San Martin vir a Guayaquil para entender-se com Olmedo sôbre assumpto que ainda hoje permanece envolto em mysterio.

---

(2) Outros affirmam que Manoela Saens de Thorne, casada com um inglez desse nome, de quem se separou para viver com Bolivar, era natural de Paita.

Houve troca de correspondencia entre ambos e, em carta que lhe dirigiu o grande poeta, datada de 22 de Fevereiro de 1822, lamentava que a sua viagem não tivesse passado além de Paita por circunstancias independentes da sua vontade.

A idéa de Olmedo era pela independencia absoluta, mas dos termos da carta conclue-se que San Martin dispunha de um partido forte em Guayaquil, e que o objecto da viagem não foi outro sinão a annexação dessa provincia ao Perú.

Avistaram-se afinal os dous grandes chefes em Guayaquil, e parece que San Martin não previu a presteza com que o Libertador se apresentou naquella cidade, pois que, ao partir de Calláo, annunciou que iria visital-o em Quito. Não occultou mesmo o seu despeito ao ter a noticia da presença inesperada de Bolivar e pretendeu até recuar, só não o tendo feito porque este, insistindo pela conferencia que se tornou historica, propoz-lhe ir ao seu encontro.

San Martin explicou mais tarde dissimuladamente o motivo dessa viagem que, « não teve outro objecto sinão reclamar do general Bolivar aos auxilios de que elle pudesse dispôr para a terminação da guerra do Perú, retribuindo por essa fórma os que elle prestára para libertar o territorio colombiano ».

De facto o Congresso Colombiano concedeu a Bolivar a auctorização que desejava o Protector do Perú, mas desde muito antes os officios que dirigira o marechal Sucre ao ministro da guerra do Perú, general Tomas Guido, garantiam a remessa de tropas auxiliares.

Parece que os ponctos principaes da conferencia versaram sôbre a annexação de Guayaquil ao Perú, questão que o Libertador declarou seria resolvida pelo plebiscito a realizar-se dentro em breve, e sôbre a fórma de govêrno mais conveniente ás nações americanas.

O plebiscito fôra acceito em principio por San Martin, que, em carta que endereçou ao Libertador da Colombia em 3 de Março de 1822, assim se expressou: — « Deixemos que Guayaquil consulte o seu destino e medite sôbre os seus interesses para annexar-se livremente á secção que mais lhe convenha »

No seu entender, esse poncto era tão delicado, que não via outra solução para exclarecer a conducta dos dous Estados limitrophes, «a nenhum dos quaes competia conseguir pela fôrça a deliberação popular que devia ser espontanea».

A resposta de Bolivar foi diplomatica, frisando que a espada dos libertadores jamais fôra empregada sinão para a defesa dos direitos do povo. E accrescentou, muito expressivamente, que a sua continuava ao serviço da integridade do territorio da Colombia para garantir a esse povo a maior somma de liberdade e estirpar os elementos perturbadores de tyrannia e de anarchia.

Essa carta tem o tom de um aviso, que devia desde logo orientar a conducta do Protector do Perú.

Já o ministro peruano Monteagudo tinha emprehendido em Lima a campanha a favor das idéas de San Martin para alli implantar as instituições monarchicas. A consulta quanto ao segundo poncto estava respondida pela Constituição colombiana, que adoptára o govêrno republicano e democratico.

Bolivar, que no correr da sua vida manifestou talvez idéas mais conservadoras e auctoritarias do que San Martin, cortou a conversa, affirmando que «jamais contribuiria para que os rebentos das velhas dynastias européas fossem transplantados para o Novo Mundo e que, si tal cousa pretendesse, a Colombia em massa diria que elle era indigno do nome de Libertador, com que fôra honrado pelos seus companheiros».

San Martin, não se considerando vencido, continuou a expôr os seus argumentos em favor do systema monarchico, allegando a falta de preparo dos povos que luctavam pela sua independencia para uma exacta comprehensão da democracia. Citou o exemplo do Brasil e de quasi todos os paizes da America do Sul, onde não existia verdadeiro espirito republicano, a não ser em Caracas, Bogotá e Buenos Aires. Bolivar terminou a conferencia com esta phrase cortante: «Não detenhamos a marcha do genero humano com instituições, que são exoticas na terra virgem da America».

Em Lima as cousas corriam mal para San Martin; a causa da independencia perigava, os inimigos do Protector augmentavam, a hostilidade do Congresso era unanime, e a situação

do paiz estava cada vez mais compromettida pelos desmandos do ministro seu favorito.

A revolução explodiu, e Monteagudo foi deposto no mesmo dia em que o Protector aportou a Guayaquil a bordo do *Macedonia*.

Tudo isso e mais o fracasso dessa missão levaram-n'o a renunciar o cargo de Protector, finalizando ahi a carreira politica do general San Martin, que seguiu para o Chile e dahi passou a Buenos Aires, sendo por fim forçado a partir para a Europa, onde os seus serviços militares não eram necessarios.

A satisfacção do Libertador com a sua victoria e com a consequente derrota do seu antagonista foi tal, que em 29 de Julho escreveu ao vice-presidente Santander : « Hoje a Juncta Eleitoral está deliberando sôbre a annexação á Colombia... Conseguimos nestes ultimos dias uniformizar a opinião, para que muito contribuiu a presença de San Martin que tractou os independentes com o maior desdem. Isto é o que se chama saber tirar partido de tudo... »

Nesta questão, como em todas as outras que se relacionaram com a independencia do continente americano, Bolivar foi estadista e diplomata; San Martin provou que era apenas um grande guerreiro.

* * *

Bolivar só pensava em derrotar as fôrças realistas, que ainda pretendiam sustentar a soberania hespanhola nos Estados da America do Sul.

Approximava-se tambem o final dessa longa e sangrenta campanha, pois que as victorias de Junin e de Ayacucho não tardariam e com ellas o desmoronamento do último reducto com que a Hispanha podia ainda contar nas costas do Pacifico.

Duas vezes tentaram os realistas experimentar a solidez da obra politica, que o Libertador cimentara no Sul da Colombia; o fusilamento de Agualongo, chefe da primeira rebellião, e a derrota de Sucumbios foram bastantes para que os realistas perdessem o espirito de resistencia e todos os seus sentimentos combativos.

Começaram por essa epocha os dias aventurosos do general João José Flores, de consequencias beneficas para o Equador, que acabou por declarar a sua separação. Flores, venezuelano, era um dos protegidos de Bolivar. Este continuava a ter grande influencia em toda essa região, e assim foi que, quando se deu a insurreição de Valencia, que ameaçou a integridade da Colombia, contra ella reagiram Guayaquil, Quito, Cuenca e outras cidades que proclamaram a dictadura do Libertador, o qual, entretanto, ao regressar do Perú, teve o bom senso de recusar a investidura.

Surge a questão da integridade territorial, e o Perú entra em guerra com o Libertador da Colombia. Occupava a presidencia do primeiro desses Estados o general Lamar, que era equatoriano. Flores commandava as armas em Quito e foi encarregado por Bolivar de dirigir as operações militares na fronteira, sob o commando supremo do marechal Sucre.

Vencidos os Peruanos, voltaram a bloquear o porto de Guayaquil; mas Lamar desanimado, apezar das fôrças de que dispunha no Departamento e de ter por si as sympathias da Municipalidade, reassumiu a presidencia do Perú.

Varias foram as peripecias dessa guerra, em que o almirante Guise perdeu a vida. A situação aggravava-se de dia para dia com a falta de communicações, que era completa, quando a fome já batia ás portas da cidade.

A victoria de Tarqui, pendendo para os Equatorianos, impoz afinal a capitulação, que se effectuou em 22 de Septembro de 1829 com o tractado de Guayaquil, que firmou a paz e convencionou os limites dos dous Estados, pondo termo á lucta fratricida.

A recuperação de Guayaquil fizera-se pacificamente, e isto mais uma vez devido ao tino de Bolivar que, de Quito, á frente do exercito, dirigira todas as operações.

Em Venezuela, terra a cujo engrandecimento elle consagrára 20 annos da sua existencia, continuava a lucta dos partidos, que acabou pela revolução e pela dissolução da grande Republica.

Si até então os Equatorianos supportaram esse estado de cousas, desde muito em Guayaquil e em Quito um partido autonomista vinha prégando a separação.

Esse partido era o da juventude, composto em sua maioria de estudantes de valor, orientados pela palavra de Pedro Moncayo, que depois com a sua penna de polemista teria que se oppôr patrioticamente pelo seu jornal *O Quitenho Livre*, a todos os desmandos e excessos da presidencia de Flores, vindo da Venezuela como general para installar-se no Equador como chefe de Estado.

O Libertador ao expirar em Sancta Maria, apezar da generosa Proclamação que dirigiu ao povo que libertou, devia ter recordado com amargura a confiança que depositára nesse e em outros dos seus auxiliares, ambiciosos e ingratos para com elle, cujo unico pensamento fôra engrandecer a sua patria e colloca-la no primeiro plano das nações.

Pouco antes desse lutuoso acontecimento para toda a America, o procurador geral de Quito pediu a organização de um govêrno independente. E este não tardou, pois que no dia immediato, isto é, a 13 de Maio de 1830, uma Juncta convocada para esse fim proclamou a separação.

E' que Flores, então prefeito geral do Sul, tinha as suas vistas postas na presidencia da Republica, que de facto veio ter ás suas mãos, quando o Congresso Constituinte, reunido em Riobamba, votou a Constituição no dia 11 de Septembro daquelle mesmo anno.

De soldado da Independencia que foi durante a guerra, passava a occupar o primeiro logar na historia da formação desse Estado, que ficou composto de tres departamentos.

Si Flores foi notavel nos campos de batalha pela sua valentia, nada indicava que na Politica estivesse destinado a ser uma das figuras do primeiro plano.

Algumas das suas victorias são mesmo contestadas. E' preciso porém ter em vista que Flores deixou no Equador tantos ou mais inimigos do que Garcia Moreno.

Affirmam varios historiadores, e entre estes o dr. Pedro Moncayo, que a victoria de Pasto, mediante a qual conseguiu pacificar a cidade, foi antes devida ao prestigio militar do seu amigo, general Obando. Preponderancia e vaidade são em summa os traços psychicos que caracterizam esse governante.

Conta Moncayo que Flores, chegando pela primeira vez a Quito, como commandante geral do Departamento, iniciou a serie dos assassinatos pelos dos retratos dos antigos presidentes de Quito. Enquanto o povo alegre ria-se, completamente entregue aos folguedos do Carnaval, elle fazia baixar das paredes do Palacio esses retratos e colloca-los na praça pública, suspensos entre dous postes, para os destruir pelo fogo.

Foi uma scena de loucura, a que o povo assistiu indifferente ao meio da vozeria extravagante desse dia, a de ver a primeira das suas auctoridades, a cavallo e accompanhada dos applausos de numeroso sequito de cortezãos, executar, por meio de lançadas formidaveis, arremetidas contra as chammas, as effigies desses homens, muitos de saudosa memoria para os governados daquelles tempos, entre os quaes o barão Caron de Let, que durante a sua administração tanto zelou os interesses do povo, que foi cognominado o seu protector e benfeitor.

A opinião dos historiadores está, porém, muito dividida quanto ao verdadeiro retrato moral de Flores, a cuja memoria os Equatorianos não podem deixar de ser gratos, pois que foi elle o fundador da nacionalidade.

Mesmo a separação do Equador, ao envez de ser considerada uma ingratidão para com Bolivar, no dizer de muitos não passou de uma consequencia inevitavel da separação da Venezuela, que a precedeu, no meio de uma lucta de ambições pessoaes que provocou o desmoronamento da obra do Libertador, desapparecidas as principaes figuras que podiam manter a unidade nacional com o triste fim da vida do seu creador, com o assassinato de Sucre e com a ameaça da guerra civil.

A nodoa mais feia da sua vida de estadista, aquella em que se lhe attribue a cumplicidade, sinão a parte principal, o assassinato de Sucre, encontrou defesa na palavra respeitavel do equatoriano Elias Lasso, reitor da Universidade de Quito.

«Poude matar a Rocafuerte e o elevou á presidencia da Republica, poude matar a Moncayo e o nomeou consul em Piúra...», mas Flores era bastante habil para comprehender que esses não eram homens aos quaes se pudesse tirar a vida

contando com a impunidade, e o seu interesse era maior em os attrahir para o serviço do seu partido.

Restrepo, o notavel historiador da Colombia, tractando da revolução de Urdaneta em 1830, mostra-se favoravel ao general Flores, reconhecendo-lhe intelligencia superior, energia, valor, previsão e muita tolerancia e humanidade.

E' certo que as responsabilidades nunca puderam ser apuradas com relação aos auctores do monstruoso attentado; mas Flores procurou por todos os meios salvar a reputação do seu amigo e talvez cumplice. Mais tarde, em correspondencia intima com seu filho Antonio, tão notavel nas lettras como na politica, escreveu o seguinte: « Um destino funesto quiz que o ex-general José Maria Obando, que tinha premeditado o assassinato do grande marechal de Ayacucho, Antonio José de Sucre, de accôrdo com outros senhores cujo nome não devo expressar neste momento, porque elles são apontados pela opiniã publica... »

Para essa perfidia que foi o assassinato de Sucre concorreu muito a inveja.

O seu immenso prestigio era uma ameaça constante aos planos sinistros dos governantes ambiciosos. Flores era inimigo ou antes rival de Sucre.. Aquelle passou sempre por ter alma generosa, mas com os vencidos e com os amigos e partidarios da sua politica. Por isso mesmo apressaram-se estes em propalar que a auctoria do crime de Berruecos não podia ser attribuida sinão ao partido liberal da Colombia.

O marechal não era adverso a essa politica, mas sim á que seguiram os Estados separatistas. Tambem não tem explicação o manifesto publicado por Flores, no qual mentiu quando affirmou que Sucre approvára a separação dos tres Departamentos e a creação do novo Estado do Equador, pela razão muito simples de que, como diz Moncayo, « elle sabia muito bem que o desgraçado marechal não havia de passar de Berruecos ».

O govêrno de Flores, durante os primeiros annos da Republica, não foi nacional, pois que sustentou-se nas baionetas de um exercito composto em sua maioria de elementos extrangeiros. Mas tambem a primitiva idéa da separação não fôra absoluta, pois que os constituintes de 1830 chegaram a pensar

numa confederação composta dos tres Estados do Equador, de Nova Granada e da Venezuela.

Essa Constituição, votada em Riobamba, no dia 11 de Septembro de 1830, foi a primeira que declarou como religião do Estado a Catholica Apostolica Romana, e que a protegeu com exclusão de qualquer outra.

Não tardou o presidente em violar essa Constituição. Entrou elle em lucta com o partido nacional e tão cruel foi esta, que datam dahi os actos que os historiadores seus inimigos qualificam de tyrannicos.

Que Flores era dotado de muita astucia não ha dúvida alguma, pois a historia da sua vida ahi está para o confirmar. De simples militar na guerra da Independencia fez-se litterato no Equador e publicou versos ainda que mediocres; conseguiu immiscuir-se no estudo das leis, e a Universidade de Quito conferiu-lhe as insignias de doutor; fallou ao povo, usando de linguagem simples e apropriada ás circunstancias, e conquistou popularidade que lhe valeu um partido forte chamado *floreano;* penetrou nos primeiros salões, e os seus gestos amaneirados impressionaram o elemento feminino a tal poncto que elle, de nascimento obscuro, se alliou pelo casamento a uma das familias mais aristocratas e de maior preponderancia no Equador; chamou para o seu partido as principaes figuras do seu tempo e, no correr da sua existencia aventureira, jamais se soube qual fôra o seu credo politico, si republicano ou realista.

Foi crença geral no Equador e constituiu mesmo objecto de um inquerito, em que funccionou activamente uma commissão parlamentar hispanhola, que Flores, despeitado durante a presidencia de Roca, andou por Paris e por Madrid a negociar um throno para o Equador, organizando para isso uma expedição naval. Nesse throno devia sentar-se, com annuencia da rainha d. Maria Christina, um dos filhos dos duques de Rianzares.

A musa de Olmedo, que compartilhou as responsabilidades da sua primeira presidencia, não foi indifferente á gloria desse general, vencedor em Miñarica, que atravessou a Venezuela, a Nova Granada e o Equador, merecendo dos respectivos corpos legislativos decretos excepcionaes, espadas de honra,

a mais alta hierarchia nos seus exercitos e a inscripção postuma com que o ultimo desses Estados procurou perpetuar a gratidão nacional: «AO PAE DA PATRIA O POVO AGRADECIDO».

* * *

Quando se proclamou a separação do Equador, Garcia Moreno contava apenas nove annos, pois nasceu em Guayaquil no dia 24 de Dezembro de 1821.

Foram seus paes o hispanhol Gabriel Garcia Gomez e d. Mercedes Moreno, natural daquella cidade, onde recebeu na pia baptismal o mesmo nome de seu pae.

Sem ser sobrinho do duque de Gandia como João Borja, o inimigo que elle tanto perseguiu, veio de uma familia abastada e de sangue nobre, além de honrada com a confiança e a consideração do govêrno colonial.

Garcia Gomez chegou a Guayaquil em fins de 1793, depois de ter vegetado no funccionalismo hispanhol. Foi a imaginação do ouro que certamente o trouxe a essa região da America, das mais afamadas pela riqueza do seu sólo. Tentou a fortuna e prosperou nos primeiros tempos, mas passou rapidamente da opulencia á miseria.

Taes revezes foram ainda aggravados pela necessidade de sustentar a numerosa familia, de que foi chefe. Além do grande homem que viria influir tanto nos destinos do Equador, contava o casal cinco filhos e tres filhas. Todos elles foram educados em um ambiente de fidelidade ao rei e de amor e respeito á religião catholica.

Um dos tios de d. Mercedes, José Ignacio Moreno, foi arcediágo de Lima e publicou um ensaio sôbre a Supremacia do Papa. Outro parente seu occupou posto eminente na hierarchia ecclesiastica: o cardeal Moreno, arcebispo de Toledo.

Nessa epocha, em que a moral do Christianismo estava sujeita a interpretações duvidosas, em que a liberdade da terra que habitavam foi implantada pelos livres pensadores, vivendo, num meio de constantes revoltas de quartel e de guerras, em que as nacionalidades variavam com as victorias, os progenitores de Garcia Moreno mostraram grande firmeza de espirito.

Deante de todos esses acontecimentos o seu character não lhe permittiu dar mostras de enthusiasmo, nem tão pouco de despeito, em explosões de protesto.

Garcia Gomez, que era de genio brando, resignava-se com a adversidade. Não fez parte dessa legião, que em periodos anormaes da vida dos povos entra em lucta para defender os seus interesses, mesmo os illegitimos. Preferiu encarar os acontecimentos como simples espectador.

O que lhe faltava em energia era compensado pela austeridade dos costumes de d. Mercedes, a quem coube, tudo o indica, a formação da intelligencia e do coração de todos os seus filhos.

O primogenito seguiu a carreira ecclesiastica, e sacerdote não deixou de ser o mais novo delles, que foi Garcia Moreno, pois sentiu vocação para esse estado e nelle encetou os primeiros passos, além de que, aos olhos da virtuosa senhora e de todos os catholicos (chamaram-n'o bispo do Exterior, privilegio de que nas basilicas christãs gosava o imperador Constantino) teve uma missão digna e respeitavel na sociedade que dirigiu.

Os ensinamentos maternos decidem geralmente do futuro destino dos filhos, observa muito bem Juan Leon Mera; «de uma grande mãe africana veio Sancto Agostinho, uma das maiores glorias da Egreja; a uma grande mãe hispanhola deve a França o sancto rei que mais illustrou e ennobreceu o seu throno.»

Os sobreviventes dessa illustre familia foram sempre fieis observadores da liturgia catholica.

Occuparam alguns delles posições de destaque no funccionalismo e na representação nacional, e o terceiro foi um dos maiores fazendeiros do Equador, que, dispondo de grande fortuna, procurou mais tarde auxiliar sempre Garcia Moreno nos transes da sua vida politica tormentosa.

Convencido da ingratidão de muitos dos seus conterraneos para com o ermão, aconselhou-o a que abandonasse a Politica e a patria, ao que Garcia Moreno contestou patrioticamente: «Deus não me creou sinão para fazer o bem no Equador».

Com taes exemplos de honradez e de orthodoxia, Garcia Moreno não podia deixar de ser o governante que foi.

Conta-se que, em certo momento, observando-lhe alguem que o rigoroso jejum da quaresma de 40 dias podia lhe ser prejudicial á saude, então abalada, replicou contrariado: "Seria vergonhoso que eu não pudesse seguir o exemplo de minha mãe, que tem 80 annos e ainda jejua".

O convivio nessa casa, em que tudo respirava o temor a Deus, não podia deixar de ser sinão entre pessoas devotas.

D. Mercedes frequentava de preferencia os conventos. Enviuvara. As suas condições de fortuna, ou antes de pobreza, eram taes, que faltava-lhe o mais insignificante recurso para pagar as primeiras luzes, que o espirito do joven Garcia já reclamava. Dotada de instrucção regular, encarregou-se ella mesma dessa paciente tarefa, e tão bons resultados conseguiu que desde logo revelou-se a intelligencia superior do filho, que era apenas uma criança de septe annos.

Nada fazia prever por esse tempo que Garcia Moreno viria a ser um guerreiro e muito menos capaz de practicar as crueldades que lhe são attribuidas.

Em criança Garcia Moreno era de natureza timida. Tinha horror á morte, e a vista dos cadaveres causava-lhe profundas perturbações nervosas. O explorador que baixou ao amago dos volcões sentia a approximação do aniquilamento ao ouvir o estrondo do trovão, e quiz a fatalidade que o seu assassino se chamasse Rayo!

Garcia Gomez, enquanto vivo, procurou mudar-lhe o character e incutir-lhe coragem, obrigando-o a affrontar na solidão os phenomenos naturaes, que tanto o amedrontavam.

Concluido o estudo das primeiras lettras passou ao da latinidade. Encarregou-se dessa parte um virtuoso frade do convento de Nossa Senhora da Mercê, José Betaucourt, ao mesmo tempo confessor da illustre senhora. Taes foram os progressos que apresentou o discipulo, já senhor de todas as difficuldades da lingua e dos escriptores latinos, que o professor comprehendeu que tinha deante de si uma promessa de sabio.

Não se contentou Garcia Moreno com esses estudos elementares, e munido de bons livros, onde a sua boa sorte os fazia de-

parar, principalmente nas bibliothecas dos conventos, lia-os com soffreguidão.

Tamanha erudição adquiriu em tão tenra edade, contando apenas 15 annos, que todos a discutiam, aconselhando-o a que seguisse os estudos superiores.

Era esse, porém, um privilegio dos filhos das familias ricas, pois que as Universidades só funccionavam em Quito ou, quando muito, em Lima.

Debatia-se d. Mercedes nessa tortura da alma, por não dispor em absoluto dos meios pecuniarios para a realização de similhante sonho, quando o bondoso frade veio em seu auxilio e offereceu a casa de duas ermãs suas, pessoas edosas que viviam na capital do Equador e podiam agasalhar com a sua escassa fortuna o estudante nos primeiros annos do seu curso universitario.

Partiu elle em Septembro de 1836, nas proximidades da abertura dos cursos e, confiado a uma caravana, naturalmente de indios, despediu-se da opulenta vegetação equatorial da sua terra para atravessar o coração dos Andes.

A sua imaginação devia ter-se extasiado ante aquelle panorama soberbo, tão diverso do que elle conhecia, contemplando uma extensa cadeia de volcões, alguns com as suas crateras cobertas de neve, outros em ignição, o Chimboraso, o Antisana, o Cotopaxi, o Pichincha, o Cayambe, o Saguay, cavalgando dias inteiros por um caminho longo, accidentado e quasi deserto, com as suas quebradas pittorescas e a monotonia do tilintar das boiadas e das caravanas de indios seguindo, á trote de mula, o trabalho quotidiano das lhamas.

Si a differença entre as duas naturezas é tal, maior é ainda a dos usos e costumes. Garcia Moreno sentiu a nostalgia dos expatriados e seguramente saudades immensas do lar materno.

Tão extremoso filho era elle, que no correr da sua vida brilhante repetia que só conhecêra um cerebro bem organizado em Guayaquil, o de sua mãe.

Nos primeiros dias, que succederam ao da sua chegada á capital serrana, isolou-se e, além das suas protectoras, não conheceu pessoa alguma. Rezava nas egrejas e visitava os conventos. Mas, em terra de população tão reduzida, difficil

seria passar despercebido, tanto mais quanto a sua estatura, os seus gestos rapidos, os seus olhos negros penetrantes, a sua curiosidade insaciavel, eram marcas de personalidade que attrahiam a attenção á primeira vista.

Propicio era o meio ao seu espirito sequioso de saber. A Universidade de Quito passou sempre por ser uma das primeiras da America do Sul, e a Bibliotheca Nacional uma das mais ricas da Grande Colombia.

Os estudantes viram logo naquelle calouro um companheiro notavel, os mestres um futuro collega nas cathedras universitarias. Assim, cercado de amigos e da consideração dos professores, concluiu elle o seu curso de Humanidades, para encetar o de Philosophia, Mathematicas e Sciencias naturaes, que exigia a frequencia de tres annos.

Aos predicados da intelligencia junctava o novel estudante uma inteireza de character jamais perturbada por um desses desvios tão communs e perdoaveis na vida irrequieta dos adolescentes.

Essa austeridade foi compensada por uma designação honrosa: a de inspeccionar as turmas, apezar da sua pouca edade, encargo que desempenhou com um rigor tal, que evidenciou o seu character auctoritario e intolerante.

A sua memoria era prodigiosa; repetia as licções, citava trechos interminaveis de cór e fazia todos os dias, pelo mesmo processo, a chamada, por ordem alphabetica, dos 300 alumnos que trabalhavam sob as suas vistas.

O Governo, apreciando devidamente o exfôrço e a competencia do alumno, nomeou-o professor de Grammatica, com a condição de continuar a seguir o curso de Philosophia.

Seguia Garcia Moreno esse curso no Collegio de S. Fernando desde 1837, quando a sua alma, em exaltação religiosa, lhe segredou que era chamado por Deus para o exercicio do sacerdocio. Fez-se tonsurar pelo bispo de Guayaquil, que se achava em Quito, e recebeu ordens menores. Foi, porém, passageiro esse periodo de mysticismo.

A sua fama já não lhe permittia vida de recolhimento, nem de sacrificio; as suas relações sociaes que eram o que de melhor havia na capital, o attrahiram, e elle acabou por com-

partilhar de todos os prazeres mundanos da mocidade aristocrata do seu tempo.

Concluiu esse outro curso com egual, sinão superior, brilhantismo ao com que terminou os seus estudos humanitarios.

Percorreu assim a escala dos conhecimentos humanos, nos quaes se aprofundou, preferindo as Mathematicas e a Chimica.

A respeito dessa predilecção os seus inimigos escreveram ironias profundas, como esta: "Agradava-lhe a multidão dos numeros, mais tarde veio a agradar-lhe a multiplicação de cabeças cortadas".

São desse tempo várias anecdotas, que correm, da sua vida de estudante, relativas algumas á superioridade dos seus conhecimentos aos dos mestres, outras á impetuosidade e violencia do seu character, outras finalmente que são documentos da sua temeridade e do seu desprêzo pela morte.

* * *

Terminada a primeira presidencia de Flores; vencido Rocafuerte, que fôra a alma da revolução, preso em Guayaquil por ordem do Governo e salvo pela sua popularidade que o levou á presidencia da Republica, com o consentimento do estadista venezuelano, alcançou este, pela segunda vez, a direcção suprema dos negocios do Estado, apoiada nas armas que lhe permaneceram fieis. Isto passava-se em 1839.

Entretanto, a presidencia de Rocafuerte fôra proveitosa ao Equador. Dotado de um espirito superior occupou-se da organização interna do paiz, supprimindo impostos, melhorando a instrucção pública, decretando medidas apropriadas aos progressos da Agricultura e das communicações, e procurando disciplinar os quarteis.

Em 1835 tivera o Equador a sua segunda Constituição, mais liberal que a de 1830, até mesmo no que se referia á religião do Estado. Essa Constituição aboliu a possibilidade de uma confederação com os outros Estados da Colombia, garantiu o direito do suffragio, alterou a divisão territorial e augmentou a independencia dos poderes constituidos.

Rocafuerte não poude atravessar esse periodo sem alguns

dissabores, que foram devidos á sua alliança com Flores. No fim do seu govêrno foi duramente atacado pela situação onerosa que creou para o Equador a liquidação da divida externa concernente aos emprestimos, que os Inglezes fizeram a Bolivar para a guerra da independencia.

Reunida a Legislatura de 1839, foi o general Flores eleito por 39 votos e tractou de chamar ao seio do govêrno o partido nacional que conservára afastado durante a primeira presidencia.

O successo mais importante do seu govêrno foi o reconhecimento da independencia do Equador pela Hispanha, cujas negociações haviam sido iniciadas durante a presidencia de Rocafuerte. A paz, que este cimentara nas relações internacionaes, começava a ser perturbada nos Estados limitrophes.

Flores interveio nos assumptos de Nova Granada, agitada nessa epocha por uma questão religiosa, nas vesperas da eleição presidencial. A' frente de um exercito de 1.000 homens tomou armas para combater o candidato opposicionista general Obando, que fôra seu amigo. Esse candidato, apresentado pelo partido liberal, não convinha aos governantes granadinos, que ainda se recordavam do processo instaurado e que chegou a reviver, para o descobrimento dos assassinos do marechal de Ayacucho. A questão era antes pessoal, e assim o provou a designação de Mosquera, inimigo de Obando, para combate-lo. Depois de algumas escaramuças recuou este até á cidade de Pasto, sempre perseguido pelos exercitos alliados, que acabaram por vence-lo.

Enquanto Flores se distrahia com essas victorias de nenhum proveito para o Equador, a opposição trabalhava activamente. Conseguiram assim os deputados contrarios ao seu partido triumphar em algumas provincias.

Rocafuerte, nomeado governador da provincia de Guayaquil, alheio a todas essas intrigas, continuava a dar mostras da sua grande capacidade como administrdor, occupando-se, com a mais escrupulosa attenção, das escholas, dos hospitaes, de todas as repartições públicas, de tudo quanto dizia respeito em summa á instrucção pública e ao saneamento dessa cidade.

Flores dispunha de maioria parlamentar, mas não era homem para tolerar que uma minoria, fosse ella qual fosse, se

constituisse para fiscalizar os seus actos. A sua attitude tornou-se duvidosa, e com ella nasceram as desconfianças. Acreditavam todos, e principalmente os seus inimigos, no seu proposito de perpetuar-se no poder. Annunciava-se assim o despotismo pessoal do presidente, e a situação internacional do paiz apparecia envolvida em densas nuvens. Estava o povo tambem certo de que a intervenção de Flores a favor do presidente Herran, no seu incidente com Obando, só servira para complicar a questão de limites com a Republica de Nova Granada. As sociedades secretas discutiam com ardor patriotico a situação interna do paiz.

Surge a figura de Garcia Moreno, com o seu temperamento fogoso e violento, a defender pela primeira vez os destinos da patria, a estudar e a aconselhar os meios para salva-la da tyrannia.

Occupava elle a présidencia da sociedade "A Philotechnica", e certa noite em que se fallava do mesmo assumpto, porque a associação occupava-se de politica e não de artes, pronunciou uma daquellas suas phrases rapidas e incisivas com que mais tarde resolveu várias situações difficeis: "O meio mais prompto e mais seguro é o punhal, e eu offereço-me para levar avante o projecto, si algum dos meus consocios estiver disposto a accompanhar-me".

Um houve que se levantou e exclamou: "Eu o accompanharei". Esse homem chamava-se Rafael Cornejo, e a lição foi tão proveitosa que mais tarde elle será o pae de um dos conspiradores contra a vida do presidente Garcia Moreno!

A attitude que este assumia nessas sessões era, na phrase de Roberto Andrade, "a de um homem da França revolucionaria de 1793".

Juan Leon Mera nega a exactidão de tudo isso, valendo-se do testimunho insuspeito do historiador Cevallos; admitte a possibilidade de ter sido Garcia Moreno o responsavel por aquelle projecto de assassinato (o dr. Manuel Angulo, que ensinára a Philosophia a Garcia Moreno, o classificou de regicidio canonico), mas diz que esse poncto historico não está exempto de controversia.

Certo é que os detalhes dessa conspiração só vieram á luz muitos annos após os acontecimentos, e que entre os historiadores que procuram definir a responsabilidade de Garcia Moreno nessa tentativa revolucionaria, conta-se o dr. Pedro Moncayo, redactor da *Lanterna Magica*, jornal que fazia opposição a Flores e ao partido floreano, mas que achava-se ausente, naquella occasião desterrado na costa do Perú.

No meio dessa agitação da politica revolucionaria, Garcia Moreno proseguia no seu curso de Jurisprudencia.

Avido de saber, não se contentava com esses estudos, nos quaes se notabilizava de anno para anno. Multiplicava a sua actividade pelas sociedades litterarias, que frequentava com assiduidade.

Aperfeiçoou-se nas Mathematicas superiores com o engenheiro francez Wisse, de quem foi amigo inseparavel. Esse sabio foi o seu companheiro na exploração do volcão Pichincha em Agosto de 1844. As observações feitas e publicadas por Garcia Moreno foram tão exactas e tão importantes, que Humboldt as reproduziu, primeiro com elogios no *Cosmos* e depois nas *Miscellaneas de Geologia e de Physica Geral*.

Doutourou-se Garcia Moreno aos 23 annos e começou a practicar a sua profissão no escriptorio de um dos advogados de mais fama naquelles tempos.

O dr. Joaquim Enriques passou-lhe um attestado dos mais honrosos para que pudesse se estabelecer independentemente. Curto, porém, foi o tempo em que lidou com as causas, preferindo entregar-se com firmeza ao estudo do Direito canonico.

O seu temperamento era adverso ás subtilezas das luctas forenses.

Continuava a mostrar a sua austeridade, a tal poncto que se negou a defender um assassino, e isso obstinadamente, assegurando aa presidente do tribunal "que lhe seria mais facil assassinar" !

Nas suas conversas predilectas, quando não se occupava de assumptos litterarios ou scientificos, reflexionava sôbre o futuro da patria, sôbre as reformas de que o paiz tanto necessitava. Annunciava-se já, atravez de um patriotismo exaltado,

o futuro estadista que tanto concorreu para enriquecer os fastos da Historia do Equador (3).

Não lhe faltavam predicados que aos olhos de todos eram promessas de um futuro brilhante: intelligencia superior, conhecimento profundo de várias sciencias, moral austera e sobretudo muita fôrça de vontade. Dispondo de taes vantagens nem sempre se consegue, entretanto, vencer as difficuldades da vida, sem o auxilio pecuniario, que é a melhor garantia de independencia. O matrimonio veio corrigir essa falta. Alliou-se Garcia Moreno pelo casamento a uma das familias nobres de Quito, possuidora de avultados bens de fortuna.

Além do mais, não foi um extranho que entrou para a familia Ascázubi, no correr do anno de 1846 (4). Seu cunhado, Roberto, fôra seu condiscipulo na Universidade, como mais tarde foi um dos mais devotados auxiliares do seu govêrno.

Casou Garcia Moreno, por procuração, quando já havia emprehendido o caminho da costa, como portador dessa auspiciosa noticia para a sua extremosa mãe, que continuava a viver em Guayaquil, e para revêr, saudoso, o solo natal.

III

GOVÊRNO DICTATORIAL DE FLORES — GUERRAS CIVIS — DESTERROS — GARCIA MORENO NO JORNALISMO E NO PARLAMENTO

Dos dous presidentes que governaram o Equador nos seus primeiros annos de republica, um teve alma religiosa e foi Rocafuerte. Dotado de grande erudição, chefe de um partido formado pela mocidade estudiosa e pelos elementos mais intellectuaes de então, conhecia melhor do que o caudilho venezuelano a Historia do Christianismo. Sabia que em todos os tempos a fé nas doutrinas de Jesus Christo fôra abraçada pelos homens mais eminentes, e que os estadistas nada per-

---

(3) Elle tinha a consciencia do papel que lhe estava destinado, e quando reconhecia que um historiador alterára fundamentalmente a verdade de um facto, exclamava: «E' preferivel fazer a Historia, a escreve-la!»

(4) Roberto Andrade, no seu ensaio Estudos Historicos — *Montalvo e Garcia Moreno,* affirma que este casou em 1849, seduzido apenas pela riqueza, com uma senhora de muitas virtudes, mas edosa e destituida de belleza physica.

deram da sua auctoridade por terem se ajoelhado aos pés da Cruz. E foi o que fez Rocafuerte, a despeito do seu liberalismo, assistindo á missa todos os domingos, para dar esse piedoso exemplo aos seus governados.

Flores, ao contrario, jactava-se de que, por ser atheo, era homem illustrado.

Rocafuerte foi sincero adepto da moral christã, que procurou defender em actos officiaes.

Garcia Moreno honrou a memoria desse grande patriota, applaudiu a idéa de uma estatua para perpetuar os seus serviços prestados á causa da independencia, para cujo estabelecimento multiplicou a sua actividade na Colombia e no Mexico, dedicando-se ao mesmo tempo, com extremado valor, á obra de construcção da propria patria.

Em um elogio poetico que publicou Garcia Moreno em 1847, o nome de Rocafuerte apparece precedido do justo qualificativo de "virtuoso", numa epocha em que Roca, seguindo os máos exemplos de Flores, outra cousa não fazia sinão comprometter o credito nacional.

Juan Leon Mera assim descreve o estado de corrupção, a que chegou o Equador durante o govêrno de Flores: "As rendas nacionaes, além de deficientes, eram patrimonio do especuladores sem consciencia e de alegres esbanjadores; a immoralidade baixava das alturas do poder para infiltrar-se em todas as camadas sociaes, abrindo novas fontes de corrupção ou alargando a dos antigos vicios; a instrucção pública, sem meios para manter-se, quanto mais para dilatar a sua acção benefica, não dava um passo fóra do terreno em que fôra ministrada antes da Independencia; a Egreja continuava manietada e o clero moralmente perdido. O bem estar, que pintavam alguns periodicos e muitas linguas em cavacos e corrilhos, só existia para quantos arranjavam sinecuras, sacrificando o povo; pretendia-se cobrir a podridão social com um tecido de brilhantes mentiras e suffocar as amargas queixas da patria com o ruido das festas do palacio e das diversões públicas".

O dictador continuava, porém, a seguir os máos conselhos dos seus amigos intimos, e, confiante no seu exercito extrangeiro, consultava a várias influencias politicas sôbre a possibilidade de um govêrno vitalicio, unico meio efficaz de salvar

o paiz da anarchia e assegurar o engrandecimento da Republica.

Redigiu assim o projecto da terceira Constituição equatoriana, que foi baseada nessas idéas artificiosas, e convocou uma Constituinte que se reuniu em 15 de Janeiro de 1843.

A preoccupação maior dos legisladores foi estabelecer prasos longos: oito annos para o da representação nacional, duração identica para o periodo presidencial.

Depois de violentas discussões, em que Rocafuerte se notabilizou por uma opposição vehemente e tenaz, classificando o projecto de "monstruosidade politica", foi o novo codigo sanccionado no dia 13 de Março daquelle anno.

O povo, habituado ao systema representativo republicano, não recebeu com agrado esse novo regime de absolutismo presidencial, a que deu o nome de "carta da escravidão".

Uma disposição houve que creou a Commissão Permanente, nomeada pelo Senado e composta de cinco senadores, com attribuições similhantes ás do Congresso Legislativo, o que basta citar para dar idéa da extravagancia dessa carta.

Flores foi eleito pela terceira vez, quasi que por unanimidade de votos; mas Rocafuerte, desgostoso, retirou-se para Guayaquil, de onde emigrou para o Perú, com o fim de encetar uma campanha pela imprensa, que acabou pela revolução de 1845.

Esse illustre deputado por Cuenca, interpretando os sentimentos, já não dessa provincia mas de toda a nação, havia denunciado no parlamento as intrigas de Flores, a sua desmesurada ambição, todos os seus manejos politicos para obter a reeleição, tendo reclamado ao mesmo tempo a sua responsabilidade pela violação da lei fundamental, que elle mesmo jurára.

Flores, acreditando-se armado de todos os poderes e senhor feudal, fez o que Rocafuerte, liberal, não ousou fazer.

Contrariando as correntes da opinião mais numerosa e importante de um povo habituado ao exclusivismo catholico, estabeleceu a tolerancia de cultos privados, conforme se deprehendeu da redacção da parte final do art. 6° da Constituição.

Surgiram logo os protestos do clero e do funccionalismo público, que, acconselhado pelos bispos, negou-se ao juramento individual dessa carta, formalidade que lhes fôra imposta por um decreto do poder executivo.

Profundo golpe veio dar esse artigo no espirito de algumas provincias dominadas pela intolerancia religiosa, que os Hispanhoes implantaram para melhor garantia do govêrno colonial.

Em Quito, em Cuenca, em muitos ponctos da Republica, reinava o fanatismo medieval, que excluia a independencia do pensamento e do sentimento religioso.

Foram essas as primeiras provincias, que encetaram a campanha contra a Constituição.

O redemptorista padre Berthe nos pinta a alma desse povo sinceramente christão e intransigente na sua convicção de que a tolerancia de qualquer culto extrangeiro viria abalar, não a sua fé, mas uma tradição viva, de que elle não estava disposto a abrir mão em prol das seitas maçonicas.

«Ia o Governo aprender á sua propria custa que não se violenta impunemente a consciencia de um povo, cuja fé, exempta da peçonha liberal, não está paralysada por esse lethargo funesto que se chama indifferença. O Equatoriano ama a sua Egreja, os seus religiosos, o seu culto e sacras ceremonias, detesta o Judaismo que crucifica Jesus Christo e dilacera o coração da Egreja.»

Além desse, outro facto, de natureza fiscal, e vexatorio para um povo reduzido á pobreza, veio apressar a queda de Flores. O Congresso, a instancias do proprio Governo, decretára a capitação de tres pesos e quatro reaes para todo homem maior de 23 annos e menor de 55. Varias cidades revoltaram-se contra o pagamento do tributo. No Puntal, em Guano, Licto, Chambo, Punin, em Bolivar (nome que fôra dado á cidade de Riobamba, capital da provincia do Chimboraso), em Ibarra, em Otavallo, em quasi todo o territorio, corria já o sangue equatoriano, e o coronel Klinger, ao passar por Quinche, pagou com a vida a sua dedicação ao general Flores.

De nada valia a voz fremente do povo, que desabafava aos gritos de "Viva a Religião ! Morra a Constituição !" "Viva a

Religião ! Morram os tres pesos !" Os revolucionarios recorreram a estas palavras symbolicas, que inscreveram na sua bandeira: "Religião. Rocafuerte !"

Flores, previdente, decidiu ir em pessoa para fazer abortar o plano revolucionario, cuja cabeça se achava em Guayaquil; mas a isto se oppoz um acaso ridiculo, que paralysou a sua acção ao passar em Latacunga, onde recebeu um tremendo couce de cavallo.

A revolução estalára na primeira destas cidades no dia 6 de Março de 1845.

A situação era das mais duvidosas para o Governo. Os nomes mais prestigiosos, como Olmedo, Noboa, Camaño, Maldonado, Elisalde, Ayarza e Roca estavam á testa do movimento. Muitos dos seus amigos da vespera serviam como soldados de baixo das ordens desses chefes.

Em Quito, Garcia Moreno organizava a resistencia, ora com a sua palavra eloquente e persuasiva, ora com a sua acção peremptoria, commandando expedições que formavam com a juventude patriotica, que o admiravam, internando-se nas montanhas para impedir que as armas de defesa, enviadas pelo Governo ás auctoridades, chegassem ao seu destino.

O coronel Urbina, governador da provincia de Manabi, que estudára na eschola de Flores e que portanto sabia que a trahição é muitas vezes o melhor meio para escalar o poder, adheriu aos dissidentes, que conseguiram prender e deportar o commandante das armas de Guayaquil. O general Ayarza tambem rompeu com o Governo e offereceu os seus serviços ao general Elisalde que dirigia as tropas insurgentes. O triumpho não tardou a pender para o lado destas, tendo todos os quarteis se passado para o campo inimigo.

Formou-se então um Governo provisorio, composto de Olmedo, Roca e Noboa.

Este, desconhecendo a auctoridade do presidente, após o periodo constitucional que findou em 1843, declarou nullos todos os actos e decretos expedidos pelo govêrno de Flores.

O general José Maria Guerrero continuava a sublevar as provincias do Norte, alastrando a revolução por todo o paiz. Garcia Moreno era um dos seus logares-tenentes.

Estava resolvida a situação na Capital, em Guayaquil e em todas as provincias. Dous mezes durou esse estado de cousas, mas a perseguição era tão activa ao govêrno de Flores, que este se decidiu a abandona-lo e capitulou no dia 17 de Julho de 1845.

E' que o dictador já não dispunha de nenhum poncto do territorio, em que a sua auctoridade fosse respeitada, e teve que refugiar-se na sua fazenda *Elvira*, que conseguiu fortificar com a dedicação de alguns amigos que ainda se conservaram fieis.

Terminou ahi a guerra civil com o sacrificio de muitas vidas, entre as quaes a do coronel Beriñes.

Outros dos seus amigos saïram dessa lucta sangrenta gravemente feridos, e entre estes o general Otamendi que commandava as fôrças floreanas.

Seguiu-se o accôrdo para o restabelecimento da paz entre os representantes do Governo provisorio e o presidente deposto, conhecido pelo nome de *tractado da Virginia*, firmado nessa fazenda no dia 28 desse mesmo mez e anno.

Por um acto addicional convencionou-se a partida de Flores para a Europa, destêrro que devia soffrer, até que se reformassem as instituições do Equador, com a promessa formal de lhe serem conservadas todas as honras militares, que disfructava e respeitados os seus bens de fortuna, uma ajuda de custo de vinte mil pesos para os gastos da sua viagem e a faculdade de regresso ao cabo de dous annos.

O ex-presidente, cumpriu a obrigação desse destêrro, amenizado por tantos favores que a Nação ratificou, embarcando em Guayaquil no bergantim *Seis de Março* com rumo a Panamá.

Os negociadores desse tractado prometteram demasiado.

As rendas do Estado não davam siquer para pagar os gastos de guerra, compromisso que pensaram satisfazer por meio de um imposto extraordinario. O povo, após uma lucta tão exhaustiva, não esteve para supportar mais esse sacrificio.

Foi nessa conjunctura, a mais critica por que passou o Governo que succedeu á revolução, que Garcia Moreno deu aos seus compatriotas a prova irrefragavel do seu patriotismo.

Acceitou uma commissão de alta confiança, a da cobrança do novo tributo e, affrontando a má vontade do povo com risco de perder a popularidade de que gosava, tão bem desempenhou a incumbencia, que conseguiu conciliar os interesses de todos, fazendo cessar a opposição. Mais tarde desempenhou cargo identico na sua provincia natal (5).

O govêrno conservador de Flores durou 15 annos.

As boas relações de Garcia Moreno com o novo Governo da sua patria é que tiveram apenas a duração de uma lua de mel.

Reunida em Cuenca uma Constituinte convocada pelo Governo provisorio, expediu esta o quarto estatuto fundamental, que annullou muitos dos artigos do tractado da Virginia.

Na eleição presidencial, disputada entre os partidarios de Olmedo e os de Vicente Ramon Roca, saïu este victorioso por um voto. Este último, que fôra um dos proceres da Independencia, já fazia parte da Juncta de Guayaquil, onde gosava de grande ascendencia, principalmente depois que conseguira attrahir o general Ayarza ao pronunciamento popular de 6 de Março.

Surgira de novo a questão religiosa, e continuava a lucta aberta entre liberaes e clericaes.

Os primeiros recordavam os gritos de "Nem Madrid, nem Roma!" com que haviam preparado a revolução de 10 de Agosto de 1810.

Roca, previdente e cauteloso, collocou-se do lado dos clericaes e preferiu não innovar a Constituição quanto ao regime de protecção á religião catholica, contra o qual protestou Moncayo, escrevendo: "que os Equatorianos estavam condemnados a viver sempre sob o jugo do mais funesto fanatismo".

Garcia Moreno pertenceu ao número dos derrotados, porque se batera pela candidatura de Olmedo.

O partido liberal, que depois veio a chamar-se *marcista*, dividira-se na Convenção de Cuenca em duas facções, uma das

---

(5) Os inimigos de Garcia Moreno attribuem essa nomeação a uma armadilha preparada pelo presidente Roca para comprometter o prestigio daquelle notavel politico.

quaes era a dos *Olmedistas* e outra a dos *Roquistas*. Para vencer a eleição e supplantar o prestigio do seu adversario, poeta que disputava o laurel da Poesia americana com Bello e com Heredia, o cantor do Niagara, idolo da sua Patria, Roca foi accusado de ter recorrido ao suborno, com promessas de empregos rendosos aos deputados que lhe deram o voto.

O seu procedimento, uma vez no poder, deu razão aos que o acoimaram de agiotagem e de peculato.

Tanto bastou para que Garcia Moreno, cujo temperamento estava sempre em ebullição quando lhe parecia que os acontecimentos politicos compromettiam a dignidade nacional, começasse a abrir os olhos do povo por meio de uma campanha pela imprensa, em que se tornou notavel polemista, á maneira de Moncayo.

Fundou um jornal a que chamou *O Latego*, e os artigos foram tão violentos que não pouparam siquer a vida privada do presidente.

Conta um dos inimigos de Garcia Moreno que Roca, curioso de conhecer esse periodico, encarregara aos seus cortezãos de lhe proporcionarem a leitura.

Como Flores, como tantos outros chefes de Estado, Roca tinha os seus amores occultos.

Levaram-lhe certa noite um numero d'*O Latego*.

Roca acercou-se de uma mesa, poz os oculos e começou a leitura com voz clara e retumbante.

«O gallinhaço de S. Francisco passou a noite na casa da Sete-Couros da rua da Ronda.»

Os palacianos entreolharam-se e propuzeram que se interrompesse a leitura; mas o presidente, firme na sua idéa de que a calma era a melhor arma de defesa para desconcertar a opposição, continuou-a até o ultimo periodo do artigo com a mesma gravidade com que se estivesse lendo um breve do Papa. Depois conversou sôbre outros assumptos.

Aos 28 deputados que votaram a favor de Roca dirigia-se Garcia Moreno nos seguintes termos de um estylo afinado com o titulo da publicação: "De que se occupa *O Latego* ? Da revelação do procedimento indecente de 28 descarados e de uma parte do castigo merecido: mais claro outra cousa não contém sinão o resumo do que fizeram em Cuenca e a expressão da

sentença pronunciada contra elles pelos povos indignados com sua venalidade insolente." (6)

Roca conseguiu que um francez, domiciliado no Equador, M. Marie, director do *Seis de Março*, orgão official da Revolução de 1845, defendesse a politica e os actos do Governo; mas Garcia Moreno, escudado no seu ardente proposito de bater-se pela ventura da patria, sustentou essa polemica durante tres mezes, manejando ora a satyra ora o estylo fustigante, baixando mesmo até ás injurias, e conseguiu alhear as raras sympathias que ainda cercavam a cadeira curul do palacio presidencial.

Garcia Moreno saïu triumphante dessa campanha, na qual tanto o seu valor moral, como a altura do seu talento e a sua inexcedivel cultura, ficaram á prova de qualquer ataque.

Sem que os vicios do Equador fossem, durante o govêrno roquista, comparaveis aos de Roma da epocha que produziu um dos maiores monumentos da litteratura latina, o padre Berthe compara o jornalista equatoriano a Juvenal.

Benefica foi essa campanha para a causa nacional, e inspirado por uma consciencia tão recta o povo se teria levantado mais uma vez, si a sua attenção não tivesse sido distrahida por um acontecimento imprevisto ou antes attrahida para a defesa da integridade nacional.

Flores, ao saïr do Equador parecia resignado, mas logo ao chegar a Panamá jurou vingança e começou a pensar nos meios de desforrar-se do rude golpe que destruira os seus planos ambiciosos.

A attitude da Constituinte revogando alguns dos artigos do Tractado da Virginia concorreu ainda mais para amadurecer esse plano sinistro contra a patria adoptiva.

Nos primeiros dias de Outubro de 1846 chegava ao Equador a noticia de que Flores estava tractando de armar uma esquadrilha na Hispanha para vir dar combate e reconquistar o poder.

Para conseguir os seus fins ia espalhando intrigas por onde passava. Percorreu assim algumas côrtes da Europa,

---

(6) N. 4 desse periodico, publicado em 9 de Junho de 1846.

assegurando que o seu proposito era restabelecer o poder da Hispanha em varios Estados da America.

Pintou com côres carregadas o estado em que se encontrava essa região, onde lavrava a anarchia, e o govêrno ia ter ás mãos de homens obscuros, sem meritos nem virtudes, a tal ponto, que o Equador estava sendo dirigido por um mulato analphabeto, o *zambo* Roca (7).

A esquadrilha compunha-se dos tres navios de vela *Monarcha*, *Neptuno* e *Glenelg*; a tripulação era irlandeza e a officialidade hispanhola, além de muitos soldados alliciados na Hispanha.

A noticia chegou a Quito e explodiu como uma bomba no seio do Congresso que então deliberava. Agitaram-se os deputados, alarmou-se o povo, e o presidente pensou logo em organizar os seus baluartes.

Rocafuerte, cujo tacto diplomatico era conhecido, seguiu como plenipotenciario para as republicas do Perú, Bolivia e Chile; ao mesmo tempo, Francisco Michelena e Xavier Aguirre, em Londres, informavam o Governo britannico de que se estava passando e conseguiam do *Foreign Office* uma ordem para embarcar e dissolver a esquadrilha, o que de facto se verificou.

A vida politica de Garcia Moreno foi um mosaico composto de actos contradictorios sómente na apparencia, pois que neste, como em casos similhantes, jamais teve outro intuito que não fosse o da salvação do paiz.

Uma voz generosa (8) levantou-se a favor do govêrno de Roca, e esta foi a de Garcia Moreno.

Fundou para essa nova campanha outro jornal, a que deu o nome de *O Vingador*, e tornou-se o chefe de uma verdadeira cruzada patriotica.

No programma, com que se apresentou ao público a nova folha, declarou que era "o fructo de um ardente e puro pa-

---

(7) No Equador, como em outros povos da America, «zambó» é o producto do cruzamento das duas raças, branca e india.

(8) Na phase mais accesa da sua opposição ao presidente, Garcia Moreno soffreu várias perseguições, foi responsabilizado perante os tribunaes pelos artigos publicados n'*O Latego*, pagou multas e foi ameaçado de destêrro.

triotismo" e que o seu fim era exclusivamente "defender a independencia nacional ameaçada pelos inimigos internos e externos".

Referia-se á Hispanha e aos partidarios de Flores.

Corajosamente dirigiu invectivas ao Governo dessa nação e acconselhou o seu Governo e os demais da America a que, com a maxima energia e rapidez, usassem de represalias.

«Chamamos a attenção dos Americanos para a perfidia do Gabinete de Madrid, desse Gabinete tão cynico que se constituiu cumplice da mais odiosa invasão. Sem respeitar a soberania do Equador, reconhecida pela mãe-patria, sem consideração alguma para com os laços de amizade que uniam as duas nações, desprezando as regras mais vulgares da honra e da civilização, a Hispanha consente que se alliciem tropas em seu seio para combater uma nação amiga e pacifica. Deante de um procedimento que equivale a uma ruptura de relações, o Equador insultado não tem sinão dous partidos a tomar: ou empregar a fôrça para conseguir justiça, ou recorrer ao tractado de alliança. Por enquanto o primeiro é impossivel: resta pois o segundo, que devemos adoptar sem demora. Retire-se o nosso ministro de Madrid, fechem-se nossos portos aos navios hispanhoes e tractemos de convencer os demais Estados da America para que tomem resoluções identicas. Será esse um golpe ao commercio da peninsula, castigo imposto merecidamente á deslealdade castelhana.»

O appêllo de Garcia Moreno não foi feito em vão e antes echoou favoravelmente nos Estados do Pacifico.

Alguns destes fortificaram as suas costas, outros suspenderam as relações commerciaes com a Hispanha, e o Chile firmou um tractado de alliança offensiva e defensiva com o Equador.

Antes disso, esta nação tivera que se haver com a neo-granadina, porque esta lhe pedira que se negasse asylo no territorio equatoriano ao general Obando, e a Convenção de Cuenca repellira tal solicitação.

Essa circunstancia, que se resolveu favoravelmente para o Equador, depois de uma tentativa de insurreição em Ibarra,

alimentada pelo Governo neo-granadino, concorreu para que se firmasse, em 20 de Dezembro de 1846, o tractado de paz, amizade e limites entre as duas republicas.

Quando foi da tentativa de Flores, Thomas Mosquera, em Nova Granada, tomou o partido do Equador ou antes pensou na defesa da nação que presidia, e publicou um manifesto dizendo que procederia de accôrdo com os povos do Pacifico contra "os sacrilegos profanadores do solo americano".

Nesse momento angustioso, em que Roca preparava a defesa da nação, e Garcia Moreno, confiante na victoria, exclamava sobranceiro: "Ahi vem Flores: pois marchemos sôbre elle e tenhamos-lhe o tumulo aberto para que nelle esconda os seus crimes e o seu opprobrio. Ahi vem Flores; voemos a sauda-lo no campo dos valentes, convertendo primeiro os conspiradores com argumentos convincentes como a lança e o chumbo. Ahi vem Flores: guerra a Flores, morte aos perfidos e triumpho e gloria á America livre! Ahi vem Flores: pois que pereça o tyranno, pereçam os seus cumplices e viva a liberdade e a Patria!"; os representantes de Nova Granada, da Hispanha, do Perú e da Inglaterra redigiam notas offensivas á soberania nacional.

Esses ministros pediram á Chancellaria equatoriana que os seus respectivos subditos, naturalizados equatorianos, fossem exemptos do serviço militar e da contribuição que pesava sôbre todos os cidadãos. O encarregado de negocios da França, M. Mendeville, absteve-se de tomar parte nessa reclamação.

Os representantes da Inglaterra e do Perú foram accusados por Garcia Moreno de favorecer os planos de reconquista.

O antigo estudante laureado da Universidade de Quito aproveitou a occasião para revelar-se internacionalista e, discutindo com o representante britannico, affirmava o seguinte: "E' certo que em algumas nações, em Inglaterra por exemplo, a nenhum cidadão nato é licito renunciar a obrigação de fidelidade ao soberano, porque, segundo as leis do paiz, é irrenunciavel e perpetua; mas, attendendo-se a que nenhum legislador póde revogar o direito natural, e a que, por outro lado, seria uma desegualdade monstruosa conceder á sociedade civil

a faculdade de impôr aos seus membros a pena de expatriação e prohibir aos cidadãos a abdicação voluntaria da nacionalidade, conclue-se que é injusta a imaginaria ficção da nacionalidade inextinguivel; ficção que, segundo Bello, é uma consequencia do regime feudal, que acorrenta para sempre o vassallo á terra do seu senhor" (9).

Foram os interesses commerciaes inglezes, ameaçados por essa aventura, que decidiram afinal da attitude do Governo inglez a favor da administração de Roca. Os negociantes inglezes dirigiram um memorial a lord Palmerston, no qual até o Governo portuguez foi accusado de ter interesse no assumpto.

Flores, tendo visto assim abortado o seu plano, passou algum tempo sem dar noticias suas aos amigos.

Garcia Moreno acconselhava ao Governo que exterminasse o partido floreano, porque não via ainda conjurado o perigo de uma nova invasão.

A desconfiança era fundada: uma conspiração urdida em Guayaquil tentou a deposição de Roca. Este recorreu aos serviços de Garcia Moreno que, apesar de enfermo, seguiu para Guayaquil e tal energia empregou para disciplinar a soldadesca desenfreada, que conseguiu pacificar toda a região.

O Congresso de 1847 havia decretado a amnistia para todos os implicados na conjuração; Garcia Moreno volveu prompto ao campo da opposição, accusando-o de cumplicidade com o usurpador.

Dahi por deante não houve acto do govêrno de Roca que não fosse fustigado pela penna do redactor d'*O Diabo*, novo jornal que fundára.

A nação, impotente, escutava a sua voz indignada e alentadora, invocando o futuro que não podia deixar de ser auspicioso para uma terra em que, si a natureza era privilegiada, mais valia o patriotismo dos seus habitantes capazes de derramar até a última gotta do seu sangue pela defesa da sua existencia e da sua liberdade.

---

(9) N. 10 d'*O Vingador*, publicado em 10 de Fevereiro de 1847.

Assim terminou essa nefasta presidencia, ainda mais obscurecida pelo desapparecimento de duas das maiores glorias nacionaes, levadas pela morte, e seguramente pelo desanimo, Olmedo e Rocafuerte.

* * *

Quando isso se deu, Garcia Moreno encontrava-se na Europa.

Percorreu a Inglaterra, a França e a Allemanha, comparando a situação politica de cada um desses paizes e enriquecendo ao mesmo tempo o seu espirito com estudos novos das sciencias sociaes, que serviriam á sua vida de estadista.

Um incidente com o ministro da Fazenda de Roca obrigára-o a essa viagem, que durou oito mezes.

Manuel Bustamente estava encarregado da gestão dessa pasta, e no parlamento o cunhado de Garcia Moreno levantou-se em opposição a elle, accusando-o de desbaratar as rendas do Estado.

O ministro recebeu o ataque com indifferença, mas vingou-se pela imprensa assalariada, mandando cobrir de ridiculo o deputado Roberto Ascázubi (10).

Garcia Moreno, tomando o partido deste, foi corajosamente á casa do ministro em occasião em que se achava elle jantando; mandou chama-lo á porta da entrada, sob o pretexto de que tinha alguma cousa importante a communicar-lhe e, uma vez na sua presença, esbofeteou-o, sem que elle pudesse tirar o desfôrço que exigia a sua honra.

Os amigos de Bustamante, indignados com essa grave injuria, moveram uma perseguição escandalosa a Garcia Moreno. Entre aquelles notabilizou-se o general Fernando Ayarza, procer da Independencia, mas equatoriano naturalizado, pois que era nascido em Panamá.

---

(10) Roberto Ascázubi occupou quasi todos os cargos importantes da politica do seu paiz; foi alcaide e corregedor de Quito, deputado, senador, presidente do Congresso, ministro de Estado e secretario geral do Governo provisorio no anno de 1860.

Garcia Moreno, reflectindo sôbre os incommodos de um processo que não resolveria a questão, que passou a ser pessoal e que nenhum proveito traria sinão o de, com o seu ruido, cobrir ainda de mais ridiculo o ministro desfeiteado, e seduzido com a perspectiva de uma viagem de estudos, proveitosa para o seu espirito, resolveu saïr do Equador (11).

Os partidos debatiam-se, sem reunir elementos bastante fortes para supplantar um ao outro. O Congresso de 1849 não conseguiu eleger nenhum dos candidatos apresentados, cuja votação para a presidencia da Republica foi insufficiente, pois que nenhum delles conseguiu os dous terços exigidos pela lei.

Um dos candidatos era o general Antonio Elisalde, commandante em chefe das fôrças liberaes, que combateram em 1845 e que derrotaram o general Flores; candidato mais do que liberal, era muito bem visto pela democracia; o seu competidor foi Diogo Noboa, velho conservador e caudilho da revolução de 9 de Outubro de 1820.

Em taes difficuldades o Congresso auctorizou o vice-presidente de Roca, coronel Manuel Ascázubi, para que assumisse a primeira magistratura da nação, que de facto exerceu por espaço de um anno.

Garcia Moreno, que se achava ausente, não poude ser util ao seu illustre cunhado no poder (12).

O partido floreano socegára, mas cedera o passo á ambição desenfreada de Urbina, que espreitava o momento opportuno para dar o assalto ao poder. Urbina, além de militar valente, era um politico habil, com algum talento e nenhuma illustração.

Montalvo diz estar certo de que durante a vida inteira, esse estadista, ora no poder, ora no destêro jámais lêra uma página de livro referente não só á sua profissão, como á Philosophia, á Politica ou á Moral.

---

(11) O presidente Noboa, mais tarde, ordenou que fosse cancellado esse processo.

(12) Manuel Ascázubi foi commandante das armas e governador de Imbabura, governador da provincia do Pichincha, ministro da Guerra e da Marinha, ministro do Interior, vice-presidente da Republica e encarregado do govêrno nos annos de 1849, 1850 e 1860.

A policia ia descobrindo o fio da conspiração, e assim fracassou o primeiro movimento em Guayaquil.

O govêrno de Ascázubi era civil, e os dissidentes apresentavam-se com a bandeira do militarismo.

Urbina e Robles, unidos, fizeram estalar novamente a revolução em Guayaquil no dia 20 de Fevereiro de 1850, e o primeiro destes chefes teve o commando supremo civil e militar de todo o paiz.

As principaes bases do plano do movimento não foram conhecidas em Quito, mas os ministros e demais membros do Governo, aterrados, obrigaram Ascázubi a renunciar em favor de Modesto Larrea, que recusou acceitar o poder. Urbina, por sua vez, preferiu entrega-lo a Noboa, para poder mais commodamente fazer amadurecer os seus planos e preparar assim a sua futura presidencia. Reuniu uma Juncta de Notaveis e fez com que esta indicasse o nome do candidato conservador.

As provincias de Pichincha, incluindo a capital, Riobamba, Ambato e Latacunga acceitaram a indicação, e Noboa foi proclamado; Cuenca, Loja e Manabi proclamaram o general Elisalde.

Essa dualidade de govêrno veio complicar ainda mais o problema politico. Urbina, a quem agora já não convinha a guerra civil que se esboçava com a attitude hostil assumida pelo vencedor de Flores, interveio na lucta e obrigou os dous adversarios a firmarem o "convenio da Florida", que terminou pela convocação de uma Constituinte.

Noboa foi eleito, e Elisalde abandonou voluntariamente o paiz.

Voltando á patria, Garcia Moreno escreveu a célebre *Defesa dos Jesuitas* de que nos occupamos no comêço deste trabalho (13).

Esse opusculo, escripto em 99 paginas de um estylo viril, foi não só uma defesa magistral dos fóros da Religião de Christo e do Instituto da Companhia, como um desmentido

(13) *Escriptos e Discursos de Garcia Moreno* — Tomo I, pag. 1 a 99.

aos que affirmaram que Garcia Moreno se passara para o atheismo durante o govêrno de Roca (14).

Os Jesuitas haviam sido expulsos de Nova Granada por ordem do general José Hilario Lopes, que se deixou influenciar pelas lojas maçonicas. Obando, o perseguido da vespera, recebeu a missão secreta de vir ao Equador para impedir que os padres da Companhia encontrassem ahi asylo seguro.

Garcia Moreno, tendo embarcado em Panamá, teve como companheiros de viagem os Jesuitas e o embaixador dos seus perseguidores; uma vez a bordo, em conversa com os infelizes religiosos, prometteu interceder por elles juncto do presidente Noboa, cuja fé catholica conhecia e cuja bondade de coração era proverbial. Prometteu e conseguiu; mas Urbina, sempre vigilante, comprehendeu que era chegado o momento de dar assalto ao poder, que mal se sustinha nas mãos do velho politico que governava o Equador.

Dada a firmeza de character do advogado dos Jesuitas e a energia com que procedia sempre que se batia pela victoria de uma causa, estava perdida a partida pelo lado de Noboa; mas Obando teve a feliz idéa de recorrer ao futuro presidente, que durante a sua magistratura se recommendou apenas pela expulsão aos Jesuitas ou, como diz Montalvo, pelos rebentos das sementes de todos os vicios, que a natureza espalhou pelo seu peito.

Estava o Equador novamente a braços com a questão religiosa, desta vez ainda mais excitada pelos politicos radicaes.

Appareceu em Quito um folheto, firmado por Sanches, em que, sob o pretexto de entabolar polemica com o argentino Frias, procurava-se desacreditar a Ordem fundada por Sancto Ignacio de Loyola e em particular os seus representantes expulsos de Nova Granada.

O fim principal dessa campanha era, porém, servir á ambição de Urbina.

Garcia Moreno tinha por si a melhor parte da sociedade, as classes conservadoras e a nobreza. Era tambem inimigo po-

---

(14) *A Estrella do Panamá*, 1875, citada pelo publicista Roberto Andrade.

litico de Urbina desde que este se collocára ao lado de Roca para favorecer a sua campanha eleitoral.

A *Defesa dos Jesuitas* produziu uma impressão tal, mesmo no proprio povo, que os inimigos do advogado dessa causa foram obrigados a confessar que este tractara da questão com inexcedivel maestria.

Demos a palavra ao revmo. padre Berthe como sendo a melhor auctoridade no assumpto: "Desde aquelle momento a questão foi posta em ordem do dia e apaixonou todos os espiritos. A Convenção Nacional apoderou-se della immediatamente depois do voto da Constituição e da eleição definitiva de Noboa para presidente da Republica. Devia-se redigir uma lei especial para admitti-los ou confirmar o decreto de expulsão, que contra elles expediu Carlos III, em fins do seculo passado? Tal foi a alternativa em que se viram os legisladores. Os debates foram longos; violenta foi a opposição; mas por fim a maioria, cedendo ao sentimento popular, manifestado em petições tão significativas como numerosas, votou, em 28 de Março de 1851, o acto de solemne separação. As multidões saudaram o decreto com enthusiasticas acclamações. Devolveu-se á Companhia de Jesus a egreja que lhe pertencera antes da suppressão, alugou-se aos padres um espaçoso convento e, além disso, a Casa da Moeda, para um collegio.

Um artigo do decreto auctorizava os Jesuitas a entrarem na posse de todos os seus bens ainda não alienados. O dia, em que se entregou aos padres a egreja da Companhia, ao cabo de 83 annos de destêrro, foi para os padres um dia de verdadeiro triumpho. Os deputados, os ministros, o corpo diplomatico, o clero regular e secular, os personagens notaveis da Capital, os escoltaram desde a sua casa provisional até a egreja, no meio de uma multidão immensa e de uma chuva de flores que descia de todos os balcões. Mil e mil vivas echoaram, sem cessar, durante o trajecto, ao rever os successores daquelles enviados de Deus, cuja abnegação e sabedoria eram conhecidas de todos, daquelles heroicos missionarios que não temeram aventurar-se pelos desertos e selvas da America ao serviço nobre da catechese, para fundar as celebres e admiraveis *reducções* hoje em dia anniquilado. Cada

familia acreditava tornar a encontrar um mentor e um amigo em cada Jesuita" (14).

Noboa, não se dando por entendido quanto ás intrigas que contra elle movia o general Urbina, nomeára-o governador de Guayaquil, e então muitos daquelles que haviam combatido pelo govêrno de Flores passaram a ser sustentaculo do seu govêrno com o sacrificio de velhos militares e officiaes que haviam concorrido para a revolução de 6 de Março.

Ao amanhecer do dia 17 de Julho de 1851 a guarnição de Guayaquil, trabalhada por Urbina e Robles, sublevou-se e proclamou o primeiro destes generaes chefe supremo da Republica. Noboa, conhecedor do plano, lançou mão de uma serie de providencias de occasião, que nada resolveram, e seguiu finalmente para aquella cidade, a conselho do proprio Urbina, para ser preso e dalli saïr deportado. Moncayo diz que foi o phantasma do militarismo que provocou essa revolução.

Reapparece na Historia do Equador a figura do general Villamil, que não foi extranho a todas essas circunstancias. Repparecerá tambem a figura de Flores, que acceitou o triste papel que lhe distribuiram os aristocratas do Perú. Já nessa epocha se fallava em perigo vermelho.

O partido monarchico contava com a espada de Flores para subjugar o Equador e exterminar as instituições democraticas, que dominavam em absoluto a Republica de Nova Granada.

Urbina, á frente do exercito, fôra recebido em todas as provincias, por onde passou atravessando arcos de triumpho, até chegar á Capital, onde se installou definitivamente como chefe supremo. Reuniu muitos elementos politicos em torno da sua auctoridade. Roca felicitou-o, e o partido deste offereceu a sua adhesão ao novo govêrno. Urbina, que assim não encontrou obstaculos á sua ambição de mando, passou a exercer uma verdadeira dictadura. Publicou, entretanto, alguns decretos liberaes e recommendou-se á benemerencia da humanidade pela abolição da escravidão.

---

(14) *Garcia Moreno, Vingador e Martyr do Direito christão* — Tomo I, pag. 161.

A expedição de Flores teve um desfecho ridiculo.

O seu adversario de agora, que na vespera havia sido seu ajudante de campo, conhecia-lhe as manhas e mantinha em Lima uma diplomacia vigilante sôbre os seus passos e as manobras dos seus protectores. No momento em que a sua esquadrilha apresentou-se em Puná, Urbina foi recebe-lo a tiros de canhão, accompanhado dos generaes Villamil e Illingworth. Vendo-se perdido, pois que até uma parte da expedição insurgiu-se contra elle, pensou logo na retirada, não sem primeiro internar-se por algumas provincias, com o intuito de sublevar as respectivas populações.

Moncayo, resumindo essa tentativa infeliz, diz que "elle tinha na memoria o regresso de Napoleão á França, ao saïr da ilha d'Elba; mas que não encontrou um Ney para acclama-lo e leva-lo em triumpho até Paris".

Urbina elegêra uma camara unanime, e por isso não lhe foi difficil cumprir a promessa que fizera ao general Obando.

A Constituição de Cuenca havia sido reformada em alguns artigos, mas o que se referia á religião do Estado foi mantido, apesar da attitude hostil do presidente da Assembléa, dr. Pedro Moncayo, que pediu a sua suppressão, conseguindo reunir apenas uma minoria de tres votos entre os congressistas filiados ao partido liberal.

O representante de Nova Granada, acreditado juncto ao govêrno de Quito, insistia para que fosse resolvida a questão do asylo dado aos Jesuitas.

O chefe do poder executivo dirigiu uma mensagem á Assembléa, pedindo urgencia para o assumpto, que começava a escurecer o horizonte da politica internacional.

Depois de um longo debate, no qual se salientaram os deputados Angulo e Manoel Espinosa, representantes do partido catholico, a Assembléa decidiu que, estando vigente o decreto de Carlos III, de 21 de Abril de 1767, os Jesuitas não podiam permanecer por mais tempo no territorio equatoriano. Coube ao historiador Pedro Firmin Cevallos, como secretario geral do Governo, escrever o *cumpra-se* nesse decreto.

Antes deste, Urbina luctou com grandes difficuldades, pois o seu auxiliar nesse ramo da administração demittiu-se, por se ter recusado a cumprir essa formalidade.

O ministro da Hispanha interveio então e reclamou contra a expulsão dos Jesuitas seus compatriotas, isto é, reclamou contra a expulsão em massa, porque hispanhoes eram quasi todos.

Garcia Moreno escreveu: "O povo espera que Urbina não expulse os Jesuitas, em vista das reclamações vigorosas do sr. Broger de Paz, em favor dos que são hispanhoes. Inclino-me a acreditar que os expulsará e depois dará as satisfacções que o caso exige. Que perda para o paiz!"

Pouco faltou para que rebentasse um motim na Capital. O expulsor procedeu com a maxima violencia, dando como razão ou tomando como pretexto, evitar a todo transe a guerra com a Republica de Nova Granada.

O governador de Quito intimou os padres a abandonarem a Capital dentro de 48 horas, e o general Franco veio da costa commandando um esquadrão de *Tauras*, que se postou no seminario de S. Luiz, contiguo ao convento, para fazer respeitar o decreto da Assembléa de Guayaquil.

Novo realce veio dar esse incidente á coragem de Garcia Moreno, que passou a ser o idolo de todos os catholicos.

Mulheres e crianças choravam no meio da população entristecida e estacionada deante do convento.

Houve quem exhortasse o general Franco por esta fórma: "O senhor não conhece este povo!" ao que replicou elle immediatamente "Este povo é que não me conhece!" Era a voz da dictadura de Urbina na bocca do mais dedicado dos seus ajudantes de campo.

Garcia Moreno redigiu uma representação, que endereçou ao governador da provincia, pedindo que se suspendesse a execução do decreto, até que pudessem chegar ao Governo Supremo "os clamores, as súpplicas e as lagrimas do povo". Taxou a resolução legislativa de inconstitucional e declarou que ella vinha ferir os tractados pre-existentes. No curto espaço de tres horas recolheu 8.429 assignaturas. Nem assim conseguiu o seu intento.

Expirado o praso, partiram os padres entre os soldados, em busca de nações extrangeiras, onde as decisões de Car-

los III não estivessem mais em vigor, não sem que Garcia Moreno, tremulo de cholera, os emprasasse para a sua futura presidencia.

"Adeus, padres ! disse ao despedir-se do superior, o padre Braz, daqui a 10 annos cantaremos junctos o *Te-Deum* na Cathedral." Escreveu então o *Adeus aos Jesuitas*, que foi o complemento da célebre *Defesa*. Fechava esse escripto com as seguintes palavras amargas para o govêrno de Urbina: "Infelizes os que permanecem no Equador, contando os dias de vida pelo numero dos seus infortunios; e ditosos os que se afastam desta região maldicta, em que cada vez que o sol se levanta, tem que admirar novas crueldades e crimes maiores !" (15)

Ia levantar-se tambem a opposição contra a tyrannia de Urbina e dos seus sequases Franco e Robles, mas desta vez Garcia Moreno não encontrára da parte do Governo a mesma tolerancia do tempo de Roca.

Garcia Moreno encetou a opposição pela satira.

Urbina, que havia tomado posse em 6 de Septembro de 1845, não teria podido ser um bom presidente, porque fôra educado na eschola de Flores.

Restabeleceu por conseguinte o militarismo, e não houve atropelo que os Equatorianos não soffressem do seu exercito, principalmente dos *Tauras*, que eram os seus soldados mais dedicados.

Lavravam no exercito a indisciplina, o vicio e a delapidação em todos os ramos da administração, e os seus ministros, homens conhecidos em toda a nação pela sua honradez, Marcos Espinel, Camaño, Gomes de la Torre, Francisco Icaza, nada puderam oppôr aos artificios e ás intrigas do presidente. A opposição começou por uma epistola endereçada — *A Fabio*. Em formosos versos cantou Garcia Moreno o odio ao vicio e o amor á virtude. Urbina leu-os, viu-se fielmente retratado naquella composição poetica, mas refreou o seu desejo de vingança. Perdoou talvez ao poeta a crueldade do seu estro pela harmonia dos seus versos.

---

(15) *Escriptos e Discursos de Garcia Moreno* — Tomo I, pags. 101 a 103.

A campanha, porém, não podia ser sustentada assim em folhas soltas e tornou-se necessario systematiza-la por meio de um orgão permanente.

O apparecimento d'*A Nação* foi um desafôgo para o povo "devorado pela miseria numa terra em que a industria revolucionaria era o meio mais seguro para se conseguir a riqueza" (16).

Assim que appareceu o primeiro numero dessa folha, Urbina e os seus conselheiros acenaram com a possibidade de um castigo para amedrontar a valente penna do seu redactor.

O general Franco procurou Garcia Moreno no escriptorio d'*A Nação*, semanario fundado por este em collaboração com alguns jovens intellectuaes amigos seus, e, em nome do presidente, avisou-o de que, si o segundo número viesse a público, elle e os demais redactores seriam internados no Napo. Tremendo era o castigo para quem conhece as asperezas do clima dessa região.

A indicação talvez fosse uma ironia, pois é sabido que os habitantes dos bosques tropicaes que guarnecem as margens desse rio, o mais consideravel do Equador, são quasi todos indios christãos. O aviso era tambem significativo, não sendo impossivel que uma vez Garcia Moreno entregue ás escoltas dos *Tauras*, fosse fuzilado n'algum despenhadeiro dessa região oriental.

Pois nem assim amedrontou-se o intrepido defensor das liberdades do povo e, corajosamente, replicou ao commandante geral de Quito: "Dizei ao vosso amo que aos numerosos motivos que tenho para publicar o meu jornal, agrego desde já o de não deshonrar-me com as suas ameaças".

A Nação continuou a ser publicada e redobrou os seus ataques contra o Governo. A expulsão dos Jesuitas não podia deixar de ser assumpto da maior opportunidade para essa folha, que delle se occupou com a maxima vehemencia.

Urbina foi accusado de ter procedido como um conspirador perfido e covarde e de se ter vendido ao Governo de Nova Granada.

---

(10) *Escriptos e Discursos de Garcia Moreno* — Tomo I, pag. 160.

Não tardou o decreto do destêrro a apparecêr no orgão official, firmado em 13 de Março de 1853, e acto continuo Garcia Moreno partiu accompanhado de uma escolta que o conduziu ao territorio de Nova Granada, onde, elle mesmo conta, ficou entregue á brutalidade dos agentes de Obando.

O revmo. padre Berthe affirma que o proposito de Urbina foi entrega-lo aos bons officios dos maçons seus amigos de Nova Granada.

A audacia do desterrado, illudindo a vigilancia dos guardas e valendo-se das trevas da noite, que proporcionou-lhe a evasão, burlou por completo o plano do seu perseguidor.

Serviu-lhe de asylo seguro, durante uma longa jornada a caminho de Quito, a casa de um cura de aldeia; até que, por inuteis, cessaram as pesquisas das auctoridades neo-granadinas.

De Pasto regressou Garcia Moreno, disfarçado, ao Equador, passou alguns dias com sua familia e procedeu em tudo isso com uma habilidade tal, que conseguiu transportar-se tranquillamente para Guayaquil.

Dizem os seus detractores que Garcia Moreno não dispunha de popularidade nessa occasião; e dizemos nós: como, dado o character do seu perseguidor, se poderá explicar, sinão pelas suas innumeras sympathias, a facilidade com que emprehendeu essa fuga, o segredo em que a manteve, quasi impossivel em pequenas cidades?

Em Quito, em Guayaquil, só encontrou amigos que o protegeram e, si lhes era vedado protestar pelas armas, restava-lhes o recurso do voto nas urnas, que é a expressão da vontade soberana do povo.

Passou resolutamente por entre as auctoridades daquelle porto e embarcou na corveta franceza *Brilhante*, que ia levantar a ancora com rumo ao Perú. Mal acabava de embarcar, quando teve a noticia de que uma eleição estrondosa o proclamára senador pela provincia de Guayaquil.

Seguiu viagem, forçado, porque o governador Robles deixou sem resposta as cartas, que dirigiu a essa auctoridade, appellando para as suas immunidades parlamentares.

Pouco mais de 30 annos contava o novo senador, que era homem, antes para afrontar a morte, do que para fugir ao

cumprimento do dever. Approximava-se a reunião do Congresso, e Garcia Moreno apressou-se a tomar o primeiro barco que o trouxe de regresso para occupar o seu posto.

Muitos exclamaram: "Como póde ser um Urbina presidente, existindo um Garcia Moreno que é o sol da aristocracia?"

A phrase, que é ironica, nem por isso deixou de ser uma prophecia.

Aviltado estava o Parlamento para permittir que nelle se sentasse um opposicionista da témpera de Garcia Moreno, o qual foi preso em casa, na sua cidade natal e capital da provincia, de que era o mais alto representante popular.

Levaram-n'o para um vaso de guerra, que o conduziu ao porto de Paita.

Não houve no Parlamento quem se levantasse para salvar a dignidade offendida dessa corporação, e o orgão do Governo, *A Democracia*, limitou-se a declarar que era "um escandalo confiar a representação nacional a um Equatoriano expulso do territorio e portanto indigno da confiança pública".

Roberto Andrade, inimigo seu implacavel, registando esse acto, diz que: "Garcia Moreno foi victima de uma escandalosa violencia, propria de dictadores minusculos e fatuos".

Urbina viu-se na necessidade de justificar perante a Nação o seu odioso proceder, e na sua primeira *Mensagem ao Congresso* incluiu uma serie de accusações a Garcia Moreno, reforçadas pela *Exposição de Motivos* do ministro Espinel, em que o expoliado figurou como trahidor á Patria e como inimigo da ordem pública!

Garcia Moreno passou alguns mezes na costa do Perú, de onde dirigiu um manifesto aos seus eleitores, destruindo, num estylo mordaz, poncto por poncto, as calumnias do govêrno dictatorial de Urbina.

IV

GARCIA MORENO EM PARIS — O SEU REGRESSO Á PATRIA E O PAPEL QUE ASSUMIU NA OPPOSIÇÃO PARLAMENTAR

O exilio foi proveitoso á vida estudiosa de Garcia Moreno. Dezoito mezes passou elle na costa do Perú, até que a sua imaginação, pondo-lhe deante dos olhos o encanto das antigas ci-

vilizações, o attrahiu para um centro de cultura européa, onde melhor pudesse empregar o seu tempo, no aperfeiçoamento das prendas com que fôra dotado o seu espirito.

O exilado não se espantou da insolencia de Urbina, nem da obediencia dos seus pares, simples instrumentos nas mãos do dictador.

O seu crime, porém, fôra daquelles que, mesmo entre os mais corrompidos povos do Universo, se resolvem perante os tribunaes.

Montalvo diz que a mentira foi sempre uma planta espontanea nos labios de Urbina, e por isso mentiu este quando accusou Garcia Moreno de conspiração e de traição á Patria.

Contra taes accusações levantou-se Roberto Andrade, que jámais poupou a vida desse estadista.

Referindo-se ao seu folheto (17), publicado em Paita em legitima defesa das calumnias do presidente e do seu ministro Espinel, e para, por sua vez verberar, documentadamente, o procedimento deshonesto desses administradores, diz:

«Esse folheto foi refutado, prova de que nas accusações não houve embuste. Os actos dos govêrnos são publicos; quando um govêrno é bom e justo abstem-se geralmente de contestar diatribes, certo de que todos hão de ver que são calumnias; si contesta, é porque deseja encobrir a verdade com o sophisma.»

Apesar disto, alguns historiadores recommendam o govêrno de Urbina pela liberdade de imprensa!

Mentiu ainda mais quando, irreverente com as leis, procurou implanta-las no Equador, assignando decretos liberaes e dotando até o povo com um Codigo Civil, que foi buscar de emprestimo no Chile.

Em fins de Maio de 1855 chegou Garcia Moreno a Paris e installou-se em um modesto apartamento da rua da Antiga Comedia. Ahi seguiu com perseverança e abnegação os cursos de Physica, Chimica, Mathematica, Industria, Commercio e Legislação, dedicando as suas horas vagas ao estudo da Litteratura e da Politica. Atravessou, indifferente, o coração pal-

(17) *Aos meus calumniadores, a verdade* — Paita, Novembro de 1853 — Março de 1854.

pitante de alegria da capital do mundo, que se preparava para as transformações magestosas que lhe imprimiu o segundo Imperio.

Na margem esquerda do Sena vivia solitario. Elle mesmo conta em carta escripta por essa epocha a um dos seus amigos, como distribuia o tempo: "Estudo deseseis horas diarias e, si o dia tivesse quarenta e oito, passaria quarenta com os meus livros sem a menor interrupção". Economizava por tal fórma o seu tempo, que abandonou o hábito que tinha de fumar charutos, não porque a sua saude soffresse alteração, mas por ter percebido que estes lhe distrahiam a attenção, que necessitava concentrar no excessivo trabalho, a que se propuzera.

Um acaso feliz fe-lo encontrar na capital franceza o naturalista Bussingault, que conhecia o Equador, os seus volcões e as explorações scientificas de Garcia Moreno, que passou a ser o seu discipulo predilecto. Este notavel chimico percorreu a America quasi inteira e chegou a tomar parte nas guerras da Independencia, alistando-se no Estado Maior de Bolivar.

Preparava-se Garcia Moreno ao mesmo tempo para ser governante, estudando as sciencias politicas; tornou-se conhecedor da organização militar da França e de tudo o que se referia á instrucção pública nesse paiz.

A este respeito accrescenta o revmo. padre Berthe: "Uma vez inteirado dos differentes methodos e systemas, reservava-se julga-los á triplice luz da religião, da experiencia e do senso commum".

Mesmo a sua erudição religiosa foi completada em Paris. Até então fôra mais theorico do que practicante. Passou a frequentar a egreja de S. Sulpicio, cujo Seminario evocava a influencia politico-religiosa dos seculos XVII e XVIII; ahi confessava e commungava diariamente, e cada dia se consagrava mais á Divindade do Christo, assistindo á missa antes de encetar a sua vida laboriosa.

A leitura da obra do presbytero Rohrbacher *Historia Universal da Egreja Catholica*, publicada em Nancy e em Paris nos annos de 1842 a 1853, em 29 volumes, acabou por fazer delle o bispo do Exterior.

Esse vasto manancial contra o *gallicanismo*, escripto pelo grande discipulo de Lamennais, alimentou as suas convicções ultramontanas, a tal ponto que, no dizer de um dos seus biographos, foi Paris que o convenceu de que " a Egreja é a cabeça do grande corpo social e o Estado um simples braço, e que aquella deve procurar assegurar o seu predominio mesmo por meio da espada e dos canhões".

Longe da sua terra, da sua familia e dos seus amigos, dedicava-lhes os seus mais caros pensamentos. A sua unica diversão consistia em passeios pelas alamedas do Jardim do Luxemburgo onde, professando como Socrates, reunia os seus conterraneos, desterrados como elle ou estudantes, procurando convencer os que haviam perdido a fé em Jesus Christo. Combatia a irreligião, explicando-a pela leviandade de espirito de muitos, absorvidos pelo mercantilismo predominante na vida moderna. Discorria sôbre os preceitos da religião christã, que proscreve a sensualidade e o amor das riquezas corruptoras.

E a sua vida alli foi um exemplo de observancia a esses preceitos.

* * *

Vejamos o que se passava no Equador nesse anno de 1856.

Expirara o periodo presidencial de Urbina, mas o mystificador, mais habil do que Flores, encontrou o meio para perpetuar-se no poder, impondo a candidatura de Robles, seu favorito e um dos muitos generaes que, com manifesta violação da lei, commandavam um exercito reduzido.

O militarismo suffocava todas as liberdades públicas, falseava o systema republicano e fraudava as eleições.

Assim foi vencido o candidato popular, dr. Francisco Xavier Aguirre, estadista e homem de lettras, reitor da Universidade de Guayaquil, e portanto improprio para servir aos interesses da baixa politica de um illetrado, como era Urbina.

Este politico não teve contra si sómente a opinião conservadora; espiritos dos mais liberaes, como Moncayo, Montalvo e Roberto Andrade arrastaram-n'o, como réo, para esse tribunal da Historia, de que falla Schiller.

Francisco Robles era homem tão desconceituado, que affirma o último daquelles publicistas citados " que o Equador o acceitou como se acceita uma epidemia ".

Suppria a sua incapacidade com os conselhos do seu proponente, que a cada momento chamava de Guayaquil para resolver os casos difficeis.

O povo supportava esse estado de cousas em silencio, e as unicas vozes de protesto que se fizeram ouvir em Outubro daquelle anno, logo após a posse do presidente, calaram-se deante das baionetas.

Urbina, ambicioso de poder e portanto corrompido em politica, retirou-se pobre da presidencia; mesmo a tentativa de venda das Ilhas de Galapagos aos Estados Unidos, em favor dos cofres publicos, foi mais uma prova da sua inepcia, questão que ainda hoje revive a cada momento, excitando o patriotismo equatoriano.

Não teve tambem necessidade de fazer correr o sangue para defender o seu despotismo.

Desterrou, e encheu as prisões.

Não se oppoz mesmo a que Robles reparasse similhantes injustiças.

O Congresso de 1856 decretou a amnistia para todos os expatriados por crimes politicos, exceptuando apenas os que tomaram parte nas expedições de Flores em 1846 e em 1852.

Essa resolução legislativa abrangeu o caso de Garcia Moreno que, munido de um salvo conducto, regressou ao Equador, depois de tres annos de ausencia, e fixou a sua residencia em Quito.

Exultaram os seus amigos e correligionarios, aos quaes se junctaram as victimas de uma tyrannia que durou cinco annos.

Recebeu logo tres nomeações importantes que, pela natureza dos respectivos cargos, não foram devidas á confiança do Governo: foi alcaide de Quito, reitor da Universidade Central e professor de Chimica.

Com o seu preparo de longos annos e com a experiencia adquirida nos centros universitarios europeus, é facil imaginar-se o brilho com que exerceu o professorado e os pro-

gressos scientificos que introduziu no estabelecimento de ensino que superiormente dirigiu.

* * *

Em Maio de 1857 voltou Garcia Moreno á politica activa, primeiro como jornalista, fundando *A União Nacional* com um nucleo de amigos, que veio a constituir a minoria de opposição das camaras legislativas.

O proprio titulo desse jornal está indicando que a sua bandeira fôra desfraldada para reunir todos os inimigos de Robles e de Urbina.

Garcia Moreno não poupava o Governo e com os seus artigos causticos preparava a opinião pública para as futuras eleições.

«Amordaçar a imprensa para suffocar a consciencia pública, transformar os collegios em quarteis, embrutecer a Nação supprimindo toda a especie de ensino, preconizar o roubo como systema, sob o nome de emprestimos forçados, decretar pelo suborno a impunidade dos bandidos, calumniar para perseguir e perseguir para aterrorizar, desterrar para o deserto innocentes sacerdotes que recusaram incensa-lo do alto da cathedra, fartar-se do sangue e das lagrimas do povo; tal foi a administração interna de Urbina; nas suas relações com as potencias extrangeiras, duplicidade, má fé, embuste, petulancia e felonia. E este homem voltará ao poder? E o Equador estará condemnado a viver eternamente subordinado ao crime e á selvageria? Votar nas listas ministeriaes é deshonrar-se, sem dúvida, porque, por traz dos nomes que ellas contêm, occulta-se o de Urbina.»

Assim se expressava o campeão do povo nas vesperas da eleição, e tamanho era o seu prestigio que foi eleito, com o apoio do partido liberal, senador por duas privincias, a do Pichincha e a de Imbabura, optando pela primeira.

Entrou para o Senado ao lado de Pedro Moncayo e de outros, de idéas contrárias, mas todos patriotas como elle.

Já não mais essa alta Camara será cumplice da incapacidade administrativa do govêrno de Robles e da anarchia, que o máo conselheiro do presidente semeava em toda a politica nacional.

O Governo perdeu a eleição e foi essa a primeira derrota que soffreu Urbina.

Garcia Moreno, com a sua eloquencia sobria, impunha-se pela sinceridade da sua palavra ardente, ao mesmo tempo que intimativa, e indispunha a Assembléa com o presidente. Não houve circunstancia critica, por que passasse o paiz, que não fosse por elle apontada. "Uma alma de ferro em corpo de ferro", diz o padre Berthe. Juncte-se a isso a logica imperturbavel do seu espirito habituado ás demonstrações mathematicas, e será facil comprehender como Garcia Moreno trouxe o Governo em sobresalto desde o primeiro dia em que subiu á tribuna parlamentar.

No mesmo dia em que tomou posse da sua cadeira, em 15 de Septembro de 1857, interpellou o ministro do Interior, dr. Mata, sôbre os topicos da Mensagem presidencial, que considerou injuriosos á opposição. Assumiu desde logo o papel de *leader* da minoria. Bateu-se pela suppressão das lojas maçonicas e conseguiu convencer o Congresso e, si não venceu quando pediu o estabelecimento das congregações religiosas, preparou o terreno para futuras discussões nesse sentido.

Das intrigas de Flores com os governos de Nova Granada e com o Perú, resultou a missão secreta que trouxe a Quito o representante desta última nação, o general João Celestino Cabero. Este plenipotenciario era homem de genio acrimonioso e portanto indicado para servir ao intuito do presidente Castilla, que era provocar um rompimento entre as duas nações.

A adjudicação de terras na região oriental aos credores inglezes e americanos, servira de pretexto para isso, pois o Governo peruano, allegando não se achar liquidada a questão de limites entre os dous paizes, accusava o Equador de alienar parte do territorio litigioso.

As notas que Cabero dirigiu á Chancellaria equatoriana foram tão descortezes, que Robles rompeu as negociações com elle e enviou-lhe os passaportes. Acto continuo foi despedido o ministro equatoriano acreditado em Lima. Preparou-se a esquadra peruana em Calláo para bloquear o porto de Guayaquil.

Estava imminente uma guerra provocada pelas intrigas urdidas por dous homens ambiciosos: Flores, cujo desejo de vingança não envelhecera, e Castilla que, por esse acto apparentemente patriotico, pretendia recommendar-se aos seus concidadãos, em cujo conceito havia decaïdo.

O Congresso equatoriano, reunido em Septembro de 1858, auctorizou, em vista do perigo, a transferencia provisoria da Capital. Outras faculdades extraordinarias pediu o Governo e as obteve.

Aos olhos de Garcia Moreno pareceu extranho esse proposito de expôr assim as principaes auctoridades de um paiz ás incertezas de um ataque, quando o Governo mais devia se acautelar para defender a nacionalidade.

Unido com Moncayo e com outros congressistas da opposição combateu energicamente essa idéa, e acabou revelando ao paiz todas as intrigas de Urbina. Leu perante o Senado uma carta, em que se dizia que o Governo estava negociando um emprestimo com garantia das ilhas de Galapagos, que ficariam hypothecadas aos Estados Unidos, e que as negociações estavam paradas, por não se achar o Governo em Guayaquil. Esta última circunstancia considerava o Governo indispensavel para facilitar o negocio. Era essa uma das faculdades outorgadas pelo Congresso, a de poder o Governo contrahir um emprestimo de tres milhões de pesos garantido com a hypotheca de bens nacionaes.

Sabido era que as suppostas riquezas que se encontravam nessas ilhas, abundancia de guano, para cuja exploração não dispunha o Governo dos meios indispensaveis, existiam apenas na imaginação dos negociadores mal intencionados.

A declaração de guerra passou logo a ser considerada como um embuste. Garcia Moreno apresentou incontinente um projecto para que o Parlamento retirasse as faculdades extraordinarios, de que se achava armado o Poder Executivo. Entretanto, Castilla enviou uma nota ao Governo equatoriano, impondo Cabero como seu representante, sob pena de immediata declaração de guerra.

A sessão do Senado de 27 de Outubro foi a mais agitada daquella legislatura.

Reproduzimos parte do discurso que nella pronunciou Garcia Moreno e que tantos applausos obteve, que Moncayo,

vivamente impressionado, atravessou a sala das sessões, apertou-lhe fortemente a mão e exclamou: " Não sou invejoso; aquelle que tiver mais valor que occupe o primeiro posto ", o que significava que desde aquelle momento o orador que acabava de descer da tribuna passava a ser o chefe da opposição. Mais tarde, em 1890, Roberto Andrade escreveu, que, naquelle Congresso, Garcia Moreno " estivera ao serviço da boa causa ".

Eis o trecho do discurso, a maior accusação que pesou sôbre aquelle Governo tão inepto, que os historiadores referem todos esses factos sem quasi mencionar o nome de Robles, mero figurante por conta do interessado, que era Urbina:

«Sim, Senhores: o trafico do territorio nacional para adquirir uma ingente somma destinada a enriquecer os auctores de tão iniquo plano, eis a verdadeira conspiração que se prepara no interior do paiz, eis a guerra extrangeira que ameaça a nossa nacionalidade, eis a chave que decifra todos os enigmas e exclarece todos os mysterios da conducta do Governo. A ambição de um homem, que jámais retrocedeu deante dos maiores crimes, concebeu o projecto de enriquecer por meio da mais negra traição. Mas, para traficar com o nosso territorio, requeria-se a auctorização sufficiente; para obte-la era preciso um pretexto plausivel, bem facil de ser inventado por esse mesmo homem avesado á impostura; e para preencher as formalidades do contracto actualmente iniciado em Guayaquil, necessitava-se transferir para alli o Poder Executivo, com o fim de ultima-lo em segrêdo e sem que ninguem o pudesse comprehender. Por isso fallou-se de uma guerra que não ha de ser declarada; por isso obteve o presidente a auctorização que não devia ter pedido; por isso foram e continuam a ser exercidas faculdades que, segundo o art. 74 da Constituição, não podem ser conservadas; por isso, o cego empenho, o mysterioso afan de transferir a Capital para Guayaquil, poncto que não foi mencionado na auctorização concedida; por isso, enfim, a violencia diffunde a miseria e alarma todos os ponctos da Republica. E poderiamos nós ser espectadores impassiveis dos males que affligem actualmente o paiz, e dos maiores que se preparam para o futuro? Para os evitar, basta que cumpramos com o nosso dever, declarando ao Poder Executivo que elle não está investido das fa-

culdades, que em um momento de descuido lhe foram dadas; e para esse fim redigi o seguinte projecto, que tenho a honra de submetter á illustrada deliberação do Senado.»

E' preciso notar que Garcia Moreno, deliberadamente, deixou de assistir ás sessões do Senado, que se realizaram de 2 a 20 de Outubro, o que indica que só aguardava a occasião opportuna para tomar parte na primeira linha de combate contra o Governo.

Urbina tentou ainda mandar um enviado á Bolivia e outro ao Chile, com o fim de obter a alliança da primeira dessas Republicas e a mediação da segunda para evitar a guerra.

Escolheu para essas missões dous senadores, que não se prestaram a mais esse ardil visando apenas a dissolução do Congresso por falta de número legal.

Urbina lembrou-se dos tempos em que constitucionalmente exercia a tyrannia; encheu as galerias do Senado dos famosos *Tauras*, o que fez com que Garcia Moreno redobrasse corajosamente os seus ataques.

Já a sua voz não se fazia ouvir sem que fosse accompanhada de outra, eloquente, fulminante e prestigiosa entre os radicaes, a do senador Pedro Moncayo, sempre em apoio das suas accusações. Era a nação inteira que assim se levantava contra os planos audaciosos do mentor da Politica nacional.

Garcia Moreno interpellava os ministros, arrastava-os á barra desse tribunal e encerrava-os por tal fórma na sua argumentação, que acabava por arrancar-lhes a confissão dos crimes do Governo. Vingava a humilhação do povo, humilhando o Governo ainda mais e atirando-lhe ao rosto phrases ferinas como esta: "Desgraçadamente o presidente da Republica tem por esse homem (Urbina) uma deferencia deploravel, que degenera naquella obediencia cega, de que só encontramos exemplos na disciplina monastica, naquella obediencia que colloca um homem sob o poder do outro, como o bastão nas mãos do ancião, como o machado na mão do lenhador, como o cadaver nas mãos daquelles que o levam para a sepultura".

Appareceu afinal a fragata peruana *Amazonas* (o resto da esquadra postou-se em frente á Sancta Helena), ameaçando bloquear e bombardear a cidade de Guayaquil.

A agiotagem frenetica de Urbina apressou-se a levar esse phantasma até o seio do Parlamento que deliberava sôbre o projecto de Garcia Moreno. O embaixador dessa noticia alarmante foi o official maior do Ministerio do Interior, que fallou aos representantes da Patria dos perigos que a ameaçavam e da necessidade immediata de salvar Guayaquil, porto de grandes recursos para o Pacifico e fonte das maiores riquezas nacionaes.

O Congresso então já não pensava ter só por inimigo o Governo peruano, e esse revez que experimentava a causa nacional afigurava-se-lhe menor do que o outro, o da omnipotencia de Urbina.

Bem diversos eram os pensamentos desse politico, que se habituara a vencer nas guerras da Independencia: sorriu, por isso, quando lhe communicaram que os congressistas haviam approvado o projecto revogatorio. E' que elle conhecia muito bem o espirito daquellas Camaras, e no dia immediato quatro senadores e oito deputados desertavam, sem que ellas pudessem mais reunir-se por falta de *quorum*.

A resistencia, porém, estava no espirito do proprio povo. A' guerra extrangeira succederá a guerra civil. No Parlamento, pelo seu valor, por sua energia, pela intuição administrativa com que apresentou excellentes projectos de lei organica, os melhores sôbre a instrucção pública, pelo seu amor ao direito christão, conseguindo a suppressão do injusto tributo que pesava sôbre as cabeças dos infelizes Indios, pelo seu elevado patriotismo na defesa da integridade do territorio nacional, pelos pareceres com que encaminhou as votações nas commissões de instrucção pública, legislação, fazenda e negocios ecclesiasticos, pelo seu temperamento batalhador, Garcia Moreno foi a primeira figura daquelles tempos.

Fallava e convencia; mas, não se preoccupava com o merito litterario dos seus discursos; as suas palavras fugiam com a rapidez com que as pronunciava.

E respondia ás recriminações do secretario do Senado nesse sentido, com esta exclamação muito sincera: "Si fallo é para triumphar; pouco importa que as minhas palavras constem da acta".

V

GARCIA MORENO NO GOVERNO

Dissolvido o Congresso, constituiu-se a "Direcção Suprema da Guerra" e, como era natural, Urbina assumiu o commando em chefe do Exercito.

O Governo installou-se livremente em Guayaquil, apesar dos protestos da Municipalidade de Quito, e uma das primeiras providencias tomadas foi a deportação de Garcia Moreno.

Sabedor desse decreto, e antes mesmo de receber a respectiva intimação, tractou o grande patriota de embarcar no primeiro vapor, que partia para o Perú. Outros opposicionistas tiveram sorte egual, e, entre estes, Pedro Moncayo. Não faltaram as prisões nem os fusilamentos. Toda a Municipalidade de Quito, tractada como sediciosa, seguiu para o destêrro.

Valencia, o melhor dos impressores de então e que tão importante papel representára na publicação d'*O Quitenho Livre*, por ter divulgado uma folha sôlta, em que se fallava mal do Governo, foi amarrado a uma arvore, na provincia de León, e ahi barbaramente fusilado pela escolta, que o conduzia a Guayaquil. Uma voz levantara-se contra similhante selvageria, a de Pedro Moncayo, o antigo redactor daquelle jornal, o que motivou a perseguição que soffreu.

Digno de encomios foi por isso o procedimento do general Maldonado, sublevando em 4 de Abril de 1859 a Divisão que commandava em Guayaquil. Si essa revolta servia para encorajar o inimigo e enfraquecer o Exercito equatoriano, por outro lado encaminhava o povo para séria reacção contra um Governo desprestigiado, que não podia offerecer garantias para a defesa do territorio.

O commandante Darquea foi o official incumbido de prender o presidente Robles e o seu mentor Urbina e, depois de haver fallado com ambos e effectuado a ordem que levava, encontrou, ao descer a escada do palacete de Urbina, que nesse momento reunia alguns amigos e entre estes o seu pupilo politico, o general Franco, o qual, inteirado do que se passava, castigou o que elle classificou de "insolencia", disparando a sua pistola sôbre o peito do heroe de Guallilaga.

Morto Darquea, debandaram os revoltosos, isto é, o piquete de cavallaria que commandava retirou-se, e foi occupar posições no cerro de Sancta Anna. Tremendo ia ser o combate aos olhos do inimigo. Muitos patriotas resolveram impedir mais essa calamidade e foram pedir ao Governo que desse garantias aos chefes e officiaes compromettidos no movimento. Maldonado, que era um militar brioso e valente, convenceu-se de que o momento reclamava a união de todos os Equatorianos.

A noticia da revolução de Abril chegou, como era natural, ao Perú, e o primeiro movimento de Garcia Moreno foi vir em auxilio dessa crise que assolava o seu paiz. Embarcou em um vapor de guerra peruano e desceu, protegido pela esquadra bloqueadora, em Guayaquil, de onde, sem demora, internou-se pela Cordilheira, precedido de um guia que o conduziu a Quito. Já os seus compatriotas haviam pensado nelle como o unico homem capaz de occupar o primeiro posto no Governo.

A nova situação fôra creada pelo commandante de policia Rafael Salvador, que entregára o seu quartel aos inimigos de Robles e de Urbina. No dia 1° de Maio daquelle mesmo anno os dous usurpadores desceram rapidamente das posições que occupavam.

Uma juncta popular proclamou, incontinente, o novo Governo de concentração, um triumvirato que ficou composto de: Gabriel Garcia Moreno, conservador; do vice-presidente Carrion, constitucional, e de Pedro José Arteta, floreano.

Garcia Moreno sabia que a imprensa é o meio mais adequado para divulgar o pensamento de um Governo, e fundou logo um jornal, cujos artigos de fundo elle mesmo redigia.

O *Primeiro de Maio* apresentou-se com o seguinte programma de regeneração:

«Abaixo os tyrannos! porque a tirannia só impera onde a intelligencia jaz acorrentada, onde a lei está morta, e a nação geme com o desapparecimento da republica.

Abaixo os tyrannos! porque Robles e Urbina, sem outros titulos que não fôssem as baionettas, guiados pelo seu capricho e apoiados na fôrça, reduziram o Equador a um patrimonio seu exclusivo, para saquea-lo e avilta-lo, e para que a sua

existencia de martyr assim terminasse como a do escravo agonizante no leito de dôr.

Abaixo os tyrannos! O Governo creado pelo povo em nome das instituições civilizadas saberá cercar-se de todos os Equatorianos para attingir um só fim: o triumpho dessas instituições e o engrandecimento da Republica.

Eis o motivo do apparecimento d'*O Primeiro de Maio* e a solenne justificação de seu titulo.»

Nomeado director supremo da Guerra, teve que abandonar a sua penna de jornalista e improvisar-se guerreiro, para combater as ambições do dictador.

Os tres generaes do despotismo, Urbina, Robles e Ayarsa conseguiram reunir algumas fôrças que se puzeram a caminho da Capital.

Franco ficara em Guayaquil, senhor dessa praça, aguardando a occasião para assaltar o poder.

Cavalgava, ao lado de Garcia Moreno, outro ambicioso, o commandante Ignacio Veintimilla, cuja presidencia fatidica veio a manchar de tanto sangue a historia do Equador, sendo até accusado de ter suggerido o assassinato daquelle que nelle depositava tamanha confiança.

As fôrças de que dispunha o Governo deposto eram muito superiores áquellas com que contava o Governo Provisorio, organizadas ás pressas na Capital e nas immediações, na sua maioria formadas por voluntarios.

Depois de algumas escaramuças em Guaranda, deu-se o combate definitivo em Tumbuco, onde Garcia Moreno foi derrotado, devido não só á inferioridade das fôrças legaes, como ao atrazo da artilharia, commandada por Salazar. Este fôra um dos instigadores do levantamento de 4 de Abril. Educado na eschola da traição, exerceu-a varias vezes, em proveito das suas promoções durante os governos de Flores, de Ascazubi, de Noboa, de Urbina e de Robles. Foi seguramente mais uma traição na vida desse aventureiro, que decidiu do triumpho illusorio das fôrças dictatoriaes.

Rodeado pelos inimigos, deixando atraz de si alguns mortos e 150 prisioneiros, Garcia Moreno mal teve tempo de tomar o cavallo que lhe offereceu Veintimilla, exclamando: "Salve-se, que a sua vida é mais importante para a Patria".

Accrescenta Moncayo que "este foi o unico rasgo de nobreza, que se conhece na vida de Ignacio Veintimilla".

A grande tenacidade politica de Garcia Moreno não viu naquella derrota o fim de uma empresa tão patriotica.

Regressou precipitadamente a Quito e durante o caminho, recebendo manifestações de apreço e revelando a sua costumada coragem, animando os seus amigos, ia combinando o plano, que logo exporia aos seus collegas do Governo.

De guerreiro transformou-se em diplomata. O triumvirato já havia soffrido modificações e os seus companheiros eram agora Gomes de la Torre e Rafael Carvajal. Na conferencia que teve com estes expoz as difficuldades, em que se achava o Governo, para uma reacção pelas armas. Devia o Governo abandonar immediatamente a Capital pela impossibilidade de a defender e fixar a sua séde provisoria em alguma das provincias do Norte, nas fronteiras de Nova Granada.

Quanto a elle, voltaria para o Perú, onde iria entender-se com o presidente Castilla para resolver as difficuldades pendentes entre os dous paizes, e assim evitar a guerra fratricida. Esse auxilio extrangeiro, por mais humilhante que tenha parecido a muitos espiritos patrioticos daquelles tempos, era reclamado pelo proprio povo, que não provocou a guerra intestina com outro intuito.

Isto explica que Garcia Moreno tivesse encontrado, já em Lima, um companheiro para essa missão tão delicada: Pedro Moncayo. Dizem que este não esteve conforme com as resoluções tomadas pelos dous negociadores, mas o facto é que acceitou a idéa e accompanhou Garcia Moreno até se entrevistarem ambos com o presidente Castilla. Quanto á intervenção extrangeira, Moncayo só divergia em que se tivesse que recorrer ao Perú.

O Governo, reduzido a um unico representante, que era Carvajal, retirou-se para Ibarra e, sempre perseguido pelas fôrças de Urbina, refugiou-se na fronteira, que acabou atravessando para evitar uma capitulação deshonrosa.

Julgando-se senhor da situação, Urbina dirigiu um manifesto em que dizia ao povo: "Designado pelo Governo para pacificar estas provincias, marchei com a esperança de alcançar o meu fim sem recorrer ao meio extremo das armas, por-

que via no sacrificio de cada victima o sacrificio de um ermão; e, para evita-lo exgottei todas as medidas de bondade e de conciliação, não abandonando este proposito sinão quando fui arrastado a um doloroso conflicto, como o da desgraçada jornada de Tumbuco".

Parece, entretanto, que em Ibarra os membros do Governo Provisorio firmaram um Convenio, no qual se comprometteram a não pegar mais em armas contra o Governo Constitucional.

Urbina concedeu amnistia geral, e Robles installou-se novamente da capital da Republica.

Garcia Moreno, fugindo aos seus perseguidores, disfarçado, alcançou, na costa equatoriana, um navio mercante, que o conduziu a Paita, de onde se passou para Lima. Cumpriu logo a sua promessa de entender-se com o presidente peruano, homem de grande astucia, e taes palavras ouviu delle que, em 9 de Janeiro de 1860, dirigiu um Manifesto á Nação, em que affirmava "que o Governo Peruano fizera ao Equador a justiça de não confundi-lo com os seus tyrannos" e que "a probidade do presidente Castilla respondia pela nacionalidade equatoriana e pela integridade da Republica, pois de ora em deante a desavença seria derimida por meios honrosos e conciliadores, sendo a esquadra e o Exercito peruanos antes auxiliares para o restabelecimento da ordem interna".

Nem sempre a astucia domina a fôrça, que neste caso era a tremenda reacção liberal, que se organizava no Equador.

O povo não confiou nas palavras do presidente ambicioso, que não recuaria do seu proposito de assenhoriar-se de uma parte do territorio nacional. Essa já era tambem a convicção de Garcia Moreno, que com elle conferenciara pela segunda vez em Paita.

Apertara-se o bloqueio, e a resistencia foi tal em Guyaquil, que chegaram os Equatorianos a derrotar as lanchas canhoneiras da esquadra peruana.

A intelligencia clara de Garcia Moreno comprehendeu que, sem romper abertamente com Castilla, a alliança com os militares de maior prestigio impunha-se pela necessidade de ser mantida a auctoridade do Governo Provisorio. Procurou chegar a um accôrdo com o general Franco, o qual repelliu as

suas propostas, certo, como estava, de que breve seria proclamado chefe supremo em Guayaquil.

Debalde o Governo emigrado atravessou a fronteira do Norte, venceu a guarnição de Tulcan e chegou a Quito, onde foi acclamado pelas tropas commandadas pelo coronel Salvador.

Franco no poder, comparsa da tyrannia, eleito por uma maioria incerta, mas apoiado nas armas, aterrorizou a Robles, que se lembrou do castigo infligido a Darquea e logo se demittiu, obtendo o seu passaporte para o Chile. Foi talvez a unica vez, em que não recorreu aos conselhos de Urbina. O character ambicioso do novo chefe não era tambem de natureza a permittir a subalternidade em que vivera o seu predecessor. Estava, portanto, findo o papel de Urbina, que abandonou o Equador.

Castilla conseguira, ao mesmo tempo, o seu fim, que era manter a desunião no paiz para melhor servir aos seus planos de conquista.

Accompanhado de seis mil homens, capitaneando uma frota numerosa que demonstrava o apogeu das finanças peruanas, chegou elle a Guayaquil no dia 8 de Novembro de 1859.

Annunciou, desde a sua entrada, o estôrvo que encontrava na dualidade de govêrno para resolver as questões pendentes de limites.

O triumvirato continuava em Quito a defender a sua auctoridade, apoiado nas fôrças locaes e no Exercito abandonado por Urbina, que, ao partir de Cuenca, nenhuma direcção politica procurou insinuar aos seus commandados.

Castilla, que vinha intervir na politica interna, trazia instrucções de Flores que, aproveitando a situação confusa, preparava o seu regresso ao Equador. Conseguiu que alguns dos seus partidarios occupassem postos de confiança no govêrno de Franco, mas quando se fallou abertamente da sua visita replicou este cruamente: "Si Flores chegar a vir a qualquer dos portos que estão sob a minha jurisdicção, o farei fuzilar antes de duas horas".

Tractou-se de organizar um govêrno nacional, e a fracção governamental, que permanecia em Quito e que tambem

de espada desembainhada, chegou a bater-se victoriosamente contra tropas constituidas por mais de 300 homens.

Logo regressou a Riobamba com o fim de restabelecer a ordem, o que conseguiu, usando da maior energia, aprisionando os amotinados, organizando conselhos de guerra e fazendo passar pelas armas os mais compromettidos, depois de julgados summariamente. Os povos do interior iam obedecendo á sua voz patriotica, restabelecendo-se a união nas provincias separadas pela politica dissolvente de Franco.

Preparava-se para a campanha de Guayaquil, quando o general Flores, que chegou a Quito, depois de 15 annos de ausencia e de repudiado por Franco, veio offerecer os seus serviços em auxilio da projectada campanha.

O nome de Garcia Moreno soava já aos ouvidos do povo como o de um dos maiores caudilhos americanos. E' para lamentar que a sua violencia o tivesse obrigado a practicar actos, que a outros teriam custado a perda da popularidade e o desprestigio da vida inteira. Assim foi que, ao ser informado de uma tentativa de revolta em Quito, mandou applicar ao general Ayarza, cabeça do movimento, independente de qualquer formalidade judiciaria, a pena de 500 chicotadas e assistiu em pessoa á applicação desse castigo infamante.

E chegou a pensar em recorrer ao protectorado extrangeiro para resistir ás pretenções peruanas.

Na carta que escreveu ao encarregado de negocios da França, M. Trinité, em 14 de Dezembro de 1859, e que foi publicada em Lima, propoz a "reunião do Equador ao Imperio Francez, sob condições analogas ás do Canadá com a Grã-Bretanha, salvo as differenças que tivessem de ser introduzidas por força das circunstancias». E certo que subordinou o seu projecto á approvação do povo por meio de um plebiscito. O Equador, felizmente, não teve a sua soberania compromettida nessa aventura, seguramente inspirada pelo odio que Garcia Moreno votava ao presidente Castilla. A fôrça implacavel do despotismo naquelle paiz impellia os seus governantes a esses desvios momentaneos.

Garcia Moreno e Flores, á frente do exercito provisorio,

disputava esse titulo, enviou os seus emissarios, que a nenhum accôrdo chegaram com o general Franco.

Sem embargo, Castilla reconheceu o govêrno deste como nacional, e em 20 de Janeiro de 1860 assignou com elle um convenio, pelo qual a questão de limites seria resolvida de accôrdo com o tractado de 1829, mediante a clausula preliminar de suspender-se a alienação dos terrenos baldios situados na parte litigiosa.

Castilla contentou-se com essa imposição, pequena para a sua politica ambiciosa, e retirou-se definitivamente, porque acontecimentos imprevistos na politica interna peruana reclamavam a sua presença.

Garcia Moreno patenteou uma actividade extraordinaria por esse tempo. Preparou o seu exercito, improvisou as munições de que necessitava, transformando fabricas de algodão, em Chillo, nas proximidades de Quito, em fabricas de armas e até de fundição de canhões, animou o seu exercito com proclamações eloquentes, encorajando-o antes dos combates, felicitando-o depois das victorias e foi sempre o primeiro a apparecer na frente do perigo.

O Governo Provisorio luctava com grandes difficuldades financeiras, e nem todos souberam imitar o exemplo patriotico e desinteressado que a cada momento dava á Nação o seu chefe supremo. Enquanto os funccionarios de Franco iam abandonando os seus postos, depois de delapidarem o thesouro, como aconteceu com Manuel Espantoso, governador de Guayaquil, Garcia Moreno zelava os cofres publicos, a tal poncto, que alguns dos seus commandados, julgando insufficientes os soldos que recebiam, se revoltaram em Riobamba e o intimaram a renunciar o cargo. Jámais! exclamou elle, que só pensava em ser util á sua Patria, ao official que o intimou.

Francisco Salazar, Martinez Pallares e Santiago Palacios foram os auctores dessa tragedia, em que Garcia Moreno esteve para ser fuzilado.

Enquanto a soldadesca desenfreada saqueava a cidade, elle passava sobranceiro deante da sentinella que guardava o portão do quartel onde se achava prisioneiro, e, sem perda de tempo, montando a cavallo, seguiu para Calpi, onde reuniu alguns officiaes valentes, em numero de 14 e á frente destes,

depois de terem tomado Babahoyo, entraram victoriosos em Guayaquil na madrugada de 24 de Septembro de 1860.

Franco já não dispunha sinão dessa provincia, e o seu alliado Castilla abandonara as intrigas da diplomacia pelas que urdia em defesa do seu proprio govêrno.

Antes, pretendeu Gacia Moreno evitar que corresse o sangue equatoriano, propondo a retirada de ambos os governos, para que cedessem o campo eleitoral aos candidatos nacionaes.

Nessa proposta impunha uma condição, que excluia a acceitação por parte do seu ambicioso rival: a de se expatriarem ambos, compromettendo-se elle a recolher-se á vida privada.

Franco e Villamil, os dous vencidos, passaram-se para o Perú, e Garcia Moreno foi acclamado. Flores compartilhou desse triumpho, mas em posição subalterna.

Tal era a convicção de Garcia Moreno, vencedor, quanto ao papel que representára no levantamento moral daquelle povo, que se sentiu com fôrça até para mudar a bandeira nacional.

Desde então a nação terá que accompanha-lo nas suas crenças religiosas; para symbolizar essa victoria e inspirado pela festa do dia em que ella se effectuou, decretou que o exercito equatoriano ficava sob a guarda e protecção da Virgem das Mercês.

* * *

Em 1860 começou o govêrno clerical de Garcia Moreno.

A sua primeira declaração foi "que a Egreja devia marchar sempre ao lado do poder civil em verdadeiras condições de independencia".

Sem embargo, apoiou-se nas correntes liberaes que o haviam sustentado durante a sua campanha opposicionista. Enquanto as diversas facções formadas pelos partidarios de Moncayo, de Gomes de la Torre, de Pedro Carbo e até do triunvirato (Urbina, Robles e Franco debatiam-se sôbre a fórma de govêrno, opinando muitos pela Republica Federativa, Garcia Moreno sustentava que "para moralizar o paiz era necessario dota-lo com uma Constituição catholica; e para assegurar a cohesão, dar-lhe um estatuto unitario".

A experiencia de tantos annos indicava a necessidade de suffocar a supremacia revolucionaria e impunha a reforma immediata das instituições e das leis.

Tractava-se de uma transformação radical na vida do paiz, e a primeira questão que preoccupou o Governo Provisorio foi o systema eleitoral, repudiado como vicioso e substituido pelo suffragio universal.

O numero dos representantes foi tambem baseado na totalidade da população e não no dos districtos, como até então.

A influencia moral de Garcia Moreno foi nesse momento talvez a maior da sua vida de estadista; todas as classes da sociedade achavam-se offendidas com o govêrno militar e dictatorial, que acabava de desapparecer.

A sua tolerancia manifestou-se nas primeiras nomeações que fez. Queria governar com a nação inteira e, assim, designou Pedro Carbo, livre pensador, para um cargo de alta confiança, o de governador de Guayaquil.

Seu cunhado, Roberto Ascasubi, occupou o logar de secretario geral do Governo Provisorio.

Note-se que este, já pelo seu character, já pela independencia pecuniaria, foi sempre um auxiliar desinteressado da politica de Garcia Moreno, a tal poncto que, quando foi do caso das chicotadas applicadas, nos primiros dias do seu govêrno constitucional, ao "negro Ayarza", como lhe chamava Garcia Moreno, sendo Ascabasubi, o mais offendido e o causador do incidente com o ministro da Fazenda de então, que acabou por aquelle barbaro castigo, attribuido por muitos ao sentimento de vingança, oppoz-se a que o seu cunhado manchasse a sua vida pública com tão feia nodoa.

Mas o presidente vivia na alma do seu povo, que esqueceu todas essas faltas, todas as suas crueldades em Riobamba, e tolerou que elle restituisse a Flores, cuja influencia ia renascendo ao influxo da sua protecção, as propriedades que usurpara e que, por sentença judicial, já se achavam nas mãos de seus legitimos donos. O deportado de 1845 pôde assim installar-se novamente na sua fazenda "Elvira", como senhor feudal de Babaoyo.

Nomeado general em chefe do exercito, dispoz-se a defender o govêrno de Garcia Moreno, que sustentou com a maior

lealdade até quasi 1864, anno em que veio a fallecer, na travessia da costa equatoriana, nas immediações de Sancta Rosa.

Flores presidiu á Constituinte, que se reuniu na Capital da Republica no dia 8 de Janeiro de 1861. Perante esta o Governo Provisorio prestou conta dos seus actos, tão bem julgados, que os seus membros foram todos acclamados como benemeritos da Patria. Na galeria de honra do palacio do Governo, passaram a figurar bustos desses benemeritos, em obediencia a um decreto legislativo. Composta de elementos heterogeneos, tão identificada estava essa Assembléa com as idéas de Garcia Moreno, que confirmou o decreto que collocou a Republica sob a protecção de Nossa Senhora das Mercês.

Esses legisladores não podiam deixar de o eleger presidente da Republica, como aconteceu no dia mesmo da installação da Constituinte, dando-se a essa designação character de interinidade, até que fosse promulgado o novo pacto fundamental.

A Constituição foi a mais liberal possivel, mantendo a independencia dos poderes, estabelecendo a eleição directa para os cargos de presidente e vice-presidente da Republica e ampliando as attribuições do poder municipal. Os mais exigentes queixaram-se apenas de que por ella ficasse o presidente armado com as faculdades extraordinarias de tão funestos resultados durante as presidencias anteriores.

Sentiu-se a influencia decisiva de Garcia Moreno nos artigos relativos ás relações da Egreja com o Estado.

Apesar disto, elle considerou a Constituição insufficiente para reprimir o estado de anarchia, que era latente no paiz com os elementos, que herdava o novo Governo das administrações passadas. Para estes o novo presidente representava uma ameaça aos seus interesses illegitimos. Houve mesmo uma tentativa de conjuração, para afastar a sua candidatura por meio do punhal.

Approvada a Constituição, depois de tres mezes de discussão em tôrno dos ponctos duvidosos sôbre a fórma de govêrno e sôbre a religião official, foi Garcia Moreno eleito, por unanimidade, presidente na Republica no dia 10 de Março de 1861.

Tamanha era a confiança que depositava o Congresso no homem que suffragara (18) para exercer a suprema auctoridade, que o proclamou solennemente, perante a Nação, para que esta visse o singular contraste que offerecia o actual director da Politica nacional comparado com os que o haviam precedido nesse posto: "Começa uma éra nova de trabalho, probidade e justiça. Um presidente joven, activo e apaixonado pelo progresso do paiz, que viajou pelos ponctos mais civilizados da Europa, estudando com ardor as sciencias exactas, naturaes e sociaes, deve dar impulso a todas as reformas de que necessita o paiz. E é necessario muni-lo de boas leis, que serão respeitadas e executadas por elle. E' necessario, além disso, dar-lhe o apoio dos corpos subalternos, que são os agentes indispensaveis da Administração Publica".

Garcia Moreno tentou até o último dos exforços para salvar a patria da anarchia, que receiava fosse perpétua, e começou dando provas do seu desprendimento pelo poder, recusando a sua alta investidura.

Os legisladores tiveram que appellar para a sua consciencia e para o seu patriotismo, até resolve-lo a acceitar a presidencia da Republica.

Apresentou o seu programma politico, com rigorosa minucia, em grande parte tendente a assegurar a liberdade da Egreja. As leis organicas que votava o Congresso eram moções de confiança ao Governo, que, para pôr em práctica o seu vasto plano reformador, elle mesmo o confessou, necessitava pelo menos de 25 annos de exercicio.

Garcia Moreno foi logo auctorizado a propôr á Sancta Sé uma concordata e a po-la em execução sem esperar a ratificação do futuro Congresso.

Foi egualmente investido de poderes para elaborar uma reforma financeira e para dar nova organização ao exercito, á instrucção pública, assim como para construir as estradas de rodagem, de que tanto necessitava o paiz. A sua primeira preoccupação foi resolver a questão de limites entre o Equador e Nova Granada, e a este respeito são muito significativas

(18) Por uma disposição transitoria essa primeira eleição foi feita pelo Congresso.

as palavras escriptas em 1885 por Pedro Moncayo, antipode seu na politica equatoriana: «Depois de Garcia Moreno, nenhum mandatario pensou sériamente nesta questão, e os annos vão correndo com prejuizos notaveis para o Equador; a fronteira actual não resguarda os direitos de nossa Patria, que esteve annos e annos á mercê dos revolucionarios de ambas as Republicas".

O Equador julgava-se com perfeito direito á demarcação da antiga Audiencia e presidencia de Quito. Desde a sua separação da Colombia o Equador discutia os seus direitos, baseado no principio de *uti possidetis* de 1810. Versava a controversia sôbre a região oriental até o Caquetá, assegurada ao Equador pela lei de 1824, pela declaração do Congresso Constituinte de Nova Granada, pelos tractados de 1832 e 1856 e pela propria parte cartographica colombiana. Garcia Moreno exigiu logo do Governo colombiano o cumprimento do art. 26 do tractado de 1856 e do peruano o do art. 5° do tractado de 1829, para que estes designassem os seus commissarios que, de accôrdo com os nomeados pelo Equador, deviam traçar a linha divisoria, de conformidade com o primeiro desses tractados.

Na sua segunda presidencia Garcia Moreno tudo fez para pôr termo ás questões de limites. Sabido é, porém, que as pretenções das duas nações só vieram a ter solução honrosa para ambas com o tractado de limites firmado em Bogotá no dia 15 de Julho de 1916.

Com relação ao Perú faltou-lhe o plenipotenciario, com que mais contava e que era o proprio dr. Moncayo, em desaccôrdo com o seu govêrno, numa epocha em que as circunstancias teriam facilitado as negociações, pois que Castilla descia do poder completamente desprestigiado.

Garcia Moreno não exqueceu a sua promessa ao padre Braz, e os Jesuitas viram-se novamente installados na sua antiga casa de S. Luiz, obtendo quantas facilidades pediram para diffundir o ensino catholico no paiz.

Esta resolução não podia agradar aos demagogos. O número dos descontentes foi ainda augmentando com o systema moralizador e de severa fiscalização, que o presidente introduziu em todas as repartições públicas.

A disciplina do exercito, habituado ao predominio revolucionario, contra o qual se insurgira Garcia Moreno desde a adolescencia, começou a ser implantada por meio de uma repressão energica, que os interessados consideraram vexatoria; mas, enquanto os que se tinham apossado fraudulentamente das posições se iam retirando, o presidente, pela sua extrema honradez, ia tambem se recommendando á gratidão nacional.

* *

Na Concordata negociada com Pio IX, reflecte-se a influencia dos annos que Garcia Moreno passou em Paris. Ahi estudára a situação duvidosa, em que se encontravam os diversos Estados da Europa nas suas relações com a Egreja. A Revolução Franceza, a influencia de Voltaire e de Rousseau, imperavam nos palacios dos soberanos. Na America, as lojas maçonicas conspiravam secretamente para ampliar o Codigo de 1793.

Garcia Moreno, desde então, transformou-se em um *zetante*, uma especie de conde Rossi, para quem "a causa do papa era a causa de Deus", e passou a ser um alliado da Companhia de Jesus. Queria a revogação da lei do Padroado, entendia que os direitos e os interesses do Estado, conquista que vinha desde os tempos da dominação hispanhola, deviam soffrer uma diminuição.

Já desde 1858 o clero de Cuenca se batia por essa reforma e reclamava contra a supremacia do Estado sôbre a Egreja. Os bispos e padres prégavam a insubordinação e chegaram a condemnar como heretico o principio de que "a soberania nacional reside essencialmente no povo".

O presidente exclarecia a Convenção, fazendo resaltar a superioridade da Concordata proposta para alcançar a influencia religiosa na vida social. A acção do poder civil ficava limitada a velar pelo respeito devido á auctoridade da Egreja, e os tribunaes ecclesiasticos reappareciam, com attribuições soberanas, para julgar todos os assumptos religiosos.

O arcediago de Cuenca Ignacio Ordoñez, que ambicionava o arcebispado de Quito, promptificou-se a ser o negociador. Encontrava-se em Roma, em 1861, quando recebeu a sua cre-

dencial de ministro plenipotenciario juncto á Sancta Sé e as respectivas instrucções do Governo equatoriano.

Essa missão estava facilitada pela sua natureza, pois que o pedido não envolvia concessão alguma por parte da Sancta Sé. Instrucções especiaes referiam-se á restituição dos bens ecclesiasticos, de que se apoderara o Estado, e á reforma do clero regular.

O projecto da Concordata foi assignado *ad referendum*, em 26 de Outubro de 1862, pelo cardeal Antonelli, secretario de Estado, e pelo representante de Garcia Moreno.

Em consequencia desse pacto, foram creados quatro novos bispados, em Cuenca, Loja, Riobamba e Ibarra.

Forte opposição soffreu a Concordata da parte dos espiritos mais liberaes, notadamente Francisco Aguirre e Pedro Carbo. O Conselho Cantonal de Guayaquil chegou a lançar uma publicação de propaganda, declarando inconstitucionaes varios dos seus artigos, e a animosidade contra aquelle acto extendeu-se a alguns dos paizes vizinhos, que se sentiram alarmados com a situação de subalternidade, a que ficava reduzido o Equador nas suas relações com o Vaticano.

Tal era a agitação dos espiritos, que seguramente não se teria evitado uma guerra religiosa, si o Congresso não tivesse ratificado a Concordata. Esta foi sanccionada em 17 de Abril de 1863 por Garcia Moreno, que fazia questão capital de que ella fosse posta immediatamente em execução, chegando mesmo a ameaçar que abandonaria o poder, caso os legisladores lhe negassem a approvação.

O Congresso, para contentar os mais exaltados, limitou-se a reformar alguns dos artigos da Concordata, cuja negociação valeu a Garcia Moreno o titulo de primogenito da Egreja Romana.

* * *

Quando se tractou do reconhecimento do Imperio do Mexico, Garcia Moreno foi accusado pelos seus adversarios de querer implantar o principio monarchico na America

Na mensagem que dirigiu ao Congresso foi muito commentada esta phrase, com a qual recommendava o reconhecimento:

«No Mexico, a guerra póde considerar-se terminada, e nossos votos agora devem ser feitos para que essa rica e privilegiada região da America se constitua livremente, preservando-se dos excessos de uma demagogia rapinante, immoral e turbulenta.» Caïdo o Imperio e fusilado o imperador Maximiliano, nem assim deixou de manifestar pelo govêrno deste todas as suas sympathias, creando difficuldades ao projecto com que o Senado se dispoz a felicitar o presidente Juarez, por ter restabelecido as instituições republicanas.

Em 1862 entrou Garcia Moreno em uma campanha infeliz contra Julio Arboleda, que chefiava um dos partidos colombianos. Derrotado e preso aquelle em Tulcan, Arboleda, que havia sublevado o Cauca e extendido a sua revolução até o Carchi, fronteira entre as duas republicas, usou para com o seu adversario vencido de uma generosidade de que elle teria sido incapaz, si fosse o vencedor: restituiu-lhe a liberdade e o poder. Arboleda partilhava das mesmas idéas republicanas de Garcia Moreno, e ultramontano como ambos era ainda o general Mosquera, veterano da Independencia, que não tendo conseguido a presidencia com o partido conservador, poz-se á frente dos radicaes para depôr o presidente Ospina.

No correr dessa guerra civil, que durava desde 1860, Arboleda, que defendia o Governo central, invadiu a fronteira equatoriana, predendo um consul desta nação.

O acto era tanto mais offensivo á soberania nacional, quanto Arboleda já havia sido designado futuro chefe do Estado; mas, Mosquera, dono de Sancta Fé de Bogotá, fizera-se proclamar dictador.

Não fôra esse incidente, e Garcia Moreno teria desejado ardentemente o triumpho de Arboleda, que representava tambem o da Egreja Catholica. Tão bem se entendiam os dous contendores, que logo se abraçaram no campo de batalha, firmando um convenio, pelo qual Garcia Moreno acabou facilitando ao outro armas e munições de guerra. Esta campanha passou injustamente á Historia equatoriana com o nome de *guerra dos ciumes e dos amores*.

E' claro que a ligeireza de Garcia Moreno em assignar um tractado de paz e amizade com um rebelde preparou nova guerra, pois que o general Mosquera declarou nullo e de nenhum effeito o pacto firmado por quem não havia recebido da Confederação os necessarios poderes. Em 2 de Novembro de 1863 era declarada a guerra, e o general Flores, que commandou as tropas equatorianas, apesar do valor e da intelligencia que manifestou em todas as batalhas em que se empenhou, foi derrotado na de *Cuaspud*.

Muitas perdas teve o exercito equatoriano e, entre estas, a dos valentes coronel Espinosa e capitão Veintimilla, mortos em combates renhidos, o que logo pôz em debandada os soldados invasores, com o seu chefe á frente.

Vencedores os Neo-granadinos, obrigaram Garcia Moreno a celebrar o Convenio de Paz e Amizade, conhecido por Tractado de Pinsaqui.

Essa derrota não podia deixar de reflectir na situação interna do paiz, determinando perturbações em Quito, que Garcia Moreno teve que reprimir com o costumado vigor, com que dominava as rebelliões.

Tamanho rancor guardou Garcia Moreno ao presidente colombiano que, quando mais tarde, este, apeado do poder e desterrado para Lima, communicou que passaria por Guayaquil, aquelle contestou laconicamente que, "si Mosquera chegasse a pôr o pé em um poncto qualquer do Equador e elle lhe puzesse a mão em cima, se conformasse com as consequencias".

Grande humilhação soffreu o exercito equatoriano do seu chefe que, na mensagem que dirigiu ao Congresso sôbre a derrota de *Cuaspud*, verberou o seu procedimento com estas palavras, applicadas como ferro em brasa: "No dia 6 de Dezembro teve logar a batalha de *Cuaspud*, perdida pela vergonhosa covardia dos corpos que fugiam, arrojando as armas, enquanto a vanguarda e alguns batalhões da terceira divisão resistiam com denodo».

Flores estava descontente, apesar dos innumeros favores que recebera, e conspirava abertamente contra a politica do seu protector, que chegou a ameaça-lo de fusilamento.

Em 1863 tractou-se de dar substituto ao vice-presidente Mariano Cueva, que deixara o poder, depois de ter practicado várias arbitrariedades.

O prestigio de Garcia Moreno decaïra bastante, desde que Castilla, de commum accôrdo com os urbinistas e franquistas, levantara contra elle a celeuma de ter querido attentar contra a soberania do Novo Mundo, reduzindo á vassallagem uma nação independente. Serviu de pretexto a sua attitude com relação ao Mexico, e vieram á publicidade as cartas que elle escrevera ao encarregado de negocios da França.

A opposição tomava maior incremento, e Mosquera pretendia tirar partido della para annexar novamente o Equador á Nova Granada. Mal sabia o infeliz negociador de Galapagos, em correspondencia activa com o ambicioso general, que iria fornecer ao grande estadista, a quem pretendia supprimir da politica equatoriana, a occasião de se rehabilitar por meio de uma estrondosa victoria.

Antes, porém, o presidente Moreno teve que restabelecer a paz interna, tão compromettida pelos interesses em jôgo, que só á sua muita habilidade, em lucta aberta com inimigos phreneticos, se deve o não ter triumphado a revolução.

Abandonado pelos seus proprios amigos e correligionarios, (o dr. Antonio Borrero, catholico e muito estimado pelo Clero, recusou a candidatura vice-presidencial que lhe foi offerecida, declarando acintosamente "que acceitaria que o povo o elegesse por sua propria inspiração, mas que era contrario ás candidaturas officiaes") o presidente procurava remedio para todos esses males que, entretanto, o seu temperamento irascivel só encontrava nas perseguições e nos fusilamentos.

São dessa epocha a execução do general Maldonado, que tanto horror causou á população de Quito, pois o seu nome era dos mais venerados em todo o paiz, e o martyrio de João Borja, jurisconsulto de vasta sciencia, que se extinguiu aos poucos na prisão, onde se achava por simples suspeita de conspiração.

Consumava elle similhantes execuções com a energia e a calma de quem se sentia predestinado para salvar a nacionalidade, ás quaes pessoalmente assistia, e, quando a victima exhalava o último suspiro, estava de joelhos no confissionario.

Dirigia-se ás prisões e provocava scenas violentas com os seus prisioneiros politicos. A's execuções seguiam-se as suas Proclamações neste estylo de fogo: "Compatriotas, de hoje em deante os que se deixarem corromper pelo ouro serão supprimidos pelo chumbo; ao crime succederá o castigo; aos perigos que correr a ordem pública, a calma que tanto desejais; si para chegar a este resultado for necessario sacrificar a minha vida, estou prompto a immolar-me pelo vosso repouso e pela vossa felicidade".

Urbina, secundado pelos generaes Robles, Franco e Leon, organizou uma expedição de 600 homens, que invadiu o territorio equatoriano e occupou a cidade de Machala. Seguiam as operações pelos lados de Sancta Rosa, e o plano dos revolucionarios, que estavam apoiados pelos governos do Perú e da Colombia, era propagar a revolução pelo littoral, atravessar as provincias interiores e tomar a Capital com a consequente deposição do presidente.

Esse movimento não chegou a perturbar siquer a vida nacional, pois aos seus auctores faltou a audacia necessaria para enfrentar um homem da témpera de aço de Garcia Moreno.

Não se fez esperar o decreto, que declarava Urbina fóra da lei: "O Equador não se acha envolvido em guerra alguma, quer interior, quer exterior, e, por consequencia Urbina e os seus bandidos, chegados do extrangeiro para revolucionar o paiz, devem ser considerados como corsarios e tractados como taes. As auctoridades, ao applicar-lhes a lei, dar-lhe-ão o tractamento, não de belligerantes, mas de incendiarios e assassinos".

Em Quito a conspiração foi suffocada com o fusilamento do general Maldonado, e para escarmento de todos os revolucionarios foi Juan Borja retirado da prisão para assistir á execução. Urbina e Robles ganharam a fronteira peruana com o intuito de preparar uma expedição, e, quando as fôrças legaes chegaram a Santa Rosa, encontraram-se apenas com os generaes Franco e Leon, que foram batidos e conseguiram escapar á justiça de Garcia Moreno, que teria sido inclemente.

O general Consales e o coronel Veintimilla saïram em perseguição de Urbina, mas não encontraram com quem se bater.

Garcia Moreno percorreu a região invadida e foi inexoravel na applicação da pena de morte. Assim, foi passado pelas armas em Cuenca o chefe urbinista Campoverde, assim, noticiaram os jornaes, com um laconismo, que inspirava terror, o assassinato de Pimocha...

Nas provincias de Guayaquil, Machala, Sancta Rosa, Loja e Cuenca, verificou as listas de prisioneiros e as penas impostas pelos conselhos de guerra. De regresso a Quito, onde foi abrir as sessões do Congresso, aproveitou a apresentação de credenciaes do encarregado de negocios da Colombia para sobranceiramente atirar em rosto ao Governo, que elle representava, o procedimento que tivera, permittindo a Urbina recrutar e armar os seus soldados no territorio colombiano: "Sempre desejei e procurei a união, garantia da paz e condição da fôrça; e, por isso, durante o meu govêrno, o Equador procurou estreitar os vinculos que nos ligam com as nações amigas; e por essa razão, respeita a justiça e os direitos de todos os povos, não consentindo que em seu territorio, em plena paz, se armem hordas criminosas para perturbar o repouso dos seus vizinhos, como não deve consenti-lo nenhum paiz onde se prese ainda a honra e se condemne a perfidia".

* * *

Os alliados de 1856, Urbina e Robles, não desanimaram e em 1865 organizaram uma nova expedição contra Sancta Rosa e Machala.

Era este último o anno da renovação presidencial, e aquelles dous chefes, cuja honradez e capacidade a nação já não tinha em grande conceito, pretenderam conquistar o poder pelas armas

Já havia sido eleito o successor de Garcia Moreno, candidato idoneo, como conservador e catholico, para continuar o programma da administração que em breve ia findar. Camaño fôra o primeiro escolhido por Garcia Moreno, mas pela falta de habilidade com que se houve durante a propaganda da sua candidatura, foi obrigado a renuncia-la.

Os liberaes haviam enfraquecido a sua fôrça eleitoral, dividindo-a entre Pedro Carbo e Gomes de la Torre.

O presidente que saïa luctava com as intrigas que se formavam dentro de uma parte do seu proprio partido.

O dr. Borrero, que pretendia representar ao mesmo tempo o catholicismo e o liberalismo, abriu campanha contra a politica de Garcia Moreno pelo seu jornal *A Sentinella*.

Pedro Carbo, antes mesmo de pleitear a sua candidatura, seguiu para Lima, e essa viagem não foi extranha ao plano dos dous invasores.

Urbina conseguiu subornar o commandante do navio mercante *Washington* e na noite de 31 de Maio de 1865 o seu partidario José Marcos, á frente de uma fôrça regular, conseguiu tomar de assalto o vapor *Guayas*, o unico que contava a marinha de guerra equatoriana, e que se achava ancorado em frente a Guayaquil.

Garcia Moreno, já então avisado dos planos urbinistas, ordenára ao general Flores que se aprestasse para repellir os invasores; mas este, allegando o máo estado de sua saude, pretendeu recusar a commissão que lhe foi fatal, pois veio a fallecer em viagem, logo no inicio da campanha, após o primeiro combate, quando se dirigia para Sancta Rosa, a bordo do *Smyrk*.

Dizem que Garcia Moreno exprobrou a Flores o ter pretendido esquivar-se á commissão, taxando-o de covarde, injuria immerecida a um cabo de guerra, que conquistára a extrema confiança de Bolivar e que tanto heroismo mostrara no sitio de Valencia, em 1813, onde, affrontando as ordens do chefe realista Cevallos, atravessou a praça de S. Francisco, com risco da propria vida, abrindo caminho por entre a fusilaria, para desalterar a sêde, na fonte que alli havia. Garcia Moreno, porém, honrando a sua memoria, revelou o alto apreço em que tinha o valor militar do seu companheiro de armas.

Mais acertadamente se encontrará a razão da recusa de Flores na esperança, que alimentava desde algum tempo, de fazer chegar o seu filho Antonio á presidencia da Republica, pelo que conspirou várias vezes contra o seu alliado da vespera. Garcia Moreno mostrava-se surdo a essa pretenção, convencido de que o restabelecimento da influencia de Flores cor-

responderia a condemnar novamente a Nação a um govêrno militar, sustentado por um regime de camarilhas.

Estava o exercito equatoriano privado do seu chefe para envolver as fôrças commandadas por Urbina e pagas com o dinheiro dos emprestimos, que este levantára dos capitalistas peruanos.

O Perú intervinha clandestinamente a favor do triumpho dos expedicionarios. Mais fortes do que o Governo eram estes, pois que protegidos por uma bandeira extrangeira dispunham de várias unidades navaes. A victoria de Urbina parecia assim indubitavel.

Era preciso agir sem demora e secretamente. Cedendo á fôrça das circunstancias, Garcia Moreno marchou resoluto para Guayaquil, como general em chefe do exercito, deixando o vice-presidente Carvajal em Quito. Este só depois da sua partida veio a conhecer a resolução do presidente pelos decretos, que elle redigiu em viagem e que lhe remetteu por um correio de confiança.

Dizem que, ao passar por Ambato, Garcia Moreno escapou de ser victima de uma conspiração tramada por quatro estudantes de Direito. Tamanha impressão lhes produziu a figura do luctador, habituado a affrontar com frieza os maiores perigos, que se sentiram paralysados e incapazes de disparar as suas armas.

Garcia Moreno, por decreto, declarou piratas os revoltosos que se encontravam a bordo do vapor mercante *Washington* e do navio de guerra *Guayas*, os quaes, por conseguinte, poderiam ser perseguidos e aprisionados, mesmo em aguas nacionaes, por qualquer navio de guerra extrangeiro, antecipando assim o castigo que deviam soffrer os criminosos e que, dado o seu character energico, não podia ser outro sinão o da pena capital.

Mobilizou o exercito, previu os casos de deserção, ameaçando-os egualmente com a pena de morte e, fatalista, marchou para a victoria, inteiramente só e desprovido de qualquer elemento que pudesse enfrentar as quatro unidades de combate que, em Jambeli, se achavam nas mãos dos revoltosos.

Tendo chegado a Guayaquil no dia 11 de Junho, occupou-se em organizar os differentes corpos do exercito. Procurou

entre estes os officiaes e soldados mais valentes, que o deviam accompanhar nessa campanha sangrenta.

A sua eloquencia guerreira excitava os soldados e dominava a arrogancia dos partidarios de Urbina e de Carbo.

"Marinheiros e soldados", dizia uma das suas proclamações, "a unica cousa que deplorareis é que tenhaes de combater inimigos indignos de vós, vis piratas e covardes assassinos, o que ha de mais abjecto e infame".

Tendo conquistado a estima do consul inglez Horman, conseguiu Garcia Moreno arrendar por vinte mil libras o vapor mercante *Talca* que, sob a bandeira britannica, acabava de entrar no porto, luctando ainda com o seu commandante, que se negava a entrega-lo, por falta de instrucções e, com o orgulho characteristico da sua raça, declarava que, para substituir a bandeira da sua nação, seria necessario passar por cima do seu cadaver.

Deante, porém, da decisão do chefe da expedição, que o ameaçou de fusilamento e de envolver o seu cadaver no proprio pavilhão inglez, cedeu á fôrça das circumstancias e retirou-se para terra, deixando o navio entregue aos marinheiros e soldados de Garcia Moreno, o qual logo assumiu o commando em chefe, a bordo de um pequeno vapor, o *Smyrk*, o mesmo que servira de esquife para o general Flores.

No dia 25 de Junho seguiram viagem, e dentro em pouco iria começar a acommettida mais audaciosa da vida do caudilho equatoriano. Pelejou heroicamente e venceu. Urbina teve que fugir, resignando-se á quéda dos seus ambiciosos planos.

Póde-se julgar o valor de Garcia Moreno pelo documento que deixou dessa memoravel batalha naval:

« Hontem, ás nove e meia da manhã, depois de cêrca de meia hora de combate, tomámos por abordagem o *Guayas* e o *Bernardino* em Jambeli... O *Washington*, posto que armado com quatro peças de artilharia, foi tomado em Geli, sem combate, pelo vapor *Smyrk*. Os ex-generaes Urbina e Robles salvaram-se em Geli, fugindo a toda pressa para Sancta Rosa, de que se tinham apoderado dous dias antes, batendo o coronel Lara... Caïram em nosso poder quarenta e cinco prisioneiros,

entre os quaes merecem especial menção o ex-coronel Vallejos, José Robles, José Marcos, que assaltou o *Guayas* no dia 31 de Maio, e outros... Vinte e septe foram passados pelas armas como piratas... Em Geli nos apoderámos das armas e munições de que dispunham, assim como dos papeis e da equipagem ao serviço de Urbina.

P.D. Trazemos como presas os vapores *Bernardino* e *Washington* e uma goleta de vela. O *Guayas* foi a pique, um quarto de hora depois de tomado, aberta a sua pôpa por um tiro de canhão á flor d'agua. »

As vinte e septe victimas, homens de reconhecido prestigio entre os liberaes e radicaes, foram sacrificadas a bordo, na travessia para Guayaquil, independente de qualquer processo.

Garcia Moreno poz em práctica a sua divisa "Liberdade para todos e para tudo, excepto para o mal e para os malfeitores" e, não exquecendo o assassinato do commandante do *Guayas*, foi surdo aos appellos de misericordia, mesmo quando esta foi implorada pelo sacerdote que os accompanhava.

Em uma das suas muitas proclamações, dirigida no dia 30 de Junho aos vencedores, dizia: "Falta sómente que os que se occultaram nos bosques e tenham voltado á sua existencia de salteadores, sejam exterminados pela Justiça, envoltos no seu proprio sangue. Hoje, mais do que nunca, o patibulo do malvado será a garantia do homem de bem". Garcia Moreno mostrava-se o inimigo implacavel, que sempre foi, das formalidades judiciaes. A sua singular comprehensão da justiça não comportava as limitações da lei.

Robles dispunha de um amigo dedicado em Guayaquil, o advogado de Buenos Ayres, alli domiciliado, dr. Santiago Viola, que o informou de todos os passos do caudilho para organizar a sua expedição. O primeiro acto de Garcia Moreno, ao regressar áquella cidade, ao mesmo tempo que annunciava o seu triumpho com estas palavras "Gloria a Deus que nos concedeu a victoria", foi mandar fuzila-lo, indifferente aos protestos do consul argentino.

A sua fôrça foi então quasi sobrenatural sôbre o seu paiz, afogado em tanto sangue, e ouviu-se um grito, mixto de admi-

ração e de terror proclamou Garcia Moreno — "O Pae do Povo"!

Elle era o unico chefe do exercito, o unico capaz de, por mar, defender a nação de uma aggressão extrangeira.

Terminava tambem o seu periodo presidencial, e preferiu não se aproveitar do seu immenso prestigio para se fazer proclamar dictador.

VI

Assassinato de Garcia Moreno

A presidencia da Republica fôra ter ás mãos de outro catholico, cujo programma de govêrno annunciou a continuação da politica de Garcia Moreno.

Carrion passava por ser habil, e para neutralizar as intrigas liberaes chamou para seu ministro do Interior, a conselho de Garcia Moreno, Manuel Bustamante, que tractou de captar a sympathia do presidente e de impedir que elle puzesse em práctica as suas idéas de govêrno.

A imprensa radical, ao mesmo tempo que applaudia os actos do presidente, invectivava os catholicos e a sua religião.

Mais do que nunca tornava-se necessario encontrar um meio para afastar Garcia Moreno do paiz, pois que elle representava um estôrvo ás novas revoluções, que já se iam esboçando.

O tractado de commercio e navegação entre o Equador e o Chile serviu de pretexto, e o heróe de Jambeli foi convidado para acceitar a delicada missão de negociador desse tractado.

Partiu elle com a sua credencial de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, e no dia 2 de Julho de 1867 chegava a Calláo, onde tomou o trem para Lima, com o fim de conferenciar com o presidente Prado.

A' sua saïda do Equador achavam-se os animos muito exaltados: os conservadores opinavam por que elle assumisse o posto de generalissimo do exercito; os radicaes reclamavam que fosse responsabilizado pelos seus actos tyrannicos durante a primeira presidencia; Montalvo, pelo *Cosmopolita,* aconselhava o destêrro; Riofrio pedia a sua cabeça, e as lojas maçonicas estavam vigilantes.

Logo ao chegar a Calláo, o consul do Equador no Perú, que o fôra esperar, preveniu-o de que se tramava contra a sua vida.

Um joven equatoriano, Juan J. Viteri, ocioso e conhecido pelas suas idéas extravagantes, fosse por estar ligado a alguma conspiração ao serviço dos inimigos de Garcia Moreno, fosse por pretender vingar a morte do seu ermão desapparecido na tragica matança de Jambeli, esperava nervosamente o diplomata na estação da capital peruana.

Garcia Moreno muniu-se em Calláo de quatro revolvers, guardando um e distribuindo os outros á comitiva que o acompanhava, composta de amigos pessoaes.

No momento de apear-se do trem enfrentou-o Viteri disposto a tirar-lhe a vida.

Duas detonações rapidas produziram-lhe ferimentos deves na testa e na mão esquerda; o terceiro tiro, que fôra dirigido contra o seu peito, não produziu o effeito desejado, porque Garcia Moreno, com um movimento energico, agarrou o braço do assassino e desviou a bala.

Entretanto, as pessôas da comitiva, em que figurava um secretario da legação equatoriana, disparavam as suas armas, e Viteri recebia um ferimento na cabeça.

Estabeleceu-se a confusão, sendo presos o assassino e os seus cumplices. Apesar de tractar-se de um caso de legitima defesa, Garcia Moreno viu-se envolvido em um processo, que, dadas as suas immunidades diplomaticas, não proseguiu, pois houve quem affirmasse que a primeira bala partira do seu revolver.

Conduzido a palacio por um ajudante de ordens do presidente ahi recebeu elle manifestações de pesar pelo occorrido e foi tractado com o maior carinho. Dispensaram-lhe tambem as honras devidas ao seu alto cargo.

A sua permanencia em Lima foi mais longa do que esperava, pois teve que curar-se dos ferimentos. A opposição aproveitou-se do facto, no Equador, para accusa-lo de ter procedido com imprudencia, compromettendo por essa fórma a dignidade nacional.

A missão de Garcia Moreno ligava-se ao bloqueio de Val-

paraizo pelo almirante hispanhol Pareja e ao bombardeio dessa cidade em Abril de 1866.

Garcia Moreno fôra o iniciador da alliança do seu paiz com as republicas do Pacifico, antes mesmo que a esquadra hispanhola viesse bloquear os portos chilenos.

A missão que ia desempenhar no Chile visava o restabelecimento da paz nessa Republica e foi coroada do maior exito, tendo firmado não só o tractado, principal objecto da sua viagem, como várias outras convenções entre os dous Estados. Da sua passagem pelo Chile deixou na alta sociedade, como nas associações scientificas, onde realizou algumas conferencias, uma impressão indelevel do seu alto grau de cultura e da sua larga visão de estadista. Depois de seis mezes de ausencia regressou Garcia Moreno ao Equador para intervir novamente na politica activa.

Passava-se isso em 1867, quando os liberaes haviam tomado conta da representação nacional e viviam em lucta aberta com o Governo. Os conservadores elegeram Garcia Moreno senador pela provincia do Pichincha, mas a maioria do Senado opinou pelo reconhecimento do dr. Manuel Angulo, seu concurrente e catholico como elle. Este caso provocou uma tal tempestade no Congresso, que o Poder Executivo pensou em dissolve-lo.

Os urbinistas exultavam e já pensavam em aproveitar-se da situação confusa para reinstallar o seu idolo no poder, quando Garcia Moreno, comprehendendo que a tolerancia e a fraqueza do presidente Carrion o impossibilitavam de resolver a situação, interveio, a pedido dos conservadores e de grande parte do proprio povo.

O commandante geral do Districto, general Julio Saens, depois de ter conferenciado com Garcia Moreno, foi a palacio e acconselhou o presidente a que apresentasse a sua renúncia.

Não havia hesitação possivel, pois o general representava a unica fôrça em que se apoiava o presidente para manter a sua auctoridade.

Carrion retirou-se immediatamente do palacio para a sua casa particular, de onde enviou a sua renúncia no dia 6 de Novembro de 1867.

O vice-presidente Arteta convocou uma juncta para indicar o novo candidato presidencial.

Garcia Moreno, como chefe politico, deu aos delegados a mais ampla liberdade para a indicação dos nomes. Tão absurda foi esta, que ao ouvir o nome de Antonio Flores, levantou-se o chefe, exclamando :

"Esse Antonio é peiar do que o pae" e accrescentou: "A eleição deve recaïr sôbre um liberal moderado e amante da paz e da tranquillidade pública, e o candidato que reune esses predicados é o sr. Xavier Espinosa".

Este passou a ser o candidato dos conservadores, e formou-se uma colligação para a sua candidatura, que triumphou no meio do enthusiasmo pópular. O seu govêrno devia durar os dezoito mezes que faltavam para o termo do periodo constitucional de Carrion.

Na noite de 15 de Agosto de 1868 deu-se uma calamidade pública, violento terremoto que reduziu a ruinas a provincia de Imbabura e a sua capital Ibarra, em cujas immediações vivia Garcia Moreno, numa fazenda de sua propriedade. Mais de cinco mil pessôas perderam a vida nessa catastrophe. Enormes foram os prejuizos de toda a região, uma das mais ricas do Equador: a indústria fabril ficou paralysada, sepultadas as suas fábricas de algodão e de pannos sob os escombros dos edificios.

Garcia Moreno, afastado da Politica, levava vida contemplativa, entregue aos enlevos do primeiro fructo do seu matrimonio com d. Mariana de Alcazar, com quem casára em segundas nupcias, quando foi nomeado governador da provincia de Imbabura, e o presidente Espinosa concedeu-lhe os mais amplos poderes para restaurar a provincia devastada.

O seu genio creador e organizador fez prodigios em curto espaço de tempo. Não se limitou a reconstruir o que existia, modernizou a capital, alargou as suas ruas, arborizou-as, construiu novas estradas de communicação, instituiu vantagens para attrahir e fixar a população, creando um verdadeiro plano de defesa contra futuros accidentes do mesmo genero, tão frequentes naquelle paiz.

A nação inteira applaudiu a nomeação feita por Espinosa, e os seus inimigos viram-se desarmados contra aquelle homem que começava a dotar o paiz com as reformas materiaes, que annunciavam a preoccupação das suas futuras administrações.

O presidente Espinosa procurava satisfazer as aspirações dos liberaes, que o cognominaram *O Justo*, e com esse proposito protegeu a candidatura do dr. Francisco Xavier Aguirre, apresentada como a mais popular de todas. O outro candidato era Pedro Carbo, radical, mas nenhum delles convinha aos conservadores, partidarios da candidatura de Garcia Moreno para o periodo presidencial, que ia começar em Agosto de 1869.

Por essa epocha, o heroe de Ibarra tornara ao retiro de sua fazenda de Guachála. A instancia, porém, dos seus amigos voltou para Quito.

Era tempo, e o golpe de Estado foi inevitavel.

A' sombra da candidatura Aguirre, parente de Urbina, annunciava-se o predominio da politica desse caudilho, que era sustentada tambem pelos seus alliados franquistas.

Garcia Moreno, que não era um simples ambicioso de poder, recusou a apresentação da sua candidatura, desta vez reforçada pelo prestigio da sua benefica administração na provincia de Imbabura. Allegava principalmente a insufficiencia da Constituição e declarava não estar mais disposto a caïr no êrro, que o fizera accëitar a presidencia em 1861.

Os seus amigos triumpharam da sua reluctancia, e em 18 de Dezembro de 1868 Garcia Moreno dirigiu um manifesto ao eleitorado em que fixava, nos seguintes termos, os ponctos primordiaes da sua nova administração:

«Respeito e protecção á Egreja Catholica; adhesão incondicional á Sancta Sé; educação baseada na fé e na moral; conclusão das estradas já iniciadas e abertura de novas vias, de accôrdo com as necessidades e recursos de que dispunha o paiz; garantias para o commercio a agricultura e a indústria; repressão energica da demagogia e da anarchia; manutenção das relações do Equador com os seus alliados, e tudo o mais que fosse necessario para fazer do seu paiz uma nação moral e livre, rica e civilizada"

O alarma foi geral no campo dos radicaes, que se prepararam para apear Espinhosa do poder, por não lhe perdoarem permittisse ao chefe de um partido, que classificavam de terrorista, fallar por similhante fórma.

Avisado do que occorria, Garcia Moreno adeantou-se á revolução e por um levante de quartel foi proclamado presidente interino da Republica, no dia 17 de Janeiro de 1869.

Espinhosa caïu abandonado por todos os seus palacianos, inclusive pelo seu ministro Camillo Ponce, que era o conselheiro da politica dubia que seguia. Estava morta a hydra, mas restavam as cabeças, que a cada momento se levantavam em Guayaquil, fóco de conspirações a favor de Urbina.

Garcia Moreno partiu resolutamente para ahi, ao tempo em que o corpo de artilharia, aquartelado nessa cidade, sublevava-se á voz do general José Veintimilla. Atravessou as ruas por entre as balas e auxiliado pelo general Darquéa suffocou a revolução. O general Veintimilla foi morto em combate, a cidade declarada em estado de sitio, e ao triumpho seguiram-se varios desterros.

Quando Garcia Moreno regressou á Capital, acclamado pela sua nova victoria; todas as provincias tinham adherido ao seu govêrno provisorio, que elle comprometteu-se a abandonar, assim que fosse eleita a Constituinte e votada a reforma constitucional.

* *

A Constituinte foi convocada para o dia 16 de Maio de 1869.

Na mensagem que dirigiu á Convenção Nacional declarou o presidente interino que um dos ponctos de vista, "em que se collocára para pedir a reforma constitucional, foi "o de harmonizar as instituições politicas com a crença religiosa seguida pelo paiz".

A sua influencia era absoluta, e ninguem se animou a discutir esse poncto basico da oitava Constituição, que teve o Equador e que foi chamada pelos seus adversarios *A Carta Negra*.

Cumprindo a sua palavra, Garcia Moreno renunciou o poder que passou ás mãos do seu cunhado Manuel Ascasubi, vice-

presidente da Republica. Este não dispensou a sua collaboração no govêrno e confiou-lhe a pasta da Fazenda, que acceitou, segundo uma declaração pública "para continuar a defender a religião e a patria".

O seu projecto de Constituição era catholico, e catholica passava a ser a Republica do Equador, desde que fosse elle votado. Foi o que aconteceu. Encabeçavam a Constituição as seguintes palavras, que proclamavam a independencia da Egreja:

«Em nome de Deus, uno e trino, auctor, conservador e legislador do Universo, a Convenção Nacional decretou a presente Constituição:

Art. 1°. A Religião Catholica, Apostolica, Romana é declarada religião do Estado, com exclusão de qualquer outra, e mantida na posse inalienavel dos direitos e prerogativas, das quaes a investiram as leis divinas, e prescripções canonicas, tendo os poderes publicos a obrigação de a amparar e fazer respeitar.»

O art. 3°, declaratorio dos casos de perda dos direitos politicos, dizia assim: "Todo o individuo pertencente a uma sociedade condemnada pela Egreja perde por isso mesmo todos os direitos de cidadão".

Imperava a lei do sitio, e a opposição não ousou siquer levantar a voz para protestar contra essa disposição, que considerava attentatoria da liberdade de consciencia.

O exercito estava todo elle do lado de Garcia Moreno, que, por um decreto da Convenção de 19 de Maio, fôra nomeado general em chefe, com soldo annual de cinco mil pesos.

Os demais artigos da Constituição eram muito similhantes, nas suas linhas geraes, ao projecto apresentado por Flores em 15 de Janeiro de 1843; o mandato presidencial passava a ser de seis annos, com a faculdade de reeleição para o periodo seguinte; o dos deputados, de seis annos, e o dos senadores de nove; o govêrno ficava armado de poderes amplos para reprimir os casos de insurreição.

O presidente da Convenção, que era Carvajal, reclamava a unidade religiosa, e os inimigos de Garcia Moreno, em con-

ciliabulos secretos declaravam-n'o louco, sanguinario e perigoso.

Ficou elle desde esse momento condemnado a ser victima.

No dia 29 de Julho, a Convenção reunida na egreja da Companhia de Jesus, procedeu á eleição, que foi precedida de uma missa solenne.

Garcia Moreno saïu victorioso por quasi unanimidade, pois teve contra si apenas um voto. Ia começar a Republica do Sagrado Coração com a bandeira de Jesus Christo desfraldada. O amor a essa bandeira foi manifestado por quatorze mil votos populares, que confirmaram a Constituição contra apenas uma minoria de quinhentos.

As palavras *Religião e Patria*, soaram em todas as boccas, e o systema de govêrno implantado pelo estadista catholico parecia aos olhos de todos um symbolo perfeito de felicidade social.

Nesse sentido expressou-se o Congresso, que representava a opinião do povo, e as suas palavras foram para os catholicos como que uma luz deslumbrante que descia do Céo para illuminar aquella terra e destaca-la da apostasia universal.

Si os impios o atacavam, respondia-lhes com o pensamento de Henrique IV: "Este paiz é incontestavelmente o reino de Deus, a quem elle pertence e que outra cousa não fez sinão confia-lo á minha solicitude.

Devo portanto fazer tudo o que for possivel para que Deus reine em seu proprio reino, para que as minhas ordens sejam subordinadas ás delle; para que as minhas leis façam respeitar as delle".

Repetia-se assim, em uma republica americana, a politica religiosa de Constantino, de Theodosio o Grande e de Carlos Magno, assegurando o triumpho do Catholicismo, já não sôbre o paganismo, mas sôbre o atheismo do seculo XIX.

* * *

Garcia Moreno reluctou em acceitar a eleição: mal teve conhecimento della, enviou a sua renúncia ao presidente da Convenção. Julgava a sua palavra compromettida pelo juramento que fizera de não acceitar mais o mandato.

Foi preciso que o Congresso appellasse energicamente para os seus sentimentos patrioticos. Só assim se decidiu. A 30 de Julho prestou o juramento solenne na Cathedral de Quito, cedendo á vontade do povo, que elle interpretou como um designio de Deus.

A opposição tentou um último exfôrço para impedir que o homem, que accusava de estar cercado de jesuitas e de frades, governasse a terra em que Bolivar jurára, no Aventino, implantar o regime da liberdade.

Acabava de tomar conta do govêrno, quando a terceira conspiração contra a sua vida annunciou que esta teria um fim tragico. Os conjurados, que tinham por chefe Pimentel, não conseguiram porém os seus fins. Era este um official valente, que concebera o plano de assassinar o presidente catholico na praça pública e salvar a Patria, mesmo por um meio violento.

A conspiração extendera-se a algumas provincias, e entre estas a Cuenca, que era o fóco do clericalismo. Falsos avisos communicados de Quito anteciparam a revolução, que devia começar na Capital.

Depois de terem prendido o governador Ordoñez, ermão do digno prelado que depois foi arcebispo de Quito, e de o terem levado para uma das praças de Cuenca, onde haviam decidido o seu fusilamento, receberam aviso de que a conspiração estava descoberta e de que Manuel Cornejo Cevallos, amigo e protegido de Garcia Moreno, um dos revolucionarios do 1° de Maio, achava-se preso no quartel da Mercê, entregue ao commandante Salazar, ermão do ministro da Guerra.

Conhecido, como era, o temperamento de Garcia Moreno, esta noticia espalhou o pavor por entre os conjurados, que tiveram a noção exacta dos riscos que corriam as suas cabeças. Apressaram-se a restituir a liberdade ao governador e internaram-se pelas montanhas, inclusive o proprio Pimentel. Cornejo conseguiu fugir para a Europa, onde permaneceu até 6 de Agosto de 1875, e salvou a vida pela traição, pois que perante o presidente denunciou os planos dos conjurados. Muitos delles foram presos e condemnados á morte, outros a trabalhos forçados, e Garcia Moreno conseguiu res-

tabelecer a ordem com a auctorização constitucional, que lhe permittia declarar o estado de sitio para toda a Republica.

Desanimados os chefes revolucionarios, qualquer que fosse a facção a que pertencessem e cujos interesses os obrigavam a perturbar a ordem interna, resolveram procurar as fronteiras e emigrar para o Perú e para a Colombia.

O presidente, aproveitando-se da paz de que gosava o paiz de Norte a Sul, nesse periodo, o mais calmo depois da Independencia, dedicou-se seriamente á administração pública, e foi essa a phase mais notavel, por que passou o Equador até os nossos dias.

São conhecidos, e até elogiados pelos seus proprios inimigos, os trabalhos que emprehendeu e que transformaram muitas das cidades equatorianas, de aspecto colonial, em cidades confortaveis e modernas. Realizou verdadeiros prodigios, dado o estado de pauperismo em que se encontrava o thesouro, e sem recorrer a impostos, antes supprimindo-os.

Concebeu o plano de secularizar os conventos e de applicar as rendas destes na construcção de estradas que favorecessem as communicações entre a Capital, as provincias interiores e a costa.

Contractou nos Estados Unidos dragas para fazerem a limpeza dos rios da sua provincia natal, tractou de alarga-los e de dar-lhes maior profundidade para facilitar a navegação e o commercio interior.

O progresso economico foi positivo: augmentou o commercio, triplicou a receita e diminuiu a divida pública, que chegou quasi a desapparecer. Em todos os orçamentos realizou economias importantes, supprimindo os cargos inuteis e as applicações arbitrarias dos creditos.

Reduziu o exercito regular, substituindo-o pela guarda nacional.

Fundou a Eschola Militar, nomeando um corpo docente da maior competencia, capaz de formar verdadeiros officiaes com que pudesse contar para a defesa da ordem. As promoções faziam-se exclusivamente por merecimento, e o presidente mostrou-se insensivel a toda e qualquer protecção politica. Os armamentos antiquados foram substituidos pelo que então havia de mais moderno, e varios officiaes, de reconhecida

competencia, foram commissionados para a Europa, com o fim de se aperfeiçoarem na tactica militar.

Como o seu objecto era a regeneração moral do paiz, o seu cuidado foi extremo na nomeação dos capellães, nos officios religiosos, nos retiros annuaes e em todas as prácticas espirituaes.

Qualquer acto revelador dos sentimentos de probidade e honra dos membros das classes armadas assegurava-lhes a promoção, e o presidente era exacto nesse compromisso, tambem de honra.

Reformou a instrucção pública, em todos os seus graus; creou a Faculdade de Sciencias e a Escola Polytechnica, esta de grande alcance para o progresso material de um paiz novo. Os gabinetes com que dotou este estabelecimento, de Physica e Chimica, de Botanica, Zoologia e Mineralogia, puderam rivalizar pelo aperfeiçoamento dos apparelhos e pela riqueza das collecções, com os melhores do velho continente, suscitando a admiração de quantos extrangeiros visitaram o Equador.

Não exqueceu tambem as artes e dotou a Capital de uma Academia, cujos professores contractou na Italia, e de um Conservatorio de Musica. Desde a sua permanencia em Paris, se dedicára apaixonadamente ao estudo da Musica sacra.

Aproveitando a situação excepcional do seu paiz, na linha equatorial, e cuja altitude se eleva a cêrca de quatro mil metros, creou um dos melhores Observatorios Astronomicos do mundo inteiro, que, entretanto, não chegou a funccionar, dada a morte de seu instituidor.

Nem só de obras públicas, de tudo se occupou o reformador: systema penitenciario, hospitaes, estradas de ferro, que iniciou, questões de limites, organização da magistratura, obras de caridade, civilização dos indios, revisão dos codigos, tudo o que dizia respeito, enfim, ao engrandecimento da sua patria.

Tão severo se mostrou para com os prevaricadores incorrigiveis, quanto caridoso para com os criminosos susceptiveis de rehabilitação. Perseguia o mal e propagava a Fé.

A sua principal preoccupação foi, porém, a instrucção pública, como o melhor meio empregado para obter a moralização do povo. Bastarão as seguintes cifras para mostrar

que ao cabo de seus quinze annos de govêrno elle conseguiu o seu almejado fim: durante a última administração de Garcia Moreno contava o Equador 93 escolas públicas, frequentadas por 32.000 crianças de ambos os sexos. Um milhão e quatrocentos mil pesos foram dispendidos para alcançar esse resultado, e esta somma, que parecerá insignificante, representava algarismos consideraveis, comparada com os escassos recursos de que dispunha o paiz.

Em 1859 encontrava-se este em completo atrazo, preoccupados os governos exclusivamente com as luctas da politicagem; em 1875 são os seus proprios inimigos que confessam que o estado da Republica era florescente.

Tal foi a influencia de Garcia Moreno, tal a sua actividade incessante, que não teve imitadores nos seus successores immediatos.

* * *

Em 1875 Garcia Moreno foi reeleito pela terceira vez. Já então o Equador era a Republica do Sagrado Coração de Jesus, e o seu presidente o unico chefe de Estado que levantou a sua voz, em 1870, para protestar, em uma nota energica, dirigida ao representante do rei Victor Manuel, contra a quéda do Estado Pontificio, classificada por elle de "odioso e sacrilego attentado".

Seis annos de paz interna e externa, durante os quaes os seus inimigos viveram na sombra, pareciam annunciar aos seus amigos e parentes uma tempestade, que de um momento para outro viria a desencadear-se sôbre o seu novo govêrno.

Acconselhavam-n'o, e principalmente um dos seus ermãos, a que não acceitasse a eleição, tanto mais quanto o seu concurrente era um inimigo, si bem que catholico liberal, o dr. Antonio Borrero. Alguns conservadores achavam que o seu catholicismo era exaggerado.

Desde muito que a sua morte fôra prematuramente annunciada em jornaes de varios ponctos do mundo.

A este respeito o padre Desiderio Deschand publicou em 1912 as seguintes revelações, muitas das quaes já eram conhecidas pela obra do padre Berthe:

> Quando Cornejo ainda planejava o seu crime, em 1869, um joven sabio allemão, contractado para lente

de uma das cadeiras da Universidade de Quito, tendo ido despedir-se de um dos seus professores, mathemathico distincto, foi por este dissuadido de emprehender tão longa viagem, *tanto mais*, accrescentou o professor, *quanto já não encontraria Garcia Moreno no poder*.

O moço não prestou attenção a estas palavras; mas, chegando a Guayaquil, ouvindo fallar do recente attentado de Cornejo, comprehendeu as palavras do seu professor. Em 1873, urdiu-se uma nova conspiração para matar Garcia Moreno, no momento em que deixasse Quito para ir á sua fazenda de Guachala; mas foi tambem frustrada, porque o presidente, retido na capital pela prorogação da sessão do Congresso, não pôde realizár a viagem projectada. Entretanto, os jornaes de Lima e Bogotá noticiaram a morte violenta do presidente do Equador. Deu-se o mesmo várias vezes até o anno de 1875.

Então, tornaram-se tão frequentes as ameaças dos revolucionarios e maçons, que os amigos de Garcia Moreno intervieram juncto delle para que andasse sempre accompanhado. Não conseguiram, porém, atemoriza-lo. A um religioso, que o viera avisar do perigo proximo, em nome de outra pessôa, respondeu:

"Sou-vos grato pelo vosso caridoso aviso, embora não me tenha revelado nada de novo. Sei perfeitamente que alguns homens desejam a minha morte. **Dizei á pessôa, que vos deu taes informações, que temo a Deus e a Deus só.** Perdôo de bom grado aos meus inimigos. Si os conhecesse e tivesse occasião, fallar-lhes-ia bem".

Em 1873 escrevia a um amigo:

"Avisam-me da Allemanha, que as lojas maçonicas daquelle paiz deram ordem ás da America de tudo fazer para derribar o govêrno do Equador; mas, si Deus está comnosco, que podemos receiar?"

Penetrado e animado por esta grande confiança em Deus, Garcia Moreno continuou as suas grandes empresas em bem da patria. Esperava, si Deus lhe dei-

xasse tempo, poder consolidar a obra da salvação do Equador. Mas a seita não lhe deixou nem o tempo siquer de começar a sua terceira presidencia pela prestação do juramento legal, a realizar-se no dia 30 de Agosto. A policia e o povo notaram que alguns exaltados, entre os quaes Polanco, Moncayo, Andrade, Cornejo e Rayo, todos moços cuja honradez desde muito desapparecera nas desordens e crimes, reuniam-se frequentemente na residencia do ministro do Perú.

Proferiam alli discursos enthusiasmados em honra da liberdade, acabando por incitações claras ao assassinato daquelle, a quem sómente chamavam de tyranno e traidor.

Garcia Moreno foi de novo avisado por numerosas pessôas de que era mistér cercar-se de uma escolta. "Mas quem me defenderá contra a propria escolta", respondia elle, "porquanto a escolta tambem poderá ser corrompida ? Eu prefiro entregar-me á graça de Deus.

Garcia Moreno era um idealista, tinha um plano de govêrno que o impedia de recuar na obra a que se consagrára, e para consolida-la necessitava, segundo o seu proprio cálculo, de vinte e cinco annos de govêrno.

Dispunha para isso de uma vontade forte, imperiosa e invencivel, como exactamente lhe reconheceu Montalvo, o maior dos indignados contra o seu systema politico, cujos escriptos jámais conseguiram amedronta-lo.

Desde 1860 que todos os actos de Garcia Moreno foram severamente julgados pelo insigne pamphletista equatoriano.

Na carta com que iniciou Montalvo a sua campanha, escripta por essa epocha, no momento em que o grande heróe acabava de defender a honra nacional, combatendo os alliados de Castilla, annunciava-lhe que, si não procurasse adquirir as virtudes politicas, que não possuia, cairia, como cae sempre a fôrça que não consiste na popularidade. Dizem que Garcia Moreno, ao concluir a leitura dessa carta impertimente, sorriu e exclamou com desdem: "Este joven tem provavelmente alta idéa da minha mansidão".

Apesar disso, jámais vingou-se de tão cruel inimigo, a não ser por meio de desterros, que não representavam penas

extremamente severas para quem assim não ficava privado da vida cosmopolita das grandes capitaes européas, a que se habituara.

Não houve enthusiasmo na eleição para a terceira presidencia: os votos, que se esperava recaïssem em Garcia Moreno, ficaram diminuidos pela abstenção dos partidarios de Borrero. Os liberaes chegaram a introduzir nas urnas insultos, em vez de nomes. Na apuração dos votos, encontraram-se expressões como estas: Abaixo o profugo de Tulcan! Abaixo o assalariado do papa!

Garcia Moreno, indifferente a tudo isso, só pensava nos problemas de interesse vital para o seu paiz e em levar por deante o seu programma politico, afim de conseguir a preponderancia em que desejava ver a sua patria collocada entre as demais nações.

Mostrava ostensivamente desprèzo pela vida, de onde se conclue que a maior das calumnias contra elle foi aquella que lhe attribuiu uma attitude covarde no momento em que recebeu o primeiro ferimento.

A sua phrase, tantas vezes repetida, "os meus inimigos estão no dever de matar-me, sinão os exterminarei", era um desafio aos conjurados contra a sua vida.

Desde joven que tivera o presentimento do fim tragico que o esperava.

Uma das suas primeiras composições poeticas, publicadas em 1853, pinta a triste scena que o impediu de exercer a terceira presidencia:

> «Conheço, sim, o meu porvir e quantos
> Espinhos crueis ferirão a minha fronte;
> E o calice da amargura até exgotta-lo
> Ao labio levarei sem abater-me.
> Chumbo aleivoso romperá, silvando,
> Meu coração talvez...»

Em uma carta que escreveu a Pio IX, pouco antes do seu assassinato, encontra-se o seguinte paragrapho, que revela o seu estado de exaltação religiosa:

> «Que felicidade é para mim, Sanctissimo Padre, ser detestado e calumniado pelo amor do Nosso Divino Redemptor! E quão grande seria a minha felicidade, si

a Vossa benção me alcançasse a graça de derramar o meu sangue por Aquelle, que, sendo Deus, quiz derramar o seu, pelos homens, na Cruz!»

Approximava-se o momento decisivo. Era o dia 6 de Agosto de 1875.

Os conjurados, desde dias antes, andavam á procura do homem, cuja simples presença era bastante para obriga-los a adiar o horroroso crime, em que predominou o sentimento da ingratidão.

Alto e vigoroso, apesar dos 53 annos que contava, duplicados pelas fadigas de uma vida consagrada á destruição da anarchia, dirigia-se Garcia Moreno naquella manhã para o palacio do Governo, levando o texto manuscripto da Mensagem, com que devia iniciar no dia 31 de Agosto daquelle mesmo anno o seu novo periodo governativo.

Esse documento, que mais tarde foi offerecido a Leão XIII, continha phrases como esta, escriptas á maneira de um testamento politico:

«Se commetti faltas, peço-vos mil vezes perdão; peço tambem muito sinceramente perdão a todos os meus compatriotas: creiam que minha vontade nunca deixou de procurar o seu bem. Si, pelo contrário, julgaes que fiz algum bem, attribui o merito, primeiro a Deus e á Immaculada dispensadora dos thesouros da sua misericordia, depois a vós mesmos, ao povo, ao exercito e a todos aquelles que, nos differentes ramos do govêrno, me ajudaram com tanta intelligencia e felicidade no cumprimento das minhas difficeis obrigações.»

Entre os conjurados figuravam amigos e protegidos seus, a começar pelo assassino. Faustino Rayo, de nacionalidade colombina, era de condição inferior. Afamado pela sua valentia, conseguira que Garcia Moreno fizesse delle, simples operario, empregado na confecção de arreios, um militar. Nessa carreira chegou até o posto de major, merecendo uma commissão de confiança, quando Garcia Moreno o nomeou governador da provincia do Oriente.

Ahi practicou actos que comprometteram a sua honestidade, obrigando o presidente a enviar-lhe a demissão.

A pena, applicada por juiz tão severo, em crime para cuja represssão mostrou sempre resolução inabalavel, fôra por demais benevola, mas Garcia Moreno sympathizava com esse homem pelo valor e serenidade com que encarava as situações perigosas.

Garcia Moreno fôra avisado de que os seus dias estavam contados, e, sem deixar de acreditar nessa explosão de odio, fosse de quem fosse, limitava-se a responder: "a unica cousa que tenho a fazer é estar prompto para comparecer perante o Tribunal de Deus".

Affirmam mesmo que passou grande parte da noite de 5 de Agosto em preces, preparando a sua alma para entrega-la ao Creador.

Si a manhã de 6 de Agosto foi alegre e luminosa, o aspecto da Praça Maior, com os seus grandes edificios, o palacio do Governo, a Cathedral, o Arcebispado, os ministerios e a Municipalidade, foi lugubre; sentia-se a presença dos assassinos escalonados nas arcadas do palacio e em outros ponctos, á espera da passagem da victima.

Ao meio-dia surgiu Garcia Moreno, vindo da sua casa particular á rua da Companhia, até á porta da Cathedral, onde entrou, ajoelhou-se e resou as suas orações, como fazia habitualmente, demorando-se ahi bastante tempo, em adoração ao Sanctissimo Sacramento, que estava exposto, por ser o dia consagrado á Transfiguração de Christo.

Além de Rayo, os conjurados eram Manuel Palanco, Roberto Andrade, Abelardo Moncayo, Manuel Cornejo Astorga e Gregorio Campusano, todos mais ou menos amigos de Garcia Moreno, com excepção de Roberto Andrade, estudante de Direito, que não occultava o seu odio aos Jesuitas. Cornejo Astorga era dos intimos de Garcia Moreno, seu admirador, pertencente a uma familia, com a qual o presidente mantinha relações amistosas desde os bancos da Academia.

Cada um delles, seguindo o exemplo da sua propria victima, julgava-se predestinado para salvar a patria. Os elementos componentes desta conspiração davam-lhe uma feição singular, pois que o presidente com elles convivera até

a véspera do attentado no melhor entendimento; muitos delles, todos jovens, haviam sido educados pelos Jesuitas e gosavam da consideração dos seus professores.

Dahi a instantes saïa Garcia Moreno e, com passo tranquillo, subia os degráos que dão accesso á galeria em direcção á porta do palacio.

Rayo adeantou-se e sorridente cumprimentou o presidente, simulando a attitude de quem ia fazer algum pedido. Acto contínuo sacou de debaixo da manta, que vestia, um sabre, com o qual, num relampago, deu profundo golpe na cabeça do presidente.

Dizem que para chegar a esse resultado os conjurados, homens cultos, haviam-se inspirado na leitura das obras de Plutarcho. Não seria, porventura, a nobre victima digna de figurar na galeria dos heróes do grande moralista grego?

"Vil assassino!" exclamou Garcia Moreno, e fez um gesto para sacar o seu revolver, mas dous outros golpes certeiros sôbre o seu braço direito inutilizaram-lhe o movimento de defesa.

Ferido de morte, Garcia Moreno caminhou vacillante, agarrando-se á balaustrada do peristylo do palacio, de onde o seu corpo se precipitou na praça pública, de uma altura de quatro metros.

Os conjurados, numa furia extranha de exterminar aquelle corpo agonizante, desfecharam as suas armas, até que ao receber o ultimo golpe de Rayo, que descera as escadas da galeria, exclamando: "Bandido, queres ainda viver?", contestou-lhe o heroico presidente, com o seu olhar de crente dirigido para o Céo: "Deus não morre!"

Este attentado aterrou os proprios conjurados, que fugiram precipitadamente aos gritos de "Revolução!" em várias direcções.

Entretanto, acudia Palhares, ajudante de ordens do presidente, e corria para dar aviso do occorrido ao quartel mais proximo, que ficava a uma quadra de distancia do theatro do crime.

Rayo deitou a correr pelo jardim da Praça Maior, mas, apesar da sua agilidade, foi alcançado pela fôrça que já então accompanhava o ajudante Palhares e, preso, ia sendo

conduzido para o quartel, quando ao dobrar a esquina da rua da Companhia encontrou o cabo Lopes que, gritando "Alto, que vou matar este bandido", desfechou-lhe um tiro mortal.

Garcia Moreno recebera quinze ferimentos, dos quaes septe mortaes, produzidos por instrumento cortante.

Os sacerdotes da Cathedral transportaram o seu corpo inanimado e o depuzeram aos pés de Nossa Senhora das Dôres.

Nesse lapso de tempo decorrido entre a morte do grande presidente e a trasladação do seu corpo para a Cathedral, Roberto Andrade e Abelardo Moncayo, saïndo de uma casa da praça de S. Braz, onde se haviam occultado, montavam a cavallo e galopavam para Cayambe, onde salvos transpuzeram a fronteira colombiana.

* * *

Teria sido o attentado obra de varios elementos politicos ou consummou-se devido apenas á coragem e ao impulso de meia duzia de jovens tresloucados ?

Do processo instaurado e do qual resultaram várias condemnações, umas á morte, outras á prisão perpetua, apenas se apurou vagamente a responsabilidade do general Salazar e do commandante Sanchez.

O primeiro destes, que dirigia a pasta da Guerra, dispunha de grande influencia juncto ao ministro do Interior Xavier Leon, que assumira a chefia do govêrno por não existirem ás funcções de vice-presidente da Republica.

Dizem que Polanco possuia uma caixa, que desappareceu da prisão, contendo documentos compromettedores contra algumas personalidades politicas. Salazar acabou por ser deposto pelo povo e teve que refugiar-se na Legação da Colombia, para conservar a vida; Sanchez conseguiu evadir-se do Panoptico, onde se achava cumprindo sentença a que fôra condemnado por um conselho de guerra. Campuzano e Polanco pagaram com a morte a sua ousadia.

Para os livres pensadores, Garcia Moreno não passou de um tyranno, de um inimigo do progresso e da humanidade, como Francia no Paraguai, Nuñes na Colombia ou Linares na Bolivia; para todos os catholicos entrou venerado para a

Historia pela porta do martyrio, e para o Vaticano tornou-se um candidato provavel á canonização.

Teria elle contrariado o pensamento nacional ?

A nação inteira respondeu negativamente, chorando a sua morte. Possuido da mesma fé esteve o seu successor, o dr. Antonio Borrero, e annos mais tarde, um presidente ultra-liberal, o general Eloy Alfaro, foi victima de um attentado ainda mais cruel, pois que até o seu cadaver não escapou á profanação. Antes desses, os presidentes Camaño e Antonio Flores foram dignos continuadores da politica christã de Garcia Moreno, o que prova que o seu assassinato não foi precursor de uma evolução politica.

Poderiamos citar innumeros factos da vida do grande presidente que mostram o seu desinteresse, a sua humildade, as suas virtudes; preferimos acceitar o juizo dos que affirmam que elle errou.

Os seus erros, porém, foram os defeitos das suas bôas qualidades.

Além de que, é preciso não exquecer o pensamento de Chateaubriand ao escrever o monumento da religião, que o martyr equatoriano tanto defendeu: "O Christianismo é perfeito; os homens são imperfeitos".

———0———

UM ERRO NA HISTORIA DO BRASIL

POR

ELPIDIO DE FIGUEIREDO

A breve memoria intitulada "Um êrro na Historia do Brasil" que hoje inserimos neste volume da nossa *Revista*, é da lavra do sr. Elpidio Figueiredo, que assim demonstra quanto lhe merecem os incidentes da Historia patria.

Havia em obras de historiadores nossos uma apreciação inexacta sôbre a missão que trouxe ao Brasil em 1647 o general Francisco Barreto de Meneses. A presente memoria do nosso distincto patricio deixa bem claro, que aquelle cabo de guerra, si de facto veio a prestar insigne serviço aos *independentes pernambucanos* na campanha contra o invasor hollandez, não o fez por delegação directa do Governo da metropole. Portugal já nessa epocha dava de mão ao dominio em Pernambuco, — grave êrro, que os patriotas souberam com ardoroso enthusiasmo corrigir.

Oxalá se dedique o talento do sr. Elpidio Figueiredo a proseguir neste empenho de restabelecer a verdade em ponctos, que a critica historica ainda não apurou devidamente.

(Da Direcção.)

UM ERRO NA HISTORIA DO BRASIL

Já é tempo de ser revista officialmente a Historia do Brasil, afim de fazerem-se, de accôrdo com os documentos só ultimamente conhecidos, as emendas e correcções, a que estão sujeitos os erros e enganos em que caïram os nossos historiographos.

A Historia deve conter o commentario exacto, perfeito e criterioso dos factós que se succedem, porque é ella que guarda e revela as glorias, dôres, riquezas e miserias das nações e do povo de cada uma dellas.

Na Historia do Brasil, que, no presente momento, se ensina nas escholas e se divulga em livros impressos, encontram-se erros e inexactidões, que precisam ser desarraigados ou corrigidos.

Os historiographos brasileiros, a começar de Abreu e Lima (1) e Varnhagen (2), affirmam, sem a apresentação de um documento qualquer, que d. João IV, em Fevereiro de 1647, mandou ao Brasil o general Francisco Barreto de Meneses para commandar o exercito em Pernambuco.

Essa affirmação, que continuou a ser feita por todos os escriptores, que no Brasil se dedicaram ao estudo das luctas com os Hollandezes, é despida de qualquer prova e contém um engano de apreciação ou um êrro, que precisa ser corrigido.

Na descripção de acontecimentos, em Historia, devem prevalecer as relações de coexistencia e de successão, para que elles possam ser julgados com criterio e serenidade.

---

(1) *Synopsis*, pag. 111.
(2) *Historia das Luctas* pag. 328.

A esta exigencia não obedeceram os nossos historiographos, quando se referiram ás attribuições conferidas ao general Barreto de Meneses, ao partir de Lisboa para o Brasil. Sem attenderem aos factos anteriores, coexistentes e posteriores á nomeação do referido general, e desprezando as relações que os ligam, asseveraram a existencia de uma acção por parte de d. João IV, a qual jámais pretendeu practicar.

Em opposição ao que elles affirmam existem:

a) o proprio decreto de nomeação do alludido general:

b) a declaração por elle feita em documento official;

c) os actos antecedentes, coetaneos e subsequentes á sua vinda ao Brasil.

O DECRETO DE NOMEAÇÃO

A lucta contra os Hollandezes em Pernambuco teve comêço a 13 de Junho de 1645.

O general Sigismundo van Schkoppe chegou ao Recife, em 1 de Agosto de 1646, com 2.000 soldados, em soccorro aos Hollandezes (3). Em Outubro do mesmo anno elle mandou uma expedição para saquear as margens do rio S. Francisco. E, como os moradores dalli tivessem se retirado em direcção á margem opposta, onde se achava o mestre de campo Francisco Rebello em defesa do termo da Bahia, para ahi dirigiram-se as fôrças hollandezas, mas foram repellidas, sendo obrigada a expedição a voltar para o Recife.

Sigismundo não se conformou com o resultado do seu emprehendimento e tractou de aprestar a sua esquadra. Divulgou-se logo a noticia de que elle ia vingar a affronta recebida (4).

A resolução de Sigismundo, por ter sido propalada, chegou ao conhecimento do governador geral Telles da Silva, na Bahia, e, por conseguinte, ao Governo de Portugal.

---

(3) Alguns escriptores fixam o dia 20 de Julho e outros o de 1 de Agosto de 1646, quando se referem á chegada do general Schkoppe. Tambem ha divergencia quanto ao número de soldados, parecendo certo o de 2.000.

(4) Abreu e Lima — *Synopsis*, pag. 108.

D. João IV, que havia abandonado Pernambuco, por já estar entregue ao dominio hollandez, em consequencia do artigo 21 do Tractado de Haya de 12 de Junho de 1641, procurou defender a Bahia.

O Governo portuguez sempre e tenazmente se recusou a auxiliar os revoltosos de Pernambuco, chegando ao poncto de ordenar que "deixassem a Capitania livremente entregue aos Hollandezes"; mas não desejava que o dominio hollandez se extendesse á Bahia, e por isso tractou de dar-lhe as precisas garantias.

A noticia do preparo da esquadra hollandeza, para a desaffronta ao que fizeram as fôrças da Bahia, divulgou-se no fim do anno de 1645 (5). Era de esperar que d. João IV tomasse logo medidas, oppondo resistencia ao plano de Sigismundo. Foi para isso, para defender a Bahia de um ataque por parte do general hollandez, que d. João IV mandou ao Brasil, em Fevereiro de 1647, o general Francisco Barreto de Meneses, que, na phrase de Varnhagen, era um grande cabo de guerra, sobretudo quanto a dotes de circunspecção, reserva e prudencia, e trazia, além da sua experiencia militar das campanhas do Brasil, onde tanto se distinguira, um nome glorioso pelos seus feitos na guerra de independencia de Portugal.

Por decreto de 12 de Fevereiro de 1647, Francisco Barreto de Meneses foi nomeado *mestre de campo general do Estado do Brasil* (6), com séde na Bahia.

O general Barreto de Meneses partiu de Lisboa com 300 homens; mas, proximo á Bahia, o navio que o conduzia foi

---

(5) Confirmando o que havia sido propalado, o general Schkoppe, em Fevereiro de 1647, seguiu com toda a sua armada em direcção á Bahia e tomou a ilha de Itaparica, onde levantou um forte e quatro reductos em distancias proporcionadas. (Fernandes Gama — *Memorias Historicas*, tomo III, pag. 149.)

(6) Decreto no Livro 17° da Chancellaria de d. João IV e fls. 347. Archivo da Torre do Tombo.

apprehendido pélos Hollandezes e elle ficou prisioneiro, sendo levado para o Recife (7).

Esteve ahi detido durante nove mezes, mas pôde evadir-se da prisão, indo refugiar-se entre os revoltosos (8).

Diz Varnhagen que a esquadra em que vinha Barreto era composta de septe navios, dos quaes um foi mettido a pique, o outro se escapou para a Bahia, e cinco caïram em poder do inimigo, com muitas munições de bocca e de guerra e vinhos, sendo levados para o Recife 250 prisioneiros, entre os quaes tres frades franciscanos, varios officiaes de justiça e de fazenda e o general Barreto.

---

(7) Lê-se o seguinte na " notula " de 12 de Maio de 1647, Archivo de Haya: " Chegou o capitão Slickman, trazendo uma présa capturada perto da Bahia, sendo a capitanea da esquadra vinda de Portugal, chamada *S. Francisco*. Foram aprisionados nella o mestre de campo Francisco Barreto de Meneses e alguns outros individuos de posição. Refere o capitão ter empenhado com ella violento combate, tendo o inimigo soffrido a perda de 25 mortos e muitos feridos. Slickman teve cinco mortos e 15 feridos. Deu-se ordem para desembarcar os prisioneiros e guarda-los em logar seguro ". (Dr. Pedro Souto Maior — "Fastos Pernambucanos» — *Rev. do Inst. Hist.*, t. 75, v. 1º, pag. 379.)

(8) Depois de ser interrogado, Barreto de Meneses ficou preso no forte do Brum. Durante sua prisão no Recife fez algumas reclamações. A primeira em 18 de Maio de 1647, foi pedindo que lhe concedessem, para o seu serviço, tres prisioneiros portuguezes, que eram seus criados. Solicitara ao mesmo tempo que o removessem daquelle forte, queixando-se de estar privado da vista dos elementos. Tambem mostrou desejos de escrever para a Bahia, sendo-lhe concedido um joven portuguez para o seu serviço, e permittiram que escrevesse para a Bahia, sendo as cartas inspeccionadas pelo Conselho. Em 14 de Agosto de 1647 foi removido para o forte Ernestus. O Conselho deu ordens severas ao major Beier sôbre a guarda do preso. No dia 8 de Novembro achava-se elle preso com o seu tenente Philippe Bandeira de Mello, Rodrigo de Barros e outros no antigo convento dos Capuchos. Como nessa noite os Pernambucanos dessem um assalto ao convento, transformado então em fortaleza, o Conselho entregou Meneses e seu tenente provisoriamente á guarda do se-

Por ser um general de nome respeitado e com um passado glorioso, os revoltosos viram nelle um espirito capaz de encaminha-los e dirigi-los.

Do exposto verifica-se que o general Barreto de Meneses não foi mandado para o Brasil, afim de commandar o exercito em Pernambuco. A sua incumbencia, conforme o decreto da nomeação, era defender a Bahia, por ter de fixar-se alli na qualidade de mestre de campo general do Estado do Brasil.

Por haver o alludido general se retirado para o Brasil, por ordem de d. João IV, e como tivesse ficado em Pernambuco, concluiram os nossos historiographos, sem attenderem aos termos do decreto da nomeação do mesmo general, que a permanencia delle entre os revoltosos era effeito de determinação do rei.

Ha nessa conclusão um êrro, que, em Logica, é denominado — de ignorancia de causa (*post hoc, ergo propter hoc*), porquanto, pelo decreto de sua nomeação e pelos acontecimentos desenrolados na epocha de sua vinda, se vê que, devido a circunstancias accidentaes e independentes da vontade de d. João IV, teve o general Barreto de ficar em Pernambuco entre os revoltosos.

A DECLARAÇÃO DO GENERAL BARRETO

Juncto ás fôrças pernambucanas, imprimiu-lhes o general Barreto de Meneses uma nova organização, de modo a não sómente enfrentarem a guerra defensiva, como tambem se aventurarem a toda a offensiva, que fosse possivel.

---

cretario Hermit, até que se encontrasse logar seguro. No dia 18 de Novembro de 1647 o mestre de campo e o tenente foram removidos da custodia de Hermit para a casa de Jacques de Brae, a qual fôra preparada de fórma a não haver receio de fuga. Em 24 de Janeiro de 1648, pela manhã, o Conselho recebeu aviso de que o mesmo mestre de campo general Francisco Barreto de Meneses e o seu tenente Philippe Bandeira de Mello haviam fugido da casa de Jacques de Brae, com um filho deste. (Dr. Pedro Souto Maior — "Fastos Pernambucanos" cit., pag. 380.)

No dia 19 de Abril de 1648, elle esteve presente á batalha dos Montes Guararapes.

Nesse memoravel combate, o general Sigismundo dispunha de 4.500 homens e as fôrças revolucionarias de 2.500 (9).

Os Hollandezes foram batidos e debandaram na maior confusão. Foram feridos o general Sigismundo e 523 dos seus, ficando mortos no campo 470 homens, entre elles os melhores de seus officiaes, em número de 45. Das fôrças pernambucanas morreram 84 soldados e ficaram feridos cêrca de 400.

Relatando essa gloriosa batalha, diz o general Barreto de Meneses num documento official:

«Depois de estar no Recife por espaço de nove mezes, fugi dos grandes apertos em que o inimigo me tinha posto, e entrei nessa campanha de Pernambuco em 23 de Janeiro do anno presente. *E posto que eu nella* NÃO GOVERNAVA, *acudi, com as advertencias necessarias, a que os governadores dispuzessem com prevenção, em todas as cousas que necessitavam dellas*» (10).

Si o general Barreto tivesse recebido ordem do Governo de Portugal para commandar o exercito em Pernambuco, não declararia, num documento official, que *não governava* a campanha que alli existia, e que *apenas concorreu com as advertencias de que os governadores* (da campanha) *necessitaram para procederem com prevenção.*

Sincero, como era, não quiz o general Barreto de Meneses faltar á verdade e ornar-se de distinctivos, a que não se julgava com direito. Entretanto, si effectivamente tivesse recebido ordem de d. João IV para commandar as fôrças em Pernambuco, seria outra a sua linguagem: diria francamente que a campanha tinha sido feita sob a sua direcção.

---

(9) Alguns escriptores brasileiros elevam o número dos soldados hollandezes a 7.400; mas Netscher (*Les Hollandais au Brésil*) e Varnhagen (*Historia Geral do Brasil*) affirmam ter sido de 4.500.

(10) Varnhagen — *Historia das Luctas*, pag. 332.

As palavras empregadas no referido documento servem para demonstrar que elle não recebeu a incumbencia que lhe attribuem.

OS ACTOS ANTERIORES E POSTERIORES Á SAIDA DO GENERAL BARRETO DE LISBOA

Em carta aos moradores de Pernambuco, de 21 de Julho de 1645, no mez seguinte ao do inicio da lucta contra os Hollandezes, o governador geral Antonio Telles da Silva, extranhou que elles tivessem se rebellado (11).

Ainda em 1645, d. João IV ordenava a Telles da Silva que "fizesse os chefes revoltosos deporem as armas e renunciarem a empresa de libertar Pernambuco do dominio hollandez".

Corroborando a ordem transmittida, diz d. João IV em carta dirigida ao embaixador Francisco de Sousa Coutinho, em 4 de Outubro de 1645, que havia mandado dizer ao governador geral Telles da Silva que "sem ordem muito expressa do govêrno (hollandez) em Pernambuco não mandasse gente alguma aos limites de sua jurisdicção e declarasse por maus vassallos a Henrique Dias, Camarão e os seus soldados".

Cumprindo a recommendação de d. João IV, Telles da Silva mandou a Pernambuco os padres jesuitas Manuel da Costa e João Fernandes, incumbidos de ordenar aos mestres de campo Vidal de Negreiros e Soares Moreno que se retirassem para a Bahia.

Estes recusaram-se a cumprir a ordem; mas, em vista de novas recommendações de Telles da Silva para que se obedecesse ao rei, o portuguez Soares Moreno declarou que se retirava para Portugal. Vidal de Negreiros, entretanto, continuou no seu posto de honra (12).

---

(11) Ms. da Bibliotheca de Evora, Cod. CVI. 2-2, a fls. 195.

(12) Fernandes Gama — *Memorias Historicas*, t. III, pag. 133.

Confirmando as ordens expedidas, diz Telles da Silva, em carta dirigida a d. João IV, com a data de 15 de Outubro de 1645: "Sobretudo tenho mandado aos mestres de campo, e tropas do Camarão e Henrique Dias, que logo se recolham, e tanto que o fizerem, como espero delles, hei de mandar averiguar por uma pesquisa muito exacta os culpados nestes desmanchos, e achando que quebraram a tregua e boa correspondencia, que é justo, e vossa majestade manda se tenha com os Hollandezes, conforme a ordem que vossa majestade me deu, os farei castigar com todo o rigor".

Os intimos de d. João IV, aquelles que preponderavam em seu ánimo, como o embaixador Francisco de Sousa Coutinho, o marquez de Niza e o padre Antonio Vieira, todos se mostravam contrarios a qualquer assistencia material ou moral da parte do Governo portuguez aos revoltosos de Pernambuco. O padre Antonio Vieira, em carta de 11 de Março de 1646, dirigida ao marquez de Niza, dizia: "*Ainda que o Brasil se nos desse de graça era materia de muita ponderação ver, si nos convinha acceita-lo com encargos de guerra com Hollanda*". E' o mesmo padre Vieira quem diz no célebre *Papel forte*: "*si não puderam resistir á Hollanda quando Portugal e Hispanha estavam unidos, como seria possivel agora quando Portugal se acha só*".

Em 18 de Janeiro de 1647, vinte e cinco dias antes da nomeação do general Barreto de Meneses, d. João IV, em carta dirigida a Sousa Coutinho, declarava haver dado ordem para ser preso e remettido, para Lisboa, Telles da Silva, afim de que "possam os Estados accusa-lo e *provando-lhe culpa no movimento de Pernambuco o mandarei castigar com a demonstração que elles querem*". Diz mais a carta: "Si totalmente vos desesperardes de conseguir a conclusão da paz ou tregua, chegado este caso desesperado, podereis vencer *restituindo eu todas as outras praças, que os da Companhia perderam depois das inquietações de Pernambuco*" (13).

Telles da Silva não chegou a ser submettido a processo e julgamento pela accusação que lhe foi feita de ter coadjuvado

---

(13) Bibl. Nac. de Lisboa, Cod. 7.163, fls. 32.

os revoltosos de Pernambuco, porque o navio de guerra, que o conduzia para Lisboa, naufragou, tendo elle fallecido junctamente com os companheiros de viagem.

Em Outubro do mesmo anno, a Côrte de Lisboa mandava uma expedição sob o commando do conde de Villa Pouca *para defender a Bahia,* em vista do ataque á ilha de Itaparica, e recommendava que não fosse além desse fim determinado, conforme se verifica da carta dirigida ao marquez de Niza por d. João IV, em 24 de Outubro de 1647. Diz a carta: A ordem que leva o general é *livrar* só *a ilha de Taparica e cidade* da oppressão que lhe fazem os Hollandezes, e em tudo mais leva apertadas ordens minhas" (14).

Em 15 de Outubro de 1647 o embaixador Sousa Coutinho dirigiu uma propesta aos Estados Geraes em que declarava: "*De parte de S. M. estou prompto a fazer restituir e satisfazer todas as praças de Pernambuco que tomaram os rebeldes*" (15).

Em carta ao marquez de Niza, em 9 de Novembro de 1647, diz d. João IV: "O padre Antonio Vieira levou ordem para Francisco de Sousa Coutinho fazer conveniencias á Hollanda, *restituindo-lhe Pernambuco sem nenhuma condição mais que a da sua paz a este reino*" (16).

Em Fevereiro de 1650, passou, á vista do Recife, uma esquadra conduzindo o conde de Castello Melhor, governador geral que ia tomar posse na Bahia. Ella voltou nesse mesmo anno, commandada pelo almirante Pedro Jacques Magalhães, sem prestar o menor auxilio aos patriotas de Pernambuco (17).

Estão ahi, descriptos com a maxima lealdade e com a indicação dos respectivos documentos, os actos antecedentes, coetaneos e subsequentes ao decreto da nomeação do general Barreto de Meneses e practicados pela Côrte de Lisboa.

São os documentos acima referidos que mostram ter d. João IV sempre e constantemente se manifestado contrá-

(14) Bibl. Nac. de Lisboa, Cod. 7.163, fls. 258.
(15) Bibl. Nac. de Lisboa, Cod. 1.699, fls. 77 v.
(16) Bibl. Nac. de Lisboa, Cod. 7.163, fls. 260.
(17) Abreu e Lima — *Synopsis*, pag. 114.

rio á acção dos revoltosos, chegando a mandar prender, dias antes da nomeação do general Barreto de Meneses, o governador geral Telles da Silva, para ser castigado, caso ficasse provado ter culpa no movimento de Pernambuco.

Vê-se mais, que poucos mezes depois da vinda do general Barreto, mandava d. João IV fazer propostas á Hollanda, obrigando-se a restituir-lhe todas as praças de Pernambuco *que haviam sido tomadas pelos* REBELDES.

Em vista dos documentos já indicados, que mostram, de fórma clara e precisa, que a attitude da Côrte de Lisboa fôra sempre contrária aos revoltosos e favoravel á Hollanda, não se póde admittir, por ir de encontro á verdade dos factos, que a mesma Côrte, na occasião de assim se manifestar, mandasse ostensivamente o general Barreto de Meneses, com 300 homens armados, commandar o exercito em Pernambuco.

A affirmação feita pelos nossos historiographos está em contradicção com todos os actos practicados pelo Governo portuguez, é o resultado de um engano de apreciação e constitue um êrro historico, que precisa ser corrigido.

CONCLUSÃO

Foi incontestavelmente André Vidal de Negreiros o maior propugnador das luctas contra os Hollandezes, a alma do plano posto em execução para a defesa da integridade territorial do Brasil.

Indo a Pernambuco, em 1644, com o fim apparente de visitar seu velho pae na Parahiba, activou a sua propaganda e procurou reunir elementos, afim de pôr em execução o seu desejo de bom patriota.

Embora os meios cautelosos por elle empregados em sua excursão, não passou sem reparos a sua permanencia no Recife.

Affirma a *Bolsa do Brasil* (18) que, ao desembarcar Vidal

(18) *Bolsa do Brasil*, redigido por um hollandez, em 1647, sendo traduzido pelo dr. José Hygino Duarte Pereira e publicado na *Rev. do Inst. Arch. Pern.*, n. 28, pags. 127 a 167.

de Negreiros no Recife, um portuguez disse alto no mercado, em presença de muitos judeus: "Deus cerrou os olhos aos senhores governadores, que deixaram vir á terra esse perro, *que não traz outro intuito sinão o de pôr este Estado em agitação e revolta*".

Os planos da revolta e os meios de acção cabem ao parahibano André Vidal de Negreiros, aos pernambucanos Antonio Cavalcanti de Albuquerque e Amador de Araujo de Azevedo e ao madeirense João Fernandes Vieira, que, embora fosse capitão da milicia hollandeza, adheriu á causa dos revoltosos, devido á ascendencia exercida sôbre elle pelos parentes da mulher, que eram pernambucanos. Postos em execução os planos da revolta, muito auxiliaram na lucta armada e heroicamente contribuiram para a nossa victoria o indio d. Antonio Philippe Camarão e o preto Henrique Dias.

A expulsão dos Hollandezes é uma gloria que pertence só e exclusivamente aos Brasileiros, porque, emquanto estes, na fé do seu ardor patriotico, com a bravura e a abnegação dos grandes heróes, sem distincção de classes, se confundiam nas fileiras dos combates, como simples soldados, para enfrentarem o inimigo, o Governo portuguez, pela sua fraqueza e pusillanimidade, negava auxilio aos destemidos batalhadores da causa nacional e, timidamente, procurava o invasor do sólo brasileiro, para com elle entrar num accôrdo insensato e vergonhoso.

Enquanto Portugal promovia a divisão e desmembramento do nosso territorio, entregando á Hollanda a região que se extende do rio S. Francisco ao Ceará, o povo brasileiro, alli residente, reunido num só e elevado pensamento, o da defesa da integridade territorial de sua patria, com dignidade e intrepidez e sem se deter ante nenhum obstaculo, avança e reage, acceitando uma lucta violenta e feroz contra um inimigo forte e poderoso.

Os Brasileiros, depois de nove annos de lucta, venceram e puderam livrar-se do jugo hollandez; mas, ainda perseverantes no seu ideal, que era a conservação da unidade do ter-

ritorio patrio, entregaram-se a um outro jugo egual ou peor do que o repellido (19).

E' preciso que, na Historia do Brasil, fique bem accentuado que a campanha iniciada em Pernambuco, em 1645, teve um character genuinamente nacional e que nenhum auxilio lhe foi fornecido pelo Governo portuguez.

O êrro, em que caïram os nossos historiographos, declarando ter d. João IV mandado o general Barreto de Meneses ao Brasil, accompanhado de 300 homens, afim de commandar o exercito em Pernambuco, só serve para empanar e obscurecer a gloria dos nossos heróes e deixar afigurar-se que vencemos a lucta contra os Hollandezes devido ao auxilio prestado por Portugal.

Esse êrro historico precisa ser corrigido, para que os acontecimentos desdobrados no seculo XVII, no Brasil, possam ser julgados com o merito a que elles têm direito.

---

(19) Num importante discurso pronunciado no Recife, em 27 de Janeiro de 1883, disse o dr. Annibal Falcão: "Terminada a lucta hollandeza, o Brasil tinha reunido os elementos de uma verdadeira patria, de sorte que poderiamos conceber a sua emancipação politica desde logo, si, por um lado, não devesse ser simultaneo o impulso de desaggregação do systema colonial americano, e si, por outro lado, a immensa extensão do paiz não houvesse disposto desegualmente as condições locaes, sendo preciso uniformiza-las préviamente para que tivesse um verdadeiro character nacional a nova patria que se formava" (*Rev. do Inst. Arch. Pern.*, vol. XII, pag. 444).

NO BRASIL IMPERIAL

PELO

DR. AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY
(Socio do Instituto)

Os seis capitulos, que compõem o presente trabalho historico "No Brasil imperial" do sr. dr. Affonso Taunay, nosso operosissimo e distincto collega, recommendam-se pelo interesse dos assumptos tractados e pela minuciosidade das informações colhidas em fonte segura. Em todos elles ha noticia de factos novos e curiosos sôbre a vida de personagens de grande vulto na nossa Historia, desde Pedro I, o nosso primeiro imperador, até a formosa Elisa Lynch — amasia do tyranno do Paraguai que nos moveu a cruenta guerra de 1865 a 1870. Eis uma contribuição historica, que os estudiosos das cousas da Patria lerão certamente com grande prazer, applaudindo o talento e o exfôrço do laborioso patricio, a quem já deve esta *Revista* assignalados serviços.

(Da Direcção.)

NO BRASIL IMPERIAL

I. A formação intellectual de d. Pedro II. — II. Tradições militares.— III. D. Pedro I e seus mercenarios. — IV. Extrangeiros ao serviço do Brasil.— V. Uma princeza brasileira desconhecida.— VI. Um album de Elisa Lynch.

I

A FORMAÇÃO INTELLECTUAL DE D. PEDRO II

"De todos os monarchas do mundo era o nosso o unico sabio!" exclamava, a cada passo, um dos mais ferventes admiradores que jámais contou d. Pedro II, o bom frei Antonio da Conceição Gomes de Amorim, benedictino velho, antigo capellão da Armada, que no Mosteiro de S. Bento, no Rio de Janeiro, conheci.

Mais soldado do que padre, entre parenthesis, navegara annos e annos, sobretudo na *Niteroi*, fragata de que contava maravilhas; bombardeara Paisandú e forçara Tonelero, fizera cruzeiros innumeros e não sei mesmo si não dera a volta ao mundo. Contava com muita animação, e certa graça, innumeros casos de sua longa capellania naval e tirava a maxima ufania do titulo de prégador imperial, com que o condecorara o imperador, ao se reformar e recolher-se ao seu cenobio.

Com os annos lhe crescera a já enorme admiração pelo monarcha. Nelle via um sabio, mais sabio que os septe da Grecia, e no seu enthusiasmo fazia-nos embasbacar, avançando peremptorio e solenne: "perto do nosso imperante, saibam vocês, que os outros reis do mundo eram uns ignorantes! uns analphabetos!"

Funda impressão nos causava, a nós rapazes, a affirmativa que não supportava contradicção, do bom monge, tal a convicção, o respeito com que a lançava. Ia um pouco longe

frei Amorim, mas não ha hoje quem, de boa fé, pretenda negar quanto foi d. Pedro II um dos homens de mais vasta cultura geral que jámais houve, servido por bellissima intelligencia e formidavel memoria, continuamente aprimorada pela obtenção de novos elementos, pois jámais, tambem, houve ledor insaciavel que lhe tenha levado vantagem. Lia e annotava á margem, quasi sempre, os livros que lhe caïam ás mãos. A' Bibliotheca Nacional está incorporada a maior parte da sua immensa e valiosissima livraria particular. Em milhares de volumes avultam as suas notas de leitor assiduo e attento como raros, movido por invencivel curiosidade scientifica e litteraria.

E esta feição de intellectualismo robusto teve-a desde os primeiros annos o glorioso Bragança.

Sabem todos que, nascido a 2 de Dezembro de 1825, viu-se o magnanimo monarcha privado, desde o berço — tinha um anno e seis dias apenas — dos carinhos de sua mãe, fallecida a 11 de Dezembro de 1826. E que mãe! uma criatura feita de ternura e rectidão de espirito, refeita de grandeza moral, acrysolada pelo infortunio e a dignidade no soffrer de resignação e pundonor!

Apresentado á Côrte, no proprio dia do nascimento, pelo brigadeiro Francisco de Lima e Silva, o futuro regente do Imperio, foi o pequenino d. Pedro de Alcantara confiado á guarda dedicadissima de d. Marianna Carlota de Verna Magalhães, mais tarde condessa de Belmonte, então nomeada sua aia. Baptisado com a maxima pompa a 9 de Dezembro, e na Imperial Capella, pelo bispo capellão-mór, teve uma ladainha de nomes terminada por *Miguel Gabriel Raphael Gonzaga*, tradicionaes na casa de Bragança. Era pouco depois, apresentando a Nossa Senhora da Gloria a 2 de Janeiro de 1826, em outra festividade de grande gala.

Teve d. Pedro II como ama de leite uma suissa robusta, vinda entre os colonos recem-contractados para a fundação de Nova Friburgo, certa Maria Catharina Equey, que durante dous annos o amammentou. Durante toda a vida contou a ama com a protecção do imperial "filho de leite", que grato lhe deu pensão e morada no Paço da Cidade.

A 26 de Agosto de 1826 era o pequerrucho, por acto solenne, reconhecido herdeiro presumptivo da corôa do Brasil.

Poucos mezes depois via-se o menino principe imperial, pelo braço do camarista Andrade Pinto, levado a abraçar sua desventurada mãe, que dava o último "beija-mão", cercada de suas excellentissimas damas, vestido o seu cadaver de grande gala, estirado no leito de Estado sob uma riquissima colcha da China, côr de perola, e encostado em duas almofadas de seda verde ouro.

Nada poderia certamente comprehender o pequenino Pedro II da scena, em que no entanto, de accôrdo com a pragmatica, era o mais notavel figurante, ausente como se achava d. Pedro I, no Rio Grande do Sul.

Ao osculo que o fizeram dar á mão da desditosa mãe, seguiram-se os de suas quatro ermãzinhas: a rainha de Portugal e as princezas d. Januaria, d. Paula, d. Francisca, cada qual conduzida por um veador. A todos cortou o coração tão pungente scena. Tinha a mais velha das princezas, a rainha d. Maria da Gloria, apenas septe annos; d. Januaria, cinco; d. Paula, tres, e d. Francisca, dous.

No seu estylo gravibundo, relata o *Diario Fluminense*:

«Si não temessemos tocar tão penetrante ferida, mencionáriamos agora a dor que mostrava a Senhora Rainha, suffocada pelo seu vehementissimo soffrimento, e logo rompendo em soluços significativos da sua consternação, merecendo a ternura de sua alma innocente e a idéa de sua perda irremediavel á sisuda reflexão da edade. Esta não abafava tambem as demonstrações de suas augustas ermãs, que parecião ainda duvidar da sua desgraça de que as desenganava a ausencia daquelle meigo carinho com que erão agazalhadas pela mais extremosa das mães.»

Pobre d. Maria II! Muito haveria ainda esta digna ermã de d. Pedro II chorar na curta e attribulada vida de soberana, esposa e mãe.

Menino, a principio debil e doentio, tendo soffrido muito com a dentição, era o futuro d. Pedro II, em 1827, uma criança "magrinha e muito amarella", no dizer do visconde de Barbacena.

Em 1830, já aprendia os rudimentos do catecismo, sob a direcção da condessa de Belmonte que, para tal fim, es-

crevera pequeno compendio. Fôra ella quem, tambem, lhe ministrara as primeiras lettras, inexcedivelmente dedicada como lhe era. Pouco depois se dava o 7 de Abril, e passavam o pequenino principe imperial e suas ermãs para a tutela de José Bonifacio, o antigo conselheiro inspirador, adversario e inimigo de seu pae, por este deportado e, no momento da infelicidade, o amigo certo nas cousas incertas, chamado a ser o tutor de seus filhos, por um dos mais nobres documentos de que reza a Historia universal.

Ouvi do conde d'Aljezur, o velho e fidelissimo gentil-homem da casa de d. Pedro II, que, ao alvorecer de 8 de Abril, partiu o patriarcha para S. Christovam, em demanda dos filhos de seu perseguidor de 1823. Chegando ao Paço, e sabendo que os principezinhos estavam absolutamente agoniados com o que viam e ouviam, espavoridos pelo tumulto do dia e afflictissimos pela ausencia do pae e da madrasta, correu-lhes ao encontro. Ao ver o pequeno d. Pedro II, suspendeu-o nos braços, commovidissimo, e exclamou: "Meu imperador e meu filho!"

Conta Raffard que para fazer socegar os principezinhos, mandou o grande santista lhes fossem entregues todos os lindos brinquedos que possuiam em quantidade. Observou-lhe uma das camaristas que tal não era possivel: havia uma escala diaria determinada pela imperatriz d. Amelia, para a distribuição de brinquedos afim de que ss. aa. não os estragassem rapidamente. Quasi á valentona, exigiu o patriarcha a entrega e não houve remedio sinão obedecer-lhe.

Dentro em breve, enthusiasmadas com tal liberdade, estavam as quatro criancinhas entretidas e ausentes ás desgraças do dia.

Parece que com o auxilio da condessa de Belmonte, pôde d. Pedro II traçar a cartinha enviada ao pae, ainda no porto do Rio, a 12 de Abril, e contestada pela tão delicada e conhecida resposta cuja primeira linha é: "Meu querido filho e meu imperador".

Confirmada pelas Camaras a escolha de José Bonifacio, para tutor do pequeno soberano e suas ermãs, principiou este activamente a tractar da educação do seu "imperador e filho". A 7 de Agosto de 1831, tomava para mestre de es-

cripta, primeiras lettras e Geographia, dos seus augustos pupillos a Luiz Aleio Boulanger, o habilissimo calligrapho, desenhista e gravador, a quem immenso deve a nossa Iconographia.

No dia 3 de Novembro, recebia d. Pedro II a primeira licção de Geographia, e, dentro em pouco, escrevia suas cartinhas ao pae, que lh'as contestava, sempre carinhoso e gentil.

Mostrava o pequenino imperador surprehendente vocação para o Desenho; herdara-a da imperatriz d. Leopoldina habil aquarellista. Em Maio de 1832 mandaram a d. Pedro I um *croquis* "bem acceitavel", que do Mosteiro de S. Bento fizera. Em 1833 já o imperadorzinho entendia bastante do francez e respondia umas phrases em inglez ao ministro Fox, que lhe apresentava credenciaes. Estudava francez com o conego Boiret; Desenho com o distincto pintor portuguez Simplicio Rodrigues de Sá. Ensinara-lhe a dança Lourenço Lacomba, Musica Fortunato Maziotti e inglez Nathaniel Lucas. Quanto ao latim, quem lhe ministrava os primeiros rudimentos era o dr. Roque Schuch, austriaco illustrado, antigo bibliothecario da imperatriz d. Leopoldina.

Graves defeitos se irrogam a d. Pedro I, mas uma qualidade notavel se lhe não póde negar: o amor á sua prole. Tão forte era este sentimento, que o repartia pela descendencia legitima, legitimada e illegitima. No seu testamento contemplou, e com boas sommas, diversos bastardos, que suppunha fructos de algumas das suas mil e uma aventuras.

De longe, no meio das agruras da longa e tremenda guerra sustentada contra o ermão d. Miguel, jámais se esqueceu dos filhos que no Brasil deixara, "desgraçado mas sempre honrado pae". A miude escrevia, pedindo noticias delles. A morte da princeza d. Paula fe-lo chorar muito e muito. Correspondia-se assiduamente com as damas do Paço, que o informavam do progresso do pequeno imperador e das "meninas". E frequentemente se carteava o optimo pae com os muito queridos filhos.

Provocaram as luctas crueis da Regencia a destituição da tutoria de José Bonifacio, substituido, como se sabe, em Dezembro de 1833, pelo marquez de Itanhaém, fidalgo do

character integro, mas de mediocre intelligencia e cultura limitada.

Pouco antes estivera d. Pedro II, então menino de 8 annos, á morte, de uma febre cerebral.

A seu respeito dizia o tutor á Assembléa: "Sua majestade lê e escreve bem, traduz as linguas ingleza e franceza, applica-se, além disto, á Geographia, Musica, Dança e Desenho; nisto, principalmente, faz progressos admiraveis, por ser o estudo que mais o deleita. Apesar de applicar-se a muitos ramos, não é fatigado pelos mestres, que exigem lições com a parcimonia, que as fôrças e edade do augusto discipulo permittem".

Orpham de pae, a 24 de Septembro de 1834, viveu d. Pedro II sob a carinhosa e austera solicitude do marquez de Itanhaém, que a politicagem fizera substituto do genial Andrada.

A 2 de Maio de 1835, eram officialmente apresentados á Assembléa escriptos seus, para que os parlamentares avaliassem do seu adeantamento.

"Menino precocissimo, cheio de docilidade e submissão", como disse um dos seus biographos, sua infancia já fazia entrever o "homem inclinado á verdade e ao bem". Complicava-se-lhe o plano de estudos com o decorrer dos annos. Adoecendo Simplicio, ficara em seu logar, como mestre de Desenho, Felix Emilio Taunay, depois barão de Taunay, então director da Academia Nacional de Bellas-Artes. Mais tarde lhe haveria de tambem ensinar a Historia universal e a das artes, Litteratura antiga e grego. Tomou-se um pedagogo encarregado de fiscalizar continuadamente a educação do monarcha, e a escolha recaïu sôbre o sabio carmelita frei Pedro de Sancta Mariana, mais tarde bispo de Chysopolis, lente jubilado de Mathematicas.

Já então tocava o menino soberano "bem regularmente o piano e adeantava-se na equitação e na dança".

Aos dez annos e meio, tinha d. Pedro II uma instrucção absolutamente rara para um menino de sua edade, e para a epocha, demonstrando, além de tudo, pouco vulgar criterio.

Em 1837, informava o marquez de Itanhaém "fallava e escrevia o francez, pouco deixando a desejar, lia e traduzia

com a maior facilidade o inglez, embora claudicasse na Orthographia; já sabia muita cousa de Historia, e no latim apresentava sempre progressos; em Arithmetica, era sabedor da práctica, mas não conhecia ainda a parte philosophica".

Em 1838, falla-se que o imperador fizera grandes progressos em latim e Litteratura, " mostrando decidido amor pela Historia e pelos assumptos heroicos ". E estudava com prodigioso afinco: " Desde que foi confiado aos cuidados dos mestres" diz monsenhor Pinto de Campos, "teve esta criança comportamento viril. Nunca foi necessario chama-lo para o estudo; talvez antes se julgasse algumas vezes prudente recommendar-lhe a abstenção de applicação tão prolongada ".

" Muitas vezes frei Pedro de Sancta Mariana, sendo já adeantada a noite, se transportava ao aposento do menino, e achando-o sôbre os livros, lhe representava que a sua edade tenra não comportava similhante assiduidade, com que a saude e até a natureza, se lhe podia prejudicar. Convidava-o a recostar-se e apagava-lhe a luz algumas vezes voltando, passada meia hora, ou uma hora, tornava a achar o estudantezinho sôbre seus livros, tendo por si mesmo reaccendido as luzes ! "

Em 1839, começa o imperador, com Schuch, o estudo do allemão, e Araujo Vianna (o futuro marquez de Sapucahi), nomeado seu professor de Litteratura e Sciencias prácticas dá, do seu saber, as mais lisongeiras informações. Em latim, verte prosa com facilidade, compõe sem erros, traduz versos com desembaraço, estuda a Grammatica comparada entre o portuguez e a lingua mãe, prepara-se para o estudo philosophico da Historia, lê, traduz, escreve e falla facilmente o francez e o inglez; adeanta-se no allemão, progride na Musica, no Desenho e já mostra firmeza e agilidade na Esgrima, em que o dirige o futuro duque de Caxias. Revela enorme desejo de saber, docilidade e talento. Em 1840 enceta o estudo da Philosophia e da Rhetorica, continúa a aprofundar-se na Historia e na leitura dos classicos latinos e portuguezes.

Em Julho, ainda de 1840, como todos sabem, ficava d. Pedro II maior, graças ao golpe de Estado dirigido pelos Andradas.

Acaso teriam estes dous grandes homens ousado tomar tal responsabilidade, si não soubessem que o menino de quatorze annos e meio, proclamado imperador inconstitucionalmente, amadurecera no estudo sobremodo, a poncto de se tornar já notavel entidade, dotado de intelligencia profunda e criterio superior, servido por aquella memoria estupenda, "deante da qual ficavam boquiabertos todos os que lhe percebiam a extensão, a segurança e a minúcia dos factos lembrados?"

Uma vez investido dos poderes majestaticos, não existem mais indicações officiaes acêrca dos estudos de d. Pedro II.

Ninguem ignora, porém, que continuou fervorosissimo amigo dos livros, a poncto de adquirir a mais vasta e intensa illustração geral.

Era-lhe notavel o pendor pela Philologia. Assim, depois de empossado do poder, continuou com o estudo do grego, em que por muitos annos foi discipulo de Felix Emilio Taunay, e encetou o do hebraico e sanscripto com um erudito linguista allemão, por muito tempo residente em S. Christovam, o dr. Koch, em cujo tumulo, feito do seu bolsinho, mandou inscrever o disticho — *Ao amigo*.

A Archeologia tambem muito apaixonou d. Pedro II, sobretudo no tocante ás antiguidades egypcias. Manteve assidua correspondencia com Brugsch e Mariette Bey. Coube-me o prazer de traduzir e divulgar o *Diario da viagem ao alto Nilo*, da sua lavra, de que, infelizmente, só se achou a primeira parte, num dos moveis da bibliotheca de S. Christovam. Escripto em francez, quiçá para que os egyptologos seus amigos o pudessem ler, é interessante, singello, absolutamente despretencioso, intimo. De sua leitura se infere quanto era o imperador versado em Egyptologia.

Enfim, insistir em lembrar a illustração de Pedro II torna-se verdadeira impertinencia. Quem ignora a célebre saudação de Victor Hugo — "Sois, Senhor! o neto de Marco Aurelio!?" Recordarei, aqui, apenas, a titulo de curiosidade, pouco conhecido depoimento sôbre a impressão immediata causada pela cultura do imperador, depoimento da mais su-

bida importancia por partir de um dos mais justamente célebres dos nossos contemporaneos: Frederico Nietzche.

Estava o famoso creador do super-homem, numa pequena estação da Austria, quando passou o trem em que devia embarcar. para fazer pequeno percurso. Enganando-se, foi ter a certo vagão de luxo. Verificado o êrro e notando que o carro estava occupado por alta personalidade accompanhada de grande sequito, quiz retirar-se o pensador, mas teve logo o mais amavel convite do illustre viajante a que se sentasse. Não tardou que este o interpelasse e dentro em pouco, estivessem os dous em cerrada conversa. Uma hora mais tarde, descia Nietzche na estação do seu destino e absolutamente enthusiasmado indagava da identidade do interlocutor. Soube então, surpreso, que se tractava do imperador do Brasil. Muito e muito fallou acêrca do imprevisto encontro, literalmente fascinado pelo espirito do soberano, impressionado, ao último poncto, com o que delle ouvira.

Longos annos após a morte de d. Pedro II trouxe este facto a público o conde de Prozor, o conhecido e enthusiasta propagandista da obra de Ibsen. Ouvira da viuva de Nietzche a narrativa do curioso caso.

Foi ainda este relêvo, logica consequencia de uma vida intensa de cerebral desde os seus mais tenros annos, que, no momento do embarque, no *Alagôas*, causou a mais intensa preoccupação ao monarcha recem-deposto.

Viram-n'o, a familia e os companheiros do exilio, absolutamente desassocegado, a indagar, afflicto, da sorte de certas caixas. Quando as teve a bordo, serenou inteiramente. Via perto de si os livros que escolhera para a travessia e o destêrro; os seus queridos livros....

Foram elles os fieis accompanhadores dos derradeiros dias, dizem-n'o as cartas do exilio, os grandes consoladores dos dous annos ultimos de tristeza. Ao tão constante amigo retribuiram o affecto do longo apêgo. Fortaleceram-lhe aquella feição d'alma, entre todas grandiosa, graças á qual, jámais se "lamentou do rigor da iniqua sorte, por mais cruel que fosse e sem piedade arrancando-lhe o throno e a majestade, quando estava a dous passos só da morte"...

II
TRADIÇÕES MILITARES

Apaixonado do nosso passado militar, dentre os que ultimamente o têm evocado com maior felicidade está o sr. Gustavo Barroso, cuja contribuição anecdotica é das mais interessantes.

Nada mais util do que essa reconstrucção dos *à côté* da nossa Historia, toda ella por fazer, por fixar, como aliás tanta nossas éras coloniaes ? Nada, ou, quando muito, quasi nada.

E realmente que resta da parte anecdotica dos annaes das nossas éras coloniaes? Nada, ou, quando muito, quasi nada.

Faltam-nos por completo as *Memorias*, as reminiscencias, até as que podiam reportar-se a epochas recentissimas. Não se coaduna tal genero ao feitio de nossa gente, dirão alguns. Julgamos mais exacto affirmar que esta feição litteraria só póde medrar em meios de elevada cultura, num nivel superior ao do Brasil de antanho. Não é em ambientes rudes que o documento humano viceja.

E isto o prova o desenvolvimento que o genero entre nós tem tido, ha umas duas ou tres decades. E, entretanto, não se póde dizer que as anecdotas sejam escassas em nosso paiz, onde, como no resto do mundo, o gòsto pelo mexerico, o espirito de critica e a maledicencia se mantêm, digna e razoavelmente, pelo mesmo padrão.

O que não tem havido é quem se haja dado ao trabalho de colleccionar as contribuições da tradição oral, de modo a lhes impedir a deturpação e ao mesmo tempo fazer-lhes a attribuição exacta, firmando-lhes a authenticidade.

Anecdotas espirituosas e brejeiras, salgadas e salgadissimas, heroicas e arrebatadoras, contam-se ás centenas em nossas tradições militares. Transmittem-se de bocca em bocca, transformam-se ás vezes por completo, geralmente perdendo a primitiva graça fina para se carregarem de chalaça. E á medida que as gerações passam vêem-se attribuidas a uma série de grandes vultos diversos.

Quantas dellas, a principio ligadas aos nomes de Lecor, Labatut e Soares de Andréa, foram mais tarde postas no activo de Caxias, Osorio e Porto-Alegre, para afinal correrem hoje presas á memoria de Diodoro e Floriano ?

Na nossa Litteratura militar uma unica obra conhecemos recheada de excellentes documentos humanos, capazes de orientar o observador acêrca da mentalidade das nossas fôrças na campanha do Paraguai: as *Reminiscencias* do general Dionysio Cerqueira, páginas de tão amena quanto empolgante leitura. Não se tracta no entanto de um livro soldadesco.

Muito embora houvesse o seu auctor aos quatorze annos deixado a casa paterna para se alistar entre os que iam combater a tyrannia lopezca vivido cinco rudes annos em campanha e passado dezenas de outros annos sempre nos meios subordinados á carreira que constituia a paixão de sua existencia, nada da liberdade das casernas e acampamentos conseguira diminuir-lhe o visceral recato da linguagem, dos modos e tendencias de espirito.

E era tão encantador, quanto curioso, ver-se o cuidado com que aquelle bravo, coberto de feridas, citações e medalhas, se intimidava a olhar para a direita e para a esquerda e a fallar baixo quando, por exemplo, queria contar que "vivia alguem amasiado".

Ninguem, portanto, espere encontrar no seu bello livro o *gros sel* apaixonadamente amado pela maioria dos seus companheiros de armas.

Fóra das *Reminiscencias* do general Dionysio Cerqueira, conhecemos os contos militares do coronel Azevedo Pimentel, bravo voluntario da Patria, mas mediocre escriptor, cujas narrativas têm muito fraco valor evocativo.

Quanta cousa interessante poderiamos saber dos velhos e heroicos soldados brasileiros, si incomprehensivel inercia e indesculpavel preguiça os não houvessem, e aos seus contemporaneos, afastado da penna!

Poucos dos nossos grandes chefes tiveram o espirito do general Osorio, homem de réplicas e espontaneidade de uma exactidão extraordinaria, de character encantadoramente affavel, prazenteiro e communicativo. Não lhe houvessem os filhos e os netos piedosamente recolhido parte de sua extensa e curiosissima "ana", e estaria perdida para os posteros a collectanea interessante dos seus excellentes dictos e phrases.

Cuidadosamente procurou meu pae annotar a parte anecdotica relativa aos grandes acontecimentos, que de perto accompanhou.

Não lhe ficaria bem intercala-la num livro de feição épica, como *Retirada da Laguna*. Reservou-a para as suas *Memorias*, até hoje inéditas, como é geralmente sabido, pois só de 1943 em deante poderão ser desvendadas ao público.

E, aliás só depois da retirada, ou durante a campanha das Cordilheiras, é que lhe veio o ensejo de conhecer e frequentar muitos dos nossos paladinos, Osorio, João Manuel Menna Barreto e tantos outros, além de centenares de heróes mais humildes, os "cavallarianos" rio-grandenses, os soffredores infantes do Norte, os velhos tarimeiros, veteranos das guerras da Independencia, Ramollots intrepidos e infatigaveis, ignorantes quanto possivel, capazes, porém, dos maiores sacrificios, a todos alegrando com a sua bonhomia e ingenuas calinadas. Em contacto com estas categorias de homens tão diversos que de todos os cantos do Brasil tinham corrido a desaffrontar o pavilhão auri-verde das tresvariadas injúrias do tyranno paraguaio, recolheu elle enorme seára de observações e anecdotas, e com certeza, os que lerem as suas *Memorias*, hão de assistir á ressurreição do espirito que animava o soldado brasileiro no Paraguai, através de um sem número de episodios interessantes, dizendo respeito não só aos mais altos titulares da gerarchia militar, como aos simples subordinados dos primeiros postos.

Várias destas historias delle ouvi, que aqui reproduzo, como esta anecdota inédita e encantadora, referente ao heróe de 24 de Maio, muito characteristica do espirito natural do paladino, sempre bondoso e cheio de phrases e attitudes paternaes:

«Fôra, certa noite, meu pae levar-lhe uma carta do conde d'Eu. Encontrou-o só, deitado em uma rêde, a ler. Apenas o viu, disse-lhe: — Olha ! tu que és "bacharel" deves entender disto. Toma lá este livro e traduze-me este diabo de inglez, que está "duro de roer", devéras.

(Comecei a fazel-o narrava o improvisado traductor). Mas, confesso que me puz a gaguejar deploravelmente. Havia no trecho grande número de termos technicos com que jámais me avistara, de modo que a cada passo me via em apuros. — " Está bem ! vai bem ! " dizia-me o general, rindo-se.

No fim de algum tempo notei que adormecera profundamente, e retirei-me sem fazer o menor ruido.

No dia seguinte, apenas me viu, interpellou-me alegremente: — Então, *seu safadinho*, foste hontem saïndo á franceza heim ? ! — Mas, si v. ex. estava dormindo profundamente ! — E' verdade ! e que somno delicioso ! cheio dos sonhos os mais agradaveis. Imagina tu ! sonhei que estava traduzindo corrente e perfeitamente aquelle inglez todo, incomparavelmente melhor do que tu, que és bacharel formado !»

Outra anecdota me ficou do grande Herval:

«Em conselho de guerra discutia-se como tomar certa posição occupada, creio que em Ascurra, pelas fôrças de Lopez. Queria o conde d'Eu contorna-la, opinando Osorio por um ataque de frente. — Mas isto, sr. visconde, observou-lhe o principe, é o que se chama atacar o touro pelas aspas ! — Qual touro, alteza ! nem meio touro ! redarguiu-lhe o general. Já foi touro; hoje não passa de vacca velha !»

Um homem tive o prazer de conhecer, que possuia um repertorio prodigioso de anecdotas militares, interessantissimas. Era o conselheiro dr. Luiz Pedreira de Magalhães Castro, antigo e brilhante official de artilharia, engenheiro militar, com cinco annos da campanha do Paraguai, citado em ordem do dia e varias vezes condecorado, mais tarde demissionario do Exercito e lente cathedratico de Chimica Mineral na Eschola Naval.

Tão culto quanto intelligente, engraçado como poucos, sociavel como raros, possuidor de enorme memoria, sabia as mais attrahentes historias sôbre os nossos homens de guerra. Contava-as com o maior espirito e, como este pendor pela anecdota o tivesse visceral, elle o levara a apprehender dos velhos companheiros de armas uma infinidade de tradições dos nossos velhos soldados da Independencia e das guerras platinas.

E eram anecdotas de toda a especie, de campanha e de quartel, dictos de espirito dos nossos grandes cabos de guerra, opiniões da tropa sôbre commandantes, enfim, um repositorio interminavel que lhe armazenara uma memoria assombrosa absolutamente artaxerxica.

Muitas e muitas vezes lhè pedi que escrevesse as suas memorias, procurando convence-lo de que iria produzir um livro unico no genero no nosso paiz. Ria-se, depreciava o valor dos seus casos, repetia o proverbio francez do jogo e da candeia, dizia que tinha preguiça, e assim morreu sem jámais se dar a tão curioso e prestimoso trabalho. Do muito que lhe ouvi, algumas historias conservei. Era, infelizmente, então, um rapazola, e por muito que me interessassem as anecdotas do conselheiro Magalhães Castro não lhes attribuia ainda o devido valor.

HERÓES DE ANTANHO

Não ha quasi quem entre nós não tenha ouvido fallar da *artilharia-revólver* do coronel Emilio Mallet, barão de Itapeví, a verdadeira determinante, talvez, da nossa grande victoria de 24 de Maio, pois foram as 24 boccas de fogo do nosso primeiro regimento de artilharia montada, commandado pelo heroico official francez ao serviço do Brasil, que estancaram o impeto das terriveis cargas de Marcó e Diaz, e lhes anniquilaram os exforços heroicos e desesperados.

Acêrca do illustre chefe da nossa artilharia contava seu commandado, o conselheiro Magalhães Castro, uma série de anecdotas altamente elogiosas, pois pela sua memoria professava a maior veneração.

De uma me lembro, pois me causou funda impressão:

«Não havia no Exercito (relatava o meu informante) quem não admirasse o modo de viver do coronel Mallet e seus filhos, a amizade que os ligava, baseada no respeito e na ternura.

Chegava a ser enternecedora tanta affeição, confiança e liberdade entre o velho guerreiro e os seus rapazes. Discipulos fieis de tão notavel mestre, enchiam-n'o os moços de motivos do mais justo desvanecimento: João Nepomuceno, official do nosso regimento, e seus dous ermãos, Pedro e Julio, officiaes de cavallaria, um dos quaes ajudante de ordens do pae.

Quero crer que o velho Mallet tivesse uma ligeira predilecção pelo João — o que acabou marechal e ministro da Guerra. Em todo o caso, si predilecção havia, era pouco perceptivel.

Quando, na madrugada de 24, os Paraguaios tentaram surprehender-nos, e o nosso regimento tomou posições, coube-me servir na guarnição da peça, que estava ao lado da do João Mallet. Rompemos logo o fogo contra o inimigo, correndo infatigavelmente o velho Mallet, de peça em peça, a dirigir a acção. Era a fumarada infernal, e só percebiamos a chegada do coronel, ouvindo-lhe, já de longe, os chamados pelo filho: — João ! João ! ó João ! Bravos ! meu filho !

Havia um tal tom de angustia nestas interpellações daquelle pae, que era de apertar o coração.

Sereno e imperturbavel, dirigia o João Mallet, magnificamente, o fogo do seu canhão, replicando aos chamamentos do pae, que lhe recommendava isto ou aquillo, unicamente para ouvir a voz do filho querido, a responder-lhe: — Vou bem, papae !

A horas tantas, observou-me um dos companheiros de bateria: — Seu Magalhães ! a cousa está ficando negra; o velho Mallet já está fallando francez e a chamar o filho de Joãozinho ! Prestando attenção ao facto, verifiquei que realmente era isto verdade. "*Bravo, mon enfant !*, dizia o coronel, a applaudir a maestria do seu Joãozinho. "João ! Joãozinho ! ó Joãozinho !" ouvia eu de vez em quando ! Era o velho Mallet que voltava para perto de nós.

Algumas horas mais tarde, quando todos os chefes das fôrças alliadas enthusiasticamente cumprimentavam o director do terrivel fogo, que quasi anniquilára duas das columnas assaltantes, não havia parabens que lhe valessem o prazer infindo de se achar juncto dos filhos, a constatar que se haviam batido como os mais bravos soldados do Exercito.

Era cousa de commover ás lagrimas tanta felicidade daquelle pae e dequelles filhos.

E das impressões da campanha, raras me deixaram tão fortes reminiscencias como estas scenas de 24 de Maio.

Ainda hoje ouço os chamamentos afflictos do velho Mallet, de longe a gritar: — João ! Joãozinho ! e a fallar francez nos momentos difficeis, em que parecia imminente a chegada da infantaria paraguaia sôbre nós, e não posso conceber expressão mais exacta da angustia e do carinho paterno do que estas do heróe, no fragor da refrega. Era *si*

parva licet, uma passagem a lembrar o famoso episodio da historia de França do "Pae ! olha á direita ! Pae ! olha á esquerda", do pequeno Philippe, o ousado, procurando resguardar a vida do pae, o rei João, o Bom, na batalha de Poitiers.»

Dos veteranos da Independencia e da Cisplatina, dos velhos officiaes portuguezes passados ao serviço do Brasil, dos poucos allemães de Schäffer persistentes nas nossas fileiras, sabia o conselheiro Magalhães Castro as mais divertidas historias. Muitas dellas, absolutamente irreproduziveis, só podem ser repetidas em meios de ouvidos "callejados", si a expressão é possivel, nas rodas em que todos os apparelhos auditivos estejam á prova de canhão, conforme a pittoresca comparação franceza.

Assim conhecia numerosas anecdotas referentes a uma das nossas mais pittorescas figuras militares: a do general Soares de Andréa, barão de Caçapava, cujo nome tão intimamente se liga ás desordens dos tempos regenciaes, de que foi o energico, implacavel e intelligente repressor em tantas circunscripções brasileiras.

Muitas dessas historias são tradicionaes no nosso Exercito: as *boutades*, tão frequentemente felizes no imprevisto do seu real espirito e excentricidade, os modos de agir por vezes extravagantes do general, enfim uma série de casos constantemente lembrados, como, por exemplo, o tão conhecido da notificação, a um official, da morte de seu pae, por um ordenança encarregado de lhe dizer de dez em dez minutos: "sr. capitão, o sr. brigadeiro manda dizer-lhe que acaba de saber que o pae de v. s. adoeceu ! que o pae de v. s. está gravemente enfermo ! que o pae de v. s. está em estado desesperador ! " e assim por deante.

Naturalmente corre hoje por conta do general Andréa uma infinidade de anecdotas inventadas e melhoradas á medida que os annos se passaram. Relatava o conselheiro Magalhães Castro que no Exercito, em seu tempo, era ainda muito viva a tradição da amizade mantida entre o espirituoso brigadeiro e um seu auditor de guerra ou secretario, não sei bem, certo Sousa Barradas, gaiatão de marca.

Além da correspondencia official, mantinham os dous

reservadamente, outra muito menos arida. Dentro dos officios, enviava o auditor papagaios, onde em alegre e vivaz versalhada, informava e commentava os requerimentos endereçados ao seu superior e opinava desta ou daquella fórma sôbre o seu despacho.

Respondia-lhe Andréa geralmente em quadrinhas tão incisivas quanto soldadescas, a dirimir o que lhe era submettido ás decisões dictatoriaes.

Nada mais popular no nosso exercito do Paraguai do que certo "caso de João Beltrão", contava o conselheiro Magalhães Castro. A' porfia se repetiam as bregeirices salgadas da informação do malicioso Sousa Barradas e o despacho categorico, á " antiga portugueza ", do general, em uma quadrinha que nos é de todo impossivel, infelizmente, aqui reproduzir, pois de seus versos se póde dizer, o que da crueza do latim affirmou o poeta da *Arte Poetica* e do *Lutrin*.

Dos veteranos da Independencia e dos extrangeiros do tempo do primeiro Imperio, ficados ao serviço do Brasil, tambem me lembro de haver ouvido da mesma fonte alguns casos curiosos. Assim, por exemplo este, relativo a d. Pedro I e um major allemão, dos das levas do retinadissimo patife, alliciador de mercenarios, dr. Schäffer, talvez; anecdota de que já por vezes ouvi a confirmação, partida de velhos militares:

«Tinha o tal major, sobretudo quando se exquecera dos dictames da temperança, o que lhe era frequente, a mania innocentissima e arraigada de repetir a seus subordinados: " Si eu morre, o imperador jorre muito ".

Mostrava-lhe o monarcha realmente ligeira sympathia e nomeara-o, em certa occasião, commandante de um batalhão, em commissão, facto que tanto envaidecera o pobre major, que quasi o allucinara.

Um bello dia acudiu-lhe á inflammada e alcoolizada mente a extravagantissima idéa de pôr á prova os sentimentos do tão amado dynasta a seu respeito, e assim ordenou a um de seus officiaes que fosse a S. Christovam notificar-lhe a sua morte subita.

Partiu o subordinado no desempenho da commissão. Achava-se o imperador em um dos seus peores dias; quiçá enfurecido com as noticias de novas tranquibernias do

" Mano Miguel " em Portugal, ou as novas do seu tão demorado quanto difficultoso segundo noivado na Europa, talvez arrufado sériamente com a sua Domitila ou indignado com as audacias da opposição liberal. Certo é que estava a pedir um pretexto qualquer para explodir. Ao ouvir o communicado, respondeu em um desabafo injustissimo dos nervos: — Ah, morreu ! Que tenho eu com isto ? ! Pois que vá feder para longe ! »

Imagina-se como teria ficado o fiel e confiante servidor — anciosissimo pela resposta, que antevia balsamica e deliciosamente remuneradora da tão apregoada affeição — ouvindo do veridico mensageiro a fiel reproducção do recado imperial: "Sua majestade o imperador manda dizer a v. s. que vá feder para longe ! "

Foi o pobre diabo para a cama sériamente enfermo de traumatismo moral, relatavam os narradores, consoante a tradição do Exercito.

Era o caso de lhe offerecer o seu pastor evangelico, como assumpto de meditação naquelles dias longos, o texto biblico, amargamente repetido pelo conde de Strafford, ao marchar para o cadafalso, inauditamente abandonado que fôra, por seu amo Carlos I: " Aprendei a confiar nos principes ! ".

HISTORIAS DE VETERANOS

Um typo curioso, desapparecido do Exercito, era o do official dos nossos primeiros annos de vida autonoma, do veterano das guerras platinas e da Independencia, vindo dos primeiros postos e no genero daquelles marechaes da antiga França, em cuja mochila de soldado existira o bastão marechalicio — si nos é permittido reviver este qualificativo neologico esdruxulo., já hoje como que obsoleto e, ha oito annos atrás, a cada passo empregado nas refregas da campanha presidencial de 1910.

Pela bravura e o espirito soffredor, o patriotismo e o amor á carreira, quanta simples praça de *pret* não viera a galgar os differentes postos da hierarchia militar, attingindo os do officialato superior, e mesmo, por vezes, os do officialato general ?

E o mesmo se dava ou se dera recentemente, nos maiores exercitos do globo. Quantos marechaes napoleonicos, quantos generaes da Revolução não usaram a gravata de couro, e dentre elles quantas revelações do genio das batalhas não haviam surgido? E repetiam-se factos identicos entre Prussianos, Russos, etc.

Assim, no nosso minusculo exercito de antanho, ao lado da officialidade instruida nos collegios militares, juncto ao generalato, onde brilhavam os velhos nomes da aristocracia luso-europea e americana, appareciam, os humildes *routiers* promovidos por merecimento, os tarimbeiros, recrutados frequentemente a laço, rudes e quasi analphabetos, mas bravos, dedicados e fidelissimos. "Já no tempo da campanha do Paraguai", contava o conselheiro Magalhães Castro, "escasseara o typo. Mas ainda o havia abundantemente representado pelos velhos *coronelões* e brigadeiros, broncos e desbocados, mas cobertos de serviços e de gloria, retalhados de cicatrizes, muitos delles mutilados, fallando como negros minas, mas contando o que haviam visto nas luctas da Independencia e da Cisplatina, nas guerras civis e nas campanhas platinas. Ao mesmo tempo em que fundamente admiravamos estes soldados desaffrontadores dos aggravos da Patria no extrangeiro obstaculos á desaggregação do Brasil em tempos regenciaes, a malicia inseparavel do homem fazia que nos divertissemos, e muito, em contar as ingenuas e innumeras calinadas, as historias do *arco da velha*, repetidas por uma série de gerações militares, e cujos heróes eram esses rudes veteranos analphabetos. Assim, a cada passo se repetia o célebre grito lancinante de impaciencia, com que o brigadeiro X verberava a lentidão de seus auxiliares: — *Senhores! facilitem-me tudo! não me prostreguem as operações!*".

Assim tambem a reprehensão do brigadeiro Y, ao joven official, a quem dictava aponctamentos para uma parte: "Da columna inimiga tres terços, pelo menos, foram anniquilados. — Mas, sr. general, então ninguem escapou! — Escreva o que eu digo e deixe-se de *geographias*!"

De um major reformado, veterano da Independencia, era popularissimo em todo o Exercito o seguinte caso:

«Velho e alquebrado, dera-lhe o Ministerio da Guerra a guarda de um desses muitos fortins coloniaes, do genero da Barra de Santos, á entrada de um porto secundario qualquer, creio que na Victoria.

Juncto a um muro quasi em ruinas, encostava-se alguma colubrina, contemporanea de Vasco Fernandes Coutinho, donatario por el-rei d. João III, nosso senhor, da capitania espirito-sanctense.

Eis a que se reduzia o forte Ese; no dorso da terrivel peça se estampavam as quinas e os castellos; em sua alma, desde tempos immemoriaes, haviam tido o primeiro contacto com a luz meridiana innumeras ninhadas de nédios pintos.

Inutil é dizer que o nosso veterano immediatamente fizera cessar taes *abusos incubatorios*.

Assumindo o commando da praça — cuja guarnição se compunha de algum sargento ou cabo de rancho estropiado e duas ou tres praças "perrengues" ao último poncto, — de tal modo se compenetrara elle, que suppunha ter sob a guarda algum Gibraltar.

Do posto dos signaes aos navios que demandavam o porto, encarregara o sargento Vieira; este, um dia, esbaforido, relata ao seu commandante que um navio de guerra inglez não attendia aos chamamentos de explicação que lhe fazia o mastro semaphorico. Ia penetrar na bahia desobedecendo á fortaleza!

Correu o major ao baluarte e, instantes depois, fazia-se ouvir a colubrina trisecular, cuja voz em éras quinhentistas e seiscentistas tanto aterrorizara os Tupiniquins, e retrucara, bravamente á dos falconetes, pedreiros e bombardas dos inglezes de Cavendish e dos batavos de Piet Heyn.

Immediatamente estacara a nau britannica, vaso da divisão do Atlantico, que se occupava em policiar os mares contra os negreiros.

Arreado um escaler, não tardara que um *midshipman*, fallando o portuguez, cortezmente explicasse ao veterano o succedido.

Distrahido, não percebera o official de quarto os signaes do forte.

Sombrio ouvia o velho soldado de Labatut e Barbacena as

desculpas reparadoras do aggravo feito á soberania das aguas territoriaes do Brasil, ao Imperio, ao sr. d. Pedro II, á sua fortaleza, a elle major ! Era a primeira vez ! Os *bifes* mereciam uma resposta atravessada e elle a daria...

Amavel, accrescenta o parlamentario: que a bordo da fragata vinha um plenipotenciario, com instrucções especiaes de lord Liverpool, para a assignatura do novo tractado de commercio entre o Brasil e a Inglaterra.

Impavido e trovejante, retrucara-lhe então o terrivel major, a bater enfurecido com o punho direito no peito e a aponctar para o seu "inexpugnavel" baluarte: — Diga ao seu commandante que nesta barra não ha lord Liverpool, nem meio lord Liverpool, não ha sinão eu... e bala !»

Rezava segunda versão deste antigo *bateau*, nascido da imaginação de algum remoto gaiato do Exercito, que o iracundo e brioso veterano mandara transmittir o recado a sua majestade britannica em pessoa, si assim o entendesse, e exclamara: "Não ha aqui sinão lord Mim... e bala !"

Ainda sôbre as nossas fortalezas primevas "poderosamente" artilhadas e municiadas, como a de Santos, na praia do Góes, cujo commandante, como é tão conhecido, não pudera, á passagem de d. Pedro I, salvar, por innumeros motivos, o último dos quaes era não ter na occasião um unico grão de polvora nos paióes, — relatava o conselheiro Magalhães Castro, uma anecdota engraçada. Não é o caso, aliás, como para as demais, de lhe esquadrinharmos a authenticidade:

«A um forte do porto de certa capital de provincia commandava um veterano tarimbeiro, cujo logar-tenente era um tenente ou capitão Palha, rapaz instruido, official de carreira, por quem o seu superior professava incondicional admiração. "Seu Palha ! seu Palha !" ouviam-n'o chamar a todo o instante a consulta-lo para as minimas cousas.

Certa occasião estava a entrar no porto um navio, a cujo bordo vinha o novo presidente da Provincia. Annunciado o paquete, azafamado e nervoso, gritava o commandante: — Vamos salvar já, seu Palha, vamos salvar ! — Com que, sr. major ? Não recebemos ainda a polvora pedida, ha tanto tempo. — Mas como é que o sr., seu Palha, não a pediu ha mais

tempo ! — Já o fiz ha tres mezes, pelo menos, e várias vezes. — Bom, seu Palha ! E' isto ! recolha-se preso. — Bem, sr. commandante ! recolho-me preso. — Mas numa occasião destas é que o sr. me abandona, seu Palha ? — E' boa ! o sr. manda que me recolha preso, portanto obedeço. — Oh seu Palha, nunca pensei que o sr., num momento de apuros como este, deixasse só o seu velho commandante e amigo ! Com effeito, seu Palha. — Está bem, sr. major, então não o abandono. — Invente alguma cousa que nos salve, seu Palha ! — Vamos saudar o presidente com a bandeira, várias, muitas vezes e depois iremos logo a palacio explicar a nossa innocencia. — O sr. é um homem extraordinario, seu Palha, tem recurso para tudo...»

E assim proseguia o dialogo, interminavel, commentava o informante, tomando a historia as proporções do "Vamos atrás da serra, calunga ! "

Era questão terem os narradores imaginação e loquacidade e a praxe de nunca deixar de pôr o "seu Palha nas diversas apostrophes do velho major.

PALADINOS E RAMOLLOTS

Num livro publicado ha talvez cêrca de trinta ou trinta e cinco annos, creou o humorista francez Charles Leroy um typo litterario, characterizador do official tarimbeiro do antigo exercito francez: o do coronel Ramollot. Em oito ou dez capitulos de inexqueciveis *charges*, hyperhilariantes, firma-se inconfundivel e inapagavel a feição desse estupendo Calino militar, resmungão eterno, indesmontavelmente desembaraçado, mettediço e auctoritario, pontificante e taralhão, saïdo da fileira pela bravura e a antiguidade para attingir já velho o coronelato de infantaria.

Extinguia-se o typo; era uma raça a findar-se essa dos Ramollots, ante as condições dos exercitos e da guerra moderna, que não podem mais admittir soldados com aspirações aos altos postos, pela deficiencia do pesado preparo hoje exigido dos officiaes de todas as armas. Assim, teve Leroy a feliz idéa de o fixar e o fez de modo inexcedivel, a poncto de logo suggestionar a varios e desazados imitadores, a quem se deve uma litteratura tão forçada quanto indigesta, como

essa do auctor do *Colonel Ronchonnot*, si não nos trahe a memoria.

Das historias e pilherias de Leroy, ficaram muitas popularissimas em França, como os casos de "Ramollot no theatro", "Ramollot na exposição de pintura", e assim por deante.

Para nós, uma das faces mais interessantes da figura do *bravo tolo* é, porém, a sua feição de instructor dos commandados, as explicações que á sua soldadesca dá sôbre assumptos religiosos ou historicos.

Acode-nos logo á memoria a impagavel allocução em que, a fallar das campanhas napoleonicas e a narrar a batalha das Pyramides, explica: "Foi então que o grande imperador lançou uma das suas mais famosas ordens do dia, aquella em que disse: — Soldados! contemplae as Pyramides! durante quarenta seculos!"

Ramollots houve-os, e não poucos, no nosso exercito; ficaram alguns lendarios, cujas phrases até hoje circulam, provocando o riso.

Dentre elles o mais celebrado, talvez, haja sido certo brigadeiro, a cujo activo se averbavam as mais estapafurdias e asnaticas invenções. Tão bravo quanto estupido e ignorante, tudo quanto lhe attribuiam, immediatamente, adquiria os foros da verosimilhança e da verdade.

A seu respeito narrou-me o general Dionysio Cerqueira duas interessantes anecdotas:

Havendo em certa occasião apprehendido volumoso material telegraphico, escrevera ao marquez de Caxias, que toda a presa, infelizmente imprestavel para o serviço do Exercito, se achava contudo em excellente estado de conservação.

Intrigado de similhante contradicção, interpellara-o o marquez: — "Como assim? — Certamente, não vê v. ex. que só nos transmittiria telegrammas em guarani?"

Em outra occasião, succedendo desabar sôbre o acampamento brasileiro formidavel trovoada, vira-se o pobre brigadeiro, aphorismadissimo, mandar aos seus ordenanças que a toda a pressa varressem o soalho do grande commodo, onde se alojava o quartel-general de sua brigada e a gritar — "Que

perigo! com esta trovoada! mas que perigo!" E, como um official indagasse da causa de tão estrambolica providencia, respondera-lhe o nosso Ramollot, escarnecedora e superiormente: "Homem! o senhor nem parece um moço de estudo! Então nada sabe sôbre o poder e o perigo das pontas em electricidade?! E' simplesmente pasmoso!"

E assim preleccionando ao ignaro interlocutor embasbacado apontava-lhe o novo e digno professor de Electrologia o chão litteralmente coalhado de pontas de cigarro...

Em alguns dos rascunhos que a meu pae serviram para a redacção de suas *Memorias*, entregues á guarda do Instituto Brasileiro, encontro uma série de interessantes calinadas attribuidas ao mesmo general, personagem lendario no nosso *folk-lore* militar, si tal expressão é cabivel.

Contava-se que a seu secretario, dictando um dia a parte official de certo combate que dirigira, exclamara arroubado: "Olhe, tenente! não exqueça mencionar que no fim os Paraguaios debandaram, possuidos de um *terror pandego*". Diziam tambem que, ao voltar, estrompado de um reconhecimento, declarara sentir os *pés intransitaveis;* por varias vezes se mostrara deslumbrado com o *luxo asinatico da China,* tal, sustentado por um official superior; ao chegar a uma villa abandonada pelo inimigo, escolhera para o seu quartel general uma casa de *genealogias verdes*... E assim por deante, pois no Exercito havia muito quem vivesse a attribuir ao pobre general quanta imbecilidade se podia inventar.

Nos rascunhos a que alludi tambem se me deparam algumas anecdotas bastante curiosas, referentes aos capellães militares que accompanhavam o nosso Exercito no Paraguai e em Matto-Grosso. Uma vou reproduzir, por me parecer typicamente soldadesca.

Entre esses capellães abundavam os Capuchinhos, geralmente italianos, zelosissimos curadores da alma e defensores dos corpos, mas, geralmente tambem, muito pouco instruidos.

Excepções havia e honrosas; assim, dentre taes padres soldados, é muito conhecido, por exemplo, frei Fidelis Maria de Avola, morto ha uns vinte annos, no Rio de Janeiro, coronel honorario do nosso Exercito, illustrado sacerdote e abnegado servidor do Brasil nos campos de batalha, nos hospitaes

de sangue e nos de cholericos, onde durante annos continuamente arriscou a vida.

Coubera-lhe, a pedido, a missão perigosissima de procurar convencer aos restos da guarnição de Humaitá refugiada no Chaco que capitulasse; tenaz, insistira em parlamentar, quando numerosas vezes o receberam saraivadas de balas. A homenagem prestada a seus serviços, consignada por Pedro Americo no grande e conhecido quadro da *Batalha de Campo Grande*, é a mais justa. Vê-se-o, á extrema direita do pri-
mais abominavel sermão, cujo exordio fôra: "Ha muitos an-
official brasileiro mal ferido, a quem dá a absolvição.

Dentre os capellães capuchos um havia, optimo padre, mas detestavel e ignaro prégador, com quem mantinha constante, antiga e grosseira turra um official, summamente antipathico, aggressivo e insolente.

Num dia de missa campal prégara o bom Franciscano o mais abominavel sermão, cujo exordio fôra: «Ha muitos annos, quando em França reinava d. Manuel III...."

Finda a ceremonia, estava o nosso prégador a conversar num grupo de amigos, quando delle se acercou o official, seu, aliás gratuito desaffecto, que num tom de desprêzo e chacota, sem tir-te nem guar-te, lhe foi logo desfechando...

— " Que historia é esta, padre ? Si em França jámais houve d. Manuel II, onde foi o senhor buscar esse d. Manuel III ?"

Ficou o pobre Capucho a estourar de ira e confusão, mas ainda se conteve e humildemente replicou: — " Este pormenor não tem grande importancia. O que vale é o facto relatado e de que desejava tirar as approximações que o senhor ouviu. Si não era d. Manuel, seria d. Antonio ou d. José...."

— " Tambem não os houve em França, redarguiu o reparador do modo mais escarninho e atrevido".

Ahi, perdendo o resto da paciencia, disse-lhe o padre exasperado:

— "Seria então d. Pedro ou d. Paulo, ou dom vá plantar batatas ou dom vá para o diabo que o carregue ! "

Relatava o auctor das *Memorias*, que o mofador teve de bater em célere retirada sob a estrondosa assuada de risos e applausos dos circunstantes, nascida da terrivel réplica ultra-soldadesca do capellão, cujas apostrophes finaes me vi na contingencia de pudicamente paraphrasear.

CAVALLARIANOS E PIÁS

Foram sempre os officiaes de fazenda e os aprovisionadores de viveres dos corpos armados, em todos os exercitos do mundo, o alvo das pilherias e gaiatadas dos seus companheiros de armas. Sôbre as vivandeiras antigas e os *feijões* dos nossos dias, por exemplo, existe um *folk-lore* abundante, onde quer que seja, em qualquer paiz.

E' immensa a collectanea de anecdotas e cantigas francezas, que sôbre as *cantinières* versam.

Umas brejeiras, outras maliciosas, outras irreproduziveis ainda, celebrando a feição, os actos e gestos desses como que androgynos appendices dos regimentos.

No nosso exercito, quero crer, a instituição nunca floresceu. Jámais ouvi a tal respeito a minima referencia; em compensação, abundam as historias sôbre os *feijões*.

De uma dellas me recordo, bastante curiosa, que se liga, segundo o narrador, a um dos nossos mais illustres paladinos do Paraguai, cuja bravura corria parelhas com o arrebatamento e as explosões de cholera furiosa.

Encarregara este general a um official graduado de fazenda da installação do seu quartel-general e, agastado com a excessiva demora do cumprimento de ordens, viera a interpella-lo sôbre o caso. — "Está quasi tudo prompto", respondera-lhe o arguido, homem pretencioso, birrento, mesquinho, por todos antipathizado, *ranzinza* como poucos, como se diria hoje, e além de tudo muito grosseiro e atrevido.

Todos lhe temiam a meticulosidade insupportavel e pequenina, as manias e a obstinação inconvencivel. — "Por estes dias, desde que compre mais alguns pertences indispensaveis, entreguei a casa", promettera.

Dias e dias decorreram, porém, sem que a situação se alterasse.

Irritado ao ultimo ponto, voltara o general a syndicar das causas da intermina espera, mandando afinal, por uma ordenança, laconico *ultimatum* ao implicante correspondente.

— "Mande-me pelo portador as chaves da casa!"

Não se fez esperar a resposta. — "Com todo o gôsto o faria, si já houvesse podido comprar o que ainda me falta;

escarradeiras de louça, de que se acha actualmente o *commercio* desprovido ".

Eufureceu-se o general, mas, contendo-se ainda, redarguiu-lhe de torna viagem. — " Em tempo de guerra, cospe-se pelas janellas, ou mesmo, si não houver outro meio, no chão. Mande as chaves ". — " Isto poderão fazer v. ex. e os porcos ", retrucou-lhe valentemente o *feijão*, traçando a sua bella calligraphia burocratica por baixo dos rudes garranchos do guerreiro.

Pela terceira vez, dahi a minutos, veio-lhe o bilhete ás mãos; renovando o episodio de Waterloo fazia o nosso paladino de Cambronne a apostrophar o general inglez intimador da sua rendição. — " Como retrucar a similhante bruto ? " Meditando sôbre o caso, achou melhor o *feijão* não descer da sua dignidade; tudo tinha a ganhar, conservando uma serenidade que suppunha olympica, ao discutir com o *tarimbeiro*.

— " Neste terreno não posso accompanhar v. ex., a quem mandarei ainda hoje os meus padrinhos. " — " Não seja bobo ! Mande as chaves em vez de padrinhos, e mais uma vez... (aqui se inseria novamente a phrase waterlooniana do heroico commandante da Guarda Imperial Franceza). " — " Cedo ante tanta violencia, mas saiba v. ex. que, já que recusa bater-se, de tudo informarei a s. ex., o sr. visconde do Herval, afim de o pôr ao facto dos processos pelos quaes v. ex. tracta officiaes graduados, no cumprimento exacto dos seus deveres. "

Assim, a correspondencia encerrando com esta ameaça de escandalo, que antevia fatal ao contestante, ficou o digno duellista recusado certo de que o assustaria sériamente.

Mal imaginava elle que o desfecho da questão seria o verdadeiro frouxo de riso provocado ao heroe de 24 de Maio pela narrativa do pouco oloroso incidente. Imagine-se como se teria retirado da audiencia o pobre e plangente *feijão*, sequioso de justiça e reparação e recebedor de tão pouco austero acolhimento, desmoralizador de sua compostura e gravibundez. Si ao menos isto o corrigisse...

Que autheticidade terá a historia ? E' o que me não atrevo a discutir, repetindo-a como a ouvi, a titulo de tradição recolhida, de aliás excellente fonte.

Typo pittoresco e inconfundivel, por excellencia, porém, no nosso Exercito reunido no Paraguai, era o do *cavallariano*

rio-grandense, quer o dos officiaes, improvisados militares de linha, saïdos dà Guarda Nacional da provincia, quer o dos simples *piás*, seus commandados, tão differentes dos demais brasileiros, *barrigas verdes, biribas* e *bahianos*, a fallar um portuguez acastelhanado, repleto de locuções e figuras hippicas, de *potrilhadas* e *potranquices, haraganos* e *buenachos*.

Era-lhes o prestigio enorme, quer pela reputação tão merecida da bravura, quer pelo valor dos seus principaes chefes. Basta dizer que o grande Andrade Neves, barão do Triumpho, saïra das fileiras dessa brava milicia. E, com elle quantos mais, temiveis adversarios, dentre o exercito partido do Rio Grande do Sul com Osorio, Porto Alegre, João Manuel Menna Barreto, São Borja e outros illustres cabos de guerra!

Do que valia realmente essa Guarda Nacional, haviam os Paraguaios, desde os primeiros dias da invasão do Rio Grande, tido conhecimento, quando em Butuhi lhes derrotara forte columna a bisonha, pequena e pessimamente armada Primeira Brigada, a que commandava o coronel Antonio Fernandes de Lima, secundado por logares-tenentes, como os bravos Juca Doca, commandante dos clavineiros; Chico Tico, do 23° provisorio de cavallaria, e outros humildes e estrenuos defensores do sólo brasileiro, ás pressas convocados para enfrentar o vandalico invasor.

No Paraguai proseguira a epopéa dos cavallarianos do Sul, illustrada pela passagem do Passo da Patria, pela carga de 24 de Maio, pela insania épicamente admiravel de Curupaití e tantas outras.

Cheios de feições originaes, aos *cavallarianos* do Rio Grande distinguiam, geralmente, a simplicidade absoluta, a ingenuidade por vezes rudissima das observações, o pittoresco das comparações na sua meia lingua portugueza fronteiriça, repleta de phrases onde as approximações com o genero de vida pastoril a cada passo surgiam, sobretudo as que se reportavam ao cavallo, a franqueza tão frequentemente inconvenientissima das expansões, emfim, toda a série de manifestações da alma recta e leal desses homens, quasi todos muito rudimentarmente instruidos.

Haviam alguns de taes antigos soldados das luctas de Cisplatina, das correrias de Chico Pedro e mais caudilhos no Estado Oriental, dos longos annos de combate da guerra dos

Farrapos, das campanhas contra os Rosistas e os Blancos, realizado como que a encarnação do typo de sua gente.

Assim, por exemplo, entre tantos mais, esses Manduca Cypriano e Amaral Ferrador, popularissimos no Exercito, cujos dictos, facecias e franquezas tinham a maior circulação.

Amigo velho de Caxias, desde os dias em que o illustre guerreiro andara no Rio Grande a bater-se e a congraçar Farrapos e Legalistas, professava Manduca Cypriano o maior devotamento, quasi idolatrico, pelo vencedor de Itororó e Avahi.

Estavam, contava o conselheiro Magalhães Castro, desde muito as operações de guerra paralysadas, naquelle longo periodo de reorganização, decorrido da chegada do inclyto condestavel do Segundo Imperio ao acampamento brasileiro, aos dias da famosa marcha de flanco.

Sabe-se geralmente quanto os mais notaveis proceres do Partido Liberal, então senhor da situação politica, hostilizavam o grande homem pelo facto de ser um dos maiores vultos da aggremiação a elles politicamente adversa. Não lhe poupavam as mais acerbas criticas e os mais duros doestos, pela imprensa e pela tribuna parlamentar, ao *sargentão*, como tantos chamavam ao Pacificador.

Era então a rua do Ouvidor o poncto de reunião, onde diariamente e do modo mais animado se discutiam as questões estrategicas da campanha paraguaia entre os especialistas e technicos, a que o gavrochismo carioca tão feliz quanto vingadoramente alcunhara: *os generaes da rua do Ouvidor*. Ao patriotismo destes tacticos, politicões, officiaes *embusqués*, gente de toda a especie, bem cabia a ironia terrivel da famosa caricatura contemporanea de Forain: a que representa dous burguezões, millionarios e obesos, a chuchurrear *cock tails* na varanda de um hotel de Nice, observando um delles ao amigo: "Mas que vergonha! Ha tres mezes que nós não progredimos na frente occidental".

Ao acampamento brasileiro chegavam os échos da virulencia, com que os taes *generaes da rua do Ouvidor* atassalhavam a honra e os serviços do grande Caxias. A alguns de seus admiradores ferventes, fóra dos gonzos punham infamias.

« Em certa occasião, contava o conselheiro, ao auge attingiram as insolencias e despropositos desses estrategistas, quasi

sempre formados em S. Paulo e Olinda, ou então autodidactas rabiscadores de artigos, ou ainda chronicos e fosseis militares, cujo debil estado de saude afastava do theatro da guerra, onde nunca pisara a maior parte de taes generaes de espada virgem e marechaes por antiguidade absoluta.»

Entre aquelles, a quem mais enfureciam estas injúrias, estava um dos phanaticos de Caxias, o estimadissimo coronel rio-grandense Manduca Cypriano. «Si o velho deixasse, dizia elle, ia-me daqui para a Côrte com meia duzia dos meus *piás* — era quanto bastava ! e varriamos a tal rua e os taes *generaes* a rebenque, que não ficaria cara sem marca, para sempre.»

E certamente o faria o terrivel, o impavido cavallariano.

De dous caudilhos do seu estofo ouviu meu pae curiosas réplicas, characteristicas quanto possivel da singelleza rude e ingenua dos guascas heroicos daquelle tempo.

Estivera um delles no Rio de Janeiro, onde se lhe deparou o ensejo de conhecer a mulher de alta patente do Exercito. Apenas de volta ao acampamento fôra ter com o general, marido da senhora em questão, a quem gentilmente deu boas noticias da familia, concluindo pela seguinte *amabilidade*, nascida de uma approximação hippica, altamente gaúcha: "Tive a honra de conhecer a mulher de v. ex. Meus parabens ! V. ex. está *bem montado !*"

Em determinada occasião perguntou, a um segundo desses centauros, certo general titular, então commandante chefe das nossas fôrças e cuja pudicicia era no Exercito proverbial: — — Coronel, quantos filhos tem o sr. ? — Nenhum. Minha mulher é como a de v. ex., é *machorra* — Machorra ? redarguiu-lhe imprudentemente, quiçá abstracto, o interpellante. Que vem a ser machorra ? — Egua que não dá cria, explicou tranquilla e innocentemente o rio-grandense, ao passo que o curioso, rubro como uma lagosta, a custo disfarçava o constrangimento, e os circunstantes mal podiam suster o riso provocado pelo comico da imprevista e pittoresca situação.

III

D. PEDRO I E SEUS MERCENARIOS

Entreteve Portugal, constantemente, no nosso paiz, effectivos militares muito mais fortes do que os exercitos do

Brasil independente, si attendermos ás proporções entre a população colonial e a da nação livre. Assim, epochas houve em que o militarismo luso chegou ao poncto de se tornar verdadeiro flagello para a grande colonia sul-americana. Sobretudo para as regiões fronteiriças como a Capitania de São Paulo, nucleo de resistencia aos Castelhanos, numa epocha em que o Rio Grande do Sul se achava ainda deserto. Numa de suas eruditas e interessantes memorias demonstrou Antonio Piza, que na segunda metade do seculo XVIII havia em S. Paulo seis mil homens em armas, e isto quando a população da Capitania pouco excedia de cem mil almas. Era como si a nossa garbosa e modelar milicia estadual em vez de dez ou onze mil praças constituisse um exercito de cento e oitenta mil homens.

E' preciso notar, porém, que de S. Paulo irradiavam naquella epocha soccorros para a defesa das campinas rio-grandenses e do Sul de Matto Grosso. Dahi a subordinação do presidio de Iguatemi ao govêrno paulista.

Seja como for, era por demais pesado o tributo imposto ás populações brasileiras pelo Governo da Metropole, sob a fórma da manutenção de grandes effectivos militares aquartelados nas principaes regiões do paiz.

Com a vinda de d. João VI, em cuja companhia tantos militares deixaram Portugal, augmentou e muito o total do exercito luso-brasileiro, agora encabeçado por volumoso estado-maior de officiaes generaes e superiores.

Deste exercito numerosas tropas se recolheram ao reino, quer antes do 7 de Septembro, quer após os acontecimentos das campanhas da Independencia. Assim se deu com as divisões de Jorge de Avilez, no Rio de Janeiro, e os pequenos exercitos capitulantes de Pinto Madeira na Bahia e d. Alvaro de Sousa de Macedo, em Montevidéo.

Varios corpos do antigo exercito do Reino Unido adheriram á nova ordem de cousas, é verdade; numerosos officiaes de todos os postos, quer no Exercito, quer na Marinha, com toda a lealdade e desinteresse de sentimentos lusitanos acceitaram servir o paiz em que já se achavam.

Dentre esses Portuguezes recem-incorporados á nação fundada por d. Pedro I, basta citarmos os nomes de Lecor,

Cunha Mattos, Soares Andréa, Bellegarde, Alincourt, entre os officiaes generaes, para que se attestem estes sentimentos de profunda lealdade e dedicação ao Brasil, por parte destes filhos adoptivos. Milhares de homens, porém, officiaes e soldados, haviam deixado as bandeiras, pondo o joven imperador em verdadeira difficuldade para a organização do seu exercito e sua armada. E isto numa epocha cheia de difficuldades e apprehensões, em que a auctoridade imperial se via ameaçada pelos sentimentos de forte republicanismo latente em todo o paiz, e contra a integridade do Imperio conspiravam os Hispanhóes do Prata.

Para as campanhas da Independencia angariara Pedro I para a Marinha forte nucleo de excellentes officiaes extrangeiros, inglezes, sobretudo, como os gloriosos lord Cochrane, Norton, Parker, Greenfell, Taylor, Jewett, ao lado de velhos e optimos servidores de ordens, Theodoro de Beaurepaire, etc. Dos exercitos reaes lhe haviam ficado outros não menos fieis e uteis como o conde de Beaurepaire, o conde d'Escragnolle, entre varios.

Ao inglez Cochrane commetteu, como todos sabem, o bloqueio naval da Bahia, em 1823, enquanto o francez Labatut era posto á testa das fôrças de terra que combatiam as unidades do exercito portuguez de Pinto Madeira.

De prompto — desorganizadas como haviam ficado as fôrças de terra e mar do Brasil — não pudera o monarcha recorrer a serviços mais conspicuos do que os desses guerreiros, muitos dos quaes formados na longa eschola das campanhas napoleonicas e então disponiveis, graças ao apaziguato geral do mundo após a quéda do vencido de Waterloo.

Foram estes marinheiros e estes soldados que, ermãmente ligados aos nossos officiaes, prepararam os excellentes discipulos, graças aos quaes tantos louros cobriram o pavilhão auri-verde nas campanhas libertadoras do Segundo Imperio.

Composta a officialidade dos nossos regimentos quasi exclusivamente de Portuguezes, e abertos nos quadros enormes claros com a retirada dos elementos lusos, após 7 de Septembro, viu-se Pedro I forçado a recrutar officiaes de todas as nacionalidades. Tanto delles precisava quanto de soldados, e como preferisse poder dispôr de tropas compostas de

europeus — cujo aguerrimento tinha outro *training*, que não os contingentes brasileiros — pela Europa espalhou agentes recrutadores de mercenarios. Desejava, sobretudo, uns dous ou tres milhares de soldados-germanicos, e assim com afinco procurou arregimentar este *quantum*.

Determinara tal preferencia, além do facto da imperatriz ser austriaca, a circunstancia de, desde seculos, se constituirem habitualmente os paizes allemães em viveiro de mercenarios. E realmente, desde os reitres e lansquenetes das guerras religiosas de França, dos bandos ferozes de devastadores da Italia, como os de Furstenberg no seculo XVI, das tropas acaudilhadas dos grandes *condottieri* protestantes e catholicos, da guerra de Trinta Annos, typo Mansfeld ou Wallenstein, das companhias de aventureiros empregadas pelos Hollandezes nas suas expedições ultramarinas, eram os paizes teutonicos considerados como inexgottaveis fornecedores de mercenarios. Ainda em fins do seculo XVIII não haviam os pequenos principes do Rheno acudido ao govêrno britannico com milhares de soldados destinados á repressão da revolta das colonias da Nova Inglaterra, de onde haveria de surgir a Confederação Norte-Americana ?

Desses agentes de d. Pedro I o mais conhecido é o dr. Jorge Schäffer, o "excellente Schäffer", como lhe chamava a imperatriz d. Leopoldina, o amigo, o confidente do coração maguado pelas infidelidades do marido e a sua rudeza, pelas agruras de uma vida de humilhação constante, desde que a marqueza de Santos por completo empolgara os sentidos do ardente Pedro I.

A 12 de Junho de 1824 escrevia-lhe — naturalmente auctorizada pelo marido —, recommendando que despachasse "mais tres mil homens, todos moços e solteiros", além do numero fixado anteriormente, oitocentas praças. A 15 de Março de 1825 contava-lhe "que o imperador estava extraordinariamente satisfeito com os primeiros soldados vindos da Allemanha. Recompensava-o, nomeando-o official do Cruzeiro e "*chargé d'affaires*" do Brasil juncto ás cidades hanseaticas. Mandasse elle, o mais rapidamente possivel, dous mil novos engajados".

A 10 de Maio de 1826 relatava a soberana ao seu sempre excellente Schäffer que d. Pedro I " fazia votos para que o seu agente houvesse contractado alguns milhares de homens". E pouco depois partia-lhe da alma um grito de dôr causado pelo triumpho da favorita. E assim mesmo não precisava o caso, apenas vagamente, alludia á acção "de mulheres infames, como si fossem Pompadour e Maintenon". Acaso receiaria que a carta ao fiel correspondente se extraviasse e fosse ter ás mãos do marido brutal ?

Ao mesmo Schäffer chamava d. Pedro I — "Meu Schäffer" em 13 de Junho de 1824, agradecendo-lhe muito reconhecido a remessa de mercenarios e pedindo-lhe mais gente. Não queria colonos casados, e sim rapaziada solteira. Não fizesse caso das recommendações do visconde de Cachoeira, ministro de Extrangeiros, que lhe ordenara o sustamento das remessas.

« Mande, mande e mande, pois lhe ordena quem o ha de desculpar e premiar, pois he seu Imperador.»

Pela intimativa se vê quanto interesse ligava Pedro I aos mercenarios, que desejava arrolar para a defesa do seu throno ainda pouco estabilizado.

No decorrer de 1825 chegavam ao Rio de Janeiro fortes contingentes de soldados teutões, angariados pelo " excellente " Schäffer.

Mais tarde, talvez para contrabalançar o poder desses pretorianos, procedeu-se ao engajamento de Irlandezes. Ao romper a campanha cisplatina muitos desses mercenarios partiram para as fileiras do exercito do marquez de Barbacena e em Ituzaingo bateram-se muito bem.

A LITTERATURA DOS MERCENARIOS

Teve d. Pedro I aborrecimentos innumeros com os seus mercenarios allemães e irlandezes. Delles não se podia, certamente, esperar grande cousa, aliás.

Bastava a qualidade de vendilhões de sangue para que pouco se avaliasse de sua dignidade e condição. Manda porém a justiça se accrescente que muitos de taes emigrados ao Brasil haviam vindo absolutamente illudidos, pretendendo apenas melhoria da miseravel condição, como se empregarem na Agricultura ou no Commercio. Numerosos os que com verdadeiro

desespêro viram quanto haviam sido engodados, delles apenas se desejando o serviço militar.

Fôra o Schäffer dos irlandezes certo coronel Cotter, homem de escrupulos frouxos, dizem-no depoimentos dignos de credito, e um desses alliciadores de rebanhos humanos, que nada mais enxergam sinão o *quantum* a ganhar por cabeça.

Havia a escolha dos mercenarios sido geralmente muito má, como era de esperar, tanto em relação aos allemães quanto aos irlandezes.

Turbulentos e intemperantes, foi preciso submettel-os a uma disciplina ferrea. Entregou-se o commando dos batalhões de extrangeiros a officiaes conhecidos pela energia, commissão aliás summamente desagradavel a muitos desses militares.

Sendo nomeado commandante do Primeiro de Extrangeiros, representou o conde d'Escragnolle ao então ministro da Guerra, marquez de Lages, quanto lhe era penosa a incumbencia. Assim pedia licença para della declinar.

Respondeu-lhe o ministro, " para lhe desvanecer as idéas pouco favoraveis ", assegurando-lhe quanto era honrosa a nomeação; fôra da escolha directa de sua majestade, " quando se hesitava na escolha de um official benemerito para tal fim ". Além de tudo tivesse alguma paciencia, pois o Governo esperava breve poder substitui-lo por um official " especialmente contractado na Europa e a chegar ".

Si os mercenarios se comportavam mal, fôrça é convir que muito graves queixas podiam articular contra o passadio e o tractamento recebidos no Brasil, summamente diversos daquelles com que lhes acenaram os engajadores.

Dahi o seu descontentamento e, afinal, a grave sedição, que em Junho de 1828 ensanguentou as ruas do Rio de Janeiro, causando ao imperador e seus ministros as mais graves apprehensões e receios.

Já haviam os allemães sido ludibriados nas suas esperanças, fugindo o Governo ás promessas solennes de seus agentes, quando chegaram os Irlandezes, diz o padre Galanti.

A estes se acenara, além da gratuidade da passagem, o salario de um shilling por dia, e o fornecimento gratis de alimentos e vestuario, durante certo prazo.

Passados cinco annos de serviço militar, teria cada soldado uma concessão de quarenta geiras de boas terras.

«A primeira impressão ao desembarcar foi horrivel de parte a parte, nota o historiador italiano. Eram uns tres mil colonos, a maior parte solteiros, mal vestidos, descalços, macilentos, feios, manifestando extrema miseria e prostração physica. As massas infimas da sociedade apuparam esses infelizes, como hordas de bandidos, enquanto do cáes passaram para os quarteis, onde o Governo os recebeu, por não ter feito, com antecedencia, os preparativos convenientes.

Desgostosos, portanto, os colonos por não acharem as felicidades que esperavam, começaram a clamar que os reconduzissem para a sua terra natal. Fez o Governo que as familias se recolhessem á Praia Vermelha e de lá, quanto antes, para o interior, onde quer que apparecessem terras devolutas para a colonização. Aos solteiros propoz o serviço militar, offerecendo-lhes premios adeantados. Recusaram a principio esse serviço, cedendo apenas quando viram não haver outro remedio para os seus males.

Levantou-se um brado geral de indignação, que echoou em todo o Imperio e fóra delle, contra similhante systema de contractar colonos. O coronel Cotter desmoralizara, diziam, a colonização, que ainda pretendesse dirigir-se para o Brasil; o Governo, por seu lado, compellindo esses infelizes a assentar praça, concorrera poderosamente para augmentar a indignação delles, que mandaram publicar na Europa repetidas e amargas queixas, pintando o Brasil como um paiz selvagem.»

Nada mais natural portanto do que a rebellião dessa pobre *chair à canon*, toda ella, além de tudo, muito mal escolhida, relatam unanimes os chronistas.

Revoltaram-se os tres batalhões de extrangeiros, dous de allemães e um de irlandezes, num total de dous mil homens, entre os quaes avultaria certamente o *gibier de potence* da feliz expressão franceza, os candidatos á forca.

Assassinaram os Allemães aquartelados na Praia Vermelha o major Benedicto Theodulo, que procurava conte-los, e começaram o saque do bairro, imitando-os os Irlandezes ao terem conhecimento de taes factos.

Precisou d. Pedro I requisitar das divisões navaes ancoradas no porto do Rio, franceza e ingleza, o desembarque de

fôrças, sendo o palacio de S. Christovam guarnecido por seiscentos marinheiros anglo-francezes.

Em tres ponctos da cidade travou-se renhida batalha entre os mercenarios e a tropa brasileira de linha e de policia auxiliada por milicianos e cidadãos armados.

Renderam-se os Allemães após terem umas cincoenta baixas, e os Irlandezes pouco depois, havendo perdido cêrca de septenta homens. Quarenta e tantos mortos tiveram as nossas fôrças.

Foi a repressão severa; a um dos cabecilhas fuzilaram, recebendo muitas praças severos castigos.

Desgostoso e assustado, dissolveu d. Pedro I os corpos de mercenarios. Dos Irlandezes, trezentos foram enviados para a Bahia, e dos Allemães, seiscentos para o Rio Grande do Sul, como colonos. O resto regressou á Europa ou foi enviado ao Canadá, a pedido da legação ingleza.

O contracto de mercenarios foi, pois, um dos maiores vexames e vergonhas, dos mais desastrados para o govêrno de Pedro I.

Não é das mais avultadas a bibliographia referente a esses episodios da nossa Historia. Alguns dos Allemães escreveram a seu respeito; entre os Irlandezes, ninguem, ao que nos conste traçou as reminiscencias pouco agradaveis de sua estada no Brasil.

O que da "litteratura dos mercenarios" sabiamos cifrava-se a poucos volumes: *Os dez annos no Brasil*, de Carlos Seidler, official do 27° de caçadores; *Minha viagem ao Brasil no anno de 1826*, de Mansfeld, e *O Brasil como imperio independente*, de Schäffer.

Deparou-se-nos o ensejo de conhecer um quarto livro, não mencionado, aliás, nem no monumental catalogo de Ramiz Galvão, base da nossa Bibliotheca, nem na opulenta documentação com que Alberto Rangel alicerçou o seu *D. Pedro I e a Marqueza de Santos*.

Encontrámo-lo na bibliotheca do Museu Paulista e lhe percorremos as páginas, graças a uma excellente traducção do sr. dr. Vicente de Sousa Queiroz, que lhe consagrou uma parte dos seus lazares de erudito e incançavel ledor. Vertendo-o do modo mais fiel, fê-lo com a melhor vernaculidade e verdadeira elegancia e respeito absoluto á pureza do texto.

Traz a folha de rosto do livro, volume de 300 páginas in 16°, aliás inesthetico quanto possivel, ou antes feissimo — uma série de longos dizeres, muito ao sabor dos auctores teutonicos: " Quadro alternados de viagens maritimas e terrestres, Aventuras e Successos, Golpes de Estado, Descripção dos usos e costumes dos povos durante uma viagem ao Brasil e uma permanencia no mesmo paiz de dez annos, de 1825 a 1834, com informações ácerca da sorte dos allemães emigrados para o Brasil ".

Impresso em Hamburgo no anno de 1836 pelos editores Hoffman e Comp., assigna-o Eduardo Theodoro Bösche, ex-official do Exercito brasileiro.

E' este livrinho, hoje, summamente raro, informou-nos o sabio Capistrano de Abreu, que lhe tem os depoimentos em alta conta, pela sinceridade e veracidade das informações. Obra de um desilludido e de um despeitado, contém fundas queixas, amarissimas recriminações, severas criticas e apreciações acêrca das cousas e dos homens do Brasil. E' contudo quasi sempre interessante; da sua narrativa resalta nitidamente a impressão da verdade. O azedume com que o auctor falla do Brasil, onde declara haver soffrido mil e uma calamidades, não lhe oblitera o sentimento da justiça; assim é que, acêrca dos compatriotas, emitte opiniões sobremaneira severas e frequentemente encontra o que elogiar do Brasil e dos Brasileiros (1).

AVENTURAS DE EDUARDO THEODORO BÖSCHE

Nascido na cidade de Hannover, em 1807, rapaz de imaginação precoce e ardente, viu-se Eduardo Theodoro Bösche, aos 17 annos de edade, sériamente desilludido acêrca do futuro. Em sua patria, superpopulada, carreira alguma se lhe antolhava capaz de o conduzir a feliz futuro. Pobre e sem posição, embora instruido e intelligente, em nada o podia ajudar a familia. Assim, pensou em emigrar e, como soubesse que em Hamburgo se angariavam colonos para o Brasil, resolveu emprehender uma viagem á America do Sul. Leituras di-

(1) A traducção deste curioso livrinho já foi publicada no tomo 83° da nossa *Revista*. — Da Direcção.

versas que sôbre o nosso paiz fizera — representando-o como uma terra de promissão — haviam-lhe sobremodo inflammado a mente. Nessa terra tão rica e baldia de gente ainda, certamente lhe sorriria a vida, tanto mais quanto não só se sentia forte e intelligente, como dispunha de real instrucção.

Em Dezembro de 1824, abandonava a cidade natal, della se desprendendo contudo a chorar e a appellar para todas as suas energias.

Em Hamburgo, pediram-lhe várias pessoas benevolas e sympathicas, que do intento desistisse, presagiando-lhe tetrico futuro. *Alea jacta erat*, porém.

Apresentou-se então ao agente do governo de d. Pedro I o dr. Schäffer, personagem avelhantado, cujo aspecto lhe causou muito má impressão pela fealdade, o *facies* typico de alcoolatra e os ares charlatanescos.

Tinha muita labia, porém, o alliciador de colonos, e facil lhe foi com meia duzia de chavões convencer ao rapazinho de que deveria partir para o Rio de Janeiro.

Seguisse com a leva de colonos embarcada no transporte *Wilhelmine*, ancorado no porto de Hamburgo, já alistado como official do Exercito brasileiro. Nada sabia Bösche dos antecedentes do representante do Governo imperial, juncto ás cidades hanseaticas; si o soubesse não se teria talvez deixado embellezar pelos discursos fallazes de tão dubia personalidade.

E, com effeito, não passava o confidente, o amigo fiel da boa imperatriz Leopoldina, de formidoloso velhaco e refalsado tratante, cuja parolagem impudente conseguiu embaçar a soberana, personificação da boa fé e de lealdade.

Aventureiro sem escrupulos, intrigante audaz, é o que de Schäffer diz Adalberto de Chamisso, o illustre escriptor francez, germanizado, e até certo ponto *pendant* do allemão francisado que foi Henrique Heine.

Durante tres annos, de 1815 e 1818, viajou Chamisso á volta do mundo, no brigue *Rurik*, do commando do illustre navegante e explorador russo Kotzebue.

Ao aportar nas ilhas de Hawai, soube que em todo o archipelago sandwichiano forte agitação reinava, devido ás manobras de um allemão, dr. Jorge Antonio Schäffer, me-

dico do navio russo *Suwaroff*, cujo capitão era certo Lazareff.

Em 1815 chegava Schäffer a uma das Sandwich, a ilha de Sitcha, dizendo-se delegado por Baranoff para colheita de material scientifico naquella zona do Pacifico. Mais tarde se fizera o representante de uma empresa russo-americana. Angariara a sympathia e a protecção do rei Kamehaméa e percorrera então o archipelago hawaiano. Nesta occasião dous navios russos, ancorados na ilha de Oahu, apossaram-se desta terra, içando o seu pavilhão, em signal de posse.

Reagiram os Canacas, apoiados e dirigidos por alguns Europeus, " sendo os arrogantes extrangeiros obrigados a embarcar" . "Não se sabe ao certo", accrescenta o conde de Chamisso, " a parte que o dr. Schäffer coube nestes factos. Contra elle existia, contudo, entre os naturaes grande indignação".

Não desanimára o intrigante, contudo, com este primeiro fracasso. Passando a visitar a parte occidental do archipelago, conseguira, com as suas manobras, que o chefe Tamari se revoltasse contra o seu soberano, collocando-se sob a protecção da bandeira russa.

Ainda desta vez foi infeliz. Em 1817, ao passar de novo a expedição Kotzebue por Hawai, soube-se que o chefe rebelde expulsara o aventureiro, submettendo-se a Kamehaméa.

A branda indole dos Canacas lhe poupara a vida. Partiu então para S. Petersburgo, onde tentou conseguir do czar Alexandre I a annuencia a uma série de planos e projectos de aventuras, objectivo aliás não alcançado, pois o soberano, não só lhe não prestou ouvidos, como não quiz dar-lhe a recompensa pedida em allegação de suppostos serviços á corôa moscovita. Desapontado, mas não resignado a abandonar o genero de "negocios" em que jurara fazer fortuna, sofrego voltou-se para o Brasil, certo de que no novo Imperio exotico muito melhores ensanchas encontraria para os seus emprehendimentos, tanto mais quanto muito mais largo campo se lhe abria ás façanhas e trampolinagens.

A d. Pedro I offerecendo os "valiosos prestimos", teve dentro em breve a satisfacção de os ver pressurosamente

acceitos. Em 1824 conseguia do facil monarcha uma missão de agente secreto e o titulo de encarregado dos negocios do Brasil nas cidades hanseaticas e Saxonia baixa, ducados de Mecklemburgo e Oldemburgo. Nomeado pouco depois agente de colonização e recrutamento, obteve ainda o posto honorifico de major da Imperial Guarda de Honra. De tal modo haveria o intrujão de captar as boas graças dos soberanos brasileiros, que por decreto de 9 de Abril de 1827 conseguia enorme distincção. Fazia-o d. Pedro I representante do Brasil junto á Dieta da Confederação Germanica, arbitrando-lhe vencimentos de quinhentas libras annuaes.

Taes os acontecimentos e traços biographicos principaes do velhacaz formidavel, que conseguira empolgar a confiança pouco esquiva dos nossos imperantes.

Impostor eximio e desabusado charlatão, como sabia ser, pomposamente se condecorara — como reminiscencia e em honra do pouco brilhante passado de proezas oceanicas — com o titulo altisonante de " navegador mundial ".

A's tranquibernias desse aventureiro iam milhares de seus compatriotas dever longa série de miserias e o nosso paiz avultados males.

Desde os primeiros dias de 1825, passou Eduardo Bösche a viver a bordo do *Wilhelmine*, cuja partida para o Rio se differia de semana para semana, á espera dos colonos e dos futuros soldados do Brasil, que lentamente vinham chegando. Afim de acalmar os impacientes, de vez em quando surgia Schäffer a bordo, muito avinhado, titubeante e vermelhaço, a arengar ás massas e conter-lhes a irrequietude. Ficara Bösche muito mal satisfeito com o aspecto da maioria dos companheiros de viagem " operarios vadios e andrajosos, vagabundos brutaes e beberrões, verdadeiro refugo da sociedade ".

Quaes, porém, não foram a sua indignação e desgôsto, quando viu encaminhar-se para o *Wilhelmine* a sinistra theoria de cem calcetas, algemados e acorrentados !

Despejavam-se as cadeias e presidios do Mecklemburgo para o Brasil, havendo o alliciador conseguido que lhe concedessem os habitantes para refôrço do seu pessoal de colonos! Imagine-se a satisfacção das auctoridades ducaes ao con-

[illegible] o optimo negocio, graças ao qual se desembaraçavam de semelhante corja, e o pesar com que a acolheram a bordo do *Wilhelmine* os poucos colonos honestos, angariados pelo trampolineiro!

Assim, em pleno seculo XIX, se mantinha a tradição que do Brasil fazia uma terra de degredo. Já não era mais Portugal que lhe enviava presidiarios. Graças ao "excellente" Schäffer, libertava-se o pequeno ducado teutonico da quintessencia da "flor de sua gente", segundo a expressão consagrada pela nossa giria eleitoral do segundo Imperio.

Afinal, em principios de Fevereiro de 1825, partiu o *Wilhelmine*, para, com excellente viagem, chegar ao Rio de Janeiro a 14 de Abril seguinte.

No navio, apinhado, vinham mais de novecentas pessoas, umas sôbre as outras, dormindo oito e nove homens em camarotes, onde mal cabiam quatro.

Felizmente nenhuma epidemia occorrera nem desordem grave, salvo no dia da festa da passagem da linha, em que os grilhetas mecklemburguezes pretenderam provocar perigoso conflicto, felizmente dominado pelos elementos sãos de bordo e terminado por tremenda pancadaria nos ex-presidiarios.

A Bösche permittira a longa travessia familiarizar-se com os seus companheiros de armas. Teve do futuro commandante von Ewald, official dinamarquez, a mais desagradavel impressão. Salvo duas ou tres excepções, o mesmo desgôsto lhe causou o contacto com a officialidade, em geral ignarissima, estupida, grosseira e abrutalhada, além de apaixonada do jogo e do alcool.

Causou-lhe a entrada no Rio de Janeiro verdadeiro deslumbramento, mas a esta feliz sensação logo se contrapoz outra muito penosa: a da chegada a bordo de alguns soldados allemães, das primeiras remessas de Schäffer, "cujo aspecto doentio e miseravel, cujos olhares sombrios e vacillantes trahiam a tristeza, o desespero, provando de modo cabal quão sua sorte era pouco invejavel".

Começou o moço emigrante a suspeitar quanto fôra ludibriado pelo agenciador de rebanhos humanos "a tanto por cabeça", o beberrão sem escrupulos, a cujas promessas mirabolantes ia dever alguns annos de penosa existencia.

Nas suas arengas em Hamburgo constantemente apontava Schäffer aos seus alliciados, como sendo a de um pro-homem, a personalidade do nosso primeiro imperador, a quem, entre baforadas de alcool, e os tropos de uma eloquencia facil, mas barata, só chamava "Pedro, o grande". Assim, foi com vivissima curiosidade que todos os Allemães acolheram a chegada a bordo do par imperial brasileiro, algumas horas após a ancoragem do *Wilhelmine*. A Bösche produziu Pedro I fulgurante impressão. Não era uma figura apolinea, mas achou-o absolutamente masculo, typo fortissimo de irradiação de energia, revelando á primeira vista a incontrastavel feição do conductor, do senhor de homens.

Vestido com a maior simplicidade, elegante e distincto porém, pareceu-lhe a perfeita exteriorização do homem de raça, do dynasta procedente de longa fila de autocratas, e encarnando a realização do voluntarioso por excellencia. A imperatriz, esta, dos pés á cabeça, era Habsburgo. Tinha bondosa feição e brando aspecto. Não pôde, porém, o malicioso observador que era o hannoveriano, fugir ao prurido da maledicencia: ao lhe referir a vermelhidão da tez: "similhante colorido attribuiam alguns ao clima e outros ao uso de liquidos, que nem sempre eram a agua crystallina", avança elle.

Lançada a perfida e calumniosa insinuação á illustre princeza, tão generosa e boa e tão infeliz, narra Bösche quanto lhe pareceu seu trajo estapafurdio e desmazelado.

Davam-lhe o chapéo redondo, as polainas, a tunica, as botas de montar com pesadas esporas, um todo masculino, "tirando-lhe toda a graça e attractivos, pelos quaes unicamente domina a mulher".

Mais um depoimento, comprobatorio das palavras de Jacques Arago nos seus *Souvenirs d'un aveugle* e explicativo dos triumphos da marqueza de Santos.

A CHEGADA AO RIO E AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Ao joven hannoveriano causou a attitude de d. Pedro I a impressão de que se achava satisfeitissimo com a chegada dos mercenarios angariados pelo "seu" caro Schäffer.

"Estes", talvez pensasse intimamente, "não se deixarão seduzir pelas gritarias dos Andradas e mais opposicionistas, e

saberão defender o meu throno precario dos assaltos de republicanos e nativistas".

E quiçá — fosse mais instruido — por associação de idéas se lembrara da satisfacção com que á Italia transportara o seu antepassado longinquo, o imperador Frederico II de Hohenstaufen, grande inimigo dos papas, chusmas de mouros e canalhas de sarracenos, porque a estes não faziam móssa os interdictos, os desligamentos e as excommunhões simples ou *vitandae,* que fossem.

Assim, servindo-se da imperatriz como interprete, ia de grupo em grupo, a fazer perguntas aos recem-chegados. Quando avistava alguem com quem sympathizara, chamava d. Leopoldina, dizendo-lhe: "Senhora! faça o favor! ao que tola e extravagantemente, commenta Bösche: "esta é a fórmula usada no Brasil por qualquer negro, quando se dirige á preta de sua predilecção"!

Antes de se retirarem os soberanos, entregou o commandante do *Wilhelmine* ao imperador o retrato de Schäffer, ricamente emmoldurado, presente que o alliciador fazia ao seu tão admirado amo.

A proposito do que entende ser verdadeiro desproposito do aventureiro, a amostra do seu descommunal topete, esta offerta da reproducção do "repellente focinho" a uma pessoa majestatica — expande Bösche a sua atrabilis, maltractando de rijo o ex-conquistador sem sorte das Ilhas Hawaï.

Fôra o passadio na viagem soffrivel, mas logo ao desembarcar tiveram os Allemães a maior desillusão.

Numerosos dentre elles, emigrados sob a insophismavel promessa de concessão de terras, foram á fôrça engajados nos regimentos de linha. Elle proprio Bösche, a quem Schäffer garantira a graduação de cadete, viu-se violentamente arrolado como simples cabo de esquadra!

E o peor era que o Governo Brasileiro não cogitara dos meios de aquartelar a grande massa de soldados recem-affluida ao Rio de Janeiro.

Majestaticamente dirimindo as difficuldades, decidiu o imperador que os Allemães se aboletariam na abbadia dos Benedictinos. Que se apertassem os monges ou se arrumassem alhures! E assim para o morro de S. Bento partiu o corpo

de mercenarios. Nas cellas monacaes alojaram-se os officiaes, e nos pateos e corredores a soldadesca.

Imagine-se a alegria, com que os viram chegar os Benedictinos "As hordas dos bandidos de Wallenstein podiam ser qualificadas de brilhantes, comparadas com a cohorte teuto-brasilea", observa o hannoveriano.

Deram-se na abbadia inenarraveis scenas de desordens e indisciplina, formidaveis bebedeiras e pancadaria rijissima. Desanimados e descrentes recorreram varios soldados ao suicidio. "Tudo", diz o narrador, "provinha da pessima officialidade do corpo recrutada entre a ralé européa e composta, salvo raras excepções, de fidalgos arruinados e devassos, vagabundos e jogadores".

Em commum bebiam superiores e inferiores, frequentemente succedendo que estes espancassem aquelles!

Numerosas bacchanaes houve, terminadas por terriveis rixas, coroadas por assassinatos numerosos e ferimentos graves.

Nada tambem mais curioso e heterogeneo do que a composição do regimento, onde se contavam aventureiros de profissão ao lado de ideologos, grilhetas e cavalheiros de industria a par de curiosos irrequietos e amadores de sensações, *ratés* desclassificados e amalucados ao pé de méros amigos de viagens e novidade, vigaristas consummados contrapondo-se a pessoas honestas, da melhor boa fé e das melhores intenções, gente enfim, de todas as categorias.

Si num grupo de soldados só se contavam boçaes e analphabetos, noutros se viam "individuos conversando em latim classico", ou "personagens discutindo as nebulosidades dos systemas philosophicos, ou ainda os mysterios da Historia", antigos professores, militares, funccionarios demittidos, ex-actores, falcatruciros, gentishomens indesejaveis, enfim, um aggregado complexo de destroços da vida.

Eram todos lutheranos ou incréos, e um divertimento que a vizinhança dos Benedictinos lhes impoz foi o arremedo insultuoso das ceremonias do culto catholico.

A principio limitaram-se a cantar "córos anti-papistas" e afinal acabaram organizando uma procissão, que pelo mosteiro circulou, e em que num andor se carregava um cão, urrando

os assistentes immundos estribilhos bacchicos e obscenos em tom de ladainha.

Sobremaneira exasperaram estas scenas aos poucos monges, que ainda residiam no Mosteiro. Resolveu-se novamente, e em desespero de causa, o energico abbade frei Francisco de Santa Teresa Machado a representar ao imperador contra tão insupportaveis escandalos, antes de, de vez, abandonar á desenfreada soldadesca a sua secular abbadia.

A' cêrca deste prelado tivemos ensejo de ouvir alguns dos religiosos da antiga Congregação Brasileira varias anecdotas interessantes, que ficaram tradicionaes na Ordem.

Entre ellas, esta, que se refere á estada dos mercenarios no Mosteiro, relatada pelos saudosos frei Antonio da Conceição Gomes de Amorim e frei José de Sancta Rita Durães.

A reiterar numa audiencia imperial — a principio paciente e afinal justamente indignado — o pedido da retirada dos soldados, acabou o abbade, exaltando-se, por acerbas recriminações. Estava Pedro I num de seus peores dias. Tomado de uma de suas choleras furiosas de impulsivo, subitamente lhe intimou a berrar: "Não me aborreças mais! Não tiro os soldados! Si alguem tiver de saïr, será a tua fradaria! Ponho-a no olho da rua!" E assim por deante... Corajoso, redarguiu-lhe então o abbade: "Póde vossa majestade e manda! Enxote-nos, pois, de nossa casa para que, de nossas janellas, não o vejamos algum dia saïr barra a fóra, repellido pelo povo, de cujos direitos tão pouco caso faz!"

Ajuncta a tradição benedictina que a severidade e a justiça da apostrophe muito concorreram para que se encurtasse o prazo da occupação do convento pela insupportavel soldadesca.

Do mesmo abbade Machado, que durante largos annos regeu — e de modo notavel — a abbadia fluminense, relatavam os velhos Benedictinos outras demonstrações da feição energica e pouco paciente em relação á tolerancia de abusos.

Hospedara-se no Mosteiro certo *monsignore*, empregado da Nunciatura, pessoa cujas relações diplomaticas constantemente faziam com que a porta do Convento se conservasse aberta até ás horas após o toque de silencio claustral. Advertido numerosas vezes, afinal, como não ligasse a minima importancia aos avisos, mandou o abbade que lhe trancassem

a porta. Vendo-se certa noite despachado pelo porteiro, enfureceu-se o diplomata, ameaçando aos berros o abbade de lhe fazer em Roma uma "boa cama" com um relatorio eloquente de suas faltas.

A horas tantas abriu-se a portaria do Mosteiro, e já o *monsignore* prelibava a doçura do seu triumpho, quando o abbade — homem robustissimo e aliás prelado irreprehensivel —saïu ao pateo, onde lhe applicou uns pares de arrazadores sopapos, ao lhe dizer tranquillamente: "Ponha mais isto no seu relatorio !".

Era homem, pois, a enfrentar as iras de Pedro I, deante de cujas explosões tremiam todos, mesmo os mais poderosos. Tanto mais quanto frequentemente manifestava especial agrado pelo emprêgo do rebenque e a distensão dos biceps e dos triceps femuraes sob a fórma de formidaveis bofetadas e murraças, e não menos vigorosos pontapés, fortissimo como era.

Assim, de uma feita, fizera doze leguas a galope para applicar tremenda surra de chicote ao tristemente célebre Felicio Pinto Coelho de Mendonça, o primeiro marido da sua querida Domittila, isto pelo facto do pobre desavergonhado, a quem empregava na feitoria imperial de Periperí, recusar-se a assignar uma petição de divorcio. E' o que nos relata Alberto Rangel, desvendando a correspondencia do barão Marschal, embaixador no Brasil de Sua Majestade Apostolica.

Nem exqueçamos, incidentemente, que, apesar de monarcha constitucional, não se affizera d. Pedro I bastante á idéa de que deixara de ser um autocrata.

Nem os seus contemporaneos, nascidos e creados no sagrado respeito de sua majestade, a quem Deus guardasse, se tinham habituado ainda a ver no seu soberano alguem, a quem se houvesse cerceado o uso do quer, posso e mando, prerogativa illimitada dos seus avós, os senhores reis de Portugal e ainda, havia tão poucos annos, latamente exercido por seu augusto pae, dynasta brando, bonachão e paciente, apesar de absoluto.

"CHAIR Á CANON"

Mal alimentados, mal alojados, começaram os soldados germanicos a adoecer em grande número, sendo então entre

elles muitos os fallecimentos, tanto mais quanto, dia a dia, redobravam os excessos bacchinos. "O rancho", diz Bösche, "era o que se póde imaginar de peor, apenas a fome o tornava supportavel". Os exercicios pesadissimos esfalfavam os homens não acostumados aos nossos calores, e o soldo pagavam-no miseravelmente, sobretudo para uma cidade de vida carissima, como o Rio de Janeiro.

Continuavam os veleiros a despejar novas levas de mercenarios enviadas por Schäffer. Organizaram-se então tres batalhões de Allemães, sendo Bösche nomeado para o terceiro de granadeiros, cujo commando assumiu o major von Ewald, official dinamarquez e cavalleiro do Danebrog.

Logo depois saïra o batalhão de S. Bento, indo aquartelar na fortaleza da Praia Vermelha.

De Edwald traça o seu commandado o mais desfavoravel retrato. Cruel, como raros, para com os soldados, a quem mandava espancar, a poncto de os deixar sem falla, era o mais vil dos aduladores do imperador; e tão despudorado, que nem siquer mudou de attitude depois da sova de chicote que certo dia lhe applicou o imperial amo, descontente com os seus processos de commando.

Tal a barbaria do dinamarquez, que muitas praças ficaram estropeadas e várias morreram. Pessimos os alojamentos na Praia Vermelha. Dormiam os soldados no chão, sôbre esteiras, e literalmente devorados pelas pulgas, percevejos, muquiranas e pernilongos. Continuavam os exercicios cada vez mais pesados, e uma das cousas que mais irritou o corpo foi a imposição da assistencia á missa dominical, quando todas as praças eram protestantes.

Embora casado, amasiou-se Ewald com uma rameira de baixa esphera, chegando-lhe a impudencia a poncto de levar todos os domingos o batalhão á praia de Botafogo, para desfilar em frente ás janellas da sua querida.

Houve muitas deserções; os fugitivos, porém, por ignorancia da lingua, quasi sempre foram capturados e reenviados ao quartel, onde pereceram varios sob o calabrote. Recrudesceu, então, entre os soldados a mortalidade pelo suicidio, natural consequencia dos horriveis tractos.

De vez em quando apparecia o imperador na Praia Ver-

melha e fazia manobras o batalhão, com extraordinaria mestria, aliás.

«Executava magistralmente todos os exercicios, diz o hannoveriano, obrigando soldados que tinham estado ao serviço de dez paizes a confessar que nunca haviam visto pessoa mais exímia no manejo das armas. Era, porém, destituido de maneiras, e sem sentimento algum das conveniencias.»

A este proposito relata o auctor um episodio absolutamente inacreditavel sôbre o desplante do monarcha, que certo dia não trepidara em fazer o batalhão desfilar deante de si, quando satisfazia uma necessidade natural.

Ouvia Pedro I as queixas dos soldados, mas não lhes ligava importancia.

Em todo caso, ao fim de algum tempo, substituiu o perverso Ewald pelo coronel irlandez William Cotter, que se mostrou incomparavelmente mais humano. "Uma das causas da demissão de Ewald fôra", diz Bösche, "o facto de se atrever a mandar suspender á haste da bandeira do batalhão uma das ligas da sua Dulcinéa! e isto no dia em que se realizou a grande parada annual, fixada para 12 de Outubro, data do natalicio imperial.

Pairava a liga de d. Gertrudes, a aspasia do commandante, acima da bandeira brasileira! Chegado o corpo ao campo da Acclamação, teve, porém Ewald de tirar a tal jarreteira, á vista de todo o batalhão, por imposição de um official general". Factos de tal ordem nos parecem, porém, muito pouco verosimeis.

"Admiravel o espectaculo da revista", afirma Bösche. Tropa numerosa, luzida, muito bem fardada, estados maiores coruscantes nos seus riquissimos uniformes, boa cavallaria, magnificamente montada; muita artilharia, sumptuoso desfile dos coches da Côrte e sobretudo soberbo aspecto das ruas percorridas pelos batalhões e regimentos. Casas ricamente engalanadas, janellas apinhadas de beldades.

Desfaz-se o escriptor em elogios á formosura das Brasileiras: quando conta que "pelas sacadas se viam todas as formosuras do Rio de Janeiro, com os seus vestidos theatraes e seductores, armadas com as armas irresistiveis da belleza,

da graça e do encanto, ameaçando a tranquillidade de todos os corações".

Magnifico tambem o aspecto da récita de gala desse dia. Infelizmente, ao saïr do theatro, punha-se o imperador, affirma o mercenario, a percorrer as ruas em busca de encontros crapulosos, "afamado como era pelas aventuras amorosas".

Como se vê, não poupa Bösche o nosso primeiro monarcha.

Pouco depois, era o seu batalhão transferido para o quartel da Guarda Velha, no centro da cidade, tão insalubre e desconfortavel quanto o da Praia Vermelha.

Tanto soffrera a tropa, que se achava notavelmente desfalcada.

Não só haviam morrido muitos soldados, como varios tinham "perdido o fraco bestunto que a natureza madrasta lhes concedera".

Quanto aos officiaes extrangeiros, e na maioria allemães, quasi todos, sem excepção, continuavam a embriagar-se continuamente, entre elles reinando a maior indisciplina.

Nos ultimos tempos chegara a auctoridade de Ewald a nullificar-se. Era, pois, natural que, em consequencia de similhante desordem, não tardasse a haver as mais sérias rixas entre soldados germanicos e brasileiros. Uma dellas, gravissima, provocou a destituição do desmoralizado dinamarquez: o assalto do corpo da guarda da Carioca, onde doze soldados e inferiores nacionaes foram trucidados pela soldadesca teutonica, sequiosa de vingar a morte de dous camaradas, mortos em um conflicto com praças de corpos brasileiros.

Houve então, como repressão, formidavel pancadaria dos cabecilhas do assalto, que á vista das tropas soffreram o castigo de cem pranchadas.

Foi nesta occasião que o imperador chibateou Ewald formidavelmente, com as suas augustas mãos.

Passou a commandar o batalhão o coronel William Cotter, o irlandez, que se revelou excellente chefe.

Demittiu oito officiaes incapazes e preguiçosos ou liquidados pelo alcool, e as cousas melhoraram.

Nada mais triste do que a sorte destes excluidos. Dentro

em breve, avinhados e andrajosos, vagavam pelas ruas do Rio de Janeiro, arrastando os farrapos do antigo uniforme. Accompanhavam-n'os, geralmente, bandos de negros folgazões e vadios, "e as criticas e apreciações dos juizes pretos e descalços sôbre os filhos degenerados e desprotegidos da velha Germania eram as mais comicas".

E o peor é que, crueis como outr'ora haviam sido, soffriam continuos espancamentos dos seus ex-commandados. Morreram muitos em verdadeira indigencia, nos catres da Misericordia fluminense.

Infelizmente para os soldados germanicos, não tardou o coronel Cotter a afastar-se do batalhão, encarregado que fôra por d. Pedro I de angariar recrutas irlandezes para o nosso Exercito. Os elogios que faz Bösche acham-se em contradicção com os maus conceitos de diversos auctores, seja dicto de passagem.

Substituiu-o um portuguez, o coronel Moura Brito, que, embora com elle se não pudesse cotejar, era incomparavelmente melhor que Ewald.

Pouco depois via-se Bösche preso e encarcerado, durante dous mezes, por se ter negado a mandar o seu pelotão ajoelhar-se á passagem do Sanctissimo Sacramento, durante uma procissão. Recusara obedecer a uma intimação para tal fim, allegando os seus escrupulos de lutherano.

A este proposito, consagra elle longo capitulo ás "Festas de egreja e procissões no Brasil", em que faz as peores e as mais perversas referencias ao nosso antigo culto externo e ao clero nacional. Procura ridicularizar as practicas catholicas, fallando do grotesco das viagens, anjos cyreneus, legionarios, patriarchas, apostolos, romanos e israelitas de nossas procissões de antanho, reminiscencias da ingenuidade medieval, cujo symbolismo poetico não percebia.

Extende-se a este proposito, insultuosamente, sobretudo em relação á moralidade do clero, revelando então quanto era o seu reformantismo exaltado e sectario.

Para se livrar da prisão, escreveu longo memorial em que ao imperador, com grande pedantismo de argumentos, expoz o seu caso. Aproveitando o ensejo, lembrou então ao monarcha as injustiças de que fôra victima desde a falta de cumprimento das promessas de Schäffer.

Despachou-lhe d. Pedro I a petição, com um laconismo proprio de sua feição soldadesca: "Soltem-no. — *Imperador*", e assim pôde voltar ao quartel.

Dava-se pouco depois — e na ausencia do monarcha — o fallecimento da excellente imperatriz, d. Leopoldina, cujos funeraes descreve o hannoveriano pormenorizadamente, delles dizendo que foram imponentissimos, e realizados no meio do enorme pesar, com que toda a população fluminense viu baixar ao tumulo a tão boa e infeliz soberana, gravemente offendida nos sentimentos de esposa pelo voluvel e brutal d. Pedro I. Como successor, futuro, de seu affecto pelo Brasil, ficára aquelle menino de berço, que, herdando-lhe a feição do character, ia ser uma das mais nobres personalidades do seculo XIX, cheio, no entanto, de tão majestosas figuras.

PARENTHESE

Tiveram os meus modestos commentarios sôbre a obra de Bösche a honra de merecer do sr. Gustavo Barroso uma série de elogios que, si sobremodo me desvanecem, muito mais lhe apregôam a benevolencia.

Nada mais justo do que os excellentes conceitos por elle traçados em relação ao estudo a fazer-se da *litteratura dos mercenarios*, essa divisão, clara e synthetica, em tres capitulos, abrangedores de todos os *items* a examinar, exposta com o brilhantismo que sempre accompanha quantos traça o auctor da *Terra de Sol*. Si a outrem empresta erudição o sr. Gustavo Barroso, é que a modestia lhe inspira a inversão do conceito biblico relativo á visão da trave e do argueiro.

Lapso grave de memoria foi o meu ao deixar de lado a obra de Schlichthorst, quando esbocei a resenha bibliographica relativa aos mercenarios de Pedro I. Pouco antes, justamente, escrevendo-me Alberto Rangel acêrca da traducção do livro de Bösche, dizia: "Bom será que o amigo Vicente se dedique agora a verter o livro de Schlichthorst ou o de Seidler. Em ambos ha cousas interessantissimas, dizem-me quantos sabem o allemão".

A pormenorizada descripção que do primeiro nos dá agora o auctor de *Heróes e bandidos*, assim sirva de incen-

tivo a quem já prestou tão valioso serviço ás nossas lettras historicas divulgando os *Quadros alternados* de Bösche. Ha um topico do artigo do sr. Gustavo Barroso que me leva contudo a lhe apresentar uma rectificação cordial, visto como tracta de pessoas de minha familia, cuja memoria venero, e acêrca de quem, levado por uma falha momentanea de memoria, se escrevem referencias que não são exactas.

Assim, contando que ao livro de Schlichthorst accompanha uma lista de officiaes extrangeiros ao serviço do Brasil, nota o sr. Gustavo Barroso: "No meio desses officiaes attrahidos ao Brasil por um *courtier* sem escrupulos, que alliciava colonos e soldados na Europa, contavam-se nobres da velha raça allemã ou franceza; os barões von Kettler, von Leenhoff e von Moillet, o conde de Escragnolle-Taunay, um Platt von Steen, um von Falkenstein, etc."

Esta affirmação é inexacta quanto ao indicado official francez. Levado por uma associação moderna dos nomes de dous homens: o conde d'Escragnolle, coronel de infantaria, e Carlos Augusto Taunay, major do estado-maior — destas duas pessoas fez o illustre articulista uma só individualidade. Nesse tempo eram inteiramente extranhas as familias destes dous militares, que só se ligaram em 1840, quando Felix Emilio Taunay, mais tarde barão de Taunay, director da Eschola Nacional de Bellas Artes e preceptor de d. Pedro II, desposou Gabriella de Robert d'Escragnolle, filha do conde deste nome. O filho de ambos, Alfredo d'Escragnolle Taunay, nascido em 1843, foi o primeiro a realizar a união dos dous appellidos.

E, além de tudo, jámais foram os dous officiaes alliciados para servir ao Brasil. Expulso de sua patria pelas convulsões politicas, quando adolescente ainda, assentara o conde d'Escragnolle praça no exercito portuguez, em 1800, acceitando em 1822 a nacionalidade brasileira.

Official demittido em 1815 do exercito francez, por bonapartista, emigrara Carlos Taunay, em 1816, com o pae, um dos fundadores da Eschola Nacional de Bellas Artes no Rio de Janeiro. Em 1822 pedira inclusão no Exercito brasileiro, indo, pouco depois, para a Bahia, servir a patria adoptiva na campanha da Independencia.

Assim nada de commum tinham com o "asqueroso" Schäffer, como lhe chama Bösche, que só em 1824 começara as sordidas manobras de trampolineiro. Antes, pelo contrário, convidado o conde d'Escragnolle a commandar um dos batalhões de mercenarios, exprimiu com a maior franqueza ao ministro da Guerra, o futuro marquez de Lages, quanto lhe era desagradavel a commissão, pedindo-lhe que della o eximisse, já o notei.

Do conde d'Escragnolle escreveu o illustre e erudito maranhense dr. José Ribeiro do Amaral, para quem a historia de sua terra não tem segredos, longa e pormenorizada biographia, inserta no tomo primeiro dos *Annaes do Primeiro Congresso de Historia Nacional* (de pags. 681 a 705).

Da extensa documentação que a accompanha, extrahimos os principaes apontamentos, addicionando-lhes algumas notas ainda, provenientes das tradições de familia.

Filho de Antonio de Robert d'Escragnolle e de Claudina de Suffret de Villeneuve, nasceu Luiz Alexandre Maria de Robert d'Escragnolle no castello deste nome, perto de Grasse, a 25 de Dezembro de 1785. Expulsa sua familia de França pela Revolução, refugiara-se em Verona, passando depois, com a invasão da Italia pelos exercitos francezes, para a Hispanha. Reduzido a extrema penuria, foi, mais tarde, ter a Lisboa. O ermão mais velho, Luiz Maria, emigrado em 1792, serviu no exercito de Condé, no segundo regimento de caçadores nobres, até á dissolução deste corpo. Chefe de familia, com a morte do pae, foi elle quem teve a idéa de ir pedir serviço ao principe regente de Portugal. Succedeu-lhe então pittoresco incidente.

De balde, durante longos dias, tentara o pobre emigrado fallar ao ministro da Guerra, visconde de Balsemão, a contar-lhe os terriveis transes em que se achava e pedir-lhe praça no exercito portuguez. Esbarrava com a gratuita antipathia de um porteiro, que, invariavelmente, lhe dizia ora "que sua excellencia não estava", ora "que não podia receber". Afinal, exgottada a paciencia e cada vez mais urgido, não mais se conteve o exasperado solicitante e, certo dia — em que mais uma vez se informara de que "sua excellencia não estava" — applicou formidavel tunda ao birrento puxa-repos-

leiros, que se defendeu gritando lancinantemente. Attrahido pelos berros, chegou a excellencia á janella, a indagar do facto. Tão perturbado estava o emigrado, que começou a gritar-lhe: "*Excusez moi, monseigneur: c'est ce valet qui m'a manqué!*"

Achando o caso curioso, poz-se o ministro a rir e, comprehendendo logo as angustias do pobre exilado respondeu-lhe, affavelmente: "*Montez, mon gentilhomme; montez.*

Nesta mesma tarde, dava-lhe praça como official do regimento commandado pelo duque de Mortemart composto, quasi todo, de emigrados francezes.

Ao ermão, o joven Alexandre, além disto, mandava alista-lo na companhia dos caçadores nobres, de onde saïu para servir na Armada Real.

Accompanhou Alexandre d'Escragnolle a Familia Real ao Brasil, em 1807. Em 1809 pedia transferencia para o serviço do exercito. Em 1810 era capitão de infantaria, e, em 1811, desposava no Rio de Janeiro, Adelaide Beaurepaire filha dos condes de Beaurepaire, tambem expulsos de França pela Revolução, e ermã de Jacques e Theodoro de Beaurepaire, que acabaram general e vice-almirante brasileiros.

Servindo na campanha contra os revolucionarios de Pernambuco, em 1817, foi Escragnolle por actos de bravura promovido a major, e em 1822, por d. Pedro I, a tenente-coronel, em attenção aos serviços prestados por occasião dos dias difficeis da retirada e do embarque da forte divisão portugueza de Jorge Avilez, ameaçadora da auctoridade do joven principe regente. Mostrou-se então, diz-lh'o a fé de officio, "bravo, vigilante, activo, intelligente e imperturbavel". Coronel em 1824, foi mandado servir no exercito repressor dos revolucionarios pernambucanos. Já então possuia as ordens do Cruzeiro e de Aviz, havendo-lhe Luiz XVIII mandado a venera da de São Luiz. Nomeado commandante das armas do Maranhão em Junho de 1826, falleceu em S. Luiz a 16 de Dezembro de 1828, aos 43 annos incompletos, e quiçá em vesperas de ser official general.

Ao conde d'Escragnolle referem-se os illustres viajantes de Freycinet e Augusto de Saint-Hilaire do modo mais elo-

gioso havendo-o frequentado, em 1817 e 1819, no Rio de Janeiro.

Chama-lhe o primeiro "distinctissimo official" e em Saint-Hilaire (*Viagem nas provincias de S. Paulo e Santa Catharina*, tomo I, pag. 268), ha uma nota que lhe diz respeito: "Meu saudoso amigo o sr. d'Escragnolle, que passou a vida toda ao serviço de Portugal e do Brasil, e tanto se distinguia pela intelligencia, como pelos sentimentos de honra", etc.

Demos agora algumas notas biographicas sôbre o segundo dos officiaes, que o illustre escriptor confundiu com o conde d'Escragnolle.

Nascido, em Paris, a 17 de Agosto de 1791, saïu Augusto Maria Carlos Taunay, da Eschola Especial Militar, a 26 de Fevereiro de 1809, sendo, então, como 2° tenente, incorporado ao 116° regimento de linha. Mandado servir na Hispanha, foi ferido, em Maio de 1811, no cêrco de Tarragona, sob as ordens do marechal Suchet, duque de Albufera. Restabelecido deste ferimento, accompanhou os cercos de Sagunto e Valencia, como já assistira antes ao de Tortosa. Na batalha de Sagunto, a 25 de Outubro de 1811, ganha ainda por Suchet, sôbre o general Blake, teve dous ferimentos á ilharga e no braço direito. Promovido a tenente, por acto de bravura, partiu com as tropas chamadas da Hispanha para reforçar o exercito de Napoleão, retirante da Russia.

Assim fez a campanha da Allemanha, e assistiu a diversas batalhas, entre outras á de Leipzig, onde um lançaço de cossaco lhe cortou o nariz, quasi lhe vasando o olho esquerdo. Caïdo prisioneiro dos Russos só pôde voltar á França a 28 de Junho de 1814, em que se apresentou, sendo a 16 de Agosto immediato promovido a capitão e mandado addir ao 5° Leger. A 6 de Agosto de 1811 tivera a cruz da Legião de Honra, por actos de bravura e intelligencia.

Suspeito de bonapartismo impenitente, ainda se tornou mais mal visto pela Restauração, graças ao modo insolito e violento, pelo qual, em plena sessão magna do Instituto de França, protestou, perante o duque de Angoulême, contra umas injustiças que dizia practicadas em relação a seu pae, então presidente da classe das Bellas Artes do Instituto. Este inci-

dente occorreu a 1° de Outubro de 1814 e está minuciosamente narrado pelo grande pintor Leopoldo Robert (*Gazette des Beaux Arts*, anno de 1872, pag. 18).

Voltando Napoleão da ilha de Elba, partiu o capitão Taunay para a campanha de Flandres, mas não lhe coube tomar parte na jornada de Waterloo. Vencido o "homem dos seculos", pediu demissão do exercito francez. Organizada a missão artistica que devia fundar a Academia do Rio de Janeiro, para o Brasil partiu Nicolau Antonio Taunay, com a mulher e os cinco filhos. Em 1822 pediu Carlos Taunay a d. Pedro I sua inclusão no Exercito brasileiro e foi attendido, sendo-lhe dado o posto de major do Estado maior. Em 1823 fez a campanha da Independencia na Bahia, sob as ordens de Labatut. Envolvido num motim para a deposição deste general, por elle foi preso com diversos outros officiaes e ameaçado de fuzilamento.

Labatut, cuja severidade era conhecida, ao receber uma petição dos conspiradores pedindo um adiamento da execução, sob o pretexto de que desejavam confessar-se, dissera, no seu portuguez barbaro, mesclado de hispanhol—reminiscencias de sua campanha libertadora da Columbia: — "*confissa ou non confissa, ma fussilla*!"

A deposição do brigadeiro francez por Felisberto Caldeira veio salvar a vida ao major Taunay e seus companheiros.

Reformado moço, viveu Carlos Taunay longos annos ainda, ora no Brasil ora em França, onde falleceu, perto de Paris, a 22 de Outubro de 1867.

Escreveu diversas monographias agricolas sôbre o algodão e o café, etc., um *Guia de Viagem a Petropolis*, collaborou muito no *Jornal do Commercio* e em outros orgams da nossa imprensa, tendo sido um dos grandes propugnadores da acção da Sociedade Imperial de Agricultura. Excellente latinista, traduziu para o verso francez as comedias de Terencio. Foi tambem um dos primeiros que ousaram, pela imprensa, tractar da abolição geral dos escravos no Brasil, isto no decennio de 1830 a 1840.

Era natural que o illustre auctor da *Terra do Sol* commettesse o engano em que laborou, tractando-se de duas personalidade cujos nomes só podem occorrer na nossa historia pormenorizada. Pareceu-me, porém, dever apresentar-

lhe esta contestação, havendo elle incidido num *qui-pro-quo* involuntario. Offereço-lha, reiterando-lhe os meus muitos agradecimentos pelas palavras generosas com que entendeu qualificar os meus summarios estudos sôbre os mercenarios de d. Pedro I.

SOLDADESCA AMOTINADA

Em fins de 1827 chegaram ao Rio de Janeiro os irlandezes alliciados pelo coronel Cotter, algumas centenas de individuos, "andrajosos, immundos com ares patibulares", relata Bösche.

Aos Brasileiros deixaram a mais penosa impressão, affirmam unanimes historiadores e chronistas; dentro em breve principiaram a commetter numerosos attentados. Era de crer que Cotter esvasiara as cadeias e presidios de sua terra, e angariara a escoria da população das cidades com a mesma falta de consciencia, que presidia á escolha dos colonos de Schäffer.

Aos Allemães causou verdadeira indignação saberem que vinham os Irlandezes vencendo soldo muito mais elevado do que o delles.

Quinhentos desses insulares foram então incorporados ao 13° batalhão de granadeiros teutões. Novas levas acudindo, houve dentro em breve no Rio mais de dous mil. Aos soldados accompanhavam numerosas familias, além de muitos vagabundos e rameiras, affirma-o ainda o hannoveriano.

"E' difficil explicar o que era a grosseria e a rudeza desta gente", avança ao descrever alguns dos factos que entre elles presenciou, sobretudo certas ceremonias bacchico-funebres, — onde officiavam velhas megeras, typos de feiticeiras-carpideiras — scenas decorrentes no meio de formidaveis carraspanas daquelles que se associavam para chorar o defuncto guardado pelos harpias.

Pouco após a chegada dos Irlandezes, estalava a revolta geral dos mercenarios.

Não lhes era mais possivel, aos Allemães, supportar os maus tractos, explica Bösche. Commettiam-se barbaridades hediondas em materia de castigos corporaes. E, no entanto, estavam os batalhões germanicos muito bem reputados como

tropas disciplinadissimas. A' ellas recorriam as altas auctoridades militares para conter a turbulencia dos Irlandezes, cada vez mais desenfreada.

Duzentas, trezentas chibatadas ou pranchadas eram o "pão nosso de cada dia", nos quarteis allemães. E' bom que aqui se lembre, porém, que os auctores de tal pancadaria eram os officiaes compatriotas dos castigados.

Certo dia, como um granadeiro, de comportamento exemplar, fosse cruelmente punido com 250 pranchadas, e por motivo futil, rebellou-se o batalhão, fugindo os officiaes espavoridos ante a terrivel explosão dos seus subordinados.

Narra Bösche muito pormenorizada e interessantemente as scenas que então se passaram, em que Allemães e Irlandezes commetteram os maiores excessos, queimando e assaltando muitas casas, batendo-se com as tropas brasileiras, etc.

Do saque dos armazens resultou a tomada de muito alcool com que os Irlandezes, sobretudo, se embriagaram horrivelmente. Muitos soldados e inferiores houve que morreram de collapso alcoolico. O segundo batalhão de granadeiros allemães não se revoltara, contudo, continuando a dar as guardas para o Palacio Imperial. Reinava no Rio de Janeiro o maior terror. Redobravam os excessos dos revoltados, sobretudo dos Irlandezes, cujos "bandos não respeitavam o sexo nem tampouco a edade — trucidando muitos velhos e crianças". Afinal, esmagados pelo número e prostrados pela embriaguez, quasi geral, renderam-se os amotinados, que haviam perdido septenta e tres homens mortos e tido innumeros feridos nos combates com as tropas legaes. Accusa Bösche aos Brasileiros de covardia e crueldade, pretendendo que muitos dos revoltosos foram, após a capitulação, assassinados, com requintes de ferocidade, por magotes de populares, sobretudo negros e mulatos.

A narrativa do motim dá-lhe ensejo para tentar incutir ao leitor a idéa de que as nossas tropas se comportaram com pusilanimidade ao enfrentar os rebeldes, no que, aliás, se mostra coherente com os sentimentos de aversão ao Brasil, tantas vezes manifestados.

Dispersos, Allemães e Irlandezes, despachados uns para as colonias do Rio Grande do Sul, outros para as de Ilhéus, embarcados numerosos Irlandezes para o Canadá, por inter-

venção do govêrno inglez, resolveu o conselho de guerra, contudo, aproveitar o incidente para dar severa licção á soldadesca. A' morte foi condemnado um dos cabecilhas, muitos outros ás galés perpetuas e a diversas penas presidiarias.

Nada mais triste, avança Bösche, nem mais apparatoso, do que o fuzilamento do soldado Augusto Steinhausen, em presença de toda a guarnição do Rio de Janeiro, formada em parada, e de enorme multidão. Critica o hannoveriano acerbamente o procedimento do imperador, accusando-o de se haver "deliciado" com o espectaculo da execução. Pretendo mais que o condemnado — verdadeiro bode expiatorio — se portou como um herói, havendo merecido dos extrangeiros do Rio de Janeiro as maiores demonstrações de sympathia e admiração.

Fuzilaram-no deante dos demais amotinados, já condemnados. Pediram estes, então, que os mandassem tambem matar, promovendo nessa occasião um tumulto, em que, de modo atroz, injuriaram o monarcha e seus ministros... "O fuzilado era um homem de bem, affirma Bösche, e sómente a justiça turca ou a brasileira daquella epocha poderiam te-lo escolhido para victima". Pereceu, muito devido á denúncia de um official hungaro, seu inimigo pessoal, que contra elle levantara as mais odiosas calumnias, e isto quando em certa occasião lhe devera a vida. Apesar de tudo, teve a revolta salutares effeitos, affirma o mercenario. A numerosos officiaes allemães foram cassadas as patentes, de que tanto haviam abusado, e cessaram os castigos corporaes.

Ewald, logo depois expulso do Exercito, rolou pelo despenhadeiro dos vicios, passando a ser, no fim de algum tempo, uma especie de typo de rua, vagabundo profissional, cujos trajes estrambolicos provocavam as gaitadas dos garotos e o sorriso dos transeuntes sérios. Avinhado, como geralmente estava, adornava de um lado para outro a cabeça, encimada por gigantesco chapéo armado e emplumado. Desde muito o despachara a Dulcinéa indigena, por quem tanto se embeiçara.

Não tardava a chegar ao Rio, a contemplar a sua obra, o "asqueroso" Schäffer. Inteiramente dominado pelo alcool, "vivia em eterna bebedeira, a fallar uma algaravia sem nexo, denunciadora de adeantado amollecimento cerebral".

Pretende Bösche haver-lhe então dicto as mais duras verdades, responsabilizando-o pelas desgraças de tantos compatriotas por elle sordidamente embaçados. A causa de sua vinda. um tanto precipitada, ao Brasil era o temor em que se achava da justiça allemã. Denunciado por alguns infelizes, a quem enganara, haviam-lhe começado o processo de responsabilização. Refugiara-se, então, no Rio de Janeiro, onde d. Pedro I, enfurecido com os desastres da revolta recente, o recebera do modo mais desabrido. Não chegou, contudo, a chibatea-lo, como a Ewald; cobriu-o, porém, dos mais violentos insultos. Narra Bösche que a desculpar os seus alliciados, allegou o "navegador mundial" ao monarcha que a revolta fôra motivada pelo excesso dos maus tractos. "Sabe vossa majestade perfeitamente que na historia de todos os tempos não ha exemplo de povo tão capaz de supportar a tyrannia e as arbitrariedade como o allemão !", repetia em todos os tons.

Miseravel fim coube ao "excellente" Schäffer, justa represalia da sorte em relação áquelle que a tantas pessoas infelicitara. Abandonado por Pedro I, cada vez mais alcoolico e pobre, receoso do carcere, que em sua patria lhe reservavam, deixou-se ficar no Brasil, onde, de miseria em miseria, foi resvalando, até acabar como auxiliar da catechese dos Botocudos do Rio Doce, provavelmente a titulo de quem sabia conviver com selvagens, e fôra o experimentado civilizador de Canacas hawaianos.

Alli, entre os nik-namús, tomou as ultimas carraspanas o "navegador mundial", o confidente de uma archiduqueza da Austria, imperatriz do Brasil, o diplomata que durante alguns annos se considerava uma das columnas do imperio americano !

Quanto a Bösche, dissolvido o seu corpo, pretende que lhe quizeram aproveitar os serviços, offerecendo-lhe uma patente de official brasileiro.

Tinha, porém, criado horror á nossa farda, explica, e assim, em Abril de 1829, deixou o serviço do nosso Exercito.

Ainda se deteve cinco annos no Brasil, e fez diversas viagens ao Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro escrevendo sôbre as colonias de S. Leopoldo e Nova Friburgo.

Assistiu ao 7 de Abril, traçando a seu respeito muito curiosas páginas. Afinal, em 1834, voltava á patria, onde, em

1836, publicou o seu pequeno e feio, mas interessante, volume de reminiscencias.

Da sua longa odysséa brasileira, o unico resultado practico e, aliás, mediocremente rendoso, fôra o conhecimento da lingua portugueza. Em todo caso não o quiz deixar de lado, e assim compoz os dous diccionarios allemão-portuguez e portuguez-allemão, que foram muito apreciados e tiveram numerosas reimpressões, sendo até hoje de presença corrente nas nossas livrarias.

Inteiramente desilludido, não mais pensou Pedro I em récompôr os seus regimentos de mercenarios, em cujas fileiras contudo angariara fortes dedicações e devotadas amizades, como a do barão de Bulow, por exemplo, a apenas citarmos um nome de vulto.

Mau grado os detestaveis antecedentes da empresa, renovou-a o segundo Imperio, que alistou numerosos Allemães para a campanha contra Rosas. Nesta legião figuravam o major von Lemmers e o capitão Siber, que ambos escreveram reminiscencias de campanha. A última destas obras traduziu a penna tão facil quanto erudita de Alfredo de Carvalho.

Em suas memorias insertas na *Revista do Instituto Brasileiro*, duramente maltracta o official germanico os nossos soldados e instituições militares, embora com imparcialidade, nota o traductor, pois "verberou com severidade egual os defeitos dos nossos e dos seus patricios".

A legião a que pertenceu contudo era muito melhor, quanto á composição, do que os bandos de Schäffer.

Alistara-lhe os soldados um official reformado do nosso Exercito, o coronel Sebastião do Rego Barros, homem probo. Apesar de tudo foi infeliz a idéa, cuja execução deu maus resultados, designando-a Alfredo de Carvalho pelos qualificativos de "malfadada aventura".

Obra de um desilludido, de alguem que muito soffreu physica e moralmente, de um exacerbado, nem por isto deixa o livro de Bösche de representar um depoimento pittoresco, interessante, e mesmo valioso, para certa face da historia do primeiro Imperio.

Já lhe assignalámos o espirito de justiça.

Si é severo para com o Brasil e os Brasileiros, não menos rude se mostra em apontar os erros, vicios e desmandos dos compatriotas.

Foi restricto o horizonte que a estada no Brasil abriu a Bösche. Apenas parece ter visto meia duzia de personalidades; não se abalança a criticar as nossas instituições e os nossos homens, nem os actos desse monarcha, que tanto o impressionara. Alheio a tudo quanto não se realizava no ambito restricto da caserna, passou longos annos no nosso paiz, extranho ao seu povo e aos seus dirigentes. Nem siquer se refere, uma só vez que seja, á pessoa da marqueza de Santos, então no apogeu do seu poderio, e isto quando frequentemente allude á vida devassa do imperador! Era no entanto culto e intelligente, curioso e perspicaz.

Dá-nos, pois, a impressão de que se isolou das cousas do Brasil, desprezando a terra que lhe causara tantas esperanças e tantas decepções, para só narrar o que lhe foi immediatamente adstricto á vida penosa de granadeiro mercenario. Dá, aliás, ao seu livro esta série de circumstancias um cunho forte de sinceridade simples.

EXTRANGEIROS AO SERVIÇO DO BRASIL

Ao proclamar a Independencia viu-se Pedro I em verdadeira difficuldade para organizar os elementos defensivos da nacionalidade, que acabara de crear. Ao passo que em differentes pontos do Brasil, como na Bahia, em Montevidéo, no Pará e no Maranhão, se aquartelavam fortes contingentes, sinão pequenos exercitos lusitanos, como os de Madeira na Bahia e d. Alvaro de Sousa de Macedo em Montevidéo, eram as forças brasileiras, propriamente dictas, não só diminutas como, em geral, commandadas por officialidade portugueza.

Destes reinóes muitos haviam, e com a maior lealdade, acceito a nova ordem de cousas, demonstrando inabalavel fidelidade á causa do Imperio, apezar da situação difficillima em que os collocaram a guerra da Independencia e a reacção nativista.

Basta citarmos os nomes illustres de Soares de Andréa, barão de Caçapava, pacificador e homem de *boutades*, de Lecor,

visconde da Laguna, de Cunha Mattos, tão intelligente quanto sympathica personalidade, de Alincourt, Bellegarde, entre tantos outros.

Si, porém, falta havia e muita de officiaes nos quadros do Exercito e da Marinha do novo Imperio, era a de soldados ainda maior, e assim pensou o imperador angariar, como tanto se practicava ainda no seculo XVIII, alguns regimentos de mercenarios para refôrço de sua desfalcada primeira linha, onde se notava a mais sensivel ausencia de soldados do officio.

Officiaes extrangeiros havia, e de larga data no Brasil, numerosos. Trouxera-os d. João VI em 1808, inglezes e francezes, sobretudo. Espalhara a Grande Revolução franceza nobres pelos quatro cantos do mundo. A Lisboa haviam ido ter muitos desses exilados. Afim de os proteger e de lhes aproveitar o serviço, organizara d. João VI, então principe regente, corpos cujo commando e officialidade se recrutaram entre os aristocratas expulsos de sua terra; assim, por exemplo, quanto ao regimento chamado do duque de Mortemart, dirigido de 1796 a 1802 por um dos maiores fidalgos de França, e a Companhia dos Caçadores Nobres. Inglezes havia-os numerosos nas fôrças portuguezas, sempre por assim dizer, quer nas de terra, quer nas de mar.

Assim, por exemplo, entre os mais graduados officiaes generaes do nosso Exercito em 1808 vemos figurar o marechal John Shaldweil O' Connell.

Dos francezes, por d. João trazidos, galgaram tres os mais altos postos militares, cobertos de serviços de guerra, o conde de Beaurepaire, Jacques Antonio Marcos, fallecido general em 1838, seu ermão Theodoro de Beaurepaire, fallecido em 1849 no Rio de Janeiro, vice-almirante, e o cunhado de ambos Alexandre de Robert, conde d'Escragnolle.

Filhos do conde de Beaurepaire, capitão de mar e guerra, que em 1793 fôra um dos sublevadores da divisão naval de Toulon contra a Convenção, e em 1798 morrera no exilio na ilha d'Elba em verdadeira miseria, haviam os dous ermãos Beaurepaire passado para a Hispanha, e dahi para Portugal, em busca de serviços.

Tão pobres chegaram a Lisboa, que se viram forçados a trabalhar em uma padaria até que acolhidos com extrema

bondade pelo principe regente tivessem praça no Exercito portuguez.

Soldado da campanha da Independencia e havendo desempenhado altas commissões, foi Jacques de Beaurepaire, o pae do visconde de Beaurepaire Rohan, um dos vultos eminentes do segundo Imperio.

Teve seu ermão carreira de muito maior destaque, ainda agora evidenciada pela bella biographia que delle traçou o sr. contra-almirante Henrique Boiteux, incançavel relembrador de nossas glorias marítimas.

Distinguiu-se Theodoro de Beaurepaire sobremaneira na campanha da Independencia, na repressão da revolta pernambucana de 1824, cobrindo-se de louros na guerra cisplatina, nos combates de 15 de Março de 1827 em frente a Cabo Frio, com o corsario *Pampero*, que aprisionou, de 8 de Junho, no Cabo de Sancta Maria, com o *Hijo de Julio*, batendo-se numerosas vezes nas refregas do estuario do Prata com a esquadra de Brown, o que lhe valeu o officialato do Cruzeiro, a nossa grande medalha militar.

Em 1838 teve o commando da divisão naval mandada contra a "Sabinada", na Bahia, e em 1843, o da esquadrilha que a Napoles foi buscar a imperatriz d. Teresa Christina. Morreu no Rio de Janeiro, coberto do maior e do mais merecido prestigio, a 2 de Novembro de 1849.

Do conde d'Escragnolle menciona a fé de officio serviços de guerra contra os Hispanhóes e Portuguezes e durante as rebelliões havidas sob d. João VI e d. Pedro I.

Expulsa de França, pela Revolução, muito tambem soffrera sua familia no exilio. Afinal, ainda adolescente, entrara ao serviço da armada portugueza, enquanto seus dous ermãos mais velhos assentavam praça no regimento do duque de Mortemart. Estes ermãos voltaram ao serviço da França, a convite de Napoleão I, e um delles distinguiu-se muito na retirada da Russia; Alexandre de Robert não quiz, porém, deixar o paiz, que lhe valera nos dias de miseria, e accompanhou d. João VI ao Brasil.

Bravo, energico e grande disciplinador, teve commissões e commandos perigosos, como, por exemplo, o dos corpos de mercenarios organizados sob o primeiro Imperio. Delle disse Saint-Hilaire que era "egualmente distincto pelo espirito e os

sentimentos de honra que o animavam". Morreu aos 42 annos, em 1828, quando commandante das armas na Provincia do Maranhão e quando já vizinho do generalato.

A seu respeito escreveu o prof. Ribeiro do Amaral, erudito maranhense, uma biographia pormenorizada.

Dos Francezes ao serviço do Imperio, cabe, porém, o maior destaque ao general Pedro Labatut, pelo facto de haver sido o commandante-chefe do exercito libertador da Bahia, o vencedor de Pirajá.

Numerosos foram ainda os officiaes extrangeiros que, sob suas ordens, serviram então. Entre elles, um veterano das campanhas napoleonicas, da Hispanha, da Austria e da Russia, ferido gravemente em Leipzig, e official da Legião de Honra, que o genio arrebatado fizera em 1814 excluir do exercito francez, ao caïr o Imperio, como suspeito aos Bourbons: era elle Carlos Augusto Taunay, que, aliás, não se harmonizou muito com o seu compatriota general, pois tomou parte em um movimento para o depôr, escapando então de ser fuzilado.

Reformado como major do Exercito brasileiro, ainda vivera longos annos a escrever sôbre a nossa Agricultura e as nossas cousas, a prégar a abolição dos escravos, pela imprensa.

Seguindo o fio da tradição, outros Francezes se cobriram de gloria ao serviço do Brasil, e sob o segundo Imperio, prestando á nossa patria, com o maior amor, o concurso de suas obras valiosas. Entre elles, o almirante Augusto Leverger, barão de Melgaço, cuja memoria é tão querida e tão reverenciada pelos filhos de Matto-Grosso.

Hydrographo e chorographo do maior valor, deixou numerosas memorias — e notaveis — ácerca do Brasil central; por largos annos presidiu Matto-Grosso, cabendo-lhe a gloria de haver sustido a invasão paraguaía, em 1865, quando collimava attingir Cuíabá.

Não ha quem medianamente conhecendo a historia da guerra do Paraguai ignore quem foi o general Emilio Mallet, barão de Itapevi, o glorioso artilheiro de 24 de Maio, o commandante dessa terrivel artilharia-revólver, cuja rapidez e precisão anniquilaram as heroicas investidas da infantaria paraguaia.

A bordo de nossa esquadra outro francez, Victor Jacques Subra, contemporaneamente adquiria a maior reputação. Commandando o *Brasil*, foi um dos que desmantelaram Itapirú e destruiram as famosas chatas. Soldado da Independencia e das campanhas platinas galgou com honra todos os nossos postos.

Mais modesto na graduação mas não menos celebrado, lembremos ainda o capitão de fragata Fernando Etchebarne, o bravo Basco, piloto de nosso encouraçado, que tantas acções gloriosas practicou em torno de Itapirú e Humaitá; tão valoroso quanto sereno, é das grandes figuras da campanha anti-lopesca.

*

Muito mais numerosos do que os francezes foram os Inglezes que defenderam o pavilhão auriverde, de si deixando gloriosa memoria. Varios os que em pról do nosso paiz perderam a vida e os que ficaram mutilados pelos inimigos do Brasil. O mais illustre de todos, ninguem o ignora, foi lord Cochrane, conde de Dundonald e marquez do Maranhão, cujos restos mortaes mereceram a consagração maxima do pantheon de Westminster.

"Primeiro marinheiro do seu tempo e último de sua eschola", bateu-se pela libertação do Chile e do Perú, e pela do Brasil. Terror dos Hispanhóes que lhe chamavam "El Diablo", coberto de gloria pelos grandes feitos practicados no Pacifico, como os ataques a Callau, a tomada de Guayaquil e de Valdivia e o notabilissimo feito de armas de 20 de Agosto de 1820, em que anniquilou a esquadra castelhana, não na quem lhe desconheça os serviços capitaes na nossa campanha da Independencia: o bloqueio da Bahia, que terminou com a capitulação de Madeira e de seu corpo de exercito lusitano, acossados, do lado de terra, pelas fôrças de Labatut, general dos Bahianos insurgidos. Foi ainda Cochrane quem libertou o Maranhão do jugo portuguez. O marquezado que lhe conferiu d. Pedro I a 25 de Novembro de 1823 lembra a acção por elle desempenhada no extremo-norte do Brasil. Grande é a divida de gratidão contrahida por nossa patria para com a memoria de Alexandre Thomaz Cochrane.

Ao lado do famoso marujo figura uma pleiade de no-

taveis officiaes, cujos nomes, embora não tão brilhantes como o seu, representam innumeras acções de vulto nos annaes da Marinha brasileira.

Citemos dentre elles James Norton, John Pascal Greenfell, John Taylor, William Parker, Frederico Mariath.

Entrado para o serviço do Brasil, em 1823, como capitão de fragata, era, no anno immediato, James Norton promovido a capitão de mar e guerra pelos grandes serviços prestados na repressão da revolução pernambucana.

Fez toda a campanha da Cisplatina, batendo-se sempre com extrema bravura contra a esquadra argentina, ao mando de Brown.

A 16 de Junho de 1828, pelejando contra fôrças muito superiores ás suas, perdeu o braço direito, declarando, ao lhe acabarem a amputação do membro: "Estou contente de haver sido ferido em defesa do imperador e do Brasil, e prompto a arriscar a vida pelas mesmas causas..."

Falleceu o illustre mutilado, na flôr da edade, em 1835, quando muito ainda esperava o Brasil da sua dedicação e capacidade.

Em 1823, aos 23 annos, já servia Greenfell ao nosso paiz, sob as ordens de Cochrane, com quem viera do Pacifico.

Bateu-se na campanha da Independencia e na da Cisplatina, onde tambem perdeu um braço. Prestou os mais relevantes serviços, defendendo a causa da unidade nacional, nas luctas com os Farrapos rio-grandenses e os revolucionarios do Pará, de Pernambuco e da Bahia, durante a "Sabinada", e, em 1846, já official general, foi nomeado consul geral do Brasil em Liverpool.

Chamado em 1851 para commandar a nossa esquadra, na campanha contra Rosas, executou o glorioso forçamento do passo de Tolenero, e obrigou Montevidéo a render-se ás nossas fôrças, libertando, conjunctamente com o nosso grande Caxias, o Estado Oriental da sanguinaria tyrannia do sinistro Oribe.

Official de Cochrane egualmente, cobriu-se John Taylor de renome em 1823, graças ás façanhas practicadas pelo seu navio, a valente *Nictheroy*, perseguidora incançavel da esquadra lusitana de Felix de Campos, que abandonára a Bahia. Executou notaveis proezas durante esse *raid*, chegando a

acossar os vasos portuguezes até á foz do Tejo. Figura saliente na repressão da revolução pernambucana de 1824, vemos, em 1827, o valente Taylor bater-se com os Argentinos, e ferido gravemente no combate de 30 de Julho, em que Greenfell perdeu o braço. No lobrego periodo regencial serviu sempre com a maior dedicação á causa da legalidade, quer no Rio de Janeiro, durante as sedições militares e a revolta dos restauradores, reprimidas por Feijó, quer no Pará, em 1835.

Distinguiu-se Mariath, desde muito moço, batendo-se com os Argentinos na campanha da Cisplatina.

A 18 de Janeiro de 1827 combatia como um leão, correndo com a *Nictheroy* em defesa da *Maceió*, encalhada e aggredida pela esquadrilha de Brown, e obrigando o inimigo a abandonar o campo de acção.

Assignalada tambem a sua conducta durante a revolução rio-grandense, quer dominando as aguas da Lagôa dos Patos e a cidade de Porto Alegre, quer retomando a Laguna ás forças de Garibaldi e David Canabarro.

Em frente ao seu tumulo declarou Joaquim José Ignacio, o illustre visconde de Inhauma: "Este foi Frederico Mariath, o mais bravo entre os bravos da nossa Marinha".

A William Parker deve-se tambem notavel papel na repressão das revoluções regenciaes, sobretudo no Rio Grande do Sul, em 1836 e 1837, onde serviu com Greenfell. Foi, portanto, dos obreiros da nossa unidade nacional.

Ao lado desses lobos marinhos de alta reputação, citemos ainda varios officiaes britannicos, que galhardamente usaram as nossas fardas.

Assim, mencionemos Thomaz Craig, official de Norton, commandante do *Niger*, que muito se distinguiu na Cisplatina, sobretudo no combate de 16 de Junho; Jorge Broom, que na mesma campanha mereceu os maiores elogios como commandante da pequena e valente *Bertioga;* Charles Rose, que se bateu com os *Balaios*, no Maranhão; John William, um dos bravos da refrega de 16 de Junho de 1828, como commandante do *Nove de Janeiro;* William Eyre, da expedição desastrosa á Patagonia, em 1827, em que substituiu no commando o infeliz Shepperd, portando-se com muita bravura e capacidade.

Em 1835 foi quem com seu compatriota o capitão de fragata Jorge Manson defendeu Belém do Pará contra os bandos ferozes da "cabanagem". Nas luctas de Cisplatina, em Septembro de 1827, já se distinguira Manson, pelejando com o seu pequeno brigue, o *Cacique*, contra o forte corsario *General Bandzen*. Nem são menos dignos de menção, embora menos se tenham salientado, os serviços de outros officiaes, como Dare, Wilson, Cowen, Hayden, Crosbie, Usher, Mac Erwing, John Walsth, Fletcher, Steel, e tantos mais, muitos delles condecorados com o Cruzeiro.

Numerosos os que desta legião de bretões fieis e valorosos deram a vida pelo Brasil, como Shepperd, o commandante da desastradissima expedição á Patagonia em 1827; Cecil Browning, o heroico commandante da *União*, na batalha de 16 de Junho de 1827, onde pereceram dous outros marinheiros inglezes, os tenentes James Lollet e Philipp Chapter.

Deviam as nossas luctas civis custar a vida a um outro official britannico, James Inglie, chefe da divisão naval que operava contra os rebeldes do Pará, e assassinado em Belém a 7 de Janeiro de 1835, em companhia do presidente da Provincia, Bernardo Lobo de Sousa, e do commandante das armas, Silva Santiago.

Ao lado destes bravos notemos a figura de real destaque de outro marinheiro anglo-saxão e illustre: o do chefe David Jewett, norte-americano, glorioso veterano das campanhas da Independencia e do Rio da Prata.

Angariando os serviços destes guerreiros, realizara o Governo brasileiro o mais acertado dos actos, pois convocara, para a defesa da nossa nacionalidade nascente, uma série de homens prototypos da bravura e da lealdade.

Dous allemães illustres serviam nosso paiz, no limiar da Independencia: Guilherme, barão de Eschwege, e Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, pae do illustre Porto Seguro. Tanto o sabio auctor do *Pluto Brasiliensis*, a quem muito deve o paiz, quanto o director do Ipanema se afastaram do Brasil, porém, nas immediações do 7 de Septembro.

Poucos foram os officiaes germanicos, que em nossas fileiras militaram; entre elles citemos o coronel Swelow,

ajudante de ordens de Barbacena, e auctor de interessantes memorias sôbre a campanha cisplatina, e os coroneis Pedro Guilherme Meyer e Maximiliano Emmerich, excellentes instructores militares, em fins do segundo Imperio, da Eschola Militar do Rio de Janeiro.

A esta resenha já bastante extensa junctemos ainda um suisso, o marechal Carlos Resin, bom e leal militar, que pelo Brasil começou a se bater na Cisplatina e acabou fazendo-o no Paraguai, assistindo a Ituzaingo e a Campo Grande com um intervallo de 42 annos; — e um italiano, João Baptista Pozzo, o valente piloto da nossa *Belmonte*, em Riachuelo, de quem se disse em ordem do dia da Armada: "ferido gravemente, só dava attenção ás manobras do seu navio, embora todo coberto de sangue".

Embora nascidos fóra da communhão brasileira, foram todos estes officiaes, illustres alguns, modestos outros, os servidores dedicados da bandeira que haviam jurado defender; muitos delles, tanto quanto os mais exforçados filhos do Brasil.

Justo é que, de vez em quando, a gratidão nacional lhes recorde os nomes, exaltando a memoria desses, que tanto souberam servir a Patria que haviam eleito e é a nossa.

V

UMA PRINCEZA BRASILEIRA DESCONHECIDA

Dos vezos nacionaes poucos haverá tão desoladores, quanto o desdém que envolve as nossas tradições e a memoria de personalidades illustres, cada vez mais esbatidas no recúo do passado, quando, em um paiz de maior cultura, occupariam a attenção de numerosos historiadores, constantemente a resuscita-las, cheias de vida, perante o avido público dos leitores e dos assiduos ás conferencias.

Vultos ha em nossa Historia, cuja simples enunciação do nome representa uma epocha, evoca toda a sorte de lembranças intensas de largo e ainda recente trecho da vida nacional; queira, porém, o curioso fita-los detidamente, seguir-lhe os passos atravez do scenario em que tanto brilharam,

fazer idéa dos odios terriveis que levantaram, dos applausos phreneticos pela sua acção suscitados, queira alguem percorrer-lhes a biographia, encontrará as mais das vezes, quando muito, as quatro linhas de alguma ephemeride. Quasi tudo está a crear-se na Historia brasileira, que não gyra no ambito dos actos officiaes, traduzidos na enfadonha e incolor enumeração dos documentos, dos nomes e das datas.

Assim succedia, por exemplo, a uma personalidade feminina de excepcional importancia nos fastos brasileiros, digamos melhor, nos annaes americanos: a marqueza de Santos.

Que se sabia da marqueza ? da unica favorita de um dynasta da America ?

Nada, absolutamente nada... ou antes, repetia-se á porfia uma meia duzia de anecdotas grosseiras e salazes e só... Criam muitos que era uma antiga lavadeira esta Pompadour brasilea, aparentada no entanto ás mais fidalgas familias de Portugal e do Brasil, em cuja ascendencia se lêm os nomes illustres de cavalheiros que metteram lanças em Africa e dos bandeirantes que levaram o Brasil ao coração da America Meridional.

Typicos esta ignorancia e o desprêzo, com que a maioria dos Brasileiros tracta as cousas da Historia patria, pouco caso que, ainda ha pouco, causava o maior pasmo a Paul Adam, surpreso ao último poncto, da insciencia geral e absoluta de todos os seus *ciceroni*, os mais altamente collocados e os humildes — que assim os teve — acêrca da historia dos monumentos, das instituições de que lhe faziam as honras.

Ultimamente se tem melhorado um pouco de tão prodigiosa e impatriotica ignorancia, bom é lembra-lo.

Em meiados do seculo XVIII dizia Pedro Taques dos seus contemporaneos: "vivem todos amortecidos na ignorancia dos seus nobres progenitores e das suas honrosas virtudes e acções". E fosse alguem pensar em desperta-los da profunda indifferença ! veria com o genealogista o clamor dos que contra elle tanto e tanto murmuraram.

Voltando, porém, á marqueza de Santos, recordemos o retumbante triumpho, a marcar epocha nos fastos da litteratura nacional, da obra de Alberto Rangel, o auctor illustre do *Inferno Verde* e das *Sombras n'Agua*.

Grato ao régio presente que lhe reservou o Destino, benevolo para com os queridos dos Deuses, Alberto Rangel correspondeu a tão alto chamamento de modo condigno. Lançou-se á treva densa que cercava a biographia de Domitila e, graças á pertinacia de rebuscador incansavel, aclarou o assumpto a poncto de, em tres annos, recolher a mais larga, curiosa, empolgante e inesperada documentação inedita, sôbre a amada de Pedro I.

Que labor formidavel e que trabalho intelligente!

Senhor, como poucos, da historia minuciosa do primeiro Imperio, as excavações do biographo de Domitila não foram as do simples mineiro e sim as do geologo consummado.

Novo Victor Cousin, apaixonado da formosa Longueville patricia, não se contentou Alberto Rangel com o recolher papeis; conseguiu, vencendo as maiores difficuldades, a fôrça de paciencia e de constancia, soberba documentação iconographica. A' collecção magnifica de *Pedro I e a Marqueza de Santos*, pertence o retrato inedito da duqueza de Goiaz, filha primogenita do nosso primeiro imperador e da favorita, desconhecida princeza compatriota, a cujo meigo e bello rosto tanto encanto empresta o véo nupcial.

Nasceu Isabel Maria de Alcantara Brasileira a 26 de Maio de 1824, no Rio de Janeiro; o nome, que a muitos parecerá estrambolico, deu-lhe o augusto pae, que, cada vez mais, apaixonado pela amante, não tardou, por decreto de 4 de Julho de 1826, em reconhecer a menina, conferindo-lhe solennemente neste mesmo dia o titulo de "duqueza de Goiaz".

Arrebatado e sentimental como era, amou Pedro I a esta filha natural, tanto quanto ás legitimas; e disto provas deu constantemente.

Sem ligar attenção aos reparos, não trepidou em baptizar dous navios da esquadra brasileira com o titulo da querida Bebella. Um destes *Duqueza de Goiaz*, foi naufragar nas costas patagonias, por occasião da desastrosissima expedição de 1827, tristissimo episodio da guerra cisplatina; o outro, depois de 7 de Abril, passou a chamar-se *Pernambuco*...

Rotas as relações do imperador e da marqueza, jámais consentiu elle em separar-se da pequena duqueza de Goiaz, que viveu em S. Christovam, ao lado das quatro ermãs legitimas, a futura d. Maria II, d. Januaria, d. Francisca e d. Paula e do futuro Pedro II.

Rôta a conveniencia dos dous amantes, nem por isto saïu a menina do Paço.

Em 1829, ante a imminencia do segundo casamento de Pedro I, eclipsou-se a marqueza de Santos definitivamente, recolhia-se á cidade natal, de onde nunca mais devia mudar-se; passou Bebella a ser educada pela linda Amelia de Beauharnais, segunda imperatriz do Brasil que, boa como era, lhe consagrou a maior amizade.

Mandou-a d. Pedro I para a Europa, em 1830, educar-se no "Sacré Cœur", de Paris; o desembarque no velho mundo, em vez de ser em Brest, foi feito em Plymouth, graças á inclemencia do tempo.

Pouco depois, porém, estava a pequena duqueza internada no famoso pensionato e entregue á guarda do visconde de Itabaiana, nosso ministro em França. Nunca mais devia rever a terra natal!

Em 1831, a revolução de 7 de Abril fe-la encontrar-se com o pae, que logo depois se dedicava de corpo e alma á aventura romanesca da reconquista do throno de sua filha, coroada pelo triumpho de Evora Monte.

No vigor da edade, aos 36 annos incompletos, a 24 de Septembro de 1834, desapparecia o rei soldado; no leito de morte, recommendou calorosamente a sua querida Bebella ao carinho de d. Amelia, viuva inconsolavel do marido ultra voluvel, do esposo que na Côrte ingleza, ainda recentemente, fôra classificado: *very frisky.*

Tinha d. Pedro I desenvolvida a fibra paterna em relação aos filhos de sua querida Titila.

A Maria Isabel, futura condessa de Iguassú, deixou um bom legado, assim como a Rodrigo Delphim Pereira, que houvera da baroneza de Sorocaba, ermã da marqueza de Santos.

D. Amelia, sensivel como era, converteu-se na duqueza de Bragança, a inconsolavel viuva. Viveu para a filha Maria

Amelia, que um fado adverso devia arrebatar-lhe na aurora da vida, e para os exercicios de piedade. Não se exqueceu, porém, da solenne promessa feita a d. Pedro I moribundo: continuou a ser a mais affectuosa das madrastas para a pequena duqueza de Goiaz.

Correram velozes os annos; em 1843 contava Bebella 19 annos e era linda como no-la mostra o seu retrato; a langorosidade dos seus olhos de Carioca mitigava a expressão physionomica herdada da belleza materna: tinha Domitila um aspecto de imponencia majestatica, que a muitos não agradava. "Sua formosura era do genero das imponentes e não possuia a gracilidade propria do sexo femenino", conta-nos um contemporaneo, em umas linhas e conceitos, que o conselheiro Acacio subscreveria gostosamente.

Era Bebella apatacada, mas não muito rica, além de linda e eminentemente feminil: entendeu d. Amelia achar-lhe logo um marido, um bom partido, e assim recorreu a seu tio materno, o rei Luiz I de Baviera, pedindo-lhe que arranjasse um *phenix* para a cara enteada.

Indicou-lhe este um, promptamente, na pessoa de Ernesto von Fishler, conde de Treuberg, que, embora 14 annos mais velho do que a duquezinha, tinha apreciaveis vantagens a seu favor para que tractasse a imperatriz de "o agarrar".

Não pertencia á primeira nobreza bavara; sua fidalguia era até muito recente, havendo quem lhe irrogasse ao sangue certos laivos judaicos; mas enfim, além de ser homem de qualidades solidas, tinha bella fortuna. O pae fundara a casa — agora condal — de Treuberg, pois fôra ennobrecido em 1807, com o titulo de cavalheiro von Fischler von Treuberg. Em 1817 obtivera do rei de Saxonia o titulo de conde, e afinal, em 1831, a sua elevação ao condado na Baviera, onde alcançara, além deste, outro titulo: o de barão de Holzen.

Excellente financeiro, ajunctara grande fortuna, dando ao filho bom dote.

Apaixonou-se Ernesto pela linda moça que lhe offereciam e, a 17 de Abril de 1843, desposava-a em Munich, no Palacio de Leuchtenberg.

Dahi em deante passou Bebella a ser uma princeza allemã. Muito felizes lhe correram os annos de casada; teve duas filhas e dous filhos: Amelia, nascida a 6 de Fevereiro de 1844; Fernando, a 24 de Janeiro de 1845; Augusto, a 8 de Outubro de 1847; e Francisco Xavier, a 2 de Julho de 1855.

O marido augmentou immenso os bens do casal; prosperaram singularmente as centenas de contos do dote e o que herdara do pae. Ao morrer no seu bello Castello de Holzen, a 14 de Maio de 1867, deixava aos filhos as propriedades de Osterbuch, Heretsried, Holzen, Druisheim, Murnau e Allmannshofen, todos feudos de grande importancia, nada menos de cinco mil *tagwerk*, ou cêrca de mil e setecentos hectareos, na Suabia e Franconia.

Sobreviveu-lhe a duqueza de Goiaz longos annos, 31, pois só falleceu no Castello de Murnau a 13 de Novembro de 1898, com a edade de 74 annos.

Tão distante se achava das cousas brasileiras, pela educação recebida na Europa e o afastamento completo da patria, que passou a fallar o portugüez com certa lentidão, muito embora o comprehendesse perfeitamente.

A 3 de Novembro desse mesmo anno de 1867, em que lhe morreu o marido, perdia a mãe, a marqueza de Santos. Correspondiam-se de longe em longe; costumava dizer a marqueza que muito desejava tornar a ver a filha; pensava até em fazer a viagem á Europa para este fim, desistia porém do intento ao reflectir que de nada lhe valia avistar-se com Bebella "si ella se exquecera de fallar portuguez".

Deixou-lhe contudo ricas joias dos numerosos adereços que devia á munificencia imperial e á paixão pelas pedrarias.

A 26 de Janeiro de 1873 perdia a duqueza de Goiaz a sua querida e boa madrasta, fallecida aos 60 annos em Lisboa, no Palacio das Janellas Verdes, onde passara o final da sua existencia austera, dividida entre a prática da maior piedade e as saudades infindaveis da linda filha que em 1853 lhe morrera, na ilha da Madeira.

Nada mais prendia a duqueza de Goiaz ao Brasil, por assim dizer. Não conhecia os ermãos, nem os filhos de d. Pedro I, nem os da marqueza de Santos, a todos era extra-

nha; deixou-se pois ficar na Allemanha, em Munich, em suas terras, a levar uma vida de *grande dame*, singella, discreta e caridosa, contudo. Ia frequentemente a Carlsbad e a Berlim. Naquella estação de aguas conheceu numerosos Brasileiros, a quem procurava sempre obsequiar muito.

Affavel, em extremo communicativa, indagava das cousas do Brasil com verdadeira amizade. Contristou-a muito a queda do throno bragantino, pois professava grande admiração pelo imperador d. Pedro II.

Excellente mãe de familia interessava-se immenso pela felicidade dos filhos.

A filha mais velha não se casou; accompanhava-a sempre, desempenhando na Côrte de Baviera um cargo de dama de honor.

A segunda, Augusta, desposou em 1869 o barão Maximiliano Tänzl von Trazberg, de uma das mais antigas casas bavaras, e falleceu em 1901 em suas terras de Dietldorf, perto de Ratisbonna.

Fernando, o filho primogenito e herdeiro do nome, alliou-se á baroneza de Poschinger. Occupava na Côrte bavara alto cargo, e falleceu em 1897, mezes antes de sua mãe, circunstancia esta que muito devia ter concorrido para abreviar os dias da velha duqueza.

Contam d. Pedro I e a marqueza de Santos, hoje, entre a nobreza bavara, numerosos bisnetos e tataranetos, bem collocados, como: Ernesto Luiz Fernando, conde de Treuberg e barão de Holzen, chefe da casa, official de artilharia e veador do rei da Baviera; Luiz Maximiliano von Treuberg, capitão de cavallaria e tabem fidalgo da Côrte bavara; Humberto Ricardo von Treuberg, doutor em Direito; Fernando Luiz von Treuberg, official porta-estandarte de infantaria na Guarda real bavara; Ernesto Fernando Xavier von Treuberg, capitão-tenente da esquadra imperial allemã; Carlos Francisco von Treuberg, tenente de metralhadoras; Fernando Carlos von Treuberg, official da Guarda, grão-ducal de Hesse; Philippe von Trazberg, veador do rei da Baviera, e secretario do Supremo Tribunal do Reino; Maria Antonia von Trazberg, dama de honor da princeza real da Baviera, etc.

Inspirou esta circunstancia ao historiador de Domitila as seguintes linhas das suas notas diarias de 14 de Novembro de 1914, transcriptas no bello e curioso livro, em que continuou a série dos triumphos encetada com o *Inferno Verde* e as *Sombras n'Agua*, estas *Quinzenas de Campo e Guerra*, obra de um pensador á margem da Grande Guerra, onde o desatavio nervoso das impressões das vinte e quatro horas serve de poderoso contraste á profundeza das observações e dos conceitos.

E' dos livros de *bonne foy*, e o nosso público lhe soube fazer a mais calorosa recepção; não existe em lingua portugueza cousa que no genero se lhe compare, nem documento de significação psychologica tão altamente suggestiva como este "jornal de um extranho" traçado em Cuissy sur Loire, a dous passos das linhas da frente e palpitante das angustias e das esperancas francezas no primeiro semestre da catastrophe.

« 16 de Novembro — Que será feito de Ernesto von Treuberg, tenente da marinha allemã; de Carlos Francisco von Treuberg, tenente da reserva, addido ás metralhadoras do exercito bavaro e de Fernando Carlos, tenente porta-estandarte do regimento de guardas do Grão Ducado de Hesse ?... Quaes terão sido as proezas dos jovens officiaes, cuja lembrança me vem tragica por esse vento tristonho e frio, que se occupa em atirar as últimas folhas no fossario de Cuissy ? Quem sabe si já não se debruçaram para sempre no sólo da Gallia, longe de Murnau, ou Holzen, onde se acha a estampa da avó, essa duqueza de Goiaz, nos seus véos de noiva e olhos grandes e velludosos de Carioca, figura silenciosa e phantasmagorica atirada pelas vagas disparatadas do destino, da collina de S. Christovam a um nobre solar da Baviera? Correria o sangue paulista e açoriano, que palpitava nas veias da marqueza de Santos, nos campos catalaunicos, nas charnecas da Galicia, das feridas de filhos dos filhos de sua filha?

Na nevoeirada, de onde fareja o chuvisco algido e moleste, vejo passar a procissão em que entram agora as personagens de tres casas reaes, os Toledos Castelhanos com os primeiros povoadores de S. Vicente e batedores do sertão

brasileiro; e mais esses Portuguezes do Angra, dinheirosos corregedores e provedores de armadas e naus da India e senhores de Conto e casa dos Cantos, provindos de João de Kaint — sombra remota de um condestavel do principe de Galles, aventurado na Galliza... fechando a caravana a excellentissima dona Domitila de Castro do Canto e Mello, por quem se perdeu de amor o monarcha aventuroso, digno de outras terras e outro seculo. Certo barão e conde judeu arrebatou para o leito conjugal a descendente desse abolorio de heroismos, de grandeza e de amor impuro, e dahi esses tres tenentes que o dia chovediço traz á memoria do sujeito que se emprega a escrever a chronica da bis-avó materna.»

Isto traçava em 1914 o escriptor brasileiro. Que restará da progenie allemã de Pedro I, nascida da duqueza de Goiaz após o furacão derribador do throno que tambem colheu a dynastia de Wittelsbach, a que tão apegados eram estes Fischler von Treuberg? E a quantos destes netos do nosso imperador não terá a morte surprehendido, quando bravamente pelejando *für König und Vaterland*, a honrar o sangue do Rei Soldado?

VI

UM ALBUM DE ELISA LYNCH

A 12 de Agosto de 1869 caïa Perebebuí — a improvisada e terceira capital de Lopez — em poder dos alliados após duas horas de renhida peleja, que lhes custou quinhentas baixas e um dos heroes da campanha: o general João Manuel Menna Barreto.

"As perdas do inimigo foram totaes; ficou elle todo ou morto ou prisioneiro. Perto de septecentos cadaveres contados, entre os quaes o do tenente-coronel Caballero, commandante da praça, o major Lopez, trezentos e tantos feridos e oitocentos prisioneiros sãos formavam o effectivo da guarnição. Dezenove canhões, treze bandeiras e bastante munição de guerra caïram em nosso poder", conta o visconde de Taunay, nuns ineditos que tenho á vista.

« Oh, a guerra ! sobretudo a guerra do Paraguai ! Quanta creança de dez annos e menos ainda, morta, quer de bala. quer lanceada, juncto ás trincheiras que percorri a cavallo, contendo a custo as lagrimas ! E naquelles rostos infantis uma expressão estereotypada ou de muita calma ou então de terror e agonia, que cortava o coração, essa mais frequente, como si os pobres coitadinhos houvessem expirado, comprehendendo bem o horror da morte, quando toda a natureza lhes sorria em tôrno !

Faziam-se prisioneiros, no momento em que eu passava, e, entre parenthese, ainda se matava, bem inutilmente aliás ! Salvei um dos desgraçados que iam ser degolados, e elle se agarrou a mim, não me deixando mais: por signal que, alta noite, por te-lo feito dormir num couro no mesmo quarto que fui occupar, raspei não pequeno susto.

Tomado Perebebuí e abafada qualquer resistencia houve o seu saque, apesar dos exforços para reprimi-lo. Os soldados, porém, entravam nas casas e saïam com muitos objectos que iam tomando violentamente ou apanhando pelo chão. Das moradas occupadas antes pelo dictador Lopez e por mme. Lynch tiraram não pequena quantidade de prata amoedada, peças hispanholas do valor de dous mil réis, das chamadas *columnares*, por terem as armas de Castella e Aragão gravadas entre duas columnas. Depois vimos muito desse dinheiro gyrar no commercio. Não poucos soldados, quando penetrei na morada de Lynch, passaram por perto de mim, levando em pannos e mantas grande porção dessa prata, quanto podiam carregar. Eu, avisado pelo Tiburcio, ia em procura de um annunciado piano. Havia tanto tempo que estava privado dessa distracção ! Achei, com effeito, o desejado instrumento — bastante bom e afinado até —, e puz-me logo a tocar nelle, embora triste espectaculo perto me ficasse: o cadaver de um infeliz paraguaio, morto por uma granada que furara o tecto da casa e lhe arrebentara bem em cima. Estava o desgraçado sem cabeça. Depois de algum tempo fiz remover o funebre *dilettante*, tocando com grande ardor talvez mais de duas horas, seguidamente. Assim festejei a tomada de Perebebui. No quintal daquella habitação onde havia trastes de luxo, modernos, e objectos

bastante curiosos de antiguidades jesuiticas, restos de grandezas passadas, a custo e á última hora trazidas da Assumpção, encontrou o Tiburcio um deposito de vinhos de excellente qualidade, sobretudo caixas de *champagne* e de indiscutivel e legitima procedencia e das melhores marcas. Nunca o bebemos tão saboroso e perfumado — força é confessa-lo. Tractava-se em regra a imperiosa e intelligente mulher, que teve tão vasta e tão perniciosa influencia sôbre o espirito de Solano Lopez e tanto concorreu para a desgraça, as loucuras e os horrorosos desmandos do amante e as calamidades do valente e malaventurado povo paraguaio. Bem curiosa deve ser a historia ainda tão imperfeitamente conhecida dessa Elisa Lynch.

Em Perebebuí apanhei, entre varios livros que pertenciam a Francisco Solano Lopez, o segundo volume de um *Don Quixote*, edição de luxo, em hispanhol, ornado de boas gravuras. Procurei com afan o primeiro volume, e não o encontrei no meio dos livros que lá havia, atirados a um canto. Durante toda a campanhia muito li e reli o meu *Don Quixote*, sendo cada vez mais augmentada a admiração que consagro áquelle livro, obra prima do engenho humano.

Abençoado Miguel de Cervantes Saavedra, quantos momentos de despreoccupação me déste, assim como os tens dado a milhões de entes neste mundo! E o que mais querer do que trechos de distracção no continuo assalto de tristezas e desgostos da vida? Esteve muitos annos em meu poder esse exemplar apanhado em Perebebuí; perdi-o mais tarde não sei como, e muito senti tal perda. Procurei em toda acasa de Lynch e na de Lopez documentos, afanosamente; poucos havia e quasi todos dilacerados; descobri no quintal um monte de cinzas visivelmente provenientes da queima de papeis.»

No *Diario do Exercito* (pags. 171 e 172) por Taunay redigido encontram-se a respeito das presas de Perebebuí as seguintes referencias:

«Os archivos todos da Republica, grande quantidade de prata cunhada e de egreja, livros, papeis, mobilias de Lynch e muitos objectos interessantes foram entregues á repartição fiscal, bem como tudo quanto pôde ser subtrahido ao

saque, aliás rapidamente comprimido. A habitação de Lynch estava atulhada de trastes ricos, porcellanas, camas douradas, e possuia até um piano em bom estado. No pateo fez-se uma excavação de onde saïu grande quantidade de vinho delicado e licôres.»

Ao encontrar no archivo de meu pae o album de Elisa Lynch, que constitue o assumpto deste artigo, e verificando que ainda em Junho de 1869, dous mezes antes da queda de Perebebuí, nelle escrevia o ministro dos Estados Unidos, Mac Mahon, uma longa poesia, quero crer que tal album tenha sido arrecadado entre os papeis dilacerados e avariados, a que se refere o trecho que transcrevi, e tão afanosamente revistados.

Angariou o escriptor, então, uma boa cópia de documentos e sobretudo numerosos jornaes paraguaios formando valiosa collecção, offerecida, alguns mezes mais tarde, ao Instituto Brasileiro.

O que resta do album vem a ser um caderno de papel não pautado, de grande formato e bordos dourados (24 centimetros de largura sôbre 35 de comprimento) separado da capa, de papel mais grosso, e recoberta de seda azul ferrete. Ha evidentes signaes de que numerosas folhas lhe foram subtrahidas, e que o caderno, assim como está, devia, outr'ora, achar-se dentro de alguma rica pasta ou envolucro qualquer. Na sua lombada notam-se vestigios dessa encadernação, provavelmente arrancada por algum soldado avido, que ao conteúdo não ligou a menor importancia.

Conta o album, agora, doze folhas em branco e dez onde ha escriptos assignados por seis personagens diversos: os ministros americanos Washburn e Mac Mahon, o prussiano F. von Gülich, o delegado apostolico Marino Marini, arcebispo titular de Palmyra e seu auditor del Vecchio, e um agente dos Lopez, nos Estados do Prata, Juan José Soto.

Numa folha existem algumas linhas tão apagadas, que é impossivel a meu ver reconstitui-las.

Curiosa e interessante a figura de Elisa Alice Lynch, a quem certamente, em grande parte, deveu o Paraguai o seu anniquilamento. Quanto seria desejavel que se resuscitasse a personalidade da mulher, que soube fixar os amores

voluveis de Lopez, muito embora as suas continuas aventuras de toda a especie, — desde o estupro de donzellas e a violentação de mulheres casadas da sociedade paraguaia até a crapula mais baixa com infimas proletarias — o afastassem por algum tempo da favorita.

Fechava Elisa Lynch os olhos aos desmandos do amasio e dahi talvez, dessa complacencia da mulher que sabe perfeitamente que tem o homem preso pela pelle, segundo a energica e feliz expressão franceza, dessa tolerancia pelas incursões no terreno da infidelidade, talvez lhe houvesse vindo o prestigio enorme.

Tinha Lopez caprichos, serios caprichos, alguns duradouros; mas a mulher a quem amava realmente, a mulher que o governava era Elisa Lynch.

Não é minha pretenção estudar a personalidade da famosa inimiga do Brasil; não me parecem descabidas, porém, algumas referencias á "voluptuosa sultana que de uma mancebia na moderna Athenas passou a viver reclinada em um leito de prazeres, graças a um filho soberbo das selvas paraguaias, que a deslumbrou com os raios de ouro de um porvir de gloria e de grandeza, aponctando-lhe, embriagada de orgulho e de esperança, o throno de Assumpção", na phrase do publicista argentino Heitor Varela.

Pouco conhecido entre nós é o curioso livro deste escriptor sôbre a amasia de Lopez II, a descripção de uma viagem ao Paraguai em 1856, quando Francisco Solano occupava a pasta da Guerra, sob as vistas do pae, Carlos Antonio.

Publicado em Buenos Ayres, no anno de 1870, sob o pseudonymo *Orion* constitue valioso documento sôbre a vida paraguaia, nas immediações da grande catastrophe de 1865-1870.

Privou Varela familiarmente com Elisa Lynch, a quem votava desprêzo, pois não perde occasião alguma de lhe chamar *lorette* e lhe lembrar a ligação irregular.

No prefacio faz-lhe uma pequena biographia antes da chegada ao Paraguai: filha de paes modestos, linda e muito culta, resolvera um bello dia abandonar os paes sem que os rogos e lagrimas destes a detivessem.

Desmandou-se, cansou-se da vida desregrada, casou-se, e dentro em pouco foi a mais infiel das esposas.

«Teve um amante, teve dez, até que as *lorettes* parisienses a vissem entrar no templo de suas orgias, coroada de belleza e de brilhantes.»

Si entre ellas não foi a soberana, nem por isso deixou de ser sempre uma mulher da moda, festejada, e tendo constantemente em tôrno de si uma roda de admiradores. Da alcova de um principe levou-a um lord a viajar; fez furor entre as *lionnes* de Baden Baden, captivou a attenção do cardeal Antonelli em Roma, humilhou o orgulho de um Tenorio afortunado em Madrid; explorou, sem commiseração alguma, a um rico banqueiro de Londres, até que, dominada pelas qualidades de um joven Sevilhano, delle se enamorasse perdidamente sem que, no entanto, conseguisse, nem pela formosura, maneiras ou talento, vencer o desprêso com que elle lhe retribuia.

Fôra nesta situação, triste para o espirito, desesperadora para o amor proprio de mulher, que encontrara Lopez. O que lhe havia succedido, em relação ao sevilhano, aconteceu ao Paraguaio. Apaixonou-se por Elisa.

Esta, depois de conhecer o general das selvas americanas e de relance descortinando o futuro que lhe antolhava ás ambições, prometteu-lhe a fidelidade de um coração virgem; conseguiu impor-se-lhe á vontade, obrigou-o a viajar em sua companhia para melhor estuda-lo na intimidade de um tracto constante; e quando, satisfeito o amor proprio, pôde vangloriar-se da facil conquista, abandonou os habitos de passado licencioso, veio plantar a tenda de peregrina na morada sombria daquelle, que mais tarde devia dar-lhe a cerviz de um povo, por degráos de um throno.

Companheira de Lopez nas bacchanaes de Paris, tambem o foi nas orgias sanguinolentas do Paraguai, no meio das quaes appareceram sempre unidas estas duas figuras, sôbre cujas cabeças pousam as almas de milhares de victimas, muitas das quaes ella poderia ter arrancado do martyrio, si em vez de estimular os ferozes instinctos do amante, se houvesse inspirado no exemplo daquella sublime Esther da Biblia.»

Conta Heitor Varela que ao passar por Buenos Ayres, após o sinistro de *Aquidaban*, lhe disse Elisa: — "Si o seu livro não me ultrajar, si me não pintar como a mais perversa e sanguinaria das mulheres, fique certo de que não encontrará echo", ao que lhe retrucara: — "não penso escrever um livro destinado a satisfazer aspirações de quem quer que seja, nem as dos que em v. ex. vêm a mais infame das mulheres, nem a ambição daquelles que, pelo contrário, encontram uma excusa para todas as faltas da conducta de v. ex., ao lado do marechal Lopez. Limitar-se-á minha conducta a expôr factos de uma authenticidade, que ninguem possa derrocar. Serão estes feitos os julgadores de v. ex.".

Intentava o biographo escrever tres volumes: tractava o primeiro da sua viagem a Assumpção em 1856, anno em que pela primeira vez viu a sua heroina; destinava-se o segundo a relatar as suas aventuras de cortezã antes da ligação com Lopez; o terceiro, a historia de sua vida durante a campanha do Paraguai. Cremos que tal plano se não completou, assim nos informou o sabio Vieira Fazenda; os dous volumes não eram tão faceis de composição quanto o primeiro: muitíssimo longe disto.

Ficou o livro de *Orion*, assim mesmo interessante para nós outros, Brasileiros.

Tractando-se de uma obra extrangeira muito pouco ao alcance do nosso público em geral, e aliás hoje exquecida por assim dizer, seja-me permittido resumi-la rapidamente. Ha de perdoar-me o leitor a digressão, pois lhe trará algumas compensações sérias.

*

Que edade teria Elisa Lynch em 1870? indaga Heitor Varela ao encetar o seu primeiro capitulo. Indiscreta pergunta, de difficillima resposta! Jurava ao seu biographo a interessada que nascera em 1834; mas este, como historiador inflexivel, declara peremptoriamente que no minimo pretendia ella escamotear um lustro, fixando em 1828 para a en-

trada provavel no mundo da "*gran Loreta* de los amenos sitios de Paris y la *leona* de *Regent Street*, levantada en el Paraguay á la categoria de una Reina, por el que, no habiendo se contentado com llenar el mundo con el ruido de su barbarie, lo ha querido llenar tambien con el escándalo de sus amores e la voluptuosidad de sus deleites".

Singular e tremendo rol o desta cortezã na immensa tragedia, "en que su arrogante figura de mujer se destaca pisando los cadaveres de una generación entera, aterrada por los gritos de un millar de criaturas, que contemplaron inocentes el fuzilamento de sus madres infelices, que quizá ella pudo arrancar á su verdugo, amansándolo como se amansan las fieras, con una caricia".

Deixada em branco esta questão da edade, para ulterior solução, occupa-se Heitor Varela em descrever a sua viagem a Assumpção, em busca de bons ares para restabelecer a saude compromettida. Corriam dias de Septembro de 1855, e a anarchia assolava o territorio da Republica Argentina.

Fez a intolerancia partidaria com que o viajante, vulto politico de destaque nas luctas causadoras da quéda de Rosas, não ousasse visitar as cidades marginaes do Paraná dominadas por adversarios, sinão depois que as auctoridades lhe mandaram offerecer todas as garantias. Numa parada para que o vapor pudesse tomar lenha e reparar avarias encontrou Varela, num logar miseravel e deserto, certa dama mysteriosa de nobre nascimento, e fulgurante belleza, filha de um marquez francez que lhe fazia as vezes de pae e era tambem um fidalgo dotado de grades virtudes, além de real sciencia.

Dezenas de páginas de insupportavel prolixidade gasta o escriptor com o romance de Maria: — pois assim lhe chama — cheio de incidentes complicadissimos, e inverosimeis muitos delles. Merecera Maria não só a attenção como a benevolencia de Elisa Lynch, quando esta cruzava aquelle trecho selvatico da Argentina, e os elogios por ella feitos á amante de Lopez incenderam os desejos do informado, em conhecer tão famosa pessoa. Pouco depois entrava o vapor em aguas paraguaias e começava a manifestar-se o regime dos Francias e Lopez na sua ferrea feição.

Art. 6.° No se podrá entrar ó salir de la capital, sin una licencia de la Policía.

Art. 7.° Toda vez que en el transito se encuentre el carruaje de S. E. los transeuntes se detendran y sacando-se el sombrero lo saludaran con todo respeto.

Cuidado con no respetar el Reglamento! disse despedindo-se dos advertidos o mal enroupado funccionario.

Apenas alojado, foi Varela visitar Francisco Solano Lopez. Uns amigos argentinos, residentes em Assumpção, entre outros o consul, já lhe haviam contado o que de sobra sabia aliás: estava Lopez perdidamente enamorado de uma ingleza, linda mulher, altiva e orgulhosa, com quem era de grande vantagem entreter as melhores relações.

Pareceu-lhe Lopez elegante, com maneiras naturaes, desembaraçadas. A physionomia, tinha-a sympathica e expressiva. Acolheu-o amavelmente e apenas lhe disse maliciosamente: "Para una alma como la de Ud. nuestro aire debe ser demasiado pesado. No teme, pues Ud. que la espantosa tirania paraguaya pueda tener influencia sobre su espiritu, acostumbrado á la encantadora libertá de su Patria ?" E sublinhou muito as palavras. Agradavel correu a entrevista contudo, retirando-se o escriptor argentino com muito melhor impressão do interlocutor do que a que esperava.

*

Curiosa feição a da capital paraguaia, em 1856! Saindo a passeio pela manhã admirou-se Varela do que ia vendo. Um dos primeiros encontros teve-o com um velho em fraldas de camisa, que á porta da rua tocava violão. E não era outro o pouco ceremonioso personagem sinão o bispo do Paraguai!

— E não falta aqui quem o tenha visto em trajos mais summarios!, observou o cicerone do viajante portenho.

Pelas ruas, bandos de mulheres iam ao mercado tendo apenas uma leve anagua sôbre o corpo. Innumeros meninos e meninas, alguns de treze e quatorze annos, vagueavam totalmente nús, circunstancia que o calor suffocante parecia em parte desculpar.

Nas Tres Boccas, surgiu pela prôa do vapor, numa canôa, certo funccionario do govêrno paraguaio, á frente de uma patrulha de soldados descalços. Perguntou logo aos passageiros: " Acatan ustedes al Supremo ? "

Continuando rio acima cruzou o navio as fortificações de Humaitá, onde trabalhavam milhares de operarios, dia e noite, convertendo o estreito passo na formidavel praça de guerra que chegou a ser.

O official da guarnição de Humaitá, que foi a bordo conferir a lista de passageiros, tinha ares de um Murawieff, despachador de infelizes para o knut e a Siberia, e com prodigiosa insolencia negou o desembarque aos viajantes.

Afinal chegou o escriptor a Assumpção, á capital da terra "convertida por Francia, primero, por su sucesor, despues, en la cárcel imensa de una nación, que prostada, abatida, sin derechos ni garantias, sin consciencia de sua personalidad augusta, vivia como la China, cerrada al bulicio del mundo. La vida del Paraguay tenia para mim lo sombrio de un drama espantoso y lo festivo de una comedia ridícula. En ambos estremos los protagonistas eran los mismos: Francia y Lopez". Um ajudante de ordens, do general Lopez, Francisco Solano, então ministro da Guerra, subiu a bordo do *Uruguay* afim de saudar a Varela, circunstancia que causou grande impressão aos viajantes: offerecia Lopez hospedagem, que o publicista argentino recusou.

Depois de rapida passagem pela Alfandega foram os recem-chegados á Policia, onde um coronel, de camisa e ceroulas, entre observações grosseiras e ameaças, leu-lhes curiosissimo regulamento policial:

Art. 1.° Queda prohibido hablar de politica de las Provincias de Abajo (Rep. Argentina) por no importarnos lo que por ali pasa.

Art. 2.° Queda prohibido andar del brazo por las calles de la capital.

Art. 3.° No se podrá asistir a ningun baile ó diversión pública, sin licencia prévia de la Policia.

Art. 5.° E' absolutamente prohibido trasitar ó passar delante el Palacio de Gobierno, habitado por el Supremo de la República.

"Não havia dúvida, reinava no Paraguai profunda aversão a se queimarem palmas nas aras do pudor. Um passeio com senhoras não era dos mais amenos nem poeticos". Ao regressar á casa soube Varela que Elisa Lynch mandara dar-lhe as boas vindas. Retribuindo a gentileza á noite pagou-lhe a visita.

Morava a amasia de Lopez numa casa luxuosamente arranjada, cheia de *boules* e *aubussons*, quadros, porcelanas e bronzes. Como ficasse só no salão deteve-se a examinar os cartões de um porta-cartões, constantemente lhe passando sob os olhos os nomes dos diplomatas acreditados no Paraguai e os dos mais illustres politicos platinos. Afinal appareceu-lhe a cortezã: alta, esbelta, cutis alabastrina e admiravel, soberbos olhos azues, cabellos louro-castanhos, mãos e pés pequeninos e perfeitos, um conjuncto de belleza e volupia. Não se lhe daria então mais de vinte e seis annos, nem se diria que experimentara os transes de uma vida sensual e desregrada.

Longa conversa entreteve com o escriptor, cuja franqueza ao lhe dizer que lhe ignorara a estada em Buenos Ayres, a principio não lhe agradou. Fez a apologia da mulher ingleza, como amante apaixonada, querendo contestar um preconceito corrente, tudo isto em presença de um personagem mulato e mudo, com ares de espião ou esbirro. Fallava o francez com grande pureza e correcção, demonstrando, ao mesmo tempo, um espirito muito vivaz e prompto. Comprehendeu Varela, ao admirar-lhe a intelligencia superior e a formosura, quanto fôra facil á antiga *lorette* apossar-se do homem rudimentar, que era Francisco Solano Lopez.

Commentando o escriptor esta visita com os amigos e compatriotas residentes em Assumpção, afiançaram-lhe estes que Elisa não o teria recebido em casa, si o amante não lh'o houvesse aconselhado. Tinha Lopez sempre alerta o tal esbirro e só manifestara ciumes violentos de um paraguaio: Carlos Saguier. Gostava de experimentar a fidelidade da amasia, mandando que recebesse em casa extrangeiros, sobretudo aquelles que julgava poderem impressionar fortemente a mulher. Logo depois pagava Lopez a visita do pu-

blicista argentino. Vestido com o maximo apuro não perdia ensejo algum de fazer notada a pequenez das mãos e dos pés, de que parecia ter a maior faceirice. Fallou muito da sua viagem e estada na Europa, da politica sul-americana, accusando acerbamente o Brasil de pretender absorver o continente. Como ajudantes de ordens levara officiaes superiores. Viu Varela, nauseado, dous coroneis do exercito paraguaio, um a lhe segurar o cavallo e outro o estribo para que cavalgasse !

Apesar da subserviencia geral na nação paraguaia, pôde Heitor Varela verificar quanto entre as senhoras da melhor sociedade de Assumpção reinava, profundo e rancoroso, o odio a Elisa Lynch, cujas relações recusavam. Acerbamente se referiam á cortezã, muito embora a tremer de medo, accompanhando-as nesse temor os circunstantes, que geralmente rogavam com a maior instancia, se mudasse o assumpto da conversa.

Voltando a visitar Lopez, teve Varela a coragem de lhe fallar com a maxima franqueza da oppressão paraguaia. Retrucou Solano vivamente, e entre as suas ponderações fez acerbas criticas á " supposta " liberdade argentina. Não fôra tão sanguinario, seria Rosas o governador ideal para a Republica Argentina, avançou. Depois de uma série de phrases dictadas pela cholera, declarou-lhe peremptorio: " Meu pae está velho, e sua vontade e a dos meus compatriotas é que eu o substitua no supremo mando da nação. Neste dia farei o que elle, apesar dos meus conselhos, não tem querido. O Brasil e vocês argentinos cubiçam o Paraguai. Temos, porém, elementos sufficientes para resistir a ambos. Não esperarei, porém, que me ataquem: hei-de ser o aggressor. Ao primeiro pretexto que me dêm, declararei a guerra ao Brasil e ás Republicas do Prata. Não poderei garantir a independencia e segurança do Paraguai sem abater, antes, a preponderancia do Imperio e das republicas platinas. *Para quando chegue o dia começamos a nos preparar*..." Impressionou-se com estas palavras, e tanto, o publicista ar-

gentino, que, ao voltar a Buenos Ayres, as relatou por miúdo aos homens mais eminentes do seu paiz, como o então presidente Alsina e o general Bartholomeu Mitre.

Não deixou Lopez que o interlocutor partisse sem lhe perguntar si conhecia Elisa Lynch, a quem classificou " viajera inglesa distinguida de una solida instrucción ".

Dias depois passeando Varela pelos arredores de Assumpção, em companhia de alguns compatriotas, teve occasião de encontrar ao longo do Paraguai numerosos bandos de banhistas em trajos paradisiacos. Por elle cruzou, então, a galopar num soberbo corcel, que guiava como verdadeira amazona, Elisa Lynch, maravilhosamente vestida e indifferente ao espectaculo proporcionado por aquella scena frescal. *Elle en avait vu bien d'autres*.....

A *Orion* coube o ensejo de frequentar um dos extrangeiros que viviam prisioneiros, com menagem no Paraguai, facto este comesinho no paiz, desde que Francia o transformara em carcere de homens como Aimé Bonpland e Artigas. Era elle um hispanhol, homem de lettras, certo don Ildefonso Bermejo, que á conselho de Solano Lopez viera estabelecer-se em Assumpção. Pessoa muito instruida tivera logo mil occupações, fôra nomeado director da Eschola Normal, da Imprensa Official e redactor chefe do famoso *Semanario*. Haviam-lhe promettido mundos e fundos, e faltavam-lhe os Lopez com a palavra. Era miseravelmente pago e matavam-no de trabalho. Verdadeiro prisioneiro do Paraguai seguidamente lhe davam mil encargos; entre estes o de construir um theatro e o de preparar e ensaiar uma *troupe* de actores paraguaios, apanhados a laço, chucros e boçaes.

Após insano trabalho fizera o pobre Bermejo o seu pessoal decorar uma zarzuela: *O valle de Andorra*, peça com que se inaugurou o theatro, justamente no anno de 1856. A este magno acontecimento acudiu a sociedade paraguaia em peso. No camarote de Estado destacavam-se Carlos Lopez, a mulher, os dous filhos, Francisco e Venancio, e as duas filhas. Em frente á frisa presidencial Elisa Lynch. "Cora Pearl, a

mais celebre cortezã parisiense de então, não se teria apresentado mais bem vestida, nem mais luxuosa e elegante, na Grande Opera ".

Contemplavam-na os homens com certa admiração respeitosa. As senhoras, sobretudo um grupo á esquerda, na platéa, deitavam-lhe olhares, cuja expressão não era exactamente a de uma terna sympathia.

A mais curiosa figura do theatro era, sem dúvida alguma, a de Carlos Antonio Lopez, disforme de gordura, mammuthico. " A cabeça completamente unida ao rosto prosegue numa immensa papada, sem linhas nem contornos, e como que tinha a fórma de uma pera". Cobria-a colossal chapeu de palha, com quasi um metro de alto, verdadeiramente carnavalesco na sua feição de *kiosque.*

Comportava-se a assistencia como se assistira, compungidissima, ao mais solenne dos *requiems.* Mesmo nos intervallos, apenas, e com difficuldade se percebia o ligeiro murmurio de uma ou outra conversa, iniciada com apparente temor e não tardando a suspender-se.

Reflectia o auditorio a immobilidade, a impassibilidade do presidente. De repente poz-se elle de pé.

Em massa, como impellida por possantes molas, levantaram-se então, e de chofre tambem os espectadores.

Minutos depois saïa da sala, seguido pelos seus pretorianos, o " Monarcha das Selvas ".

Não lhe ouviu Bermejo uma unica palavra acêrca da funcção theatral, e este silencio enfureceu-o ao último poncto, desanimando-o ao mesmo tempo, profundamente.

Sua mulher, humilhada e tambem exasperada, relatou então quanto sabia de Elisa Lynch, a quem attribuia em grande parte as attribulações do casal. Tudo isto se devia ao facto de se negar ella, terminantemente, a entreter relações, siquer de cumprimento, com a cortezã, affirma. Assim, pois, a sra. Bermejo dizendo-se perfeitamente informada passou a enumerar as seguintes façanhas da amada de Solano Lopez.

Esposa de distincto official do exercito francez, de familia nobre, seguira-o á Argelia, quando o seu regimento para lá fôra destacado. Linda e elegante, inspirara vehemente paixão a um official superior; pouco depois era sua amante.

Um nobre russo de grande fortuna, viajando em Africa, pouco depois lhe alcançava tambem as boas graças. Dahi um duello, que ao general francez custara a vida; quinze dias mais tarde fugia Elisa, voltando a Paris, onde se entregava á vida airada. O marido, que fôra destacado para o centro da Argelia, viera então busca-la, tentando regenera-la. Convencido da triste situação, em que caïra, della se separara afinal e para sempre.

A um lord coubera a successão. Gastara rios de dinheiro com a formosa compatriota. Fizera-a viajar muito pelas estações de aguas, dera-lhe um *hotel* em Paris, luxuosissimo, satisfazendo-lhe os mil e um caprichos.

Isto não impedira que o deslocasse um segundo russo, tambem riquissimo, joven principe e ajudante de ordens do imperador Nicolau I. Durante quatro mezes viajara Elisa com o seu moscovita pela Italia e Hispanha. Regressando a Paris, ao seu quartel-general, notaram todos que o russo desapparecera. Substituira-o um conde, francez, de uma das principaes familias de Normandia. *Reinava* o normando, quando fôra Elisa assistir a uma parada no Campo de Marte. Fardado de grande gala, figurava Lopez no sequito de Napoleão III. Passou pela fila de carruagens, cruzando a soberba victoria da cortezã, cujos magnificos baios chamavam a attenção geral. Rodeada de galanteadores, analysava ella o cortejo, quando um dos amigos, certo argentino, mostrou-lhe o paraguaio. — Quem é? perguntou desdenhosamente. — O filho do presidente do Paraguai e seu herdeiro. Será um dia dono de colossal fortuna. — Você o conhece? — Sim. — Então faça-o vir ceiar commigo. — Perfeitamente.

Dous dias depois estava Lopez nas garras da irlandeza, de quem nunca mais conseguiria desfazer-se.

Um dos espectaculos, que a Heitor Varela mais impressão causaram no Paraguai, foi a da attitude do povo á passagem do presidente, as demonstrações do mais absoluto servilismo: multidões inteiras prostrando-se de joelhos, ao encontrar a carruagem de Carlos Lopez.

" Os pobres Paraguaios hão de morrer todos, quando e onde Lopez os mandar matar ", reflectia, devassando o futuro.

Bermejo, que privara com o presidente, informou-lhe então que este não era propriamente um homem mau. Ao filho, Solano, a quem Lopez I idolatrava, a este, sim, cabia a suggestão dos actos de barbaria do Governo.

Tinha Carlos Lopez certa instrucção e leitura. Percorria frequentemente as obras de Machiavel e os livros de Historia. Accompanhava a politica universal analysando a acção dos governos com grande presumpção e fatuidade, pois, como politico e administrador, julgava-se superior a todos os governantes contemporaneos. Com a maior facilidade lhes verberava os actos. Detestava os Estados Unidos, cujo govêrno dizia ser uma quadrilha de ladrões, e cujos ministros e diplomatas apregoava compraveis por meia duzia de pesos. Viesse ás aguas paraguaias alguma demonstração naval americana, que elle, abrindo a bolsa, saberia arrumar-se com o plenipotenciario e o almirante.

Ao fallar destes assumptos exprimia-se Carlos Lopez com relativa calma; bastava porém tocar no nome do Brasil, para que, allucinado pelo odio, desvairasse.

Jámais pronunciava a palavra *brasileiro;* só nos designava pelos epithetos *los negros* ou *los cambá* (macacos, em guarani).

Qualquer nota, vinda do gabinete de S. Christovam, era motivo para furiosos accessos da cholera do tyranno. Poucos dias antes ouvira-lhe Bermejo dizer no Conselho de ministros:
— *Yo no me he ido ya hasta Rio Janeiro porque les tengo lastima a esos macacos: no hay un solo que tenga la figura de hombre. Con diez mil paraguayos yo conquisto el Imperio de Don Pedro.*

E redobrando de ira acrescentara, sem se importar com o que poderia affectar ao filho.

"Venham estes corruptos, estes cevadijas com a sua esquadra! eu os espero nas Tres Boccas com a *Ingleza*. Desde o seu pretenso almirante até o último *mono* das suas tripulações todos se hão de entreter com ella a poncto de se exquecer do objecto da expedição!"

Tinha Carlos Antonio Lopez verdadeiro odio á sua nora

da mão esquerda. Nunca quizera com ella trocar uma unica palavra, e nem admittia que a seu respeito se fizesse a minima referencia, siquer lhe repetissem o nome.

Nas últimas páginas do seu livro relata Heitor Varela horrivel episodio, de que foi protagonista Francisco Solano Lopez: uma tentativa de estupro praticada sôbre uma linda rapariga da melhor sociedade paraguaia, Pancha Garmendia.

Don Juan barato, depois de uma série de facilimas conquistas, "pois poucas eram as que desejava e a elle se não rendiam pelo terror", cubiçou Pancha, "conjuncto de graça e formosura realçado pelas maneiras e distincção".

Repelliu-o a moça violentamente desde as primeiras demonstrações, que se seguiram continuas, e cada vez mais apaixonadas.

Afinal, vendo que o objecto dos seus desejos o evitava de todos os modos, pediu-lhe Lopez uma entrevista. Espavoridos, rogaram os paes de Pancha á pobre moça que cedesse. Esteve ella a sós com o seu perseguidor e disse-lhe, de modo peremptorio que o detestava, por mais que lhe protestasse elle violentamente seu affecto.

Enfurecido, prometteu-lhe então que se vingaria e retirou-se para, dalli a uns dias (facto que basta para caracterizar a vida de então no Paraguai), voltar uma madrugada, a assaltar a casa da sua perseguida como o mais vulgar dos satyros. Conseguindo attingir-lhe o aposento, não o detiveram os gritos da infeliz, que para se defender o mordia desesperadamente, implorava a misera soccorro lancinantemente, e circunstancia atroz! ninguem da familia, paes e ermãos, reunidos num quarto ao lado, ousava acudir-lhe, tal o pavor inspirado pelo despota.

Ia vencer o fauno, quando Pancha, armada com um grande alfinete de chapeu, fundamente o feriu.

Pasmo da resistencia e louco de ira, sacou Lopez do bolso uma pistola e visou a sua victima.

— "Atira, miseravel! é o unico bem que me podes fazer!" disse-lhe a heroica joven.

Vencido então, e sem retorquir palavra, retirou-se o satiro acabrunhado, pelo jardim por onde passara.

Logo depois entrava no quarto a mãe de Pancha, a chorar convulsamente. — "Perdoa-me" disse-lhe a infeliz. "Prometteu mandar matar-nos a todos, si lhe vedassemos o passo !"

Todas as minucias da repugnante scena, affirma Varela te-las ouvido dos esposos Bermejo, intimos da familia da desventurada donzella; algumas semanas mais tarde, confirmou-lh'as a propria Pacha.

— " Vingar-me-ei ", ameaçava o tyranno ao saïr, " si não és minha, jamais serás de pessoa alguma". Foi então que, exasperado com o insuccesso, retirou-se para a Europa, onde longo prazo viveu na maior libertinagem. Voltou com Elisa Lynch que, conhecedora do voluvel amasio e receiosa de uma recrudescencia da paixão antiga, quiz conhecer Pancha Garmendia. Recusou esta o encontro altivamente, motivo pelo qual sôbre si attrahiu o rancor perigoso e inapagavel da Irlandeza.

Alguns annos mais tarde, Lopez, que nunca perdera de vista, um dia siquer, a antiga e linda desejada, a quem constantemente fazia espionar, inflingia-lhe, já em tempos dos seus revezes militares, toda a especie de ultrajes. Afinal mandou assassina-la, depois de requintados e longos supplicios!

*

Terminou a estada do publicista argentino em Assumpção com uma excursão á colonia *Nueva Burdeus*, de infelizes immigrantes francezes, localizados a uns sessenta kilometros da capital e á margem do Paraguai. Realizou-se a excursão a bordo de um vapor recentemente adquirido pelo govêrno de Lopez e transformado em vaso de guerra.

Nelle fazia a sua primeira aprendizagem nautica um coronel de cavallaria fardado e exotico ao último poncto: mãos, pés e braços de dimensões pasmosas; cabellos e barbas, que eram verdadeiras cerdas.

Ah ! si Gavarni e Paulo de Koch apanhassem ! reflecte o viajante portenho. Era o instructor um official francez, que

lhe mandava repetir os commandos em sua lingua materna, cousa totalmente impossivel ao aspero larynge do paraguaio e provocadora de homericas gargalhadas dos passageiros. Não insistiriamos acêrca do marinheiro de cavallaria ou do cavalleiro de marinha, si não fosse para nós o muito conhecido chefe Mesa, o vencido do Riachuelo, dez annos mais tarde! Educavam os Lopez o seu futuro almirante! Este incidente bem frisante é de quanto naquelle paiz, unico no universo, e onde tantas singularidades e tantos despropositos havia, contribuiram de modo capital para o descalabro da infeliz e heroica nação, na lucta insana sustentada com a Triplice Alliança, o desvario do orgulho do tyranno. Suppunha o allucinado que a simples designação da sua vontade bastava para crear aptidões e supprir a superioridade dos tirocinios longos.

Sem que ninguem a esperasse, surgiu do camarim Elisa Lynch, vestida de seda, com um luxo e elegancia inexcediveis, accomponhada de uma ama que carregava ao collo um menino de anno, parecidissimo com Lopez II e cujas roupas e rendas eram " dignas de um principe de Galles ".

Ao vê-la descobriram-se o chefe Mesa e todos os passageiros presentes com infindo respeito; della se acercaram então alguns dos passeantes. Viu-se Varela em dura contingencia; a senhora a quem accompanhava, uma argentina, recusou-se terminantemente a ser apresentada á ingleza, que para os dous olhava com a maior insistencia. Sentindo-se em falsa posição decidiu-se o jornalista, depois de larga hesitação, a saudar a soberana do Paraguai. Recebeu-o esta ironicamente, alludindo irritada á senhora que recusava a sua companhia e, sem a minima ceremonia, despachou os cortezãos paraguaios afim de conversar á vontade. Pareceu ao interlocutor que pretendia debica-lo. Estomagou-se e, resolvendo responder-lhe no mesmo tom, perguntou-lhe á queima roupa — " si algum dia havia amado ".

Provocou a questão interminavel discussão da *ex-lorette*, em que lhe narrou a vida, a dissecar o coração e a explicar lhe a complicada psychologia do ser.

Exprimiu-se eloquentemente, expoz-lhe os embates d'alma com verdadeira paixão. Incontestavelmente, reflecte o interlocutor, tinha eu deante de mim uma mulher de intelli-

gencia superior — Acabou Elisa o seu discurso a enxugar lagrimas; precisa de um desafogo como aquelle que tivera, declarou. Desde muito tinha a alma enferma e ninguem que a consolasse.

Seria esta scena um tributo á verdade dos factos ou pura comedia da cortezã, habil em fingir emoções e sentimentos? Pareceu a Varela mais plausivel a primeira hypothese.

Cessando as suas expansões sentimentaes, mandou Elisa aos lacaios que offerecessem as fructas e os vinhos de tres riquissimas bandejas á dama argentina. Persistindo na imprudente altivez, demonstrada desde o principio, voltou a obsequiada as costas aos creados.

Uma expressão de desvairada cholera incendeu o rosto da amasia de Lopez; contentou-se porém em dizer que nunca vira mulheres tão orgulhosas como as buenayrenses: e, accrescentou: "ademáes las hay mal educadas". E tomando uma vingança, characteristica de *cocotte* de baixo cothurno, ordenou que ao rio arremessassem os lacaios tudo o que nas bandejas havia.

Em *Nova Bordeus* não tardou a atracar o navio. Alli viviam, como já o dissemos, uns miseros Francezes, ao Paraguai emigrados, embahidos por funesta miragem que se convertera na mais terrivel das decepções. A vida se lhes tornara verdadeira tortura, mixto de oppressão e miseria inacreditaveis. Confinados a um pequeno territorio, eram os infelicissimos emigrantes vigiados, dia e noite, pelas auctoridades paraguaias; dizimavam-nos a malaria e o typho. A transição de clima os anniquilava, exigindo a pujança da seiva tropical trabalho dobrado dos agricultores para defender as plantações dos insectos e das hervas damninhas. Fracos como estavam, haviam visto as miseraveis roças arrasadas.

Chibateados e estaqueados homens e mulheres a todo o proposito e por questões de nonada, tinham alguns dos colonos enlouquecido. Outros haviam tentado escapar áquelle inferno e então caçados por escoltas, como feras, e assassinados covardemente. De nada valiam as reclamações do ministro francez a Lopez. Bem sabia o tyranno quanto a posição dos seus dominios lhe permittia zombar da fôrça das maiores potencias militares.

Souberam os visitantes que um dos colonos mais conceituados pela posição e familia na terra natal, tinha a esposa á morte, de typho.

Commovida, ou simplesmente para se fazer notada pela acção caridosa, ordenou Elisa Lynch que o desditoso casal embarcasse para Assumpção. Chegado o vapor á capital paraguaia, annunciou que levaria a doente para a propria casa. Queria ser-lhe a enfermeira. Não sabia o pobre marido o que pensar de tanta generosidade. Mal havia porém a doente caminhado duas quadras numa padiola, entrou em agonia. Fê-la Elisa transportar para a casa mais proxima e assistiu-lhe ao rapido fim.

Dahi a pouco apparecia a soberana do Paraguai ao publicista argentino e sem apparentar a menor commoção, dizia-lhe: "Accompanhe-me á casa, estou suffocada de calor". Voltava-lhe integral a insensibilidade propria das cortezãs, adquirida pelo desvirtuamento dos sentimentos que lhes impõe a tortuosidade da vida.

Pouco conhecedor das cousas platinas, ignoro qual o valor exacto documental do livro de Heitor Varela, de onde extrahi os interessantes pormenores que aos benevolos leitores nos precedentes artigos apresentei. Do sabio e saudoso mestre dr. Vieira Fazenda ouvi que a obra de *Orion* faz fé.

Graças á amabilidade de erudito historiador paraguaio a quem, a proposito do assumpto que nos occupa, tive o ensejo de consultar, consegui de um parente proximo da célebre Irlandeza as aliás restrictas informações, que passo a condensar.

Nasceu a companheira de Lopez II em Cork, condado de Galway. Filha de distincto medico, procedia de uma das mais velhas familias daquella parte da Irlanda, contando no seu abolório chefes de clans, sheriffs, etc., " en número de más de ochenta ", diz o noticiarista.

Havendo irrompido gravissima epidemia em Cork, prestou Lynch os mais abnegados serviços profissionaes aos concidadãos, sendo-lhe então confiado o govêrno civil da cidade, posição em que revelou a maxima energia na repressão

das depredações e desordens então occorridas. Quando o flagello estava por assim dizer extincto, enfermou e falleceu. Recorda-lhe os meritos uma placa de bronze com significativa inscripção, num dos mais frequentados locaes da terra, a que serviu devotadamente. Silenciando quaesquer outros pormenores, a poncto de declarar desconhecer a data do fallecimento de Elisa Lynch, extendeu-se o consultado, longamente, sôbre um ermão que ella transportara ao Paraguai, muito mais moço aliás, o tenente Lynch, da marinha do seu cunhado da mão esquerda e, ao que parece, ex-official da esquadra britannica de guerra.

"Era un distinguido oficial de marinha, criado y educado como tal, desde su niñez, como acostumbran en la marina britanica", — relate o informante. "Era un correctisimo gentleman y mui querido por sus compañeros, hasta, no más: joven, rubio, alto de estatura, bien proporcionado; lleno de vida, alegre, se reia a mandibulas abiertas de las penurias y peligros y (lo que fué causa de su muerte prematura) muy y generoso amigo y adorador insigne de las chicas — á quienes festejaba sin tregua ni descanso, — por quienes gastaba todos sus haberes y alas que, en definitiva, terminó por dar su vida, se puede decir, pues a causa de ellas, murió tisico".

Nascera o tenente Lynch assim como a sua linda ermã, sob o signo venusino, deduz-se do aranzel do seu parente...

*

E' tempo porém justificar a epigraphe dos despretenciosos estudos que tanto desenvolvimento tiveram com as digressões, a que me entreguei. Movia-me o desejo de apresentar aos leitores alguns aspectos physionomicos de uma personalidade, cujo nome é em nosso paiz tão conhecido, e cuja biographia se reveste contudo da ausencia de pormenores perante o público brasileiro.

Do esfrangalhado album de Elisa Lynch restam dez paginas, in-4°, escriptas, onde se lêm as lucubrações em prosa ou poeticas de seis personagens notorios, já o disse eu, por ordem chronologica: a 14 de Fevereiro de 1862 um trecho em prosa do sr. von Gülich, desde 1852 ministro plenipoten-

ciario da Prussia no Paraguai e Republicas Platinas; a 19 de Março de 1862 longa poesia de Juan José Soto, politico uruguaio, agente secreto e espião chefe dos Lopez, nas Republicas do Prata; — a 28 de Maio immediato, longo trecho de prosa do então ministro americano no Paraguai, Charles Ames Washburn; a 20 de Agosto seguinte as linhas curtas do internuncio por Pio IX enviado á republica, monsenhor Marino Marini, arcebispo titular de Palmira, e de seu auditor Luiz del Vecchio. E afinal as tres páginas, onde se esparrama a larga e optima calligraphia do successor de Washburn, o general Martinho Thomaz Mac Mahon, auctor de dez arroubadas e violentas estrophes enaltecedoras do valor paraguaio e portadoras dos votos para que (isso em Junho de 1869) dentro em breve possa a heroica e esmagada pequena nação triumphar dos oppressores.

Este grande lapso de septe annos, entre os cinco primeiros escriptos e o último, decorrente de 1862, epocha de paz e prosperidade, e do apogeu da cortezã, aos dias amargos de 1869, em vesperas de Perebebuí, Campo Grande e Aquidaban, faz-nos crer que do album tenham desapparecido muitas folhas. Seja como for, assim como está, abre-o o ministro prussiano com as suas vinte linhas de excellente gothico.

Bem se sabe quanto, em occasiões destas, é difficil escrever alguma cousa que valha e quanto inçada de perigos e deslises para o ridiculo, a trivialidade e até mesmo o calinismo, é a litteratura "albumnesca". O que o representante do govêrno de Guilherme I traçou é ão chatamente infeliz e vulgar, tão bajulatorio que chego a suppôr haja o diplomata, — no entanto homem de velha estirpe aristocratica — fiado na impunidade conferida pela insignificante divulgação do seu idioma na America Meridional de antanho, deixado uma série de conceitos carregados de acirrada ironia. E realmente só a titulo de impertinente remoque se poderá admittir a lealdade das expressões de quem affirma a existencia da Civilização "não sómente na capital *quasi européa* do Paraguai, como nas mais pobres choupanas dos mais longinquos páramos deste paiz livre!"

Ahi vão, na integra, as phrases *sinceras do ministro* prussiano:

Em que consistirá a civilização ?

Acaso no aperfeiçoamento ou elegante imitar das mais recentes modas parisienses? na interpretação fiel de grandiosas operas? na applicação das mais modernas invenções de mechanismos? não residirá antes, acaso, no Christianismo, nos ensinamentos das Sagradas Escripturas e na sua practica, o fundamento basico da verdadeira Civilização?

Si assim esta é com effeito a essencia de tão celebrada Palavra, muita civilização vim encontrar no Paraguai que, até hoje, tem conservado encantadora originalidade, e isto em tempos como os nossos, em que as idéas niveladoras pouco a pouco estão roubando ao globo o interesse tão agradavel da diversidade. E civilização existe não sómente na capital quasi européa, como nas mais pobres choupanas dos mais longinquos páramos deste paiz livre (1).

F. von Gülich.

Assumpção, 14 de Fevereiro de 1862.

Quiçá a trôco de tanta lisonja e por intermedio da possuidora do seu autographo almejasse o plenipotenciario alguma mercê do tyranno, pois já ahi não ha sómente innocuas amabilidades nessas phrases repassadas de funda deturpação da verdade.

Em todo caso não fez cumprimento algum á amasia do bajulado despota.

Juan José Soto, velho estipendiado de Lopez I, parasita constante do Thesouro paraguaio, amigo do peito de Lopez II, um de seus galfarros móres no Prata e confidente de tranquibernias de toda a especie... Seria pasmoso lhe não désse o estro charro e baratissimo para celebrar a ligação que ao patrão, por quem fôra herdado, tão cara sabia ser.

E assim o fez nas seguintes nove quadrinhas de bala de estalo, fructo talvez de larga e densa locubração altamente

(1) Traducção do sr. dr. Edmur de Sousa Queiroz.

desphosphorante de sua cerebração beleguinesca e mercenaria...

La flor transplantada

Desde una pradera umbrosa
De la nebulosa Albión
Fué llevada a la Asunción
La más elegante rosa.

Y en el ameno pensil
De aquella zona abrazada
Esta flor privilejiada
Descubre bellezas mil.

A los fuertes resplandores
Del nuevo sol que la alienta
La preciosa flor ostenta
Más vividos sus colores.

Alli un habil jardinero
Lleno de amor y ternura
Cifra toda su ventura
En cuidarla con esmero.

Y en cada estación que asoma
Lujósa en nuevos destellos
Brota pimpollos más bellos
Exhala más rico aroma.

Y ufana con sus primores
Es en lánguido desmayo
En el verjel Paraguayo
Reína de todas las flores.

Tu eres Elisa en verdad
Esa rosa purpurina
Que mi mente se imajina
Como emblema de amistad.

Si en medio de los placeres
De una vida venturosa
Alguna vez bondadosa
Estas lineas recorrieres

Esenta del amargo hastio
Digan tus labios discretos:
"Improvisó estos cuartetos
Un sincero amigo mio"..

Asunción, Marzo, 19 d . 1862,

Juan José Soto.

Admiravel o fecho, gryphado, — note-se bem, das nove quadras hepta-syllabicas. Transcrevendo-as lembrámos apenas a razão de ser da presença de Juan José Soto na côrte de Assumpção, como chefe dos esbirros platinos dos dictadores paraguaios.

Muito mais habil que os seus collegas de diplomacia foi o internuncio nas poucas linhas, que a pressão das circunstancias o fez deixar no album de Elisa. Realmente nada mais constrangedor do que este caso de um arcebispo, legado papal, obrigado a fazer zumbaias documentadas a uma *ex-cocotte*, a quem officialmente visitava, na sua qualidade de soberana, embora da mão esquerda.

Creado nas tradições da velha diplomacia romana, unctuosa e matreira, safou-se brilhantemente o finorio arcebispo de Palmira do difficil passo:

"Me es muy grata la oportunidad que me proporciona la distinguida Señora D. Elisa Lynch para minifestarle que en mi corta permanencia en el Paraguay he admirado no solo los ricos y abundantes dones con que la divina Providencia lo ha faborecido sino tambien sus adelantos en todo sentido, el trato fino y amable de sus habitantes, y con especialidad la acertada política del hombre eminente, que dirige sus destinos. Felicito, pues, a la Señora D. Elisa Lynch por haber elegido para su residencia este Pais tan privilegiado.

Asunción, Agosto, 20 de 1862.

Marino, arzebispo de Palmira."

Faz grandes barretadas ao Paraguai, ao "homem eminente que lhe dirigia os destinos", más á Sra. D. Elisa apenas acha meios de lhe applicar o innocuo "distinguida", felicitando-a "por ter eleito para sua residencia tão privilegiado paiz..."

Quanto ao seu secretario, não lhe cabendo as mesmas responsabilidades que ao Prelado seu chefe, nem sendo homem de egreja — escreveu umas quatro a cinco linhas amaveis e galanteadoras, na sua vulgaridade inventiva:

"A la Sñra. D. Elisa Lynch.

Asunción, Agosto 20 de 18[illegible].

Pocos son los dias de dicha, muy estimada e interesante Señora: pero el haber podido apreciar muy de cerca las caras prendas que le adornan, ha sido uno de ellos para el que se honra en suscribir-se. Su afmo. y Seguro Servidor.

Luis del Vecchio."

Sabem quantos conhecem a historia da guerra do Paraguai um pouco além dos seus traços geraes, que ao principiar a campanha contava o Brasil fervoroso inimigo na pessoa do plenipotenciario americano alli acreditado, Charles Ames Washburn.

Intimo amigo de Lopes II e Elisa Lynch, contribuiu fortemente para que a opinião pública de seu paiz se deixasse embaçar pelas apparencias enganosas do conflicto: a tão apponctada desproporção de fôrças, que levara o immenso e covarde Brasil a alliar-se ás Republicas Platinas afim de esmagar o minusculo e heroico adversario.

Era isto o que impressionava o público nos Estados Unidos, tanto mais quato gosava Washburn, no seu paiz, da melhor reputação.

Accusam-no varios escriptores da auctoria de perversa invencionice, que á porfia repetiram os inimigos de d. Pedro II, brasileiros e extrangeiros, e tanto correu mundo, sobretudo nas Americas. Assim lhe attribuem a paternidade da patranha insustentavel, que filia a verdadeira causa da guerra

do Paraguai aos sentimentos de vingança do imperador do Brasil, grave e pretensamente insultado nos sentimentos dynasticos e pessoaes pelo pedido da mão da princeza d. Leopoldina pelo despota de Assumpção.

Homem intelligente e culto, embora sem maneiras, grosseiro mesmo, segundo affirma Masterman, pertencia Washburn a uma familia de dilatado prestigio.

Filho de Israel Washburn, grande constructor naval e armador muito conhecido, nascera em 1822 na Nova Inglaterra. Apenas formado em Direito resolvera transplantar-se para S. Francisco da California, exactamente na epocha das grandes *rushes* do ouro. Alli advogara e politicara activamente, dirigindo um grande jornal, o *San Francisco Daily Times*, e organizara o partido republicano do Estado, de onde lhe viera muita influencia juncto aos *leaders* supremos da sua aggremiação politica. Homem de multiplas aptidões era ao mesmo tempo um excellente mechanico. Imaginara um typo novo de prelo e vendera algumas e rendosas patentes de invenção.

Rodeava-o a aura de varios ermãos altamente collocados, sobretudo a de Israel Washburn Junior, advogado de fama, innumeras vezes enviado como deputado ao Congresso Nacional, abolicionista *enragé* e afinal em 1860 governador do Estado do Maine.

Mostrara-se no desempenho deste cargo um dos mais firmes sustentaculos do glorioso Lincoln, sendo tido como dos grandes *Governadores da Guerra*. Outro ermão, Caldwallader Colden Washburn, tambem advogado de notoria reputação, grande influencia no Estado de Wisconsin, de que viria a ser o governador, era egualmente, na epocha, um dos homens proeminentes do partido republicano. Tomara a mais activa parte nas operações da guerra civil, chegando a ser coronel major-general de voluntarios.

O mais velho da ermandade, Elihu Benjamin Washburn, deputado ao Congresso, sempre reeleito, desde 1852, e onde haveria de permanecer até 1869, este chegaria a secretario do Estado com Grant e mais tarde a embaixador em Paris, de 1870 a 1880.

Os dous mais jovens da familia tambem faziam carreira brilhante: Samuel Washburn, official da Marinha,

coberto de serviços e citado pela sua pericia e bravura (*Skill and gallantry*), e William Drew Washburn, politico de larga influencia no Estado de Minnesota, a poncto de, em 1865, ser nomeado *surveyor general*, apesar da mocidade.

Assim, por si e pelos seus, revestia-se o ministro Washburn de grande auctoridade para encaminhar deste ou daquelle modo a opinião pública norte-americana.

Chegado em 1861 ao Paraguai é de suppôr não haja resistido aos encantos da Circe celta, *en tout bien tout honneur* queremos crer, pois não era Elisa mulher que se abalançasse a desencadear a explosão dos ciumes do feroz amasio, sobretudo no pequeno scenario paraguaio, onde se sabia rigorosamente vigiada.

Em 1862 estava o ministro Washburn nos melhores termos de amizade com o despota e sua amante.

E este sentimento lhe dictava duas longas páginas de prosa, com pretenções humoristicas, aliás, a nosso ver, mediocremente realizadas. Pelo panno de amostra do album de Elisa Lynch não nos parece o causidico diplomata escriptor, cujo espirito seja dos que cream ou acreditam uma feição litteraria.

Avaliem-no, porém, os leitores; e não nos exqueçamos contudo de quanto é perfido e escorregadio o terreno do album de pensamentos:

«Muito desejaria, minha boa amiga, escrever algumas linhas originaes e espirituosas, si tal me fosse possivel, mas infelizmente:

A minha unica feição original, é a do peccado.

Conhecedor desta falha já me contentara com o redigir certo número de phrases sensatas, embora estafadas mas... ainda infelizmente tanto me favoreceu a sorte quanto á sàbedoria, como quanto ao espirito.

Desde muito é tido o nescio quando calado, por avisado; quantos não tem passados por sabios só porque não fallam ! e si de uma cabeça violentamente saccdida nunca se ouviu dizer que a sabedoria houvesse escapado, é que certamente lá ficou ella sempre presa. Traçasse eu aqui a minha rude assignatura, sómente, que dahi me viria talvez reputação identica quanto á sabedoria; quem sabe mesmo si

os que para ella olhassem não exclamariam como sir Roger de Coverly no tumulo do dr. Brusby:

"Este, em verdade era um grande homem".

Imaginariam, com certeza, que me teria sido facil escrever por cima da firma palavras de tão profunda sabedoria e scintillante humorismo, como jámais ainda houvessem sido apreciadas quer:

"Pela immensidade dos ceus, dos abysmos da terra ou sob as aguas que cobrem o globo".

Poderiam crer-me tão sensato quanto Goldsmith; aliás mestre-eschola. Cresceu o portanto a poncto de uma pequena cabeça poder conter tudo quanto conheço.

Mas, quando as palavras perfazem phrases insipidas e vasias não ha ensejo para illusões; apparecem *in totum* os periodos chatos, prosaicamente monotonos. e o escriptor que poderia — si se tivesse limitado a rabiscar o nome — passar por um oraculo de sabedoria e um poço de humorismo, revela-se privado destas qualidades por não conhecer bastante a arte de nada dizer.

Occorreu-me a idéa de que para mim o melhor seria não imitar a boa sra. Partingdon, que "nunca abria a bocca sem dizer um churrilho de asneiras" e deixar-me quieto, fazendo entrever que, si quizesse, derramaria a jorros espirito e sabedoria.

Não me posso furtar, porém, cara amiga, a dizer, que tendo vindo a este longinquo paiz extrangeiro foi para mim motivo de grande alegria nelle se me deparar uma senhora nobre pela educação, pela alma e apurado gôsto, com quem pude conversar acêrca dos grandes mestes da lingua saxonia e discutir assumptos da litteratura contemporanea.

E' com estas calorosas expressões de consideração e estima, que me assigno seu amigo grato

Assumpção, 28 de Maio de 1862.

C. A. WASHBURN."

Encantado pela belleza da sua homenageada e ao mesmo tempo satisfeito de haver encontrado, no rude e ignorante Paraguai de 1860, uma mulher de grande e culta

intelligencia com quem podia trocar idéas sôbre questões que lhe eram gratas, deixou-se Washburn suggestionar a poncto de cerrar olhos e ouvidos ás manifestações da tyrannia lopezca.

Pouco a pouco, porém, dissipando-se a nuvem enganosa que lhe obliterava o espirito, voltou-lhe a consciencia da verdade dos factos, sobretudo quando viu o regulo encaminhar-se para o terreno das crueldades em massa e systematicas.

A principio suspeito a Lopez II, dentro em breve era por este odiado e afinal, após as horriveis matanças de S. Fernando, gravemente ameaçado. Foi então necessario que o Governo de Washington tractasse de lhe proteger a existencia, pois o autocrata paraguaio o aponctava como um dos organizadores, sinão o principal, da supposta conspiração tramada para o derribar.

Teve o *Wasp*, navio de guerra norte americano, de ir ás aguas paraguaias buscar o diplomata que, uma vez escapo ás garras do autocrata, violentamente se desabafou, escrevendo, já de Buenos Ayres, tremendas — bastava-lhes o character da veracidade — objurgatorias contra o grande assassino de S. Fernando.

Denunciado ao seu Governo pediu uma abertura de inquerito para se justificar, havendo nesta occasião obtido a sua conducta a mais completa approvação da juncta encarregada pelo Ministerio das Relações Exteriores de estudar o caso.

*

Dous annos e meio após a data em que o diplomata norte-americano assignara as suas páginas de humorismo no album da Lynch, irrompia a guerra.

Qual teria sido a attitude de Elisa durante a campanha?

Desde os primeiros dias, no dizer de várias testimunhas oculares, deu o amasio inequivocas mostras de ferocidade tal, e tão desorientada, que parecia inspirado por absoluta insania.

Assim nos conta Thompson, quando refere por exemplo a execução de dous transfugas argentinos mortos a chibatadas, por terem enfermado de variola! E, sobretudo, o horrivel fuzilamento de um misero sargento da guarda presidencial, accusado de conspiração, e cujo crime consistia em haver perguntado ao official inglez, si a rainha Victoria saïa com a corôa á cabeça, quando estava a passeio e outras cousas de egual gravidade.

Em perpetuos transes viveu certamente Elisa Lynch, desde os primeiros dias de desánimo, quando a realidade das cousas se lhe desenhou ao espirito, após os desastres de Riachuelo, Tujutí, Curuzú, etc.

Assistia ao embarque dos batalhões, frequentemente, accompanhando os soldados até bordo onde lhes dava cigarros e moedinhas, e passou a residir no Passo da Patria, por algum tempo.

Quando este foi evacuado após o bombardeio tremendo da esquadra brasileira, Lopez espavorido, diz ainda Thompson, fugio precipitadamente, longe do alcance dos canhões navaes, deixando Lynch e seus filhos, "que se arrumassem como pudessem".

Ella, o bispo Palacios e os seus ajudantes de ordens passaram metade de um dia a procura-lo. Afinal o acharam a tres leguas do Passo: como as balas brasileiras se approximassem a uma milha do poncto onde estava, partiu immediatamente. "Estando fóra do alcance dos projectis começou a fazer-se de valente. Possuia um genero peculiar de valor: achando-se a coberto dos tiros, muito embora cercado pelo inimigo, conservava o bom humor; não supportava porém o silvo de uma bala".

Sempre ao lado do amante, relata Thompson que, ao fracassar o accôrdo tentado na entrevista de Lopez e Mitre em Jatahi-Corá, foi Elisa quem consolou o amante, de regresso ao seu quartel-general, secundando-a o bispo, o deploravel Palacios.

Dias depois, embaçado o generalissimo alliado pelo embuste grosseiro da proposta de armisticio, dava-se o terrivel desastre de Curupaití o que, segundo narra Thompson,

proporcionou á Irlandeza mais uma demonstração do seu espirito de rameira, avida de dinheiro.

Vergonhosamente despojados os nossos mortos pelos vencedores, grande quantidade de ouro appareceu em campo paraguaio, ouro que Elisa embolsou em troca de papel moeda, recentemente emittido.

Quando o general Diaz foi mortalmente ferido, em fins de Janeiro de 1868, Elisa o visitou várias vezes, depois da amputação que o dr. Skinner practicara, da perna do heroe.

Em 1868, affirma o auctor inglez, fôra ainda ella a instigadora do movimento pseudo-patriotico, pelo qual as infelizes paraguaias se despojaram, em proveito dos cofres nacionaes, de suas joias, joias que Lopez e ella *roubaram*, escreve-o por extenso.

Tiveram ainda as infelizes tributadas que pedir permissão para pelejar ao lado dos ermãos, tudo sob a inspiração da Irlandeza. Havendo algumas raparigas da aldeia de Areguá insistido, fardou-as Elisa com um uniforme de sua invenção: traje branco com faixa tricolor, completado por uma especie de gorro escossez.

Viviam taes amazonas a percorrer as ruas de Assumpção cantando hymnos patrioticos. Passadas algumas semanas, dispersaram-se.

Aproveitou-se Elisa Lynch da guerra para satisfazer antigos e fundos rancores, avança o engenheiro britannico. Assim, como detestasse o digno consul geral francez Cochelet pelo facto de jámais haver consentido que a familia a visitasse, serviu-se de sua substituição pelo tão tristemente famoso Cuverville para o expôr e aos filhos a graves perigos.

Mandou-os encerrar em um local da fortaleza de Humaitá, onde estes desgraçados passavam muitos dias expostos ao bombardeio da esquadra brasileira. O que os salvou foi o apparecimento inesperado de um navio francez, que os vinha buscar.

Entre outras increpações feitas á cortezã por Thompson citemos estas: logo que Lopez soube ser fatal o forçamento de Humaitá, encarregou-a de "acautelar" os objectos precio-

sos do casal, isto é, os que lhe eram proprios e as offerendas dos Paraguaios sôbre o "altar da patria", além de muitos outros valores.

Vivendo continuamente desde o principio da guerra em companhia da bella e tão desventurada mulher do coronel Martinez, o heroico defensor de Humaitá, nada fez Elisa para salvar a companheira, quando o tyranno a mandou torturar ferozmente, em represalia á capitulação do marido.

Chegando a canhoneira *Beacon* ás aguas paraguaias para repatriar os Inglezes, esforçaram-se Lopez e Elisa para fazer crer ao commandante e officiaes do vaso de guerra, de que "nenhum inglez queria saïr do paiz".

Esmagadas as suas fôrças em Lomas Valentinas, fugiu o dictador, como se sabe, pela "picada da selva" tão apressadamente, que abandonou a amasia á sua sorte, "andando ella, bravamente, a procura-lo entre as balas, com perigo continou de morte".

Afinal desanimando encontra-lo, fugiu em companhia dos generaes Resquin e Caballero, indo reunir-se ao homem a quem se ligara. Valeu-lhe esta attitude a admiração dos seus sequazes. Acaso não receiaria caïr prisioneira, sabendo-se odiada como era?

Para Von Wersen — o obsecado official prussiano, que se encaquestara a mania de servir o Paraguai contra os alliados, arriscara muitas vezes a vida para alcançar o *desideratum*, e, afinal, em troca de tanta sympathia, só de Lopez recebera toda a sorte de maus tractos, havendo mesmo milagrosamente escapado á morte pelo supplicio. — para Von Wersen foi Elisa a inspiradora de muitos crimes do amasio.

Tambem para o dr. Jorge Masterman, cirurgião militar inglez ao serviço do Governo paraguaio, e auctor do livro tão interessante dos *septe annos de aventuras no Paraguai*, foi Elisa quem "pelos conselhos perversos e desenfreada ambição se constituiu a causa remota da terrivel guerra", arruinadora da heroica e desgraçada república central.

Segundo este escriptor, Elisa e Lynch não passavam de nomes de guerra. Pretende que a ex-hetaira, nascida em

França, de paes irlandezes, desposara um medico militar francez.

"Quando a conheci era notavelmente bella; e embora o tempo e o clima lhe houvessem diminuido a belleza, comprehendi perfeitamente quanto os Paraguaios, vendo-a desembarcar, acharam-se os encantos de um realce extra-terreno tal e o vestuario tão sumptuoso, que tanto para uns como para outros não encontraram phrases que lhes traduzissem o pasmo. Recebera esmerada e mesmo brilhante educação e fallava, com a mesma facilidade, o inglez, o francez e o hispanhol. Dava magnificos jantares, podendo impunemente beber tanto *champgne*, quanto jámais vira quem quer que fosse faze-lo.

Mulher intelligente, egoista e destituida de escrupulos como ninguem, comprehende-se immediatamente quanto devia ser immensa a influencia por ella exercida sôbre um homem tão imperioso, embora tão fraco, vão e sensual como Lopez. Com admiravel tacto, manifestava-lhe apparentemente a maxima deferencia a respeito, quando na realidade delle fazia o que bem lhe passava pela mente e era virtualmente a soberana do Paraguai.

Dous projectos ambiciosos a afagavam: desposar o amasio e delle fazer o Napoleão do Novo Mundo.

O primeiro constituia difficil empresa, pois o marido, como francez, não podia divorciar-se; quiçá, realizando-se o segundo, não lhe teria talvez sido muito custoso obter dispensas e trocar a equivoca situação por outra garantida. Assim gradativa e insidiosamente fôra imbuindo Lopez da idéa de que era o maior cabo de guerra de seu tempo, e lisongeava o fatuo, credulo e avido selvagem, de modo a inculcar-lhe a noção de que o destino lhe reservara tirar o Paraguai da obscuridade e torna-lo a potencia dominante da America do Sul.

Tornava-se necessario para a realização da ambiciosa trama o desencadeamento de uma grande guerra. Com vizinhos tão açambarcadores como o Brasil e tão turbulentos e anarchizados como a Argentina não foi difficil descobrir pretexto para as hostilidades, nem muito esperar por tal opportunidade.».

*

Na opinião de Masterman, ainda foi graças a Elisa que Lopez commetteu o êrro gravissimo de arrastar a Argentina á guerra, occupando Corrientes. E isto porque nesta cidade se publicava um jornal, em que frequentemente a insultavam. Nutria a esperança de capturar o apodador, a quem tinha "mortal odio".

Assim "a ambiciosa mulher destituida de escrupulos, de quem fizera Lopez a sua maxima confidente, veio a ser a sua inimiga capital, pois os desastrados conselhos lhe inspiraram o desejo da gloria militar, que se converteu na paixão dominante da sua vida, quando poderia, quando muito, ter sido passageira veneta".

Acêrca da desmarcada cupidez da cortezã e dos processos de acquisição de propriedades pela tribu dos Lopez narra o auctor inglêz curiosas historias. Por exemplo: pretende que certo Paraguaio velho, chamado Pereira, achando-se um dia urgido de dinheiro offereceu — e por baixo preço — vender uma boa casa que possuia, na Calle del Sol, uma das melhores ruas de Assumpção, a madame Lynch. Immediatamente acceitou ella a offerta, passando escriptura de compra, sem entregar, porém, o dinheiro que ó vendedor não ousou reclamar. Tranquillizou-o logo depois, dizendo-lhe pedisse a somma a Caminos, o secretario do presidente, habilitado que estava este a satisfazer-lhe o debito. Indo Pereira ter com Caminos, este mandou-o ás favas, declarando que jámais ouvira fallar de tal negocio. Caïu o pobre diabo na miseria e durante a guerra, veio a morrer de fome. Relatando o incidente, declara Masterman que o processo estava muito ao sabor dos Lopez, desde muito, desde o velho Carlos Antonio: e, a tal proposito, refere uma extorsão indigna e avultada por este practicada em relação a certo Recalde, capitalista de Assumpção.

Conta ainda o medico britannico que em certa occasião entregou o padre que guardava o sanctuario de Caacupé todas as valiosas joias e alfaias da egreja a Elisa Lynch, que para tal fim apresentara uma ordem do amasio.

Não havia o que saciasse a cobiça de Lopez e Lynch, avança o cirurgião inglez. Com a guerra foram os vencimentos do tyranno elevados a 60.000 dollars annuaes, e, logo após o inicio das hostilidades, inventou a Ingleza pedir ás mulheres paraguaias que offerecessem um decimo do valor de suas joias ao Erario nacional, isto é, á caixa do dictador. Já antes, umas celebres subscripções para a estatua de Lopez I, para uma espada de ouro, incrustada de pedrarias, destinada a Lopez II, haviam rendido dezenas e milhares de dollars, de cujo paradeiro ninguem jámais imaginara indagar.

Assim tambem quanto ás projectadas corôa e gorra triumphal de ouro e brilhantes, offertas do bello sexo paraguaio ao marechal presidente, e para as quaes em toda a Republica as infelizes mulheres se haviam despojado das suas joias.

A estas extorsões presidira uma commissão composta de Carmen Palacios, a digna ermã do bispo tristemente célebre, que em Corumbá tanto se locupletou com os despojos brasileiros, Innocencia Barrios, ermã do tyranno, e Josefa Carrillo, sua prima. Incalculavel o número de adereços então arrecadados, perolas e pedras preciosas em profusão extraordinaria, dizem-no todos os auctores. De tudo isto ninguem se atreveu a saber o destino.

A prataria antiga e massiça das egrejas paraguaias, esta, "por segurança", a fizera Lopez recolher á estancia de sua mãe em Itacurubi "em cuja casa estavam accumulados numerosos thesouros pertencentes aos déspojos de todas as egrejas do Paraguai" relata o *Diario do Exercito*, em data de 7 de Agosto de 1869, ao noticiar o apresamento desses valores consideraveis.

Apaixonada do confôrto, como sabem se-lo os de sua raça e civilização, inspirara Elisa ao amasio a idéa da construcção de uma casa de campo, cujo local soube, com admiravel intuição esthetica, escolher em Patiño Cuê, nas vizinhanças de San Bernardino e daquelle formosissimo lago de Ipacaraí, em tôrno do qual abundam as mais encantadoras paizagens. E assim, contrastando com a rusticidade e singelleza das *haciendas* dos seus mais ricos subditos, erguia-se a villa, com que Lopez II brindara a sua querida.

No dizer do *Diario do Exercito* era digno de real nota o conjuncto das construcções da chacara de Patiño Cuê, onde longe do bochorno da Assumpção vinha a familia presidencial villegiaturar em liberdade.

"Em Patiño Cuê, achava-se em construcção a casa de campo de madame Lynch" conta o visconde de Taunay, redactor do *Diario*, nas notas relativas a 23 de Maio de 1869. "Era um bonito edificio composto de dous espaçosos pavimentos, ambos ornados de ostentosa columnata, cujas intercolumnas deviam receber grades de ferro fundido e, o que mais realce e valor lhe dava, rodeado de magnifico pomar, onde não só se encarreiravam centenas de laranjeiras e limoeiros, mas tambem se viam os principaes typos da Pomologia européa, taes como macieiras, damasqueiros, pereiras, etc. Não é só esta notavel habitação que dá belleza á localidade: a estação da estrada de ferro é bem construida, como todas as outras, e sobretudo muito elegante".

Assim, apesar dos desastres successivos da campanha, das angustias inexprimiveis, dos soffrimentos sem conta da misera nação paraguaia proseguia a grande construcção de Patiño Cuê, regio brinde do marechal presidente á sua amada. Não chegaria ella a desfructa-lo. Fugida de Assumpção, occupada nos primeiros dias de 1869 pelos alliados, não tardaria a saber — provavelmente com que furor! — que a sua casa rica da cidade se achava convertida em hospital de sangue dos odiados Brasileiros.

E breve estaria a peregrinar do Perebebuí ás margens do Aquidaban, onde seria testimunha ocular do desfecho tragico de 1° de Março...

*

Curioso documento oriundo da ex-cortezã, durante a guerra, veio ter-me ás mãos, inesperadamente: uma carta intima, datada de 27 de Agosto de 1867 e endereçada a Pancho, o primogenito dos oito ou nove filhos, que de sua ligação com Lopez haviam nascido, o coronel Lopez, como lhe chamavam, o bello e destemido rapaz de vinte annos que ella haveria de ver prostrado pelos lanceiros do general Camara, ao lado do pae.

Acha-se esta epistola nas collecções do Museu Paulista, a que se incorporou com a acquisição do antigo Museu Sertorio.

Absolutamente maternal esta carta da mamãesinha ao seu querido e amado filho, a quem se queixa do laconismo das cartas e a quem ministra conselhos calligraphicos.

Dá-lhe noticias dos ermãositos e conta-lhe as gracinhas do caçula. Pede-lhe que entregue os doces, que a Vovó remette ao querido filho, seu futuro chibateador e algoz, detido pela avançada brasileira, seja dicto de passagem — si houver sobra da guloseima, procure distribui-la entre os generaes, coroneis e capitães do Estado Maior e da casa militar de papae, sem que se exqueça o bravo Alen, commandante da praça de Humaitá. Por seu intermedio manda ainda cinco mil cigarros, lindos, a distribuir pelo Quartel-General, em nome da mamãe, que tambem deseja saber si os criados foram gratificados. Sinão, peça dinheiro a papae para que o faça. Com a carta vai um pentinho lindo para este. Termina-a por uma serie de conselhos para que o filhinho tracte bem do pae, procurando evitar-lhe todos os desgostos, e ao mesmo tempo fuja das occasiões perigosas.

Transcrevamos porém e na intrega o documento:

«E. L.

Asunción, 27 Aout (sic) 67.

Mi querido y amado hijo:

Estoy sumamente apurado (sic) pero no quiero que salga este vapor sin agradecerte las cartas que me escribes; solo que me quejo de que son muy cortas, y pon un poco más cuidado en la letra, como algunas veces no puede (sic) ler las palabras.

Me es muy grato avisarte que tus hermanitos están ya casi buenos, y dirás á Papá que esperamos que Carlitos sanará radicalmente de las hemorroides. — Todos te envian muchissimos recuerdos lo mismo que a Papá á quien piden la bendición. Leopoldo (1) es muy gracioso cuando echa la bendición y espero que ya no tardarás en verlos.

(1) O último dos filhos de Lopez II.

Te mando por este vapor cinco tarros de dulce, que Mamá grande quiere que gastes para Papá o para lo que él quiera. Si tiene mucho de sobra, quisiera que enviase un poco al General Barrios y al sr. Obispo y creo que Vera debe tener dulce para enviar un poco a los G.rales Bruguez y Resquin, al coronel Alen, Toledo y Ctes. Nuñez y Roa.

Quiero tambien que Vera te dé cinco o seis mil cigarros lindos para repartir a todos los del Cuartel General en mi nombre y espero que cumplirás bien esta comisión.

Deseo saber si has dado alguna cosa en mi nombre a todos los sirvientes? Si no lo has hecho, hazlo. Papá tendrá la bondad de darte un poco de dinero para este efecto. Te mando dos estrellas, una para el Mayor Ricarola y la otra para el capitan Medina. Te mando un sombrero para tu uso y las botellas para pruebar; las demás no encuentro.

El pentecito que va en la carta es para Papá. Dile que me lo han regalado y como es muy lindo se lo mando.

Cuide mucho con las provisiones que habrás recibido y repara que nada se gaste de balde.

Don Pancho me apura mucho y concluyo con pesar enviandote mil cariños y recibe la bendición de tu amorosa

MAMITA.

Cuida mucho á Papá y no te descuides un instante en vigilarle y evitarle todos los disgustos que te será posible precaver.

Espero que pronto volveré otra vez cerca de V. Recuerdos a todos.»

Como successor de Washburn mandaram os Estados Unidos ao Paraguai o general Martinho Thomaz Mac Mahon, canadense naturalizado americano, nascido em 1838 e formado em Direito em 1860.

Fizera o novo ministro rapida carreira. Empregado superior dos Correios, na região do Pacifico, fôra algum tempo commissario dos Indios no extremo oéste da Republica. Ao arrebentar a guerra civil, alistara-se voluntario, servira de ajudante de campo do general Mac Clellan, e distinguira-se

sempre pela coragem e intelligencia, a poncto de lhe conferir o Governo da União as patentes de brigadeiro é afinal de major-general de voluntarios. Politico de grande influencia no Estado de New-York, enviou-o o vice-presidente Johnson ao Paraguai em 1868.

A 3 de Dezembro deste anno apresentava-se a Lopez, exactamente quando o dictador se via na imminencia de abandonar a sua capital. Nos ultimos dias do anno davam-se, como se sabe, os combates sangrentos de Lomas Valentinas, os ultimos baluartes efficientes do Lopismo.

A 23, no mais acceso da batalha, esteve o ministro americano nas linhas paraguaias, affrontando bravamente a morte. Confiou-lhe o despota o seu testamento e uns documentos de doação feita á amasia, narra Thompson, e entregou-lhe com mil recommendações o mais moço dos filhos, Leopoldo, menor de tres annos.

Quando Lopez quasi abandonado escapou aos adversarios victoriosos, foi Mac Mahon quem lhe conduziu os filhos a Perebebuí. Deu-lhe enfim todas as provas de amizade.

Teria elle chegado dos Estados Unidos já com o espirito preconcebido em relação aos Brasileiros, ou acaso caïria victima dos enredos da fascinadora Elisa? Certo é que se manteve tão constante na affeição a Lopez quanto, como era logico, violentamente infenso ao Brasil e seus alliados.

Foram estes sentimentos que lhe inspiraram as estrophes arroubadas e violentas que, a pedido de Elisa, traçou no seu album, em Junho de 1869, em vesperas de abandonar o Paraguai, de regresso á patria, onde talvez esperava poder, com os seus depoimentos, fazer mudar a feição dos acontecimentos internacionaes sul-americanos e salvar ainda o throno de seus amigos:

«Linda e jovem Republica da zona florida,
Rainha de tantos caudaes! embora teu nome
Tarde se tenha divulgado entre as nações,
Já conquistou tua espada immorredoura fama!
Ah! não guiara a Guerra com sangrenta mão
Teus tão firmes passos a um destino implacavel!
Não sulcassem teus rios inimigas esquadras
Nem destruissem teus lares vandalicas hostes!

Mas como te cobre bem o virgineo peito
Reluzente escudo, e á cabeça resguarda
Emplumado elmo, campos e campos attestam
Os logares onde dormem as legiões de teus mortos!
E si é o valor que a paz conquista
E renome alcança o patrio Amor,
O sangue que a jorros se escapa de tuas veias deverá es-
[tancar-se

Para a Honra vir de louros coroar-te!
Saúda-te um forasteiro, ó terra formosissima,
E faz votos enquanto ouve os teus clarins,
E o troar dos canhões, e enquanto vê chammejar
Mil fogos de sentinellas, para que tua nascente estrella,
A mais bella do firmamento tropical, possa refulgir
Com o maximo brilho e a mais serena luz,
Quando todos os teus inimigos colligados tiverem desistido
De te conquistar em desegual porfia.

Nem é de se extranhar que um peregrino
Que sob os teus ceus viveu em angustiosos dias
E testimunhou o valor de tuas phalanges heroicas,
Combatendo sob os olhos de incomparavel chefe,
Te almeje todas as bençãos enquanto roga a Deus
Para que os teus orphãos, as lagrimas de tuas viuvas
E as afflições que te pungem neste momento doloroso
Possam encontrar consôlo em epocha que não tarde.

Choraste pela Polonia — todas as nações assim o fizeram
E nada mais! — ella succumbiu para eterno opprobrio
Daquelles cujas espadas então cobardemente descansavam,
Quando por motivos futeis costumavam ser desembainhadas.
[Teu futuro
Não terá destino mais nobre? Não o permitta Deus, nem vós
Em tal consintaes, vós que com firme coração e valeroso
[braço,
Escreveis com sangue os decretos do Omnipotente,
Que hão de dar liberdade á vossa terra natal!

. . . .

Adeus, umbrosos laranjaes do Paraguai,
Ricas florestas dos tropicos, formosa expansão
De floridas planicies, onde em perpetuo brincar
As aguas crystallinas de frescos ribeiros rolam!
E vós, ridentes collinas, onde se espadanam as brisas,
Trazendo ora o sôpro hibernal dos Andes
Ora a generosa saudação de mares distantes
Ou o gelido bafejo das neves patagonias.

Vós cordilheiras, cujos alterosos picos
As lanças da Liberdade coroam, e onde retumbam
Os terriveis echos da Guerra, enquanto os batalhadores
Juntam ás vigias diarias as nocturnas rondas,
Possa a Paz, voltando ás vossas altitudes, restituir
A frescura e a belleza aos vossos pincaros,
Quando o canhão inimigo não mais ouvido for
E todo o paiz descançar no seio da abundancia.

Bellas filhas desta terra, cujo porte gracioso
Nunca deveriam contemplar profanos olhos,
Com o ardor espartano que em vosso tumido peito se abriga,
(Vós que ensinaes a morrer, mestras de negros olhos !....)
(Qual a terra, que com taes filhas se entrega ao desespero ?)
Acaso poderão os filhos, que criardes, aprender a gemer,
Sob o jugo que lhes preparam implacaveis inimigos
Ou jurar obediencia a um throno extrangeiro ?

Não! ao menos estes! que á luz melancholica
Dos fogos chammejantes dos acampamentos, por asperas [serranias,
Rejubilam com o pensar, no albor das batalhas,
Que a cholera generosa a lhes entumescer os peitos,
Explodirá contra o triplice inimigo, encerrando
O já tão longo periodo das patrias desgraças
Com um hymno triumphal, como jámais se levantou
Em dia jubilar ou pela voz de um cantico!

Assim possa ser! antes que aquelle que tristemente deixa,
Reluctante, todas as bellezas de teus climas,
Brilhante esmeralda do sumptuoso Meridião! afflicto
Com o abandonar-te em epocha de tantos perigos,
Tenha voltado a seus lares, sob invernoso firmamento,
Onde os livre-natos amantes da verdadeira liberdade
[habitam
E contemplam com anciada esperança e alongados olhos,
Tua pugna mortal, desejando-te a victoria!

M. T. Mc. Mahon — Junho — 1869.

*

No *Diario do Exercito*, resenha quotidiana das operações de guerra, redigida pelo visconde de Taunay, então secretario do general chefe das forças alliadas, o conde d'Eu, varias referencias se encontram relativas a Mac-Mahon: acerbas queixas de sua parcialidade.

Quando, a 4 de Junho de 1869, Lopez convidou o principe de Orléans a prohibir o uso da bandeira paraguaia pela legião dos seus compatriotas, auxiliar dos alliados — isto sob a ameaça de novas crueldades contra os prisioneiros brasileiros —, officiou Mac-Mahon ao nosso generalissimo, incitando-o a que obtemperasse ao pedido do dictador. A tal proposito extendeu-se em considerações, a que o conde respondeu peremptorio pelo officio de 13. Agradecendo-lhe o incitamento generoso, recusou contudo o accôrdo e retrucou-lhe: "A missão que me foi confiada pelo Governo Imperial sendo puramente militar, devo abster-me de acceitar a discussão que v. ex. quer estabelecer sôbre a legitimidade do govêrno do marechal Lopez".

A' 30 solicitava o ministro uma audiencia do principe, e sendo-lhe esta concedida, com elle conferenciou no Quartel-General de Pirajú, em presença de muitos officiaes do Estado-Maior o que só lhe permittiu fallar sôbre assumptos geraes, circunstancia que muito o irritou. Logo depois enunciava o desejo de voltar ao seu paiz e pedia passagem pelas

nossas linhas. No dia seguinte retirava-se, levando grande bagagem, "quarenta e cinco fardos, dos quaes oito eram visivelmente cunhetes com dinheiro em moeda ou valores metallicos, denunciados, não só pelo peso como tambem pelo tinido", narra o *Diario do Exercito* em data de 2 de Julho. Certamente parte das economias de Elisa Lynch, que a precavida mulher tractava de pôr a bom recato, por intermedio do diplomata....

Ainda, no *Diario*, com data de 4, lê-se o seguinte: "O general Mac-Mahon tem practicado em Assumpção diversas tropelias indignas do seu character official, não só negando-se a pagamento da morada em que se acha, por pretender ser ella de propriedade do paraguaio Jara, que o accompanha, como consentindo que este homem ande publicamente fallando a favor de Lopez, no sentido de alliciar gente. Os Paraguaios têm sido os proprios denunciantes destes factos, mostrando-se indignados contra as propostas daquelle embaixador".

A 6, pela tarde, embarcava o plenipotenciario a bordo do vapor *Eduardo Eweret*. "O dinheiro que levava na bagagem, relata o *Diario*, "fôra convertido em letras passadas por Lesica, Lanes e Molina e montava no valor de vinte e cinco mil patacões".

"As irregularidades, que em Assumpção practicára", commenta ainda o documento official, "haviam de provocar qualquer medida; por isso não pouca satisfacção causou a sua retirada".

Indignação com tal procedimento, fôra o chefe do Estado-Maior da nossa esquadra a bordo do *Eweret* "fazendo ao ministro sentir sua descortezia (*falta de etiqueta*) em deixar bruscamente e sem participação ás auctoridades brasileiras, a praça de Assumpção, e o porto ainda sujeito ao bloqueio".

E, como para lhe vigiar os passos, partira a corveta *Belmonte* até o Cerrito, a escoltar o *Eweret*.

Saïu portanto Mac-Mahon do Paraguai furioso com as auctoridades brasileiras. Chegando aos Estados Unidos, fiel aos rancores e ás amizades, procurou fazer o maior mal ao nosso Governo.

Já porém Washburn fallara largamente, "traçando um quadro horripilante, mas exacto, do que vira", na phrase de

Von Wersen, e assim muito poucos lhe prestaram attenção. Tanto mais quanto, logo depois, surgia o terrivel depoimento constituido pelos *Seven eventful years in Paraguay*, de Masterman, victima milagrosamente escapa, após mil martyrios, ás garras do tyranno. Curiosamente leu o publico anglo-saxonio esta descripção apavorante e singella, das atrocidades lopezas. "Não se pejou Mac-Mahon, contudo, de affirmar pela imprensa que Lopez era o mais liberal dos governantes sul-americanos", affirma Von Wersen na sua *Historia da Guerra do Paraguay*. "Falsos os actos de crueldade a elle attribuidos; assim mostrou-se indignado que a imprensa ingleza publicasse as calumnias propaladas pelos Alliados".

Declara, contudo, o auctor prussiano, que provavelmente agia o diplomata de inteira boa fé. Na curta permanencia no Paraguai "nunca tivera occasião de conhecer a realidade das cousas".

Deixando a diplomacia, voltou Mac-Mahon á Advocacia e á Politica. Foi em 1872 nomeado thesoureiro da Municipalidade de New-York e de 1885 a 1889 exerceu, sob o govêrno de Cleveland, a chefia de policia da enorme *urbs*. Senador, em 1892, pelo Estado de New-York, dispunha de enorme prestigio nos meios politicos da grande cidade e occupou elevados cargos em diversas associações notaveis. Falleceu em 1906. Jámais perdoou ao nosso Governo Imperial o attrito de 1869. Assim nos lembramos que em 1892 a nossa imprensa se referiu a um discurso seu, pronunciado num grande banquete, e em que, acêrca dos nossos generaes e homens politicos do Imperio, exarou desagradaveis apreciações, calorosamente felicitando então o Brasil pelo facto de haver expulso a dynastia bragantina.

Da sua sympathia pelo tyranno paraguaio e sua amasia resta mais um documento litterario até agora inedito: as dez estrophes que transcrevemos. Revelam um versejador de estro facil, cheio do arroubo dos trinta annos, mas sem grande envergadura poetica. "Homem de bello talento e superiores qualidades de acção, possuia grande magnetismo pessoal", exprime-se a seu respeito um biographo. Deixara-se quiçá dominar pelos dotes hypnoticos da linda Irlandeza, apesar do "magnetismo" que lhe era attribuido.

*

Depois dos desastres de Perebebuí e Campo Grande, quando a fuga para o Norte assumiu as proporções de completa derrocada, dias terriveis devia ter vivido Elisa Lynch. Por mais insensivel que pudesse ser ao soffrimento alheio, não é possivel que lhe não abatesse o ánimo o martyrio das hordas em debandada de soldados, prisioneiros e *destinados*, tangidos para a fronteira boliviana pela epilepsia do dictador, allucinado na sua obstinação ferrea e selvagem.

No dia 25 de Outubro entregara-se prisioneiro o seu costureiro, referindo novas e hediondas barbaridades lopezcas, e — circunstancia curiosissima — que mesmo então, apesar de tudo, de todas as privações, sustos e perigos, não conseguia a antiga *lorette* exquecer as violentas inclinações das mundanas pela toilette; o alfaiate a accompanhava sempre, a cortar-lhe novos vestidos.

A 7 de Novembro narrava outro prisioneiro, o sargento Pedro Decoud, que o coche de Elisa Lynch, por falta de animaes, era frequentemente puxado por homens, entre os quaes muitos officiaes. A 14 libertavam nossas fôrças numerosas senhoras das principaes familias de Assumpção, reduzidas, já se vê, á mais hedionda penuria; a 29 muitas outras, entre ellas a conhecida madame Lasserre, a escriptora da odysséa pavorosa dos *destinados* de Lopez.

No dia 13 de Janeiro de 1870, relatava o alferes Angelo Benites, recem-capturado, que o dinheiro entregue ao general Mac-Mahon, além de seiscentas onças de ouro, cêrca de dezeseis kilos deste metal, orçava por 28.000 patacões. Outros 20.000 tinham ainda ficado em poder de Lopez. Outr'ora, verificara elle, Benites, que o marechal enviara a certo Gregorio Benites, em França, vinte mil patacões.

Quando se deu a catastrophe do 1° de Março estava Elisa Lynch, como se sabe, junto ao amante. "O numero de prisioneiros feitos sobe a 244", refere a parte official do visconde de Pelotas, "entre os quaes se acham os generaes Resquin e Delgado, quatro coroneis, dezenove majores, tres medicos, oito padres, e um escrivão. Mme. Lynch e quatro filhos entram no numero dos prisioneiros e são tropheus preciosos deste triumpho. Ao lado do carro, em que ella

pretendia fugir, foi dispersa a escolta que a guardava e morto o coronel Lopez, filho do dictador, que não quiz render-se".

Sôbre os pormenores de Aquidaban ha excellente apanhado do eminente historiador paraguaio, dr. Juan Silvano Godoy na sua *La Muerte del Mariscal Lopez.* Refere uma série de cousas, que o nosso público desconhece, e por isso, aqui as transcrevo.

Na refrega soffreu Elisa as maiores emoções. Si já devia estar archi-cansada de Lopez e desejosa de se libertar de sua companhia, teve a dôr de assistir á morte do seu primogenito, do seu querido Pancho, e ver outro filho, Henrique, rapazito de nove annos, atirado do cavallo abaixo com uma coronhada na cabeça, desfechada por um dos nossos cavallarianos. O coronel Silva Paranhos e o major Floriano Peixoto, percebendo de quem se tractava, apressaram-se em cercar o carro «de la odiada compañera del Mariscal Lopez", para lhe garantirem a vida, a dos filhos e demais parentes.

Deu-se então repugnante e macabro incidente: "cuando regresaba a pié al antigo cuartel-general paraguayo para tomar el camiño de Concepción, la señora Lynch con sus hijos, sus servidumbres, los señores Paranhos y Peixoto deran con los restos del Mariscal Lopez, traídos de onde murió enterrado a flor de tierra, rodeado de un gentio de mujeres y hombres, y un soldado brasileño bailando e haciendo piruetas sobre la barriga del cadaver que estava cubierto.

La señora Lynch ante este espectaculo, dándose cuenta de lo que sucedia, apesar de que acompañantes procuraban distrairla con su conversación, se lanzó hacia el logar, se abrió paso y desalojó el soldado de un empujón, dije con viveza dirigíndose al coronel Paranhos y major Peixoto: "y es esta, caballeros, la civilisación que nos han traído a cañonazos ?" El major Peixoto afugentó los profanadores, que eran personas de color.

Se desenterró el cadaver. La fosa fué alargada y aprofundada. Lynch compró por tres onzas una sábana blanca en la cual envolvió cuidadosamente el cuerpo del Mariscal que estaba completamente desnudo y depositó a su lado izquierdo el del malogrado joven coronel Juan Francisco".

Só depois de haver verificado que a inhumação estava perfeitamente segura e bem assignalado o local da sepultura é que a mãe infelicitada continuou a sua marcha.

*

Rapidamente passou Elisa Lynch, após o episodio do Aquidaban, pelos antigos dominios, em demanda de Buenos Ayres, de onde partiu para a Inglaterra e onde teve com Heitor Varela o encontro, que já se narrou.

Julgava-se multimillionaria e a vida lhe sorria, livre do pesadelo paraguaio. Bem sabia que as quantias passadas por Lopez em seu nome ascendiam a alguns sinão muitos mil contos, sem contar que a esta somma se devia ajuntar o valor de muitos milhares de arrobas de matte a ella consignadas na capital argentina.

"Da desgraçada e impavida nação, para cuja ruina tanto contribuira, iria tranquilla e faustosamente usufruir os despojos, e isto quando no territorio do povo muito graças a ella dizimado, não existia — já não se falla em bois, cavallos e carneiros — não existia uma só gallinha!" repara energica e frisantemente o escriptor paraguaio citado.

Enganava-se, porém. Das centenas de milhares de libras esterlinas, depositadas em sua conta corrente do Banco da Escossia, mais de 200.000 se haviam volatilizado!.. Accusa o dr. Godoy ao medico inglez dr. William Steward, do furto desta enorme quantia. Fôra o dr. Steward o dedicadissimo chefe do corpo de saude do exercito paraguaio, a quem, durante a campanha, prestara inexcediveis serviços; casara-se no Paraguai e angariara a amizade e a maior confiança do dictador e sua companheira. Após a queda de Assumpção, quizera o Governo Provisorio confiscar-lhe os bens, mas o visconde do Rio-Branco, attendendo sobretudo ao facto de que o cirurgião se mostrara sempre altamente humanitario para com os prisioneiros brasileiros, obstara a que se levasse a cabo tal medida.

Masterman, no appendice do seu livro, explica o facto, minuciosamente.

Era o dr. Steward "tão rico quanto caridoso e poucos corações jámais houve tão bem formados quanto o seu", affir-

ma em um depoimento que se coaduna com a justificativa da acção do visconde do Rio-Branco, perfeito avaliador de grandezas d'alma.

Em 1866, sentindo-se Lopez doente, convencera-se de que o cirurgião britannico pretendia envenena-lo e um bello dia dissera-lhe os maiores insultos, acenando-lhe com atrozes ameaças.

Fôra Steward, apavorado, ter com Elisa Lynch e desta ouvira: "oh ! dr., receio muito que o presidente faça alguma cousa que eu nunca lhe possa perdoar !". Cada vez mais apprehensivo, não pudera então o medico recusar um pedido de emprestimo (?) de 1.000 esterlinos que a favorita lhe extorquira, dinheiro este sôbre cuja sorte jámais ousara, como era de esperar, pronunciar-se.

Em 1868, obrigara-o ainda Lopez, a remetter pela canhoneira ingleza *Beacon* mais onze mil libras a um correspondente de Lynch. Aprisionado em Lomas Valentinas, pouco depois soubera que o tyranno a titulo de represalia (?) mandara commetter toda a sorte de perversidades com sua mulher e filhos pequenos, do que resultara a morte de uma das crianças. Além disto ordenara-lhe uma *razzia* geral dos bens. Além das joias da mulher, da prataria e dinheiro, perdera elle só em gado, mais de vinte mil esterlinos.

Assim, partindo para a Inglaterra, procurára obstar o pagamento das onze mil libras, que um agente do seu antigo perseguidor, certo francez, chamado Gelot, pretendia realizar.

No processo que a Lynch lhe moveu depôz Masterman, cujas palavras tiveram a confirmação plena de personalidades notorias, como o honesto ex-consul francez no Paraguai, Cochelet, do coronel Thompson, o antigo commandante de Angustura, de varios officiaes inglezes, do engenheiro Valpy, etc.

Provou o dr. Steward que ao ermão, residente na Escossia, escrevera, pedindo que agisse afim de se não effectuar o desconto de suas letras.

Creio que os tribunaes inglezes lhe deram sempre razão.

"Depois de 1870, viveu Elisa, algum tempo, em Bologne sur mer", conta Von Wersen. Diz nos o dr. Godoy que em certa epocha transferiu a residencia para Paris.

Apesar dos grandes prejuizos (?!), ainda muito lhe restava, mau grado o confisco, que dos bens de raiz averbados em seu nome e no de Lopez fizera o novo Governo paraguaio por decreto de Maio de 1870.

Em Paris consumiu os restos dos despojos roubados ao infeliz e heroico Paraguai, a quem havia sido inenarravelmente funesta, e alli falleceu, em fins de 1888, nas vizinhanças dos sessenta annos.

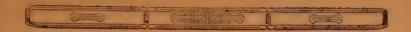
"Murió completamente pobre, después de haber despildorado los injentes recursos que le entregó Lopez", relata o historiador paraguaio, " pues apesar de las docientas mil libras esterlinas, que le robó el medico Guilherme Steward, ella quedaba todavia con una fortuna que non fué capaz de conservaria para sus hijos. La señora Lynch poseía propriedades en Paris: una soberbia casa en la que daba regias recepciones semanales. Mas tarde realizó suntuósos viajes por el Oriente", etc., etc....

Assim, acima de tudo, cortezã até á raiz dos cabellos, dominada pelo conjuncto desses sentimentos que formam a alma obscura das hetairas, tão cupida quanto prodiga, megalomaniaca e despreoccupada da sorte dos seus, ferozmente egoista, insensivel ao remorso, sectaria irreductivel do *après moi le déluge,* coube a Elisa Lynch uma última prova de carinho do insondavel destino.

Desappareceu, exactamente quando os recursos pecunniarios lhe iam faltar, e um último trecho de vida se lhe antolhava terrivel para quem, como ella, tinha descommunaes appetites de dinheiro e ostentação.

Versada nas litteraturas como era, não lhe seria certamente desconhecido o famoso livro precautorio de Philosophia balzaciana sôbre o esplendor e a miseria das mulheres de sua categoria.

Apesar de tudo, jámais pudera refrear os instinctos... Assim lhe veio a morte poupar muito desgosto e muita humilhação insupportavel...

ACTAS DAS SESSÕES DE 1920

ACTAS DAS SESSÕES DE 1920

PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA DO ANNO DE 1920, EM 24 DE ABRIL

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's vinte e uma horas abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Augusto Tavares de Lyra, Max Fleiuss, Agenor de Roure, almirante José Candido Guillobel, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Sebastião de Vasconcellos Galvão, João Coelho Gomes Ribeiro, Juliano Moreira, Eurico de Góes e Jonathas Serrano.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) congratula-se com os socios presentes pela reabertura das sessões, esperando que neste anno os trabalhos prosigam com a mesma dedicação e efficiencia, de que vem dando provas o INSTITUTO ha oitenta e um annos completos.

Participa que no interregno das sessões perdeu o INSTITUTO alguns illustres socios, sôbre os quaes dirá em occasião opportuna o eminente orador, SR. RAMIZ GALVÃO. Foram elles:

— D. Carlos Lix Klett, socio correspondente, eleito em 6 de Dezembro de 1901 e fallecido a 30 de Janeiro de 1920;

— D. João Baptista Corrêa Nery, socio correspondente, eleito em 31 de Agosto de 1909 e fallecido em 1 de Fevereiro de 1920;

— Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, socio honorario, eleito em 4 de Maio de 1912 e fallecido em 9 de Fevereiro de 1920;

— Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, socio effectivo, eleito em 20 de Abril de 1916 e fallecido em 14 de Fevereiro de 1920;

— Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, socio effectivo, eleito em 13 de Julho de 1902 e fallecido em 19 de Março de 1920;

— D. Luiz de Orléans e Bragança, socio honorario, eleito em 6 de Novembro de 1903 e fallecido em 26 de Março de 1920.

Sôbre o último faz o SR. PRESIDENTE algumas considerações, para salientar o seu grande valor e patriotismo.

O SR. SECRETARIO PERPETUO lê o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento:

— «A Commissão de Fundos e Orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro examinou, com o maior cuidado, como lhe cumpria, o balanço de receita e despesa do mesmo Instituto, referente ao anno de 1919, e as respectivas contas, reconhecendo a completa regularidade de todos os documentos. A receita foi de 40:560$ (quarenta contos quinhentos e sessenta mil réis), e a despesa de 39:667$829 (trinta e nove contos seiscentos e sessenta e sete mil oitocentos e vinte e nove réis), havendo um saldo de 892$171 (oitocentos e noventa e dous mil cento e setenta e um réis). A Commissão não deixa de lamentar a exiguidade das contribuições sociaes, parecendo-lhe que se deve promover a applicação das disposições do art. 85 dos Estatutos, convidando-se, de modo geral e sem declinar nomes, os socios em atrazo a satisfazerem os seus debitos.

Propõe a Commissão que sejam approvados o balanço e as contas, salientando, mais uma vez, o modo exemplar por que procedeu o honrado thesoureiro, sr. commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães.

Rio de Janeiro, 5 de Março de 1920. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Agenor de Roure*. — *João Lyra Tavares*. — *Homero Baptista*. — *Rodrigo Octavio*.»

O SR. PRESIDENTE diz que nos termos do art. 56 dos Estatutos este parecer deve ser discutido e votado na primeira sessão ordinaria do anno. A' vista desta terminante disposição põe em discussão o parecer e, ninguem pedindo a palavra, submette-o á votação, sendo approvado por unanimidade.

O SR. PRESIDENTE communica que recebeu do sr. dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, digno ministro da Justiça e Negocios Interiores, e illustre consocio o seguinte aviso:

«Ministerio da Justiça e Negocios Interiores — Directoria do Interior. — N. 783 — 2ª Secção — Rio de Janeiro, 12 de abril de 1920. — Sr. presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Tendo o Governo resolvido empregar os meios a seu alcance, para ver dirimidas, por occasião do centenario da Independencia, todas as questões de limites interestaduaes, transmitto-vos, na inclusa cópia, para conhecimento desse Instituto e os fins convenientes, o telegramma-circular que, sôbre tal assumpto, foi dirigido aos governos dos Estados, em data de 7 de Abril corrente.

Espero que essa associação, cujos serviços ao paiz são meritorios, preste o seu concurso ao Governo, na conferencia de 1º de Junho, nomeando um representante, afim de trabalhar, solidaria e patrioticamente, com os demais, no exame e na solução das referidas questões.

Reitero-vos os meus protestos de alta estima e consideração. — *Alfredo Pinto.*»

Cópia — Ministerio da Justiça e Negocios Interiores (Gabinete) — Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1920. Telegramma-circular.

Attendendo aos expressivos reclamos da opinião nacional e ás inequivocas manifestações das sociedades scientificas e patrioticas do paiz, bem como ás conveniencias politicas e adminstrativas de todo o Brasil, resolve o Governo Federal empregar os meios ao seu alcance para ver finalmente dirimidas, por occasião do centenario da independencia, as irritantes questões de limites interestaduaes, que prejudicam ao mesmo tempo a nossa concordia interna e o conceito da nacionalidade no exterior. Vivamente empenhado na realização de tal designio, está o Governo disposto a coadjuvar desde logo, com engenheiros federaes, destacados para o serviço de demarcação dos respectivos limites, os Estados signatarios de accôrdos provenientes do Congresso de Bello Horizonte ou de outros já encaminhados no mesmo sentido.

Por existirem ainda questões dessa natureza, cujo exame tendente a uma solução definitiva não foi iniciado, mediante qualquer processo, venho pedir a v. ex., confiar no seu patriotismo e descortino, que se digne de nomear um representante desse Estado á Conferencia, que encetárá os seu trabalhos no dia 1º de Junho do corrente anno, por auctorização do sr. presidente da Republica e sob a minha direcção, afim de serem os mencionados casos de limites interestaduaes submettidos ao arbitramento, si as partes não preferirem como solução um accôrdo directo e immediato, observado, em qualquer hypothese, o processo constitucional. Aguardando resposta urgente de v. ex., antecipo os meus agradecimentos. — *Alfredo Pinto*, ministro do Interior. Confere. — *Alberto Coelho da Rosa*, 3º official. Conforme. — *Moreira Guimarães*, director de secção.

O SR. PRESIDENTE diz ter respondido do seguinte modo ao sr. ministro:

«Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1920.

Exmo. sr. dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, m. d. ministro da Justiça e Negocios Interiores.

Tenho a honra de accusar recebido o aviso de v. ex., datado de 12 do corrente, e sob n. 783, ao qual accompanhou cópia do telegramma-circular dirigido por v. ex., aos governadores dos Estados, no sentido de ser levada a effeito no dia 1º de Junho proximo uma conferencia para serem estudados os casos de limites interestaduaes, buscando-se com sincero empenho uma solução para essas questões que, como v. ex. acertadamente diz: "prejudicam ao mesmo tempo a nossa concordia e o conceito da nacionalidade no exterior".

No mesmo aviso convida v. ex. esta associação a nomear um representante "afim de trabalhar solidaria e patrioticamente com os demais, no exame e solução das referidas questões".

Respondendo, devo informar a v. ex. que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro desde 1839, pelo orgam do seu primeiro presidente perpetuo, o visconde de S. Leopoldo, cogita do magno assumpto, jámais o tendo descurado.

A attitude, pois, do Governo da Republica merece todos os applausos do Instituto, que está prompto a collaborar sem desfallecimentos na solução desse problema, sem dúvida verdadeiro serviço nacional, e para seu representante, nomeio o 1º vice-presidente, sr. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, já anteriormente por mim escolhido para assistir nesse character a reuniões celebradas sôbre o mesmo assumpto pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Desejando sinceramente o exito completo da patriotica tentativa do Governo, prevaleço-me do ensejo para reiterar a v. ex. os meus protestos de elevada estima e profunda consideração.

O presidente perpetuo do Instituto. — *Conde de Affonso Celso.*»

O SR. PRESIDENTE communica mais que do illustre e prezado consocio sr. Roquette Pinto recebeu esta carta:

«Rio, 12 de Abril de 1920.

Meu illustre amigo sr. conde de Affonso Celso.

Por cumprir o desejo do Governo da Republica, devo partir, no dia 20 do corrente, para inaugurar na Faculdade de Medicina do Paraguai o curso de Physiologia, de accôrdo com o honroso convite do paiz amigo.

Impedido de comparecer ao Instituto Historico, por fôrça da minha ausencia, rogo a v. ex. e á digna Companhia, perdão para a involuntaria falta, depositando nas suas mãos o honroso cargo, que na Directoria do Instituto a confiança desvanecedora de v. ex., e dos illustres collegas, me destinou, ha alguns annos.

Póde v. ex. ficar certo de que hei de procurar servir ás tradições da nossa amada Patria, naquella terra linda e amiga, inspirando-me no exemplo dos grandes nomes do Instituto.

Com as minhas despedidas, v. ex. receberá os meus protestos de affectiva estima e grande veneração. — *Roquette Pinto.*

Respondeu-a desta fórma:

«Rio de Janeiro, 17 de Abril de 1920.

Exmo. sr. dr. Edgard Roquette Pinto.

Accuso recebida a attenciosa carta de v. ex., datada de

12 do corrente, na qual me communica que, cumprindo o desêjo do Governo da Republica, partirá a 20 deste mez para o Paraguai, afim de inaugurar na Faculdade de Medicina daquelle paiz o curso de Physiologia. Por esse motivo depõe v. ex. em minhas mãos o cargo de 2° secretario do Instituto Historico, para que foi por mim nomeado, nos termos dos Estatutos, em 7 de Outubro de 1915, escolha essa unanimemente ractificada pela assembléa geral de 15 de Dezembro de 1915.

Valiosos têm sido os serviços prestados por v. ex. ao Instituto, que de modo algum consente em se ver privado do concurso de seu dedicado e illustre 2° secretario. Permittirá, pois, que na proxima sessão proponha que o consideremos em commissão no Paraguai, para o fim especial de promover a representação desse paiz no Congresso Internacional de Historia da America, a realizar-se em 7 de Septembro de 1922, e de iniciativa do nosso Instituto.

Além disso poderá v. ex. colher informações preciosas attinentes á Ethnographia americana, assumpto de que v. ex. tem tractado com tanta competencia, enviando-nos o resultado de suas pesquisas.

No seu impedimento exercerá o cargo de 2° secretario o distincto consocio sr. Agenor de Roure, que acceitou o convite por mim feito.

Agradecendo a v. ex. as attenções, que tem tido para commigo e os serviços prestados — e os que sem dúvida prestará ao Instituto, subscrevo-me com sincero apreço, admirador, amigo e collega. — *Conde de Affonso Celso*.»

Submette o SR. PRESIDENTE essas respostas á consideração do INSTITUTO, que as approva por unanimidade.

Logo depois o SR. SECRETARIO PERPETUO lê os seguintes pareceres da Commissão de Admissão de Socios, os quaes ficam sôbre a mesa, para votação na proxima sessão.

— «A indicação que apresentou o nome do sr. senador dr. Justo Leite Chermont para socio honorario do Instituto está inteiramente de accôrdo com o que dispõe o art. 9° dos Estatutos.

A Commissão de Admissão de Socios nada tem a oppôr; antes applaude similhante indicação.

Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1920. — *A. Tavares de Lyra*, relator. — *Manuel Cicero*. — *Ramiz Galvão*. — *Antonio Olyntho*.»

— «A Commissão de Admissão de Socios, tendo em vista a proposta apresentada na primeira sessão do anno passado pelo sr. Fleiuss, relativamente ao processo de admissão, como socio correspondente, do sr. José Arthur Boiteux, estudou todos os papeis anteriores, concernentes a essa admissão, e entende que o mesmo sr. Boiteux póde ser acceito, por terem sido cumpridas as disposições dos Estatutos.

Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1920. — *Ramiz Galvão*, relator. — *Manuel Cicero*. — *A. Tavares de Lyra*. — *Antonio Olyntho*.»

— «O sr. Clemente L. Fregeiro, membro da Junta de Historia Numismatica de Buenos Ayres, professor aposentado de Historia, é, como diz a proposta firmada pelo nosso eminente consocio sr. dr. Manuel de Oliveira Lima, uma das maiores auctoridades argentinas sôbre Historia americana.

A sua admissão, pois, como socio honorario do Instituto, corresponde ao que determinam os nossos Estatutos.

Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1920. — *Manuel Cicero*, relator. — *Ramiz Galvão*. — *A. Tavares de Lyra*. — *Antonio Olyntho*.»

O sr. Fleiuss (*secretario perpetuo*) participa que no dia 20 do corrente o Instituto mandou, na fórma do costume, collocar flores no tumulo do inolvidavel barão do Rio-Branco, que foi socio desde 7 de Novembro de 1867, tendo sido eleito presidente a 21 de Novembro de 1907 e elevado á perpetuidade do cargo em 27 de Novembro de 1909, exercendo-o até o dia da sua morte, a 10 de Fevereiro de 1912.

O mesmo sr. Fleiuss communica que recebeu de s. a. o principe Gastão de Orléans, conde d'Eu, presidente honorario do Instituto desde 16 de Novembro de 1864, várias cartas, que acompanharam parte dos originaes do tra-

balho elaborado por s. a., sob o titulo — *Diario da viagem militar ao Rio Grande do Sul — Agosto e Novembro de 1865*, trabalho sob todos os aspectos interessantissimo e que patenteia a grande estima dedicada por esse principe illustre á nossa Patria, a que serviu com a maior abnegação, na paz e na guerra, de 1865 a 1889.

Lerá a primeira de taes cartas e o prefacio do *Diario da viagem militar*.»

— «Castello d'Eu, Sena-Inferior, 10 de Fevereiro de 1920.

— Sr. Max Fleiuss. Sinto não lhe ter podido escrever ha mais tempo. Si o sr. com 51 annos sente, como me diz, minguar-lhe as fôrças para o trabalho, o que direi eu dos meus 78 quasi completos, aggravados ainda com o acabrunhamento em que me deixou a perda de meu querido filho!

Não vejo possibilidade de emprehender a dissertação, que outr'ora me pediu para o Congresso Internacional de Historia. Em falta de cousa melhor, rogo-lhe que entregue ao Instituto, do qual é digno secretario perpetuo, as páginas que com esta lhe envio, primeiras do "Diario da viagem ao Rio Grande do Sul", na qual accompanhei o imperador, em 1865. A boa intenção servirá de desculpa á insignificancia dessas páginas, fructo da inexperiente mocidade, e escripta pela maior parte na — *carretilha;* — e bem assim aos defeitos de redacção e aos erros de imperfeita cópia á machina. A' medida que esta se adeantar, remetterei as que ficarem promptas e que, segundo julgo, não serão mais de duzentas, ficando todo esse "Diario" em menos de trezentas. Não pude ainda dizer-lhe que lí com grande interesse as *Ephemerides Brasileiras*, pelo barão do Rio-Branco, edição do Instituto, encontrando, entretanto, alguns enganos typographicos, e tambem as *Heroinas do Brasil*, a cujo auctor, general Carlos de Campos, rogo-lhe, por não encontrar seu endereço, o favor de fazer chegar a carta juncta. Apreciei tambem grandemente os seus *Quadros de Historia Patria*, cuja segunda edição se serviu de enviar-me. Receba lembranças affectuosas do amigo. — *Gastão de Orleans.*»

O prefacio é o seguinte:

«*Viagem Militar ao Rio Grande do Sul — Agosto e Novembro de 1865.*»

Achava-me na Europa com a princeza imperial, em viagem de nupcias, quando a guerra, brutalmente provocada, pelo dictador do Paraguai, tomou feição mais séria, invadindo as fôrças paraguaias o territorio da Republica Argentina e, logo depois, a nossa Provincia do Rio Grande do Sul. Não existia, então, como é sabido, o telegrapho submarino para o Brasil. Nesse mesmo anno de 1865, foi elle estabelecido entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

Ao chegar a Pernambuco, viemos a saber do triumpho decisivo obtido pela valentia da Armada Brasileira, no importante combate do Riachuelo, mas ainda não havia noticias da entrada das fôrças paraguaias em S. Borja, o que infelizmente se verificara no dia antecedente — 10 de Junho. Só quando aportámos ao Rio de Janeiro, a 10 de Julho, foi que soubemos ter esse acontecimento determinado a partida do imperador para a provincia invadida, accompanhando-o nessa viagem meu concunhado o duque de Saxe.

Soffrego por segui-los, não pôde, entretanto, meu desejo ser satisfeito immediatamente. Forçado foi esperar que algum navio estivesse prompto para seguir para o Sul; e, pois, sómente a 1° de Agosto pude emprehender a viagem, cuja tosca narrativa vai descripta.

Apesar de sua insignificancia, impelle-me o sentimento de gratidão dedica-la ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, mui benemerita e illustrada corporação, que tanto me honrou, acclamando-me sem nenhum merito de minha parte, seu presidente honorario, e da qual me ufano de ser hoje, mercê da bondade divina, o mais antigo consocio. Devo entretanto, notar que as observações consignadas nas páginas, que seguem, referem-se a factos occorridos ha cincoenta e quatro annos, e não têm, pois, applicação á situação actual das regiões, que então percorri, e que chegaram hoje a adeantado estado de civilização.

Mencionarei tambem que estas imperfeitas impressões de viagem eram destinadas principalmente á minha familia,

na Europa, para quem a princeza, no Paço de S. Christovam, cuidadosamente recopiava, e que, recemchegado ao Brasil, não estava ainda familiarizado com muitos dos seus usos especiaes, dando esta circunstancia ensejo a algumas considerações, que já não offerecem interesse. Não quiz, porém, supprimi-las para não tirar ao modesto escripto o cunho de originalidade, que é o seu unico merito. Castello d'Eu, 10 de Fevereiro de 1920. — *Gastão de Orleans*, conde d'Eu.

N. B. — As notas que se encontram em algumas das páginas foram redigidas em 1919 e 1920.».

Continuando, o SR. FLEIUSS diz que, a 28 do corrente, completará s. a. 78 annos de edade. O INSTITUTO, de que s. a. é hoje o mais amigo socio, cumpria um dever de reconhecimento, consignando na acta da presente sessão um voto de congratulação a esse benemerito principe, que nunca deixou de amar o Brasil. E' o que propõe.

O INSTITUTO approva por unanimidade a proposta.

Communica ainda o SR. FLEIUSS que a exma. sra. d. Anna Véra Monteiro Nogueira de Bormann, viuva do saudoso consocio marechal José Bernardino Bormann, offereceu ao INSTITUTO, por intermedio do seu digno cunhado, o sr. major dr. Dario Castello Branco, o archivo daquelle marechal, constando o precioso acervo dos seguintes documentos:

Telegrammas originaes 212; cópias de telegrammas 60; varios documentos avulsos, 130; opusculos, 14; blocos de telegrammas, 9; telegrammas recebidos, 29; cartas, 23; reservada, 1; confidencial, 1; mappa de terreno, 1; officios, 40; manuscripto sôbre a guerra do Rio Grande do Sul, 1; ordens, 3; boletim, 1; pacote contendo retalhos de jornaes, 1; salvo-conducto passado por Custodio de Mello, 1; auto de exhumação do cadaver do barão de Serro Azul, 1; protesto, 1; interrogatorios, 2; requerimentos, 15; certidão, 1; officios, 3 pacotes; jornaes, um pacote.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) agradece em nome do INSTITUTO a nova dadiva da digna viuva do inexquecivel consocio.

Sob proposta do SR. FLEIUSS, resolve o INSTITUTO convidar o seu 3° vice-presidente, sr. Augusto Tavares de Lyra, a ler numa das proximas sessões o capitulo — "Aspectos

coloniaes do Nordéste" — do trabalho que elabora para o *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, preparado pelo INSTITUTO para commemorar o centenario da Independencia.

Achando-se na casa o socio effectivo, SR. HENRIQUE MORIZE, eleito em 10 de Junho de 1918, o SR. PRESIDENTE designa os secretarios para introduzirem no recinto o novo consocio que, tendo cumprido todas as exigencias dos Estatutos, vem tomar posse.

(Dá entrada no recinto, presta o respectivo compromisso e toma posse o sr. Henrique Morize.)

Subindo á tribuna, pronuncía o SR. HENRIQUE MORIZE o seguinte discurso:

— «Sr. presidente, illustres confrades:

Com muita satisfacção venho cumprir o dever de manifestar minha gratidão a este excelso INSTITUTO pela honra que se dignou fazer-me, admittindo-me em seu seio. Profundamente deploro, neste momento, que a deficiencia de meus apoucados dotes oratorios me prive de dignamente expressar, como deveria, meus sentimentos de profundo reconhecimento pela generosidade dos eminentes varões, que têm assento nesta Illustre Assembléa, mas comprometto-me a empregar todos os exforços que em mim couberem para merecer a honra de sua companhia e, seguindo-lhes as pisadas, com elles collaborar para o continuo progresso do nosso querido Brasil.

E' louvavel praxe, que seguirei, apresentar cada novo membro, no dia de sua recepção solenne, um trabalho condizente á indole das sciencias cultivadas com tanta proficiencia neste Instituto, — a Historia e a Geographia brasileiras.

Procurei um assumpto que possuisse interesse intrinseco e pertencesse a um desses dous ramos do saber humano. Inclinei-me para uma questão, que se mantém na ordem do dia, apesar de haver sido abordada por diversos illustrados geographos, e sobe de interesse no momento em que se tracta de confeccionar um Mappa do Brasil, mais exacto que todos os precedentes, para festejar dignamente o centenario da Independencia.

Até hoje, apesar dos exforços de dedicados investigadores, não se conhece o valor da superficie do Brasil, não obstante muitos compendios de Geographia escholar a enunciarem com a precisão apparente de um kilometro quadrado. e algumas vezes, de fracção, e, por essa razão, resolvi procurar avalia-la com a exactidão permittida pelos melhores documentos a meu alcance.

O reverendo padre Augusto Patberg que tractou brilhantemente deste problema, tomando como base os dados existentes ha treze annos, comparou o resultado por elle obtido com os encontrados por seus antecessores, e mostrou as phantasticas differenças existentes. Assim, o livro intitulado *O Imperio do Brasil na Exposição Universal de 1837, em Vienna,* avalia em 12.634.447 km² a area do territorio nacional, enquanto a mesma obra, na página precedente, consigna a estimativa de Humbold, com pouco mais de 7.950.000 km². "Estudo Critico e Calculo Planimetrico das Areas do Brasil e seus Estados", pelo R. P. Rug. Patberg — *Relatorio do Gymnasio Nossa Senhora da Conceição* — Porto Alegre, 1907, pag. 24).

Documentos mais modernos manifestam menores divergencias, mas ainda assim, consideraveis; por exemplo, o barão Homem de Mello, em seu conhecido *Atlas,* adopta 8.061.260 km². o proprio padre patberg, após fatigante trabalho feito em muitas cartas reputadas as melhores, chega a 8.550.000 km², enquanto o commandante Thier Fleming, em seu substancial trabalho *Limites e superficies do Brasil e seus Estados* (Rio, 1918), diz á pag. 69 nota, que "pelas informações dos governos estadoaes ella (a area do Brasil) attinge a 8.849.136 ½ km²».

Estando actualmente o Club de Engenharia empenhado na confecção da Charta do Brasil, a que já me referi, foi para este fim nomeada uma commissão sob a presidencia do meu illustro collega e amigo dr. Francisco Bhering. Esta charta, desenhada na escala de um millionesimo, deverá conter todas as informações dignas de confiança, além de que assentará sôbre uma rêde de algumas centenas de posições geographicas que consolidarão o conjuncto, impedindo que os inevitaveis

erros ultrapassem certos limites. Para sua construcção, abriram-se deante do dr. F. Bhering os archivos dos ministerios e de todas as repartições, e assim foi conseguida larga cópia de preciosos documentos até então inaccessiveis. E' assim fóra de dúvida que a futura charta será a mais exacta que o Brasil tenha possuido, sem contudo, na minha opinião, ser o que deveria, aliás sem querer de fórma alguma culpar dessa insufficiencia meu digno collega, cuja operosidade bastante aprecio; mas penso que uma charta, digna de um paiz culto, se não faz por meio de informações e de buscas em archivos, e sim pelo levantamento directo do terreno.

Feita esta reserva, que mostra bem não ser destinada a nossos dias a posse de uma charta exacta e, portanto, tambem a solução do problema que resolvi enfrentar, decidi tomar como base do meu trabalho os elementos geographicos reunidos para a Charta do Centenario, que foram gentilmente postos á minha disposição por aquelle meu distincto collega.

Antes, porém, de entrar na parte essencial do trabalho, convém proceder á indagação e á avaliação dos erros a temer em seu resultado. Uma importante causa de incerteza, que póde affectar a determinação da area, nasce do seguinte facto. O nosso planeta não tem a fórma verdadeiramente espherica. Devido á fôrça centrifuga desenvolvida pelo movimento de rotação, o globo se achatou nos pólos. Esse achatamento, cujo valor póde ser deduzido do comprimento de um trecho de meridiano, delimitado, por duas latitudes tão differentes quanto possivel, varía, conforme os auctores, entre 1|282 (Saigey) e 1|335,8 (Laplace), indicando estas expressões de quanto o semi-eixo polar é menor que o equatorial. Modernamente, reconheceu-se que essas divergencias não provinham sómente de erros de medição, e que o globo terrestre não era verdadeiro ellipsoide de revolução, sendo que o valor do achatamento mudava com o meridiano em que era determinado. Variando esse achatamento, tambem varia o raio de curvatura da superficie terrestre em um poncto qualquer, e, proporcionalmente ao quadrado desse raio, a area de um quadrilatero delimitado por dous trechos de parallelos e dous de meridianos.

Por esta razão, para calcular as areas dos quadrilateros dessa natureza que encerram a superficie do territorio, deveriamos conhecer os elementos do *espheroide terrestre*, que melhor se applicam á fórma da superficie do continente sul-americano. Infelizmente nada, ou quasi nada, ha feito neste sentido e estamos na maior ignorancia quanto ao achamento que melhor se adapta a nosso caso.

Os dous systemas mais conhecidos de elementos espheroidaes são o de Bessel, adoptado na Allemanha e paizes vizinhos, e o de Clarke, empregado na Inglaterra e na França. Admittindo para nosso trabalho que a terra seja espherica, teremos para seu raio valores differentes conforme adoptarmos os elementos de Clarke ou os de Bessel. Com os de Clarke o raio da esphera com a mesma superficie que o espheroide é o R, =6.371.003 m. e, com os elementos de Bessel, nas mesmas condições, R, = 6.370.289 m.

E' evidente que, conforme for adoptado um ou outro desses valores no cálculo das areas dos quadrilateros, obter-se-ão differenças sensiveis nestas. O professor Federigo Guarducci estudou essa influencia em interessante trabalho publicado nas *Memorie della R. Academia delle Scienze del Istituto di Bologna*, série VI, tomo VII, e intitulado "Sull'errore cui si va incontro nella valutazione della superficie geographica degli Estati" e chega a uma fórmula muito simples, cuja demonstração será dada em appendice, para não fatigar o auditorio. Com seu auxilio, encontra-se que a divergencia entre os dous raios das espheras occasiona, na maior, o augmento de 1|4.461 da area medida entre os mesmos trechos de parallelos e de meridiano, traçados nas duas.

Resulta, pois, de não sabermos qual o raio mais adequado á fórma da terra na America Meridional, existir nas melhores avaliação da sua superficie a incerteza de 1|4.461 da area total, a qual será insanavel enquanto não tiver sido feito um levantamento geodesico exacto, e que, dado o caso da superficie approximada do Brasil ser de 8.500.000 km² importa em 1.882 km², ou quasi 2.000 km², grandeza certamente não desprezivel.

A avaliação da area total comprehende duas partes. Na primeira, que corresponde ao interior do territorio, calcula-se a superficie de cada quadrilatero delimitado por dous arcos de meridiano e de parallelo distante de 1°. Mas as regiões da fronteira, tanto maritima como terrestre, têm de ser medidas por processo indirecto, que tem como base o uso do planimetro. A incerteza que affecta as medições da primeira parte tambem influem na da segunda, além de que sobrevem outra causa de êrro muito maior. Cada quadrilatero da fronteira é dividido em duas partes pela linha de limite, uma que representa territorio nacional, e a outra, paiz extrangeiro, ou mar. Conhecida a area do quadrilatero no terreno e no mappa, e tambem o da parte fraccionaria occupada pelo territorio tambem no mappa, deduz-se facilmente o valor da area correspondente no terreno, mediante simples proporção. Mas é evidente que a precisão desta avaliação depende, em primeiro logar, da exactidão, com a qual tiver sido traçada a linha divisoria, e medidas as areas no proprio mappa. Esta última parte do êrro a temer, póde ser muito diminuida pelo uso de planimetros de precisão para effectuar a medição no mappa, mas a incerteza do traçado da fronteira, politica ou natural, causada pela deficiencia dos levantamentos e consequente traçado defeituoso nas melhores chartas, póde ser consideravel.

Nos paizes que cuidam com esmero de sua geographia, as zonas fronteiriças são geralmente medidas pelos dous paizes limitrophes, e a comparação dos levantamentos de ambos offerece bases para se poder avaliar o êrro oriundo dessa fonte. O professor Guarducci, comparando a fronteira austro-italiana levantada pelos serviços geodesicos dos dous paizes, acha que as divergencias produzem, em cada kilometro quadrado de fronteira, com o comprimento linear de um kilometro, certo êrro que elle designa por — k, e, sendo p o comprimento real de toda a fronteira, o êrro geral será, conforme o calculo das probabilidades, $\pm k \sqrt{p}$. Comparando os levantamentos da zona fronteira de NE successivamente effectuados pelos serviços italiano e austriaco, achou Guarducci que o valor de k era de $\pm$ 0,2, e que delle

resultava para a superficie total do reino um êrro de 1|20.000.

Essa fracção diminue á medida que augmenta a superficie a avaliar, porque, variando o perimetro de uma figura de certa quantidade, a sua area varía proporcionalmente ao quadrado dessa mesma grandeza, e a relação entre a variação linear e a superficial tende, pois, a diminuir. Mas, si, devido a esta razão o êrro consequente á deficiencia de levantamento tende a diminuir no Brasil, outras causas o fazem crescer consideravelmente, sem que se possa, contudo, avaliar a sua grandeza, a não ser em estreita zona da fronteira meridional, onde existem trabalhos geodesicos satisfactorios executados pela Commissão da Charta Geral da Republica e pelo Estado-Maior Argentino. Os limites com a Perú, foram levantados por processos mais expeditos e, portanto, menos exactos, que podemos entretanto admittir mas, fóra disto, não ha nada, em toda a fronteira NW. e N do Brasil. Existem apenas esboços mais ou menos grosseiros, e, algumas vezes, tão incoherentes, que se contradizem em absoluto.

O proprio littoral, abstrahindo mesmo das variações causadas pelo jògo das fòrças naturaes, foi levantado, ha mais de meio seculo, por Mouchez e por Vital de Oliveira, que — tendo em vista apenas as necessidades da navegação, se contentaram com approximações insufficientes para o presente trabalho, ás quaes devemos, porém, nos resignar.

As nossas medições foram effectuadas na charta, na escala de 1|2.000.000, destinada a agrupar todas as informações recolhidas para o Mappa do Centenario. Esse mappa, que obedeceu a regras internacionaes assentadas em um congresso reunido em Londres no anno de 1909, completadas em outro effectuado em Paris em 1913, será dividido em folhas abrangendo a superficie delimitada por 4° em latitude e por 6° em longitude.

De cada lado do Equador, e até á latitude de 88° as zonas parallelas successivas são designadas pelas lettras do alphabeto de A a V. Os fusos, com 6° em longitude por largura, são numerados no sentido de W para E, a começar do antimeridiano de Greenwich, e designados pelos numeros

de 1 a 60. As folhas a N e a S, do Equador são respectivamente differençadas pelas lettras N ou S, empregadas como prefixo.

Para nosso caso, cada folha das fronteiras foi subdividida em seis quadrilaterios com um gráo de lado. A area de uma zona comprehende a superficie de todos os quadrilateros de um gráo quadrado, comprehendidos por inteiro no territorio, e mais as dos quadrilateros dos extremos, que estão parcialmente dentro do paiz e dentro do territorio limitrophe, ou do mar. A area dos quadrilateros internos se calcula facilmente, quando são conhecidos os elementos do espheroide terrestre. Admittimos para isto os de Bessel, não porque os julgassemos mais adequados á fórma do terreno do Brasil, que os de Clarke ou outros quaesquer; mas simplesmente pela consideração práctica de que existem fórmulas e tabellas, calculadas com elles, que grandemente simplificam o trabalho. De uma fórmula dada por Jordan no vol. III, pag. 241, de sua obra classica intitulada *Handbuch der Vermessungskunde*, cauculou-se a area do quadrilatero de 1° quadrado para todas as latitudes do Brasil, cujos resultados se encontram no quadro annexo n. 1. Resta avaliar a area dos quadrilateros extremos incompletos, cujo valor sommado ao dos precedentes dará a superficie de uma zona. Para isto consideremos um dos quadrilateros ABCD, atravessado por um trecho *mn* (fig.) da fronteira, que o divide em duas porções, uma das quaes, delimitada pelo contôrno mixtillineo mnBC representa a parte do territorio que tem de ser avaliado, e será representado por x. Si, com o auxilio de um bom planimetro, determinarmos a area correspondente no mappa, designada por a e expressa em unidades arbitrárias, e si for b a superficie, medida no mesmo mappa pela mesma maneira, da totalidade do quadrilatero cujo valor real do terreno é y, poderemos armar a seguinte proporção:

$\frac{x}{y} \quad \frac{a}{b}$ onde Y é tirado do quadro, ha pouco mencionado, e póde ser considerado exmpto de êrro, dependendo, portanto, x sómente da exactidão da relaçao $\frac{a}{b}$ e não do êrro commum, por acaso existente nas grandezas a e b.

Para se poder avaliar a importancia do êrro occasionado pela variação da mesma superficie pelo planimetro, mediu-se, 50 vezes successivas, a area de um circulo de 10 cm. de raio, cujo valor exacto é de 314.1592 cm², e achou-se que o valor médio instrumental correspondente era de 31·39972 cm², havendo, pois um êrro de 16.4 mm², que não influe nos resultados, mas cujas variações importam muito. Tractadas as divergencias entre o valor médio e os valores individuaes, pelo methodo dos minimos quadrados, acha-se que o êrro médio de uma observação isolada é de 4.75 mm². Sendo o valor da superficie médida de 314.16 cm², esse êrro expresso em percentagem corresponde apenas a 0.015 %. Fazendo-se 10 medições successivas, como é de praxe, esse êrro medio ainda tem de ser dividido por $\sqrt{10}$ o que o reduz a 0,0048 %, ou cêrca de 1/20.000. Mas esta causa de êrro incide apenas nos quadrilateros da fronteira maritima e da terrestre, de maneira que a incerteza total introduzida na medição por essa causa é practicamente insignificante e egual a mais ou menos 83 km². Este excellente resultado provém da superior qualidade do planimetro utilizado. E' um instrumento do typo denominado "de rolamento sôbre esphera" (*rouland à sphère*). v. fig. 2 da maior dimensão, construido por Coradi, de Zurich, e que traz o n. 2.838. Neste modelo, o rodete medidor não rola sôbre o papel, cujas irregularidades certamente influem na precisão dos resultados, e sim sôbre uma superficie espherica de metal, rigorosamente polida, em que o attrito é muito diminuto e bastante constante.

O sr. G. Coradi, em seu folheto sôbre a theoria e o uso dos planimetros, attribue a esse modelo maior precisão que a todos os demais, e avalia em 1|5.000 o êrro médio commettido por elle em uma unica medição de um circulo de 10 cm. de raio, o que concorda sensivelmente com o que encontramos.

Mas a maior causa de êrro, a mais difficil de avaliar e impossivel de remediar, provém certamente da incerteza das fronteiras, a que antes já alludi. Tive que me sujeitar a essas condições, e recorrendo aos documentos recommendados pelo Ministerio das Relações Exteriores, para a Charta do

Centenario, como sendo os mais dignos de confiança, adoptei o seguinte traçado:

Para o littoral foram seguidos os mappas mais recentes do Almirantado Inglez, que têm como base os trabalhos de Mouchez e de Vital de Oliveira, em que foram introduzidas todas as correcções justificadas, suggeridas pelos navegantes desde a epocha, já remota, em que foram effectuados os primeiros levantamentos. Parece, pois, soffrivelmente exacta está parte do mappa.

Do lado do continente, as fontes de informação foram diversas. As fronteiras com a Republica Oriental são as estabelecidas pelos tractados de 1851 e de 1852, accôrdo de 1853, e tractados que convencionaram o condominio na Lagôa-Mirim, no rio Jaguarão e arroio S. Miguel, e foram recentemente demarcadas.

Para os limites com a Republica Argentina, seguiu-se o traçado fixado pela Commissão Mixta Demarcadora, o qual se acha incorporado no Mappa do Centenario da Republica Argentina, de 1910. Com o Paraguai foram acceitos os limites nesse mesmo mappa, até á foz do rio Apa ,no rio Paraguai. Dahi para o Norte (Limite contestado, V. Thiers Fleming, fronteiras com o Paraguai) adoptou-se o proprio curso do rio Paraguai.

Em relação á Bolivia, seguiu-se a demarcação do almirante Guillobel, entre os parallelos 20° e 17°; dahi para o Norte, até á foz do Rio Verde no Guaporé, adoptou-se a demarcação que consta de um *Mapa de la República de Bolivia, mandado organizar e publicar por el presidente constitucional, general José Manoel Pando, 1901, y formado por Edoardo Idiaquez*. Importa notar que neste trecho, conforme informação pessoal do sr. capitão de mar e guerra Ferreira da Silva, actual chefe da Commissão de Limites com o Perú, o qual tomou parte nos trabalhos com a Bolivia, a linha de Idiaquez coincide em geral, salvo pequenas irregularidades, com o levantamento official da Commissão sob a chefia do sr. almirante Guillobel. A partir da foz do Rio Verde, no Guaporé, a linha official desce pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira até á foz do rio Abuná; em todo este percurso foi seguida a demarcação do barão de Parima, feita na Commis-

são de Limites de 1877, a qual, aliás, coincide practicamente com a de Idiaquez. Em seguida a linha official segue pelo Abuná até á foz de seu affluente, o rio Rapirrã, pelo qual a divisa continúa até ás cabeceiras. Em todo este percurso adoptou-se a determinação geographica destes rios auctorizada por Placido de Castro. Em seguida ás cabeceiras do Rapirrã começa uma zona ainda em exploração, conforme o accôrdo de 11 de Fevereiro de 1911, de maneira que a fronteira ali se acha aberta. Para resolver esta indeterminação, admitti uma recta arbitrária que liga as cabeceiras do Rapirrã ás do igarapé Bahia, que a fronteira official segue até á sua confluencia no rio Acre; esta linha, gentilmente traçada pelo sr. capitão de mar e guerra A. Ferreira da Silva, parece distribuir egualmente a zona litigiosa entre os dous paizes limitrophes.

A fronteira peruana está sendo actualmente demarcada. Para o presente trabalho foi adoptada a seguinte linha divisoria, a qual sobe o rio Acre até ás cabeceiras. Deste poncto até ás nascentes do Javarí, seguiu-se a fronteira dos limites definitivos fixados no tractado de 8 de Septembro de 1909. Deste modo passaram para o Perú (*) os territorios que haviam sido neutralizados a 12 de Julho de 1907. Foi adoptada a determinação de meu illustre antecessor dr. L. Cruls, para a posição geographica das nascentes do Javarí, ajustando-se com ella o levantamento do mesmo rio, realizado pelo barão de Teffé na Commissão Mixta de 1875.

Mais ou menos na latitude de 5°-30' S, termina o levantamento do barão de Teffé e começa o do almirante Costa Azevedo, que dahi por deante foi seguido, embora em alguns trechos sensivelmente se differencie da determinação mais moderna de Henri Troppé (1907).

A fronteira com a Colombia segue uma linha geodesica,

(*) No trecho comprehendido entre as cabeceiras do rio Acre e as do Javarí, acham-se dous vastos territorios que foram neutralizados a 12 de Julho de 1907. Mas, pelo tractado Vellarde-Rio-Branco, de 8 de Septembro de 1909, ficaram fixados os limites definitivos, que entregaram ao Perú a posse desses territorios.

que liga a cidade de Tabatinga com a foz do rio Taraiva ou Japurá. A partir desta confluencia seguiram-se as disposições do tractado de limites entre o Brasil e a Colombia assignado em Bogotá a 24 de Abril de 1907 pelo dr. Enéas Martins.

Em relação á Republica de Venezuela seguiu-se o Accôrdo de 1900 (V. o livro do commandante Thiers Fleming, pag. 135), e para as medidas com o planimetro utilizou-se a demarcação feita em 1882 pelo barão de Parima.

Com as Guianas Ingleza e Hollandeza seguiu-se a fronteira mencionada no livro do commandante Thiers Fleming, e quanto á sua locação adoptou-se a da charta de Paul de Cointe. Quanto á Franceza, cuja descripção é tambem dada na obra citada, admittiu-se uma charta, cujo traçado do rio Oiapoc concorda com os mappas do Almirantado Inglez quanto ás feições da vizinhança da foz.

Ainda devo accrescentar que, na avaliação das areas do littoral, houve que se cingir a algumas convenções, quanto á maneira de comprehende-las. Um rio, um lago, um golfo, representarão terras cujas superficies devam ser computadas?

Depois de muito hesitar, conclui pela affirmativa, e inclui nas superficies das respectivas faixas, não sómente as ilhas oceanicas, como tambem o estuario da foz do Amazonas, todas as bahias fechadas, como a de Todos os Santos, a do Rio e as lagôas Mirim e dos Patos, não tendo sido, porém, incluida a faixa de tres milhas ao longo da costa, que tradicionalmente reconhece o direito politico internacional como fazendo parte do territorio nacional.

Em um mappa, que annexo e representa a reducção da charta de um milionesimo na escala de 1|10.000.000, estão assignaladas todas as folhas de 4° × 6° do Mappa do Centenario, subdivididas, nas zonas fronteiras, em quadrilateros de 1° de lado. As folhas em branco tiveram a sua area calculada como já foi dicto, enquanto os pequenos quadrilateros de 1°, indicados pelo colorido, foram planimetrados.

O quadro II indica a superficie de cada faixa ou zona comprehendida entre dous parallelos distantes de 4°. A somma geral dessas superficies 8.521.875 km² é, pois, a do Brasil, medida nas condições provisoriamente mais exactas. Os

tres ultimos algarismos não merecem confiança, e esse número deve ser arredondado para 8.522.000 km², resultado notavelmente vizinho do do revmo. Augusto Patberg: 8.550.000.

Comprehende-se que, nas condições apontadas, a pesquisa da area exacta do territorio da Republica seja uma empresa irrealizavel; mas, mesmo assim, e reconhecidas as causas adversas, creio que o valor que ora apresento seja o mais preciso que é possivel conseguir actualmente, e tenha alguma utilidade para fixar, provisoriamente ao menos, esse importante factor da Geographia nacional». (*Palmas.*)

QUADRO I

Areas dos quadrilateros de 1° de lado, calculadas pela fórmula de Jordan, com elementos de Bessel

$$A = \left[4.0915820\right] \cos \varphi - \left[1.6167347\right] \cos 3\varphi + \left[\bar{1}.016662\right] \cos 5\varphi$$

entre o Equador e a latitude de 35°

Latitude média φ	Area em km²	Latidude média φ	Area em km²
0° 30'	12305.96	18° 30'	11686.07
1 30	12302.17	19 30	11617.72
2 30	12294 91	20 30	11545.88
3 30	12283.98	21 30	11470.57
4 30	12269.39	22 30	11391.81
5 30	12251.16	23 30	11309.02
6 30	12229.31	24 30	11224.01
7 30	12203.81	25 30	11135.03
8 30	12174.69	26 30	11042.67
9 30	12141.96	27 30	10946.96
10 30	12105.61	28 30	10846.94
11 30	12065.66	29 30	10745.62
12 30	12022.12	30 30	10640.03
13 30	11975.11	31 30	10531.20
14 30	11924.30	32 30	10419.15
15 30	11870.05	33 30	10303.92
16 30	11812.25	34 30	10185.03
17 30	11750.92	35 30	10064.00

QUADRO II — Area do Brasil

Designação das faixas	Superficie
	Km².
Faixa ao norte do Equador	608257.42
Faixa entre os parallelos 0 a 4°	1283864.77
» » » » 4 a 8°	1818624.76
» » » » 8° a 12°	1637868.23
» » » » 12° a 16°	1094155 23
» » » » 16° a 20°	863480.62
» » » » 20° a 24°	673925.21
» » » » 24° a 28°	269834 33
» » » » 28° a 32°	254890.92
» » » » 32° a 34°	16973.98
Total: area do Brasil	**8521875.47**
Area adoptada	**8.522.000 km²**

SUPPLEMENTO

Influencia dos elementos do espheroide terrestre sôbre a avaliação das superficies

As superficies traçadas sôbre espheras são proporcionaes aos quadrados dos raios, de maneira que sendo R o raio relativo a certos elementos do espheroide, e R_1 a outros, as superficies correspondentes á area delimitada por dous meridianos e dous parallelos distantes de 1° serão respectivamente A e A_1, e ter-se-á:

$$\frac{A_1}{A} = \frac{R^2_1}{R^2} \text{ e } \frac{A_1 - A}{A} = \frac{R^2_1 - R^2}{R^2} \text{ mas}$$

$$R^2_1 = [R + (R_1 - R)]^2 = R^2_1 + 2(R_1 - R)R$$

$$\text{(desprezando } (R_1 - R)^2\text{)}$$

por ser extremamente pequeno.

$$\frac{A_1 - A}{A} = \frac{R^2 + 2(R_1 - R)R - R^2}{R^2} = \frac{2(R_1 - R)}{R}$$

Raio de uma esphera tendo a mesma superficie que a Terra. { R = 6.371.003 (*) (Clarke)
R = 6.370.289 (**) (Bessel)

Com estes dados encontra-se $\frac{A_1 - A}{A} = \frac{1}{4461}$

Sendo a superficie approximada do Brasil egual a 8.500.000 Km², a incerteza resultante sôbre este valor será:

$$\frac{8.500.000}{4461} = 1882 \text{ km}^2.$$

Ao sr. Henrique Morize responde o sr. Ramiz Galvão nos seguintes termos:

— «Exmo. sr. presidente e illustres collegas.

Sr. dr. Morize.

Quanto acabamos de ouvir é mais uma demonstração do acêrto, com que em boa hora o Instituto Historico vos abriu as suas portas.

E' mais um scientista modelar e escrupuloso, que se allia ás nossas fileiras, opulentando a cohorte dos homens de subido valor, que aqui trabalham pela Patria. A vossa especialidade, illustre professor, já teve nesta casa de estudo representantes insignes e ainda hoje os possue, é verdade; mas o vosso alto saber, demonstrado em provas que o mundo dos astronomos já conhece e justamente aprecia, revelado em memorias várias, estampadas em revistas nacionaes e extrangeiras do mais alto conceito em observações feitas com esmero e com o applauso de sabios, vosso alto saber constitue um valiosissimo contingente para os trabalhos da nossa Companhia, e é por isso aqui recebido com as palmas que merece.

Tendes uma historia, sr. dr. Morize, que vos recommenda á nossa alta estima. Nascido em França, fostes forçado a emigrar no albor da mocidade, e vossos parentes escolheram esta segunda Patria para campo de actividade. Abençoada a hora dessa resolução heroica.

(*) *Ann. du B. des Longitudes pour 1917*, p. 159.
(*) JORDAN: *Handbuch der Vermessugskunde*, III, p. 243.

Aqui começastes a trabalhar pela vida, sem cogitar em sciencia, talvez, quando tivestes a fortuna de encontrar em S. Paulo o nosso saudoso confrade dr. Eduardo José de Moraes, na qualidade de engenheiro fiscal da Estrada de Ferro Ingleza; esse distincto Brasileiro, que tambem tive occasião de conhecer de perto e admirar, — esse operoso e intelligente patricio, com seus conselhos decidiu do vosso futuro, estimulando-vos a seguir uma carreira scientifica, porque divisara com segurança os dotes singulares de vosso espirito... Abençoada tambem a memoria de Eduardo de Moraes, a quem devemos hoje este prazer e esta honra !

Iniciar estudos na Eschola Polytechnica, graduar-se naquelle instituto de ensino, conquistar depois por concurso o logar de 3º astronomo do nosso Observatorio, e mais tarde, tambem por concurso, uma cathedra nessa mesma Eschola que ainda hoje ouve e applaude as vossas licções, — ascender por fim ao posto de director do referido Observatorio, onde o vosso papel ha sido conspicuo, porque tendes a um tempo saber, virtudes e pertinacia, — foi tudo obra do tempo e do merito.

Estivemos até agora á mercê de caprichos e calculos quasi phantasticos para determinar a superficie do Brasil, que desde Humboldt até o nosso prezado Thiers Fleming orça desde 7.950.000 km. até 8.849.136 ½ km. Vai ahi uma differença de cêrca de 900.000 km², que não constituem de certo superficie desprezivel; nella caberia quasi duas vezes a França.

Pois bem, tomastes conhecimento dos mais completos e modernos trabalhos feitos para a grande Charta do Brasil, que se prepara para commemorar a data gloriosa do centenario de 1922, e com exame intelligente e meticuloso de todos os documentos dignos de fé chegastes ao algarismo de 8.552.000 km², que é tudo quanto de mais exacto se póde dizer, enquanto se não procede ao rigoroso levantamento directo de todo o territorio, — obra custosa e longa, que terá de ser feita por outra geração.

Até lá fique assentado, sr. dr. Morize, o vosso precioso cálculo, que o INSTITUTO HISTORICO agradece como obra de

mestre. Junctai este bom serviço a tantos outros que o Brasil vos deve, continuai na faina benemerita em que haveis consumido a melhor parte da existencia, e trazei-nos sempre o fructo dos vossos labores; são pedras angulares para o monumento, que todos os vossos collegas, na medida de suas forças, estão pausada, mas incessantemente, construindo para renome da Patria, que é hoje tambem a vossa.

O INSTITUTO HISTORICO saúda-vos como a illustre e querida confrade." (*Palmas.*)

O SR. FLEIUSS diz que se reserva para na proxima sessão occupar a attenção do INSTITUTO com o catalogo dos mappas, trabalho primorosamente levado a effeito pela Commissão Rondon e immediatamente dirigido pelos illustres capitão dr. Jaguaribe de Mattos e dr. Graccho de Oliveira. Já estão preparadas para mais de 2.600 verbetes e delles se conclue de prompto a riqueza das collecções do INSTITUTO.

O SR. PRESIDENTE agradece o valioso auxilio prestado pela benemerita Commissão Rondon e especialmente pelos srs. drs. Jaguaribe de Mattos e Graccho de Oliveira.

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão ás vinte e tres horas .— *Agenor de Roure,* 2° secretario interino.

SEGUNDA SESSÃO ORDINARIA DO ANNO DE 1920, EM 22 DE MAIO

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's vinte e uma horas abre-se a sessão com a presença dos srs. conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Gastão Ruch, Laudelino Freire, tenente-coronel dr. Liberato Bittencourt, Solidonio Leite, Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, Jonathas Serrano, Henrique Morize, Agenor de Roure, dr. Pedro Souto Maior e Sebastião de Vasconcellos Galvão.

O Sr. Jonathas Serrano (*servindo de 2º secretario*) lê a acta da sessão realizada em 24 de Abril, a qual é approvada sem discussão e por unanimidade.

O sr. Fleiuss (*secretario perpetuo*) lê as *Ephemérides*, elaboradas pelo barão do Rio Branco, relativa, á data da sessão.

O Conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*) diz que, interpretando o sentimento do Instituto, consigna na acta da presente sessão um voto de applauso ao exmo. sr. dr. Epitacio Pessôa, diginissimo presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, pelo trecho da Mensagem em que s. ex. tractou dos despojos mortaes do imperador D. Pedro II.

Diz mais que sôbre a trasladação dos preciosos despojos de D. Pedro II e da imperatriz D. Teresa Christina tem sido o seguinte o procedimento do Instituto:

«Em sessão de 26 de Agosto de 1916, o socio effectivo sr. Basilio de Magalhães, obtendo a palavra para fundamentar uma proposta, disse que, tendo sido apresentado á Camara Alta da Republica, em 7 de Julho de 1906, um projecto firmado por 15 senadores, entre os quaes varios propagandistas do novo regime, para que fossem aqui inhumados os restos mortaes de d. Pedro II e d. Teresa Christina, projecto sôbre o qual se manifestara a Commissão de Legislação do Senado— vinha o orador, uma vez que eram já passados dez annos, apresentar uma indicação, com o intuito de dirigir-se o Instituto Historico ao sr. presidente da Republica, que é tambem presidente honorario da associação, solicitando do mesmo promova os meios conducentes áquelle alto fim.

A indicação foi a seguinte:

"O Instituto Historico e Geographico Brasileiro que, na sua divisa e nos arts. 67 e 68 de seus Estatutos, consigna imperecivel gratidão e reconhecimento á memoria de seu grande protector, o sr. d. Pedro II, tem a honra de pedir ao seu presidente honorario, exmo. sr. dr. Wenceslão Braz Pereira Gomes, que reproduzindo o nobre exemplo dado pelo Governo da Republica, quanto aos ossos de Saldanha da Gama, faça vir para a terra patria os restos mortaes do finado im-

perador e sua virtuosa consorte, como tanto desejava o honesto e patriotico servidor do Brasil. Sala das sessões do Instituto, em 26 de Agosto de 1918. — *Basilio de Magalhães*."

Posta em discussão a indicação, pediu a palavra o socio sr. Erico Coelho, que disse:

«Enquanto o illustre consocio, sr. Basilio de Magalhães enunciava esta indicação, pensei em explicar meu voto discordante. O projecto de lei, sôbre o qual s. ex. fez reflexões, foi presente ao Senado da Republica no dia 7 de Julho de 1906. Estava em primeira discussão, no dia 12, quando opinei da tribuna em sentido opposto. Após debate a Commissão de Justiça emittiu, na data de 28, seu parecer contrário. De facto, o projecto, que não chegou a ser dado em ordem de votação, cogitava ordenar trasladasse o Poder Executivo os restos mortaes do imperador e da imperatriz, para a nossa terra muito amada. Argumentei, ponderando que uma resolução do Poder Legislativo, representante da soberania nacional, independe de consentimento de individuo algum, por mais conspicuo no paiz ou no extrangeiro, excepto com investidura soberana nas questões internacionaes. No caso do projecto originario do Senado, o acto do Legislativo seria inexequivel sem a sancção da princeza no seu bem querer. Agora, a indicação do illustre consocio é que o presidente da Republica, outro representante da soberania nacional, entenda ordenar sejam removidos os mesmos despojos de d. Pedro II e de d. Teresa Christina; e, por conseguinte, a resolução do Governo dependerá da acquiescencia particular da senhora condessa d'Eu, a filha zelosa desses restos sacrosanctos. Terminando, declaro que daria meu humilde voto afim do INSTITUTO, entidade social do maior acatamento, promover de acôrdo com a princeza o transporte funerario, tão expressivo do affecto brasileiro.»

Logo depois, o socio sr. almirante Gomes Pereira disse:

"A indicação, apresentada pelo illustre consocio o sr. professor Basilio de Magalhães, a meu ver traduz o desejo de todos os Brasileiros. Eu, certamente, não lhe negaria o meu voto e até mesmo os meus applausos, si não julgasse que o INSTITUTO HISTORICO, antes de pedir ao exmo. sr. presidente da

Republica a trasladação dos restos mortaes de d. Pedro II e de d. Teresa Christina, deveria solicitar da veneranda senhora condessa d'Eu, representante da Familia, a precisa auctorização. Só assim, penso, ficaria elle habilitado a promover essa trasladação, solicitando dos Poderes Publicos as providencias necessarias.

Sem o consentimento, dado préviamente, esses Poderes, creio, nada farão, por não lhes ser licito subordinar os seus actos á vontade de uma pessoa, por mais elevada que seja. São estas as razões do meu voto, que desejo sejam consignadas na acta da sessão.»

O socio, sr. commandante Radler de Aquino, declarou que accompanhava inteiramente as observações do sr. almirante Gomes Pereira.

Posta em votação a indicação, foi approvada, contra os votos dos srs. Erico Coelho, Gomes Pereira e Radler de Aquino.

Em sessão de 7 de Septembro do mesmo anno de 1916, o socio sr. Alfredo Valiadão, justificando uma proposta relativa ao Congresso Internacional de Historia da America, convocado pelo INSTITUTO para o dia 7 de Septembro de 1922, disse: «Proponho ainda que, confirmando o voto do INSTITUTO em sua última sessão, se entenda a referida commissão com o Governo Federal, para que a 7 de Septembro de 1922 já estejam agazalhados no Brasil os restos preciosos de d. Pedro de Alcantara e de d. Teresa Christina.»

Em 11 de Septembro de 1916, elle, conde de Affonso Celso, como presidente perpetuo do INSTITUTO, dirigiu ao sr. conde d'Eu a seguinte carta:

«A Sua Alteza o Principe Gastão de Orleans, Conde d'Eu. O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do qual é V. A. mui digno Presidente Honorario e segundo socio em antiguidade, tem a subida honrada de dirigir-se a V. A. para levar a seu conhecimento, que, em sessão de 26 de Agosto último, votou uma moção apresentada pelo sr. professor Basilio de Magalhães, no sentido da associação tomar a iniciativa perante os Poderes Publicos da Nação, para que sejam trasladados á Patria os restos mortaes do saudoso e benemerito Imperador Sr. D. Pedro II e sua inolvidavel Esposa. Tal in-

dicação encontrou no seio do Instituto Historico o apoio que era de esperar de suas tradições de reconhecimento e gratidão á imperecivel memoria daquelle que foi seu grande Protector.

Entretanto, para tornal-a effectiva, a associação necessitaria antes de qualquer intervenção sua juncto aos Poderes Publicos, que a excelsa Senhora Princeza Imperial D. Isabel, a Redemptora, directamente auctorizasse para esse fim o Instituto.

Assim é que, Sr. Principe e Benemerito Consocio, me dirijo a V. A. para rogar essa sancção, que servirá de base ao procedimento do Instituto, que muito honrado e feliz se sentirá se puder, entre os seus serviços ao Brasil, contar mais esse de restituir á Patria os restos de seus magnanimos Imperadores.

Deus Guarde a V. A. Senhor Principe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, M. D. Presidente Honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *Conde de Affonso Celso*, Presidente Perpetuo.»

O sr. conde d'Eu respondeu desta fórma:

«Boulogne-sur-Seine, 18 de Outubro de 1916 — Exmo. sr. conde de Affonso Celso, Presidente Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Com muita satisfacção tomámos, a Princeza Senhora D. Isabel e eu, conhecimento do officio que o Instituto me dirigiu, assignado por seu digno Presidente Perpetuo, communicando que em sessão de 26 de Agosto votou o Instituto, do qual me ufano de ser Presidente Honorario e segundo socio por antiguidade, uma moção, no sentido de tomar essa benemerita associação a iniciativa perante os Poderes Publicos da Nação, para que sejam trasladados á Patria os restos mortaes do saudoso e benemerito Imperador D. Pedro II e de sua inolvidavel Esposa; e que tal indicação encontrou no seio do Instituto o apoio que era de esperar de suas tradições de reconhecimento e gratidão á imperecivel memoria daquelle que foi seu grande Protector. A Princeza, grata á iniciativa dessa illustre e benemerita corporação, não hesita em auctorizal-o, conforme lhe é attenciosamente pedido no officio a que respondo. Devo, entretanto, accrescentar que esta annuencia fica sujeita á condi-

ção de serem os preciosos restos trasladados para logar sagrado, onde deverão ficar, condição da qual nos é garantia a religiosidade do digno Presidente do Instituto. A Princeza me acompanha em pedir-lhe, sr. conde de Affonso Celso, que receba as expressões da nossa mais cordial e muito affectuosa lembrança. — *Gastão de Orleans*, Conde d'Eu.»

Em 20 de Março de 1917 foi pessoalmente entregue pelo sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico, ao sr. coronel Maggi Salomão, que servia de secretario do sr. presidente da Republica, o seguinte officio:

«Exmo. sr. dr. Wenceslão Braz Pereira Gomes, m. d. presidente da Republica e presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Tenho a honra de communicar a v. ex. que, na sessão do Instituto, de 26 de Agosto de 1916, o consocio sr. professor Basilio de Magalhães apresentou a seguinte indicação: «O Instituto Historico e Geographico Brasileiro que, na sua divisa e nos arts. 67 e 68 dos seus Estatutos, consigna imperecivel gratidão e reconhecimento á memoria de seu grande protector, o sr. d. Pedro II, tem a honra de pedir ao seu presidente honorario, exmo. sr. dr. Wenceslão Braz Pereira Gomes, m. d. chefe da Nação, que, reproduzindo o nobre exemplo dado pelo Governo da Republica, quanto aos ossos de Saldanha da Gama, faça vir para a terra patria os restos mortaes do finado imperador do Brasil.

Esta moção foi approvada por numerosos socios presentes, com impugnação, apenas, de tres, que, tributando aliás, maximo respeito á memoria de d. Pedro II, e não se oppondo á trasladação, se enunciaram no sentido de haver uma manifestação positiva de annuencia por parte da familia do ex-imperador, antes de se dar qualquer passo tendente á remoção dos ossos.

Communicada esta deliberação do Instituto ao seu presidente honorario e segundo consocio em antiguidade s. a. o sr. conde d'Eu, respondeu o marido de Isabel, a Redemptora, que esta e toda a familia, grata á iniciativa da veneranda corporação, auctorizam a promover a realização do projecto com a condição unica de serem os despojos humanos do im-

perador e da imperatriz depositados no Brasil em logar sagrado.

Certo de que v. ex. acolherá esta participação com o costumado, alto e esclarecido criterio, prevaleço-me do ensejo para reiterar a v. ex. as seguranças de perfeito acatamento. O presidente perpetuo. — *Conde de Affonso Celso.*»

O SR. FLEIUSS pede, e o INSTITUTO approva, que, como additamento ás palavras e aos esclarecimentos do illustre SR. PRESIDENTE DO INSTITUTO, seja transcripta a parte da Mensagem do SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA, que se refere ao assumpto e que é a seguinte:

«DESPOJOS MORTAES DO IMPERADOR — A commemoração do centenario da Independencia offerece opportunidade feliz para a práctica de um acto de elevação moral, que revelará a consciencia da nossa continuidade historica. O progresso das instituições politicas não exclue o reconhecimento dos serviços dos nossos antepassados, ainda quando as nossas idéas divirjam radicalmente das que elles representaram na sua epocha. Obraram então conforme o espirito de seu tempo, e é levando em conta o estado de civilização desse momento que todos têm de ser julgados pela posteridade.

D. Pedro I foi grande elemento de exito para a obra da Independencia. O seu concurso foi procurado e considerado decisivo por todos quantos a promoviam, ao menos para facilitar uma operação que, sem elle teria, talvez, como nas antigas colonias hispanholas, custado perturbações politicas prolongadas, sinão grandes sacrificios de sangue. Os liberaes, que precipitaram o termo do primeiro reinado, consideraram, não obstante, a monarchia um elemento de cohesão nacional, que era preciso manter, exactamente quando mais facil era substitui-lo. O novo soberano de cinco annos de edade, passou, por isto, a representar uma especie de symbolo do nacionalismo intransigente, resentido do patriotismo bifronte do primeiro imperador, cuja origem e cujas preoccupações de alem-mar tinham acabado por faze-lo suspeito á susceptibilidade exigente de uma nação apenas formada.

As agitações que se produziram durante os nove annos de Regencia encontraram sempre nessa criança a aspiração de uma grande fôrça reparadora.

Para esta fôrça, por fim, appellaram definitivamente os exaltados: ao filho de Pedro I anteciparam a maioridade e entregaram o govêrno da nação, na esperança de verem removidas tantas dissenções irreconciliaveis.

A personalidade de d. Pedro II encheu desde então quasi meio seculo da existencia do Brasil. A Historia dirá si elle podia ter feito mais bem ao paiz, ou si apenas pôde fazer quanto nos legou ao findar a sua missão, mas já hoje ninguem deixa de reconhecer que elle prestou notaveis serviços á nação, sobretudo no tocante á moralização do poder publico, ao desenvolvimento das lettras e á defesa nacional. Nada, portanto, fez que não mereça pelo menos o apreço, que a nação sempre tributou a outros grandes homens de Estado, a quem o Brasil deveu a posição que occupou no mundo naquelles cincoenta annos de vida politica.

Commemorando o Centenario da Independencia, vamos, como disse, lembrar a nós mesmos tudo quanto fizemos nesses cem annos de vida, onde a figura de d. Pedro II se destacou em logar tão conspicuo.

Parece-me, pois, que seria acto de justiça nacional promover-lhe a volta dos despojos mortaes, guardados longe daqui, de modo que naquella data possam já repousar em jazigo condigno, na terra onde elle nasceu. Seu pae desligou-se de nós por acto voluntario e reassumiu nos fastos do seu paiz de origem o papel que o logar de rei de Portugal lhe restituira.

Relembrando embora a acção politica de d. Pedro I entre nós, não poderiamos pretender desliga-lo do destino final por elle proprio escolhido. D. Pedro II, porém, ficou entre os seus compatriotas e foi o representante verdadeiramente nacional dessa dynastia, sob cuja influencia nasceu a nossa Patria, que ella propria por fim ajudou a fundar.

A medida que suggiro ao alto espirito do Congresso Nacional e que, para ser completa, deverá extender-se aos restos mortaes da imperatriz, estou certo que nenhuma influencia terá nociva ás instituições adoptadas pela nação ha mais de trinta annos; pelo contrário, servirá para mostrar quanto ellas se radicaram em todo o paiz, apaziguando as paixões e fazendo revigorar a tolerancia, á cuja sombra podem me-

drar e crescer os mais alevantados sentimentos de generosidade.

E' verdade que só a familia dos fallecidos soberanos póde dispor dos seus restos mortaes; mas é de esperar que ella corresponda ao nosso desejo e o receba como a expressão da vontade nacional. O lucto que a tem affligido ultimamente ainda mais lhe disporá o coração para tudo quanto venha do Brasil e possa converter-se numa especie de reconciliação entre o passado e o presente, que em todos os paizes a evolução das idéas, as aspirações dos povos consegue separar, segundo as exigencias politicas das differentes epochas, mas o destino commum das nações sabe unir e ligar para brilho maior e mais glorioso da Historia.»

O SR. FLEIUSS lê o seguinte telegramma do dr. Bernardino de Sousa, 1º secretario perpetuo do Instituto Geographico e Historico da Bahia:

«Exmo. sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Cumprimentando respeitosamente a v. ex., tenho a honra de communicar que o Instituto Geographico e Historico da Bahia, reunido em sessão extraordinaria commemorativa do anniversario da emancipação dos escravos, approvou entre palmas o voto de louvor ao exmo. sr. presidente da Republica pelo gesto nobre e generoso em sua última Mensagem, recommendando a necessidade inadiavel da repatriação dos despojos do glorioso monarcha, por mim apresentado. Transmitti ao sr. Presidente da Republica a moção na integra, dando disso sciencia ao nobre presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, segundo resolução tambem do nosso Instituto, que se congratula com o Instituto Historico pela proximidade do pagamento da maior divida de gratidão da nação brasileira.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que o INSTITUTO agradece o telegramma da benemerita associação co-ermã, e se declara inteirado.

O SR. FLEIUSS diz que a catalogação dos mappas levada a effeito pela Commissão Rondon consiste numa *Catalogação alphabetica, systematica e remissiva*, sendo os verbetes completos tirados no nome geographico do mappa, e havendo desdobramento ou chamada em outro verbete com o nome do

auctor (ou de cada um dos auctores), figurando além disso outro verbete, da classificação geral.

Assim, por exemplo, uma carta sôbre a abertura de um canal navegavel será indicada:

1°, na posição alphabetica que lhe compete, dada pelo nome geographico do mappa;

2°, no nome do auctor (remissão);

3°, no titulo geral "Vias de Communicação" ou no titulo "Projecto", etc.

Os titulos que constituem a systematização do catalogo serão todos mencionados no inicio da obra, onde será explicada a classificação adoptada.

Por essa fórma poderá auxiliar ao consultante que, conhecendo de uma maneira vaga o assumpto, ignore o titulo do mappa ou o nome do auctor. Aos que tiverem de cór esses elementos será facil fazer a pesquisa directa.

Os detalhes constantes do mappa, como plantas de cidades, eschemas, perfis, retratos ou tabellas, collocados á margem, etc., constituirão verbetes á parte, susceptiveis de desdobramentos.

Na execução do catalogo estão empenhados directamente o dr. Graccho de Oliveira, que é o encarregado do serviço, e os srs. Eugenio Rio e Pedro Vercillo, como auxiliares, cabendo ao illustrado dr. Jaguaribe de Mattos a orientação geral do serviço e a resolução das dúvidas.

O trabalho está quasi concluido e reflectirá não só mais esta riqueza do INSTITUTO HISTORICO, mas tambem o escrupulo e a competencia dos que o estão levando a termo com auctorização do benemerito general Rondon.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que o INSTITUTO recebe com agrado a interessante communicação, e desde já testimunha os seus agradecimentos aos dignos organizadores, bem como ao illustre general Rondon.

O SR. JONATHAS SERRANO (*servindo de 2° secretario*) lê as seguintes propostas:

—«Temos a honra de propor para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao dr. Anselmo de Braamcamp Freire, presidente da Academia das Sciencias

de Lisboa, da Sociedade de Geographia de Lisboa, da Sociedade Portugueza de Estudos Historicos, socio correspondente da Real Academia de Historia da Inglaterra, director dos *Portugaliae Monumenta Historica* e fundador e director do *Archivo Historico Portuguez.*

O dr. Braamcamp Freire tem publicado, principalmente nesse *Archivo*, muitos trabalhos historicos de grande valor; e ultimamente deu á publicidade a *Cronica Del Rei D. João por Fernão Lopez*, accompanhada de valioso estudo e commentario; e ainda a importante obra — *Gil Vicente Trovador, Mestre da Balança;* trabalhos nos quaes, como nas *Expedições e Armadas nos annos de 1488 e 1489*, e nos outros, novamente se revelam as suas admiraveis qualidades de historiographo, e o seu espirito de investigador diligente e consciencioso.

Sala das sessões, 22 de Maio de 1920. — Dr. *B. F. Ramiz Galvão.* — Dr. *Souto Maior.* — *Max Fleiuss.* — *Laudelino Freire.* — *Liberato Bittencourt.* — *Rodrigo Octavio.* — *Jonathas Serrano.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Jeronymo de A. Figueira de Mello.* — *Gastão Ruch.* — *Solidonio Leite.*»

Vai á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. Manuel Cicero.

— Temos a honra de propor para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o dr. Nuno Pinheiro de Andrade, funccionario publico de elevada categoria, auctor dos seguintes trabalhos: *O Contencioso Administrativo no Imperio e o julgamento dos actos administractivos na Republica, A guerra e a situação economica dos povos, Nacionalismo, Problema da guerra e da paz.*

Releva ponderar que a proposta relativa ao sr. Nuno Pinheiro está nos termos precisos de deliberação do Instituto, quanto aos que tomaram parte no Primeiro Congresso de Historia Nacional.

Rio, 22 de Maio de 1920. —*Max Fleiuss.* — *Gastão Ruch.* — *Theodoro Sampaio.* — *Solidonio Leite.* — *Liberato Bittencourt.* — *Laudelino Freire.* — *Agenor de Roure.* — *Jeronymo de A. Figueira de Mello.* — *Dr. Souto Maior.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.*»

Vai a Commissão de Historia, relator o sr. Jonathas Serrano.

— Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o revmo. padre Carlos Teschauer, da Companhia de Jesus. Nascido na Allemanha e residente no Brasil ha longos annos, sobretudo no Rio Grande do Sul, onde tem educado e instruido gerações de moços brasileiros, é o revmo. padre Teschauer um destes extrangeiros benemeritos que a gratidão brasileira equipara aos mais devotados servidores do nosso paiz.

Serviços eminentes lhe devem as nossas lettras com a publicação de numerosas obras sobre Linguistiça portugueza e indigena, Ethnographia, *Folk-lore*, e sobretudo Historia.

Citemos dentre esta producção avultada as magistraes —*Postillas aos diccionarios portuguezes*, collectaneas excellentes de brasileirismos. *Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul. Poranduba rio-grandense. Vida e obras do Veneravel Roque Gonzales*, e sobretudo a *Historia do Rio Grande do Sul*, verdadeiramente monumental, cujo primeiro tomo publicado valeu ao seu auctor os mais justos louvores.

Virá o revmo. padre Teschauer sobremodo honrar a nossa Companhia, e, chamando-o ao nosso gremio, nada mais fazemos do que lhe render um preito elementar de justiça ao patriotismo e ao saber.

Sala das sessões, 22 de Maio de 1920. —*Affonso d'Escragnolle Taunay. — Max Fleiuss. — Theodoro Sampaio. — Agenor de Roure. — Sebastião de Vasconcellos Galvão. — Ruch. — Solidonio Leite. — J. de A. Figueira de Mello. — Dr. Souto Maior. — Jonathas Serrano. — Laudelino Freire.*»

Vaí á Commissão de Historia, relator o sr. Clovis Bevilaqua.

— «Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o revmo. padre J. B. Hafkemeyer, S. J., auctor de numerosos trabalhos historicos e chartographicos, grande amigo do nosso paiz e provecto educador.

Sala das sessões, 22 de Maio de 1920. — *Theodoro Sampaio. — Max Fleiuss. — Solidonio Leite. — Liberato Bittencourt. — Laudelino Freire. — Jonathas Serrano. — Agenor*

de Rourc. — Jeronymo de A. Figueira de Mello. — Gastão Ruch. — Dr. *Souto Maior. — Sebastião de Vasconcellos Galvão.*»

Vai á Commissão de Historia, relator o sr. Clovis Bevilaqua.

O sr. Fleiuss diz que o sr. Solidonio Leite foi em Portugal, de onde acaba de chegar, alvo de grandes manifestações de apreço, que devem tambem penhorar o Instituto.

Os jornaes de Lisboa, noticiando a sua presença na Academia de Sciencias, assim se manifestaram:

«Reuniu-se a classe de Lettras desta Academia, sob a presidencia do sr. dr. Julio de Vilhena, que, dada a presença na sala do illustre escriptor brasileiro dr. Solidonio Leite, o saudou muito affectuosamente, congratulando-se por este acto.

O sr. Candido de Figueiredo disse que não podia deixar de se regosijar pela presença deste illustre escriptor, não só porque o recommendam os seus elevados meritos pessoaes, sinão tambem, e sobretudo, pelos valiosos serviços que lhe deve a lingua portugueza. Com effeito, o sr. dr. Solidonio Leite pertence á benemerita e numerosa phalange dos que além do Atlantico pugnam dedicadamente pelos direitos e pureza do nosso idioma. Bastaria o cuidado e o amor litterario com que procedeu, por assim dizer, á exhumação dos que elle chamou "classicos esquecidos", entre os quaes frei Manuel da Esperança, o padre Consciencia e outros: mas, afóra este apreciavel trabalho, o sr. dr. Solidonio Leite, na imprensa periodica, e onde quer que tenha ensejo de mostrar quanto présa a lingua portugueza, é um illustre representante da sobredicta phalange, em que ha os melhores nomes da litteratura brasileira: Ruy Barbosa, Afranio Peixoto, Silva Ramos, Affonso Celso, Mario Barreto, Carlos de Laet e muitos outros. Ha, pois, motivos de sobra para a sua congratulação; além de que, o sr. dr. Solidonio Leite, passando por entre Portuguezes, terá ensejo de verificar *de visu*, que os Portuguezes, especialmente os cultores de lettras, não são ingratos perante serviços como os que devemos ao sr. dr. Solidonio Leite.

O sr. Antonio Baião associa-se ás palavras do sr. presidente e ás do sr. Candido de Figueiredo, saudando no sr. dr. Solidonio Leite, principalmente o auctor de um notavel trabalho ácerca da auctoria da *Arte de Furtar*, que s. ex., com argumentos de peso attribue a Antonio de Sousa Macedo, de cuja obra demonstra vasto conhecimento. O sr. Antonio Baião inclina-se tambem a que seja este o auctor do famoso livro, falsamente attribuido ao padre Antonio Vieira, que tanta sensação tem feito na nossa historia litteraria.

O sr. dr. Solidonio Leite agradece os cumprimentos dos srs. presidente, Candido de Figueiredo e Antonio Baião. Diz que ss. eex. o sabem amigo sincero de Portugal e por isso encarecem o merecimento de trabalhos, em que tem procurado mostrar no Brasil as bellezas dos antigos modelos de boa linguagem portugueza, que deve ser cultivada nos dous paizes ermãos com egual carinho.».

O sr. conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*) apresenta ao sr. Solidonio Leite as felicitações do Instituto.

O sr. Solidonio Leite agradece as manifestações do Instituto, prevalecendo-se do momento para, em nome do consocio sr. João Lucio de Azevedo, offerecer ao Archivo do Instituto Historico os seguintes documentos:

1. A Carta escripta de Roma, a 8 de Janeiro de 1701, pelo padre Miguel Angelo Tamburini (por commissão do geral da Companhia de Jesus) ao padre Antonio Coelho, superior no Maranhão, impondo-lhe penas, e admoestando os seus companheiros por haverem abandonado no rio Amazonas cinco missões que foram occupadas de outra ordem; tractando do noviciado em Lisboa para missões na India; mandando recolher a Portugal o reitor do Maranhão, padre Francisco de Andrade; nomeando para substitui-lo o padre João Carlos Orlandini; e mandando que os missionarios não aproveitem o trabalho dos Indios.

2. Carta escripta de Roma, a 21 de Fevereiro de 1711, pelo mesmo padre Miguel Angelo Tamburini, geral da Companhia, ao padre superior da missão do Maranhão (em Lisboa), designando-o para esse cargo, providenciando acêrca dos estudos; nomeando vice-reitores ao padre Manuel Rello

para o Maranhão, e padre Thomaz Couto para o Pará; censurando os padres do Pará por conduzirem para alli grande quantidade de cravo e cacáo; e recommendando que se console e anime aos missionarios desanimados, entre os quaes o padre João Grueben, allemão.

3. A Carta escripta de Roma, a 22 de Outubro de 1712, pelo mesmo padre Tamburini ao padre Ignacio Ferreira, superior do Maranhão, concedendo licença para venda de certos generos, fallando sôbre o escandalo das grandes quantidades de cacáo e cravo conduzidos para o collegio do Pará; e sobre o número de indios que os missionarios podem ter para o seu serviço.

4. A Carta escripta de Roma, a 21 de Julho de 1703, pelo mesmo Tamburini, geral da C.ª, ao pé. José Vidigal, superior do Maranhão, tractando do augmento das missões no Amazonas; do destino das cartas dirigidas ao superior que tinha fallecido; do cacáo e do cravo deixado no collegio do Pará por alguns padres fallecidos; e consentindo sejam esses generos remettidos a Lisboa e se vendam contando que o seu producto se não applique em bens de raiz, para que os seculares não murmurem mais das riquezas da Companhia.

5. Carta escripta de Roma, a 25 de Junho de 1746, por Francisco Retz, geral da Companhia de Jesus, vice-provincial do Pará, referindo-se aos Indios, que ordenou ao procurador em Lisboa levasse á presença do rei; achando precipitada a admissão na C.ª de Bartholomeu Antonio, auctor de um homicidio casual; prohibindo que o procurador da Provincia cobre dos missionarios pelas cousas que lhe vão de Lisboa mais do que o preço do custo e despesas feitas; tractando de controversias entre dous padres pretendentes á cadeira de Philosophia, e mandando o nome de seu successor — o padre Carlos Pereira, o qual sómente se revelará no fim do triennio.

6. Carta escripta de Roma, a 8 de Julho de 1752, pelo padre Ignacio Visconti, geral da Companhia, ao provincial do Maranhão; referindo queixas de alguns padres; separando a accumulação de certos cargos; noticiando continuarem alguns padres (Manuel Ribeiro, Luiz Alvares e João de Sousa) a servir-se de mais de 25 indios, e mandando castiga-los si não

provarem a sua innocencia; prohibindo que elles sejam pro-curadores de seculares, e reprehendendo-os por não explicarem a doutrina Christã aos novos; pela falta de segrêdo sôbre o que se discute no Conselho, e por outros factos.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO diz que o INSTITUTO muito agradece as preciosas offertas e felicita mais uma vez o sr. Solidonio Leite.

O SR. FLEIUSS communica achar-se na casa do socio correspondente sr. Jeronymo de Avelar Figueira de Mello, eleito em 31 de Maio de 1917 e que, tendo cumprido todas as disposições dos Estatutos, vem tomar posse.

O SR. PRESIDENTE designa os srs. secretarios para introduzirem no recincto o sr. Figueira de Mello.

Dá entrada no recincto, presta o compromisso dos Estatutos e toma posse o SR. JERONIMO DE AVELAR FIGUEIRA DE MELLO, que pronuncía o seguinte discursso:

«Sr. presidente.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Illustres consocios.

Ao tomar hoje posse como membro correspondente do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, desta instituição illustre e já quasi secular, é dever meu, que cumpro com verdadeiro desvanecimento, agradecer-vos, meus senhores, a subida honra que com tanta indulgencia e bondade me conferistes, julgando-me digno de ser contado entre os seus membros.

Bem modestos foram sem dúvida os titulos que pude apresentar-vos quando me acceitastes; e, certamente, não foi o mais do que modesto valor dos meus ensaios, mas sim a boa vontade que mostrei o que vos induziu a escolher-me a julgar-me digno de fazer parte deste INSTITUTO, composto do escól dos que entre nós e fóra do nosso paiz se salientam com tanto brilho, como competentes, como eruditos em tudo quanto se refere aos conhecimentos geographicos e historicos relativos á nossa patria.

Fallar-vos-ei, senhores, do que pude encontrar em archivos europeus.

Muito alheia me foi, por certo, a idéa de que, mesmo de

longe, pudessem meus exforços em pesquisa-los ter o resultado notavel e tão valioso que a nossa Historia auferiu das investigações, que em diversos paizes da Europa levaram a feliz termo sabios eruditos e estudiosos como João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Varnhagen, Joaquim Caetano da Silva, Rio-Branco, José Hygino Duarte Pereira, Eduardo Prado, o eminente orador deste INSTITUTO, o dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão o dr Manuel Cicero Peregrino da Silva, João Lucio de Azevedo, Affonso d'Escragnolle Taunay, o dr. Manuel de Oliveira Lima, o dr. Alberto Lamego, Nori [illegible] Soares de Freitas, o dr. Alberto Rangel, o dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, Souto Maior, aos quaes devem as nossas lettras e a nossa Historia serviços da mais alta valia.

Chegando em 1911 a Vienna, a insistencia com que me animava a examinar a correspondencia do barão Wenzel de Mareschal, alli guardada nos archivos do Estado, o meu muito particular e illustre amigo, o dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, a quem me liga a mais grata e sincera affeição de muitos annos, me levou a emprehender pesquisas no consideravel acervo dêsses documentos.

O barão de Mareschal, como sabeis, começando a sua carreira diplomatica como addido á Legação Austriaca em S. Petersburgo, serviu depois juncto ao duque de Wellington, em Paris, até Abril de 1819; continuou no Brasil a sua carreira, primeiramente como secretario da Legação da Austria, em seguida na qualidade de agente diplomatico, recebendo por fim, no nosso paiz, em 1826, a sua promoção a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, cargo que occupou depois em Parma, nos Estados Unidos e por último em Lisboa, até o anno de 1847, data em que se retirou á vida privada. Antes de exercer cargos diplomaticos, seguira a carreira das armas, fazendo como major de hussardos a campanha de 1813, e servindo na qualidade de addido juncto ao quartel-general da Prussia.

Longa foi a permanencia do barão de Mareschal no Brasil, onde se demorou até 1833, tendo chegado ao Rio de Janeiro quando aqui se achava ainda d. João VI.

Teve, portanto, o ensejo de presenciar e apreciar importantes acontecimentos da nossa Historia; os prodromos e a

proclamação da Independencia, o curso agitado do primeiro reinado, a abdicação do nosso primeiro imperador, e, finalmente, as consequencias proximas deste último acto de dom Pedro I.

Dirigi-me ao conselheiro Lampel, director do "Staats-Archivo", no Ministerio dos Negocios Extrangeiros, em Vienna, que me poz logo em condições de consultar o archivo do barão de Mareschal referente ao Brasil, e dessa correspondencia extrahir o que me parecesse aproveitavel.

Examinei com vagar nesses documentos o que se refere aos annos de 1821 e 1822. Reconhecendo embora e muito sinceramente a minha incompetencia em utilizar devidamente para a nossa Historia os dados fornecidos pelo diplomata austriaco, exforcei-me por extrahir dos seus officios o que se me afigurou digno de nota, deixando ao auctor não só a responsabilidade das suas asserções, da explicação que deu dos factos que presenciou ou ouviu referir, como tambem o sabor characteristico do seu phrasear, da sua narrativa e pittoresco estylo.

Dessa minha tentativa tivestes, meus senhores, o resultado nos meus dous ensaios, que a *Revista* deste INSTITUTO publicou nos tomos 77 e 80, valendo-me esses ensaios a minha admissão entre vós, bondade, meus senhores, que tanto me penhora, e alta distincção que devidamente sei avaliar.

Entre os officios da correspondencia do barão de Wenzel de Mareschal acham-se, si bem me recordo, algumas annotações de Varnhagen, assim como diversas cartas do nosso primeiro imperador e de outros vultos eminentes do scenario politico coevo; entre estas figura a que, firmada pelo barão de Daiser, e referente ao 7 de Abril de 1831, foi por mim enviada por cópia ao INSTITUTO e reproduzida no tomo 84 da *Revista*...

Enquanto compulsava esses escriptos, foi-me dado encontrar um trecho interessante que reproduzi e enviei ao dr. Alberto Rangel, correspondendo assim a um pedido que esse nosso distincto patricio me fizera, trecho no qual refere Mareschal que o primeiro imperador, ante as reiteradas instancias do desditoso marido da marqueza de Santos para que ella voltasse a conviver com elle, partira uma feita de São

Christovam para Sancta Cruz, alta madrugada, sob chuva torrencial, accompanhado de pequena comitiva, e, alli chegado, applicara tremenda sova ao infeliz consorte, obrigando-o em seguida a firmar uma declaração em que fazia a d. Pedro I a cessão mais completa da sua esposa.

Cumpre-me aqui accrescentar que não encontrei referencia alguma de Mareschal á repulsa infligida a d. Domitilla, quando tentava penetrar no aposento, em que agonizava a imperatriz d. Leopoldina.

Lamento, não pelo resultado que sei modesto do meu esfôrço, mas pelo interesse que em mim despertou a sua leitura, não ter disposto de mais tempo e lazeres para examinar outros annos desta notavel correspondencia. Oxalá outros, possuidores da competencia que não tenho, possam encontrar em tão preciosa fonte importantes exclarecimentos para a nossa Historia, trilhando a senda traçada pelo visconde de Porto Seguro, o qual foi nella buscar o testimunho e as apreciações de um observador intelligente e capaz, como o barão de Mareschal demonstrou que era nas suas referencias a esse periodo da nossa Historia, tão digno de ser estudado, não só pelo que deixaram escripto auctores brasileiros, mas ainda pelo que a esse respeito relataram as correspondencias dos diplomatas extrangeiros, que presenciaram a evolução dos acontecimentos, dos quaes surgiria a nossa Independencia.

E' a correspondencia do barão de Mareschal volumoso maço de officios; não só se referem á vida politica, como tambem á vida social e militar do Brasil, no periodo em que lhe coube residir no nosso paiz, onde, como representante da Côrte d'Austria, gosara da immediata confiança da imperatriz d. Leopoldina, e, portanto, de posição de destaque entre os seus collegas do corpo diplomatico acreditado no Rio de Janeiro.

Formam esses officios cêrca de metro e tanto de altura; accresce que se torna facil a sua consulta por ser, salvo um ou outro officio, escripto na sua totalidade em francez.

Removido em 1913 da Legação em Vienna para a Legação juncto á Sancta Sé, procurei continuar em Roma o exame de archivos, que pudessem conter algo interessante com referencia ao Brasil.

Seguindo os conselhos que a respeito de pesquisas nos archivos da *Propaganda Fide* me dera o nosso abalisado mestre e eminente historiador, o sr. Capistrano de Abreu, procurei logo ter accesso a esse archivo, que julgava fosse consideravel repositorio de documentos valiosos para a Historia e a Geographia do Brasil, pelas numerosas e importantes relações dos missionarios catholicos, pioneiros da descoberta e da civilização em nosso paiz, como o foram e têm sido sempre em todas as partes do mundo.

Procurei, pois, para obter informações sôbre esse archivo, e conseguir consulta-lo, personagem de alta hierarchia ecclesiastica, que occupava nesse tempo, na *Propaganda Fide*, a mais elevada posição. Grandes foram a minha decepção e a minha surpresa em ouvi-la declarar que a *Propaganda* não continha os documentos que eu procurava, pelo facto do Brasil nunca ter della dependido, salvo nos ultimos tempos com a recente creação da Prefeitura Apostolica do Alto Purús.

Em vista destas desanimadoras informações officiaes, procurei consultar os archivos secretos do Vaticano, certo de que nelles encontraria o que em vão procurara na *Propaganda Fide*, e tambem examinar os archivos dos missionarios Capuchinhos. Quanto a estes ultimos, fui informado na Casa Generalicia de que haviam já sido publicados nos *Annaes da Ordem* todos os documentos referentes ao Brasil.

Concedida gentilmente pelo cardeal Gasparri a licença que para minhas pesquisas nos archivos secretos do Vaticano lhe pedira o meu prestimoso amigo e caro chefe, o actual embaixador juncto á Sancta Sé, dr. Carlos Magalhães de Azeredo, dirigi logo todos os meus exforços no sentido de encontrar escriptos, mappas e outros documentos que correspondessem ao fim que tinha em vista.

Foi-me declarado pelo director dos Archivos Secretos do Vaticano que só desde 1815 se acham estes organizados systematicamente, tendo sido o cardeal Cousalvi quem lhes deu nesse anno a sua feição actual; informou-me mais esse dignitario ecclesiastico de que os documentos anteriores a tal data se acham espalhados pelas diversas Congregações Romanas e pelas Casas Generalicias das varias ordens religiosas.

Os documentos, que pude examinar nos Archivos Secretos

do Vaticano, foram as correspondencias das Nunciaturas do Rio de Janeiro e de Lisboa até o anno de 1833.

Foi inteiramente frustrada, apesar dos meus exforços, a esperança que eu abrigava em relação a esses archivos secretos: encontrei, apenas, um ou outro officio com alguma referencia interessante, como o que relata as difficuldades em que vivia o nuncio no Brasil, monsenhor Marefoschi, difficuldades em que era soccorrido pela Côrte, assim como outro em que se vêm referencias aos ataques epilepticos do principe real d. Pedro.

Achei tambem nessas correspondencias, junctas aos officios, algumas cartas, entre ellas uma, bastante curiosa, de um secretario da Nunciatura no Rio de Janeiro, em que esse diplomata, depois de descrever o admiravel scenario da nossa capital e dar noticias da carestia, já então notavel, da vida no Rio de Janeiro, se refere minuciosamente ás molestias de que padeciam mais geralmente os seus habitantes, demorando-se em narra-las de modo muito originla.

Foi este o insignificante resultado do exame que fiz dos Archivos Secretos do Vaticano, apesar de guiado pela competencia do seu amavel director.

Recorri, então, á Bibliotheca do Vaticano, cujo abalisado director, actual nuncio em Varsovia, monsenhor Ratti, se poz gentilmente á minha disposição, ajudando-me nas pesquisas de documentos referentes ao Brasil.

Encontrei nessa Bibliotheca escriptos relativos ás missões jesuiticas, mas já publicados. Entre outros documentos que examinei, na Bibliotheca do Vaticano, chamou-me a attenção um, muito interessante, relativo á cessão da Colonia do Sacramento aos Judeus de Portugal, documento que mandei por cópia ao INSTITUTO, e cuja reproducção se acha em poder do digno 1° secretario perpetuo. Sei que esse escripto, que vi redigido em italiano, se acha em lingua franceza nos Archivos da *Propaganda Fide*.

Devo, ao referir-me á Bibliotheca do Vaticano, dizer que a secção nella reservada ao Brasil causa lástima pela sua pobreza, ao passo que alli muitos paizes, como a França, Hispanha, Portugal e outros tantos, se acham representados de modo admiravel nas secções respectivas. Encontrei na pau-

pequena secção brasileira uns trinta volumes truncados da *Revista* do nosso INSTITUTO, um ou dous volumes de Rocha Pombo, o *Livro do Centenario,* alguns volumes do barão de Studart e poucas obras mais. A esse estado de quasi miseria remediei do melhor modo. Tanto o director da Bibliotheca do Vaticano, como o vice-director, monsenhor Mercati, manifestaram vivos desejos de que fosse devidamente augmentada a secção do Brasil e pediram-me me interessasse nesse sentido. E' verdadeiramente digno de reparo que na Bibliotheca do Vaticano, tão justamente afamada entre as suas congeneres e tão frequentada por eruditos e pesquisadores que a ella recorrem. vindos de todos os paizes, se mantenha a secção brasileira em condições tão pouco dignas do nosso paiz.

Por occasião de uma visita que fiz ás suas differentes salas foi-me dado ver tres mappas datando de principios do seculo XVI, em que figurava o Brasil. Pensando não fossem conhecidos nas suas partes referentes ao Brasil, mandei reproduzi-los pela photographia, estando em mãos do sr. Max Fleiuss as respectivas negativas de 18 × 84, assim como as reproducções positivas.

O estudo destes mappas feito pelo dr. Rodolfo Garcia com a sua notavel competencia em assumptos geographicos dá os seguintes resultados:

O primeiro, *Carta universal en que se contiene todo lo que del mundo se ha descubierto hasta agora.... Año 1529 em Sevilla,* é da auctoria declarada do chartographo Diego Ribero, que foi um dos chartographos da Casa de Contratación, e auctor de outros dous mappas do Novo Mundo, datados de 1527 e 1529, pertencentes ambos á Bibliotheca Gran-Ducal de Weimar.

«Este do Vaticano é o menos conhecido dos tres: dello ha apenas nos auctores referencias bibliographicas e uma reproducção fac-similar em côres e ouro. de 60 × 140 cm., por W. Griggs em Londres. E' documento interessante para a historia da Chartographia americana.»

O segundo, o *Planispherio de Gerolamo da Verrazzano,* sem data. «O auctor era um chartographo florentino, ermão do navegante Giovanni da Verazzano, descobridor da Terra Francesca. A data da composição desse mappa póde ser es-

tabelecida por uma legenda, que contém para assignalar a Terra Francesca: sabendo-se que esta terra foi descoberta em 1524, a legenda faz datar de cinco annos aquelle facto, o que dá para data da composição do mappa o anno de 1529. Ha tambem nos auctores referencias a essa charta; não se conhece, porém, nenhuma reproducção. E' a primeira charta italiana que consigna a denominação "Tierra America"; o Brasil vem nomeado Verzino».

Do estudo que fez do terceiro mappa o dr. Rodolfo Garcia conclue: "*carta anonyma*, sem data, evidentemente quinhentista. Deve ser de Battista Agnesi, chartographo genovez que exerceu a profissão em Veneza entre 1536 e 1564. A supposição basea-se na comparação desse especimen chartographico com outros da auctoria declarada de Agnesi. E' um documento interessante e muito pouco divulgado".

Removido em 1918 para a Embaixada em Portugal, preparava-me para seguir para Lisboa, quando poucos dias antes de deixar Roma, pude, infelizmente muito tarde, saber da existencia, na *Propaganda*, de documentos relativos ao Brasil. Encontrando-me com o nosso consocio, dr. Lucas Ayarragaray, ministro da Republica Argentina em Roma, o qual examinava, como eu, os archivos romanos, manifestou-se vivamente surprehendido por me haverem officialmente informado de que a *Propaganda* não possuia documentos referentes ao nosso paiz: declarou-me esse diplomata haver alli visto papeis que diziam respeito ás incursões dos mamelucos ás missões jesuiticas, e propoz-me pôr-me em relações com um archivista, competente, conhecedor dos documentos desse archivo. Acceito por mim esse gentil offerecimento, e solicitada pela Legação, a meu pedido, a necessaria licença ao cardeal van Rossum, prefeito da *Propaganda Fide*, pude obter como resultado de duas horas apenas de busca, uma extensa lista, a qual, consultada pelo eminente e competente mestre, sr. Capistrano de Abreu, foi por elle julgada do maximo interesse pela nomenclatura dos documentos e pelo summario delles, que nessa lista vem consignado por extenso. As difficuldades dos Correios, em consequencia da guerra, impediram-me, com muito pesar meu, de obter outras listas. Assegurou-me o archivista da *Propaganda*, sr. Roberto Ca-

reli, existirem nos seus archivos centenares de documentos dos seculos XVI e XVII relativos ao Brasil, versando não só sôbre assumptos ecclesiasticos, como tambem referentes á Historia e á Geographia da nossa patria, documentos esses que, accrescentou, jazem alli esquecidos quando são, em todos os sentidos, dignos de ser reproduzidos e conhecidos pelos dados importantes que encerram.

Eis, meus senhores, o que desejava expor-vos acêrca das buscas que realizei durante a minha permanencia na Europa em serviço diplomatico do Brasil. Bem sei quanto foram modestos os seus resultados. Permitta Deus que outros, ajudados da competencia que não possuo, possam com mais felizes resultados trazer á luz a documentação copiosa e de valor, que a respeito da nossa patria se acha ainda ignorada nos archivos europeus.

E agora, meus senhores, terminada a tarefa que me propuz desempenhar ante vós, deixai-me dizer-vos quanto me sinto commovido ao transpôr pela vez primeira o limiar deste recincto para sentar-me entre os membros do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO.

Após cêrca de um decennio de ausencia, toca-me muito fundo no coração, ao voltar á patria, sentir-me galardoado por vós com tão alto premio, tão desproporcionado aos trabalhos que apresentei. Quizestes animar a boa vontade que mostrei ao faze-los. Ella vos está por mim assegurada. E' unicamente o que vos posso offerecer.» (*Palmas.*)

(Os mappas a que se referiu o SR. FIGUEIRA DE MELLO foram exhibidos por meio de projecções luminosas.)

Tem depois a palavra o SR. RAMIZ GALVÃO, orador do INSTITUTO, que profere este discurso:

«Sr. dr. Figueira de Mello:

Ha alguns annos fomos aqui no INSTITUTO sorprehendidos por uma remessa de valiosos documentos para a nossa Historia; eram copiosissimos extractos da grande correspondencia mandada para Vienna pelo ministro d'Austria, que no Rio de Janeiro representava então o seu paiz, — o barão Wenzel de Mareschal —, de quem acabais de nos dar noticia mais circunstanciada em vosso discurso inaugural.

Aproveitaveis assim intelligente e patrioticamente a opportunidade, que a vossa posição diplomatica vos facultava, fazendo contraste com outros jovens Brasileiros que, quasi exquecidos da Patria e engolphados nos prazeres mundanos, nas festas de Côrte ou nas multiplas diversões, mais ou menos futeis, das capitaes européas e americanas, perdem a melhor occasião de bem servir o nosso caro Brasil, e passam indifferentes por juncto de thesouros, que poderiam opulentar o nosso cabedal historico.

Indubitavelmente lá, e sobretudo no Velho Mundo, existem ainda minas abundantes e preciosas, que, ou não foram descobertas ou mal receberam a visita e o rapido exame de illustres patricios nossos.

Entre esses, que viajaram pela Europa em desempenho de missões diversas, tivestes a generosidade de contar o nome do companheiro, que neste momento tem a honra e o prazer de vos saudar. O meu contingente, sr. dr. Figueira de Mello, foi pauperrimo juncto do vosso; incumbido de tarefas de outra natureza pelo nosso Governo e dispondo de limitadissimo tempo, mal pude apponctar algumas fontes á investigação dos estudiosos.

Isso se não compara de certo com a rica jazida que explorastes com intelligencia, criterio e vagar, e da qual soubestes extrahir um minerio pricioso para a construcção historica daquelle periodo cheio de interesse e de agitação, que precedeu de perto e se seguiu immediatamente á nossa memoravel Independencia.

Removido depois para servir na Legação brasileira em Roma, o vosso patriotismo, illustre collega, continuou solerte, e proseguiram as provas de vossa priciosa estima pelo Instituto Historico.

Batestes á porta da *Propaganda Fide*, aguçado de mais a mais pelos conselhos do nosso provecto e distinctissimo Capistrano de Abreu, que, como todos sabemos, não tem hoje quem o exceda no conhecimento das particularidades historicas dos nossos primeiros seculos de existencia.

Os Archivos Secretos e a Bibliotheca do Vaticano mereceram então a vossa pesquisa: na esplendida Bibliotheca, cujos thesouros tive tambem ha muitos annos occasião de

admirar guiado pelo eminente cardeal Pitra,—alli achastes os tres antigos e preciosos mappas originaes, cuja photographia enriquece agora o nosso Archivo, graças ao vosso zêlo e á bondade com que nos distinguistes. Delles acabais de nos fazer interessante exhibição.

Ora, sr. dr. Figueira de Mello, tanta solicitude não podia nem devia passar despercebida nesta casa, onde uma cohorte valorosa de velhos e novos cultores da Historia patria trabalha com afinco pelo aperfeiçoamento da obra de seus maiores e pelo renome do Brasil.

A justiça mandava conferir-vos o premio de tantos labores: era inscrever vosso nome no quadro social—confiante, como se acha o INSTITUTO, de que esse sancto ardor da juventude estudiosa não arrefecerá jámais, — certos como estamos todos nós de que, no decurso de uma vida pública tão auspiciosamente iniciada, encontrareis sempre opportunidade de auxiliar o exito da nossa grande causa, que é o exfôrço constante para servir efficazmente ao Brasil, para demonstrar ao Brasil o amor de filhos devotados, que nos desvanecemos de ser hoje, e havemos de ser amanhã, como foi no passado a geração do visconde de S. Leopoldo, Januario e Gonçalves Dias, a geração de Taunay, Rio-Branco, Ouro Preto e Paranaguá.

São esses os gloriosos modelos de patriotismo, que o INSTITUTO HISTORICO está certo imitareis, e por isso hoje vos extende os braços em caloroso amplexo fraternal e amigo.» (*Grandes applausos.*)

O SR. FLEIUSS communica ao INSTITUTO a quarta remessa do trabalho de s. a. o principe conde d'Eu, decano do INSTITUTO, sobre a viagem que realizou em 1865 a Uruguaiana, por occasião da invasão dessa cidade pelos Paraguaios.

Lê alguns trechos desse trabalho, que desperta geraes applausos.

Nada mais havendo a tractar levanta-se a sessão ás vinte e duas e meia horas. — *Jonathas Serrano*, servindo de 2° secretario.

TERCEIRA SESSÃO ORDINARIA DO ANNO DE 1920, EM 28 DE JUNHO

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's dezesepte horas abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Jonathas Serrano, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, Afranio Peixoto, Eurico de Góes, Henrique Morize, Jeronymo de Avelar Figueira de Mello, João Ribeiro e João Lyra Tavares.

O SR. JONATHAS SERRANO (*servindo de 2º secretario*) lê a acta da última sessão, realizada a 22 de Maio, a qual é sem discussão approvada por unanimidade.

O SR. FLEIUSS (*secretario perpetuo*) lê das *Ephemerides* do barão do Rio-Branco, as correspondentes ao dia 28 de Junho.

O mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO justifica a ausencia do consocio, sr. Gastão Ruch.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) declara que se vai proceder á votação de tres pareceres da Commissão de Admissão de Socios, lidos na sessão de 24 de Abril e relativos aos srs. Justo Chermont e Clemente L. Fregeiro para socios honorarios, e José Arthur Boiteux para socio correspondente.

(Corridos os escrutinios secretos, são os pareceres approvados por unanimidade e, acto continuo, o SR. CONDE DE AFFONSO CELSO proclama: socios honorarios do INSTITUTO os SRS. JUSTO CHERMONT e CLEMENTE L. FREGEIRO, e socios correspondente o SR. JOSÉ ARTHUR BOITEUX.)

O SR. JONATHAS SERRANO (*servindo de 2º secretario*) lê a seguinte proposta, que é remettida á Commissão de Historia, sendo relator o sr. Clovis Bevilaqua:

—« Propomos para socio effectivo do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO o sr. dr. Eugenio Vilhena de Moraes, auctor de varios trabalhos historicos, especialmente do denominado — QUAL A INFLUENCIA DOS JESUITAS EM NOSSAS LETTRAS ? DECAIRAM DEPOIS DA SAIDA DOS DISCIPULOS DE SANCTO IGNACIO DE LOYOLA ? escripto para o PRIMEIRO CONGRESSO DE

HISTORIA NACIONAL, promovido pelo INSTITUTO HISTORICO e publicado na parte V do tomo especial da *Revista*.

A admissão do dr. Vilhena de Moraes obedeceu estrictamente ao resolvido pelo INSTITUTO em sua sessão de 28 de Septembro de 1914, estabelecendo caberem as primeiras vagas que se derem na classe dos socios effectivos aos que tomaram parte no referido CONGRESSO. Sala das sessões, 28 de Junho de 1920. — *Fleiuss*. — *J. A. Figueira de Mello*. — *Jonathas Serrano*. — *Henrique Morize*.»

O SR. SECRETARIO PERPETUO communica achar-se na casa o socio correspondente, SR. DR. GENTIL DE ASSIS MOURA, eleito em 28 de Junho de 1913, e que, tendo cumprido todas as disposições dos Estatutos, vem tomar posse.

O SR. PRESIDENTE PERPETUO nomeia os srs. secretarios e o sr. dr. João Coelho Gomes Ribeiro para introduzirem no recincto o novo socio.

(Dá entrada no recincto, presta o compromisso dos Estatutos e toma posse o sr. dr. Gentil de Assis Moura.)

O SR. PRESIDENTE PERPETUO dá a palavra ao SR. GENTIL DE ASSIS MOURA, que pronuncia o seguinte discurso:

«E' por motivos contrarios á minha vontade, e justificados por circumstancias ponderaveis que só hoje venho cumprir o dever de patentear-vos a minha gratidão pelo gesto vosso, que me permittiu a vossa convivencia.

Ao franquear-me, senhores, a entrada desta casa, certo que só podieis ter em attenção o topographo da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo, titulo unico que eu apresentava á vossa benevolencia, mas que estava, em summa, tambem ermanado á condição do que se achrysolara no amor da terra pelo estudo da terra, e no amor da Historia della pela convivencia intima com pormenores topographicos, que aqui e alli haviam de despertar no observador estudioso a série gigantesca de gigantescos factos, determinantes ou collaboradores, ao menos, de conquistas nossas pela formação do territorio e pela politica independente.

Sim, que se não recuse ao modesto labutador da Topographia o ter sentido, si é um artista, toda a belleza estonteante das antitheses dos terrenos; o ter-se ameigado, si é poeta, nas doçuras dos valles; e, si elle é apenas um estudioso,

o haver curvado, por vezes, a fronte em religiosa meditação do muito que concorreu um accidente, e mais outro, este rio tranquillo e volumoso, ou aquellas montanhas asperas, para aqui impellir os nossos avós, em brado de avançada, ou demora-los além, por algum tempo, na porfia gloriosa de ampliar um territorio, que o seu trabalho herculeo e constante soube fixar para dominio definitivo da nossa bandeira.

*

O geographo de hoje, senhores (que já deixou a Geographia de ser um simples trabalho de memoria para elevar-se condignamente á nobre sciencia de raciocinio), o geographo de hoje é ermão extremecido do historiador, assessores ambos do estadista.

Inutil estudar a formação das nacionalidades, de suas riquezas, de seu poderio, sem attender ás condições physicas do sólo; absurdo até desinteressar das suas ruinas ou erros do estudo da terra; a vida das metropoles, quanta vez dependeu de maior distáncia de um porto ou de um pouco menos de açoite do Septentrião ?

Para insistir em minha these, não citarei, por desnecessario, o sepultamento de Herculano e Pompeia, onde só o factor physico actuou; mas posso dizer que Tyro não galgaria os pincaros da celebridade commercial, nem seriam os Phenicios os Inglezes da antiguidade, si, pela sua situação precaria nas bordas do Persico, com impossibilidade de porfiar pela vida no interior do paiz, não fossem obrigados ao exodo, mares em fóra, em demanda do littoral mediterraneo ou baltico, a aperfeiçoar a arte nautica para o commercio, e das prosperidades deste atirando-se afoitos á industria que os afamou.

Dai, senhores, á Navarra a hulha e o ferro da Inglaterra e tereis roubado á França o maior e mais querido de seus reis.

E dizei-me, ainda, até onde iria a conquista de Trajano na Hircania, si, á resistencia dos Parthos, não ajudassem os terrenos escarpados ?

Mas, porque, senhores, ir buscar a outras éras a licção, que ainda hoje é abundante e fecunda, do laço estreito e indis-

soluvel entre o feitio da terra e sua historia, é quiçá o seu destino ?

Veja agora por si a geração de hoje: alteia-se além o cume dos Alpes: eis o Jura, e, mais para deante, o excelso São Gothardo, fonte inexhaurivel para quatro ricas bacias. Todo o Sul é montanha, e é a Suissa alli. Dentro della ha sangue francez, que póde ter sido de Bayard ou de Du Guesclin; em porção de dous terços é, porém, polygermanica; no Sul, no poetico paiz de Ticino, ha filhos e netos de Italianos. Pois, senhores, a maior dissensão de raças que destruiu thronos, estremeceu a terra e anniquilou a humanidade nos dias de agora, lá não penetrou, não pôde lá forçar as muralhas feitas por Deus; nem pelas frestas della logrou, ao menos, fazer penetrar os germes do bolschevismo, — que digo eu? nem siquer lançou as suggestões de uma dissidencia entre povo tão heterogeneo.

E a Belgica, a heroica Belgica, ao contrário, protegida das mais fortes muralhas... *dos homens*... ah ! não fallemos na Belgica, que preciso agora sustar lagrimas e abafar soluços, para com vivas de alegria, só com vivas e bravos, bradar o nosso enthusiasmo por esse rei cavalheiro, prestes a singrar nossos mares, a colher em terras da America as merecidas ovações de um povo republicano.

*

Eis, senhores, explicado pela minha condição de topographo o amor que a Topographia me despertou pela Historia, e assim a genese desse desejo forte que senti de aproveitar os ensinamentos, que a operosidade do INSTITUTO accumula ha oitenta annos, e que eu, avido de saber, fui buscar, com anciedade, para que bem pudesse accompanhar as scenas que se desenrolaram no terreno, que lhes serviu de theatro.

E como soffrear a curiosidade que orientava meu espirito para essa indagação historica, si a todo passo ella era aguçada pela tradição local, lembrada por nomes que significam seculos, despertada pela recordação de vidas passadas entre provações e alegrias, transportes de prazer ou brados de dôr ?

Na terra paulista tudo lembra os grandes feitos da formação da nossa nacionalidade: — o trabalho do povoamento, a conquista territorial, a emancipação politica.

S. Vicente e Itanhaém rememoram os povoadores de 1531; Piratininga, Parahiba, Taubaté, os berços das bandeiras; Guarulhos, Barueri, Itaquaquecetuba, M'boi (pronunciar *Embú* Carapicuhiba, o proficiente trabalho de catechese jesuitica e o efficaz auxilio desenvolvido na obra da civilização.

O legendario Tiéte recorda as bandeiras de Matto-Grosso; o Paranapanema, as reducções de Guairá; o Parahiba — o caminho das desejadas minas de ouro — visão que durou quasi dous seculos a tornar-se realidade; o Ipiranga, a synthese do trabalho nativista, a epopeia da nossa emancipação.

Os morros de Jaraguá, Araçoiaba, Buturuna, Jaguamimbaba, os primeiros exforços de mineração.

O topographo não está adstricto, em sua missão, a reproduzir o relêvo do sólo, representar caminhos e povoações, notar a vegetação e a area das culturas, orientando seu trabalho de modo a poder receber adaptações relativas ás condições economicas, politicas e sociaes, que de futuro venham occorrer na zona chartographada. Elle necessita junctar tambem as observações que dizem respeito ao passado da terra e ao passado do homem. E' a Geologia; é a Historia.

Si, para aquella, elle tem o auxilio do geologo, a que o topographo está ermanado, para esta elle tem de apegar-se á Litteratura condizente ao assumpto, estuda-la e verificar si existe a perfeita concordancia entre o facto narrado e a respectiva condição do sólo, a que elle se refere.

Em S. Paulo o relêvo do terreno, a vegetação e a disposição dos rios tiveram accentuada importancia na nossa formação historica.

Foi mais facil ás bandeiras quinhentistas alcançar o baixo Paraná, na região de Guairá, que estava a mais de cem leguas do seu povoado, que attingirem o valle do Parahiba que lhes ficava a pequena distancia. Para o primeiro, havia a vasta extensão de campos, cerrados e pinheiraes, que é a vegetação corrente da planicie percorrida em S. Paulo e

Paraná e que auxiliava a travessia, enquanto que, para chegar ao Parahiba, havia uma região de mattas frondosas a transpôr.

Talvez, por esse motivo, é que não houve, até 1610, outra via de communicação directa entre Piratininga e Mogí das Cruzes, sinão a que era feita pelo rio Tietê, sendo que a estrada, que depois ligou esses povoados, foi mandada abrir por d. Luiz de Souza.

O povoamento de Mogí foi feito pelos Santistas que penetraram o sertão pelo valle do Quilombo. E' facto tambem que as bandeiras de 1600 de Laço e Barreto lograram chegar ao Parahiba pelos rios Tietê e Paratahi.

Outro trabalho, cuja actuação das planicies e dos campos não é possivel negar, é o da descoberta de Goiaz e o do Sertão entre a costa e parte do rio S. Francisco.

O expansionismo das bandeiras paulistas só foi detido pelos obstaculos, que lhe sobrepujaram: muralha dos Andes, largura dos rios Amazonas e Prata e o salto del Guairá, que se antepunha ao proseguimento das *manções* de S. Paulo.

Para a exploração e povoamento do continente americano, não foi sómente a disposição do terreno ou dos rios que auxiliou o europeu; houve uma terceira contribuição, tanto ou mais valiosa que aquellas: a viação indigena, ou os caminhos pre-historicos das agglomerações selvagens.

Essas veredas de communicação entre as povoações indigenas, abertas em topographias differentes, ora accompanhando as gargantas, ora transpondo as montanhas em fortes aclives, margeando ou atravessando os rios e terrenos pantanosos, ora sob uma só orientação nos campos, ora descrevendo sinuosidades nos mattos, esses caminhos assignalaram, pela duração e continuidade de seu uso, sulcos tão profundos no terreno, que ainda hoje, em certos ponctos, onde não houve melhoramentos no seu traçado pelos colonizadores, podem ser reconstituidos com relativa facilidade.

Na epocha em que começou a colonização do Brasil, existia, entre a enseada de Angra dos Reis e a bahia de Paranaguá, uma bem organizada rêde de caminhos que ligavam o centro do paiz ás povoações ou sitios de pescaria do littoral, e de

cujo termino são assignalamentos interessantes os "sambaquís", existentes nesse trecho da costa.

Do tempo que durou o transito nesses caminhos (que póde comportar a pergunta, si de seculos, si de milhares de annos), só póde responder a Esphinge dos "sambaquís", porque sua constituição, forçosamente, correu concomitante áquelle transito.

Para avaliar as dimensões dessas ostreiras, basta citar que toda a cal gasta no littoral, desde o inicio das construcções até hoje, é retirada dessas jazidas, sem que, entretanto, apesar da enorme extracção soffrida, mostrem ellas sensivel desfalque.

Pelo que nos indica a presença desses depositos e comprova a documentação sôbre o assumpto, taes veredas sertanejas ou melhor dicto, — caminhos do mar, — das tribus indigenas, finalizavam no littoral nos ponctos hoje occupados pelas povoações de Paratí, Ubatuba, Caraguatatuba, Bertioga, S. Vicente, Itanhaém, Iguape e Cananéa.

Foi por elles, mas em sentido contrário á sua abertura, que subiram ao sertão os povoadores do planalto.

Assim, e por ordem geographica, fez-se: por Paratí, a penetração do valle do Parahiba (Jacques Felix e seus filhos Domingos e Belchior, em 1628); por S. Vicente, mas, por caminho diverso, o dos campos de Piratininga (João Ramalho e comitiva de M. Affonso) e de Mogí das Cruzes (Santistas, antes de 1611); por Itanhaem, a região de M'boi (sesmaria de João Rodrigues Castelhano, em 1552); por Iguape e Cananéa, o valle do baixo Paraná (Aleixo Garcia e expedicionarios de M. Affonso).

Taes caminhos obedeciam aos seguintes traçados, a partir do mar: de Paratí, vencendo a serra, até ao poncto depois denominado Facão (Cunha), proseguia, descendo, em parte, pelo valle do Parahitinga, até Taubaté, onde vinham tambem convergir os caminhos que tinham inicio em Ubatuba e Caraguatatuba.

Nas proximidades do Facão devia cruzar com um caminho, que vinha de Ubatuba e proseguia até ao Rio de Janeiro, e por onde deve ter passado Hans Staden, quando logrou libertar-se do captiveiro e embarcar para Europa,

De Taubaté proseguia em tres direcções:

A primeira, descendo o Parahiba até o porto de Ipacaré, onde atravessava aquelle rio, transpunha a Mantiqueira pelas gargantas do Embahú e Passa Vinte, e perlustrava pelo valle do S. Francisco.

Por esse caminho devem ter passado 'a expedição de Martim Affonso, que partiu do Rio de Janeiro, e aquella de que fez parte Antonio Knivet.

O segundo caminho atravessava o Parahiba em Tremembé, e transpunha a Mantiqueira pelos valles do Piraquama e Sapucahi; o terceiro subia o Parahiba até Jacarehi, onde devia abrir-se em dous galhos, um vencendo a Mantiqueira, pela garganta do Buquira, e outro que se alongava até Mogí, onde vinham incidir tres caminhos do littoral: o do Caraguatatuba, que transpunha a serra de Paranapiacaba, pelo valle do Cupecê (Juqueriquerê); o da Bertioga, pela do Tapanhaú, e o de S. Vicente, pelos valles do Quilombo e Jundiahi. De Mogí continuava até á actual cidade de Atibaia, e cujo proseguimento adeante veremos.

De S. Vicente partiam dous caminhos, que tinham seu inicio no lagamar de Santos, em ponctos que o rio Cubatão corre sôbre terreno firme, e que os Portuguezes chamavam de Porto de Sancta Cruz ou das Almadias, e os indigenas denominavam Peaçá, o que já indica existencia de caminho.

O primeiro seguia pelas fraldas da serra de Paranapiacaba, atravessava o rio Peassuquera (*Pe*-caminho; *assú*-grande, *quera*-extincto) vadeava o rio Mogí e proseguia pelo valle do Quilombo até Mogí e de que atraz fallámos; o segundo caminho, tambem conhecido como caminho de João Ramalho, transpunha a Serra do Mar pela escarpada garganta do Perequé, atravessava o campo de Gioapé e o rio Gerivatiba, passava por Inhoahiva e, depois de seguir pelo curso do rio, actualmente denominado dos Couros, cruzava o ribeirão Ipiranga e depois, margeando o Piratininga ou Tamanduátehi, proseguia até á aldeia de Tibiriçá ou Piratininga, a actual cidade de S. Paulo

Nesse percurso lançava dous ramaes, o primeiro á direita no Campo do Gioapé, que ia encruzar com a estrada do Quilombo ao alto da serra, e o segundo, á esquerda, logo após a travessia do Gerivatiba e que descia mais ou menos accompa-

nhando o leito desse rio, passava pela aldeia desse nome e continuava até M'boaçaba.

Em Piratininga, bifurcava-se esse caminho em duas direcções, de Norte e de Sudoéste.

Na primeira, transpostos o Tieté e a serra da Cantareira, seguia pelas actuaes povoações de Juquerí e Atibaia, entroncando-se neste último poncto com os caminhos da rêde mogiana; dahi prolongava-se em dous importantes troncos. O primeiro, que proseguia na direcção do Norte, internava-se pelo sertão de Goiaz, onde ia constituir uma das arterias da viação do centro do paiz, no valle do Amazonas. E' a estrada de Sebastião Paes de Barros e Anhanguéra. O segundo continuava de Atibaia pelo valle do rio desse nome, atravessava os valles de Sapucahi e Rio Grande, até ás vertentes de S. Francisco, encontrava-se com os caminhos de Jacarehi e Taubaté, e recebia em seu prolongamento, até o valle do Amazonas, a contribuição de innumeros ramaes, que o ligavam a outros tantos ponctos do littoral ou da estrada de Goiaz. E' a estrada de Mathias Cardoso e Domingos Jorge.

O caminho, que partia de Piratininga, na direcção de Sudoéste, é o que na chronica da colonização vem referido com o nome indigena de Caminho de Zumé e conhecido pelos europeus como caminho de S. Thomé ou do Paraguai, por ser naquelle momento historico a mais frequentada communicação com aquelle rio.

Ao sahir de Piratininga atravessava o Gerivatiba em M'boaçaba ou Peaçaba, conforme a variante das graphias e cujo sentido indica a presença de um caminho. Recebia nesse poncto duas contribuições: a da variante, que vinha da estrada de João Ramalho, a que já nos referimos, e o caminho que vinha de Itanhaem pelo valle do Rio Branco, passando pelo M'boi. De M'boaçaba proseguia pelas proximidades do Tieté até Paranaitú (salto do Itú) donde, abandonando esse rio, atravessava os valles do Paranapanema, em cujo poncto recebia o ramal que vinha de Iguape, continuava subindo os valles do Ribeira e do Assunguí, encruzava com o caminho de Cananéa e proseguia, atravessando, outra vez, os valles de tributarios do Paranapanema e do Paraná até a bacia do Paraguai, onde ia intensificar-se com a rêde da viação andina,

que demandava o Sul do continente e a do valle do Amazonas. No seu maior percurso é a estrada de Antonio Raposo. *Rev. Ins. Hist. S. Paulo*, v. XIII, pag. 165.)

Senhores, vou treminar minha oração, a que a vossa bondade terá de certo relevado o que attinge a fórma para considerar simplesmente o que bem comprehendestes que eu quiz dizer.

Pretendi expandir, em franca communhão convosco, os meus votos pelo desenvolvimento de vossos valiosos estudos quasi seculares, e protestar-vos o proposito de, já não digo collaborar convosco, que seria alta pretenção, mas trabalhar ás vossas ordens e sob a vossa prestigiosa e prestigiada direcção, com o mesmo amor que vos inspira. Acceitastes-me como obreiro do vosso monumento de Historia, e, penhorado, vos agradeço a honra da companhia, sob o compromisso de não rejeitar serviço, e por pago me dou antecipadamente dos meus salarios com a fidalguia com que me recebestes.

Ao formar aqui convosco, relembrarei ainda a these sôbre a qual guiei o meu modesto discurso, a relação intima entre o meio physico e o destino social. As palavras seguintes não são de um compendio de Geographia, mas do Curso de Philosophia de Victor Cousin:

> «Dai-me a charta de um paiz, sua configuração, seu clima, suas aguas, seus ventos e toda a sua geographia physica; informai-me de suas producções naturaes, de sua flora, etc., e eu me comprometto a dizer-vos a *priori*, qual será o homem desse paiz.»

Ah! Mas que se não pense que eu, modesto medidor de terras, obscuro topographo, tenha me obcedado tanto em meu mistér a poncto de dar á terra toda a responsabilidade do futuro de uma Nação, deixando de lado a influencia das raças e a supremacia dos genios que preparam o character nacional, que illuminam, cream, desenvolvem aspirações, como que a cumprirem uma missão divina, que prescrutam as leis da Natureza para combater a propria Natureza, ainda que haja quem

affirme que os genios nascem, de preferencia, nos paizes de vegetação opulenta. (Valetti — *Il genio de Nazareth.*)

Porque desconhecer tambem a influencia das correntes de outros povos, de outras raças, já pela colonização, já pelo commercio internacional ?

Figurando Max Nordau duas regiões Euphoria e Acarpia, diversas em absoluto, quanto ás suas condições de potencial riqueza, quem seria bastante temerario para prognosticar qual dellas attingiria a effectiva e real prosperidade, conforme a raça que primeiro ahi aportasse, levando a seiva do seu genio, de seu temperamento, de seu trabalho tenaz e experimentado ?

Inexpertamente ousado seria eu, si ora me embrenhasse nesse terreno.

Senhores, si commigo estaes de accôrdo em que a Historia não se póde desinteressar do estudo das influencias do territorio, do clima, de suas riquezas latentes sôbre a orientação, futuro e progresso das nacionalidades, — como eu, — palmilhando o sólo da Patria, afastado do convivio da civilização, em plenos sertões, soffrendo a agrura do mais completo desconforto, não pude deixar de receber o influxo historico, não deixei muita vez de observar as pégadas de nossos antepassados, não pude fugir á fascinação das scenas que muitas paragens evocam, das aspirações que ellas geraram, como que pairantes no ar, não achareis por certo que eu seja um elemento extranho neste meio.

Mesmo que não julgueis entrelaçados nossos estudos, nessa dependencia pretendida, vosso gesto generoso me chamando ao vosso sodalicio tem uma significação de estimulo que saberei tomar na devida conta, assim como envolve um rasgo de justiça, — que esse eu acceito sem modestia, — que importa reconhecer em mim o mesmo achrysolado amor que nutris pela Historia.

Si brilho me falta para collaborar convosco, menor não sou do que qualquer de vós na curiosidade, no devotamento, no enthusiasmo, e esses sentimentos vós não podieis, como mestres insignes, deixar que se estiolassem sem o influxo de vosso saber, sem as licções de vossa experiencia, sem o esti-

mulo de vossa fraternidade, a que eu abro os braços e acceito desvanecido.

Tenho dicto» (*Applausos.*)

*

Tem depois a palavra o SR. DR. RAMIZ GALVÃO (*orador perpetuo do* INSTITUTO) que pronucía este discurso:

«**Illustre confrade sr. dr. Gentil de Assis Moura.**

Acabaes de abrir-nos os braços desvanecido, e todos nós temos egual desvanecimento em acceitar e retribuir o amplexo fraternal de um operoso lidador, que tão bem comprehende a importancia dos estudos especiaes a que se devota desde os dias da mocidade — estudos que, assim comprehendidos, se entrelaçam estreitamente com a investigação historica e com o ideal do nosso INSTITUTO.

Chamar-vos para o nosso gremio e saudar-vos com effusão neste dia não é pois uma simples significação de estimulo, como dissestes com requintada modestia, nem de similhante estimulo careceis. O nosso gesto significa realmente o alto apreço, que nos merecem os vossos trabalhos.

Não, não é um simples e modesto medidor de terras, como vos quizestes classificar, aquelle que, "palmilhando o sólo da Patria, soffrendo em pleno sertão a agrura do mais completo desconforto", recebe nesse meio o influxo historico, accompanha as pégadas dos nossos antepassados, sente a fascinação das scenas que se desdobraram nessas paragens e as aspirações que ellas geraram.

Da mesma fórma não é um simples cavador de minas aquelle que, entrando no seio da Terra, accompanha e interpreta a revolução das camadas que o seu alvião desmonta, indaga a origem das fôrças que as sublevaram aqui e que as deprimiram mais além.

Com muito acêrto acabais de dizê-lo: "O topographo não está adstricto a reproduzir o relêvo do sólo, representar caminhos e povoações, notar a vegetação e a area das culturas, orientando seu trabalho de modo a poder receber adaptações relativas ás condições economicas, politicas e sociaes, que de futuro venham occorrer na zona chartographada. Elle necessita junctar tambem as observações, que dizem respeito ao

passado da terra e ao passado do homem. E' a Geologia, é a Historia".

Foi o que fizestes, sr. dr. Gentil de Moura, trabalhando desde 1891 até 1917, isto é, durante um quarto de seculo, naquella notavel Commissão Geographica e Geologica de São Paulo, ao lado do nosso pranteado e insigne companheiro Orville Derby, que tão bons serviços prestou ao Brasil e em particular á terra paulista.

Vossos relatorios e vossas curiosas memorias sôbre exploração de rios, sôbre o assento da villa de Sancto André da Borda do Campo, sôbre as questões de limites entre Paraná e Sancta Catharina e entre S. Paulo e Minas Geraes; o vosso estudo concernente ao povoamento de Taubaté e á vida do seu fundador; a cooperação que tivestes no 2º Congresso Brasileiro de Geographia, como seu secretario geral; a these sôbre as Bandeiras Paulistas, com que lucidamente concorrestes para o brilho do 1º Congresso de Historia Nacional aqui realizado em 1914; — tudo isso demonstra o vosso saber e o amor, que nutris pelas cousas da nossa querida Patria, — tudo isso justifica pois a anciedade, com que o INSTITUTO HISTORICO vos desejava na nossa tenda de trabalho.

Agora, que se vê satisfeito esse desejo, não ha sinão pedir o concurso de vossas luzes e do patriotismo, que vos distingue, para levarmos por deante a realização cada vez mais proficua e brilhante do programma, que ha 80 annos é o nosso labaro sagrado — programma de luz e de amor patrio, que gerações successivas aqui desenvolveram e ampliaram com fé robusta nunca desmentida, animadas por fé inabalavel nos gloriosos destinos da amada Terra de Sancta Cruz.

Com o vosso exfôrço contamos e temos sobejas razões para contar. Geographia e Historia são ermans que se abraçam e se completam.

Não ha muito o INSTITUTO suas portas a um distincto astronomo, que neste mesmo recincto nos deu uma sábia licção geodesica sôbre a superficie do Brasil. Ha bem pouco veio abrilhantar e robustecer as nossas fileiras um indefesso excavador de archivos e bibliothecas, donde nos mandou pepitas de ouro, que tanto valem aquelles documentos diplomati-

cos sôbre um agitado e interessantissimo periodo da nossa Historia.

Hoje é o dia do illustre geographo, que tem a intuição perfeita do valor e da influencia das condições physicas do sólo sôbre o homem que nelle habita e exérce a sua actividade.

Bemvindo seja este novo e dilecto ermão!» (*Muitos applausos.*)

*

Pede, em seguida, a palavra o SR. MAX FLEIUSS que profere este discurso:

«MACEDO NO INSTITUTO HISTORICO

Dever inilludivel impunha á nossa Companhia recordar a data centenaria do nascimento de Joaquim Manuel de Macedo. Si o seu nome pertence immorredouramente ás lettras patrias como fundador do romance nacional, no dizer de Franklin Tavora, aqui, nesta casa, elle lembra — lembrará sempre — o de um de seus mais dedicados e illustres obreiros.

A duas pessoas cumpria celebrar, neste recincto, o dia 24 de Junho de 1820: ao nosso eminente orador perpetuo, seu discipulo e amigo dilecto, e ao humilde socio que occupa o cargo de 1° secretario, pois que Macedo exerceu ambos os postos, dando-lhes realce que jámais poderá ser excedido.

Tomei a mim a tarefa; si no executa-la, faltar o brilho inseparavel ás producções do nosso amado sub-decano, restará ao menos o predicado da sinceridade de quem se empenha em perscrutar a historia do nosso INSTITUTO, rendendo todo o culto á obra de seus maiores:

«Em fallar a verdade serei raso,
Que assim convém faze-lo, quem escreve
Si á Justiça quer dar o que se deve.»

Onze oradores effectivos tem tido o INSTITUTO nos seus oitenta e dous annos de existencia: Pedro de Alcantara Bellegarde, de 1838 a 1840; Diogo Soares da Silva de Bivar, de 1841 a 1843; Manuel de Araujo Porto-Alegre, de 1844 a 1856; Joaquim Manuel de Macedo, de 1857 a 1881; João Franklin da Silveira Tavora, de 1882 a 1886; Alfredo d'Escragnolle

Taunay, de 1887 a 1888; João Luiz Alves, de 1891 a 1894; Alfredo do Nascimento e Silva, de 1895 a 1897, e depois em 1899 e 1900; Joaquim Nabuco, em 1898; Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, de 1900 a 1906; Affonso Celso de 1907 a 1911; Benjamin Franklin Ramiz Galvão, desde o começo do anno de 1912.

Interinamente desempenharam o cargo: Ramiz Galvão Alfredo Taunay, José Tito Nabuco de Araujo, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Franklin Tavora e Alfredo Nascimento.

Vê-se dahi que Macedo exerceu as arduas funcções por espaço de vinte e cinco annos, só deixando de proferir os discursos nas sessões magnas de 1870, substituido por Taunay ; de 1872, quando lhe suppriu a falta Ramiz Galvão; de 1876, por se achar interinamente na presidencia cabendo a Tito Nabuco a substituição; em 1880 por Olegario, e em 1881 por Franklin Tavora.

Quer isto dizer que proferiu vinte discursos solennes, sendo o primeiro na sessão de 15 de Dezembro de 1857 e o ultimo na de 15 de Dezembro de 1879.

Antes disso, como 1° secretario, lera magnificos relatorios nas sessões de 1852, 53, 54, 55 e 56. Como presidente fallou em 15 de Dezembro de 1876.

Não houve até hoje quem aqui mais trabalhasse em taes logares.

Pertenceu a esta casa desde 24 de Agosto de 1845 até o dia da sua morte a 11 de Abril de 1882, quasi trinta e sete annos de brilhantissimos esforços em pról da associação, prestados todos com o mais nobre desinteresse pessoal.

Proposto na sessão de 19 de Junho de 1845, presidida por Januario da Cunha Barbosa e tendo apenas 25 annos, pelos srs. Joaquim Norberto de Sousa Silva e Manuel de Araujo Porto-Alegre, a 21 de Agosto era unanimemente acceito e, pouco depois, começou a trabalhar pelo INSTITUTO, dando-lhe o melhor da sua grande intelligencia e erudição, demonstrando a cada momento o amor pela instituição, que entrava no septimo anno de existencia.

Presidia o INSTITUTO, por essa epocha, o notavel homem de Estado e de sciencia que se chamou José Feliciano Fer-

nandes Pinheiro (visconde de S. Leopoldo) que, como salientou Vieira Fazenda, em patriotica e vibrante memoria asseverou "ser o INSTITUTO HISTORICO e GEOGRAPHICO BRASILEIRO o representante das idéas de illustração que em differentes epochas se manifestaram em nosso continente".

Vejamos, de modo summario, qual era a situação social, quando Macedo foi eleito para o INSTITUTO.

No Governo culminava — moça e ao mesmo tempo austera — a figura sem par em nossa Historia, de d. Pedro II, então com 20 annos, e o ministerio se compunha de José Carlos Pereira de Almeida Torres, Antonio Paulino Limpo de Abreu, Manuel Alves Branco e Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti, este, o estadista que, no Imperio, foi onze vezes ministro. Um conjuncto de homens que souberam insculpir seus nomes entre os dos benemeritos da alta administração pública.

O Senado era presidido pelo marquez de Lages (João Vieira de Carvalho).

A despesa estava fixada em 27.000:000$000 e a receita orçada em 25.000:000$000. A divida activa, no fim do exercicio de 1843-1844 era de 6.862:000$000. Com as "escholas menores de instrucção publica" no Municipio da Côrte despendiam-se 36:000$000 annualmente.

A população do Imperio era calculada de cinco milhões e meio a seis milhões de habitantes.

A linha telegraphica, na Côrte (telegrapho semaphorico), extendia-se desde a Imperial Fazenda de Sancta Cruz até á fortaleza deste nome, comprehendendo dez telegraphos, todos em exercicio, e assim dispostos — Fazenda de Sancta Cruz, Sancta Clara, Viegas, Monte Alegre, Cascadura, Boa Vista, Castello, Babylonia, Villegagnon e Fortaleza de Sancta Cruz. Já existia tambem telegrapho na Bahia, em Pernambuco, Maranhão, Pará e Ceará, e "constava haver tambem no Rio Grande do Norte Sancta Catharina e S. Paulo".

Publicavam-se nesta Capital: a *Revista do Instituto Historico*, *Annaes de Medicina*, *Archivo Medico* (mensal), *Minerva Fluminense* (semanal), *Gazeta dos Tribunaes*, *Ostensor Brasileiro* (com estampas), *Auxiliador da Industria Nacional*, *Ramalhete das Damas* (musical e poetico), *Jardim Romantico*

(litterario), *A Mulher do Simplicio* (poetico), *Jornal do Commercio, Mercantil, Diario do Rio, "Courrier Brésilien", Sentinella da Monarchia, Brasil, Social, Tempo e Brado do Amazonas.*

Foi nessa epocha, de aspectos tão curiosos, que Macedo ainda residente em Itaborahi e já "auctor de várias obras impressas", como reza a proposta, começou a fazer parte do INSTITUTO.

Em 1848 publicava a *Revista* o seu Hymno Biblico — *O Amor da Gloria.*

Na sessão magna de 15 de Dezembro de 1852 lia elle o seu *Relatorio,* como 1° secretario, no qual dizia: "E' assim, que exaltado por tão magnanima protecção, honrado com a presidencia honoraria de Sua Majestade o Imperador, o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO se póde considerar a primeira e a mais nobre sociedade litteraria do Brasil, e o titulo de membro delle é hoje reputado uma alta e honorifica distincção".

E referia-se á *Revista,* ao Museu Historico, encarecia a necessidade de restringir a admissão de socios, — "tornando ainda mais apreciavel o titulo"; fallou na viagem de Gonçalves Dias ás provincias do Norte para realizar estudos ethnographicos, annunciava a publicação da *Chronica do Padre Jaboatão,* dizia sôbre a leitura do trabalho de Joaquim Caetano da Silva quanto aos limites do Brasil com a Guiana Franceza, segundo o Tractado de Utrecht, e exaltava a — "conveniencia das bibliographias para facilitar o estudo de todos os conhecimentos humanos e tornar menos difficeis e espinhosas as consultas e indagações litterarias", sendo que o INSTITUTO comprehendera tão palpitante necessidade, decidindo na sessão de 16 de Fevereiro de 1850 a constituição de uma commissão para organizar "uma bibliographia brasilica, contendo não só os auctores nacionaes, mas ainda os de qualquer parte do mundo, que hajam escripto sôbre cousas do Brasil, quer seus trabalhos se achem impressos ou manuscriptos".

Sôbre este particular devo accrescentar que, ha tempos, tive noticia, pelo sr. dr. Urbano Santos, de que este consocio, quando na vice-presidencia da Republica, recebera do saudoso

Alfredo de Carvalho uma carta, na qual este nosso companheiro solicitava um auxilio, por parte do Ministerio das Relações Exteriores, para copiar, na Europa, os trabalhos publicados por extrangeiros, referentes ao Brasil o que denominava — *Bibliotheca alienigena* — e ao justo e patriotico pedido accompanhava extensa relação.

O sr. dr. Urbano Santos encaminhou a carta de Alfredo de Carvalho ao ministro, e, a instancia minha, o sr. conde de Affonso Celso pediu uma cópia da relação organizada por Alfredo de Carvalho. Infelizmente nenhum resultado foi obtido.

A 15 de Dezembro de 1853 apresentava Macedo o seu segundo *Relatorio*, no qual deu minuciosa noticia dos trabalhos de Netscher, Gonçalves Dias, Machado de Oliveira e outros.

Em 15 de Dezembro de 1854, offereceu o terceiro *Relatorio*, dando conhecimento da viagem de Gonçalves Dias á Europa, onde, por ordem do imperador, devia copiar nos archivos portuguezes documentos que interessassem ao INSTITUTO.

Nas sessões magnas de 1855 e 1856 leu os dous ultimos *Relatorios*, como 1º secretario, sendo que no derradeiro participava a doação, feita pelo imperador, da opulenta bibliotheca, que pertenceu a Carlos von Martius.

Dessa bibliotheca possuimos ainda várias obras de excepcional valor. Digo *ainda* por que, com o deploravel systema de emprestimos, abolido desde que assumi a secretaria do INSTITUTO, muitos volumes não mais voltaram.

Na exposição das obras de Martius que aqui realizámos com tanto exito em 17 de Julho de 1917, centenario da chegada do sabio ao Rio de Janeiro, figuraram mais de 200.

Mas não se supponha que os *Relatorios* de Macedo eram simples noticias dos successos occorridos nos annos sociaes. Longe disso, valem por verdadeiras páginas de Historia e de Bibliographia.

Na sessão solenne de 1857 proferiu elle seu primeiro discurso como orador do INSTITUTO, e depois fallou, no mesmo character, nas sessões de 1858, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 77, 78 e 79.

Nessas orações, primorosas no estylo e na analyse, estudou as figuras dos socios, que em cada um daquelles annos pagaram o tributo da morte. São biographias interessantissimas e formam documentos indispensaveis a quem pretenda occupar-se de qualquer dos varões que as mereceram.

E permittam que lhes decline os nomes, como serviço que presto aos dedicados a taes assumptos: Cassiano Speridião de Mello e Mattos, Francisco de Paula Meneses, brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, coronel João Henrique de Mattos, Lino Antonio Rabello, Theodoro Miguel Vilardebo, Adriano Ernesto de Castilho, Emiliano Faustino Lins, commendador Diogo Duarte Silva, conde de Molé, Rodrigo da Fonseca Magalhães, desembargador Antonio Thomaz de Godoy, coronel João Huet Bacellar Pinto Guedes, dr. Ignacio de Barros Vieira Cajueiro, dr. Gabriel Rodrigues dos Santos, general Francisco de Sousa Soares de Andréa (barão de Caçapava), general Antonio Elisario de Miranda e Brito, fr. Francisco de Mont'Alverne, dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, general Miguel de Frias e Vasconcellos, engenheiro Joaquim Candido Guillobel, Antonio da Costa Rego Monteiro, d. Pedro de Angelis, general Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, conselheiro Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Alexandre de Humboldt, desembargador João Candido de Deus e Silva, conselheiro José Maria Velho da Silva, fr. Joaquim de Sancta Escolastica Mavignier, general Jeronymo Francisco Coelho, dr. João Caetano da Costa e Oliveira, commendador Antonio de Padua Fleury, conselheiro Agostinho Marques Perdigão Malheiro, dr. Antonio da Costa, José da Costa Carvalho (marquez de Monte Alegre), conselheiro Pedro Carvalho de Moraes, major Ladislau dos Santos Titára, fr. Arsenio da Nactividade Moura, bispo d. Antonio Joaquim de Mello, arcebispo d. Romualdo Antonio de Seixas (marquez de Sancta Cruz), dr. José Florindo de Figueiredo Rocha, conselheiro Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, coronel Conrado Jacob de Niemeyer, general Firmino Herculano de Moraes Ancora, o sabio Jomard, conselheiro Sebastião do Rego Barros, conselheiro Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, conselheiro Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva, João Francisco Lisbôa, conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araujo, bispo d. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo

(conde de Irajá), marechal Pedro de Alcantara Bellegarde, José Ferreira Souto, Carlos Reybaud, commandante Lourenço da Silva Araujo e Amazonas, conselheiro Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, dr. Francisco de Paula Candido, Caetano Maria Lopes Gama (visconde de Maranguape), general João Paulo dos Santos Barreto, Manuel Odorico Mendes, Antonio Gonçalves Dias, conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar, coronel Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva, dr. Antonio Rodrigues da Cunha, Gaspar José Lisbôa, dr. Frederico Augusto Pamplona, Bento da Silva Lisbôa (barão de Cairú), conselheiro Candido Baptista de Oliveira, Miguel Calmon du Pin e Almeida (marquez de Abrantes), conselheiro Manuel Mauricio Rebouças, bispo d. José Affonso de Moraes Torres, almirante Miguel de Sousa Mello e Alvim, conselheiro Paulino José Soares de Sousa (visconde do Uruguai), conselheiro Manuel Felizardo de Souza e Mello, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves (barão de Quarahim), professor Henrique Freese, desembargador Luiz Alves Leite de'Oliveira Bello, conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos, general Antonio Manuel de Mello, d. Manuel de Assis Mascarenhas, dr. Nicolau Rodrigues dos Santos França e Leite, conselheiro João José de Carvalho, Angelo Muniz da Silva Ferraz (barão de Uruguaiana), Emilio Adet, conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, conselheiro Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja, dr. Caetano Alberto Soares, Manuel Antonio Vital de Oliveira, general João José Machado de Oliveira, Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara, senador Francisco de Paula Almeida e Albuquerque, dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, conselheiro Paulo Barbosa da Silva, Carlos Frederico Philippe de Martius, a quem denominou — o *conquistador intellectual do Brasil*, Joaquim José Ignacio (visconde de Inhaúma), dr. Claudio Luiz da Costa, Lamartine, general Marcos Antonio Bricio (barão de Jaguarari), dr. Fructuoso Luiz da Motta, dr. Dionysio de Oliveira Silveira, José Martins Pereira de Alencastro, Wenceslau Paunero, Manuel Ferreira Lagos, senador José da Silva Mafra, fr. Custodio Alves Serrão, Joaquim Caetano da Silva, um dos maiores vultos do nosso INSTITUTO.

Consintam que sôbre Joaquim Caetano da Silva transcreva algumas das palavras de Macedo: — "Joaquim Caetano da

Silva, filho legitimo de Antonio José Caetano da Silva, natural da ilha de Sancta Catharina, e de d. Anna Maria Floreshina, natural de Paranaguá, nasceu a 12 de Septembro de 1810, na povoação chamada Guarda do Serrito, da Freguezia do Espirito Sancto do Jaguarão, sendo a 24 de Novembro do mesmo anno baptisado na freguezia de S. Pedro do Rio Grande.

Si houve na segunda infancia e no alvor da juventude do homem tão notavel revelações de seu espirito superior, passaram ellas ignoradas na Provincia de seu nascimento, ou não chegaram até nós; deviam, porém, ter havido, por que era fôrça que a natureza tivesse marcado logo no berço, e posto em relêvo na edade que é flor, antes da edade que é fructo, o genio, as disposições, a concentração do ânimo na conquista de uma idéa, o desprêzo dos prazeres e divertimentos vulgares, e, permitti-me dize-lo, certa originalidade innocente, que fizeram do muito illustrado dr. Silva um typo, que desappareceu com a sua morte.

Aos 16 annos deixou a Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul para ir completar em França os estudos das disciplinas preparatorias, seguindo logo depois o curso de Medicina na Faculdade de Montpellier, e sustentando these, que versou sôbre idéas da Philosophia medica, a 29 de Agosto de 1837, data de seu diploma de doutor pela Universidade de França. Até aqui onze annos de estudos de Humanidades e de Medicina apenas vos indicam na carreira pouco morosa um estudante applicado e talentoso; agora, porém, entrando em alguns detalhes, nobre orgulho vai levantar nossas cabeças, admirando esse grande sabio brasileiro, que foi um planeta que se apagou, tendo sido justamente apreciado na patria sómente em limitado circulo de homens de lettras e de sciencias.

Notai bem; Silva parte para a França aos 16 annos, isto é, em 1826, e a 20 de Agosto de 1828 recebe o diploma de membros da Sociedade de Historia Natural de Montpellier; os estudantes brasileiros e portuguezes tinham fundado nesta cidade, com o fim de se instruirem mutuamente na lingua portugueza, a Sociedade Litteraria Luso Brasileira de Montpellier, e na sessão de 21 de Junho de 1829, Silva, secretario della, apresenta uma lista de 490 palavras, que Moraes não

apontava no seu *Diccionario* e das quaes aliás se servia, quando explicava os significados de outras dicções; tres annos mais tarde, em 1832, lê ainda elle importantissimo trabalhos, que denominou: *Supplemento ao Diccionario de Moraes*, e nesse escripto offerece a riqueza de mais 400 vocabulos, colhidos de outros auctores, e principalmente nas obras de Francisco Manuel do Nascimento, de Diniz e de Garção, e não esquecais, Silva tinha então 22 annos, e era assim que o estudante doudejava na mocidade travessa. Quer ainda mais nosso orgulho de Brasileiros? A 14 de Novembro de 1831, Silva é laureado pela Universidade de França com o diploma de bacharel em lettras; a 11 de Fevereiro de 1836 apresenta elle ao Circulo Medico de Montpellier um trabalho com o titulo de *Fragmento de uma memoria sobre a queda dos corpos*, escripta em francez para uma sociedade de francezes distinctos, que reconhecendo em seu auctor conhecimentos superiores em Physica fizeram publicar o estimado estudo no primeiro boletim social do mez de Abril, e a 31 de Julho do mesmo anno entregaram o diploma de membro titular do Circulo Medico ao nosso compatriota, que no anno seguinte recebeu tambem o de membro correspondente da Sociedade Real de Medicina de Gand. E' pouco ainda? E' licito exigir mais do joven estudante, que cursa as aulas com applauso unanime dos professores e lentes, que acha tempo para ler o *Diccionario de Moraes* e os classicos portuguezes, e que alimenta sociedades litterarias e scientificas com surprehendentes memorias, reveladoras de profundo estudo? Oh! A fonte é rica e perenne: saciemos o nosso orgulho. Silva, o estudante bacharel em lettras dispunha apenas de sufficiente pensão; mas não ha pensão que chegue, quando o pensionista se escraviza a alguma paixão exigente de ouro: nosso comtriota fulgurava tanto e honrava tanto o nome brasileiro, que lhe deveis perdoar uma unica fraqueza, si quizerdes, um vicio dispendioso e caro; elle tinha uma paixão, um amor indomito para satisfazer o qual não lhe bastariam thesouros: um amor que exclusivamente o dominava a exgottar-lhe a modesta pensão; oh! perdoai-lhe, senhores, esse amor invencivel era o amor dos livros. Pois bem! Silva achou recursos em si mesmo para duplicar suas mesadas; quereis saber o que fez? Foi professor particular, ensinou diversas

disciplinas preparatorias em Montpellier, e sabei-o, e ufanai-vos de sabe-lo, Silva, o joven estudante brasileiro, ensinou em França e a francezes a lingua franceza, bem entendido a lingua de Racine e de Molière".

Mas, continuemos a relação dos biographados: Agassis, Guizot, dr. Thomaz Gomes dos Santos, arcebispo d. Manuel Joaquim da Silveira, Antonio de Meneses Vasconcellos de Drummond — o famoso redactor do *Tamoyo*, José Ventura Boscoli, Luiz Antonio de Castro, Luiz Aleixo Boulanger, Antonio Diodoro de Pascual, Francisco Freire Allemão, Candido José de Araujo Vianna (marquez de Sapucahi), monsenhor Francisco Muniz Tavares, João da Silva Machado (barão de Antonina), conselheiro José Mariani, Luiz Hanrique Ferreira de Aguiar, Bernardo de Sousa Franco (visconde de Sousa Franco), desembargador José Franklin Massena, padre Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, Thiers, Alexandre Herculano, Felix Peixoto de Brito e Mello, conselheiro Antonio Manuel de Mello, Francisco Adolfo de Varnhagen (visconde de Porto Seguro), Duarte da Ponte Ribeiro, Carlos Carneiro de Campos (3° visconde de Caravellas), José Antonio Pimenta Bueno (marquez de S. Vicente), José Feliciano de Castilho, conselheiro Joaquim Marcellino de Brito, Hercules Florence, José de Araujo Ribeiro (visconde do Rio Grande), Francisco Manuel Alvares de Araujo, José Tito Nabuco de Araujo, conselheiro Miguel Antonio da Silva, senador Firmino Rodrigues Silva e Manuel Luiz Osorio (marquez do Herval).

Sôbre todos esses vultos, muitos de supremo valor, discorreu Macedo de modo a patentear as qualidades que os exornavam. Não se limitou a simples biographias: analysou, sim, com superioridade de vistas, os feitos de cada um.

Franklin Tavora, que lhe succedeu, disse na sessão solenne de 15 de Dezembro de 1882, fazendo-lhe o necrologio: — "Illustres consocios, desde o conde de Molé até Humboldt, desde Rodrigo da Fonseca Magalhães até Alexandre Herculano, desde Mont'Alverne até Firmino Silva foram biographados com exactidão e critica historica. Algumas das biographias tornaram-se notaveis pela eloquencia e pela magoa. As nossas lettras e a nossa Historia, e várias vezes, as lettras e a Historia extrangeiras, reflectem-se nos seus discursos, que pertencem ao número das melhores páginas da *Revista*"

A sua oração como presidente interino em 1876, pois o visconde de Bom Retiro acompanhara o imperador na viagem á Europa, foi modelar.

Assistia á solennidade a princeza imperial d. Isabel, a heroica e gloriosa Brasileira, a quem o exilio mais tem sublimado. A ceremonia realizou-se no Paço da Cidade, hoje edificio dos Telegraphos, e Macedo soube magistralmente descrever a historia daquella casa: — "Este palacio tem voz, voz que falla precisamente ao Instituto Historico, a voz da Historia de mais de cem annos, que em sua passagem foram deixando lembranças memoraveis que os echos vindos do passado repetem, e furtando á indiscreção desses echos segredos politicos, que a posteridade em suas conquistas de luz arrazará ou não. Neste palacio o conde de Bobadella apadrinhou a installação da Academia dos Selectos, a primeira sociedade litteraria que teve o Rio de Janeiro, e de uma das janellas delle o mesmo Gomes Freire de Andrada assistiu ao embarque dos Jesuitas fulminados pelo banimento, que o marquez de Pombal conseguira de d. José I. Neste palacio, o conde da Cunha deixou licção dolorosa daquella cegueira, que foi a illimitada confiança em subalterno tornado arbitro do Governo; o conde de Azambuja resvalou esteril por ephemero vice-reinado; o marquez de Lavradio, o vice-rei estadista, decretou futuros, mandando plantar o cafezeiro, e creando ou protegendo industrias novas; Luiz de Vasconcellos, o obreiro, ordenou que se abrisse uma rua, onde havia o espigão de uma serra, e que se improvisasse bello jardim onde havia lagôa pestifera, e deu á cidade agua, flores e noites de festa; o conde de Resende dissolveu a Academia Scientifica, fez prender alguns de seus membros, e perseguiu aos outros, a sonhar conjurações, e deixou o Rio de Janeiro e o Brasil como em noite de tempestade; d. Fernando José de Portugal foi a aurora facilmente risonha depois do vice-reinado das trévas, e o conde dos Arcos apenas teve tempo de improvisar hospedagem para receber em 1808 a Familia Real Portugueza, a fugir das aguias de Napoleão em frenesi de irresistivel vencedor. Afóra o conde de Bobadella, septe vice-reis e quarenta e cinco annos de vice-reinado com um bastão por symbolo do Poder; septe despotas e oppressores; mas dous ao menos fazendo perdoar

o despotismo e a oppressão por grandes beneficios publicos, que realizaram. Agora em duas epochas, trinta annos apenas distantes, dous contrastes, duas contradicções politicas sôbre a mesma idéa, primeiro crime de forca, depois benemerencia digna de monumento — 1792-1822.

Em 1792 desceu pela escadaria, e saïu pela porta principal deste palacio, o vice-rei conde de Resende para assistir ostentoso no Campo do Rosario á execução de Joaquim José da Silva Xavier, O Tiradentes, o morto na forca pelo crime de conjuração para a independencia de sua Patria; e a 7 de Septembro de 1872 desceu pela mesma escadaria e saïu pela mesma porta o imperador o sr. d. Pedro II para ir inaugurar na praça de S. Francisco de Paula a estatua de José Bonifacio, o principal ministro da revolução da Independencia do Brasil.

Deste palacio partiu o manifesto, em que o principe regente, depois rei d. João VI, elevou a sua voz do seio do novo Imperio, que viera erguer; daqui levou o conde de Linhares a série de decretos creadores de instituições condignas da nova Capital da Monarchia e da civilização do paiz, que já deixara de ser colonia.

De uma destas janellas que olham para aquella praça, foi repetido ao povo em multidão fervente o faustoso — FICO NO BRASIL — a 9 de Janeiro de 1822, primeiro élo da corrente gloriosa, que teve por último annel o — 7 DE SEPTEMBRO".

Eis pallidamente descripta a trajectoria do insigne Brasileiro no INSTITUTO, a que tanto serviu, como secretario, orador, vice-presidente, presidente interino e em diversas commissões!

A sua nobre memoria reclama de todos nós mais um preito: — que se reunam em tomo especial da *Revista* todos os seus discursos e relatorios. E eu o proponho neste momento.

Numa de suas bellissimas orações proferiu Macedo estas palavras de que me utilizo para remate e que se ajustam á sua personalidade: "Os homens se succedem como as ondas do oceano ou como as folhas do bosque, mas a gloria do benemerito não se apagará".

Honra ao seu nome:

«GRANDE NO TEMPO ANTIGO, E NO MODERNO.» (*Muitas palmas.*)

BIBLIOGRAPHIA DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, ORGANIZADA POR MAX FLEIUSS

Romances:

A Moreninha — Rio, 1844, 255 pags.; 2ª edição em 1845; 3ª em 1849; 4ª em 1860; 5ª em Paris, 1872, etc.

O Moço Louro — Rio, 1845, 2 vols.; 2ª edição em 1854; 3ª em 1862; 4ª em 1876. Garnier, editor, 265, 298 pags., etc.

Os Dous amores — Rio, 1848, 2 vols.; 2ª edição em 1854; 3ª em 1862. Domingos José Gomes Brandão editor, Typ. de C. A. de Mello 2 vols., 280 pags.; 4ª em 1887. Garnier, editor, 2 vols.

O Amor da Gloria — Hymno biblico (*Revista do Instituto Historico*, tomo 11º, 1848, supplementar, pags. 276 a 284.

Rosa — Editora, Bibliotheca Guanabarense, *Revista Guanabara*), 1849. Ayp. do *Archivo Medico Brasileiro*. Outras edições em 1851, 1854 e 1862. Domingos José Gomes Brandão, editor, 2 vols., etc.

Vicentina — Rio, 1854, 3 tomos num volume. Francisco de Paula Brito, editor Typ. Dous de Dezembro; 2ª edição em 1859; 3ª em 1870, etc.

O Forasteiro — Rio, 1855, 3 vols. Por esse tempo foi publicada na *Marmota*, de Francisco de Paula Brito, que foi o editor da obra, sendo pois o primeiro romance escripto por Macedo.

A Carteira de meu tio — Rio, 1855, 2 vols. Typ. Dous de Dezembro, de Francisco de Paula Brito; 2ª edição em 1859, etc.

Memoria do sobrinho do meu tio — 1867-1868, 2 vols. Typ. Universal de Laemmert. Continuação da obra precedente.

Romances da semana — Rio, 1861. Domingos José Gomes Brandão, editor. Typ. Imparcial, de J. M. Nunes Garcia Publicados de 1855 a 1856 no *Jornal do Commercio*.

Houve mais edições.

Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro — Rio, 1862, 1ª série. 2 vols., 363-362 pags. 1º vol. — Typ. Imparcial, de J. M. Nunes Garcia; 2º vol. — Rio, 1863. Typ. de C. A. de Mello. Com estampas, sem continuação.

O Culto do Dever — Rio, 1865, 311 pags. Domingos José Gomes Brandão, editor. Typ. de C. A. de Mello.

Mazellas da Actualidade, por Minimo Severo. N. 1 — "Voragem", 1867. Typ. do Imperial Instituto Artistico. Com uma nota dos editores declinando o nome do dr. Macedo e offerecido a cada assignante da *Semana Illustrada*.

A Luneta Magica — Rio, 1869, 2 vols. Garnier, editor. Typ. de João Ignacio da Silva.

As Victimas-Algozes (Scenas da escravidão) — Rio, 1869. 2 vols. Typ. Americana; o 2º vol. é da Typ. Perseverança.

O Rio do Quarto — Rio 1869, 283 pags.

As Mulheres de Mantilha — Romance historico (Epocha 1825). Rio, 1870, 2 vols., 238-215 pags. Garnier, editor.

A Namoradeira — Rio, 1870, 3 vols., 239-236-225 pags. Garnier, editor. Typ. Franco-Americana.

Nina — Rio, 1869, 2 vols.; 2ª edição em 1871. Garnier, editor, etc.

Um noivo a duas noivas — Rio, 1871, 3 vols., 300-332-258 pags.

A Baroneza de Amor — Rio, 1876, 2 vols., 351-305 pags. Typ. Nacional.

Memorias da rua do Ouvidor — Rio, 1878, 322 pags. Typ. Perseverança. (Folhetim do *Jornal do Commercio*.)

Ephemeride Historica do Brasil — Rio, 1877, 1º vol., 265 pags. Typ. do Globo. Sem continuação.

Os quatro pontos cardeaes. A mysteriosa — Romances. Rio, 1872, Typ. Franco-Americana, 1 vol., 348 pags.

Voragem e Pamphilio — Rio, s|d. Jacintho Ribeiro dos Santos, editor. Bibl. Economica Universal. Declara na capa o editor que a obra é postuma; porém, como se vê *Voragem* foi publicada como premio aos assignantes da *Semana Illustrada*. Esta edição foi feita depois de 1882.

Poesia:

A Nebulosa — Rio, 1857, 299 pags. Esta obra foi lida na presença de s. m. o imperador, a quem o auctor a dedicou valendo-lhe o officialato da Ordem da Rosa.

Cantico — 1862, 13 estrophes recitadas na inauguração do monumento de d. Pedro I. Typ. de Paula Brito.

Theatro:

O Cégo — Drama em cinco actos. Niteroi, 1849, 75 pags. Typ. Fluminense, de Lopes & Comp. Foi publicado na *Revista Guanabara*, tomo 2°, e representado em 7 de Septembro de 1859 no Theatro S. Pedro, por João Caetano.

Cobé — Drama em cinco actos, como o precedente. Foi editado pela *Revista Guanabara* (Bibliotheca Guanabarense) em 1849. Typ. do *Archivo Medico Brasileiro*.

O Phantasma Branco — Opera em tres actos. Rio, 1856, 150 pags. Francisco de Paula Brito, editor. Typ. Dous de Dezembro. Reimp. em 1863.

O Primo da California — Opera em dous actos, imitação do francez. Rio de Janeiro, 1858, 142 pags.

O Sacrificio de Isaac — Drama sacro em um acto e dous quadros. Rio, 1859, publicado no *Jornal do Commercio*.

Luxo e Vaidade — Comedia em cinco actos. Rio, 1860, 150 pags. Typ. de Francisco de Paula Brito. Repres. em 23 de Septembro de 1860.

O Novo Othelo — Comedia em um acto. Rio, 1863, 35 paginas.

Theatro de Macedo — Rio, 1863, 3 vols., 301-380-337 pags. I — "Luxo e Vaidade"; O Primo da California"; Amor e patria" II — "A Torre em concurso"; "O Cégo"; "Cobé" "O Sacrificio de Isaac"; III — "Lusbella"; "O Phantasma Branco" "O Novo Othelo";.

A Torre em Concurso — Comedia burlesca em tres actos. Rio, 1863, 130 pags.

Lusbella — Drama em um prologo e quatro actos. Rio 1863, Garnier, 140 pags. Imprimerie de Simon Raçon, Paris.

Remissão dos Peccados — Comedia em cinco actos. 1870. Cruz Coutinho, editor. 120 pags.

Cincinato quebra-louças — Comedia em cinco actos. Rio, 1873, 177 pags. Garnier, editor. Typ. Georges Chamerot, Paris.

Antonica da Silva — Burleta em quatro actos. Rio de Janeiro. Typ. da Escola, de Serafim José Alves, 1880, 88 pags.

Amor e Patria — Drama original em um acto.

Uma Pupila Rica — Comedia inédita. Original no Instituto dos Bachareis em Lettras.

Foram annunciadas:

Os Dous Mineiros na Côrte — Comedia em um acto.

Romance de uma Velha — Comedia em cinco actos, 49 pags. Cruz Coutinho, editor, Rio de Janeiro, s|d.

Diversas:

These que foi apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 11 de Dezembro de 1844. Considerações sôbre a nostalgia. Rio. Typ. Imparcial, de F. P. Brito, 1844.

Extracto do discurso do orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dr. J. M. de Macedo, na sessão solenne de 15 de Dezembro de 1866, sôbre d. José Affonso de Moraes Torres, bispo resignatario do Pará, fallecido em 25 de Novembro de 1865, em Minas Geraes. Rio. 1867. Typ. de J. de Villeneuve & Comp., 14 pags. Com o retrato do bispo.

Elogio funebre de d. José Affonso de Moraes Torres, bispo resignatario do Pará. Publicado em folheto e no *Diario Official* de 1 de Abril de 1867.

Litteratura Pantagruelica — Rio, 1868, 32 pags. Obra anonyma attribuida a Macedo.

Terceira Exposição Brasileira de 1873 — Relatorio do secretario geral do jury. Rio, 1875, 31 pags.

O Anno Biographico Brasileiro — Rio, 1876, 3 vols. 542, 543 e 627 pags. Typ. do Imperial Instituto Artistico (Obra apresentada á Exposição de Philadelphia.) Ha uma edição desta obra em inglez, feita do mesmo anno e na mesma typographia.

Supplemento ao Anno Biographico Brasileiro — Rio, 1880, 1 vol., 492 pags. Sem continuação.

Mulheres Celebres — Rio, 1878, 152 pags.

Obras didacticas:

Licções de Historia do Brasil, para uso dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II. Rio, 1861, 136 pags. Foi depois melhorada e reeditada em 1863, 390 pags. Domingos José Gomes Brandão, editor. Typ. C. A. de Mello.

Licções de Historia do Brasil, para uso das escolas de in-

strucção primaria. Rio, s|d; 2ª edição em 1865; 3ª em 1875; 4ª em 1877; 5ª em 1880, etc.

Completada por Olavo Bilac. Nova edição, 1907.

Licções de Chorographia do Brasil — Rio, 1873, 2 vols; outra edição — Rio, 1877, 1 vol. 294 pags. Desta obra ha uma traducção ingleza feita por H. Le Sage, 1873, Leipzig, F. A. Brockhaus.

Escreveu na *Revista do Instituto Historico, Guanabara, Minerva Brasiliense, Ostensor Brasileiro, Reforma, A Nação, Jornal do Commercio, Globo, Bibl. Brasileira*, etc."

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que a proposta do sr. Max Fleiuss, para que sejam reunidos num tomo especial da *Revista do Instituto* os Relatores e discursos aqui lidos e proferidos por Joaquim Manuel de Macedo, é de tal natureza que a considera approvada. (*Applausos.*)

O mesmo SR. PRESIDENTE PERPETUO diz o seguinte:

«Desde a Assembléa Geral de 11 de Outubro do anno passado que, sob proposta do sr. Max Fleiuss, costuma o INSTITUTO HISTORICO, no começo de cada uma das suas sessões, ouvir a leitura das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, na parte concernente á data do dia.

Recorda assim a Historia patria, cujo estudo e diffusão constituem um dos ponctos capitaes do seu programma, e rende significativa homenagem aos meritos de historiador do seu glorioso presidente, o dilatador do territorio nacional.

Na sessão de hoje, a ephemeride lida no INSTITUTO registou, entre outros factos importantes, o seguinte:

«1720 — Insurreição nos arredores da Villa Rica (depois Ouro Preto) contra o systema de cobrança de imposto de ouro. Os insurgidos ficaram senhores da villa e o governador, conde de Assumar, que estava ausente, attendeu no dia 2 de Julho a todas as exigencias por elles feitas, mas, desde que dispoz de fôrças, reprimiu severamente a revolta.»

Desta resumida narrativa, vê-se que a revolta da Villa Rica, em 1720, — revolta de que foi figura sobrelevante Philippe dos Santos, — constituiu acontecimento culminante, do qual até hoje ainda não se fez analyse completa e satisfacto-

ria, nem se tributou o devido preito de veneração e reconhecimento áquelle verdadeiro proto-martyr da Independencia brasileira...

Philippe dos Santos foi o precursor de Tiradentes e dos revolucionarios pernambucanos de 1817. Como estes, sacrificou-se por uma nobre idéa, expirando heroicamente em barbaro supplicio.

O movimento de 1720 gerou a suppressão do regime colonial em 1808, a elevação do Brasil a reino em 1815, e a separação definitiva em 1822.

Tractando de Philippe dos Santos, o dr. João de Mello e Sousa, secretario geral da Sociedade de Geographia e um dos secretarios da actual Conferencia de Limites Interestaduaes, publicou, n'*A Noite* de 27 do corrente, excellente artigo, affirmando que a indifferença com que se vê passar o bi-centenario da revolta da Villa Rica é uma ingratidão nacional.

Propõe elle, presidente, e é unanimemente acceito, que esse artigo, em razão da clareza, segurança e patriotismo dos seus conceitos, seja inserido na acta da sessão, como signal de respeito e apreço á memoria de Phelippe dos Santos.

Accrescenta, porém, que não passava tão indifferentemente, como se affigurou ao dr. Mello e Sousa o bi-centenario em questão.

Registou s. ex. mesmo, no mencionado artigo, os exforços do illustre presidente do Instituto Historico de Minas, dr. Rodolfo Jacob, para que se realizasse na antiga Villa Rica, a hoje legendaria e desamparada Ouro Preto, festas commemorativas, condignas do grande feito de ha dous seculos.

Assignala ainda que o presidente do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO applaudira calorosamente esta idéa. Fez este mais do que applaudir: deu os passos ao seu alcance para que o bello projecto do dr. Rodolfo Jacob tivesse plena realização.

Infelizmente mallogrou-se, por falta de recursos materiaes.

Mas o simples projecto, divulgado e commentado pela imprensa de Minas e desta Capital, produziu, embora em grau inferior ao desejado e devido, o effeito de uma commemoração.

Accresce que, na sessão de 28 de Junho de 1919 no Instituto Historico Brasileiro, leu o conspicuo consocio dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires erudita memoria sôbre o levante de 1720, narrando minuciosamente os factos, e delles tirando altos ensinamentos civicos.

Por conseguinte, o bi-centenario não correu despercebido; suggeriu, ao contrario, os melhores sentimentos; recebeu a merecida consagração.

Em seguida, lê a ephemeride do barão do Rio-Branco, referente a 16 de Julho, assim concebida:

«1720 — O conde de Assumar, capitão general de Minas Geraes, entra em Villa Rica (Ouro Preto), á frente de 2.000 homens, e, apesar de haver transigido com os chefes da rebellião (2 de Julho), manda queimar as casas dos principaes revolucionarios e executar Phelippe dos Santos. Preso dias antes na Cachoeira, quando fallava ao povo, "Phelippe dos Santos", disse Assumar, confessou de plano todos os crimes dos levantamentos, e deante de todo o povo foi enforcado e seus quartos postos em todos os logares aonde tumultuou".

No mesmo documento lê-se esta confissão do capitão general "Eu, senhor, bem sei que não tinha jurisdicção para proceder tão summariamente e que não podia fazer sem convocar os ministros da comarca..."

Deste succinto relato resulta a evidencia da coragem e abnegação de Philippe dos Santos, a quem o proprio conde de Assumar denominou — *um Spartano*.

Fiado na palavra do governador que, dias antes capitulara, fallava ao povo (era ardoroso tribuno) quando foi capturado e num processo arbitrario, confessando o governador que lhe faltava competencia para o fazer, condemnado á pena última.

E' tradição em Minas que Philippe dos Santos não foi enforcado, mas amarrado a quatro cavallos bravos que o esquartejaram.

Succedeu a barbaridade a 16 de Julho de 1720.»

Para esta proxima data do corrente anno, bi-centenario do supplicio, convoca desde já o sr. presidente uma sessão destinada a exalçar a memoria da illustre victima, relegada injustamente a subalterno plano em nossos annaes, e á qual

cabem, todavia, as maiores oblações de piedade, reconhecimento e admiração.

A effeito de que a solennidade, modesta em si, porém elevada pelo intuito e pela significação, tenha todo o realce, convidará para orador della o dr. Pedro Lessa, uma das presentes summidades brasileiras, jurisconsulto, philosopho, historiador, ministro do Supremo Tribunal e filho da terra onde Philippe dos Santos e Tiradentes sonharam a liberdade, pagando esse sonho com o seu sangue generoso e fecundo.» (*Palmas.*)

O artigo do sr. dr. Mello e Sousa é o seguinte:

«O levante de Villa Rica, em 1720, occorreu quando a Capitania de Minas se achava sob o governo tyrannico do conde de Assumar, d. Pedro de Almeida. A causa immediata do levante foi o estabelecimento das ominosas "casas de fundição" creadas pela lei régia de 11 de Fevereiro de 1719. No fundo, porém, foi um movimento de character accentuadamente nativista. Era o resultado da lucta em que se debatiam os povos mineiros contra a insaciavel ganancia do fisco real; corollario do estado de espirito reinante na colonia, em opposição á politica oppressora da metropole. A rebellião de Beckman, a guerra dos emboabas e a dos mascates, os motins da Bahia, e até o incidente da ephemera acclamação de Amador Bueno em S. Paulo, são outros tantos episodios que, embora não hajam tido grande importancia politica ou significação nacional, representam, todavia, symptomas de um estado de cousas que tendia a se aggravar, como de facto se deu.

Não é intuito meu referir aqui a situação das comarcas mineiras, as absurdas exigencias da Côrte e dos governadores, a imposição do oneroso imposto do quinto do ouro, e outros vexatorios tributos ou *fintas*, com que se explorava o povo, por occasião de festas ou bôdas reaes, até sob pretexto de *alfinetes para a rainha*. Não pretendo, tão pouco, historiar os factos. E' lamentavel que muitos dos compendios existentes de Historia do Brasil escriptos, em regra geral, com intuitos mais *mercantis* do que civicos ou patrioticos), silenciem completamente sôbre o levante de 1720. Mas isso não me surprehende. Os auctores desses deficientes livrinhos limitam-se a copiar o que outros escreveram, sem grandes canseiras ou pesquisas de fontes historicas, que não trazem immediatas vantagens, no

tocante á pecunia. Southey, em sua excellente obra; Diogo de Vasconcellos, na Historia Antiga de Minas Geraes; Xavier da Veiga, nas *Ephemerides mineiras;* Rocha Pombo e outros consagraram magnificas páginas a esse interessante episodio do nosso periodo colonial. O mais antigo chronista que tractou do assumpto foi o jesuita Manuel da Fonseca.

Parece-me indiscutivel a relevancia do movimento sedicioso de 1720.

Causas identicas já haviam, cinco annos antes, provocado o levante do Morro Vermelho, que repercutiu no Sabará e no Caeté. A indignação dos animos por toda a Capitania era intensa. O proprio conde de Assumar, na célebre carta que enviou á Côrte, escrevia: "Por toda esta Capitania das Minas *distillam os ares da liberdade*". E accrescentava ter descoberto que o intuito dos cabeças era "*formar uma* republica e expulsar do governo a todos os ministros d'el-rei e não admittir outros que se mandassem". Seja verdade ou exagêro do conde governador, para dar maior importancia ao serviço que acaba de prestar (diz Codeceira na obra *A Idéa Republicana no Brasil*) o certo é que esta conjuração foi de muito maior valor que a Inconfidencia Mineira, *que não passou de um sonho de poetas*". Não me seduz esse genero de parallelos historicos ou *polemica retrospectiva,* com que se procura denegrir o vulto de Tiradentes, para elevar o de Bernardo Vieira de Mello, Philippe dos Santos ou Domingos José Martins. O que pretendo, por agora, é provar que o levante de Villa Rica, em que mais de 2.000 homens em armas impuzeram sua vontade ao govêrno despotico do conde; a expulsão de Martinho Vieira, o deferimento de todas as exigencias dos revoltosos e os barbaros processos da reacção, o procedimento traiçoeiro do infame governador, a vingança atroz que consummou quando se viu de novo senhor da situação, o incendio da Villa do Carmo e, finalmente, a morte heroica do valoroso Philippe dos Santos Freire, tudo isso constitue um episodio historico sem dúvida interessantissimo, e que faria vibrar a imaginação das crianças, quando se lhes ensinasse a nossa Historia colonial.

O Brasil, em 1720, não estava ainda preparado para a Independencia. Admittamo-lo. Mas isso não diminue o valor do verdadeiro proto-martyr de nossa Independencia, o denodado Philippe dos Santos, que, tendo confessado com altivez os seus

intuitos, foi, por ordem do conde, *amarrado ás caudas de quatro cavallos bravios e assim arrastado e espedaçado pelas ruas de Villa Rica, a 16 de Julho de 1720.* Os demais conjurados, que já haviam assistido ao incendio de suas casas, tiveram suas terras confiscadas e *foram remettidos para Portugal, onde acabaram seus amargurados dias na prisão.* Alludindo ás ruinas da incendiada villa, escreveu o illustrado dr. Couto de Magalhães: "Essas ruinas negrejam como as ruinas sagradas do passado, até que o Brasileiro vá soletrar nessas pedras derrocadas pelo incendio *uma das páginas mais gloriosas de sua Historia"* E' preciso, portanto paga essa divida nacional A 16 de Julho vindouro passará o bi-centenario da morte de Philippe dos Santos. Si mais não se póde fazer, ante a angustia do tempo, organizem-se, ao menos, sessões em sua memoria, dêm o seu nome a escholas, a logradouros publicos.

O dr. Rodolfo Jacob, presidente do Instituto Historico e Geographico de Minas, cogitava de realizar festas commemorativas em Ouro Preto. A idéa foi calorosamente applaudida pelo illustre brasileiro sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a quem o dr. Jacob consultara a respeito. Sei, entretanto, que por falta de recursos tal commemoração, que devia ser grandiosa, não se realizará. Não se fará, portanto, a projectada peregrinação civica á historica cidade mineira. E' lamentavel sem dúvida.

Mas isso, ainda que bastante significativo, não bastaria. Alguma cousa mais se deveria fazer em homenagem a Philippe dos Santos — a quem o proprio tyranno conde de Assumar, denominou de *espartano* e *primeiro martyr* — para commemorar de modo condigno o bi-centenario de um movimento nativista que, segundo Xavier da Veiga, "symboliza simultaneamente as miserias e oppressões de uma epocha e o lampejo vivificante da Liberdade a orientar os espiritos, illuminando consciencias em tempos rudes de submissão a todas as tyrannias".

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão ás oito e meia horas. — *Jonathas Serrano,* servindo de 2° secretario.

QUARTA SESSÃO ORDINARIA DO ANNO DE 1920, EM 16 JULHO

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's vinte e uma horas abre-se a sessão com a presença dos srs. conde de Affonso Celso, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Homero Baptista, Jonathas Serrano, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Alfredo Valladão, Juliano Moreira, barão de Studart, almirante José Candido Guillobel, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Laudelino Freire, Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, João Lyra Tavares, Solidonio Leite, capitão de fragata Francisco Radler de Aquino, Eurico de Góes, Jeronymo de Avellar Figueira de Mello e Henrique Morize.

O SR. JONATHAS SERRANO (*servindo de 2º secretario*) lê a acta da última sessão, realizada a 28 de Junho passado, a qual é sem discussão approvada unanimemente.

O SR. FLEIUSS (*secretario perpetuo*) lê das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as relativas á data de 16 de Julho.

O mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO diz que o sr. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, representante do INSTITUTO na Conferencia de Limites Interestaduaes, apresentou ao sr. presidente do INSTITUTO o seguinte *Relatorio*:

— «Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1920. — Exmo. sr. conde de Affonso Celso, m. d. presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Reunião de embaixadores acreditados pelos Estados Brasileiros juncto ao Governo da Republica, pelo qual foram convidados para estreitar os laços de solidariedade nacional, dirimindo litigios existentes entre ermãos, resolvendo fraternalmente questões de fronteiras, collocando acima de tudo o interesse geral do Brasil, patria commum a que todos consagram o mesmo acendrado amor, a Conferencia de Limites Interestaduaes foi um acontecimento memoravel e terá no balanço dos serviços, que a nação deverá ao actual Governo, o relevo de uma grande obra de benemerencia. Correspondeu aos nobres e alevantados intuitos dos srs. presi-

dente da Republica e ministro da Justiça, que tiveram tão feliz iniciativa e a viram coroada de esplendido exito.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo seu humilde representante, accompanhou com o mais vivo interesse a marcha das negociações e a realização dos convenios, em virtude dos quaes foram traçadas as novas raias, que, longe de separar, hão de cada vez mais unir os Estados do Brasil.

Durante o periodo em que se reuniu a Conferencia, de 1 de Junho a 14 do corrente, foram assignados septe accôrdos directos, e seis para solução por meio de arbitramento.

Foram os seguintes os accôrdos directos:

Pernambuco a Parahiba — A linha que os dous Estados reconhecem é a seguinte: partindo da foz do Rio Goianna e seguindo por este até o logar, onde elle recebe o rio Pitanga, que serve de limite até ás suas origens, nas proximidades do logar denominado Cruz das Armas (antigo marco entre as duas provincias) e dahi por deante, pela estrada que, vindo de Taquara, se dirige para o Sul, passando em Dous Rios, Feira Velha e entre a cidade pernambucana de Itambé e a villa parahibana de Pedras de Fogo, até o logar Marcação (onde tambem existe um marco divisorio), proseguindo-se na direcção das cordilheiras de Cariris Velhos e Umburanas, pelo dorso das mesmas e segundo o criterio adoptado na divisão das aguas, até encontrar os limites com o Estado do Ceará.

— *Pernambuco e Ceará*: Foram reconhecidos como limites definitivos na chapada da serra do Araripe uma linha divisoria, que parta do limite actual do municipio de Jardim e una os centros das linhas transversaes tiradas das zonas mais estreitas da chapada.

Parahiba e Rio Grande do Norte — O accôrdo assignado a 28 de Agosto de 1919 será executado com os seguintes additamentos: A linha de limites partirá da foz do rio Guajú, entre as freguezias de Villa Flor e Mamanguape. A demarcação obedecerá ás leis que fixaram os limites das antigas provincias e, na ausencia de leis, será orientada pelos accidentes geographicos de maior relêvo. Divergencias suscitadas por motivo da interpretação do alvará de 18 de Março de 1818 e decreto de 25 de Outubro de 1831, ficam resolvidas

pela lei que approvou a creação da villa do Acari e os limites do seu municipio.

— *Minas e Bahia* — Foi ratificado o convenio assignado por occasião do 6° Congresso de Geographia, sendo alterado em alguns ponctos. A linha divisoria é a seguinte:

Das nascentes do rio Carinhanha ate á sua fóz no São Francisco, por este rio até á fóz do rio Verde-Grande, seguindo por este rio até á confluencia do rio Verde-Pequeno, por este, passando pelo Poço do Impossivel, até á barra do rio Espigão, por este até o rio Riachão, por este até a barra do riacho do O', que servirá de limite em toda a sua extensão, prolongando-se a linha até á Pedra de Amolar ou o alto do Jurema; dahi pelo contraforte, que separa as bacias dos rios Gavião e Pardo até ao Valle Fundo; dahi em linha recta até á barra do Mosquito; dahi tambem em linha recta até ao logar Pau de Copa; dahi pelo divisor das bacias dos rios Pardo e Jequitinhonha, até ás nascentes do ribeirão do Salto; por este até á sua fóz e pelo *thalweg* do Jequitinhonha até á Cachoeira do Salto Grande, que será cortada em toda a sua extensão pela linha divisoria; dahi, na direcção geral Norte-Sul, pela chamada serra dos Aimorés até aos limites do Espirito Sancto, pelas primeiras grandes cachoeiras, pela estação dos Aimorés e pela cachoeira de Sancta Clara no rio Mucuri, sendo reconhecida mineira a povoação do Salto Grande, e bahiana a de Sancta Clara.

Protestou contra esse accôrdo, que se refere, em parte, ao territorio disputado por Pernambuco á Bahia, o delegado de Pernambuco, dr. José Gonçalves Maia.

Piauhi e Maranhão — Os dous Estados obrigaram-se a acceitar o resultado das averiguações e levantamentos que fizer o Estado-Maior do Exercito, quanto á nascente e á foz do rio Parnahiba, cujo *thalweg* constituirá definitivamente a linha divisoria.

Minas Geraes e Rio de Janeiro — A linha divisoria partirá da foz do Pirapetinga e seguirá até á cachoeira do Pertudo, dahi pelo espigão que lhe ficar mais proximo até á serra da Pedra Bonita; pela cumiada desta serra até á confluencia dos ribeirões Bom Jardim e Eva, e por este até á sua confluencia no rio Pomba; atravessando ahi esse rio, seguirá pelo di-

visor das aguas entre esse mesmo rio e o corrego do Retiro, em direcção Norte, até ás nascentes do curso d'agua, que flue para o corrego do Desengano e que passa pelo sitio da Tolda, e, descendo por aquelle curso d'agua até á sua foz no corrego do Desengano, ahi atravessará este corrego e seguirá pelo divisor de aguas dos corregos do Desengano e Serra, de um lado, e o corrego Inhamal, do outro lado, até ao pontão de Sancto Antonio; dahi pela serra da Divisa e pelo Serrote até ao ponto em que este é cortado pelo parallelo de 21° de latitude Sul; deste poncto, em linha recta, á confluencia do corrego Viveiros, no Ribeirão Perdido, e por este acima até ao curso d'agua que vem da Fazenda da Boa Vista; por este até de novo encontrar a linha divisoria figurada no mappa organizado em 1905 pelos engenheiros commissionados pelos governos fluminense e mineiro, em execução do accôrdo de 19 de Novembro de 1904; dahi, pela referida linha divisoria, tal como está traçada no dicto mappa, até encontrar os limites do Estado do Espirito Sancto. Ao Estado de Minas Geraes foi reconhecida jurisdicção exclusiva sôbre as cachoeiras de Tombos de Carangola em toda a extensão de suas quédas e sôbre as installações industriaes alli existentes actualmente em virtude de concessões do mesmo Estado. Ficou entendido que a nomenclatura usada no termo de accôrdo é a que se encontra no referido mappa.

Ao representante do Instituto Historico foi dado assistir, no Ministerio da Justiça, á ceremonia da assignatura desse accôrdo.

S. Paulo e Rio de Janeiro — A Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo e a Directoria Geral de Obras e Viação do Estado do Rio de Janeiro farão o levantamento geographico e os reconhecimentos que forem necessarios de toda a fronteira actual, desde a serra da Mantiqueira até o Oceano. A linha que aquellas repartições traçarem, sem que haja dúvida alguma, será desde logo reputada como definitiva. Nos trechos em que houver occorrido dúvida, os dous Estados, de commum accôrdo, completarão a linha confinatoria. Si não for possivel esse accôrdo, proceder-se-á ao arbitramento, sendo arbitro unico o sr. dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, ministro da Justiça.

Para solução por arbitramento foram assignados pelos delegados dos Estados os seguintes convenios:

Minas Geraes e S. Paulo — Arbitro: s. ex. o sr. dr. Epitacio da Silva Pessôa, presidente da Republica.

Goiaz e Pará — Arbitros: srs. ministros Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses e dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, este com voto de desempate.

Goiaz e Matto Grosso — Arbitros: srs conde de Affonso Celso, deputado Prudente de Moraes e ministro Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, este com voto de desempate.

Piauhi e Ceará — Arbitro: sr. dr. Washington Luiz Pereira de Sousa, presidente do Estado de S. Paulo.

Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro — O arbitro será escolhido pelo prefeito do Districto e pelo presidente do Estado.

Pernambuco e Alagoas — Arbitro: sr. deputado Prudente de Moraes.

Estão encaminhadas as negociações entre o delegado do Rio Grande do Sul e os de Sancta Catharina, sendo de esperar que em breve cheguem a accôrdo.

Ficaram em aberto as questões de limites entre Bahia e Pernambuco, Bahia e Sergipe e Bahia e Espirito Sancto. Pernambuco e Sergipe, na impossibilidade de accôrdo directo nas suas questões com a Bahia, acceitavam o arbitramento, mas esta só o admittia com o Espirito Sancto, que com esse alvitre se não conformou.

Tendo o representante do Instituto Historico, o da Liga da Defesa Nacional, commandante Thiers Fleming, exforçado propugnador da solução das questões de limites interestaduaes, e o da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, dr. João Baptista de Mello e Sousa, interposto os seus bons officios juncto ao sr. dr. Braz do Amaral, delegado da Bahia, no sentido de facilitar, na questão entre a Bahia e Pernambuco, um accôrdo directo ou o recurso do arbitramento, não foi favoravel o resultado da missão, de que pelo sr. ministro da Justiça, presidente da conferencia, foram encarregados. A mesma commissão foi incumbida de ouvir o delegado de Sergipe, sr.

coronel Ivo do Prado, que se promptificou a admittir o arbitramento, solução que o delegado da Bahia não pôde acceitar.

Convocada pelo sr. ministro da Justiça, realizou-se a 13 do corrente uma reunião dos representantes das mesmas associações, a qual tive a honra de presidir e a que compareceram os delegados de Pernambuco, Sergipe, Bahia e Espirito Sancto. A reunião teve por fim promover a acceitação, por parte dos delegados desses Estados, de um dos dous meios suggeridos no art. 1° das instrucções expedidas pelo Ministerio da Justiça para a terminação das questões de limites, e no caso de não ser possivel adoptar um delles, pedir aos mesmos delegados que declarassem por escripto os motivos pelos quaes não haviam alcançado resultado satisfactorio as negociações iniciadas. Constam da respectiva acta os motivos determinantes da attitude dos delegados de taes Estados, não lhes tendo sido possivel encontrar o modo de dirimir as divergencias, que os trouxeram á Conferencia. E' de crer, porém, que se não demorarão os governos desses Estados em accompanhar os dos demais e em vir ao encontro do Governo Federal no patriotico empenho de liquidar no mais curto prazo todas as questões de fronteiras.

Ao representante do Instituto Historico couberam a satisfacção e a honra de, a 25 de Junho, assistir no Palacio da Presidencia da Republica á leitura do laudo, com que s. ex., o sr. dr. Epitacio da Silva Pessôa, arbitro escolhido pelos Estados de S. Paulo e Paraná, poz termo á questão de limites entre essas duas unidades da Federação Brasileira, traçando de modo imparcial e felicissimo a linha que ha de delimitar os respectivos territorios. De conformidade com o laudo, a fronteira começa no Oceano, na barra do Ararapira, accompanha a curva do rio, passando no povoado do mesmo nome, até ao meio do isthmo do Varadouro, e dahi busca o divisor das aguas que correm, á direita, para o mar e canal de Ararapira e, á esquerda, para as bahias do Pinheiro e das Laranjeiras; segue por este divisor até ao alto da Serra Negra e por esta até á altura do morro existente entre ella e a serra da Virgem Maria; pelo cimo destes morros ás nascentes do rio Pardo, nesta ultima serra, e pelo rio Pardo até ao Ribeira; sóbe este rio e depois o ribeirão Itapirapuan até ás suas ca-

beceiras; ganha, do outro lado da serra, a nascente do Egua Morta e continúa pelos cursos deste, do Itararé e do Paranapanema até ao rio Paraná.

Na ultima reunião ordinaria da Conferencia foram propostos pelos representantes das tres associações, a que me tenho referido, votos de congratulações e de applausos aos srs. drs. Wenceslau Braz, Affonso Camargo e Philippe Schmidt, aos delegados dos Estados no 6° Congresso de Geographia de Bello Horizonte, ao marechal Thaumaturgo de Azevedo, ao dr. Rodolfo Jacob e á imprensa do Districto Federal. Propuzeram os mesmos representantes que a Conferencia, exprimindo o desejo de que as questões que ficaram em aberto encontrem antes de 7 de Septembro de 1922 a solução que o patriotismo inspirar aos governos dos Estados de Pernambuco, Sergipe, Bahia e Espirito Sancto, dirigisse um appello aos governadores desses Estados no sentido de chegarem a um prompto entendimento. Uma moção de agradecimento ao Instituto Historico e a outras associações pela sua contribuição para o estudo do magno problema, que a Conferencia foi chamada a resolver, foi apresentada pelo deputado Augusto de Lima, delegado de Minas Geraes. E' desnecessario accrescentar que taes propostas foram approvadas sem discrepancia.

Trazendo ao conhecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em breve relatorio, os brilhantes resultados da Conferencia de Limites Interestaduaes, agradeço ao sr. conde de Affonso Celso a honra com que me distinguiu e a occasião que me proporcionou de tomar parte nos trabalhos daquelle egregia assembléa. — *Manuel Cicero Peregrino da Silva.*»

O sr. conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*) diz que o Instituto fica inteirado e muito agradece os novos serviços que na Conferencia de Limites Interestaduaes lhe prestou o seu illustrado 1° vice-presidente.

O sr. Jonathas Serrano (*servindo de 2° secretario*) lê o seguinte parecer da Commissão de Historia:

— «Systematização da vida social, expressão do equilibrio das energias, que se congregam para a formação da sociedade, o Direito é, necessariamente, um phenomeno historico. Estu-

da-lo sem attender ás phases da sua evolução, é mutila-lo e desconhecer-lhe a funcção social.

Assim o entendeu o dr. Oliveira Santos, no seu livro *Direito administrativo e sciencia da administração*, adoptando a licção dos melhores mestres dessa disciplina. Nos primeiros capitulos já se revela a preoccupação de accentuar que o Estado tem vindo a constituir-se e a reconstituir-se sob fórmas diversas; offerecendo characteres distinctos na antiguidade, nos tempos feudaes e em nossos dias. E essa orientação se mantém no curso do livro, de modo que as diversas instituições sempre se nos apresentam como fórmas da organização social, através dos tempos, seja a evolução progressiva, como convém, ou claudique, algumas vezes, regredindo em contradicção com a sua finalidade superior, que é assegurar a cultura humana, tanto a material quanto a moral, e o bem estar do individuo no seio da collectividade.

Nesses capitulos, a Historia entra, como elemento complementar, para a elucidação do assumpto.

Outros ha, porém, que se consagram, especialmente, á historia dos institutos, ainda que em resumo, como convinha á indole do livro. Assim é que a decima terceira licção tem por objecto a — "Synthese historica da sciencia da administração no Brasil, desde os tempos coloniaes até o advento da Republica"; a decima sexta discorre sôbre a origem historica do Estado; e outras podiam ser citadas.

O nosso parecer é, portanto, que, sendo o *Direito administrativos* do sr. dr. Oliveira Santos um bem elaborado livro didactico, merecedor da estima dos juristas, offerece, tambem, elementos de apreço do poncto de vista historico.

Além disso, o livro é composto de licções professadas na Faculdade de Philosophia e Lettras, creação do Instituto Historico, em seu afan de intensificar e dilatar a sua funcção cultural. E' mais um motivo por que olhemos com sympathia para esse trabalho conscienciosamente feito, e para o seu estudioso auctor, cuja intelligente applicação nos será de grande proveito no cultivo da Historia e da Geographia, que, hoje, nada do que é humano julgam extranho ao seu dominio. 24 de Abril de 1920. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Aurelino Leal.* — *Jonathas Serrano.*»

O parecer é approvado e vai, com a proposta, á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. guel de Carvalho.

O sr. secretario perpetuo lê as seguintes propostas:

—«Propomos para socio effectivo do Instituto o sr. Eugenio Teixeira de Castro, official da nossa Armada, auctor do livro de viagens — *Cruzeiro*, — em que descreve a viagem de circumnavegação realizada em 1908 pelo navio-eschola *Benjamin Constant*, e tendo em impressão novo livro que se denominará — *Terra á vista* — sôbre as derrotas dos navegadores portuguezes no seculo XVI.

O sr. Eugenio Teixeira de Castro é um dedicado estudioso da Historia e da Geographia do Brasil.

Sala das Sessões, 16 de Julho de 1920. — *M. Fleiuss.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Laudelino Freire.* — *Juliano Moreira.* — *Jonathas Serrano.* — Dr. *Souto Maior.* — *Barão de Studart.*»

Vai á Commissão de Geographia, sendo relator o sr. Raul Tavares.

—«Propomos para socio effectivo do Instituto o sr. Carlos Miguel Delgado de Carvalho, auctor das seguintes obras: — *Un centre economique au Brésil* (*Minas em 1908*). *Le Brésil méridional* (*E'tude économique des E'tats du Sud*). *Geographia do Brasil*. *Météorologie du Brésil* (*premiado pela Sociedade de Geographia de Paris*). *Conferencia na Escossia sobre — Influencias Geographicas na Historia do Brasil.*

Sala das Sessões, 16 de Julho de 1920. — *M. Fleiuss.* — Dr. *Souto Maior.* — *Barão de Studart.* — *José Candido Guillobel.*»

Vai á Commissão de Geographia, sendo relator o sr. Henrique Morize.

— «Propomos para socio effectivo do Instituto o sr. Othelo de Souza Reis, bacharel em Direito, professor da Faculdade de Philosophia e Lettras e do Collegio D. Pedro II, auctor de varios trabalhos de valor, entre outros dos seguintes: *Manual de Geographia*. *Noções Elementares de Physio-*

graphia. Evoluções das fórmas topographicas e littoraes (*These de concurso*) e *Noções de Historia do Brasil*.

Sala das Sessões, 16 de Julho de 1920. — *M. Fleiuss.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Laudelino Freire.* — *Juliano Moreira.* — *Jonathas Serrano.* — Dr. *Souto Maior.* — *Barão de Studart.*»

Vai á COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA, sendo relator o sr. Gomes Pereira.

O SR. RAMIZ GALVÃO justifica a ausencia do consocio sr. Alfredo Pinto Vieira de Mello.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que na presente sessão vai ser feita uma demonstração á memoria de PHILIPPE DOS SANTOS. Já no anno passado, em sessão realizada a 28 de Junho, data do levante em Villa Rica em 1720, o conspicuo consocio sr. Antonio Olyntho se occupou do assumpto, com a maior minuciosidade e brilhantismo, sendo por todos muito applaudido. Na ceremonia de hoje devia occupar a tribuna o eminente sr. Pedro Lessa, mas por motivo de infermidade não lhe foi possivel attender ao pedido do INSTITUTO. E', porém, s. s. ex substituido pelo sr. Jonathas Serrano, o mais joven dos actuaes socios do INSTITUTO e, sem contestação, um dos mais illustrados, pertencendo ao número daquelles com que se póde firmemente contar para o cumprimento das nobres tarefas, que o INSTITUTO vem desempenhando, sem desfallecimentos, ha oitenta e dous annos. O sr. Jonathas Serrano fará surgir, em toda a sua pobreza, a figura heroica do grande revolucionario, que precedeu a TIRADENTES no martyrio pela Independencia da Patria. E, singular coincidencia, vai tractar hoje de PHILIPPE DOS SANTOS um parente de outro benemerito martyr — DOMINGOS JOSE' MARTINS — a alma da revolução de 1817. Vai dar, pois, a palavra ao distincto consocio.

Tem a palavra o sr. Jonathas Serrano que profere o seguinte discurso:

«O PRECURSOR DE TIRADENTES

Aquelle, que foi proclamado o mais sabio dos homens pelo oraculo de Delphos, do proprio frontão do templo de Del-

phos tirara o preceito que se lhe tornou a phrase predilecta e famosa: "Conhece-te a ti mesmo". Antes de fundar a sua Moral, procurou-lhe Socrates um solido alicerce psychologico, porque sómente sôbre esta base — o conhecimento claro do proprio eu — se póde firmar uma auto-educação intelligente. Ora, observa com razão Fidelino de Figueiredo, o que para os individuos é esse conhecimento de si mesmo, a um tempo coercitivo e libertador, é para os povos a funcção social e moral dos estudos historicos. A primeira condição para amar entranhadamente a Patria, temo-lo nós repetido infinitas vezes, é conhece-la no seu presente e ainda, e de modo muito especial, no seu lento evolver nos dias do passado. E bem se póde avaliar o nosso profundo amor ao sólo em que nascemos pela emoção ineffavel que experimentamos ao folhear as páginas de nossa Historia, — projecção luminosa da Patria através dos seculos.

Dentre os multiplos successos de nossa primeira phase, quando ainda eramos colonia, não sei de muitos outros que mais dignos sejam de nosso carinhoso estudo que essa rebellião de Villa Rica, de que hoje aqui solennizamos o bicentenario. As causas, os protagonistas, o desenrolar das scenas, o epilogo da tragedia, é tudo cheio de intensa vida e de geito a fazer vibrar as mais intimas fibras do nosso orgulho nacional.

Na complexidade das causas, em que fôra injustiça desconhecer o factor influente da ambição excitada pelo ouro, havemos mistér considerar o rigor crescente do Fisco, as prepotencias dos funccionarios da Corôa, os monopolios, os estancos, as medidas odiosas, a carestia geral que então angustiou as opulentas regiões mineiras. Em todos e em cada um dominava, exclusiva e estimulante, a idéa do metal diabolico e seductor. Extrahi-lo do seio da terra ou com elle especular nos arraiaes; taes são os dous objectivos da vida para aquella gente obsessa da mesma cupidez. Povôa-se o que fôra deserto; multiplicam-se as expedições; desdenha-se a lavoura; surgem arraiaes como por encanto, e em breve, lado a lado, ostenta-se um luxo desenfreado e gemem indiziveis miserias. Os preços attingem proporções para aquella epocha em verdade phantasticas. Todo o necessario, o in-

dispensavel ao consumo diario tinha que vir de fóra: a carne, o peixe salgado, o milho, o feijão, a farinha. Enormes as distancias, pessimas estradas, pesados os impostos e as multas, não é de admirar que chegassem as cousas ao poncto de por um boi se pagarem cem oitavas de ouro, e quarenta por um alqueire de mandioca. São dados de Antonio referentes a 1703, e colhidos directamente em varios arraiaes por pessoa que lá estivera.»

Ao lado da opulencia de alguns, dissemos, o desengano, a ruina, a miseria negra de muitos, e até, no principio, segundo testimunhos fidedignos, varios casos de perecimento a fome, "achando-se não poucos mortos com uma espiga de milho na mão sem terem outro sustento". Mesmo depois que a exploração das minas compensou os primeiros sacrificios, ainda assim para uma parte da população — e a mais extensa, observa Rocha Pombo, — a situação de certo que não melhorou. «Como o ouro, por mais abundante que fosse, ficava só nas mãos dos senhores, dos que faziam trabalhar nas lavras, é evidente que a população desvalida, que se excluia da partilha na fartura deslumbrante, ficava nas mesmas antigas condições.»

Realizava-se em parte o que premunciara o grande Jesuita acêrca do descobrimento das minas, prophecia dolorosa recordada por um dos nossos historiadores:

«No mesmo dia havieis de começar a ser feitores e não senhores de toda a vossa fazenda. Não havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canôa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi, sinão para o manter e servir com elle. A roça haviam-vo-la de tomar de aposentadoria para os officiaes de minas; o cannavial havia de ficar em matto, porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas, e vós mesmos não havieis de ser vossos, porque vos haviam de apenar para o que tivesseis ou não tivesseis prestimo, e só os vossos engenhos haviam de ter muito que moer, porque vós e vossos filhos havieis de ser os moïdos.»

Aos 9 de Novembro de 1709 uma carta régia creava a nova Capitania de S. Paulo e Minas e nomeava para seu primeiro governador a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o mesmo que deveria mais tarde trazer ao Rio, inva-

dido pelos Francezes, um auxilio já inutil, devido a não ter sabido Castro Moraes defender a cidade contra o ataque do Duguay-Trouin.

Nesse mesmo anno de 1711 tinham sido elevadas a villas as povoações de Ribeirão do Carmo, Villa Rica e Nossa Senhora da Conceição de Sabará.

O successor de Albuquerque, d. Braz Balthazar da Silveira, convocara em Dezembro de 1713, anno de sua posse, uma juncta em que se resolvera que, de Março em deante, em vez do quinto, se pagariam 30 arrobas de ouro annuaes, dividindo-se esta quantia pelas diversas comarcas.

D. Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcellos, conde de Assumar, nomeado para succeder a d. Braz Balthazar da Silveira, tomou posse em S. Paulo em Septembro e fez sua entrada solenne em Villa Rica a 1 de Dezembro do mesmo anno de 1717. Era, diz o nosso illustre consocio dr. Antonio conde de Assumar, nomeado para succeder a d. Braz Baltha-Olyntho, era o conde de Assumar um bom soldado sem ter, entretanto, tido tempo para illustrar seu espirito nem para adquirir a educação social administrativa, que tanto convinha a fidalgo de tão alta linhagem. Militara com distincção na guerra denominada de Successão de Hispanha, mas não possuia as qualidades indispensaveis a quem tinha de enfrentar um meio heterogeneo, povoado de homens intrepidos, affeitos a uma vida rude e pouco dispostos a se curvar sem protesto ás exigencias da Corôa.

Ora, d. Pedro de Almeida suppunha que poderia levar tudo de vencida com os seus processos rigidos, vasados na disciplina militar. Em breve elle proprio descobria o seu êrro. Em officio de Janeiro de 1719, confessa ao rei: "Vejo que nada se logra com o meu genio, que é muito differente do destas gentes..." e logo adeante: "a experiencia me vai mostrando que cada dia posso menos..."; e enfim esta phrase preciosa, já na conclusão do mesmo officio: "não sei si com o meu muito zêlo botarei mais depressa a perder os negocios..." Termina pedindo a sua magestade, em remuneração de algum serviço, que lhe conceda a licença de retirar-se.

Tal era o homem que encarnava a auctoridade suprema. Cercavam-no a fôrça, o terror e, logicamente, o odio surdo da

população opprimida. *Cocdere aut*, era a legenda que ostentava o estandarte dos seus vistosos dragões, no qual symbolizava seu poder com um braço entre nuvens, tendo na mão um raio a fulminar os montes.

Em juncta, convocada em Villa Rica, tinham sido reduzidas a 25 as 30 arrobas de ouro pagas em vez do quinto; mas afinal a Metropole resolveu acabar com hesitações, e a carta régia de 11 de Fevereiro de 1719 ordenou que se estabelecesse uma ou mais casas de fundição, á custa da Fazenda Real, e desde então cessaria toda e qualquer outra fórma de cobrança dos quintos.

Devia ser todo o ouro extrahido das minas reduzido a barras, ficando portanto prohibido o transporte, commercio e exportação desse metal em pó. Convocou o conde de Assumar uma juncta na villa do Carmo, e resolveu-se que haveria quatro casas de fundição, em Villa Rica, Sabará, no Serro e em S. João d'El-Rei.

O descontentamento provocado pelas novas medidas foi geral. Logo em Janeiro de 1720 a villa de Pitanguí se insurgiu sob a direcção de um Paulista poderoso, Domingos Rodrigues do Prado. Os dragões do conde conseguiram abafar a sedição, depois de sangrento combate.

Em Junho, porém, do mesmo anno, outro levantamento, e este muito mais sério, rebentou em Villa Rica.

Era noite de S. Pedro, e, como diz Diogo de Vasconcellos, "noite de fogueiras e de folgares, em que se punham pelas ruas danças e mascarados, cujo officio naquelle tempo era divertir em festas ou arranjar motins".

A's 11 horas já haviam descido do morro do Paschoal duas turmas de seis mascarados cada uma, accompanhados de 40 negros armados. Em poucos minutos estavam no centro da villa, engrossando-se o grupo com os moradores que, por gôsto ou por medo, os seguiram. Atacada a casa do ouvidor, destruiram quanto alli encontraram. Foram dalli ao predio, em que ás vezes ficava o conde, quando vinha a Villa Rica; mas tambem alli não encontraram o ouvidor. Em cousa alguma tocaram, e ao amanhecer de 29 acamparam no largo da Camara, cujas entradas e saïdas todas foram occupadas.

Resolveu-se então mandar ao conde, que estava ainda na Villa do Carmo, uma proposta. Redigiu-a o lettrado José Peixoto da Silva, homem intelligente e sagaz" diz o auctor da *Historia Antiga das Minas*. Propunham que se annullassem os registos nos quaes se cobravam impostos, que só os mineiros deviam pagar e não os commerciantes; que se moderassem as custas judiciaes e se abolissem os contractos de gado, fumo, aguardente e sal. O proprio José Peixoto devia levar a mensagem, com theatral apparato; a galope pelas ruas, com o papel na mão erguida para o ar e gritando que as *Geraes estavam levantadas*.

Assumar já o esperava, porque fôra avisado de todo o occorrido. Prometteu que tudo se resolveria em juncta, que ia convocar. Escreveu á Camara e aos principaes da villa, assegurando que attenderia a quanto fosse justo, contanto que tudo volvesse á ordem. O povo, porém, não estava disposto a ceder, fiado em promessas.

"Campeava então já no movimento", diz Diogo de Vasconcellos, "o celebre PHILIPPE DOS SANTOS FREIRE, chefe e tribuno da plebe, unico sedicioso verdadeiramente popular". Não se deixando illudir pelo perdão, que da villa do Carmo lhes mandava o conde, os sublevados na madrugada de 2 de Julho percorrem as lojas, compram armas e munições e em numero de quasi 2.000 homens marcham de Villa Rica ao encontro do governador. Em seu recente volume, Alberto Rangel descreve, no capitulo intitulado "A insomnia do Assumar", a multidão, na qual sobresaíam os negros do mestre de campo Paschoal da Silva Guimarães, brandindo páos, terçados e mosquetes, aos quaes devia parecer melhor "gritar e pernear no tumulto, que carregar os carumbés sob o azorrague do feitor nos talhos seculares das lavras". "Talvez não avaliassem os insurrectos a gravidade do seu comportamento, incendidos pela voz convincente de PHILIPPE DOS SANTOS FREIRE, a cujos accentos varonis pareciam estalar os cadinhos e as matrizes dos cunhos reaes das fundições."

Ia na vanguarda do exercito revoltoso a propria Camara de Villa Rica. O estratagema, graças ao qual conseguiu PHILIPPE DOS SANTOS que se resolvessem os respeitaveis edis a

accompanhar a população sublevada até á Villa do Carmo, foi deveras interessante em sua eloquente licção psychologica. O ardoroso tribuno popular convenceu-os, não com argumentos vindos da razão, que podem ser sophismados, mas com fortissimas exigencias oriundas do estomago, as quaes são irresistiveis.

Tinham a principio supposto os senadores que a rebellião lhes seria magnifico ensejo para a demonstração de sua lealdade á causa do rei. Os conjurados só se reuniam á noite, e de dia as cousas se passavam com relativa calma na villa insurgente. Pouco importava portanto, que PHILIPPE DOS SANTOS arengasse ás turbas; não tardariam muito os dragões do conde de Assumar, tudo volveria ao estado anterior, e os testimunhos de fidelidade inquebrantavel, que a Camara em tal conjunctura houvera por bem render a sua magestade, sem correr o minimo perigo, lhe seriam sem dúvida proveitosos, em chegando a occasião azada. Por aqui se vê, observa Couto de Magalhães, em artigo publicado na *Revista* do nosso INSTITUTO, por aqui se vê que esse systema de render preito e protestar fidelidade quando o poder do dia soffre alguma cousa, para ser depois allegado como immortal serviço e como tal merecedor de grandes recompensas, é muito mais velho, visto que em 1720 já era practicado por homens tão chãos e simples como os vereadores, do Senado e da Camara de Ouro Preto.

Mas PHILIPPE DOS SANTOS era mesmo o que o conde de Assumar dizia: "O mais diabolico homem que se podia imaginar". Tal, pelo menos, deveriam pensar os pacificos vereadores, ao cabo de algumas horas de reclusão. PHILIPPE DOS SANTOS convencera o povo com seu verbo inflammado, e a luz meridiana, já não apenas durante as trevas da noite como a principio, a Camara foi declarada presa em seus proprios paços. Até uma hora da tarde a resistencia passiva dos heroicos burguezes não desfalleceu. A's 4 horas os senadores murmuravam. E' que em Villa Rica, em 1720, como em todos os tempos e logares, tambem havia este velho habito de comer e beber, de que o *homo sapiens*, com todo o seu orgulho e toda a sua sciencia, ainda não logrou emancipar-se... O papel de martyres estava-lhes saïndo por demais doloroso. Já

tinham resistido bastante, pois o costume de então era almoçar ás 7, jantar ao meio dia, merendar ás 5 da tarde e ás 8 ou 9 da noite ceiar. A's 6 da tarde a fome era, devia ser, bulimica. Digamo-lo, assim, em termos eruditos, porque, em se tractando de tão respeitaveis personagens, fôra indelicado qualificar-lhes o justo appetite de *fome canina*. Parlamentaram. Mas PHILIPPE DOS SANTOS não admittia tergiversações: "ou iam até ao capitão-general levar a petição dos povos ou alli ficavam até se resolverem". Era horrivel o dilemma, tanto mais que os artigos da petição se lhes afiguravam tão exaggerados, que o conde não os poderia deferir. Era, aliás, o que os revoltosos queriam, para que o podessem depôr. Ainda uma noite se passou, de anciedade, insomne e faminta. No dia seguinte o jejum produzia os seus effeitos salutares. A psychologia experimental do mais diabolico dos homens operava o milagre: á frente dos amotinados, caminho da Villa do Carmo, seguiam cabisbaixos os enfraquecidos vereadores do Senado da Camara de Villa Rica.

Logo que soube da marcha dos sublevados, mandou o conde de Assumar que os seus dragões ficassem a postos, aquartelados no proprio Palacio do Governo, "onde já de prevenção havia feito recolher uma grande quantidade de munições de fogo e de bocca para muitos dias. Além disso encheu de gente armada as casas vizinhas. Estava então preparado com uma fôrça de negros e capangas, que lhe forneceram os amigos de dentro e de fóra da villa, como delles reclamara. Agitou-se mesmo um certo brio entre alguns moradores do Carmo em não consentirem que se fizesse aggressão ao governador nos limites de sua povoação".

A tentativa, porém, de impedir que os rebeldes atravessassem a ponte na Passagem falhou por completo. O capitão para alli despachado, afim de dar ordem aos respectivos moradores que não deixassem caminho livre aos sediciosos, teve de fugir para não ser morto. Nem se lhe consentiu que affixasse o edital.

Antes de chegar ao Carmo, já bem perto aliás da villa, foi ao encontro de PHILIPPE DOS SANTOS o sargento-mór Gomes da Silva. Soubera este, por um amigo, que os revoltosos tinham jurado invadir o palacio do governador e mata-lo,

caso elle não deferisse a petição. Energicamente reclamou contra isso o sargento-mór, allegando ser uma perfidia.

Respondeu-lhe PHELIPPE DOS SANTOS "que ia dar ordens em contrário; mas, si o conde não subscrevesse as condições da proposta que levavam, intima-lo-ia elle PHILIPPE a despejar o govêrno e as Minas, ou faria executar o pacto de morte concertado na ante-vespera em Sancta Quiteria, pelo qual estavam em armas".

Entraram afinal na Villa do Carmo. O conde, que já lhes tinha mandado ao encontro a Camara incorporada, com seu estandarte, e mais um tenente para os intimar a deter-se, acabara deixando-os penetrar e acampar na praça fronteira ao Palacio. Então num impulso proprio do seu temperamento, assomou o conde a uma janella e dirigiu a palavra á turba amotinada.

A apparente serenidade do governador impressionou a massa ignorante, que, com pasmo e indignação dos cabeças, prorompeu em acclamações.

«Era aliás um movimento esse muito natural naquella gente. A maior parte daquelles homens andavam por alli sem outro pensamento mais que o do perdão, que era o pretexto, de que se valiam os proprios cabecilhas dos motins para induzi-los a ir á Villa do Carmo. Estavam todos convencidos de que não inspirava fé aquella amnistia enquanto não a ouvissem promulgada, solennemente, pela voz do proprio representante de el-rei; e quando a ouviram, a sua alegria foi sincera, pois reconheceram que não tinham feito em vão aquella penosa jornada.» (ROCHA POMBO.)

Premido pelas circunstancias, assignou o conde o termo que se fez sôbre a proposta do povo de Villa Rica, deferindo artigo por artigo essa nova Magna Carta, como lhe chama Diogo de Vasconcellos. Entregue a José Peixoto, o célebre lettrado, não a recebeu este sem primeiro a conferir no livro dos Registos, nem recebeu o alvará de perdão antes que estivesse authenticado com o sello das Armas Reaes.

A leitura do alvará, feita ao povo do alto do Palacio do Governo, provocou indescriptivel júbilo. Delirante, abalou a multidão, em regresso triumphal, para Villa Rica. Aos vivas, ruidosamente, com luminarias, celebrou-se durante alguns dias a victoria da rebellião.

O conde, porém, cedera para ganhar tempo. E agora ia começar a tragedia. Os motins, aliás, não tinham cessado. Os rebeldes, temendo que o ouvidor lhes armasse um processo para apanhar os cabeças, illudindo o perdão concedido, exigiam que elle saïsse da comarca. O governador attendeu ao pedido, que era justo. Mas a villa continuava alarmada. A' noite havia sempre tiroteio, e "fachos accesos percorriam as travessas de monte a monte, entre os arraiaes da Serra". Trama-se uma conspiração dirigida contra a vida do conde, e nella figura, como principal instrumento dos conjurados, um vulto respeitavel, cheio de serviços apreciaveis, bemquisto no Rio e até na Côrte, pela defesa heroica da Colonia do Sacramento, em que com 500 resistira a 7.000 homens. Mas já agora a edade o alquebrava, posto que a ambição do mando ainda não lhe tivesse deixado em paz o espirito irrequieto. Sebastião da Veiga Cabral aspira ser o governador das Minas, e esta idéa o deita a perder, apagando-lhe os brilhantes feitos do passado.

Sabendo da conjuração, o conde resolve agir decisivamente. Ordenou que seguissem para Villa Rica trinta dos seus dragões e prendessem os principaes dos cabeças do motim. Foram logo apanhados em suas proprias casas, entre outros, Paschoal da Silva Guimarães, o dr. Manuel Musqueira da Rosa e alguns frades. Sebastião da Veiga Cabral era agarrado em seu engenho, despachado logo para o Rio, daqui para a Bahia e dahi para Lisboa.

A noticia das prisões levou a confusão ao auge em Villa Rica, em 14 e 15 de Julho. A 16 punha-se em marcha um corpo de mais de 1.500 homens, tendo á frente o proprio conde e os principaes da Villa do Carmo. As fôrças entraram em Villa Rica sem maior incidente. Mas logo chegaram noticias de que em Sabará Thomé Affonso Pereira agitava os animos, e, em Cachoeira, sublevava o povo PHILIPPE DOS SANTOS. Em Sabará já havia uma companhia de dragões: Thomé Affonso foi preso nas immediações da Villa, e PHILIPPE DOS SANTOS o foi no adro da egreja da Cachoeira, quando, eloquente e impavido, prégava a revolta.

Cercaram-no de surpresa, chegando-lhe ao peito os bacamartes dos sequazes do capitão Luiz Soares de Meirelles.

Para illuminar sinistramente a sua victoria, quiz o conde de Assumar os clarões vermelhos do incendio. Ordenou que se lançasse fogo ás choupanas dos rebeldes. Arderam assim as casas de Paschoal da Silva e de outros cabecilhas no arraial do Morro. "Por muito que quizeram", diz o dr. Diogo de Vasconcellos, " nenhuma casa escapou. As ventanias da serra batalharam para desobedecer á ordem e dar ao conde um serviço completo. O incendio durou um dia; e ruas inteiras arderam a um tempo e de lado a lado". E' hoje o morro da Queimada, e este nome ainda agora parece queimar, como um ferro candente e para sempre tisnou a memoria do satrapa incendiario.

Todo o furor do castigo tremendo convergiu sôbre PHILIPPE DOS SANTOS, o martyr da insurreição. Thomé Affonso, por ter ordens menores, escapou ao supplicio, posto houvesse o conde consultado ao ouvidor do Rio das Mortes, si não haveria meio de illudir a immunidade. José Peixoto e outros, que não lograram fugir, foram presos. Nem se poderia esperar brandura na punição, naquella epocha de rigores penaes tão excessivos, e em que, no 5º livro das *Ordenações*, se encontram titulos comminando castigos aos que benzem cães ou bichos sem auctoridade d'el-rei ou dos prelados, se prevêm os delictos dos feiticeiros, que invocassem em encruzilhada espiritos diabolicos, ou adivinhassem em agua, crystal, espelho, espada ou qualquer cousa luzente, ou espadua de carneiro, baraco de enforcado, cabeça de homem morto ou de qualquer alimaria, e em que havia um titulo especial, o 85 do mesmo 5º livro, consagrado especialmente aos mexeriqueiros...

Mas não devemos sorrir, minhas senhoras e meus senhores, porque o drama cruento ainda não findou.

Vêde o heroe algemado, no meio de uma cavalgata de esbirros improvisados. Agora o conde de Assumar póde respirar desaffogado: têm nas mãos "o mais diabolico dos homens".

"Que importa lhe fallecca auctoridade para o mandar matar, e não tenha jurisdicção para proceder tão summariamente, sem convocar os ministros da Comarca", segundo se lê em sua confissão, na carta dirigida ao rei em 21 de Julho? São nugas processuaes e o tempo urge, tanto mais que PHILIPPE DOS SANTOS não se intimida, nem se arrepende do que fez, e está disposto a morrer, certo de que a canalha do rei ha de ser es-

magada pelo patriotismo dos Brasileiros. Nessa alma de Espartano e o qualificativo lhe veio do proprio algoz, não se apaga a chamma do enthusiasmo, a scentelha sagrada do ideal.

Vem a farça do summario, a sentença pavorosa, e enfim a execução.

A 16 de Julho de 1720, faz hoje 200 annos dia por dia, o corpo de PHILIPPE DOS SANTOS FREIRE, depois de enforcado, era atado á cauda de um cavallo, para, Mazeppa, não do amor; mas da liberdade, que é tambem amor e dos mais sanctos, escrever nas pedras da região mineira, a rubras lettras de sangue, o protesto da colonia opprimida contra a cupida tyrannia dos prepostos d'el-rei.

Ainda me lembra, minhas senhoras e meus senhores, a infensa curiosidade, o ardente desejo com que, alguns annos atraz, em viagem por Minas, deixei Bello Horizonte, caminho de Ouro Preto. Ia do Brasil do futuro para o Brasil de outr'ora, do antigo "Curral d'El-Rey" transformado em metropole animada, para aquella que foi e ainda continúa a ser apenas Villa Rica de Albuquerque, chamem-lhe embora Ouro Preto. Nesa regressão historica, ao passar de um centro de vida moderna a uma reliquia dos tempos coloniaes, animava-me a esperança de reviver o passado e descobrir nas velhas ruinas a sombra fugace dos dias que se foram. E a mesma pergunta interior me atormentava:

— Como será Ouro Preto?

Quando, horas depois, ao descer do trem, pisava o velho sólo sagrado, ainda me parecia um sonho. Na estação esperava-me um amigo, perfeito filho de Minas, na bondade simples, sem artificio, no tracto hospitaleiro, na despreoccupação do trajo indifferente ás absurdas exigencias da moda. No pequeno jardim, ao lado da estação, vimos uma columna. E o meu guia explicou-me que era o pelourinho, a que outr'ora amarravam os culpados, publicamente punidos com pena de açoites. Fomos subindo, lentamente. A chuva cessara e ao longe, sem nevoas que o encobrissem alteava-se a uns 1.700 metros o pico do Itacolomí. Estavamos a mais de um kilometro acima do nivel do mar. E eu sentia então a verdade destas phrases, proferidas por alguem, agora presente, quando foi do bi-centenario de Villa Rica: "Sempre a vista é aqui solicitada por al-

turas — arremessos impetuosos da terra na direcção do céo. E as culminancias se ostentam coroadas de templos, — esplendido symbolo, imagem das almas perfeitas, cheias como tu, Ouro Preto, de valles e montanhas, de profundezas, onde se encontram ouro e ferro, os dominadores do mundo, a par de arrojos, de ardimentos, de temeridades, — sobrelevados os afeitos pincaros pelo diadema da Fé".

— Aqui se pisa ouro, disse-nos o nosso guia. Hoje ainda a gente pobre apanha a terra em certos pontos, passa-a na bateia e apura alguma cousa. Dizem até que uma das egrejas daqui está sôbre uma grande mina.

Enquanto seguiamos, ia-nos explicando o scenario admiravel.

— Alli é o morro da Forca, de nome tristemente evocativo. Do outro lado existe aquelle outro homonymo, e hesita-se em saber exactamente em qual delles se teria erguido o terrivel instrumento da justiça e, não raro, da injustiça. Mais adeante é a Casa dos Inconfidentes. Aquella é a egreja de S. Francisco, as outras são o Carmo, a matriz de Antonio Dias, o Bom Jesus dos Perdões.

Vimos ainda a casa de Marilia, a do infeliz Dirceu e o local do predio onde residiu, na rua S. José, o alferes immortal. E depois a Casa dos Contos e o ponto em que Claudio Manuel da Costa appareceu enforcado; o palacio do capitão general, hoje Eschola de Minas, especie de fortaleza que domina a praça Tiradentes e a que faltam apenas as boccas de fogo para ser uma verdadeira fortaleza.

Mas a emoção mais intensa tive-a eu ao ler a inscripção da base da estatua do proto-martyr: "Aqui em poste de ignominia esteve exposta a sua cabeça". Foi outr'ora um traidor, pensavamos, hoje é um heroe: a justiça humana tem differentes sentenças para a mesma causa. E' mistér que outra exista, sem essas vacillações.

Sim, minhas senhoras e meus senhores, e em nome da justiça, tardia embora, mas sempre opportuna, é que hoje o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, nesta reunião que honrais com vossa presença, proclama o alto valor de Philippe dos Santos, o precursor de Tiradentes. Conforme a velha definição de Ulpiano, "*justitia est constans et per-*

petua voluntas jus suum cuique tribuendi". Injusto fôra olvidar, como até aqui têm feito quasi todos os programmas e compendios de nossa Historia, a figura do heroe e martyr de 1720; mas injustiça tambem seria querer exaltar o precursor, amesquinhando o inconcusso merito de JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER. Diz o povo, no seu fallar pittoresco e sempre rico de experiencia, que "não se despe um sancto para vestir outro". O processo historico de TIRADENTES já recebeu a sua definitiva sentença, que o sagrou martyr; e até, sinão chronologicamente, pelo menos pela superioridade moral demonstrada nos ultimos e terriveis momentos, SILVA XAVIER fez jùs ao glorioso epitheto de proto-martyr. As tentativas iconoclastas não lograrão diminuir-lhe o merito excepcional, nem dos testimunhos parciaes dos reinicolas, ou dos primeiros interrogatorios apenas, se deve, em boa critica esperar juizo imparcial.

Como escreveu judiciosamente o dr. Mello e Sousa, não é seductor esse genero de parallelos historicos ou *polemica retrospectiva*, em que se procura denegrir um vulto para exaltar outro, quando ambos são dignos de nossa admiração.

PHILIPPE DOS SANTOS, TIRADENTES, DOMINGOS JOSE' MARTINS: eis, senhores, um grandioso triptycho. Dos tres heroes, nenhum se curvou, humilhado e pavido, ante o horror do supplicio. Intemeratos, abrasados pelo fogo do ideal, morreram todos como verdadeiros martyres. Dos juizos injustos de quo foram victimas, TIRADENTES foi o primeiro a alcançar completa rehabilitação. Integrado definitivamente em nossa Historia, não ha quem della o possa mais arrancar, por gigantesca que fosse a energia empregada na demolição. De MARTINS tambem se póde affirmar que já hoje o seu papel no movimento de 1817 vai cada vez mais sendo bem avaliado, e os julgamentos superficiaes e copiados de fontes suspeitas estão cedendo ante a analyse calma dos actos do grande chefe revolucionario.

PHILIPPE DOS SANTOS, esse, teve que esperar mais tempo. Não importa: mais gloriosa é agora a sua apotheose. Já no anno passado, em sessão de 28 de Junho, o nosso illustrado consocio dr. ANTONIO OLYNTHO lêra sua erudita memória sôbre o levante de 1720, em que foram minuciosamente expostos os varios successos, e apreciados os vultos mais notaveis. Não se ergue ainda o monumento, que a PHILIPPE DOS SANTOS deve a

nossa commovida veneração; mas desde já é licito affirmar que d'oravante lhe hão de consagrar ao menos algumas linhas os nossos compendios de Historia patria e, mais cedo ou mais tarde, ha de se realizar o bello projecto do illustre presidente do Instituto Historico de Minas.

Saudemos, minhas senhoras e meus senhores, nesta data bi-centenaria, a "estrella brilhante do Sul, berço das idéas liberaes que deu os primeiros martyres á causa da nossa Independencia", fazendo nossas as palavras de Octaviano. Saudemos especialmente Villa Rica, a historica Ouro Preto, a terra em que viveu PHILIPPE DOS SANTOS, o theatro da INCONFIDENCIA, onde alvorejaram ideaes republicanos. Saudemo-la, commovidos, vendo-a aqui representada num dos mais eminentes de seus filhos, o poeta mimoso, o prosador elegante, o jornalista, o professor, o jurisconsuto, o orador eloquente, o impavido apologista da verdade catholica, o nacionalista cortez mas intimorato, o Brasileiro que sabe por que se ufana de sua patria, e do qual com justiça egualmente, se orgulha o seu, o nosso estremecido Brasil. (*Calorosos applausos. O conferente é cumprimentado por todo o auditorio.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) tem ainda duas moções a propôr — que se consigne na acta um voto de congratulações á Camara dos Deputados pela approvação do projecto de lei que manda trasladar para a Patria os despojos sagrados de D. PEDRO II, o MAGNANIMO, inexquecivel protector perpetuo do Instituto, e de sua consorte D. THEREZA CHRISTINA MARIA, a *Mãe dos Brasileiros*, e que revoga o banimento da Famlia Imperial do Brasil. E que tambem seja registado na acta outro voto de congratulações ao exmo. sr. dr. EPITACIO PESSÔA, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto e ao illustre consocio, sr. dr. ALFREDO PINTO, ministro da Justiça e Negocios Interiores, pelo exito que teve a Conferencia de Limites Interestaduaes, na qual o INSTITUTO esteve representado por seu digno primeiro vice-presidente, sr. Manuel Cicero.

Ambas as moções são approvadas por acclamação.

O SR. FLEIUSS pede que tambem se consigne um voto de regosijo por se achar presente o sr. barão de Studart, eminente historiador patrio e dedicadissimo consocio.

E' approvado.

Nada mais havendo a tractar, o sr. PRESIDENTE agradece a presença do representante do exmo. sr. PRESIDENTE DA REPUBLICA, que assim se associou á commemoração de PHILIPPE DOS SANTOS e levanta a sessão ás vinte e duas e meia horas. — *Jonathas Serrano*, servindo de 2° secretario.

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA, EM 17 DE AGOSTO DE 1920

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's vinte e meia horas, na séde social, abre-se a sessão de Assembléa Geral extraordinaria, com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Jonathas Serrano, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Eduardo Marques Peixoto, tenente-coronel Liberato Bittencourt, Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, Pedro Souto Maior, Solidonio Leite, Amaro Cavalcanti, almirante Arthur Indio do Brasil, Leopoldo de Bulhões, Paulino José Soares de Souza, capitães de fragata Raul Tavares e Thiers Fleming, Antonio Olyntho dos Santos Pires, barão de Studart, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, Henrique Morize, João Lyra Tavares e Gentil de Assis Moura.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) declara ter convocado a presente sessão de Assembléa Geral extraordinaria, nos termos do art. 61 dos Estatutos, pois que só em reunião dessa natureza poderá o INSTITUTO resolver sôbre duas propostas que, de conformidade com os arts. 11 e 12 dos mesmos Estatutos, lhe serão submettidas.

A primeira diz respeito a s. m. ALBERTO I, REI DOS BELGAS.

São antigas, como talvez não succeda com outra qualquer associação americana, as relações do INSTITUTO com a Belgica.

Mostram-no as seguintes informações:

Socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de origem belga:

Philippe Vandermaelen, honorario — 1839; dr. Jules Parigot, correspondente — 1839; Philippe Maria Maria Guilherme von der Maeilen, correspondente — 1839; Francisco José Meinster, honorario — 1839; Eduardo von Jargher, correspondente — 1840; barão de Reiffenberg, correspondente — 1841; dr. J. P. Hoebeke, correspondente — 1843; Carlos van Lede, correspondente — 1843; Jean Pie Namur, correspondente — 1843; Jocques Juetelet, honorario — 1844; Carlos Wiet, correspondente — 1846; Alexandre Baguét, correspondente — 1882; Adrien von den Steen de Jehay, honorario — 1897; e Leopoldo I — rei dos Belgas.

Em sessão de 14 de Agosto de 1863, presente o sr. d. Pedro II, sessão presidida pelo sr. visconde de Sapucahi, o INSTITUTO resolveu, por unanimidade, que, por intermedio do Ministerio dos Negocios Extrangeiros, fosse consultado s. m. Leopoldo I, da Belgica, sôbre si acceitava o titulo de presidente honorario do Instituto, em homenagem á sua decisão arbitral de 5 de Janeiro de 1863, na questão com a Inglaterra.

Em 21 de Outubro de 1863, o sr. B. Labermann communicou ao sr. Joaquim Thomaz do Amaral, ministro do Brasil em Bruxellas, que "Sa Magesté réserve le meilleur accueil á la demande de l'Institut Historique et Géographique du Brésil".

Foi, então, eleito presidente honorario em sessão de 20 de Novembro de 1863.

Artigos que se encontram nos tomos da "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro" relativos á Belgica

LVIII, 2ª, 245: V. "Extrangeiros illustres".

LX, 2ª 205: "Noticias da expedição belga ao polo Sul, dadas pela imprensa fluminense", 1897.

LX, 2ª, 354: Proposta para que o Instituto realize uma sessão solenne, afim de receber os membros da expedição belga ao pólo Sul, 1897.

LX, 2ª, 378: Proposta para que sejam admittidos como socios honorarios o chefe da expedição belga ao pólo Sul e o conde Wiener van den Steen de Jehay, ministro da Belgica no Brasil, 1897.

LX, 2ª, 379: Sessão extraordinaria em honra da expedição belga ao pólo Sul, 28 de Outubro de 1897.

LXI, 2ª, 702: Proposta para que seja lembrada na acta a commissão belga ao pólo Sul, por ser anniversario da sessão em que o Instituto recebeu em seu seio os membros da mesma, 1898.

LXII, 2ª, 330: Proposta para que se lance na acta um voto de agradecimento pela homenagem prestada ao Brasil pela commissão belga, no dia 28 de Outubro de 1898, fazendo fluctuar no pólo austral o pavilhão brasileiro, 1899.

LXII, 2ª, 342: Communicação feita pelo sr. Lecointe, companheiro do sr. Gerlache, na commissão belga, de que este cumprira a promessa, içando o pavilhão brasileiro no dia 28 de Outubro de 1898 nas regiões do pólo Sul.

LXIII, 2ª, 421: Palavras do primeiro secretario do Instituto acerca da commissão belga, 1899.

EXPEDIÇÃO DA "REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO" PARA A BELGICA

Bibliothèque Nationale — Bruxelles; Société de Géographie de Anvers; Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts de Belgique — Bruxelles; Institut International de Bibliographie de Bruxelles — Bruxelles; Revue de l'Instruction Publique de Bruxelles — Bruxelles; Société des Bollandistes de Bruxelles.

PUBLICAÇÕES BELGAS RECEBIDAS PELO INSTITUTO HISTORICO

Buletin de l'Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts — Bruxelles; Mémoires couronnés et autres mémoires publiés par l'Académie Royale — Bruxelles; Bulletin de la Société Belge de Géographie — Bruxelles; Bulletin de la Société Royale de Géographie d'Anvers — Anvers.

Todos estes factos explicam e justificam a homenagem que o INSTITUTO HISTORICO vai prestar ao rei-heróe e que,

sem dúvida, será particularmente agradavel a sua majestade. Esta homenagem é a seguinte:

«Propomos para presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, nos termos do art. 12 dos Estatutos, S. M. Alberto I, rei dos Belgas. Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1920. — *Conde de Affonso Celso. — Manuel Cicero. — Viveiros de Castro. — Pedro Lessa. — João Mendes. — Ramiz Galvão. — José Candido Guillobel. — Augusto Tavares de Lyra. — Barão de Studart. — Henrique Morize. — Antonio Olyntho. — Clovis Bevilaqua. — Max Fleiuss. — Indio do Brasil. — Aurelino Leal. — Jonathas Serrano. — Solidonio Leite. — Liberato Bittencourt. — Marques Peixoto. — Thiers Fleming. — Rodrigo Octavio. — Leopoldo de Bulhões. — Ramalho Ortigão. — Amaro Cavalcanti. — Souto Maior. — Gomes Pereira. — João Lyra. — Miguel de Carvalho.*»

Submettida á discussão a proposta, ninguem pede a palavra.

Submettida á votação, é a mesma approvada por unanimidade.

O SR. PRESIDENTE proclama presidente honorario do INSTITUTO s. m. Alberto I, rei dos Belgas.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*), diz que a outra proposta é relativa ao sr. Max Fleiuss.

Todos os socios do INSTITUTO HISTORICO sabem quantos serviços lhe deve a associação, prestados ininterruptamente durante 20 annos. Foi a 17 de Agosto de 1900 que elle tomou posse da sua cadeira nesta casa; ha, portanto, precisamente 20 annos.

Os Estatutos no seu art. 11 estabelecem: — "os socios grandes benemeritos serão tirados da classe dos benemeritos, e estes da classe dos socios effectivos e correspondentes, só podendo passar áquella categoria os que tiverem no minimo 20 annos de serviço na directoria ou em commissões permanentes".

Assim, a proposta que indica a elevação do sr. Max Fleiuss a grande-benemerito consulta inteiramente as disposições dos Estatutos.

Lê o SR. PRESIDENTE a seguinte proposta:

«Propomos de conformidade com o art. 11 dos Estatutos, que seja elevado a grande-benemerito o socio benemerito sr. Max Fleiuss, eleito em 3 de Agosto de 1900, tendo tomado posse a 17 do mesmo mez e anno, e logo designado para as commissões subsidiarias de Historia e Geographia, eleito 2° secretario em assembléa geral de 24 de Dezembro de 1900, eleito 1° secretario em assembléa geral de 21 de Dezembro de 1905, e eleito secretario perpetuo em assembléa geral de 9 de Março de 1907. Rio, 17 de Agosto de 1920. — *Conde de Affonso Celso*. — *Manuel Cicero*. — *Vicente de Castro*. — *Pedro Lessa*. — *João Mendes*. — *Ramiz Galvão*. — *José Candido Guillobel*. — *Augusto Tavares de Lyra*. — *Barão de Studart*. — *Henrique Morize*. — *Antonio Olyntho*. — *Clovis Bevilaqua*. — *Aurelino Leal*. — *Jonathas Serrano*. — *Solidonio Leite*. — *Liberato Bittencourt*. — *Eduardo Marques Peixoto*. — *Indio do Brasil*. — *Thiers Fleming*. — *Rodrigo Octavio*. — *Leopoldo de Bulhões*. — *Ramalho Ortigão*. — *Amaro Cavalcanti*. — *Souto Maior*. — *João Lyra*. — *Gomes Pereira*. — *Miguel de Carvalho*.»

Submettida á discussão, ninguem pede a palavra.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) propõe que a indicação seja approvada com applausos, o que se faz.

O SR. FLEIUSS agradece a nova demonstração de bondade dos eminentes consocios e assegura que continuará a trabalhar pelo INSTITUTO, buscando assim corresponder ás honras que lhe têm sido prodigalizadas.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que a COMMISSÃO DE ESTATUTOS apresenta a seguinte proposta:

—«A Commissão de Estatutos, tendo em vista a necessidade indeclinavel de harmonizar os Estatutos do Instituto Historico com as disposições do Codigo Civil Brasileiro, propõe que o sr. presidente incumba a um jurisconsulto, pertencente ou não a esta associação, de preparar o alludido trabalho, que será publicado no *Diario Official* e discutido e votado sessenta dias após á sua publicação.

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1920. — *Sebastião de Vasconcellos Galvão*. — *A. Pinto da Rocha*. — *Laudelino Freire*.»

O SR. PRESIDENTE põe em discussão a proposta. Ninguem pedindo a palavra, põe em votação. E' approvada por unanimididade.

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão da assembléa geral ás vinte e uma e meia horas. — *Jonathas Serrano*, servindo de 2° secretario.

QUINTA SESSÃO ORDINARIA DO ANNO DE 1920, EM 17 DE AGOSTO

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso
(presidente perpetuo)

A's vinte e uma e meia horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Jonathas Serrano, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Eduardo Marques Peixoto, tenente-coronel Liberato Bittencourt, Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, Pedro Souto Maior, Solidonio Leite, Amaro Cavalcanti, almirante Arthur Indio do Brasil, Leopoldo de Bulhões, Paulino José Soares de Sousa, capitães de fragata Raul Tavares e Thiers Fleming, Antonio Olyntho dos Santos Pires, barão de Studart, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, Henrique Morize, João Lyra Tavares e Gentil de Assis Moura.

O SR. JONATHAS SERRANO (*servindo de 2° secretario*) lê a acta da sessão realizada a 16 de Julho ultimo, a qual é approvada unanimemente e sem discussão.

O mesmo SR. 2° SECRETARIO lê das *Ephemerides Brasileiras* do barão do Rio-Branco as relativas á data de 17 de Agosto.

O SR. FLEIUSS (*secretario perpetuo*) justifica a ausencia dos consocios Gastão Ruch, Laudelino Freire e Sebastião de Vasconcellos Galvão.

O mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO lê o seguinte parecer da COMMISSÃO DE HISTORIA:

—«Para justificar a admissão do dr. Rodolfo Augusto de Amorim Garcia como nosso consocio, bastaria lembrar ser elle

um dos mais prestimosos auxiliares do nosso prestantissimo 1º secretario perpetuo, Max Fleiuss, cujos inestimaveis serviços ao nosso INSTITUTO nunca serão assaz louvados.

Mas militam, em favor da approvação da proposta do seu nome para socio effectivo, outros motivos egualmente valiosos.

O dr. Rodolfo Garcia occupa posição de destaque na pleiade de trabalhadores intemeratos que manifestam o seu amor pela Patria, não em phrases retumbantes, que o vento leva e nada produzem de util, mas occupando-se carinhosamente com os assumptos nacionaes, estudando a nossa lingua, elucidando poncios controvertidos na nossa Historia, preenchendo lacunas, corrigindo enganos resultantes de uma documentação ainda deficiente.

Tem opulentado a nossa *Revista* com a publicação dos seguintes trabalhos de incontestado valor:

"Diccionario de Brasileirismos (Peculiaridades Pernambucanas), publicado no tomo 76, 1ª parte, 1913.

Contém este trabalho cêrca de dous mil vocabulos brasileiros, 50 % dos quaes não figuram em nenhum dos diccionarios da lingua, todos com as respectivas origens etymologicas, abonados com exemplos, tendo a sua synonymia scientifica, quando se tracta de nomes de Historia Natural, e a sua distribuição geographica.

E' um magnifico supplemento dos diccionarios de Macedo Soares, Beaurepaire-Rohan, Rubim e outros.

"O Rio de Janeiro em 1823", conforme observação do official da marinha russa, Otto von Kotzebue, que a externou na obra que publicou, em allemão e francez, em 1830, sob o titulo — *Neue Reise in die Welt, in den Iahren*, 1823-1826.

Esse official chegou ao Rio de Janeiro em Novembro de 1823, sendo assim uma testimunha de vista, inteiramente imparcial, dos acontecimentos politicos daquella epocha, dentre os quaes sobreleva em importancia a *dissolução da Constituinte*. Além disto, é muito interessante a descripção que elle faz da cidade e dos seus costumes (tomo 80, 1916).

"O Diario do Padre Samuel Fritz" com introducção e notas (tomo 81, 1917).

O trabalho desse jesuita, que missionou na provincia castelhana de Quito, em fins do seculo XVII e até á segunda metade do seculo XVIII, além de muitas informações estimaveis sôbre a Geographia e a Ethnographia amazonica, é um rico repositorio de documentos e notas sôbre um periodo ainda muito obscuro da Historia patria — o das luctas entre Portuguezes e Castelhanos pela conquista do Amazonas.

"Petição de Symão Estacio da Silveira" (Manuscripto do British Museum), suggerindo o alvitre de descer a prata do Perú por um dos rios do Maranhão, o que se poderia conseguir em quatro mezes, em vez de ser transportada via Panamá.

Do auctor da petição sabiamos apenas, que havia sido procurador geral da conquista do Maranhão, e publicara em Lisbôa, em 1624, a *Relação Summaria das cousas do Maranhão,* da qual a nossa Bibliotheca Nacional possue o unico exemplar conhecido, e foi reproduzido nas *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão.*

Na introducção do referido documento, o dr. Rodolfo Garcia nos informa que Symão Silveira chegou ao Maranhão, em 11 de Abril de 1619, como capitão da nau-capitanea da expedição de Jorge de Lemos de Betancor, que se comprometteu a introduzir na conquista duzentos casaes de Açorianos, e foi um dos juizes da primeira Camara do Maranhão (tomo 82, 1918).

"A Capitania de Pernambuco no Governo de José Cesar de Meneses", 1774-1787 (tomo 84, 1918).

A' luz de documentos ineditos, o dr. Rodolfo Garcia elucidou muitos factos da administração do referido 34° governador e capitão general de Pernambuco.

Oliveira Lima, sabedor como poucos da nossa Historia, referindo-se com merecidos encomios á monographia do dr. Rodolfo Garcia, disse o seguinte:

«O seculo XVIII em Pernambuco é muito pouco conhecido e offerece cousas interessantes ao historiador. Entre a Guerra Hollandeza e a revolução de 1817, havia um vacuo, um grande fôsso, que agora se começa a conhecer.»

Além destes trabalhos, tem o proposto mais as seguintes monographias:

"Nomes de aves na lingua tupí", glossario etymologico de mais de tresentos nomes indigenas das novas aves (1913).

"Nomes geographicos peculiares ao Brasil". *Revista da Lingua Portugueza*, n. 3).

"Phrases e discursos tupís", contidos na *Histoire de la Mission des Pères Capucins au Maranan*, do padre Claude d'Abbeville, com traducção interlinear.

Admittir o dr. Rodolfo Garcia no número dos nossos socios effectivos, é não só premiar os seus trabalhos já publicados, como incita-lo a emprehendimentos de mais larga envergadura, que possam dar testimunhos ainda mais valiosos da sua operosidade e inconstetado merecimento.

Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1920. — *Viveiros de Castro*, relator. — *Jonathas Serrano*. — *Clovis Bevilaqua*. — *Aurelino Leal*. — *Pedro Lessa*.»

O parecer é approvado e vai com a proposta á COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS, sendo relator o sr. Ramiz Galvão.

O mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO lê depois o seguinte parecer da COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS:

—«A Commissão de Admissão de Socios, no desempênho do que lhe prescreve o art. 13, dos Estatutos, nada tem a oppôr á eleição do sr. dr. Manuel Porfirio de Oliveira Santos para socio effectivo do Instituto Historico, reconhecendo nesse candidato todas as condições de idoneidade, bem como a conveniencia de sua admissão.

Sala das sessões, 17 de Agosto de 1920. — *Miguel J. R. de Carvalho*, relator. — *Manuel Cicero*. — *Antonio Olyntho*. — *A. Tavares de Lyra*.»

O parecer fica para ser votado quando houver vaga.

O SR. PRESIDENTE aproveita o ensejo para dizer que no presente momento o estado dos quadros sociaes é o seguinte:

— SOCIOS GRANDES BENEMERITOS — havendo uma vaga que só póde ser preenchida nos termos do art. 12 dos Estatutos.

— SOCIOS BENEMERITOS — 27, havendo um excesso de septe socios.

— SOCIOS HONORARIOS — 19, havendo uma vaga.

— SOCIOS EFFECTIVOS — 54, havendo um excesso de 24 socios.

— SOCIOS CORRESPONDENTES — 65, havendo um excesso de 45 socios.

O SR. SECRETARIO PERPETUO lê depois as seguintes propostas.

—«Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o illustre dr. André Gustavo Paulo de Frontin, cujos serviços á Geographia patria no brilhante exercicio de sua profissão merecem esta homenagem por parte do Instituto.

Sala das sessões, 17 de Agosto de 1920. — *Conde de Affonso Celso.* — *Max Fleiuss.* — *Jonathas Serrano.* — *Barão de Studart.* —*Thiers Fleming.* — *Raul Tavares.* — *Eduardo Marques Peixoto.*»

Vai á COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS, sendo relator o sr. Antonio Olyntho.

— «Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o sr. dr. Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca, doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, membro titular e secretario geral da Academia de Medicina, auctor de numerosos trabalhos de sua profissão e tambem de outros de natureza historica, entre estes os seguintes: — *Biographia do professor Francisco Julio Xavier*; *Biographia do visconde de Itaúna; O Ensino Medico no Brasil.*

Rio, 16 de Agosto de 1920. — *Max Fleiuss.* — *Pedro Souto Maior.* — *Barão de Studart.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.*

Vai á COMMISSÃO DE HISTORIA, sendo relator o sr. Clovis Bevilaqua.

— «Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o exmo. sr. dr. Joaquim Bensaúde, residente em Lisboa, e auctor dos seguintes trabalhos: — *L'Astronomie nautique au Portugal á l'époque des grandes découvertes; Regimento do Estrolabio; Histoire de la science nautique portugaise; Les légendes des allemands sur l'histoire des découvertes.*»

Esses trabalhos do dr. Bensaúde, dos quaes o primeiro foi coroado pelo Instituto de França, merecendo o premio *Binoux*, são o resultado das pacientes pesquisas, a que o auctor se vem consagrando ha mais de vinte annos; e têm sido applaudidos e consagrados nos mais importantes centros scientificos, nos quaes os sabios mais auctorizados têm proclamado a verdade das conclusões, a que chegou o insigne investigador do passado; é reconhecido que os seus estudos projectaram nova luz sôbre a historia da sciencia nautica em Portugal durante a epocha dos descobrimentos; deixando fóra de dúvida que, para esses, estavam os Portuguezes, muito mais do que outro qualquer povo, practica e scientificamente apparelhados, pelo uso de taboas e instrumentos aperfeiçoados, e pelo conhecimento da theoria da esphera e do seu alcance para a navegação.

Além dos sobredictos trabalhos originaes, o dr. Bensaude tem reproduzido em *fac-simile*, as seguintes obras fundamentaes: — *Regimento do Estrolabio*, preciosissimo incunabulo, que descobriu na Real Bibliotheca de Munich; *Regimento do Estrolabio*, edição de Evora; *Almanach perpetuum*, de Zacuto, Leiria, 1496; *Arte de Marear*, de Faleiro, Sevilha, 1535; *Tratado da Sphera*, de Pedro Nunes, Lisboa, 1537; *Supplément à l'Almanach perpetuum, Canones en espagnol*, Leiria, 1496; *Repertorio dos Tempos, de V. Fernandez*, edição de 1563.

Rio, 17 de Agosto de 1920. — *Solidonio Leite*. — *Max Fleiuss*. — *Jonathas Serrano*. — *Liberato Bittencourt*. — *Eduardo Marques Peixoto*. — *Souto Maior*. — *Barão de Studart*.»

— Vai á Commissão de Geographia, sendo relator o sr. almirante Gomes Pereira.

O sr. Fleiuss participa que deve vir brevemente ao Brasil o distincto publicista e historiador portuguez dr. Fidelino de Figueiredo, socio do Instituto desde 28 de Junho de 1913.

E' Incontestavelmente uma personalidade de grande realce, como o attestam os seus trabalhos. — *Historia da littera-*

tura romantica, Historia da litteratura realista, Historia da litteratura classica, A critica litteraria como sciencia, Historia da critica litteraria em Portugal, O espirito historico, Portugal nas guerras européas, Caracteristicas da litteratura portugueza, Breviario de Esthetica, Modernas relaciones litterarias entre Portugal y España, Litteratura conteporanea, Como dirigi a Bibliotheca Nacional de Lisboa, Mariana Alcoforado, além das publicações da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

E' fundador, director e principal redactor da *Revista de Historia*, de Lisboa, membro de varias associações portuguezas, hispanholas e francezas.

Elle não vem ao Brasil com outro interesse sinão o de estudar o nosso meio sem pretenções ridiculas de gloria sem impertinencias de notoriedade.

Tomará posse de sua cadeira aqui no Instituto, trazendo um catalogo de documentos importantes para a nossa Historia no periodo do Reino e da Independencia, accompanhados das cópias dos principaes, todos ou quasi todos referentes ao oitavo conde dos Arcos, d. Marcos de Noronha, documentos esses pertencentes aos archivos dos condes de S. Miguel.

Fará tambem aqui um curso completo sôbre a Historia da litteratura portugueza de 1580 a 1756.

E' pois, um erudito, mas um erudito sincero, que nos vem visitar, sem pretenções de pontificado, sem assumir attitudes de objecto raro, sem intuitos commerciaes.

O INSTITUTO HISTORICO, conscio de seus deveres, saberá receber condignamente esse operario extranho, sim, mas digno da nossa estima — pela cultura que, embora moço, pois conta apenas 32 annos, possue, e pelos nobres predicados de character, não sendo menor o da modestia sincera.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que o INSTITUTO recebe com muito prazer a noticia da vinda do sr. Fidelino de Figueiredo. Não se tracta de um operario extranho, mas de um socio do Instituto, que virá trabalhar com os demais pela sempre crescente grandeza da associação.

Tem depois a palavra o SR. AUGUSTO TAVARES DE LYRA, que lê um trabalho de sua lavra sôbre — "Usos e costumes

do Nordéste brasileiro no seculo XVIII," sendo muito applaudido ao terminar.

Ao encerrar a sessão o SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) communica que na proxima sessão occupará a tribuna o sr. Rodrigo Octavio.

Levanta-se a sessão ás vinte e duas e meia horas. — *Jonathas Serrano*, servindo de 2° secretario.

SEXTA SESSÃO ORDINARIA DO ANNO DE 1920, EM 29 DE SEPTEMBRO

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's vinte e uma horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Jonathas Serrano, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Augusto Tavares de Lyra, Homero Baptista, Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, Pedro Souto Maior, Solidonio Leite, João Lyra Tavares, tenente-coronel Liberato Bittencourt, Afranio Peixoto, barão de Studart, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Leopoldo de Bulhões, Eurico de Góes, capitão de fragata Raul Tavares, João Capistrano de Abreu, Laudelino Freire, Antonio Olyntho dos Santos Pires e Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.

O SR. JONATHAS SERRANO (*servindo de 2° secretario*) lê a acta da quinta sessão ordinaria, realizada a 17 de Agosto último, a qual é, sem discussão, approvada por unanimidade.

O SR. FLEIUSS (*secretario perpetuo*) lê das *Ephemerides Brasileiras* do barão do Rio-Branco, as relativas á data de 29 de Septembro.

O mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO lê o seguinte parecer da COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTOS:

« A Commissão de Fundos e Orçamentos nada tem a oppor á prorogação do actual orçamento, confiando, como sempre, no alto criterio do eminente sr. conde de Affonso Celso, digno presidente, na dedicação sobejamente comprovada do sr. secretario perpetuo e na absoluta exacção do sr. thesoureiro.

Rio, 26 de Septembro de 1920. — *Clovis Bevilaqua* relator. — *Agenor de Roure.* — *João Lyra Tavares.*»

Esse parecer foi emittido em virtude do seguinte officio do sr. secretario perpetuo:

— «Exmo. sr. conde de Affonso Celso, m. d. presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Cumprindo as disposições dos Estatutos (§ 2° do art. 40) tenho a honra de propor a v. ex. seja prorogado para o anno de 1921 o orçamento da receita e despesa actualmente em vigor. Aproveito o ensejo para reiterar a v. ex. minhas respeitosas homenagens. — O 1° secretario perpetuo, *Max Fleiuss.*»

Este officio teve o seguinte despacho do sr. presidente: «A' Commissão de Fundos e Orçamento, sendo relator o sr. Clovis Bevilaqua.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que vai pôr em discussão o parecer. Ninguem pedindo a palavra, o SR. PRESIDENTE declara que vai submetter á votação, sendo que, quanto ao funccionalismo do Instituto, serão rigorosamente observadas as disposições dos arts. 67, 68, 71, 75, 76 e 78 dos Estatutos, cessando quaesquer commissões extraordinarias.

Submettido á votação, o INSTITUTO approva por unanimidade o parecer, de accôrdo com as palavras do sr. presidente.

O SR. JONATHAS SERRANO (*servindo de 2° secretario*) justifica a ausencia dos socios srs. ministro Viveiros de Castro, drs. Antonio Fernandes Figueira, Juliano Moreira e Gastão Ruch.

O SR. SECRETARIO PERPETUO diz que o consocio sr. dr. Homero Baptista, acaba de offerecer ao INSTITUTO dous documentos; um consta da *Musica e lettra do Hymno Republicano Rio-Grandense* (20 de Septembro de 1835), o outro consta da *Veridica relação de factos ,apoiados por documentos officiaes, em refutação de asserções colligidas numa publicação intitulada "Parecer das secções apresentado á Legislatura Brasileira como fundamentos para ajuizar da conducta de lord Cochrane, na qualidade de primeiro almirante do Brasil emquanto esteve no serviço de sua majestade imperial que Deus haja*".

Esta declaração traz a assignatura seguinte: — *Cochrane Dundonald do Maranhão* — e tem o reconhecimento dessa firma, feito por Luiz Augusto da Costa, vice-consul do Imperio do Brasil em Londres, com a data de 5 de Junho de 1856.

Diz ainda o mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO que o sr. Candido Lobo, residente á travessa Sousa Dantas n. 28, offereceu ao INSTITUTO um exemplar, ricamente encadernado, da Constituição da Belgica, tendo no texto várias illustrações; e que acabam de lhe ser entregues, para a Bibliotheca do INSTITUTO as seguintes obras: *A tribu dos borórós*, pelo padre Antonio Colbacchini, da missão salesiana, e o *Relatorio* apresentado pelo engenheiro civil João Francisco de Lacerda Coutinho .

O SR. PRESIDENTE diz que o INSTITUTO muito agradece taes offertas.

O SR. SECRETARIO PERPETUO diz achar-se na casa o socio correspondente SR. FIDELINO DE FIGUEIREDO, que, eleito em 28 de Julho de 1913, cumpriu as disposições dos Estatutos e vem tomar posse.

O SR. PRESIDENTE nomeia, para introduzirem no recincto o sr. Fidelino de Figueiredo, os srs. secretarios e mais os srs. Pedro Lessa, Laudelino Freire, Solidonio Leite e Camelo Lampreia.

(*Dá entrada no recincto, sendo recebido com grandes applausos, o sr. Fidelino de Figueiredo que presta o compromisso dos Estatutos e toma posse.*)

O SR. PRESIDENTE dá a palavra ao sr. FIDELINO DE FIGUEIREDO, que profere o seguinte discurso:

— «Sr. presidente, sr. embaixador de Portugal.

Illustres consocios.

Quando em 1913 a vossa penhorante generosidade me accolheu no vosso gremio, longe estava eu de poder um dia, pessoalmente, tomar assento no seio de tão douta Companhia. E a *Revista do Instituto* consecutivamente registou juncto do meu pobre nome o signal indicativo de que eu não havia tomado posse do logar, que tão benevolamente me fizereis entre vós. Esperava que um additamento estatutario me permittisse ser empossado pela simples remessa dum escripto his-

torico para a *Revista*, quando diversas circunstancias, de que me felicito e que me penhoram, permittiram que me encontrasse hoje entre vós.

Serão, pois, de cumprimento e saudação as minhas primeiras palavras brasileiras, antes de ter a honra de cooperar por algum tempo na normal actividade do Instituto.

*

Saúda a v. ex., senhor presidente, preclara figura do Brasil tradicionalista, em quem se congregam com brilho desusado as aristocracias do character e do espirito, sentinella vigilante que espreita e estimula os progressos da grande patria brasileira, com patriotismo que não exclue sympathias e indulgencias.

Saúdo a vv. exs.; eruditos, pensadores e historiographos, que constituis o velho gremio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, centro depositario das tradições da intelligencia e actividade do Brasil, que nas oito décades da sua existencia operosa tem sabido conciliar os interesses sagrados da cultura — já alguem fallou com eloquencia dos "interesses da alma" — com as legitimas aspirações do progresso patrio, como si a educação historica houvesse a seus membros dado a mais franca neophilia e a mais destemida curiosidade do futuro.

O labor scientifico do Instituto, cuja *Revista* constitue um dos mais vastos repositorios de material historico dos paizes latinos, que com exito sem par levou a effeito certamens intellectuaes como o 1º Congresso de Historia Nacional, de 1914, e prepara neste momento emprehendimentos vastos, como o *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil* e o 1º Congresso de Historia da America, o labor do *Instituto* é bem conhecido do meu paiz, onde alguns dos seus mais illustres escriptores se desvaneceram de possuir o seu diploma e o bibliographo Brito Aranha fez correr um seu escorço historico.

Como attesta a poderosa vitalidade da vossa intelligencia, creio ver nesse logar a affirmação de um characteristico,

que sempre me pareceu se ostentava no conspecto da vossa cultura: a tendencia corporativa.

O vosso pensamento nasceu sob os arroubos inspiradores da Parenetica e affirmou-se sob o influxo do academicismo do seculo XVIII, protelação colonial do que na Metropole principalmente avultara no seculo anterior. Quer as almas vibrem em unisono sob o estimulo da voz, que do pulpito se ergue, quer as intelligencias serenamente trabalhem em assembléas, é sempre um estado collectivo da consciencia, a resultante synthese moral que comporta virtualidades que não existem nas partes. Tenho a Eloquencia por um genero commum, dos que não dispensam essas condições scenicas e moraes da vibração collectiva, e não hesitei mesmo em a dizer um genero representativo, num elenco de generos litterarios, que em tempo bosquejei.

Das academias coloniaes traçou o secretario do Instituto um quadro erudito e methodico para o congresso Scientifico Pan-Americano, de 1915-1916. Por elle vemos que já então alguns characteres distinctivos apartavam o academicismo brasileiro do da Metropole. Alli as academias foram, até á reacção arcadica em 1756, predominantemente litterarias, fócos de culteranismo de fórma e tambem de pensamento, em que se poetava segundo os modelos castelhanos e se discutiam puerilidades, que assim classifico, ou porque o fossem em si, ou porque estivessem para além dos methodos dialecticos. Com facundia incerta e fortuna vária se houveram essas academias umas vezes ephemeramente como a Academia dos Solitarios de Santarém, de 1691, e a das Conferencias Eruditas, de 1696, outras com mais persistencia como a Academia dos Singulares, de 1628, a mais antiga de que ha noticia, ou a Academia dos Generosos (1647-1667 e 1685-1686), certamente a melhor conhecida, cuja historia illustrou recentemente um insigne lusophilo, mr. Edgar Prestage. Dalgumas só o vago titulo se conservou, como o da Academia dos Unicos, de 1691 (?) e a Academia Instantanea, do Porto, dos fins do mesmo seculo. A creação da Academia Real de Historia Portugueza, por d. João V, em 1720, representa uma phase nova, curta, mas brilhante do academicismo que produziu tam-

bem um élo importante na evolução da nossa Historiographia. De facto esta Academia não desappareceu sem exercer influencia: suggeriu a fundação da Academia Real de la Historia de Madrid, de 1738, e relacionou eruditos portuguezes e hispanhóes. Não deixou ella tambem de legar vasto cabedal de materiaes, como contribuições quantiosas para o magno escopo da corporação, a *Lusitania Sacra* ou Historia ecclesiastica de Portugal; o inicio entre nós da sciencia archeologica e epigraphica com methodo mais seguro que o dos antiquarios quinhentistas, pelo que mereceu louvores ao allemão E. Hubner; o accordar da Critica historica com que combateu a inquisição mephitica que no ambiente intellectual haviam creado os chronistas alcobacenses; a organização do nosso primeiro balanço da massa documentar, por meio de um inquerito a todo o paiz; e até progressos notaveis na arte da imprensa, para a qual se importou pessoal extrangeiro.

A Academia Real das Sciencias, fundada em 1779, alargou o ambito das curiosidades e funcções das academias, constituindo-se um centro de cultivo das Humanidades e de todas as sciencias da natureza, procurando exercer acção social e só engeitando, por extranha a esse ambito, a pura elaboração artistica, do fôro intimo e dos anhelos da inspiração de cada um.

Incorporando-se nesse movimento, a mentalidade do Brasil colonial, onde as condições locaes eram tão especificamente várias das da Metropole, soube imprimir-lhe cunho seu. Apraz-me apontar nas vossas academias do seculo XVIII, em sua vida modesta e desajudada, uma maior amplitude e mais declarada intenção pragmatica; nem exclusivamente litterarias, como as do seculo XVII em Portugal, nem deliberadamente historicas como a de d. João V, cujo programma não era applicavel ao Brasil; nem com propositos reformistas como a de Antonio Diniz e Corrêa Garção, que tambem aqui não seriam opportunas; mas já annunciando a curiosidade vasta e multimoda da do duque de Lafões. Organizar a vida mental da grande colonia, a qual não podia confinar-se no devaneio litterario, antes devia extender seus olhos pelas perspectivas, que a Historia e a Geographia americanas lhes desdobravam, e propender para as sciencias e até para as suas applicações prácti-

cas, para o fomento, como hoje se diria, — é a inclinação que julgo divisar na Academia Brasileira dos Renascidos e na Academia Scientifica do Rio de Janeiro, como principaes, cujos programmas de trabalhos são as primeiras manifestações do vosso nacionalismo mental.

Não subscrevo a opinião summaria, com que *in limine* alguns historiadores da litteratura de nossa lingua condemnam a actividade dos seculos XVII e XVIII, só com rotula-la pejorativamente de *gongorica*. Estudos demorados e desprevenidos deram-me o convencimento de que a eiva do culteranismo (que é preciso não attribuir só a Gongora) limitadamente maculou os nossos melhores escriptores desses tempos, e que mais fundamente imprimiu seu sello no pensamento do que na fórma, mais no mechanismo logico e dissertivo da intelligencia do que na expressão artistica, e mais em generos não litterarios do que nos tradicionalmente acceitos pela Esthetica com crystallizações artisticas. E a prova-lo está tambem o vosso associacionismo intellectual, que nos velhos tempos coloniaes produziu os alvores do pensamento e da consciencia brasileira, e que no Imperio, sob a iniciativa do benemerito conego Barbosa, produziu o Instituto, centro de nacionalismo e historicismo — e que estreitamente se casam no espirito estes dous pendores delle! — para o qual contribuem quantos no Brasil podem, pelo saber ou pela acção. Obra de eruditos, que fazem sciencia, e de politicos exclarecidos, que o honram e patrocinam desde o nobre imperador d. Pedro II, o Instituto é o mais heraldico pergaminho da intelligencia brasileira, e esse typo de sábia associação, que no Brasil tanto se multiplica, é verdadeira creação vossa, como na velha metropole, entre as instituições de assistencia — relevai-me a heterogeneidade de parallelo! — se distingue a portuguezissima *Misericordia*.

Um portuguez illustre, o padre Gonzaga Cabral, expoz na Bahia, em 1918, em termos incisivos, que inteiramente applaudo, a funcção que ao seu parecer cabe a esses Institutos no cultivo e direcção dos estudos historico-geographicos.

Por isso, eu me sinto entre vós tão desvanecido, e considero este momento em que me acholheis no Instituto e nos vossos corações tambem, espero-o um pouco, como um mo-

mento augusto da minha carreira litteraria, em que Deus me concedeu gloria, a que jámais aspirei. Disso me inhibiam a severidade critica, que me attribuem e que a mim mesmo applico, e a longa distancia de mares, que nos separava. Podia lá esperar que uma mão carinhosamente me acenasse e de prompto apagasse essa distancia?!

Não venho ao Brasil — quero exclarece-lo bem desta alta tribuna, que toda a intelligencia brasileira escuta — não venho juncto de vós a propagandear allianças, nem a defender intercambios, menos ainda a mercantilizar idéas. Sei de sobra que o Brasil e Portugal seguem suas trajectorias independentes, cada qual correndo a seus destinos, áquelles que as peculiaridades de seu espirito, o acêrto ou o desacêrto de seus homens publicos e a sua boa ou má fortuna lhe marcaram: Sei bem que o Brasil é um vasto mundo de riquezas inexhauriveis, imperio que ainda não prenuncia o integro desdobramento das suas energias e capacidades, tantas se acastellam ellas no horizonte longinquo! Sei que as allianças só são possiveis e fecundas, quando as suggere uma reciprocidade de interesses em justa proporção, e quando na escala dos valores politicos ambas as partes attingem alturas approximadas. Sei tambem que a cultura scientifica, artistica e litteraria não se diffunde, porque agentes divulgadores ponham sua industriosa actividade ao seu serviço.

Tudo que ha no mundo, de bom, de justo, e de bello se divulgou só por sê-lo, com aquella potenciação rapidissima, que é a magia da Verdade, da Belleza e da Virtude, esplendam onde esplenderem, em qualquer latitude e em qualquer lingua. A popularização das idéas por propaganda apostada nunca mereceu o meu applauso, nem a minha confiança. Pareceu-me sempre que affrontava a gravidade e a dignidade do trabalho mental. E a confirmar o meu scepticismo está a esterilidade desses exforços de intercambio á sobreposse. Nem a iniciativa Consiglieri Pedroso, de 1910, nem uma sua sobrevivencia, de 1918, deram de si quaesquer fructos uteis. Contra esta última protestei eu, na Camara dos Deputados, em nome da dignidade da intelligencia de um povo, que não póde ver com indifferença essa deturpação dos seus ideaes por uma propaganda, nem sempre puramente especulativa.

Achei-me em boa companhia, porque o grande Benedetto Croce, um dos meus mestres espirituaes, tambem no parlamento italiano, protestou contra analoga tentativa de fundação de um centro de propaganda franco-italiana. Lerei aqui algumas das suas judiciosas palavras: «Pensar exclusivamente na arte e na sciencia e não já na diffusão da arte e da sciencia é o unico caminho que póde conduzir áquella diffusão, visto que as creações vivas e fortes se abrem, cedo ou tarde, o seu caminho no mundo. E, si se disser que ás vezes idéas bastante vigorosas, produzidas por um povo, permanecem longo tempo extranhas a um outro, deve-se reconhecer que aguardar o desenvolvimento gradual da cultura do paiz refractario, e que as experiencias historicas, que elle for fazendo e ainda lhe faltem, o ponham em condições de accolher e apropriar-se aquelles productos mentaes.» Taes intercambios, propagandeados por quem não contribue, no recolhimento do estudo, para o progresso das sciencias e das lettras, que quer diffundir ou repetem uma tarefa superflua ou se cansam em exforços sáfaros. Não são pruridos de isolamento e incommunicação, que me aconselham este pensar; demasiado tenho confessado o meu cosmopolitismo.

Vós tendes uma infatigavel curiosidade e a necessaria receptividade para accolher quanto de solido a poderosa erudição portugueza — sei já que esta vos interessa bem mais que a nossa imaginação — a erudição portugueza produza, á qual fazeis passar através do crivo severo do vosso criticismo. Este é hoje uma das feições predominantes do espirito ibero-americano: já o verifiquei a proposito do grande Rodó.

De critica e nacionalismo se compõe hoje o vosso processo seleccionador de quanto a velha Europa vos manda: systema philosophico, concepção esthetica, doutrina scientifica, conceitos moraes. O que, chegados ao alto grau actual de prosperidade e emancipação economica, fazeis á immigração, realizaes tambem a respeito das idéas: colheis e assimilaes.

Quereis que essa seiva bruta, de energias musculares e capacidade intellectuaes, que em ondas vos manda o Velho Mundo seja assimilada e se volva em selva elaborada para correr no vosso systema vascular, tonificante e poderosa, mas

salutarmente, obstinadamente brasileira. Essa tendencia de absorvente assimilação é propria dos organismos vigorosos e que abrigam uma personalidade. E como nacionalismo e criticismo se temperam em vós de uma ampla curiosidade cosmopolita, permitto-me esperar que o exclusivismo gregario e xenophobo nunca surja a engeitar a cooperação dos que, nascidos sob outros céos, vos trouxerem a oblata dos seus braços ou de sua intelligencia. Essa tolerancia accolhedora de idéas e pessoas extranhas está demais nas vossas tradições. A vossa Independencia e a vossa evolução politica perfizeram-se com calma e generosidade, que contrastam flagrantemente a violencia conturbada da America Hispanhola. E até a mudança de regime — ainda o pensava ha pouco relendo o vibrante livro do querido Afranio Peixoto, *Minha terra e minha gente,* — teve em vista menos sacrificar á esteril ideologia revolucionaria que cobrar novos vôos e restituir a circulação activa a partes do vosso organismo, que crestes como ankylosadas. Uma voz brasileira das mais austeras, a de Oliveira Lima, já salientou em páginas ponderadas, lidas perante a Sociedade de Geographia de Antuerpia, as contribuições que os extrangeiros, de raça e de lingua, trouxeram á formação da grande patria brasileira.

E quanto ás lettras do meu paiz, não posso exquecer que vós sois a parcella maior de nossa lingua, que estremeceis com carinhos devotos, os que Olavo Bilac vasou no seu formoso soneto e eloquentemente se confessam na admiravel *Revista da Lingua Portugueza,* do dr. Laudelino Freire; não posso exquecer que quanto alli se produz de sincero e forte tem em vós o accolhimento mais terno, prompta como é a vossa admiração ante o justamente admiravel; não poderei exquecer que, neste seculo da vossa Independencia, que em breve se cumprirá, muitos obreiros das lettras lusitanas vos visitaram ou aqui se estabeleceram afagados com hospitaleira amizade, como Antonio Feliciano de Castilho, José Feliciano de Castilho, Moutoro, Zaluar, Xavier de Novaes, Matheus de Magalhães, Vieira de Castro, padre Senna Freitas, Mendes Leal (Antonio), Ernesto Biester, Abel Botelho, e muitos outros ainda vivos.

Tal tolerancia intellectual, em que ha muita justiça ao

exforço de outrem, muito de bondade e muito de aproveitado patriotismo, só a encontrei ainda em Hispanha, onde muitos litteratos americanos vivem plenamente incorporados na vida cultural do solar de sua lingua, ás vezes mais agasalhados que em sua patria, porque, — com graciosa ironia o demonstrou Daudet, — só na Politica se não confirma o dictado: "Ninguem é propheta em sua terra".

Quero tambem, durante o curto tempo de demorar entre vós, ser um desses muitos extrangeiros que acodem a estudar e dar-vos, em preito, o concurso da sua intelligencia, sem vir a propagandear o que já conheceis ou desadorais; principiando, como o fiz agora, por vos expor a maneira por que de longe vos concebia e prezava. Simplesmente, permitti-me a ambição de querer ser um extrangeiro menos extrangeiro que os outros, porque ao longo das altas columnas de antepassados, bem pesados de responsabilidades, que se erguem na determinação de nossas almas, muitos maiores ha communs a vós e a mim, que luctaram e soffreram com dedicação e heroismo, pela grandeza de nossas patrias então unidas.» (*Muitos applausos.*)

O SR. RAMIZ GALVÃO (*orador perpetuo*) responde nos seguintes termos:

— «Sr. professor Fidelino de Figueiredo:

Uma circumstancia feliz e inesperada fez com que tenhamos hoje a fortuna de vos saudar pessoalmente no recincto do INSTITUTO HISTORICO; a nossa Companhia, — que desde 1913 se desvanecia de vos contar entre os seus membros illustres, por conhecer o merito dos trabalhos litterarios com que haveis já conquistado justo renome em vossa patria e fóra della, — a nossa Companhia sente-se jubilosa neste dia, applaudindo a vossa bella oração inaugural, rica de conceitos e promissora de uma collaboração preciosa.

Filho da illustre Faculdade de Lettras da Universidade de Lisboa, professor substituto do Lyceu Pedro Nunes desde 1909, quando contaveis apenas 21 annos de edade, em 1911 já professor effectivo no de João de Deus, em Faro, e transferido depois para Lisboa em categoria egual; director da opulenta Bibliotheca Nacional, chefe de gabinete da Instrucção Publica, e deputado por Silves, eis a notavel fé de officio com

que appareceis neste Cenaculo, que tanto se honra com a vossa presença. Mas tudo isso ainda é pouco deante da obra scientifica e litteraria — producto do vosso privilegiado talento e gemmas de alto valor — com que haveis enriquecido o thesouro da litteratura portugueza.

Não pretendo neste momento nem posso alongar-me sôbre o valor excepcional dessa *Revista de Historia* que dirigis, e em que brilhantemente collaboraes ha annos; não posso tambem sinão referir-me com alto elogio ás obras de Critica litteraria e de Historia da litteratura portugueza, em que se reflecte nitidamente a agudeza do vosso espirito exclarecido, original e independente.

A este proposito só me caberia subscrever as palavras de um critico avisado, o sr. Le Gentil, no artigo que ha poucos mezes publicou no "Bulletin Hispanique" (*Annales de la Faculté de Lettres de Bordeaux*.)

Antigo bibliothecario e dominado tambem pela paixão dos livros desde a minha mocidade, tive a fortuna de encontrar entre vossas producções a obra, que em 1919 publicastes sob o titulo *Como dirigi a Bibliotheca Nacional*.

Trabalhámos ambos, illustre collega, em tarefa do mesmo genero: reerguer um importantissimo estabelecimento público do abatimento em que jazia. Fôrça é confessar, entretanto, que as nossas circunstancias foram notavelmente diversas: si eu tive o amparo preciosissimo do saudoso e magnanimo imperador d. Pedro II e de seus notaveis ministros em uma epocha de absoluta tranquillidade politica, amparo que me habilitou por espaço de onze annos a melhorar os serviços da nossa Bibliotheca Nacional e a dar-lhes uma direcção que foi considerada efficaz, com o auxilio de companheiros intelligentes, zelosos e devotados ao bem público, assim como ao brilho das lettras patrias: si a boa fortuna me favoreceu em tarefa de tamanha magnitude, a vós, prezado collega, embora possuidor de talento, de erudição e de ardente zêlo, não permittiram os caprichos partidarios e os acontecimentos politicos da patria convulsionada que levasseis a termo o que vosso culto espirito sonhava, queria e podia realizar.

Ainda assim, quanto conseguistes no curtissimo periodo de um anno alli fazer para o bem público e para o renome das

lettras portuguezas demonstrou que ereis o luctador capaz de colher e dignificar a herança do erudito José Feliciano de Castilho e do venerando conselheiro Viale, que eu tive a fortuna de conhecer e tractar em 1874 naquelle nobilissimo posto.

O precioso livro, em que déstes a público o vosso magno esforço nesse particular captou devéras a estima e a admiração de quantos amam as lettras e apreciam a nobreza de character. Eu fui um delles.

O illustre, o eminente Alexandre Herculano, em situação mais ou menos identica, teve a independencia civica de resignar o cargo de bibliothecario do Porto; renunciando simelhantemente as funcções de director da Bibliotheca Nacional de Lisboa em 1919, para não curvár a cerviz a exigencias escandalosas, saïstes vós de pé, prezado collega, viseira erguida, digno de vós mesmo, como bom e legitimo Portuguez.

Nada, portanto, mais justo do que o prazer e a ufania, com que hoje vos recebemos nesta casa de estudo e de trabalho.

Enquanto daqui não partirdes para o seio da patria, desse velho Portugal que tanto nos merece pelos vinculos do sangue, da lingua, da religião e da Historia, pretende o nosso Instituto que vos não considereis aqui extrangeiro. Esta é sempre a segunda patria dos filhos de Cabral e de Caminha.

E, quando para lá volverdes, em meio de vossos lucidos trabalhos ou no repouso do lar, tende a convicção profunda de que deixastes ermãos deste lado do Atlantico, ermãos que vos admiram e que aguardam com anciedade as producções de vósso talento.

Cultor intelligente da Historia e da Critica litteraria, os vossos confrades saudam-vos com effusão d'alma e vos abraçam jubilosos.» (*Muitos applausos*.)

Logo depois o SR. RODRIGO OCTAVIO lê alguns trechos de um livro seu, inedito.

O SR. BARÃO DE STUDART apresenta suas despedidas por ter de partir para o Ceará.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que ao encerrar a sessão deve congratular-se com o INSTITUTO: 1°, pela visita feita a esta associação por ss. mm., os

reis dos Belgas, realizada a 21 do corrente, e da qual tiveram ss. mm. a melhor impressão, tendo sido accompanhados nessa visita pelo exmo. sr. presidente da Republica e sua dignissima esposa; 2°, pela entrega do diploma de presidente honorario do Instituto a s. m. o rei Alberto, em a noite de 23 do corrente, em sessão solenne realizada no Club dos Diarios; 3°, pelo comparecimento á presente sessão do sr. dr. Duarte Leite, digno embaixador de Portugal e illustre homem de sciencia; 4°, pela leitura do trabalho do sr. Rodrigo Octavio; 5°, pelo discurso do novo consocio, sr. Fidelino de Figueiredo, cujas idéas merecem plena approvação delle, presidente.

Levanta-se em seguida a sessão, ás vinte e duas e meia horas. —*Jonathas Serrano*, servindo de 2° secretario.

SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO OCTOGESIMO SEGUNDO ANNIVERSARIO DA FUNDAÇÃO, EM 21 DE OUTUBRO DE 1920

Presidencia do sr. dr. Epitacio Pessôa (presidente da Republica e presidente honorario do Instituto)

A's vinte e uma horas, presentes os srs. drs. Epitacio Pessôa (*presidente da Republica e presidente honorario do Instituto*), conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*), Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, Agenor de Roure, Homero Baptista, Alfredo Pinto Vieira de Mello, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Aurelino de Araujo Leal, Laudelino Freire, Henrique Morize, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Joaquim Nogueira Paranaguá, Jonathas Serrano, Eurico de Góes, Pedro Souto Maior, Antonio Borges Leal Castello Branco, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia e conde de Leopoldina, o SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*), pede á s. ex. o SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA para presidir a sessão.

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA declara aberta a sessão, lendo o SR. SECRETARIO PERPETUO, das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as relativas á data de 21 de Outubro.

Em seguida, o SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA dá a palavra ao SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente do Instituto*), que profere a seguinte allocução:

— «O octogesimo segundo anno do seu funccionamento preencheu-o o Instituto Historico e Geographico Brasileiro do mesmo modo que os anteriores, — trabalhando serena, constante, abnegada e efficazmente em pról de seus nobres ideaes.

Em breves palavras resume-se o programma por elle realizado e o que pretende realizar: — fiel e escrupuloso desempenho de seus encargos e obrigações.

A insuperavel diligencia do 1° secretario e a magistral eloquencia do orador vão ennumrear — o primeiro os factos relevantes do periodo transcorrido, o segundo as perdas soffridas, durante o mesmo prazo, inexoravel tributo da contingencia humana, em troca de muitos beneficios registados.

Sobreleva áquelles factos a visita com que honraram o Instituto ss. mm. os soberanos belgas, accompanhados de s. ex. o sr. presidente da Republica e sua dignissima esposa.

O Instituto ainda uma vez se confessa summamente grato a tamanha distincção.

Ao rei Alberto conferiu elle o titulo de seu presidente honorario, a exemplo do que, ha 57 annos, practicara com o avô de s. m., o egregio rei Leopoldo I, em memoraveis circumstancias que conheceis.

Effectuou-se solennemente a entrega do diploma em sessão conjuncta com a Academia Brasileira de Lettras e outras preclaras agremiações scientificas e litterarias.

Contribuiu dest'arte o Instituto, no limite dos seus elementos, para que o Brasil accolhesse de condigna maneira os augustos visitantes, e folga de testimunhar que a nossa Patria procedeu com cavalheirismo e esplendor mostrando ao mundo achar-se em condições de airosamente receber em seu seio tudo quanto o Velho Continente possue de mais elevado, de mais bello, de melhor.

Sôbre o anniversario do Instituto, publiicou hoje um dos grandes orgãos da nossa imprensa diaria, o *Jornal do Commercio,* um artigo que vou ler, já porque é uma synthese completa e justa do passado e da missão deste gremio, já porque

rendo assim homenagem de reconhecido apreço ao auctor do brilhante escripto.

Eis o artigo:

«Completa hoje o seu 82º anniversario o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que desde 1838 tem vindo accompanhando, dia a dia, todas as phases e successos, por que tem passado o nosso paiz.

Seria impossivel pormenorizar em um simples artigo a série de serviços prestados pelo Instituto á Historia, á Geographia, á Ethnographia brasileiras. A sua incomparavel *Revista*, constante de 84 tomos, ou 138 volumes, é o documento vivo do labor incessante e benemerito serviço prestado ao paiz por essa instituição — uma das mais antigas da America. Em suas páginas está crystallizada a vida inteira da nossa patria, desde o seu descobrimento. Grandiosas iniciativas têm surgido do seio do Instituto, attestando o nosso progresso moral e intellectual, como sejam: o culto dos heróes; as commemorações do descobrimento da America e do Brasil; a realização do 1º Congresso de Historia do Brasil, em 1914, e o preparo do Congresso Internacional de Historia da America, a reunir-se em 1922, nesta cidade; o *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, a saïr tambem em 1922, e a creação da Faculdade de Philosophia e Lettras.

Fundado em 21 de Outubro de 1838 pelo conego Januario da Cunha Barbosa, marechal Raimundo José da Cunha Mattos e mais 27 cidadãos cultores da Historia e Geographia nacionaes, o Instituto encontrou logo no joven imperador d. Pedro II o seu grande e magnanimo protector, tornando-se para logo, como disse o seu primeiro presidente, o visconde de S. Leopoldo, "o representante das idéas e illustração, que em differentes epochas se manifestaram em o nosso continente."

De facto, desde então, fez-se o Instituto o centro da mais fecunda irradiação intellectual em nossa terra, conquistando um logar de excepcional prestigio, quer no Brasil, quer no extrangeiro, onde a sua *Revista* é conhecida em todas as bibliothecas, universidades, faculdades, escholas superiores, todos os estabelecimentos, enfim, que cultivam e difundem os conhecimentos historicos.

Possue o Instituto valiosissimas collecções de mappas, me-

dalhas e objectos historicos, que tem vindo organizando durante a sua longa existencia. Em seu Museu encontram-se verdadeiras preciosidades como, entre outras, o cranio do homem primitivo da Lagôa Sancta, enviado por Lund e que tanto preoccupou o mundo scientifico. A sua Mappotheca, constante de 5.000 mappas, chartas, plantas, roteiros, etc., é diariamente consultada pelo público e tem servido até para dirimir relevantes questões. O seu Archivo, riquissimo em documentos e memorias historicas, contém, entre outros, os archivos do visconde de Ourem, marquez de Olinda, general Osorio, José Bonifacio — o Patriarcha, José Antonio Saraiva, visconde de Ouro Preto, Francisco Belisario, Alencar Araripe, Boulanger e Manuel Barata. A sua Bibliotheca compõe-se de cêrca de 80.000 volumes, entre os quaes verdadeiras e inapreciaveis raridades, exemplares unicos, e mesmo alguns incunabulos.

E tudo isto põe o Instituto, diligente, á disposição do público, que frequenta assiduamente a sua sala de leitura e vai alli colher informações que, difficilmente, encontraria em outra parte. Todos os dias alli chegam, vindos de toda parte, da Europa, da America e até da Asia, cartas de investigadores e associações scientificas e litterarias, pedindo ao Instituto informações sôbre varios assumptos.

Eis ahi, em largos traços, o que tem sido a vida desta benemerita e patriotica associação. Uma larga existencia de 82 annos de trabalho ininterrupto e fecundo, accompanhando com devoção e carinho toda a vida do Brasil, fóco irradiador da sua cultura, guarda fiel das suas tradições.

Aos exforços e ao prestigio da actual direcção deve o Instituto o desenvolvimento, que todos os que o frequentam têm podido accompanhar.

E assim vai o Instituto Historico serenamente realizando, sem desfallecimento, consciente do dever cumprido, olhos fitos na patria, essa missão grandiosa de educação e civismo que se impoz. E' que elle, pela alma do passado que encerra, pelo vigor e desinteresse com que trabalha no presente e pelos ensinamentos que reserva ás gerações futuras, sobrepõe-se luminoso acima das paixões que desvairam os homens e as epochas, para sómente attender na grandeza, esplendor e ma-

gnitude do Brasil, que elle quasi viu nascer para a liberdade para o trabalho e para a gloria.»

No conceito de um pensador, o arsenal das fôrças psychologicas encerra armas que, bem manejadas, podem tornar-se mais efficientes do que os canhões.

O Instituto é um antigo, mas animadissimo arsenal de taes armas: o estudo, a perseverança, a probidade, o civismo.

Não sómente se exerce em maneja-las, como se empenha em ensinar o povo a tambem com acerto brandi-las.

A's novas gerações repete o lemma traduzido nos versos de Felix Pacheco, um dos nossos prezados consocios:

— Moços de meu paiz, promessa florea,
Amai as tradições de nossa Historia
E o amanhan que alcançaremos será grande.

Sem essa fôrça poderosa e rica,
Patria nenhuma seu futuro expande:
E' o passado que as forma e glorifica.

Sim! Cultivar com amor as tradições nacionaes, labutar confiando na grandeza e na gloria do amanhan brasileiro, tem sido, ha 82 annos, são e hão de ser as duas azas do exforço do Instituto, onde pulsa ardente aspiração de surtos cada vez mais extensos e mais altos.

Assim Deus nos ajude, em proveito do Brasil» (*Applausos calorosos.*)

Logo depois o SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA dá a palavra ao SR. MAX FLEIUSS (*secretario perpetuo do Instituto*), o qual lê o segunite *Relatorio*:

— «Foi neste mesmo recincto que o illustrado dr. João Mendes, ao tomar posse de sua cadeira, disse: — "ha um principio superior que domina o pensamento do Instituto — é a unidade nacional como tradição, a unidade nacional, mantida não só pela unidade da lingua official e vulgar, como pela unidade do sentimento patriotico".

No anno que hoje se encerra mais de uma vez se reaffirmou esse principio, que deve constituir não só o nosso mais fervente culto, como tambem a virtude dominante em todos os Brasileiros, dignos deste nome. No desempenho escrupuloso

de seus programmas, servindo á nossa Patria com a investigação e a divulgação de sua Historia, o Instituto tem conquistado titulo á benemerencia, dando um grande exemplo de civismo, que é a expressão da nossa nacionalidade.

"As nações", já o exclamou o impoluto Raul Pompeia, "não vivem só de ter o nome sôbre o mappa. E' preciso que a realidade se realize. Essa realidade só se traduz pelo amor a terra que nos é berço, provando-o no exacto cumprimento do dever e no trabalho ardente e sincero pelo engrandecimento patrio".

O Instituto Historico foi creado sob esses auspicios, que tem sabido justificar na sua longa existencia de 82 annos.

No periodo decorrido da última sessão magna de 31 de Outubro de 1919 até o dia de hoje cumpriu a nossa associação, com a maior integridade, as suas nobres tarefas, o que tentaremos demonstrar em rapida exposição.

SESSÕES — Realizaram-se em número de oito, sendo duas de assembléa geral.

A primeira assembléa foi a 18 de Dezembro de 1919, para eleição da directoria e das commissões permanentes no biennio de 1920-1922.

As sessões ordinarias iniciaram-se a 24 de Abril último. Nesta foi lido o aviso do sr. ministro da Justiça, nosso illustre consocio, dr. Alfredo Pinto, convidando o Instituto a nomear um representante para a Conferencia de limites Interestaduais, a celebrar-se em 1º de Junho nesta Capital, tendo, por essa occasião, o nosso insigne presidente informado á casa qual o procedimento sempre mantido pelo Instituto com relação ao problema dos nossos limites internos, e declarando que o Instituto acceitava o convite, escolhendo para representa-lo o dr. Manuel Cicero, 1º vice-presidente.

Na mesma sessão foi concedida licença, por tempo indeterminado, ao 2º secretario, o distincto e prezado dr. Roquette Pinto, que devia partir para o Paraguai, afim de inaugurar o curso de Physiologia na Faculdade de Medicina daquelle paiz.

Para substitui-lo, designou o sr. presidente o sr. Agenor de Roure, exercendo, porém, o cargo o sr. Jonathas Serrano, em virtude dos justos impedimentos do sr. Roure, cujas fun-

cções de secretario da Presidencia da Republica não lhe permittem lazeres.

Ainda nessa sessão communiquei a primeira remessa dos manuscriptos de s. a. o principe Gastão de Orléans, conde d'Eu, contendo o seu *Diario de uma viagem militar ao Rio Grande do Sul, Agosto a Novembro de 1865*, no qual s. a. descreve toda a viagem que fez aquella antiga Provincia para reunir-se a seu sogro, o sr. d. Pedro II, que para alli partira, quando occorreu a invasão paraguaia. Os manuscriptos estão agora completos; são em número de 281 páginas, devendo apparecer o trabalho em um dos proximos numeros da nossa *Revista*, e, de certo, muito agradará, pois, além do interesse da narrativa, possue o de exaltar muitas passagens daquella gloriosa campanha, a que fomos obrigados para defesa de nossa honra, luctando com um inimigo que se preparara cuidadosamente, achando-se o Brasil quasi desprevenido.

Relevem que neste poncto manifestemos o nosso pensar, julgando imprescindivel que mais do que nunca se saliente a justiça do nosso procedimento, e que chamemos a attenção para um patriotico trabalho publicado não ha muito, no Rio Grande do Sul, pelo tenente do Exercito brasileiro, sr. Sousa Docca, que documentadamente prova quaes foram as causas da guerra, seus verdadeiros provocadores, o estado do Exercito paraguaio e o dos exercitos alliados. Livros dessa ordem deveriam ter ampla divulgação para que a grande empresa do *lopismo* não alcance os resultados a que almeja — de nos attribuir uma feição menos digna e generosa, emprestando ao dictador paraguaio o papel de victima, sinão o de heróe.

Communiquei tambem a offerta do archivo do saudoso consocio, marechal Bormann, feita por sua excellentissima viuva, d. Anna Vera Monteiro Nogueira de Bormann, por intermedio do seu digno cunhado, major dr. Dario Castello Branco.

Nessa sessão tomou posse o socio effectivo, dr. Henrique Morize, cujo excellente discurso, versando sôbre a verdadeira área do Brasil, estimada pelo eminente scientista em 8.552.000 km², mereceu unanimes e calorosos applausos.

A segunda sessão ordinária effectuou-se a 22 de Maio, abrindo-a o nosso presidente com a proposta, immediatamente approvada, de um voto de applauso ao sr. presidente da Republica pelo fecho da *Mensagem* dirigida por s. ex. ao Congresso Nacional, relativo aos despojos mortaes de d. Pedro II. Nêsse momento fez o nosso presidente todo o historico da intervenção do Instituto para a realização desse acto de justiça e gratidão nacional. Por proposta minha, tambem apoiada, foi incluida na acta a parte da *Mensagem*, que tractou do assumpto.

Ainda nessa sessão dei noticia da catalogação dos nossos mappas, preparada pelos srs. Gracchо de Oliveira, Eugenio Rio e Pedro Vercillo, immediatamente dirigidos pelo notavel chartographo capitão dr. Jaguaribe de Mattos, todos da Commissão Rondon. Os trabalhos acham-se quasi concluidos, cuidando agora a commissão da extracção dos respectivos verbetes. Constituirá relevante serviço prestado ao Instituto.

Na mesma data foram propostos: os drs. Anselmo de Braamcamp Freire, para socio honorario; Nuno Pinheiro de Andrade, para effectivo, padre Carlos Teschaeur S. J. e padre J. B. Hafkmeyer, para correspondentes, estando em estudo, as obras em que se basearam as propostas.

Dei tambem conta da brilhante recepção, que teve em Lisboa o nosso distincto consocio dr. Solidonio Leite que, no momento, entregou ao Instituto seis preciosos documentos offertados, por seu benevolo intermedio, pelo illustrado consocio sr. João Lucio de Azevedo.

Tomou posse nessa sessão o socio correspondente dr. Jeronymo de Avelar Figueira de Mello que, em interessante discurso, tractou das pesquisas por elle feitas nos archivos da *Propaganda Fide* e nos archivos do Vaticano, de onde photographou tres mappas importantissimos do seculo XVI, que foram expostos por projecções, e sôbre os quaes escreveu o dr. Rodolfo Garcia, nosso competente companheiro de trabalho, erudito estudo.

A 28 de Junho realizou-se a terceira sessão ordinaria, votando-se os pareceres da Commissão de Admissão de So-

cios, dos quaes resultou a eleição unanime dos srs. dr. Justo Chermont e Clemente Fregeiro, como socios honorarios, e dr. José Arthur Boiteux, como correspondente.

Foi approvada uma proposta indicando o dr. Eugenio Vilhena de Moraes para socio effectivo e tomou posse o socio correspondente dr. Gentil de Assis Moura, que no seu discurso tractou dos "Caminhos dos Bandeirantes".

Nessa sessão tive a honra de occupar a attenção do Instituto, prestando pallida homenagem a Joaquim Manuel de Macedo.

O nosso egregio presidente fallou, em seguida, sobre a commemoração projectada ao heroe do levante de 1720 em Villa Rica — Philippe dos Santos, referindo-se ao substancioso estudo, que a 28 de Junho de 1919 fizera no Instituto o illustrado dr. Antonio Olyntho, e dizendo que a nossa associação celebraria a proxima sessão no dia 16 de Julho, data bi-centenaria do martyrio de Philippe dos Santos, prestando, desse modo, uma homenagem á sua memoria. Propoz tambem, e foi approvado, que se transcrevesse na acta o erudito artigo que sôbre o facto publicara dias antes o dr. Mello e Sousa, digno secretario geral da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Na quarta sessão, effectuada a 16 de Julho, o dr. Manuel Cicero, nosso prezado e illustre 1º vice-presidente e representante na Conferencia sôbre os limites interestaduaes, apresentou seu minucioso relatorio, dando conta de todos os trabalhos levados a effeito na mesma Conferencia.

Leu-se o parecer da Commissão de Historia, relativo ao dr. Manuel Porphyrio de Oliveira Santos, indicado para socio effectivo, e foram propostos para a mesma classe os drs. Othello de Sousa Reis, Carlos Miguel Delgado de Carvalho e commandante Eugenio Teixeira de Castro.

Teve depois a palavra o dr. Jonathas Serrano, que brilhantemente tractou da figura de Philippe dos Santos, o precursor de TIRADENTES, recebendo os maiores applausos do numeroso auditorio, tendo-se feito representar s. ex. o sr. presidente da Republica.

Por último, o sr. conde de Affonso Celso apresentou duas

moções, ambas applaudidas; uma, para que se consignasse em acta um voto de congratulações á Camara dos Deputados pela approvação do projecto, que mandava trasladar para a Patria os despojos sagrados de d. Pedro II e de sua consorte d. Teresa Christina Maria e que revogava o banimento da Familia Imperial; e outra, de congratulações ao exmo. sr. dr. Epitacio Pessôa, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, e ao illustre consocio dr. Alfredo Pinto, ministro da Justiça, pelo exito alcançado na Conferencia de Limites Interestaduaes.

A segunda assembléa geral effectuou-se a 17 de Agosto para o fim especial de ser eleito presidente honorario do Instituto o rei Alberto, dos Belgas, que em breve visitaria a nossa Patria. Justificando a proposta, fallou o nosso presidente sôbre as relações existentes entre o Instituto e a Belgica, salientando que o avô do actual rei fôra tambem eleito, e em circunstancias especiaes, presidente honorario. A proposta teve unanime approvação.

Nesta assembléa aprouve ao Instituto elevar-me á classe dos socios grandes benemeritos, nos termos dos Estatutos.

No mesmo dia 17 de Agosto realizou-se a quinta sessão ordinaria, na qual foi lido o valioso parecer da Commissão de Historia, sendo relator o dr. Viveiros de Castro, sôbre os trabalhos do dr. Rodolfo Garcia, indicado para socio effectivo, e foram propostos os drs. Paulo de Frontin, para socio honorario; Olympio da Fonseca, para effectivo, e Joaquim Bensaúde, para correspondente, tendo sido tambem lido parecer da Commissão de Admissão de Socios, referente ao dr. Oliveira Santos, que não foi ainda votado por falta de vaga.

Ainda nessa sessão o nosso dedicado e illustre 3° vice-presidente, dr. Augusto Tavares de Lyra, leu um trabalho seu sôbre — "Usos e costumes do Nordeste brasileiro no seculo XVIII »

Na última sessão ordinaria, a 29 de Septembro, foram apresentadas várias offertas, entre as quaes duas do eminente consocio dr. Homero Baptista, e tomou posse o socio correspondente, dr. Fidelino de Figueiredo, notavel publicista por-

tuguez, e o dr. Rodrigo Octavio leu alguns trechos de um livro que pretende publicar.

Nessa sessão foi approvada a prorogação do orçamento para o anno de 1921, mandando tambem cessar quaesquer commissões extraordinarias.

Todos os recipiendarios foram recebidos pelo nosso preclaro orador perpetuo, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, credor de toda a nossa estima e de toda a nossa admiração, pelos serviços que, não obstante os trabalhos do cargo que exerce na alta administração do paiz, presta ininterruptamente ao Instituto.

Merece, com effeito, especial destaque o concurso do inclyto varão. Já na tribuna do Instituto, quer na direcção da *Revista,* como na presidencia da Commissão do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil,* e tambem na chefia da Commissão executiva do 1° Congresso Internacional de Historia da America, a cada momento, a cada instante, o dr. Ramiz Galvão, acode com o seu elevado saber e inexcedivel criterio, constituindo elle e o conde de Affonso Celso as duas figuras magnas de nossa Companhia.

A " REVISTA "— Acha-se quasi em dia a nossa tradicional publicação. Foi distribuido o tomo 84. Resolvido pela assembléa geral de 1917 que cada tomo tivesse numeração propria, cessando a designação de parte I e parte II, julgou a Directoria conveniente coordenar a numeração, dando a cada tomo a especificação por volumes. Assim, até agora foram publicados 84 tomos, divididos em 138 volumes, não incluidos os cinco do tomo especial, consagrado ao 1° Congresso de Historia Nacional, realizado em 1914, nem os dous volumes dedicados ao centenario da Imprensa no Brasil, em 1908. O indice analytico de todos os volumes acha-se em impressão na Imprensa Nacional.

BIBLIOTHECA — A reforma dos catalogos continúa a ser feita pelo dr. Rodolfo Garcia. Até agora estão preparados 49.968 verbetes, correspondentes a 24.514 volumes.

ARCHIVO — Houve necessidade de reorganizar comple-

tamente á catalogação do Archivo, serviço que reclama muito tempo, pois é preciso ler os documentos, fazer-lhes o extracto, numera-los. Temos hoje, em manuscio diario, 7.056 verbetes, relativos a 2.983 manuscriptos. Esses trabalhos estão attribuidos aos funccionarios dr. Fernando Nery e Romeu Ribeiro.

OFFERTAS — Muitas foram as offertas, convindo salientar as da exma. viuva do marechal Bormann, do archivo de seu saudoso marido, achando-se entre os documentos os originaes ineditos da campanha da Cisplatina, 1808-1825, devidos áquelle illustre militar; as da exma. viuva do nosso inexquecivel desembargador Sousa Pitanga, destacando-se nestas a carta autographa de d. Pedro I, datada de 7 de Abril de 1831, de bordo da nau ingleza *Warspite*, na qual o ex-imperador pedia a José Bonifacio que acceitasse a tutela dos seus filhos; a do Centro Academico Nacionalista, do busto em gesso do nosso presidente; as do dr. Homero Baptista e a do commandante Fabricio Moreira Caldas, por intermedio do dr. Mozart Monteiro, da collecção do periodico *Oitenta e Nove*, monitor republicano, publicado no Piauhi em 1873 e no qual se prophetizava o advento da Republica em nossa terra para o anno de 1889.

MAPPOTHECA — Como dissemos, a catalogação das nossas collecções de mappas está quasi concluida, faltando apenas algumas centenas de verbetes, que já são em número de 5.000.

SALA PUBLICA DE LEITURA — Correram os serviços com a maior regularidade, estando sempre presente o bibliothecario dr. Pedro Souto Maior. Temos recebido innumeros pedidos no sentido de ser tambem franqueada, á noite, a Sala de Leitura, medida que traria grande proveito aos estudiosos. A deficiencia de nossos recursos não o tem, porém, permittido, pois seria indispensavel augmentar o quadro dos funccionarios, além de outras despesas.

MUSEU HISTORICO — Transferido para uma sala do primeiro andar, tem sido nosso Museu Historico mais visitado. O catalogo dos objectos expostos já foi iniciado, estando disto incumbido o official da Secretaria, sr. Alpheu Roméro.

SECRETARIA — Todos os trabalhos foram executados com presteza, tendo sido, na maior parte, confiados ao official, sr. Alexandre Camisão.

O movimento geral das secções do Instituto, foi, desde a última sessão magna, o seguinte :

	1919	1920	Para mais	Para menos
Sala pública de leitura — Consultas	1.232	1.497	265	—
Consultas do exterior e dos Estados	246	411	165	—
Obras offertadas ou adquiridas	1.693	430	—	1.263
Revistas nacionaes e extrangeiras recebidas	579	604	25	—
Catalogos de bibliothecas nacionaes e extrangeiras recebidos	252	290	38	—
Volumes encadernados	616	725	109	—
Visitas ao Museu Historico	329	625	296	—
Documentos recebidos (Archivo)	2.795	20.689	17.894	—
Officios recebidos (Secretaria)	1.239	1.352	113	—
Officios expedidos (Secretaria)	928	1.809	881	—
Mappas consultados (Mappotheca)	67	138	71	—

Necessario é salientar que o grande número de obras entradas em 1919 proveio, principalmente da bibliotheca do marechal Bormann.

VISITAS — Foi o Instituto honrado por numerosas visitas, sobrevelando a de 21 de Septembro, feita por ss. mm., os reis dos Belgas, accompanhados do exmo. sr. presidente da Republica e de sua distinctissima senhora.

Não olvidará jámais o Instituto esse dia, em que mereceu verdadeira consagração, tendo os eminentes visitantes percorrido todas as dependencias desta associação.

*

Teve tambem o Instituto a fortuna de assistir, no Palacio do Cattete, á assignatura do decreto n. 4.120 de 3 de Septembro, pelo qual foram mandados trasladar para o Brasil os despojos sagrados de Pedro II — o Magnanimo, e de Teresa Christina — a Mãe dos Brasileiros, bem como revogando a lei do banimento dos membros da Familia Imperial.

A commissão do Instituto, chefiada pelo nosso presidente, compoz-se dos dignos consocios drs. Ramiz Galvão, Antonio Olyntho, Jonathas Serrano, barão de Studart, Solidonio Leite, Aurelino Leal e de quem ora occupa a attenção do auditorio, tendo o sr. conde de Affonso Celso usado da palavra para exaltar a grandeza do acto, a dos que o suggeriram e practicaram e e a de quem o sanccionava.

Tomou tambem parte o Instituto na sessão effectuada a 23 de Septembro no Club dos Diarios, presidida pelo dr. Ramiz Galvão, em homenagem aos soberanos belgas, e na qual o nosso presidente, em eloquente discurso, fez entrega ao rei Alberto do diploma de presidente honorario do Instituto.

*

Acham-se em completo andamento os trabalhos do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, bem como os do Congresso Internacional de Historia da America, com que a nossa Companhia commemorará o centenario da Independencia.

No dia 10 de Junho realizou-se neste Instituto a collação solenne de grau á primeira turma dos bachareis em sciencias politicas e sociaes da Faculdade de Philosophia e Lettras, fundada pelo Instituto, com o nome de Academia de Altos Estudos, em 19 de Outubro de 1915, tendo iniciado seus trabalhos em 20 de Abril de 1916.

O acto, que se revestiu do maior realce, foi presidido pelo exmo. sr. dr. Epitacio Pessôa, presidente da Republica, director honorario e um dos fundadores da mesma Faculdade.

Hoje é uma instituição autonoma, em pleno desenvolvimento, e que funcciona na Eschola Diodoro, sendo seu actual director interino, como vice-director eleito unanimemente pela Congregação, o dr. Laudelino Freire, que tem dado a creação do Instituto todo o prestigio de sua competencia e verdadeira dedicação, acompanhado do illustrado corpo docente.

Reatou o Instituto suas antigas relações com as bibliothecas, universidades e livrarias allemãs, tendo já recebido dellas várias obras de valor, destacando-se a do eminente ethnologo professor Theodor Koch Grumberg, intitulada — *Vom Roroima zum Orinoco*, 1° vol., resultado de suas viagens ao Norte da America Meridional, de 1911 a 1913. Com os estabelecimentos congeneres dos paizes americanos continúa o Instituto a manter a maior solidariedade.

O cadastro social é, neste momento, o seguinte: — Presidentes honorarios, 5; socios grandes-benemeritos, 4; havendo uma vaga que só póde ser preenchida, nos termos dos Estatutos, pelo socio benemerito que tiver no minimo 20 annos de serviços na Directoria ou nas commissões permanentes; socios benemeritos, 27, havendo um excesso de septe; socios honorarios, 19, havendo uma vaga; socios effectivos, 54, havendo um excesso de 24 socios; socios correspondentes, 65, havendo um excesso de 40.

Para normalizar os quadros sociaes, estabeleceram os actuaes Estatutos que de cada duas vagas que occorrerem entre os socios benemeritos, effectivos e correspondentes, só será preenchida uma.

Perdeu o Instituto no anno decorrido seis socios, que foram; d. Carlos Lix Klett. d. João Baptista Corrêa Nery,

dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e o principe d. Luiz de Orléans e Bragança. Ouviremos todos, dentro de poucos instantes, o que sôbre elles vai dizer o nosso provecto orador.

*

São estas as occorrencias que devia relatar. Dellas se verifica que o Instituto soube trabalhar proficuamente no anno que ora termina, merecendo distincções excepcionaes e mantendo assim com honra o que com honra nos foi legado." (*Palmas.*)

Acto continuo o SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA concede a palavra ao orador perpetuo do Instituto, DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO, que, da tribuna, profere este discurso:

— « Exmo. sr. presidente da Republica, sr. prseidente e dignos confrades do Instituto, exmas. sras., meus srs.

E' chegada a hora de pagar o Instituto, pela minha voz, o tributo que devemos á memoria dos saudosos companheiros que se foram, arrebatados pelo braço inexoravel da morte durante o anno social, que hoje se conclue. Fallarei em nome da nossa Companhia e tambem em nome da Patria, porque todos elles ou amaram o Brasil ou ao Brasil serviram com dedicação memoravel.

Si a minha palavra, já debilitada pelo intenso trabalho e pelos annos, não corresponder ao merito insigne desses consocios illustres, valham-me ao menos a intenção patriotica, que a anima, e a bondade incomparavel com que desde muito honrais este vosso confrade, encanecido nas luctas da vida, e nos dissabores da existencia humana. Exquecei a pallidez dos meus conceitos, para não ver no quadro que vou esboçar ante vossos olhos sinão o brilho do talento e das virtudes, com que os nossos mortos de 1920 se recommendaram á estima ou á admiração da Posteridade. Para todos elles já começou a justiça da Historia, e esta não deve, não póde ser indifferente aos serviços prestados com patriotismo e com denodo á causa nobilissima da Sciencia, da Religião e da Humanidade.

— Carlos Lix Klett, cidadão argentino e antigo consul geral de seu paiz no Rio de Janeiro, foi um patriota esclare-

cido e ao mesmo tempo um sincero e devotado amigo do Brasil; pertenceu portanto ao número dos distinctos Argentinos, que na nossa Patria não vêm sinão o alliado e amigo fiel, o admirador sincero do progresso e da opulencia economica da Republica ermã. Seus trabalhos concorreram sempre para este duplo fim altamente louvavel: dar a conhecer ao mundo as excellencias do seu torrão natal, como o fez naquella interessantissima publicação: *Estudios sobre produción, finanzas e intereses generales de la República Argentina*, com que fez a sua entrada em nosso gremio em 1901 pela mão do illustre visconde de Ouro Preto; e ao mesmo tempo intensificar as relações commerciaes, politicas e intellectuaes entre as duas grandes nações da America do Sul, como bem assignalou, por occasião de sua morte, um illustre redactor do *Jornal do Brasil*.

Antes de aqui desempenhar as funcções de consul da Argentina já representára o seu paiz no Congresso Commercial de Philadelphia em 1887, na Exposição de Paris de 1889, e na de Chicago em 1892.

Aqui nos 10 annos que passou comnosco, foi infatigavel pregoeiro das nossas riquezas e constante paladino da cordialidade entre os dous povos americanos amigos, que se completam, advogando elle e practicando aquelle célebre conceito do seu grande compatriota: "tudo nos une, nada nos separa".

A 30 de Janeiro do corrente anno perdemos esse precioso amigo, que a 6 de Dezembro de 1901 havia entrado para o Instituto Historico na qualidade de seu socio correspondente.

— Não se haviam passado 48 horas, e recebiamos aqui a triste nova do fallecimento de um dos luminares da Egreja brasileira. No dia 1° de Fevereiro de 1920 apartou-se do número dos vivos d. João Baptista Corrêa Nery, bispo de Campinas, — prelado de formoso talento e cidadão emerito pelo ardente patriotismo que o distinguia.

Nascido nessa mesma cidade de Campinas a 6 de Outubro de 1863, fez o curso theologico no Seminario de S. Paulo, tomou ordens de presbytero a 11 de Abril de 1886, e, encetando a carreira apostolica com zêlo e excelsa virtude, viu-se dentro em pouco cercado de respeito e admiração. Dez annos depois a Sancta Sé, conhecedora do seu raro merito, elevou-o

ao Episcopado, entregando-lhe o govêrno espiritual do Bispado do Espirito Sancto. Transferido em 1901 para a diocese de Pouso Alegre e pouco depois para a de Campinas, alli se abriu para o intelligente principe da Egreja um vasto campo de acção doutrinaria e patriotica.

Os interesses espirituaes de suas ovelhas e os interesses da Patria preoccuparam-no por egual. Neste particular foram dignos de alto louvor os seus exforços pelo preparo militar da mocidade, promovendo nos collegios religiosos de sua diocese a formação dos batalhões escholares, prégando a necessidade de adextrar os moços nesses exercicios, que tinham a dupla vantagem de lhes aprimorar a fôrça physica e de os preparar para quaesquer emergencias da defesa nacional. Dest'arte dava ao seu clero um exemplo e uma licção preciosa, estimulando-o a tomar parte activa na realização de um programma, que felizmente encontrou imitadores e que se generalizou com brilhantismo no Brasil.

Brasileiro devotado, d. João Nery revelou ainda em outras circunstancias o seu acendrado patriotismo.

Quando os acontecimentos levaram nosso paiz a tomar parte na tremenda guerra européa, que tão tristemente repercutiu no mundo inteiro, é sabido que o Governo brasileiro, no intuito de acudir á premente necessidade das nações alliadas, appellou para o paiz, pedindo a intensificação da lavoura e a collaboração de todos os braços nesta grande obra de auxilio aos paladinos da civilização. Pois bem; o appello do Governo não encontrou auxiliar mais enthusiasta do que o preclaro bispo de Campinas: ei-lo sem detnora a intervir com sua palavra e seu conselho, estimulando o povo paulista a multiplicar a producção agricola, que de facto se avolumou. E a exportação brasileira, todos o sabemos, com esse e com muitos outros contingentes, assumiu proporções notaveis, que a Estatistica regista.

O nosso Instituto teve o prazer e a honra de inscrever d. João Nery ná categoria de seus socios em 1909. Serviram-lhe aqui de credenciaes as duas Cartas pastoraes, que publicou: uma despedindo-se da Diocese do Espirito Sancto, outra ao deixar a Diocese de Pouso Alegre,

Podia parecer ao primeiro lancear d'olhos que faltassem a taes documentos os predicados necessarios para justificar a admissão do illustre bispo a esta Companhia. Engano. Na primeira dessas pastoraes ha um appendice historico de grande valor sôbre o Estado do Espirito Sancto, e na segunda o insigne prelado discorreu sôbre Geographia e Historia do Sul de Minas Geraes, com a auctoridade de quem observou e viu com olhos de patriota e sabio.

O illustre bispo de Campinas, orador eloquente, escriptor de merito, cura de almas vigilante, Brasileiro da mais fina tempera, deixou portanto nos annaes da Religião e da Historia um nome, que será sempre proferido com grande respeito e profunda saudade.

— Corriam ainda os dias de Fevereiro; outra vez batia a morte ás portas do Instituto. Era o senador Rivadavia da Cunha Corrêa, que por sua vez pagava o inexoravel tributo, fechando os olhos á luz e transpondo os umbraes da Eternidade.

Nasceu o nosso consocio em Sanct'Anna do Livramento, no Rio Grande do Sul, a 9 de Julho de 1866, tendo por progenitores José Bento Corrêa e d. Anna da Cunha Corrêa, que alli mesmo, no torrão natal, o prepararam para ir cursar em S. Paulo a Faculdade Juridica. Graduado em 1887 por essa Faculdade, o dr. Rivadavia era já conhecido como estrenuo jornalista, pois desde os bancos academicos pleiteara na imprensa com ardor os ideaes abolicionistas e republicanos ao lado de Falcão Junior, Horacio de Carvalho, Raul Pompeia e Coelho Netto.

Esta propaganda activa abriu-lhe as portas do scenario politico, depois de inaugurada a Republica em 1889: primeiro, como membro da Constituinte e da Assembléa Legislativa de S. Paulo, depois como representante do Rio Grande do Sul no Congresso Nacional desde 1895 até 1910, salvo um curto periodo de afastamento voluntario.

Durante a presidencia do sr. marechal Hermes da Fonseca exerceu o dr. Rivadavia os cargos de ministro do Interior e ministro da Fazenda; em 1914, o presidente sr. dr. Wenceslau Braz confiou-lhe a Prefeitura do Districto Federal, alto cargo do qual se apartou o meu illustre patricio em 1916,

quando foi eleito senador pelo seu Estado natal. Foi nesta posição que a morte o veio colher quasi innopinadamente, em Petropolis, na tarde de 9 de Fevereiro proximo passado.

Nas altas e distinctas posições politicas e administrativas, em que foram postos á prova o talento e a competencia do dr. Rivadavia não poderei de certo, fallando em nome da Verdade, da Justiça e da Historia, exaltar toda a sua obra; mentiria á minha consciencia e me mostraria indigno portanto da posição que tão benevolamente me confiou esta honrada e benemerita Companhia.

A' grande reforma do ensino secundario e superior, a chamada *Lei Organica* que elle assignou em 1911 como ministro do Interior, e da mesma fórma a remodelação por que fez passar o ensino normal, profissional e primario, quando prefeito do Districto Federal em 1915, falharam positivamente aos intuitos do legislador, embaraçaram o progresso real destes departamentos do serviço público e crearam difficuldades que o tempo veio mostrando em todo a sua nudez. Não ha nega-lo.

Mas com esses programmas novos e ousados, filhos certamente da orientação philosophica do ministro e do seu enthusiasmo pela organização didactica de outros povos, diversos do nosso pela cultura, pela indole e pelas tradições, — com essas reformas radicaes e intempestivas, repito, alguma cousa de aproveitavel e bom, pôde permanecer, e estou certo permanecerá. Seja dicto em sua honra, e ella não é pequena. Qual é o homem público que no exercicio de altas funcções e na resolução de graves problemas se póde jactar de haver sempre attingido á perfeição? Não o permitte a contingencia humana. Com os melhores intuitos erramos muitas vezes.

Nosso consocio o dr. Rivadavia Corrêa, induzido por sentimentos liberaes e descentralizadores, foi victima de illusões; mas, como já se exprimiu um dos seus biographos e amigos, teve "coragem de pensamento e coherencia de eschola".

E' quanto basta para honrarmos a sua memoria, nós que a 4 de Maio de 1912 o fizemos socio honorario do Instituto Historico em attenção a outros serviços que prestou á sua Patria.

— O dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, filho do dr. Ernesto Augusto de Araujo Viana e de d. Marianna da

Cunha Vasconcellos de Araujo Viana, neto do illustre e sempre lembrado marquez de Sapucahí, que presidiu com lustre a nossa Companhia por longos annos, nasceu nesta Capital a 28 de Maio de 1852.

Formado em sciencias physicas e naturaes pela antiga Eschola Central, exerceu cargos de Engenharia no vizinho Estado do Rio de Janeiro, trabalhou na Inspectoria de Terras e Colonização, e por último dedicou a sua actividade ao magisterio, professando na cadeira de Historia e Theoria de Architectura da nossa Eschola de Bellas-Artes.

Convidado para fazer aqui no Instituto um curso sôbre Artes plasticas no Brasil, desempenhou-se em 1915 deste encargo com brilhantismo e competencia. Esse valioso trabalho deu-lhe entrada no nosso gremio, que o elegeu em 1916 socio effectivo; taes licções se acham publicadas no tomo 78 da nossa *Revista* e hão de ser sempre lidas com maximo prazer por quantos cultivam a Historia da Arte no Brasil.

Suas obras, entretanto, na especialidade da Engenharia, já o recommendavam ao apreço dos scientistas, quando entrou para as nossas fileiras. Publicara de facto apreciadas monographias sôbre assumptos geodesicos, e entre outras uma memoria intitulada *Le niveau à miroir horizontal perfectionné*, em que o illustre engenheiro descreveu um instrumento de sua invenção.

Foi assiduo collaborador de revistas e jornaes scientificos; na *Renascença*, na *Revista dos Constructores*, na *Noticia* e em outras folhas diarias tractou de assumptos varios, sendo sempre de sua particular predilecção as questões de Arte retrospectiva.

Pertenceu Araujo Viana ao Instituto Polytechnico, ao Club de Engenharia, á Sociedade de Geographia de Lisboa; como membro do nosso Instituto tive eu proprio a honra de o receber na sessão de 13 de Maio de 1916, em que o ouvimos discorrer com brilho sôbre a personalidade de seus illustres avós: o marquez de Sapucaí e o visconde de Alcantara.

Quando por iniciativa do Instituto Historico aqui se fundou em 1915 a Eschola de Altos Estudos, pouco depois transformada em Faculdade de Philosophia e Lettras, o nosso distin-

cto consocio foi logo convidado para uma cadeira de professor, e nella teria sem dúvida revelado sua notoria competencia, si as circunstancias o houvessem permittido. Era um estudioso, e si a morte o não houvera colhido tão cedo a 14 de Fevereiro proximo passado, muitos e sazonados fructos teria dado ao Instituto Historico, que por minha voz lhe tributa esta saudosa homenagem.

— O conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque era do grupo dos veteranos da nossa Companhia. Nascido em 1847 na então Provincia da Bahia, enveredou pelo estudo do Direito logo que teve o espirito preparado pelo curso de Humanidades, que naquelle tempo se fazia com apuro e sem a preoccupação funesta das carreiras vertiginosas, que em regra só dão incompetencia e philaucia.

Na Faculdade Juridica do Recife apparelhou-se para o futuro, e alli tomou o grau de bacharel em 1872.

Seduziu-o logo cedo o exercicio da Magistratura, apostolado dos mais nobres, e que estava de pleno accôrdo com o seu character ponderado, calmo e de notoria sisudez.

Iniciou esta carreira como promotor e juiz municipal na comarca de Jacobina. Promovido a juiz de Direito, serviu em Pastos Bons, no Maranhão, em S. José do Mipibú, no Rio Grande do Norte, e em Nazareth, na Bahia.

Graças aos predicados notaveis revelados nesta judicatura, o paiz reclamou seus serviços nas chefaturas de Policia da Parahiba, do Paraná, e da sua provincia natal. O premio pelo feliz desempenho de taes commissões ordinariamente penosas não devia demorar-se: foi promovido a desembargador da Relação de Goiaz, e dalli transferido para a da Bahia.

Inaugurado o novo regime, a tradição de cultura e de honradez que accompanhava o integro juiz desde sua mocidade elevou-o a conselheiro do Tribunal de Apellação e Revista da Bahia, merecendo alli de seus pares a escolha para a presidencia do referido Tribunal, cargo que por alguns annos exerceu até que lhe foi dada a merecida aposentadoria.

Na Bahia, e na qualidade de presidente do seu Instituto Geographico e Historico, teve o desembargador Salvador Pi-

res occasião de promover a celebração do bi-centenario da morte do grande e inolvidavel padre Antonio Vieira; a 11 de Julho de 1897 pronunciou alli um notavel discurso em homenagem ao immortal Jesuita, que tanto dignificou a tribuna sagrada e a Historia da lingua portugueza como os annaes da Catechese no Brasil.

Esse discurso foi titulo bastante para que em 1902 o nosso Instituto abrisse suas portas ao venerando magistrado bahiano.

Aqui o vimos muitas vezes, já enfraquecido e coberto de cans, accompanhando os nossos trabalhos com visivel interesse; si já lhe escasseavam as fôrças para novas producções, tinha entranhado prazer em animar e applaudir os luctadores novos.

A 19 de Março o perdemos, e a Patria perdeu nelle um servidor illustre.

— Chego, sr. presidente, ao capitulo mais doloroso desta missão, que me é imposta pelo dever; mais doloroso, repito, porque de envolta com as homenagens do Instituto surgem as recordações saudosissimas do mestre e amigo, que durante septe annos de constante convivio pôde aquilatar com segurança quanto no illustre e amado discipulo havia de talento e de character.

Refiro-me, senhores, ao principe d. Luiz de Orléans e Bragança, segundo filho da princeza d. Isabel e do senhor conde d'Eu, neto do benemerito ex-imperador d. Pedro II, e nosso socio honorario desde 1903.

Nasceu o principe d. Luiz em Petropolis a 26 de Janeiro de 1878.

Quando em 1882 tive a honra de ser chamado ás funcções de preceptor dos filhos da serenissima princeza imperial, approximava-se d. Luiz da edade de 5 annos, seu ermão mais velho d. Pedro attingira a de 7, e o mais moço d. Antonio mal entrara na vida. E' claro que só aos dous principes mais velhos tinha de prestar por enquanto particular attenção.

São passados, senhores, muitos annos desde aquella data, para mim, memoravel na vida, em que por gratidão ao imperador deliberei encerrar o livro da minha carreira pública de

director da Bibliotheca Nacional e professor da Faculdade de Medicina para assumir um posto de tamanha responsabilidade. São passados muitos annos; guardo todavia com perfeita nitidez na memoria o quadro do primeiro encontro em Petropolis com os meus jovens e novos discipulos. D. Pedro, o principe primonegito, acolheu-me affavel, benigno e risonho; d. Luiz, reservado, sisudo e, quasi se póde dizer, com uma gravidade que não condizia com seus verdes annos. Estava alli o germe de um pensador, de um homem reflectdio, que não se curva ante as primeiras impressões tanta vez enganadoras.

Iniciada cautelosamente a minha ardua e melindrosa tarefa, cumpria conquistar aquelle coração, inocular-me na estima do singular discipulo, arredar de seu espirito a possivel desconfiança que lhe inspirava este desconhecido pedagôgo, destinado a interromper a cadeia encantadora dos seus folguedos da infancia.

Não foi difficil esta campanha de seducção: em breve eramos bons e prezados amigos.

Referir-vos o prazer que senti ao iniciar as licções, e como esse prazer foi crescendo com o tempo, á proporção que a lucida intelligencia do augusto menino se desenvolvia, servida e auxiliada por uma firme attenção a tudo quanto o mestre lhe dizia ou lhe mostrava, já nos livros, já nos mappas, já na propria natureza, nesta nossa natureza tão prodiga de belleza e de prodigios; — referir-vos por menor os encantos desta missão é de certo para todos vós inutil, porque facilmente os comprehendeis. Ensinar é a mais bella cousa da vida, porque illumina o presente e projecta luz no futuro; mas ensinar a quem soffregamente anceia por saber e quasi adivinha o que o mestre deixa entrever de longe, essa é a delicia suprema da Pedagogia.

Similhante prazer não o gosei só eu.

Em 1887, experimentaram-no egual os professores do 1º anno do Collegio Pedro II, em que d. Luiz se matriculou por desejo muito louvavel da Familia Imperial, e em cujos exames obteve sem favor a nota de Distincção.

De 1888 em deante tive no meu encargo por auxiliar o companheiro no ensino o inolvidavel coronel Manuel Cursino

Peixoto de Amarante, talento distincto e um dos characteres mais puros que já encontrei na vida. Para elle tambem foi uma delicia ensinar o esperançoso filho da senhora d. Isabel.

Em poucas palavras poderei resumir o que o nosso trabalho produziu cultivando aquella planta rara.

Aos 11 1|2 annos de edade, quando os successos de 1889 trouxeram o novo regime, o principe d. Luiz conhecia mui regularmente a lingua patria e a franceza, iniciara o estudo da allemã, tinha noções adeantadas de Geographia geral e da do Brasil, devassara toda a Historia Sagrada, conhecia os episodios capitaes da Historia brasileira e generalidades de Historia natural, de Physica e de Desenho; sabia com segurança a Arithmetica e começava o estudo da Algebra.

Não era possivel desejar mais, de uma criança, á qual se davam horas indispensaveis de repouso e folguedo, ao lado de passeios e exercicios physicos, que a boa educação da mocidade reclama como absolutamente necessarios.

Tudo presagiava, pois, o exito mais feliz, e o tempo veio mostra-lo.

Chegou, porém, o dia 15 de Novembro de 1889, e a revolução estalou no Rio de Janeiro. Para afastar meus caros discipulos do theatro da lucta, cujas consequencias no primeiro momento era difficil prever, offereci-me a seus amorosos paes, naturalmente inquietos, para conduzir os principes para Petropolis, onde a salvamento chegámos na tarde desse dia, e onde permanecemos até a manhan de 17, quando, avisada da partida e do exilio da Familia Imperial, tive de os trazer apressadamente para o Rio e os entreguei a seus paes afflictissimos a bordo da corveta *Parnahiba*.

E alli, perante uma scena dolorosa, que nunca poderei exquecer, alli entre lagrimas nos apartámos. Deixai-me accrescentar. Tenho consciencia plena de haver cumprido o meu dever até o derradeiro instante, o meu dever de amigo e de Brasileiro; de amigo que pretendeu e exforçadamente trabalhou por aprimorar a educação de futuros imperantes da minha Patria; de Brasileiro fiel, que antepoz a todas as considerações de estima agradecida o amor supremo a esta terra, em que teve a fortuna de abrir os olhos á luz, e da qual não se quiz apartar.

O meu querido Brasil abrira os braços á Democracia, talvez um pouco prematuramente, porque lhe escasseava ainda o fundamento solido em que ella prospéra — a educação do povo; mas abrira os braços ao novo regime.

Cumpria aos patriotas servi-lo com devotamento e amor para minorar os perigos da aventura, si possivel fosse. Depois de Deus, *Patria, super omnia.*

Mas é tempo de accompanhar os passos do querido principe d. Luiz.

Segue no *Alagoas*, rumo da Europa, a Famila Imperial. O principe continúa na Europa seus estudos tão esperançosamente iniciados. matricula-se depois numa Eschola militar austrica. onde faz brilhante curso, viaja, publica interessantissimos livros como *Dans les Alpes, Tour d'Afrique, À travers l'Hindo-Kush*, cheios de observação intelligente.

Em 1907, emprehendeu d. Luiz viagem á America do Sul a bordo do paquete *Amazone*, que no dia 12 de Maio aqui esteve ancorado por horas na bahia do Rio de Janeiro. Como era de rigor, as auctoridades brasileiras não consentiram no desembarque do principe; isso lhe foi dolorosissimo, mas era inevitavel deante das exigencias da lei, e assim resolveu o proprio Supremo Tribunal Federal, recusando a ordem de *habeas-corpus* então requerida pelo illustre advogado sr. dr. José da Silva Costa.

Dias depois, em Santos tambem lhe foi vedado desembarcar. O *Amazone* seguiu rumo do Sul.

D. Luiz visitou por essa occasião a Argentina, o Chile, o Perú e a Bolivia; atravessou de novo o continente, desceu de La Paz á fronteira brasileira; de Porto Suarez veio pelo rio Paraguai até Buenos-Ayres, e voltou á Europa, sem ter podido gosar sinão de longe os encantos desta Natureza, acêrca da qual escreveu estas palavras: "não ha no mundo mais bella, nem luz mais loura, nem mar mais azul".

A descripção desta viagem, que tão de perto lhe fallou ao coração, está no livro por elle publicado em 1912 sob o titulo — *Sous la Croix du Sud* —, do qual se fez uma versão portugueza, revista pelo sr. dr. S. C. Mello de Resende.

D. Luiz, de regresso á Europa, desposou a 4 de Novembro de 1908 a princeza d. Maria Pia de Bourbon, filha dos

condes de Caserta e princeza das Duas Sicilias. Deste feliz consorcio vivem tres filhos, d. Pedro, d. Luiz e d. Pia.

Chegaram, finalmente, os lugubres dias de 1914, em que irrompeu a funesta e estupenda guerra européa, destinada a abalar o mundo.

Ao preclaro e nobre principe patricio, só podia caber o papel de pugnar pela causa da Civilização, do Direito e da Justiça, e elle a abraçou convicto, denodado, heroico. Alistado nas fileiras do Exercito inglez, acudiu ás trincheiras como brioso militar e alli soffreu com os alliados todos os horrores dessa campanha feroz, titanica e gloriosa.

Mas foi enorme o sacrificio realizado. Na rude faina, seu organismo, apesar de robusto, não resistiu ás inclemencias e adquiriu os germes de uma enfermidade que veio depois a cortar-lhe o fio da preciosa vida, a 26 de Março de 1920. Neste dia, srs., posso e tenho razões para o dizer, apagou-se a luz de um grande espirito e se desfez á porta do tumulo a rijeza de nobilissimo character.

Criticarão alguns a intransigencia do filho da excelsa e benemerita princeza sra. d. Isabel, que ainda em 1912, escrevendo a um distincto amigo, mantinha sua pretenção dynastica ao throno do Brasil, e declarava "que o seu dever *era ficar perpetuamente* ás ordens da Divina Providencia e á disposição da Patria para ser nos momentos de crise o seu supremo recurso, o seu instrumento de unidade, cohesão e grandeza".

Quanto a mim, perdôo-lhe essa intransigencia, filha de preconceitos atavicos, que não é facil desarraigar, e filha tambem (porque não dize-lo?) do ardoroso patriotismo, com que julgava poder um dia oppôr barreira á desaggregação da Patria, e portanto ao seu enfraquecimento e á sua ruina, deante dos erros da Administração e da Politica, que por vezes parecem compromettet o seu futuro.

Quanto a mim, reconhecendo essa illusão, a perdôo; a intenção era nobre e patriotica.

Não sou dos que desconhecem as agruras do presente nem as difficuldades que embaraçam o progresso do meu amado Brasil. Mas sobra-me confiança nos inexhauriveis

recursos deste abençoado sólo, e ainda não descri do patriotismo nem do talento dos Brasileiros, que hão de conseguir vencer as angustias da crise produzida por causas mundiaes, a que o tempo, a constancia e a firmeza nos bons principios economicos darão certamente remedio.

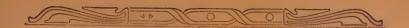
Os distinctissimos e amaveis soberanos da Belgica que, acompanhados por homens de alto valor, acabam de honrar o nosso paiz com sua gentil visita, apreciaram as magnificencias da nossa bella capital, o visivel progresso do Estado do Rio, de Minas Geraes e de S. Paulo, onde, ao lado das exuberancias da nossa prodigiosa Natureza, admiraram tambem o exfôrço do homem, a organização do trabalho, os fructos da educação popular, a actividade de nossas fábricas e officinas, a cultura dos nossos scientistas e homens de lettras, o empenho vivo com que a nossa geração labuta pelo progresso, pela riqueza nacional e pela resolução mais ou menos feliz de todos os problemas, que se agitam num paiz novo e fartamente dotado pela Providencia.

Desta preciosa visita, a que o nosso Govêrno e o nosso povo fizeram as honras devidas com uma solicitude e uma espontaneidade admiraveis, — della ha de resultar certamente entre outros beneficios, a divulgação do nosso progresso e o reconhecimento de que alguma cousa já valemos entre as potencias do Mundo, apesar da nossa juventude como povo autonomo.

E' doloroso que já não viva o meu querido discipulo d. Luiz, socio honorario deste benemerito Instituto, para ouvir do sympathico e intelligente rei Alberto a narrativa do que este pôde ver e apreciar nas terras illuminadas pelo Cruzeiro do Sul, e ficar sabendo que, mercê de Deus, não se approxima "a hora do supremo recurso", e que mercê de Deus não correm perigo "a unidade, a cohesão e a grandeza" da Patria.

A Providencia que nos dera em horas criticas um imperador como o saudoso Pedro II, illustrado, honestissimo e patriota, cujos restos vão felizmente voltar á sua amada terra brasileira; a Providencia que nos deu uma princeza imperial, magnanima e capaz de arriscar o seu throno pela causa sancta e nobilissima da libertação de uma raça; a Providencia, que

Albuquerque Filho, Alvaro Rodrigues, pela viuva Rivadavia Corrêa; Pedro Jatahy, Waldemar Ramiz Wright, Albino Costa, José Vaz do Amaral, dr. Antonio Claro, pelo Gabinete Portuguez de Leitura: Gil Costa, pelo *O Jornal;* Arinos Pimentel, pelo *Jornal do Brasil;* João de Sousa Laurindo, pelo *Correio da Manhã,* etc.

ANNEXOS

ADMINISTRAÇÃO EM 1922

DIRECTORIA (art. 21 dos Estatutos)

PRESIDENTE PERPETUO

Conde de Affonso Celso.

1º SECRETARIO PERPETUO

Max Fleiuss.

ORADOR PERPETUO

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

2º SECRETARIO

Agenor de Roure.

THESOUREIRO

Dr. Norival Soares de Freitas.

VICE-PRESIDENTES (art. 22 dos Estatutos)

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva.

2º VICE-PRESIDENTE

Dr. Augusto Tavares de Lyra.

3º VICE-PRESIDENTE

Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes.

Cadastro dos socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 31 de Maio de 1922

ORDEM — NOME — DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO — RESIDENCIA

Presidentes honorarios

1. Conde d'Eu, 16 de Septembro de 1864. Eu (Seine Inférieure), França.

2. Dr. Nilo Peçanha, 27 de Novembro de 1909. Rio de Janeiro.

3. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, 21 de Novembro de 1911. Rio de Janeiro.

4. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, 15 de Dezembro de 1915. Itajubá (Minas Geraes).

5. Dr. Epitacio da Silva Pessôa (socio em 29 de Março de 1901, presidente honorario em 11 de Outubro de 1919. Rio de Janeiro.

Socios grandes benemeritos (5)

1. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, 16 de Agosto de 1872. Rio de Janeiro.

2. Conde de Affonso Celso, 2 de Dezembro de 1892. Rio de Janeiro.

3. Max Fleiuss, 3 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.

4. Vago.

5. Vago.

Nota — Ha nessa classe duas vagas.

Socios benemeritos (25)

1. Barão de Teffé, 27 de Outubro de 1882. Rio de Janeiro.

2. Almirante José Candido Guillobel, 24 de Novembro de 1882. Rio de Janeiro.

3. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, 7 de Dezembro de 1883. S. Paulo.

4. Professor João Capistrano de Abreu, 19 de Outubro de 1887. Rio de Janeiro.

5. Almirante Arthur Indio do Brasil, 31 de Agosto de 1888. Rio de Janeiro.

6. Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, 12 de Dezembro de 1890. Rio de Janeiro.

7. Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, 12 de Dezembro de 1890. Rio de Janeiro.

8. Barão de Studart, 20 de Maio de 1892. Fortaleza (Ceará).

9. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, 4 de Maio de 1894. Rio de Janeiro.

10. Dr. Manuel de Oliveira Lima, 11 de Agosto de 1895. Washington (Estados Unidos da America).

11. Cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, 31 de Outubro de 1897. Rio de Janeiro.

12. Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, 12 de Outubro de 1899. Rio de Janeiro.

13. Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 12 de Dezembro de 1899. Rio de Janeiro.

14. Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, 26 de Outubro de 1960. Rio de Janeiro.

15. Dr. Epitabio da Silva Pessôa, 29 de março de 1901. Rio de Janeiro.

16. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 24 de Outubro de 1902. S. Paulo.

17. Dr. Theodoro Sampaio, 24 de Outubro de 1902. Cidade do Salvador (Bahia).

18. Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, 9 de Dezembro de 1904. Tampico (Mexico).

19. Dr. José Joaquim Seabra, 28 de Abril de 1905. Cidade do Salvador (Bahia).

20. Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, 28 de Abril de 1905. Rio de Janeiro.

21. Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 21 de Julho de 1905. Rio de Janeiro.

22. Dr. Clovis Bevilaqua, 15 de Outubro de 1905. Rio de Janeiro.

23. Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, 20 de Maio de 1907. Rio de Janeiro.

24. Dr. José Carlos Rodrigues, 10 de Junho de 1907. Rio de Janeiro.

25. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 16 de Septembro de 1907. Rio de Janeiro.

26. Vice-almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, 3 de Outubro de 1910. Rio de Janeiro.

27. Dr. Homero Baptista, 26 de Agosto de 1911. Rio de Janeiro.

Nota — Ha nesta classe o excesso de dous socios.

Socios honorarios (20)

1. Dr. d. Estanisláo S. Zeballos (*) (×), 7 de Dezembro de 1883. Buenos-Ayres (Republica Argentina).

2. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo, 2 de Agosto de 1889. Vienna (Austria).

3. D. Enrique Moreno (*), 13 de Septembro de 1889. Buenos-Ayres (Republica Argentina).

4. Dr. Christiano Frederico Seybold (*) (×), 1 de Junho de 1894. Allemanha.

5. D. Jeronymo Thomé da Silva, 25 de Julho de 1897. Cidade do Salvador (Bahia).

6. D. Francisco do Rego Maia, 25 de Julho de 1897. Roma (Italia).

7. Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia (*), 15 de Maio de 1898. Rio de Janeiro.

8. Dr. Paulino José Soares de Sousa, 10 de Junho de 1898. Rio de Janeiro.

9. General dr. Innocencio Serzedello Corrêa, 8 de Dezembro de 1899. Rio de Janeiro.

10. D. Pedro de Orléans e Bragança, 22 de Junho de 1900. França.

11. Dr. José Francisco da Rocha Pombo, 3 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.

12. Dr. Eduardo Müller (*) (×), 10 de Dezembro de 1900. Suissa.

13. Dr. João Mendes de Almeida Junior, 23 de Agosto de 1901. Rio de Janeiro.

14. Conselheiro Ruy Barbosa, 23 de Maio de 1902. Rio de Janeiro.

O signal (*) indica que o socio é extrangeiro.

O signal (×) indica que o socio não tomou posse.

15. Alberto dos Santos Dumont, 11 de Septembro de 1903. Rio de Janeiro.

16. Barão de Muritiba, 12 de Agosto de 1904. Paris (França).

17. D. João Braga (×), 21 de Julho de 1905. Curitiba (Paraná).

18. Dr. João Pandiá Calogeras, 18 de Septembro de 1905. Rio de Janeiro.

19. Marechal Emygdio Dantas Barreto, 29 de Agosto de 1908. Rio de Janeiro.

20. Dr. d. Julio Fernandez (*), 4 de Maio de 1912. Buenos-Ayres (Republica Argentina).

21. Dr. Lauro Severiano Müller (×), 4 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

22. Dr. Erico Marinho da Gama Coelho, 13 de Maio de 1916. Rio de Janeiro.

23. Edwin Vernon Morgan (*) (×), 27 de Agosto de 1917. Rio de Janeiro.

24. Dr. Antonio Borges Leal Castello Branco, 30 de Septembro de 1918. Rio de Janeiro.

25. Clemente L. Fregeiro (*) (×), 28 de Junho de 1920. Buenos-Ayres (Republica Argentina).

26. Dr. Justo Leite Chermont (×), 28 de Junho de 1920. Rio de Janeiro.

27. Dr. André Gustavo Paulo de Frontin (×), 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

Nota — Ha nesta classe o excesso de septe socios.

Socios effectivos (50)

1. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, 26 de Outubro de 1900. Rio de Janeiro.

2. Dr. Antonio Augusto de Lima, 9 de Agosto de 1901, Rio de Janeiro.

3. Dr. Eduardo Marques Peixoto, 23 de Outubro de 1903. Rio de Janeiro.

4. Coronel Jesuino da Silva Mello, 23 de Outubro de 1903. Rio de Janeiro.

5. Dr. José Pereira Rego Filho, 25 de Junho de 1906. Rio de Janeiro.

6. Professor Gastão Ruch Sturzenecker, 29 de Julho de 1907. Rio de Janeiro.

7. Dr. João Luiz Alves, 30 de Septembro de 1907. Rio de Janeiro.

8. Dr. Alexandre José Barbosa Lima, 29 de Agosto de 1908. Rio de Janeiro.

9. Dr. Norival Soares de Freitas, 5 de Outubro de 1908. Rio de Janeiro.

10. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, 20 de Agosto de 1909. Rio de Janeiro.

11. José Felix Alves Pacheco, 1º de Agosto de 1910. Rio de Janeiro.

12. Dr. Eurico de Góes, 3 de Outubro de 1910. Rio de Janeiro.

13. Dr. Pedro Souto Maior, 15 de Julho de 1911. Rio de Janeiro.

14. Dr. Alipio Gama (×), 15 de Julho de 1911. Rio de Janeiro.

15. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, 15 de Julho de 1911. Rio de Janeiro.

16. Capitão de fragata Francisco Radler de Aquino, 26 de Agosto de 1911. Rio de Janeiro.

17. Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet (×), 16 de Outubro de 1911. Rio de Janeiro.

18. Dr. Luiz Gastão de Escragnolle Doria, 4 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

19. Coronel dr. Liberato Bittencourt, 27 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

20. Dr. Afranio de Mello Franco, 27 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

21. Desembargador Ataulfo Napoles de Paiva (×), 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

22. Francisco Agenor de Noronha Santos, 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

23. Dr. Alfredo Valladão, 19 de Julho de 1912. Rio de Janeiro.

24. Capitão de fragata Raul Tavares, 23 de Agosto de 1912. Rio de Janeiro.

25. Dr. Gentil de Assis Moura, 28 de Julho de 1913. Rio de Janeiro.

26. Dr. Edgard Roquette Pinto, 4 de Agosto de 1913. Rio de Janeiro.

27. Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, 25 de Septembro de 1913. Rio de Janeiro.

28. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, 20 de Abril de 1914. Rio de Janeiro.

29. Dr. João Ribeiro, 12 de Maio de 1914. Rio de Janeiro.

30. Professor Basilio de Magalhães, 27 de Agosto de 1914. Rio de Janeiro.

31. Dr. Arthur Pinto da Rocha, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

32. Dr. Aurelino de Araujo Leal, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

33. Antonio de Barros Ramalho Ortigão, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

34. Dr. Antonio Fernandes Figueira, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

35. Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

36. Dr. Juliano Moreira, 12 de Outubro de 1915. Rio de Janeiro.

37. João de Lyra Tavares, 26 de Agosto de 1916. Rio de Janeiro.

38. Dr. João Martins de Carvalho Mourão (×), 19 de Outubro de 1916. Rio de Janeiro.

39. Agenor de Roure, 31 de Maio de 1917. Rio de Janeiro.

40. Dr. Laudelino Freire, 31 de Maio de 1917. Rio de Janeiro.

41. Dr. Henrique Morize, 10 de Junho de 1918. Rio de Janeiro.

42. Capitão de mar e guerra Thiers Fleming, 10 de Junho de 1918. Rio de Janeiro.

43. Dr. Jonathas Serrano, 24 de Maio de 1919. Rio de Janeiro.

44. Dr. Solidonio Leite, 16 de Junho de 1919. Rio de Janeiro.

45. Dr. Afranio Peixoto, 16 de Junho de 1919. Rio de Janeiro.

46. Dr. Manuel Porfirio de Oliveira Santos, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

47. General dr. José Maria Moreira Guimarães, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

48. Dr. Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

49. Dr Nuno Pinheiro de Andrade, 6 de Agosto de 1921 Rio de Janeiro.

50. Dr. Eugenio Vilhena de Moraes, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

51. Capitão-tenente Eugenio Teixeira de Castro, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

52. Carlos Miguel Delgado de Carvalho, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

53. Dr. Othello de Sousa Reis, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

54. Dr. Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

55. Primeiro tenente da Armada Carlos da Silveira Carneiro, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

56. Dr. Alfredo Gomes (×), 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

57. Dr. Mario Castello Branco Barreto, 6 de Agosto de 1921. Rio de Janeiro.

Nota — Ha nesta classe o excesso de septe socios.

Socios correspondentes (50)

1. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, 9 de Dezembro de 1886. Recife (Pernambuco).

2. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, 31 de Agosto de 1888. Bello Horizonte (Minas Geraes).

3. Rodolfo Marcos Theophilo (×), 11 de Junho de 1890. Fortaleza (Ceará).

4. João Baptista Perdigão de Oliveira (×), 19 de Junho de 1891. Fortaleza (Ceará).

5. Dr. Argemiro Antonio da Silveira (×), 3 de Septembro de 1891. S. Paulo.

6. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1º de Junho de 1894. Minas Geraes.

7. João Lucio de Azevedo (×), 31 de Março de 1895. Lisboa (Portugal).

8. Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, 25 de Agosto de 1895. S. Paulo.

9. Coronel Raimundo Ciriaco Alves da Cunha (×), 20 de Outubro de 1895. Belém (Pará).

10. Dr. Henrique Americo de Sancta Rosa (×), 15 de Agosto de 1896. Belém (Pará).

11. André Peixoto de Lacerda Werneck, 13 de Dezembro de 1895. Padua (Estado do Rio de Janeiro).

12. D. Joaquim Silverio de Sousa (×), 19 de Septembro de 1897. Diamantina (Minas Geraes).

13. Coronel Honorio Lima, 10 de Novembro de 1899. Estado do Rio de Janeiro.

14. Dr. Antonio Zepherino Candido (*), 24 de Novembro de 1899. Lisboa (Portugal).

15. Dr. Ermelino Agostinho de Leão (×), 10 de Dezembro de 1900. Curitiba (Paraná).

16. Dr. d. Manuel B. Otero (*) (×), 24 de Maio de 1901. Montevidéo (Uruguai).

17. Dr. d. Susviela Guarch, 24 de Maio de 1901. Montevidéo (Uruguai).

18. Dr. Nelson de Senna, 23 de Agosto de 1901. Bello Horizonte (Minas Geraes).

19. Dr. Sebastião Paraná de Sá Soutomaior (×), 23 de Agosto de 1901. Curitiba (Paraná).

20. Horacio de Carvalho (×), 18 de Outubro de 1901. S. Paulo.

21. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, 18 de Outubro de 1901. S. Paulo.

22. Dr. d. Ernesto Quesada (*) (×), 6 de Dezembro de 1901. Buenos-Ayres (Republica Argentina).

23. Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira (×), 22 de Maio de 1903. Santiago (Chile).

24. Dr. José Maria Pereira de Lima (*) (×), 11 de Septembro de 1903. Portugal.

25. Victor Ribeiro (*) (×), 11 de Septembro de 1903. Lisboa (Portugal).

26. José Feliciano de Oliveira (×), 19 de Fevereiro de 1904. Paris (França).

27. Alberto Pimentel (*) (×), 23 de Junho de 1905. Lisboa (Portugal).

28. Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, 4 de Dezembro de 1905. Estado do Rio de Janeiro.

29. Dr. Diogo de Vasconcellos, 4 de Dezembro de 1905. Ouro Preto (Minas Geraes).

30. Dr. Bernardino Machado Guimaraes (*) (×), 9 de Julho de 1906. Lisboa (Portugal).

31. Dr. d. Daniel Garcia Acevedo (*) (×), 3 de Septembro de 1906. Montevidéo (Uruguai).

32. Dr. Adolfo Augusto Pinto, 20 de Maio de 1907. S. Paulo.

33. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, 29 de Agosto de 1908. S. Francisco do Sul (Santa Catharina).

34. Fernando A. Georlette (×), 24 de Maio de 1909. Antuerpia (Belgica).

35. Dr. d. Ramón J. Cárcano (*), 1º de Agosto de 1910. Cordova (Republica Argentina).

36. Dr. Justo Jansen Ferreira (×), 22 de Junho de 1911. S. Luiz (Maranhão).

37. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 22 de Junho de 1911. Cidade do Salvador (Bahia).

38. Dr. Henry R. Lang (*) (×), 22 de Junho de 1911. Cambridge (Estados Unidos da America).

39. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, 23 de Septembro de 1911. S. Paulo.

40. Dr. José Salgado (*) (×), 10 de Outubro de 1911. Montevidéo (Uruguai).

41. Dr. Washington Luis Pereira de Sousa (×), 4 de Maio de 1912. S. Paulo.

42. Dr. Helio Lobo, 6 de Junho de 1912. New-York (Estados Unidos da America).

43. Dr. Alberto Rangel, 6 de Junho de 1912. Paris (França).

44. Dr. Nicoláo José Debbané, 23 de Agosto de 1912. Cairo (Egypto).

45. Dr. Eugenio de Andrada Egas, 28 de Julho de 1913. S. Paulo.

46. Fidelino de Figueiredo (*), 28 de Julho de 1913. Lisboa (Portugal).

47. Affonso A. de Freitas (×), 12 de Maio de 1914. S. Paulo.

48. Dr. d. Lucas Ayarragaray (*), 23 de Maio de 1914. Buenos-Ayres (Republica Argentina).

49. Antonio de Portugal de Faria (visconde de Faria) (*) (×), 23 de Maio de 1914. Genebra (Suissa).

50. José Ribeiro do Amaral (×), 27 de Agosto de 1914. S. Luiz (Maranhão).

51. Dr. Alberto Lamego (×), 28 de Julho de 1915. Campos (Estado do Rio de Janeiro).

52. D. Juan José Biédma (*) (×), 12 de Outubro de 1915. Buenos-Ayres (Republica Argentina).

53. Dr. Annibal Velloso Rebello, 12 de Outubro de 1915. Havana (Ilha de Cuba).

54. D. Silverio Gomes Pimenta (×), 31 de Maio de 1917. Marianna (Minas Geraes).

55. Dr. Jeronymo de Avelar Figueira de Mello, 31 de Maio de 1917. Santiago (Chile).

56. Dr. Mario Carneiro do Rego Mello (×), 31 de Maio de 1917. Recife (Pernambuco).

57. Dr. Roberto Lehmann-Nitsche (*) (×), 31 de Maio de 1917. La-Plata (Republica Argentina).

58. Dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger (×). 15 de Outubro de 1919. Vassouras (Estado do Rio de Janeiro).

59. Dr. José Arthur Boiteux (×), 28 de Junho de 1920. Florianopolis (Santa Catharina).

60. Dr. Bernardino José de Sousa (×), 6 de Agosto de 1921. Cidade do Salvador (Bahia).

61. Padre Carlos Teschauer, S. J. (*) (×), 6 de Agosto de 1921. Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

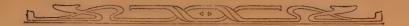
62. Padre J. B. Hafkemeyer, S. J. (*) (×), 6 de Agosto de 1931. Porto Alegre (Rio Grande do Sùl).

63. Primeiro tenente do Exercito Emilio Fernandes de Sousa Docca, 6 de Agosto de 1921, Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

64. Dr. José Carlos de Macedo Soares (×), 6 de Agosto de 1921. S. Paulo.

65. Dr. João de Mello Vianna (×), 6 de Agosto de 1921. Paris (França).

66. Dr. Joaquim Bensaúde (*) (×), 6 de Agosto de 1921. Paris. (França).

Ha nesta classe excesso de 16 socios.

Cadastro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro organizado por ordem chronologica em 31 de agosto de 1921

ORDEM CHRONOLOGICA — NOME — DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO

1. Conde d'Eu, 16 de Septembro de 1864, presidente honorario.

2. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, 16 de Agosto de 1872, grande benemerito.

3. Barão de Teffé, 27 de Outubro de 1882, benemerito.

4. Almirante José Candido Guillobel, 24 de Novembro de 1882, benemerito.

5. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, 7 de Dezembro de 1883, benemerito.

6. Dr. d. Estanisláo S. Zeballos (*), 7 de Dezembro de 1883, honorario.

7. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, 9 de Dezembro de 1886, correspondente.

8. Professor João Capistrano de Abreu, 19 de Outubro de 1887, benemerito.

9. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, 31 de Agosto de 1888, correspondente.

10. Almirante Arthur Indio do Brasil, 31 de Agosto de 1888, benemerito.

11. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo, 2 de Agosto de 1889, honorario.

12. D. Henrique Moreno (*), 13 de Septembro de 1889, honorario.

13. Rodolpho Marcos Theophilo, 11 de Junho de 1890, correspondente.

14. Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, 12 de Dezembro de 1890, benemerito.

O signal (*) indica que o socio é extrangeiro.

15. Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, 12 de Dezembro de 1890, benemerito.

16. João Baptista Perdigão de Oliveira, 19 de Junho de 1891, correspondente.

17. Dr. Argemiro Antonio da Silveira, 3 de Septembro de 1891, correspondente.

18. Barão de Studart, 20 de Maio de 1892, benemerito.

19. Conde de Affonso Celso, 2 de Dezembro de 1892, grande benemerito.

20. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, 4 de Maio de 1894, benemerito.

21. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1º de Junho de 1894, correspondente.

22. Dr. Christiano Frederico Seybold (*), 1º de Junho de 1894, honorario.

23. João Lucio de Azevedo (*), 31 de Março de 1895, correspondente.

24. Dr. Manuel de Oliveira Lima, 11 de Agosto de 1895, benemerito.

25. Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, 11 de Agosto de 1895, correspondente.

26. Coronel Raimundo Ciriaco Alves da Cunha, 20 de Outubro de 1895, correspondente.

27. Dr. Henrique Americo de Sancta Rosa, 16 de Agosto de 1896, correspondente.

28. André Peixoto de Lacerda Vernek, 13 de Dezembro de 1896, correspondente.

29. D. Jeronymo Thomé da Silva, 25 de Julho de 1897, honorario.

30. D. Francisco do Rego Maia, 25 de Julho de 1897, honorario.

31. D. Joaquim Silverio de Sousa, 19 de Septembro de 1897, correspondente.

32. Cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, 31 de Outubro de 1897, benemerito.

33. Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia (*), 15 de Maio de 1898, honorario.

34. Dr. Paulino José Soares de Sousa, 10 de Junho de 1898, honorario.

35. Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, 12 de Outubro de 1899, benemerito.

36. Coronel Honorio Lima, 10 de Novembro de 1899, correspondente.

37. Dr. Antonio Zepherino Candido (*), 24 de Novembro de 1899, correspondente.

38. General dr. Innocencio Serzedello Corrêa, 8 de Dezembro de 1899, honorario.

39. Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 12 de Dezembro de 1899, benemerito.

40. D. Pedro de Orléans e Bragança, 22 de Junho de 1900, honorario.

41. Max Fleiuss, 3 de Agosto de 1900, grande benemerito.

42. Dr. José Francisco da Rocha Pombo, 3 de Agosto de 1900, honorario.

43. Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, 26 de Outubro de 1900, benemerito.

44. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, 26 de Outubro de 1900, effectivo.

45. Dr. Eduardo Müller (*), 10 de Dezembro de 1900, honorario.

46. Dr. Ermelino Agostinho de Leão, 10 de Dezembro de 1900, correspondente.

47. Dr. Epitacio da Silva Pessôa, 29 de Março de 1901, presidente honorario.

48. Dr. d. Manuel B. Otero (*), 24 de Maio de 1901, correspondente.

49. Dr. d. Susviela Guarch (*), 24 de Maio de 1901, correspondente.

50. Dr. Antonio Augusto de Lima, 9 de Agosto de 1901, effectivo.

51. Dr. João Mendes de Almeida Junior, 23 de Agosto de 1901, honorario.

52. Dr. Nelson de Senna, 23 de Agosto de 1901, correspondente.

53. Dr. Sebastião Paraná de Sá Soutomaior, 23 de Agosto de 1901, correspondente.

54. Horacio de Carvalho, 18 de Outubro de 1901, correspondente.

55. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, 18 de Outubro de 1901, correspondente.

56. Dr. d. Ernesto Quesada (*), 6 de Dezembro de 1901, correspondente.

57. Conselheiro Ruy Barbosa, 23 de Maio de 1902, honorario.

58. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 24 de Outubro de 1902, benemerito.

59. Dr. Theodoro Sampaio, 24 de Outubro de 1902, benemerito.

60. Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira, 22 de Maio de 1903, correspondente.

61. Dr. José Maria Pereira de Lima (*), 11 de Septembro de 1903, correspondente.

62. Alberto dos Santos Dumont, 11 de Septembro de 1903, honorario.

63. Victor Ribeiro (*), 11 de Septembro de 1903, correspondente.

64. Dr. Eduardo Marques Peixoto, 23 de Outubro de 1903, effectivo.

65. Coronel Jesuino da Silva Mello, 23 de Outubro de 1903, effectivo.

66. José Feliciano de Oliveira, 19 de Fevereiro de 1904, correspondente.

67. Alberto Pimentel (*), 23 de Junho de 1904, correspondente.

68. Barão de Muritiba, 12 de Agosto de 1904, honorario.

69. Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, 9 de Dezembro de 1904, benemerito.

70. Dr. José Joaquim Seabra, 28 de Abril de 1905, benemerito.

71. Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, 28 de Abril de 1905, benemerito.

72. D. João Braga, 21 de Julho de 1905, honorario.

73. Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 21 de Julho de 1905, benemerito.

74. Dr. João Pandiá Calogeras, 18 de Septembro de 1905, honorario.

75. Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, 4 de Dezembro de 1905, correspondente.

76. Dr. Diogo de Vasconcellos, 4 de Dezembro de 1905, correspondente.

77. Dr. José Pereira Rego Filho, 25 de Junho de 1906, effectivo.

78. Dr. Bernardino Machado Guimarães (*), 9 de Julho de 1906, correspondente.

79. Dr. d. Daniel Garcia Acevedo (*), 3 de Septembro de 1906, correspondente.

80. Dr. Clovis Bevilaqua, 15 de Outubro de 1905, benemerito.

81. Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, 20 de Maio de 1907, benemerito.

82. Dr. Adolfo Augusto Pinto, 20 de Maio de 1907, correspondente.

83. Dr. Jose Carlos Rodrigues, 10 de Junho de 1907, benemerito.

84. Professor Gastão Ruch Sturzenecker, 29 de Julho de 1907, effectivo.

85. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 16 de Septembro de 1907, benemerito.

86. Dr. João Luiz Alves, 30 de Septembro de 1907, effectivo.

87. Marechal Emygdio Dantas Barreto, 29 de Agosto de 1908, honorario.

88. Dr. Alexandre José Barbosa Lima, 29 de Agosto de 1908, effectivo.

89. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, 29 de Agosto de 1908, correspondente.

90. Dr. Norival Soares de Freitas, 5 de Outubro de 1908, effectivo.

91. Fernando Augusto Georlette, 24 de Maio de 1909, correspondente.

92. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, 20 de Agosto de 1909, effectivo.

93. Dr. Nilo Peçanha, 27 de Novembro de 1909, presidente honorario.

94. Dr. d. Ramón J. Cárcano (*), 1° de Agosto de 1910, correspondente.

95. José Felix Alves Pacheco, 1° de Agosto de 1910, effectivo.

96. Dr. Eurico de Góes, 3 de Outubro de 1910, effectivo.

97. Vice-almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, 3 de Outubro de 1910, benemerito.

98. Dr. Justo Jansen Ferreira, 22 de Junho de 1911, correspondente.

99. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 22 de Junho de 1911, correspondente.

100. Dr. Henry R. Lang (*), 22 de Junho de 1911, correspondente.

101. Dr. Pedro Souto Maior, 15 de Julho de 1911, effectivo.

102. Dr. Alipio Gama, 15 de Julho de 1911, effectivo.

103. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, 15 de Junho de 1911, effectivo.

104. Capitão de fragata Francisco Radler de Aquino, 26 de Agosto de 1911, effectivo.

105. Dr. Homero Baptista, 26 de Agosto de 1911, benemerito.

106. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, 23 de Septembro de 1911, correspondente.

107. Dr. d. José Salgado (*), 10 de Outubro de 1911, correspondente.

108. Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, 16 de Outubro de 1911, effectivo.

109. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, 21 de Novembro de 1911, presidente honorario.

110. Dr. d. Julio Fernandez (*), 4 de Maio de 1912, honorario.

111. Dr. Lauro Severiano Müller, 4 de Maio de 1912, honorario.

112. Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, 4 de Maio de 1912, effectivo.

113 Dr. Washington Luis Pereira de Sousa, 4 de Maio de 1912, correspondente.

114. Coronel dr. Liberato Bittencourt, 27 de Maio de 1912, effectivo.

115. Dr. Afranio de Mello Franco, 27 de Maio de 1912, effectivo.

116. Dr. Helio Lobo, 6 de Junho de 1912, correspondente.

117. Dr. Alberto Rangel, 6 de Junho de 1912, correspondente.

118. Desembargador Ataulfo Napoles de Paiva, 6 de Junho de 1912, effectivo.

119. Francisco Agenor de Noronha Santos, 6 de Junho de 1912, effectivo.

120. Dr. Alfredo Valladão, 19 de Julho de 1912, effectivo.

121. Capitão de fragata Raul Tavares, 23 de Agosto de 1912, effectivo.

122. Dr. Nicoláo José Debbané, 23 de Agosto de 1912, correspondente.

123. Dr. Eugenio de Andrada Egas, 28 de Julho de 1913, correspondente.

124. Dr. Gentil de Assis Moura, 28 de Julho de 1913, effectivo.

125. Fidelino de Figueiredo (*), 28 de Julho de 1913, correspondente.

126. Dr. Edgard Roquette Pinto, 4 de Agosto de 1913, effectivo.

127. Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, 26 de Septembro de 1913, effectivo.

128. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, 20 de Abril de 1914, effectivo.

129. Dr. João Ribeiro, 12 de Maio de 1914, effectivo.

130. Affonso A. de Freitas, 12 de Maio de 1914, correspondente.

131. Dr. d. Lucas Ayarragaray (*), 23 de Maio de 1914, correspondente.

132. Antonio de Portugal de Faria, visconde de Faria (*), 23 de Maio de 1914, correspondente.

133. Professor Basilio de Magalhães, 27 de Agosto de 1914, effectivo.

134. José Ribeiro do Amaral, 27 de Agosto de 1914, correspondente.

135. Dr. Arthur Pinto da Rocha, 28 de Junho de 1915, effectivo.

136. Dr. Aurelino de Araujo Leal, 28 de Junho de 1915, effectivo.

137. Antonio de Barros Ramalho Ortigão, 28 de Junho de 1915, effectivo.

138. Dr. Antonio Fernandes Figueira, 28 de Junho de 1915, effectivo.

139. Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, 28 de Junho de 1915, effectivo.

140. Dr. Alberto Lamego, 28 de Junho de 1915, correspondente.

141. Dr. Juliano Moreira, 12 de Outubro de 1915, effectivo.

142. D. Juan José Biédma (*), 12 de Outubro de 1915, correspondente.

143. Dr. Annibal Velloso Rebello, 12 de Outubro de 1915, correspondente.

144. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, 15 de Dezembro de 1915, presidente honorario.

145. Dr. Erico Marinho da Gama Coelho, 13 de Maio de 1916, honorario.

146. João Lyra Tavares, 26 de Agosto de 1916, effectivo.

147. Dr. João Martins de Carvalho Mourão, 19 de Outubro de 1916, effectivo.

148. Agenor de Roure, 31 de Maio de 1917, effectivo.

149. Dr. Laudelino Freire, 31 de Maio de 1917, effectivo.

150. D. Silverio Gomes Pimenta, 31 de Maio de 1917, correspondente.

151. Dr. Jeronymo de Avelar Figueira de Mello, 31 de Maio de 1917, correspondente.

152. Dr. Mario Carneiro do Rego Mello, 31 de Maio de 1917, correspondente.

153. Dr. Roberto Lehmann-Nitsche (*), 31 de Maio de 1917, correspondente.

154. Dr. Edwin Vernon Morgan (*), 27 de Agosto de 1917, honorario.

155. Dr. Henrique Morize, 10 de Junho de 1918, effectivo.

156. Capitão de mar e guerra Thiers Fleming, 10 de Junho de 1918, effectivo.

157. Dr. Jonathas Serrano, 24 de Maio de 1919, effectivo.

158. Dr. Antonio Borges Leal Castello Branco, 30 de Septembro 1918, honorario.

159. Dr. Solidonio Leite, 16 de Junho de 1919, effectivo.

160. Dr. Afranio Peixoto, 16 de Junho de 1919, effectivo.

161. Dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger, 15 de Outubro de 1919, correspondente.

162. Dr. Clemente L. Fregeiro (*), 28 de Junho de 1920, honorario.

163. Dr. Justo Leite Chermont, 28 de Junho de 1920, honorario.

164. Dr. José Arthur Boiteux, 28 de Junho de 1920, correspondente.

165. Dr. Manuel Porfirio de Oliveira Santos, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

166. General dr. José Maria Moreira Guimarães, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

167. Dr. Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

168. Dr. Nuno Pinheiro de Andrade, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

169. Dr. Eugenio Vilhena de Moraes, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

170. Capitão-tenente Eugenio Teixeira de Castro, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

171. Carlos Miguel Delgado de Carvalho, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

172. Dr. Othello de Sousa Reis, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

173. Dr. Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

174. Primeiro tenente da Armada Carlos da Silveira Carneiro, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

175. Dr. Alfredo Gomes, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

176. Dr. Mario Castello Branco Barreto, 6 de Agosto de 1921, effectivo.

177. Dr. Bernardino José de Sousa, 6 de Agosto de 1921, correspondente.

178. Padre Carlos Teschauer S. J., 6 de Agosto de 1921, correspondente.

179. Padre J. B. Hafkemeyer S. J., 6 de Agosto de 1921, correspondente.

180. Primeiro tenente do Exercito Emilio Fernandes de Sousa Docca, 6 de Agosto de 1921, correspondente.

181. Dr. José Carlos de Macedo Soares, 6 de Agosto de 1921, correspondente.

182. Dr. João de Mello Vianna, 6 de Agosto de 1921, correspondente.

183. Dr. Joaquim Bensaúde (*), 6 de Agosto de 1921, correspondente.

184. Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, 6 de Agosto de 1921, honorario.

Secretaria do Instituto Historico, em 31 de Maio de 1922. — *Alpheu Roméro*, official da Secretaria.

* * *

SOCIOS FALLECIDOS DEPOIS DA SESSÃO MAGNA DE 21 DE OUTUBRO DE 1921

Dr. Amaro Cavalcanti, socio benemerito, eleito em 6 de Dezembro de 1897 e fallecido em 28 de Janeiro de 1922.

Dr. John Casper Branner, socio correspondente, eleito em 30 de Maio de 1913 e fallecido a 1° de Abril de 1922.

Dr. Urbano Santos da Costa Araujo, socio benemerito, eleito em 31 de Julho de 1915 e fallecido a 7 de Maio de 1922.

"REVISTA DO INSTITUTO" — Numeração adoptada pelo Instituto, em assembléa geral de 30 de Junhe de 1917 e organizada pela Directoria

Os 4 trimestres do tomo I........ (1839) — Vol. 1
Os 4 trimestres do tomo II....... (1840) — Vol. 2
Os 4 trimestres do tomo III...... (1841) — Vol. 3
Os 4 trimestres do tomo IV...... (1842) — Vol. 4
Os 4 trimestres do tomo V....... (1843) — Vol. 5
Os 4 trimestres do tomo VI...... (1844) — Vol. 6
Os 4 trimestres do tomo VII...... (1845) — Vol. 7 exgot.
Os 4 trimestres do tomo VIII..... (1846) — Vol. 8 exgot.
Os 4 trimestres do tomo IX....... (1847) — Vol. 9
Os 4 trimestres do tomo X....... (1848) — Vol. 10
O tomo XI, suppl. ao tomo X — que appareceu sob a designação de tomo 4º, da 2ª série, relativo a......... (1848) — Vol. 11
Os 4 trimestres do tomo XII...... (1849) — Vol. 12
Os 4 trimestres do tomo XIII..... (1850) — Vol. 13
O tomo XIV................... (1851) — Vol. 14 exgot.
Os 4 trimestres do tomo XV...... (1852) — Vol. 15
Os 4 trimestres do tomo XVI..... (1853) — Vol. 16
Os 4 trimestres do tomo XVII.... (1854) — Vol. 17
Os 4 trimestres do tomo XVIII.... (1855) — Vol. 18
Os 4 trimestres do tomo XIX..... (1856) — Vol. 19
Os 4 trimestres do tomo XX...... (1857) — Vol. 20 exgot.
Os 4 trimestres do tomo XXI..... (1858) — Vol. 21 exgot.
Os 4 trimestres do tomo XXII.... (1859) — Vol. 22 exgot.
Os 4 trimestres do tomo XXIII... (1860) — Vol. 23 exgot.
Os 4 trimestres do tomo XXIV... (1861) — Vol. 24
Os 4 trimestres do tomo XV...... (1862) — Vol. 25
Os 2 primeiros trimestres do tomo XXVI .... (1863) — Vol. 26 exgot.
Os 2 segundos trimestres do tomo XXVI..................... (1863) — Vol. 27 exgot.
A 1ª parte do tomo XXVII....... (1864) — Vol. 28
A 2ª parte do tomo XXVII....... (1864) — Vol. 29
A 1ª parte do tomo XXVIII....... (1865) — Vol. 30
A 2ª parte do tomo XXVIII....... (1865) — Vol. 31
A 1ª parte do tomo XXIX........ (1866) — Vol. 32
A 2ª parte do tomo XXIX........ (1866) — Vol. 33
A 1ª parte do tomo XXX......... (1867) — Vol. 34
A 2ª parte do tomo XXX......... (1867) — Vol. 35
A 1ª parte do tomo XXXI........ (1868) — Vol. 36

A 2ª parte do tomo XXXI.........	(1868)	— Vol. 37	
A 1ª parte do tomo XXXII.........	(1869)	— Vol. 38	exgot.
A 2ª parte do tomo XXXII.......	(1869)	— Vol. 39	exgot.
A 1ª parte do tomo XXXIII.......	(1870)	— Vol. 40	exgot.
A 2ª parte do tomo XXXIII......	(1870)	— Vol. 41	exgot.
A 1ª parte do tomo XXXIV......	(1871)	— Vol. 42	
A 2ª parte do tomo XXXIV......	(1871)	— Vol. 43	
A 1ª parte do tomo XXXV.......	(1872)	— Vol. 44	
A 2ª parte do tomo XXXV.......	(1872)	— Vol. 45	
A 1ª parte do tomo XXXVI.......	(1873)	— Vol. 46	
A 2ª parte do tomo XXXVI.......	(1873)	— Vol. 47	
A 1ª parte do tomo XXXVII......	(1874)	— Vol. 48	
A 2ª parte do tomo XXXVII......	(1874)	— Vol. 49	
A 1ª parte do tomo XXXVIII.....	(1875)	— Vol. 50	
A 2ª parte do tomo XXXVIII.....	(1875)	— Vol. 51	
A 1ª parte do tomo XXXIX.......	(1876)	— Vol. 52	
A 2ª parte do tomo XXXIX.......	(1876)	— Vol. 53	
A 1ª parte do tomo XL..........	(1877)	— Vol. 54	
A 2ª parte do tomo XL..........	(1877)	— Vol. 55	
A 1ª parte do tomo XLI..........	(1878)	— Vol. 56	
A 2ª parte do tomo XLI	(1878)	— Vol. 57	
A 1ª parte do tomo XLII.........	(1879)	— Vol. 58	
A 2ª parte do tomo XLII.........	(1879)	— Vol. 59	
A 1ª parte do tomo XLIII........	(1880)	— Vol. 60	
A 2ª parte do tomo XLIII........	(1880)	— Vol. 61	
A 1ª parte do tomo XLIV........	(1881)	— Vol. 62	exgot.
A 2ª parte do tomo XLIV........	(1881)	— Vol. 63	exgot.
A 1ª parte do tomo XLV.........	(1882)	— Vol. 64	
A 2ª parte do tomo XLV.........	(1882)	— Vol. 65	
A 1ª parte do tomo XLVI........	(1883)	— Vol. 66	
A 2ª parte do tomo XLVI........	(1883)	— Vol. 67	
A 1ª parte do tomo XLVII.......	(1884)	— Vol. 68	
A 2ª parte do tomo XLVII.......	(1884)	— Vol. 69	
A 1ª parte do tomo XLVIII.......	(1885)	— Vol. 70	
A 2ª parte do tomo XLVIII	(1885)	— Vol. 71	
A 1ª parte do tomo XLIX........	(1886)	— Vol. 72	
A 2ª parte do tomo XLIX........	(1886)	— Vol. 73	
A 1ª parte do tomo L...........	(1887)	— Vol. 74	
A 2ª parte do tomo L............	(1887)	— Vol. 75	
A 1ª parte do tomo LI..........	(1888)	— Vol. 76	
A 2ª parte do tomo LI............	(1888)	— Vol. 77	
O suppl. do tomo LI.............	(1888)	— Vol. 78	
A 1ª parte do tomo LII..........	(1889)	— Vol. 79	
A 2ª parte do tomo LII..........	(1889)	— Vol. 80	
A 1ª parte do tomo LIII..........	(1890)	— Vol. 81	
A 2ª parte do tomo LIII..........	(1890)	— Vol. 82	
A 1ª parte do tomo LIV..........	(1891)	— Vol. 83	
A 2ª parte do tomo LIV..........	(1891)	— Vol. 84	
A 1ª parte do tomo LV..........	(1892)	— Vol. 85	
A 2ª parte do tomo LV..........	(1892)	— Vol. 86	
A 1ª parte do tomo LVI.........	(1893)	— Vol. 87	
A 2ª parte do tomo LVI.........	(1893)	— Vol. 88	
A 1ª parte do tomo LVII	(1894)	— Vol. 89	
A 2ª parte do tomo LVII	(1894)	— Vol. 90	
A 1ª parte do tomo LVIII........	(1895)	— Vol. 91	
A 2ª parte do tomo LVIII........	(1895)	— Vol. 92	
A 1ª parte do tomo LIX.........	(1896)	— Vol. 93	

A 2ª parte do tomo LIX......... (1896) — Vol. 94
A 1ª parte do tomo LX.......... (1897) — Vol. 95
A 2ª parte do tomo LX.......... (1897) — Vol. 96
A 1ª parte do tomo LXI......... (1898) — Vol. 97
A 2ª parte do tomo LXI......... (1898) — Vol. 98
A 1ª parte do tomo LXII......... (1899) — Vol. 99
A 2ª parte do tomo LXII......... (1899) — Vol. 100
A 1ª parte do tomo LXIII........ (1900) — Vol. 101
A 2ª parte do tomo LXIII........ (1900) — Vol. 102
A 1ª parte do tomo LXIV......... (1901) — Vol. 103
A 2ª parte do tomo LXIV......... (1901) — Vol. 104
A 1ª parte do tomo LXV.......... (1902) — Vol. 105
A 2ª parte do tomo LXV.......... (1902) — Vol. 106
A 1ª parte do tomo LXVI......... (1903) — Vol. 107
A 2ª parte do tomo LXVI......... (1903) — Vol. 108
A 1ª parte do tomo LXVII........ (1904) — Vol. 109
A 2ª parte do tomo LXVII........ (1904) — Vol. 110
A 1ª parte do tomo LXVIII....... (1905) — Vol. 111
A 2ª parte do tomo LXVIII....... (1905) — Vol. 112
A 1ª parte do tomo LXIX......... (1906) — Vol. 113
A 2ª parte do tomo LXIX......... (1906) — Vol. 114
A 1ª parte do tomo LXX.......... (1907) — Vol. 115
A 2ª parte do tomo LXX.......... (1907) — Vol. 116
A 1ª parte do tomo LXXI......... (1908) — Vol. 117
A 2ª parte do tomo LXXI......... (1908) — Vol. 118
A 1ª parte do tomo LXXII........ (1909) — Vol. 119
A 2ª parte do tomo LXXII........ (1909) — Vol. 120
A 1ª parte do tomo LXXIII....... (1910) — Vol. 121
A 2ª parte do tomo LXXIII....... (1910) — Vol. 122
A 1ª parte do tomo LXXIV........ (1911) — Vol. 123
A 2ª parte do tomo LXXIV........ (1911) — Vol. 124
A 1ª parte do tomo LXXV......... (1912) — Vol. 125
A 2ª parte do tomo LXXV......... (1912) — Vol. 126
A 1ª parte do tomo LXXVI........ (1913) — Vol. 127
A 2ª parte do tomo LXXVI........ (1913) — Vol. 128
A 1ª parte do tomo LXXVII....... (1914) — Vol. 129
A 2ª parte do tomo LXXVII....... (1914) — Vol. 130
A 1ª parte do tomo LXXVIII...... (1915) — Vol. 131
A 2ª parte do tomo LXXVIII...... (1915) — Vol. 132
A 1ª parte do tomo LXXIX........ (1916) — Vol. 133
O tomo 80 que devia ser a 2ª parte
do tomo LXXIX............. (1916) — Vol. 134
O tomo 81..................... (1917) — Vol. 135
O tomo 82..................... (1917) — Vol. 136
O tomo 83..................... (1918) — Vol. 137
O tomo 84..................... (1918) — Vol. 138
O tomo 85..................... (1919) — Vol. 139
O tomo 86..................... (1919) — Vol. 140
O tomo 87..................... (1920) — Vol. 141

A partir do tomo LXXIX, todos os outros têm número distincto, cessando as antigas designações de 1ª e 2ª partes.

Total dos volumes publicados até o tomo 87: — 141.

Não estão comprehendidos nesse número os dous volumes do tomo especial, consagrado ao centenario da Imprensa no Brasil, e os cinco volumes do tomo especial, consagrado ao 1º Congresso de Historia Nacional (1914).

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO 87 (VOL. 141) DA "REVISTA"